



ERRATA

(Esta errata teve-se apenas a alguns erros que podem prejudicar a compreensão das mesmas)

página	localização	onde se lê	leia-se
67	linha 03	(verbos) ordenadores do discurso	(verbos) ordenadores do texto
220	tabela 1, 11ª coluna	idem	idem
226	linha 22	idem	idem
220	tabela 1, 1ª coluna (Tipos de textos), 3ª linha	descrição dinâmica passada (de narração)	descrição estática passada (de comentário)
221	tabela 1.1, 1ª coluna (Tipos de textos) 2ª linha	descrição dinâmica presente (de comentário)	descrição estática presente (de comentário)
221	tabela 1.1, 1ª coluna (Tipos de textos) 3ª linha	descrição dinâmica passada (de narração)	descrição estática passada (de comentário)
233	tabela 3-A, 1ª coluna (Tipos de textos), 5ª linha	descrição estática passada (de comentário)	descrição dinâmica passada (de narração)



UNICAMP

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
IEL - UNICAMP

ERRATA

TESE DO ACADÊMICO

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA, intitulada: UM ESTUDO
TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

Na página de rosto
onde se lê: Doutor em Linguística
leia-se: Doutor em Ciências.

Profa. Dra. INGEDORE GRUNFELD VILLAÇA KOCH
Orientadora

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA
RA. 86.5447



UM ESTUDO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

Este exemplar é a redação final da tese tica.

defendida por Luiz Carlos

Travaglia

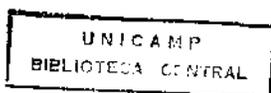
e aprovada pela Comissão Julgadora em

17/05/91

Ingridore G. V. Koch

PROF. DRA. INGRIDORE G. V. KOCH

CAMPINAS - 1991



Dedico este trabalho:

- À Neuza;
- A todos aqueles para quem ele possa ter importância e utilidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- à Profª. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, minha orientadora.
- aos Profs. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães e Dr. Ataliba Teixeira de Castilho por suas sugestões.
- às Profªs. Vandersi Santana de Castro e Rosane de Andrade Berlinck por cederem e autorizarem o uso de material de suas dissertações para integrarem nosso corpus.
- a meus professores e amigos.
- à Universidade Federal de Uberlândia que me liberou para a realização de doutorado.
- à CAPES pela concessão de bolsa dentro do programa do PICD.

RESUMO

Neste trabalho é feito um estudo do funcionamento textual-discursivo do verbo (suas formas e categorias) no Português do Brasil.

Para este fim estabelece-se, como referencial teórico: a) uma perspectiva de análise que reúne proposições da Teoria do Texto (Linguística Textual) e da Teoria do Discurso, dentro da qual se propõe também uma tipologia de discurso e texto que atende aos objetivos da análise; b) uma tipologia de verbos e situações (atendendo também aos objetivos da análise) e um quadro de formas e categorias verbais. A partir daí são configurados os fenômenos que constituem o objeto de um estudo textual-discursivo do verbo, dentre os quais são analisados mais detidamente os fenômenos de ordenação/seqüenciamento de situações e de continuidade estabelecidos pelo verbo em diferentes tipos de texto.

Fica configurado, nesta tese, um projeto de pesquisa para o estudo textual-discursivo do verbo que pode ser aplicado não só ao Português.

Autor: Luiz Carlos Travaglia

Orientadora: Ingedore Grunfeld Villaça Koch

ÍNDICE

Reflexões Epistemológicas 1	6
Reflexões Epistemológicas 2	7
Convenções e abreviaturas	8
INTRODUÇÃO	9
PARTE 1: DOS FUNDAMENTOS	20
1 - DO TEXTO E DO DISCURSO	21
1.1 - Preliminares	21
1.2 - Texto e lingüística textual	22
1.3 - Discurso e teoria do discurso	25
1.4 - Da inter-relação entre texto e discurso ou do dis- curso ao texto, do texto ao discurso	28
2 - TIPOLOGIA DO DISCURSO E DO TEXTO	39
2.1 - Preliminares	39
2.2 - Sobre tipologia	40
2.3 - Tipologias utilizadas	47
3 - DO VERBO	62
3.1 - Preliminares	62
3.2 - Tipos de verbos e situações	63
3.2.1 - Tipos de verbos	63
3.2.2 - Tipos de situações	63
3.2.3 - Verbos gramaticais	66
3.3 - Formas e categorias verbais	75

3.3.1 - Formas verbais	75
3.3.2 - Tempo	76
3.3.3 - Aspecto	77
3.3.4 - Modalidade	78
3.3.5 - Voz	84
3.3.6 - Pessoa	85
PARTE 2: FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO	87
4 - FENÔMENOS DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO	88
4.1 - Preliminares	88
4.2 - Fatos devidos à construção e estruturação do texto	90
4.2.1 - Fenômenos de continuidade	90
4.2.1.1 - O seqüenciamento ou ordenação tempo- ral de situações	91
4.2.1.2 - O seqüenciamento ou ordenação das fa- ses ou etapas de uma situação	95
4.2.1.3 - O seqüenciamento ou ordenação de ti- pos de situações	95
4.2.1.4 - Continuidade de tipos de verbos e si- tuações face à tipologia textual ...	96
4.2.1.5 - Continuidade de formas e cate- gorias verbais	96
4.2.1.6 - Continuidade temática	98
4.2.1.7 - Fenômenos de concordância	98
4.2.1.8 - Progressão e elaboração de um ponto	101
4.2.1.9 - Pró-forma verbal	102
4.2.2 - Fenômenos de relevância	103
4.2.2.1 - Figura e fundo/primeiro e segundo planos	103
4.2.2.2 - Organização das informações em ter- mos de informações essenciais e se- cundárias	104

4.2.2.3 - Relevância pragmática de uma situação ou algo para a situação presente	104
4.2.2.4 - Os fatos de focalização	105
4.2.3 - Fenômenos ligados à organização de situações	106
4.2.4 - Fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto	107
4.2.5 - Fenômenos ligados à relação entre "tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais" e "superestruturas textuais"	109
4.2.6 - Fenômenos ligados à informatividade, à estrutura informacional do texto	111
4.3 - Fatos devidos à relação e à interação entre os interlocutores (produtores e receptores dos textos) em uma situação	111
4.3.1 - Fenômenos ligados à argumentação	111
4.3.2 - Fenômenos ligados à situação	114
4.3.3 - Fenômenos ligados às imagens	115
4.3.3.1 - Valores discursivos básicos	115
4.3.3.2 - Verbos como marcadores conversacionais	116
4.3.4 - Fenômenos ligados a formações discursivas ..	117
4.4 - Algumas considerações finais	118
 PARTE 3: ORDENAÇÃO E CONTINUIDADE NO FUNCIONAMENTO TEXTUAL	
-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL	122
5 - ORDENAÇÃO	123
5.1 - Ordenação e tempo	123
5.2 - Princípio geral de ordenação referencial de situações	128
5.2.1 - O princípio	128

5.2.2 - Ordenação de tipos de situação	133
5.2.3 - Ordenação das fases ou etapas de uma situação	135
5.3 - Aplicação e funcionamento do princípio de ordenação referencial nos diferentes tipos de textos ...	139
5.3.1 - Preliminares	139
5.3.2 - A ordenação pelos aspectos	140
5.3.3 - Ordenação pelo tempo verbal	158
5.3.4 - Ordenação pelo tempo relativo	164
5.3.5 - Ordenação por elementos lingüísticos (adjuntos adverbiais, datas, preposições, conjunções, verbos, numerais, etc.) de valor temporal ou com implicações temporais	174
5.3.6 - Ordenação pelo conhecimento de mundo	178
5.3.6.1 - Ordenação pelos modelos cognitivos globais	178
5.3.6.2 - Ordenação por relações semânticas entre orações e períodos	183
5.3.6.3 - Ordenação pelos tipos de situação ..	187
5.3.6.4 - Ordenação pelo valor do semantema do verbo	188
5.3.6.5 - Ainda a ordenação pelo conhecimento de mundo	189
5.3.7 - Instruções em contrário à seqüencialidade estabelecida pelo aspecto perfectivo (III.1.a)	190
5.3.8 - Instrução em contrário à simultaneidade estabelecida pelo aspecto imperfectivo (III.1.b)	193
5.3.9 - Instruções em contrário à seqüencialidade (III.1.a) e à ordem referencial (III.1.c) estabelecidas pelo aspecto perfectivo	195
5.3.10 - Considerações finais sobre a ordenação referencial	197

5.4 - Ordenação textual	199
5.4.1 - Preliminares	199
5.4.2 - Razões e princípios da ordenação textual	199
5.4.3 - Marcadores de ordenação textual	205
6 - FENÔMENOS DE CONTINUIDADE ESTABELECIDOS PELO VERBO EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS	213
6.1 - Preliminares	213
6.2 - Continuidades de tipos de verbos e situações	218
6.3 - Continuidades de formas e categorias do verbo	230
6.3.1 - Continuidades de aspecto	230
6.3.2 - Continuidades de modalidade	246
6.3.3 - Continuidades de tempo	257
6.3.4 - Continuidades de pessoa verbal	263
6.3.5 - Continuidades de voz	269
6.3.6 - Continuidades de formas verbais	271
6.4 - Relação entre "tipos de verbos e situações e for- mas e categorias verbais" e "superestruturas tex- tuais"	287
6.4.1 - Preliminares	287
6.4.2 - Textos descritivos	288
6.4.3 - Textos dissertativos e argumentativos	290
6.4.4 - Textos injuntivos	292
6.4.5 - Textos narrativos	294
CONCLUSÃO	307
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	313
BIBLIOGRAFIA DO CORPUS	326
ANEXOS (Volume anexo)	

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS 1

CIÊNCIA

Começo a ver no escuro
um novo tom
de escuro

Começo a ver o visto
e me incluo
no muro

Começo a distinguir
um sonilho, se tanto
de ruga

E a esmerilhar a graça
da vida, em sua
fuga

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969: 226).

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS 2

Porque as coisas todas de que falamos
estão tão longe da verdade
Porque estamos só no começo
E nem sabemos fazer as perguntas certas

É que nos entendemos tão pouco
E discutimos tanto.

Mas este é o caminho.

Luiz Carlos Travaglia

20/04/1990

CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

Adj. - adjetivo.

Cf. - confronto, confira.

Ind. - independente.

Nº e nºs - número e números.

P./pp. - página/páginas.

S.N. - situação narrada.

S.R. - situação referencial.

ss. - seguintes.

V. - ver, veja, vide.

A → B - a situação A precede a situação B ou a situação B segue a situação A na ordem referencial.

OBS. - Veja no anexo as convenções usadas nos textos e nas ordenações referenciais de situações.

INTRODUÇÃO

As reflexões epistemológicas que, sob a forma de poemas, fizemos preceder a exposição deste estudo têm o objetivo único de lembrar que, apesar de todo o progresso atual da ciência, ela ainda é incipiente face ao mistério das coisas que se avocou e que pretende desvendar. Mas, se a ciência chegou onde está, é porque, apesar de toda a escuridão, perguntas foram feitas e iluminaram facetas do todo a ser visto e compreendido, permitindo fazer novas perguntas. Se, em determinados pontos da pesquisa, os estudiosos podem parecer aqueles cegos do conto de Malba TAHAN que questionavam o que era um elefante com base na parte do corpo do animal que haviam tocado, e discutiam afirmando que ele se assemelhava a uma palmeira, a um leque, a uma serpente e a um muro, é importante lembrar que, embora individualmente equivocados em relação ao todo, cada um tinha uma verdade parcial. A discussão, evidentemente, poderia e deveria levar ao reexame do objeto, considerando cada perspectiva e, certamente, levando a um entendimento e a uma melhor compreensão do mesmo o que, sem dúvida, oportunizaria novos questionamentos.

Essas reflexões incitam-nos, enquanto estudioso, pesquisador, cientista, a uma postura perquiridora, mas também de abertura a possibilidades e visões diferentes da nossa e, assim, a uma espécie de humildade científica sem a qual a ciência certamente terá seu progresso dificultado.

A Linguística, como ciência que é, não escapa a es-

ta problemática da visão de seu objeto de estudo que cada perspectiva instaura. Os choques e conflitos entre as teorias e correntes podem, com o tempo, levar ao descarte de algumas, mas podem também mostrar simplesmente que se estava num estágio semelhante ao dos cegos do conto. Neste caso cabe a nós, linguistas, o reexame do objeto, levando em conta as diferentes perspectivas.

Este estudo não pretende, evidentemente, construir uma visão do todo, mas apenas "ver no escuro um novo tom de escuro" e, quem sabe, abrir caminho para mais alguns questionamentos. Da mesma forma, este estudo é resultado de perguntas possibilitadas pelas colocações da Linguística Textual e da Teoria do Discurso entre as quais pretende também lançar um fio de ligação, o que pode vir a ser uma de suas virtudes ou, para alguns, um de seus pecados. Mas, de qualquer modo, estaremos no caminho e se ficar clara, em algum momento, a impossibilidade de uma coordenação de uma subordinação ou de um trânsito entre essas duas perspectivas, ainda assim será uma contribuição, pois evitará que outros dêem inutilmente o mesmo passo.

Foi com tal disposição que, dentro do quadro da Linguística Textual e da Teoria do Discurso, formulamos a pergunta básica deste estudo, que resultou na proposição da hipótese e objetivos abaixo.

Nossa hipótese básica é que:

a) há fatos no uso das formas e categorias verbais (tempo, modo, aspecto, voz e pessoa) que só são perceptíveis e/ou explicáveis numa perspectiva textual e discursiva;

b) o verbo, através de suas formas e categorias, contribui para o estabelecimento da textualidade.

Face a isso nossos objetivos básicos são:

a) evidenciar usos das formas e categorias verbais específicos do plano textual e discursivo;

b) detectar e explicar casos em que o verbo contribui para o estabelecimento da textualidade e de que modo o faz; ou seja, de que maneira o verbo, como item lexical e através de suas formas e categorias, tem a ver com a coerência e também com a coesão textual;

c) buscar explicação para usos das formas e categorias verbais que representem uma generalização sobre seu funcionamento textual-discursivo.

A hipótese e objetivos assim delineados configuram um estudo textual e discursivo do verbo. Como se trata de fazer uma abordagem desta classe de palavras (suas formas e categorias) numa nova perspectiva, foi preciso fazer uma proposta do que deveria constituir tal estudo, do que se deveria observar numa pesquisa sobre verbo que se enquadrasse dentro dessa perspectiva textual-discursiva. Nossa proposta e a delimitação dos pontos desenvolvidos neste trabalho podem ser vistas no capítulo 4. Importa ressaltar ainda que nosso estudo pretende ser essencialmente lingüístico.

Parece-nos relevante registrar a seguir algumas posturas teóricas e metodológicas que orientam o estudo realizado.

Tendo em vista que a abordagem que propomos fazer neste estudo do verbo no Português é textual-discursiva, o corpus a ser utilizado só poderá ser constituído de textos, não importando a extensão dos mesmos, desde que tenham sido tomados como uma unidade de acordo com a definição proposta na capítulo 1, pois, como diz LAVANDERA (1984:119), "as opções (entre diferentes recursos lingüísticos) no discurso não podem ser estudadas como unidades isoladas, pois estão orquestradas na materialização total de um fragmento do discurso"^{1 2}.

1. Parece que LAVANDERA - 1984 usa o termo discurso para referir-se ao que definimos no capítulo 1 como texto.

2. As citações de textos em língua estrangeira serão feitas sempre em traduções nossas. Faremos as indicações, quando este não for o caso.

Também com LAVANDERA (1984: 101-102), gostaríamos de lembrar que os agrupamentos e distinções de formas podem se tornar úteis (e talvez necessários) em etapas intermediárias da análise, mas que, numa perspectiva mais abrangente, a constituição discursiva do texto nos oferece um amplo contínuo de graus de aproveitamento dos recursos lingüísticos que inclusive podem ter diferentes funções em diferentes estratos ou componentes da língua. Daí a ampliação da unidade de análise: porque as diferenças de forma que não parecem significativas em um estrato ou componente da língua o são em outro.

Na análise é preciso levar em conta não só o eixo sintagmático (o que está coocorrendo), mas também o paradigmático (o que pode vir no lugar da forma escolhida pelo usuário da língua), pois, discursivamente, as alternativas à disposição do falante também definem e permitem perceber o(s) valor(es) em jogo. Além disso, como bem lembrou WOLFSSON (1979), o que faz de uma alternância um recurso nitidamente discursivo é a sua opcionalidade, pois o modo pelo qual um recurso, uma regularidade lingüística é utilizada tem a ver com a finalidade, a intenção do falante individual na forma que definimos no capítulo 1.

No texto e no discurso, mesmo o que parece servidão gramatical, usos que seriam fruto da não possibilidade de escolha — como no caso de usos determinados pelo co-texto (contexto lingüístico), como o uso de subjuntivo, quando se tem certas modalidades (como a dúvida expressa pelo advérbio talvez ou a volição expressa por um verbo da oração principal como "desejo") ou certas conjunções (como embora) — na verdade são resultado de escolha em planos discursivos em que é possível escolher co-textos que aceitem/exigem o uso de um ou outro elemento (subjuntivo ou indicativo) por exemplo (Cf. TRAVAGLIA - 1987: 63) . SMITH (1986: 97) defende este mesmo princípio ao afirmar que "certas maneiras de falar sobre uma situação são bastante padro

nizadas para uma dada língua, de tal modo que elas podem não ser vistas como escolhas. Mas há outras formas de falar que desviam do padrão. A existência de sentenças algo desviantes evidencia o elemento de escolha envolvido na construção de todas as sentenças, padrão e não padrão".

Ainda com LAVANDERA (1984: 101-102) consideramos que a análise qualitativa deve ter prioridade sobre a quantitativa, pois acreditamos na hipótese que ela coloca de que "um único exemplo expressivamente eficaz de uma forma lingüística que encontra seu lugar significativo na configuração particular do texto em que aparece, pode evidenciar mais acerca da contribuição semântica³ que esta forma é potencialmente capaz de trazer ao discurso e de revelar acerca do sistema a que pertence, do que a descrição dos contextos em que a mesma forma resulta mais freqüente e, por isto, está menos marcada." Embora a preocupação de LAVANDERA seja o estudo das variáveis dentro da Teoria da Variação, para nós vale o princípio.

Na análise, a comparação com outras línguas jamais deve ser critério decisório sobre que interpretação ou explicação dar sobre um fato da língua em estudo (no caso o Português). Tal comparação deve servir apenas para o levantamento de possibilidades a serem conferidas e/ou para a comprovação da existência de possibilidades. Assim, por exemplo, WEINRICH (1968: 289, 290-cap.8) mostra que o Alemão compensa, com a posição do verbo na oração, a falta de tempos encarregados de dar relevo (indicar primeiro e segundo planos). Isto não ocorre no Português, mas poderia ocorrer. A comparação com outras línguas, portanto, nos ensina também a não descartar possibilidades funcionais de qualquer elemento de uma língua só porque ainda não foram observadas em outra língua. No atual estágio da Lingüística fica difi-

3 - Para nós, acerca da contribuição em qualquer estrato ou componente da língua.

cil afirmar que qualquer regularidade detectada para uma, várias ou muitas línguas. tenha validade "a priori" para todas os idiomas (Cf. WEINRICH - 1968: 291). Tal postura pode se transformar em preconceito que, impedindo a visão dos fatos de outro modo, dificulta o avanço da ciência lingüística. A regularidade levantada aqui só pode ser transplantada para alhures como hipótese que, só após análise, pode ser confirmada (mas "a posteriori") como algo válido também para outra(s) língua(s). É neste sentido que vemos a relação entre fatos e métodos e teorias. Estes últimos são caminhos, elementos reguladores da intuição do pesquisador, mas que não devem se tornar absolutos ante os fatos obrigando, às vezes, a reducionismos inaceitáveis. Na relação entre fatos de uma lado e métodos e teorias do outro, cada um deve ter um peso que não obstrua a realização da pesquisa e a proposição de generalizações novas que representem um avanço no conhecimento sistemático do objeto de estudo. É neste sentido que concordamos com RASKIN (1985)⁴, quando propõe que a pesquisa deve ser orientada pelo problema e não pelo método e/ou teoria(s): não se pode dar primazia absoluta nem aos fatos (o que pode desaguar num empirismo caótico) nem aos métodos e teorias (o que pode levar a reducionismos indesejáveis do fenômeno em estudo). A pesquisa deve resultar numa explicação, razoavelmente modelizada pelos métodos e teorias, do fato estudado, lembrando sempre que são diferentes o fenômeno e a teoria que se faz para descrevê-lo, explicá-lo, etc.

Concordamos com VAN DIJK (1987: 12), quando diz que teorias e métodos devem ser essencialmente passíveis de serem comunicados, aprendidos, aplicados. Se não, eles apresentam um potencial apenas revolucionário, mas não crítico. Para VAN DIJK (1990) o modo de apresentar os elementos teóricos depende de co

4 - Apud DAVIES - 1987: 451.

mo se faz teoria, é uma espécie de "bricolage" teórico. Assim, quando se teoriza, talvez não importem tanto e somente o nome das categorias e as categorias que se propõem, mas principalmente a possibilidade de identificá-las.

Face a isto, parece pertinente ser redundante e fazer mais uma vez a eterna observação sobre o problema terminológico: é preciso prestar mais atenção aos conceitos que aos nomes, evitando trazer para o contexto de um trabalho conceitos outros identificados alhures pelo mesmo nome, o que, sem dúvida, causará problemas de interpretação e entendimento, gerando confusões e discussões desnecessárias. Uma outra questão terminológica é a apontada por WEINRICH (1968: 356-357): nem sempre, por razões diversas (denominação tradicional baseada em análise equivocada, falta de um nome mais apropriado), o nome utilizado é o mais adequado, pois pode levar a equívocos sobre o elemento que identifica. Neste caso, mais uma vez, é preciso prestar mais atenção ao conceito que ao nome⁵.

Por duas vezes já fizemos referência a funções de elementos lingüísticos porque este estudo pretende ter mais a ver com uma teoria da função que da forma lingüística. Enquanto esta é objetiva e totalmente aberta à observação, a função é "subjetiva" (talvez fosse melhor dizer não-explicita, apenas deduzível), uma vez que está sob o controle da intenção comunicativa do falante, mesmo estando esta subsumida por regularidades de um determinado discurso. Por isso uma teoria de funções tem que admitir a dificuldade e até mesmo a impossibilidade de predições totalmente consistentes. Assim, em uma teoria funcional, um elemento ao qual a teoria não atribui uma única descrição

5 - WEINRICH exemplifica com as denominações "infinitif présent" e "infinitif passé" em que os termos "présent" e "passé" são enganosos porque levam a supor relações entre os tempos verbais e o tempo cronológico, inexistentes no modelo de estrutura e função dos tempos que ele propõe.

não constitui necessariamente um contra-exemplo. Em algumas circunstâncias, tais casos "duvidosos" apontam para interessantes diferenças culturais e até mesmo individuais no uso de estratégias lingüísticas não só pelos usuários, mas também pelos analistas quando estes não são usuários nativos da língua (Cf. KALMÁR - 1982: 45,59). Além disso, o mesmo elemento da língua pode ter diferentes funções em diferentes estratos ou componentes da língua (Cf. VAN DIJK - 1987: 8).

Embora o modo pelo qual um recurso, uma regularidade lingüística é utilizada seja relativo ao falante individual, ele tem que escolher recursos lingüísticos para desempenhar a função desejada entre as opções da regularidades discursivamente constituídas que a língua lhe oferece. É por tudo isso que a análise tem de levar em conta não só o que coocorre (eixo sintagmático), mas também o que poderia estar no lugar da forma escolhida pelo usuário da língua (eixo paradigmático) para poder determinar os valores, os efeitos de sentido em jogo no funcionamento discursivo de um texto ou de um tipo de texto. Segundo ORLANDI (1988: 58,59), "através da consideração das formas em sua variação — não como simples mudança 'estilística', mas como produto de mecanismos enunciativo-discursivos — pode-se não só apreciar os usuários em suas opções, mas sobretudo detectar o lugar da 'escolha', dir-se-ia, o lugar da diferença na qual se produziu uma forma determinada. O emprego de diferentes formas aparece assim como uma pista para a observação de algo que vai além do jogo formal". ORLANDI (1988: 59) também afirma que "não há relação automática nem mecânica entre marcas formais e funções quer elas sejam sintáticas, enunciativas ou discursivas", ou seja, não importa o estrato ou componente da língua a que pertençam ou em que estejam funcionando. "Se, por um lado, é pela teoria e pelo método que podemos discernir as marcas importantes, não é menos verdade, por outro lado, que a interpreta-

ção lingüístico-discursiva destas marcas se faz igualmente, pela mediação da teoria. Mesmo a leitura dos resultados, sabe-se, é também uma construção do analista."⁶

Neste estudo, portanto, estaremos entendendo **função** como o papel lingüístico-discursivo de uma marca formal que é dado pela interpretação dos usuários da língua (produtor(es)/receptor(es) dos textos), ou seja, o papel de uma marca lingüística na constituição e funcionamento discursivo de um texto para o cumprimento de uma intenção comunicativa. Estaremos admitindo também que cada forma e/ou categoria verbal pode ter mais de uma função textual e discursiva e que tais funções podem diferir de língua para língua.

Como se verá, é impossível fazer um estudo textual-discursivo do verbo sem falar de outros elementos da língua que na perspectiva textual-discursiva se relacionam com o verbo de algum modo (como nos fatos de concordância, por exemplo V. capítulo 4) ou compartilham com ele um papel na constituição e funcionamento discursivo de textos (V. os fatos de ordenação, capítulo 5).

Dissemos que o corpus é constituído, pela natureza mesma do estudo, por textos. Estes textos são sobretudo textos escritos, preferencialmente modernos ou contemporâneos, embora nem sempre tenha sido possível respeitar este critério, devido à necessidade de trabalhar com textos de diversos tipos: literários, jornalísticos (reportagens de diferentes tipos), piadas, instruções para montagem e uso de aparelhos, propagandas, textos bíblicos, roteiros de viagens e informação turística, etc., obtidos em diferentes fontes. Essa variedade se explica pelo desejo de realizar um estudo que se configurasse como ponto de partida para uma série de outros que se atenham a questões mais

6 - Essas considerações ajudam também a definir a relação entre método e teoria de um lado e fato objeto de estudo de outro a que já nos referimos anteriormente.

detalhadas do funcionamento textual-discursivo do verbo em tipos particulares de textos. Ou seja, o que é apresentado nesta tese pretende ser o ponto de partida para um projeto de pesquisa que deverá aprofundar e estender o que está sugerido e delineado na parte 2, capítulo 4. Esse caráter programático fica melhor configurado nos capítulos que desenvolvem esta tese.

Como é nossa hipótese que os papéis textuais-discursivos do verbo têm, pelo menos para alguns fatos, uma relação direta com certos tipos, tivemos de adotar e em alguns aspectos propor uma tipologia de discurso e de texto que fosse adequada ao estudo dos fenômenos que desejávamos observar.

Gostaríamos de esclarecer que não faremos um capítulo especial com uma resenha de estudos sobre o verbo na perspectiva textual-discursiva já realizados, por duas razões. Primeiro, porque, mesmo que se quisesse, seria impossível ser exaustivo, embora tais pesquisas pareçam, em comparação com o estudo de outras questões, estar dando os primeiros passos. Sobretudo com relação ao Português, quase não há estudos feitos, o que justifica a escolha do tema desta tese. Segundo, porque pareceu mais pertinente usar de duas maneiras os estudos do verbo, na perspectiva textual-discursiva, a que tivemos acesso:

a) como exemplos dos itens de estudo propostos na parte 2, capítulo 4:

b) como fonte de referência nos capítulos da parte 3, quando abordam o mesmo fenômeno ou têm alguma relação pertinente com o que ali se expõe.

Creemos que, dessa forma, fornece-se uma visão do que tem sido abordado neste campo e evita-se arrolar informação desnecessária.

A tese é constituída de três partes. A primeira parte apresenta o que chamamos de fundamentos. São considerações sobre elementos que constituem o quadro de referência teórico da

pesquisa, contendo algumas idéias que já são resultado da mesma. O capítulo 1 contém considerações sobre texto e discurso e a inter-relação entre os dois, comentando-se ainda a articulação entre Teoria do Texto (Linguística Textual) e Teoria do Discurso. O capítulo 2 contém a tipologia de texto e discurso que propomos para fins deste trabalho. O capítulo 2 traz a conceituação de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais utilizados na pesquisa. Nesta parte evitamos a discussão de pontos de vista diferentes, porque isto resultaria quase em transformar esta tese numa coleção de volumes. O que fizemos foi expor o ponto de vista que adotamos e/ou propusemos, buscando tão somente (se se pode encarar assim tal tarefa) estabelecer com clareza o lugar de onde fazemos nossa proposta e análise.

A segunda parte contém, em um único capítulo (o quarto), uma proposta do que constituiria um estudo textual-discursivo do verbo, levando em conta o que se postula na primeira parte.

A terceira parte traz os resultados da pesquisa realizada sobre as questões indicadas na segunda parte, ao delimitar os fatos de que trataríamos mais detidamente neste trabalho. A exposição é feita por fatos ou fenômenos estudados e não pelas categorias verbais, pois esta forma se mostrou mais produtiva e adequada, permitindo uma melhor organização das idéias e evitando repetições uma vez que o fenômeno é que caracteriza o uso de uma forma e/ou categoria como textual-discursivo. No capítulo 5, tratamos da ordenação de situações e no capítulo 6 dos fenômenos de continuidade estabelecidos pelo verbo em diferentes tipos de texto.

PARTE 1
DOS FUNDAMENTOS

CAPÍTULO I

DO TEXTO E DO DISCURSO

1.1 - PRELIMINARES

A partir sobretudo da década de 1960, percebendo a existência de lacunas no estudo desenvolvido pelas gramáticas da palavra e da frase no tratamento de vários fatos observados no uso da língua, estudos lingüísticos tomaram o texto como unidade e objeto, dando curso a uma revitalização teórica da lingüística.

Surgiram então várias e diferentes teorias em função de diferentes maneiras de conceber texto e discurso⁷. Todas estas teorias podem, atualmente, ser reunidas em duas correntes básicas:

a) **Teoria(s) do Texto (ou Lingüística Textual)**, que considera o texto pronto, e trata de como ele é processado cognitivamente para ser produzido, constituído e compreendido;

b) **Teoria(s) do Discurso**, que privilegia o que é exterior ao texto: as condições sócio-históricas, culturais e ideológicas de sua produção que podem ser percebidas e analisadas através de pistas (marcas lingüísticas) presentes no texto.

Nessa área de estudos é comum o uso dos termos "texto" e "discurso"⁸ com diferentes sentidos e, às vezes, como si-

7 - V. FÁVERO e KOCH (1983:12)

8 - MAIGUENEAU (1976:11 e ss.) comenta vários sentidos do termo discurso. FÁVERO e KOCH (1983), tratando da Lingüística Textual: surgimento, evolução, correntes, etc., discutem o conceito do texto à p. 12 e ss.

nônimos. Isto causa, com freqüência, problemas de compreensão e, por vezes, discussões teóricas improcedentes, já que alguns chamam de texto o que outros chamam de discurso e vice-versa. Há, ainda, concepções bem específicas de discurso como algo diferente de texto. Neste estudo estaremos considerando texto como algo diferente de discurso, mas como dois conceitos extremamente interligados e interdependentes para explicar a utilização e o funcionamento da língua.

A seguir buscamos explicitar como entendemos texto e discurso e como vemos seu inter-relacionamento.

1.2 - TEXTO E LINGÜÍSTICA TEXTUAL

O **Texto** será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição)⁹, que é tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função/intenção comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

A **Lingüística Textual** tem sido entendida basicamente como o estudo dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto¹⁰. Ela tem como tarefas básicas¹¹:

a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade (Texthaftigkeit);

9 - Também pelo tato, se se tratar de um texto escrito em alfabeto Braille.

10 - Cf. o conceito de Lingüística Textual dado por MARCUSCHI (1983:12, 13) e modificado por FÁVERO e KOCH (1985:34).

11 - Estas tarefas, elencadas por FÁVERO e KOCH (1983:14), foram propostas para a gramática do texto, e, em nossa opinião, não foram afetadas pela mudança da base empírica ocorrida ao se passar das gramáticas do texto para as teorias do texto a saber: deixou-se de acreditar na existência de seqüências lingüísticas que seriam, em si, não textos.

b) levantar critérios para a delimitação de textos , já que a **completude**¹² é uma das características essenciais do texto;

c) diferenciar as várias espécies de texto.

Para a **Linguística Textual** o critério de textualidade por excelência é a **coerência**. Isto quer dizer que é ela que transforma uma seqüência linguística em um texto, isto é, a coerência é que faz com que essa seqüência seja um texto e não um amontoado aleatório de palavras e/ou frases. Diz-se que um texto é coerente quando é possível estabelecer um sentido¹³ para o mesmo. Por isso se diz que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto, que rege não só sua recepção, mas também sua produção e constituição. Este princípio é caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender. O processo de construção da coerência, do estabelecimento do sentido de um texto depende de uma multiplicidade de fatores de diferentes ordens, o que levou a uma abordagem interdisciplinar dentro da Teoria do Texto, com contribuições da Psicologia (sobretudo a da Cognição), da Sociologia, da Filosofia, da Teoria da Computação e Informática (estudos de Inteligência Artificial), além da Linguística em geral e de alguns de seus ramos em particular (Sociolinguística, Psicolinguística). Cada uma dessas disciplinas fornece elementos necessários a uma compreensão global da interação comunicativa feita através de textos linguísticos.

Face a esta interdisciplinaridade, propomos que se use o nome de Teoria (s) do Texto para referir o conjunto das

12 - Completude aqui deve ser entendida mais no sentido de unidade. É interessante conferir as colocações de ORLANDI (1987:160) sobre unidade e completude.

13 - Estaremos entendendo **sentido** como atualização seletiva, no texto, de potencialidades significativas virtuais (significado) das expressões linguísticas (cf. KOCH e TRAVAGLIA - 1989:13).

contribuições das diferentes disciplinas (inclusive a Lingüística) para a visão e compreensão global da interação comunicativa feita através de textos lingüísticos e que se reserve o nome de Lingüística Textual às contribuições da Lingüística para este mesmo fim. Considerando que os elementos lingüísticos funcionam como pistas e marcas para o levantamento do sentido textual e de propriedade discursivas, concordamos com CHAROLLES (1987) quando busca estabelecer o que compete à Lingüística fazer neste campo de estudos da produção, compreensão e coerência textuais¹⁴.

Para este trabalho adotamos, para a coerência, as propostas de KOCH e TRAVAGLIA (1989 e 1990), a que remetemos para o conceito, fatores e demais elementos relativos à coerência. Acrescentamos apenas que, neste estudo, ficará evidenciado que a continuidade, caracterizadora da coerência, não se limita ao sentido, mas se estende a outros elementos da língua.

Como nosso estudo é lingüístico, têm especial interesse dois elementos relacionados com a coerência: o conhecimento lingüístico e a coesão. Esta é a ligação da coerência (considerada subjacente, não revelada explicitamente) com a superfície textual, já que a coesão é definida como a ligação, os nexos entre os elementos lingüísticos da superfície do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional. A coesão assinala conexões entre diferentes elementos e partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem. A coesão é sintática e gramatical, mas também semântica¹⁵. Para os mecanismos de coesão textual remetemos a KOCH (1988 e 1989) cuja classificação desses mecanismos adotamos.

14 - V. em KOCH e TRAVAGLIA (1989:45, 46).

15 - Cf. HALLIDAY e HASAN (1976).

1.3 - DISCURSO E TEORIA DO DISCURSO

A Teoria do Discurso é definida como a Teoria da de terminação histórica dos processos semânticos, dos processos de significação. Para ela a presença do social e do histórico nessa determinação é a manifestação da exterioridade no texto que é constitutiva da linguagem. Para PÊCHEUX (1969) a Teoria do Discurso se funda como uma "análise não subjetiva dos efeitos de sentido" contra a ilusão que tem o sujeito "de estar na (de ser a) fonte de sentido".

o discurso é visto como qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também no sentido de interação) e o processo de sua enunciação¹⁶, que é regulado por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades lingüísticas e seu uso, sua função. Essa mesma exterioridade¹⁷, o sujeito¹⁸ e as regularidades lingüísticas (estas como condição de possibilidade, como condição de base) são as condições de produção da atividade comunicativa, da ação pela linguagem (discurso) que resulta no texto, enquanto unidade complexa de sentido, todo significativo em relação à situação. O sentido tem a ver com a intenção comunicativa e, portanto, com a função dos elementos lingüísticos, entendendo-se função como o papel lingüístico-discurso de uma marca formal que é dado pela interpretação dos

16 - Enunciação entendida como "o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado" (cf. GUIMARÃES 1987:12 e 1989).

17 - Nessa exterioridade entra o contexto que, segundo ORLANDI (1987:12 e 108) inclui tanto os fatores da situação imediata ou situação de enunciação (contexto de situação no sentido escrito) como os fatores do contexto sócio-histórico e ideológico (contexto de situação, no sentido lato).

18 - Sujeito e situação não são tomados como elementos empíricos, mas como formações imaginárias: V. PÊCHEUX (1969:16 e ss.), MAINGUENEAU (1976:143 e ss.) e ORLANDI (1987:158). Sobre sujeito V. as colocações de FOUCAULT (1986) sobre "posições de sujeito" ou "lugares sociais" e de PÊCHEUX (1969) sobre "formas sujeito".

usuários da língua, ou seja, o papel de uma marca lingüística na constituição e funcionamento discursivo¹⁹ de um texto para o cumprimento de uma intenção comunicativa, de uma finalidade específica.

É preciso que fique claro que a intenção deve ser vista como a possibilidade de atuação do indivíduo, embora, enquanto sujeito da enunciação, ele esteja condicionado sócio-historicamente e não seja a fonte do sentido a não ser enquanto parte das condições de produção. Tal atuação se manifesta na e se faz pela escolha, resultando no estilo (cf. POSSENTI - 1986) e define a possibilidade da existência de diferentes textos, mesmo que sejam "manifestação" ou produto do mesmo processo discursivo. Daí o discursivo ser uma dispersão de textos²⁰. Sem a admissão da intenção tal como definida aqui, ficaria difícil explicar a possibilidade de escolha de recursos lingüísticos disponíveis em opção paradigmática, o que é um traço nitidamente discursivo desses recursos, enquanto marcas discursivas²¹.

Por ser uma atividade comunicativa é que o discurso precisa sedimentar regularidades que se tornam convenção²², a qual permite essa mesma comunicação, impossível sem as regularidades. Essas regularidades aparecem dentro das formações discursivas²³ e são produzidas pelos enunciados²⁴ inter-relacionados e formando um conjunto (campo ou domínio associado) que pode ser equiparado à for-

19 - O funcionamento discursivo é definido por ORLANDI (1987:115-133, 153 e 231) como "atividade de estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, por um falante determinado com finalidades específicas".

20 - Cf. MAINGUENEAU (1976 e 1986) para quem o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite defini-lo como espaço de regularidades enunciativas.

21 - Sobre marcas e propriedades do discurso e como elas atuam na caracterização do discurso, através do funcionamento deste, ver ORLANDI (1986:119-121) e ORLANDI (1987:115 e ss. e 235-237).

22 - V. ORLANDI (1987:97-113).

23 - Sobre formações discursivas ver: FOUCAULT (1986:43,44), ORLANDI (1986:117) e (1988:64).

24 - Sobre enunciado ver FOUCAULT (1986:98-99) e GUTMARÃES (1989).

mação discursiva. Para FOUCAULT (1986) as regularidades são ordens, correlações, posições e funcionamentos, transformações que se podem estabelecer entre elementos do discurso ou de uma repartição discursiva. Elas podem ser definidas em diferentes planos: o da própria sociedade, o do conteúdo (ou dos significados) e o da língua em todos os seus estratos e componentes. Como o nosso estudo é lingüístico, interessa-nos não apenas a materialidade do enunciado representada por uma prática sócio-histórica, mas também a materialidade física de sua formulação lingüística que é o domínio de estruturas e de unidades possíveis, cuja forma e sentido ele determina, mas em inter-relação, já que as regularidades lingüísticas retornam ao discurso (re) constituindo-o. Interessa, pois, a materialidade física do enunciado porque falamos de texto, ao buscar, exatamente, regularidades no funcionamento discursivo de elementos lingüísticos (formas e categorias verbais) nos textos do Português. Interessam-nos, assim, as regularidades lingüístico-discursivas que são relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídas. A regularidade lingüística é uma "cristalização", uma sedimentação que representa o produto (sócio-histórico) de um processo discursivo caracterizado por sua exposição ao acontecimento da enunciação. O uso de termos como "cristalização", "cristalizar", "sedimentação" pode sugerir uma estaticidade inexistente em regularidades lingüístico-discursivas, pois elas são um produto que não se separa do processo porque se torna condição dele e pode se modificar neste processo, porque a regularidade é resultante do processo sócio-histórico das condições de produção, mas também faz parte dessas condições.

Nessa perspectiva, que inclui a dimensão sócio-histórica, a **língua** será definida como um conjunto de regularidades que se constroem no processo enunciativo, "como uma dispersão

de regularidades lingüísticas constituídas sócio-historicamente"²⁵. O que define as formas lingüísticas é o estabelecimento sócio-histórico das possibilidades de uso discursivo dos elementos da língua, daí esta não ser uma estrutura, mas um conjunto (ou antes uma dispersão) de regularidades discursivas.

1.4 - DA INTER-RELAÇÃO ENTRE TEXTO E DISCURSO OU DO DISCURSO AO TEXTO, DO TEXTO AO DISCURSO

Do que dissemos até aqui sobre texto e discurso pode-se depreender que há entre eles uma relação necessária, já que o discurso se realiza em texto e não há texto sem discurso. Buscamos aqui explicitar alguns pontos que nos parecem fundamentais na inter-relação entre texto e discurso. Isto servirá, ainda a dois propósitos: a) evidenciar a possibilidade e a pertinência de uma abordagem textual-discursiva na análise lingüística; b) precisar com mais clareza o lugar teórico de onde lançamos nosso olhar sobre alguns elementos da Língua Portuguesa.

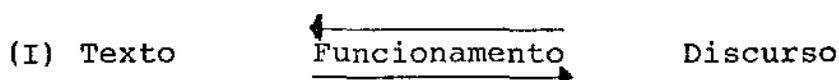
1.4.1 - A (inter) relação entre discurso e texto corresponde aproximadamente à relação entre o discursivo e as diferentes formas de linguagem (língua, pintura, escultura, música, movimentos e posturas corporais, dança, luzes, cores, etc.) em que o texto se constitui. Como este estudo é lingüístico, interessa a relação entre discursivo e lingüístico, entre discurso e língua.

O lingüístico e o discursivo são distintos mas há uma passagem entre eles e a fronteira que os separa é constantemente colocada em causa em toda prática discursiva pela noção de funcionamento discursivo, que faz com que o lingüístico e o discursivo se comuniquem no lugar em que o lingüístico e o

25 - V. GUIMARÃES (1987: Capítulo 1) e GUIMARÃES (1989:76).

sócio-histórico se articulam.²⁶ Portanto, a relação entre discurso e língua se faz pela noção de regularidade.

Há entre o discursivo e o lingüístico uma relação dialética, em que um não é predominante sobre o outro, porque, na verdade, eles são interdependentes porque se determinam mutuamente. Se por um lado, como coloca FOUCAULT (1986: cap.2, parte III), é o modo de existência do enunciado no discurso, dentro das formações discursivas, que faz com que as regras de formação, frases, palavras, etc. sejam como são, ou seja, é o modo de existência do enunciado que determina a forma (para nós o discursivo determina o lingüístico) e seus sentidos, valores, funções, usos possíveis, estabelecendo as regularidades lingüísticas; por outro lado vimos que estas entram no processo discursivo como condição de base, de possibilidade dentro das condições de produção do discurso. Como diz ORLANDI (1987: 162) "aquilo que é processo discursivo sedimentado — logo , produto — se faz processo de interlocução e assim indefinidamente. Há um movimento contínuo entre produto e processo". Temos, assim, que discurso e texto se determinam mutuamente o que torna "possível procurar no texto o que faz com que ele funcione, e é essa sua qualidade discursiva; paralelamente é no texto, na sua materialidade específica (seus traços) que se constitui a discursividade"²⁷. É por isso que se pode dizer que o funcionamento é que rompe a barreira entre texto e discurso e os interliga, fazendo com que eles se inter-relacionem, se interdeterminem, se interconstituam, o que pode ser representado esquematicamente como em (I) abaixo:



26 - V. ORLANDI (1987: 110, 118, 162).

27 - Cf. ORLANDI (1987: 230).

Na inter-relação entre discurso e texto é fundamental a questão da significação, do sentido. O texto é uma unidade (complexa) de significação e o texto todo enquanto unidade de significação seria um exemplar de um discurso²⁸. As formulações lingüísticas (unidades, construções, seqüências, etc.) podem ter valores diferentes de acordo com o funcionamento discursivo²⁹, (que é onde as coisas podem ser realmente definidas) porque têm a ver com formações discursivas diferentes e com os enunciados que as constituem³⁰. Os enunciados inter-relacionados em uma formação discursiva é que determinam os valores porque, como diz FOUCAULT (1986), o enunciado é uma função de existência dos signos a partir da qual se pode decidir se eles (signos) fazem ou não sentido e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). O enunciado é, pois, uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam com conteúdos concretos no tempo e no espaço. Por outro lado, os elementos lingüísticos que compõem a seqüência lingüística da superfície do texto funcionam como marcas que são pistas para calcular o sentido que se instaura na interlocução, referindo o texto, através de seu funcionamento, a uma (ou mais de uma) formação discursiva e, assim, ligando-o a determinado(s) discurso(s). Dessa forma o conjunto de enunciados inter-relacionados da formação discursiva determina que seqüências lingüísticas constituem textos de acordo com um sistema de funcionamento, de modo que um discurso pode aparecer em vários textos cuja análise permite caracterizar o discurso de que esses textos são uma dispersão.

28 - V. ORLANDI (1987: 156).

29 - V. PÉCHEUX (1981).

30 - ORLANDI (1987: 115-133), falando de "Funcionamento e Discurso" dá exemplos da determinação discursiva das formas e de como estas revelam um funcionamento dentro de uma ou outra formação discursiva.

A interdeterminação entre texto e discurso se manifesta também nos tipos de texto e discurso, porque, sendo os tipos "cristalizações" de funcionamentos discursivos distintos, eles sobredeterminam o funcionamento discursivo, determinando as marcas lingüísticas que estarão presentes em um texto.³¹ Como nos interessam as regularidades lingüísticas, quando elas resultarem de sistemas (tipos) de funcionamento discursivo que caracterizam tipos de texto, nosso estudo se referirá a tais tipos, porque as regularidades terão a ver com eles, permitindo caracterizar tipos de discurso.

Ao tentar fazer uma abordagem textual-discursiva do verbo, estamos buscando utilizar a perspectiva de duas abordagens (as da Teoria do Discurso e da Teoria do Texto/Lingüística Textual) para captar e, se possível, explicar aspectos do funcionamento desta classe de palavras que até agora não foram explicitados. É sobre a plausibilidade da utilização conjunta dessas duas perspectivas que falaremos a seguir.

1.4.2 - A articulação de mais de uma teoria para abordar um objeto de estudo de uma perspectiva que se considera mais produtiva, pertinente ou com maior poder explicativo não tem sido novidade. Essas articulações podem se dar entre teorias do mesmo campo ou entre teorias de campos diversos e podem se dar de modos diversos: tomando de empréstimo métodos e técnicas, fundindo teorias, remodelando umas em função de outras ou sob a forma de teorias auxiliares.³²

Para ficar apenas no campo dos estudos da linguagem mais ligados à Lingüística e à área em que este trabalho se insere, podemos citar o caso da(s) Teoria(s) do Texto que é (são) fruto da articulação de disciplinas como Lingüística, Filoso-

31 - V. ORLANDI (1987: 130, 131).

32 - Teorias auxiliares no sentido proposto por POSSENTI (1986: cap. 2).

fia, Sociologia, Psicologia, Teoria da Computação e Informática. A Análise do Discurso tem um quadro epistemológico proposto por PÉCHEUX (1975)³³ que articula três regiões do conhecimento: a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações aí compreendida a teoria da ideologia; b) a Lingüística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e c) a Teoria do Discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. O conceito de enunciação que adotamos em 1.3 foi proposto por GUIMARÃES (1987 e 1989), buscando estabelecer um lugar teórico que pode se valer de conceitos da Análise do Discurso (formação discursiva, condições de produção) e ao mesmo tempo produzir análises de detalhes lingüísticos que podem ser usados pela Análise do Discurso, ou seja, criar uma teoria enunciativa da língua que permita análises lingüísticas de que a Análise do Discurso precisa, mas que achamos podem ser usadas não só por ela. A este respeito são interessantes as considerações que ORLANDI (1988: 65, 66) tece sobre a articulação de diferentes teorias (no caso a Teoria da Enunciação, a Sociolingüística e a Análise do Discurso) na consideração dos mesmos dados.

Pensamos que toda teoria institui e/ou evidencia uma formação discursiva que estabelece as condições de existência de enunciados que dão o que se deve e o que se pode ou não dizer como científico. Na busca de novas formulações sobre o verbo propomos articular Teoria do Texto (Lingüística Textual) e Teoria do Discurso. Buscamos estabelecer um ponto de vista, uma perspectiva que seja ponto de encontro entre essas duas perspectivas teóricas. Para tal é preciso mostrar que os enunciados que constituem as formações de cada uma podem coexistir com ou sem alterações. Além das inter-relações já apontadas até

33. V. ORLANDI (1987: 12 e 108).

aqui em função da inter-relação entre texto e discurso, vamos ver mais algumas correlações que evidenciam a possibilidade de coexistência dos enunciados das duas teorias.

A Lingüística Textual e a Teoria do Discurso trabalham com unidades diferentes (respectivamente o texto e o discurso) que, todavia, se equivalem em níveis conceituais diversos ³⁴:

a) discurso seria um conceito teórico e metodológico não delimitável, porque não existe um discurso, mas um estado de um processo discursivo;

b) texto seria um conceito analítico e, como objeto empírico, pode ser um objeto acabado (um produto) com começo, meio, fim. Daí sua completude (no sentido visto em 1.2 nota 12) que desapareceria quando referido a suas condições de produção.

"O objeto da explicação é o discurso e a unidade de análise é o texto. E, como há uma relação necessária entre eles, as propriedades detectáveis do texto são aquelas que o constituem enquanto visto na perspectiva do discurso".

Esses dois níveis se relacionam, o que permite estabelecer uma série de paralelismos que facilitam articular as duas teorias. Vejamos alguns desses paralelismos que têm muito a ver com a questão do sentido, cuja veiculação é o objetivo da atividade de linguagem, da atividade de comunicação que constitui o discurso e o texto.

Em primeiro lugar a Teoria do Discurso é a teoria da determinação histórica dos processos semânticos, dos processos de significação, enquanto o estudo da coerência pode ser visto como constituindo uma teoria do sentido do texto, dentro de um ponto de vista de que o usuário da língua tem competência tex-

34 - Cf. ORLANDI (1987) sobretudo às pp. 111, 158, 159, 229.

tual e/ou comunicativa.³⁵

Para a Teoria do Discurso as condições de produção constituem o sentido do que se diz. Para a Teoria do Texto os processos que operam entre os usuários do texto para o estabelecimento da unidade/continuidade de sentido são não só do tipo lógico mas dependem também de fatores sócio-culturais e interpessoais.³⁶ Assim as duas consideram a exterioridade no estabelecimento do sentido, mas enquanto a Teoria do Discurso considera tanto o contexto de situação quanto o contexto sócio-histórico (cf. nota 17, p.25) a Linguística Textual prioriza o contexto de situação.³⁷

Para as duas teorias o sentido se estabelece na interação, na interlocução: a Teoria do Discurso diz que ele é intervalar: não está em nenhum dos interlocutores, mas no "espaço discursivo (intervalo) constituído pelos/nos dois interlocutores" e nem em nenhum dos recortes³⁸ do texto ou na soma de les mas na unidade que os organiza³⁹. Já a Linguística Textual diz que a coerência, que é a possibilidade de estabelecer uma unidade de sentido para uma seqüência lingüística, constituindo-a em texto, está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação dada.⁴⁰

O discurso pode ser tematizado em uma frase de base⁴¹ que representa para o discurso o que a macroproposição (que dá a macroestrutura) representa para o texto. A macroestrutura dada pela macroproposição refere-se a apenas um texto, enquan-

35 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 13 e 104).

36 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 25).

37 - V. MARCUSHI (1988: 29, 30), quando coloca o domínio da língua e das condições contextuais de produção como condições da comunicação bem sucedida.

38 - Recorte: unidade discursiva que é um fragmento correlacionado de linguagem e situação (V. ORLANDI - 1987: 139).

39 - V. ORLANDI (1987: 160).

40 - V. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 37-40).

41 - V. exemplo em TRAVAGLIA (1987 a).

to a frase de base pode ser aplicada a todos os textos que constituem a dispersão que representa o discurso em questão.

No discurso tem-se os enunciados na formação discursiva que determinam o que se deve e o que se pode ou não dizer. No texto tem-se as seqüências ou formulações lingüísticas com o seu sentido que constituem o que é dito. Para os dois (discurso e texto) temos em cada teoria conceitos de boa formação paralelos: no discurso há boa formação quando o conjunto de enunciados de uma formação discursiva atende à(s) mesma(s) regra(s) de formação (condições a que estão submetidos); no texto há boa formação quando o sentido de todas as seqüências lingüísticas "(a) tendem" à mesma unidade de sentido para o todo.⁴²

Nas duas teorias o lingüístico (regularidades e coesão) é definido de forma bem próxima e tem fontes semelhantes: o componente do sentido (enunciado e coerência). No discurso, os enunciados das formações discursivas é que definem como vai ser o formal, ou seja, as regularidades lingüísticas (relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídas); no texto, a coerência e seus fatores é que "determinam", em última instância, os elementos de coesão presentes. Observa-se, pois, um paralelismo entre os dois níveis conceituais.

A partir do que foi dito até aqui, pode-se propor que os processos de significação:

a) constituem e regularizam as formas de expressão (o lingüístico) na medida em que elas fazem parte desses processos de significação como condição de base, como condição de possibilidade;

b) regulam a escolha de quais formas de expressão

42 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 31-35).

vão constituir o texto e de que modo, obedecendo às regularidades na produção do texto.

Uma vez constituído o texto ele é processado cognitivamente para ser compreendido, levando em conta todas as condições de produção e o estado cognitivo.⁴³

Para alguns a questão da cognição pode parecer um problema na articulação proposta entre a Teoria do Texto e a do Discurso. Não nos parece ser assim, uma vez que para nós o objetivo de tal articulação é o estudo de regularidades lingüísticas e de como elas atuam na constituição do texto, no estabelecimento da textualidade através/no interior dos fenômenos da coesão e coerência. Assim, estamos buscando articular mais especificamente a Lingüística Textual (no sentido estrito proposto em 1.2) dentro da Teoria do Texto (também no sentido proposto em 1.2) com a Teoria do Discurso. Além disso, há uma diferença entre fazer uma teoria que explica e/ou representa o fato lingüístico e dizer como os usuários processam os recursos da língua para dizer e entender o que é dito (comunicar-se). Assim, ao teorizar, importa lembrar que temos "estruturas" abstratas e estratégias para usá-las e que as duas coisas são diferentes.⁴⁴ A teoria da cognição aborda os processos cognitivos usados na produção e compreensão do texto e com isso diz como regularidades da língua são utilizadas, processadas pelos usuários em sua mente (estratégias). Dessa forma, pode-se considerar a teoria da cognição como uma teoria auxiliar à teoria lingüística. Auxiliar no sentido proposto por POSSENTI (1986 : capítulo 2) e que pode ser tomada como tal por se referir a um

43 - VAN DIJK (1980: 87, 88) chama de estado cognitivo o conjunto de fatores que além do conhecimento de mundo afetam o processamento cognitivo e a compreensão: nossos desejos, interesses, necessidades (incluindo os objetivos, preferências), bem como nossos valores e normas.

44 - Cf. VAN DIJK (1980: capítulo 4), (1987: 12, 13) e (1990).

campo "não-lingüístico" e compatível com a teoria lingüística. Portanto a teoria da cognição presente na Teoria do Texto (no sentido de 1.2) não representa um problema para a articulação entre Teoria do Discurso e Lingüística Textual (também no sentido de 1.2), porque temos algo como o especificado em (II) abaixo.

- (II) Teoria do Discurso → explica as regularidades
 Lingüística Textual → identifica as regularidades
 Teoria da Cognição → diz como as regularidades são processadas pelo usuário na produção e compreensão do texto.

Na relação entre cognição e linguagem pode-se ainda discutir como uma constitui a outra, como a cognição interfere ou atua no lingüístico e como a língua interfere ou atua na cognição. Todavia não é esse o objeto de nosso estudo e não vamos entrar nessa questão. Para nós as regularidades lingüísticas se estabelecem sócio-historicamente, discursivamente e a cognição tem a ver com as estratégias de processamento na mente dessas regularidades que parecem ter um papel de deflagradoras e organizadoras da cognição. Esta, pelo exposto, não constitui um problema na instauração de uma abordagem textual-discursiva dos fatos da língua.

Finalizando a questão da relação entre texto e discurso e da possibilidade de articulação da Teoria do Texto com a Teoria do Discurso, gostaríamos de dizer que é possível demonstrar que os fatores de coerência (que atuam no estabelecimento do sentido de uma seqüência lingüística, dando-lhe textualidade, ou seja, constituindo-a em texto) remetem todos ao funcionamento discursivo da língua. Portanto podemos dizer que a **textualidade**, normalmente definida de maneira nebulosa como o que faz de uma seqüência lingüística um texto, é a própria condição discursiva da seqüência lingüística, fruto do uso sig

nificativo da língua. Uma seqüência lingüística só é texto porque está referida a um discurso. Assim não há texto(s) sem discurso e não há discurso sem texto(s).

1.4.3 - Acreditamos que tudo o que foi dito neste capítulo evidencia, através da definição do que entendemos por texto e discurso e de como vemos a inter-relação entre eles, a possibilidade e a validade da articulação da Língüística Textual e da Teoria do Discurso para configurar um lugar de análise de fatos da língua em uma abordagem ou perspectiva textual-discursiva. Na verdade, pelo que propusemos, parece-nos impossível ou pelo menos muito difícil imaginar abordagens que sejam só textuais ou só discursivas.⁴⁵ Se elas existiram, parece-nos que representam um momento, uma etapa, um passo no caminhar da pesquisa e da teoria lingüísticas. Na verdade, acreditamos que nossa proposição apenas textualiza um momento discursivo dentro de uma área da pesquisa e da teoria lingüísticas que se faz imperativo.

45 - Parece ser exatamente isto que GUTMARÃES (1986:75) afirma ao dizer que "não posso conceber a abordagem textual senão numa perspectiva discursiva".

CAPÍTULO 2

TIPOLOGIA DO DISCURSO E DO TEXTO

2.1 - PRELIMINARES

O estudo das regularidades constitutivas da língua tem que se relacionar necessariamente com a questão da tipologia de texto e discurso, já que tais regularidades resultam ou são sedimentações de sistemas de funcionamento discursivo, que, quando distintos, caracterizam tipos (de discurso e conseqüentemente de textos) que sobredeterminam as marcas representadas pelos recursos lingüísticos. Se um texto é de certo tipo porque há certa correlação entre uma propriedade configurada por condições de produção e certas marcas⁴⁶, nosso estudo teria que tratar as marcas verbais (representadas por formas e categorias do verbo) em sua correlação com certos tipos e portanto com certas propriedades.

Dessa forma, a partir de tipologias existentes, propusemos tipologias que se adequassem aos objetivos de nossa análise de realizar um estudo lingüístico do funcionamento textual-discursivo do verbo. Como o texto se organiza segundo configurações próprias de tipos de discursos diversos, tivemos que determinar e selecionar que tipos eram mais pertinentes para nosso tipo de estudo.

Este capítulo contém os elementos de tipologia que foram considerados em nossa pesquisa mais como meios, como instrumentos utilizados na análise do que como objeto dela. Todavia ,

46 - Cf. GUIMARÃES (1986: 78 e 85).

em consequência da relação indissolúvel existente entre regularidades de uso dos recursos lingüísticos e tipologia no funcionamento discursivo, nosso estudo traz contribuições ao estudo dos tipos que usamos na pesquisa. Além disso, as considerações tipológicas feitas aqui contêm algumas inovações em relação aos estudos tipológicos existentes, inovações estas que podem representar subsídios para a construção de uma teoria tipológica de discurso e texto.

A seguir, expomos os elementos de tipologia que nos pareceram necessários para nosso estudo.

2.2 - SOBRE TIPOLOGIA

Adotamos a concepção de tipologia proposta por ORLANDI (1987)⁴⁷, segundo a qual, tendo em vista que a substância da língua é o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, cada tipo instaura uma forma de interação, um modo de relação entre os interlocutores.⁴⁸ O tipo seria, pois, um modo de ação, um modo ou forma de interação um tipo de interlocução.⁴⁹ A relação de interlocução define funcionamentos (processos) que são distintos, conforme as relações sejam diferentes. Esses funcionamentos se sedimentam historicamente, se "cristalizam", constituindo os tipos (produtos) que entram no processo como parte das condições de base do discurso, como uma forma de regularidade sob dois aspectos, enquanto modelo e enquanto atividade, o que é um dos fatores que faz a importância das tipologias.⁵⁰ Como parte das condições de

47 - V. ORLANDI (1987: 149-175 e 217-238).

48 - A idéia de que o tipo de relação de interlocução é básica para a tipologia aparece também em WEINRICH (1968), quando propõe a existência das duas atitudes comunicativas básicas: comentadora e narradora. Lembre-se que o discurso é uma atividade comunicativa.

49 - Cf. também GUIMARÃES (1986: 75, 76).

50 - Cf. ORLANDI (1987: 231).

produção do discurso os tipos determinam (sobredeterminam) as marcas atuando sobre seus componentes, funções e sentido.⁵¹ Portanto o ato de dizer é sempre tipificante estabelecendo uma configuração para o discurso, uma vez que só se diz através de um funcionamento discursivo e este só ocorre numa relação de interlocução.⁵² As relações sendo diferentes temos diferentes espécies de discursos e de textos.

Para um texto ser de um certo tipo é preciso haver uma correlação entre uma propriedade e certas marcas. Todavia é preciso lembrar que um tipo de discurso não se caracteriza apenas por traços formais no texto e que um traço ou marca raramente é exclusivo de um tipo de discurso.⁵³ Assim para caracterizar um discurso é preciso levantar marcas formais e referi-las, correlacioná-las a determinadas(s) propriedades(s) discursiva(s)⁵⁴, mostrando dessa forma o modo como a marca aparece em relação às condições de produção, como ela funciona na interlocução.

A correlação propriedade(s)/marcas que caracteriza o funcionamento dessas marcas em um dado tipo na escolha temática, no modo de enunciação, no modo de interação permite reconhecer as regularidades. Assim, o tipo remete a formação discursiva porque há um conjunto sistemático de determinações, ou seja, a formação discursiva é o lugar em que as diferenças entre os tipos são sistemáticas.

Os tipos são um modo de (inter)ação equivalente a um ato de linguagem por instaurar uma forma de interação. Portanto, o ato a que o texto como um todo equivale não deve ser entendido no mesmo sentido com que se fala em ato

51 - Sobre a relação dos tipos com o sentido, os efeitos de sentido é interessante ver GUIMARÃES (1986:78 e 85) e ORLANDI (1987:121, 163, 170-174).

52 - Cf. ORLANDI (1987:153 e 231).

53 - ORLANDI (1987:235) exemplifica este fato.

54 - Sobre marcas e propriedades V. ORLANDI (1987: 131, 235, 236).

de linguagem, em ato de fala no nível da frase.⁵⁵

Para se propor uma tipologia precisamos de **critérios**. Estes são categorizações heterogêneas que, aplicadas sobre os textos, permitem elaborar as tipologias que seriam da ordem do discurso, representando, portanto, uma construção teórica.⁵⁶ A passagem entre texto e discurso seria permitida pelo funcionamento, como vimos, de modo que as tipologias de discurso e texto são inextricavelmente interligadas já que texto e discurso não existem um sem o outro.

Os critérios revelam a concepção de linguagem e de discurso que se adota, bem como o tipo de contexto que se está considerando (de situação de enunciação, sócio-histórico ou ambos). O uso de diferentes critérios levou, até o momento, à proposição de uma variedade de tipologias para atender a determinados objetivos de análise; sem, no entanto, articulá-las de modo a constituir uma teoria tipológica que as relacione, organize, hierarquize, etc., de modo geral, global. Apesar disso, dada a condição de pluralidade dos discursos, a tipologia é a condição, a possibilidade de particularização, de singularização dos mesmos. Assim, quando se fala em "um discurso" está-se referindo a um tipo de discurso.

Um rol bastante extenso de classificações tipológicas e seus critérios pode ser visto em KOCH e FÁVERO (1987) e ORLANDI (1987: 217-258). VANDIJK (1990), quando fala de tipos teóricos e tipos naturais de discursos e textos, lembra que as possibilidades tipológicas só têm o limite de nossa capacidade de estabelecer critérios. Assim, os tipos teóricos são aqueles que têm a possibilidade de existir de acordo com qualquer critério que se possa estabelecer e seu conjunto é infinito. Todavia, culturalmente, eles se reduzem aos tipos naturais que são

55 - V. ORLANDI (1987: 156, 157 e 172).

56 - Cf. ORLANDI (1987: 228, 230, 254).

aqueles que realmente existem numa cultura, são empíricos, têm uso cotidiano, que podem ser reconhecidos e interpretados pelos usuários.

Com tantas tipologias fica difícil não haver articulações, cruzamentos entre elas, entre os tipos que as constituem. Daí normalmente se dizer que os tipos não são puros ou que raramente o são. Observando que, normalmente, quando se fala de não pureza tipológica, se faz referência a textos e considerando que: a) os textos podem ser formados de enunciados de discursos diferentes, ou seja, podem se organizar e quase sempre se organizam segundo configurações próprias de tipos diversos de discurso; b) que o discurso é uma unidade do plano conceitual teórico; mostrou-se pertinente e produtivo, em termos de metodologia explicativa e descritiva dos fatos, em função de análise que se pretende, propor que os tipos de discurso são puros e que os textos raramente são puros em termos de tipos por se organizarem quase sempre a partir do cruzamento, da articulação de vários discursos (vale dizer, vários tipos de discurso) que podem ser isolados para efeito de análise.

No texto os discursos se articulam de diferentes modos: o texto todo pode ser de um tipo, as sequências podem se alternar, um tipo pode ser usado em função do outro ou eles podem se combinar.⁵⁷ Pode haver entre os tipos relações de aliança, inclusão, conflito, determinação ou outras detectáveis pela análise do funcionamento discursivo.⁵⁸ Essas relações se dão entre os discursos no texto que se afirmará ser de um tipo com base numa relação de dominância. Portanto o tipo de um texto se define não por uma relação absoluta entre um tipo de discurso e um tipo de texto, mas por uma relação de dominância de um tipo sobre os demais tipos presentes no texto. Assim, por exemplo,

57 - Em ORLANDI (1987:156) pode-se ver exemplo de combinação, bem como em NEIS (1984:79 - item 4.2).

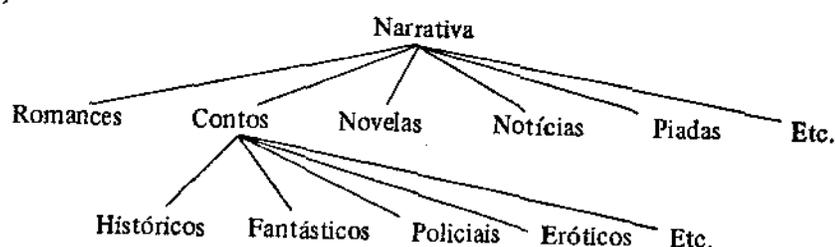
58 - Cf. ORLANDI (1987:231, 232).

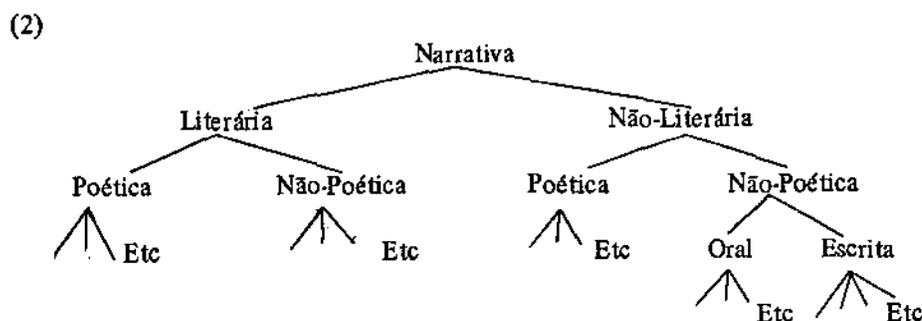
um romance é classificado como um texto narrativo, porque este tipo de discurso estabelece uma dominância sobre os outros que aparecem ou podem aparecer no romance: o descritivo na apresentação de personagens e cenários em função da ação da história e o dissertativo em explicações e avaliações da mesma ação.

Concordamos com ORLANDI (1987: 155 e 232) quando postula que "cada tipo de discurso não se define em sua essência, mas como tendência" para uma propriedade. Assim pode-se dizer que um tipo de discurso não é puro de uma forma diferente do texto, porque apenas tende para uma propriedade, enquanto o texto não é puro porque tende para um tipo de discurso , mas contém elementos de outro(s). Não há, pois, uma relação absoluta porque a tendência cria uma dominância. Esta não é definida em termos de quantidade, mas de tendência em função de uma intenção ou finalidade comunicativa que dá o modo de interação. Assim, por exemplo, os contos são consensualmente classificados como textos narrativos, mas em certos contos (como alguns de Clarice Lispector) a descrição e o comentário dissertativo ocupam mais espaço que a narração em si.

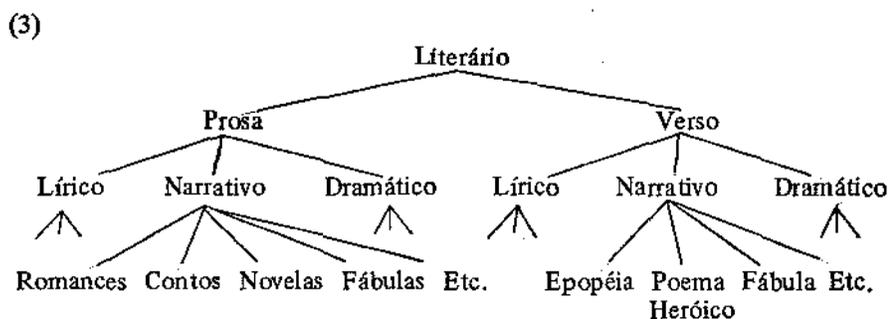
Não se deve entender dominância aqui em termos de hierarquias que podem ser estabelecidas em uma teoria tipológica. Essa hierarquia parece ser possível entre tipos e subtipos de uma mesma tipologia, como em (1), ou entre tipos de tipologias diversas, como em (2).

(1)





Hierarquias como as de (1) parecem ser mais estáveis, por dependerem de critérios de classificação mais ligados a características do texto, enquanto hierarquias como a de (2) parecem ser mais sujeitas a variação porque são construídas em função do objetivo da análise. Se o objetivo fosse estudar narrativas, poderíamos ter uma hierarquia como a de (2), mas se o objetivo fosse analisar textos literários já poderíamos ter algo como (3).



Não havendo uma essência que define o tipo, o estudo dos tipos não pode se desvincular da sua relação com o funcionamento discursivo. Assim os tipos não se distinguem de forma estanque, o que permite o intercâmbio de tipos que pode ser definido como o uso de um tipo onde se podia ou devia esperar outro, ou seja, o uso de um tipo pelo outro, para cumprir um

papel que seria próprio do outro ou criar certos efeitos.⁵⁹ Em nosso estudo encontramos, por exemplo, a narração usada para descrever, como no caso do texto "Duque de Caxias" (texto nº 34)⁶⁰; e a narração usada para o comentário dissertativo, como no segundo parágrafo do texto "Papel da imprensa e o valor da vida" (nº 76), inserido na reportagem "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados" (V. anexo, antes do texto nº 75).

Uma vez que o tipo é uma atividade estruturante e que, portanto, as regularidades são sedimentadas dentro de tipos, que as (sobre) determinam, a tipologia é necessária e importante por duas funções metodológicas fundamentais.⁶¹ A primeira delas é a de possibilitar a sistematização. Funcionando como um princípio organizador, a tipologia permite generalizar características, agrupar propriedades e distinguir classes, tendo para os discursos e textos uma função classificatória que se emparelha metodologicamente à função que têm as categorias em outras análises lingüísticas. A segunda, ligada à primeira, é a de permitir a análise. Estando entre as condições de produção do discurso e dos textos enquanto modelo e atividade, a tipologia se torna condição necessária da análise, porque "faz parte das condições de produção da análise que é vista como um discurso, ou melhor, como uma leitura que se constitui em determinadas condições". Portanto o uso de uma tipologia direciona a análise e, por isso, a escolha da tipologia a ser usada deve ser determinada sobretudo por dois fatores: o objetivo da análise e sua relação com a natureza do texto. Ou seja, o que conta no estabelecimento e aplicação de uma tipolo

59 - ORLANDI (1987: 235) fala da possibilidade de uso de um discurso pelo outro e em ORLANDI (1988: 56, 57) tem-se exemplos.

60 - No corpo da tese, os textos citados serão sempre identificados pelo seu número no anexo, onde eles aparecem numerados de 01 a 91, facilitando, assim, a referência e a localização dos mesmos.

61 - Cf. ORLANDI (1987: 152-157 e 217-238).

gia é o objetivo da análise em relação à natureza do texto.⁶²

Atestada a importância e a necessidade das tipologias para os estudos textuais-discursivos é preciso ter certos cuidados na sua aplicação e interpretação. Em primeiro lugar, se a tipologia é usada por permitir sistematizações e, se se busca generalizações, é preciso evitar a possibilidade de se estabelecer tipos e subtipos até que cada texto e/ou discurso seja de um tipo particular. Em segundo lugar é preciso manter flexibilidade na aplicação e interpretação de qualquer tipologia. Na aplicação, porque esta é regulada pelos objetivos da análise em relação à natureza do(s) texto(s) a ser(em) analisado(s). Na interpretação, porque, como vimos, a relação entre marca e tipo não é automática, tendo os resultados de aplicação de ser referidos às condições de produção do(s) texto(s) analisado(s).⁶³

2.3 - TIPOLOGIAS UTILIZADAS

2.3.1 - Tendo exposto, em 2.2, alguns pontos básicos e gerais sobre tipologia, buscamos expor agora as tipologias utilizadas que, apesar de baseadas em tipologias existentes, diferem delas em vários aspectos.

Já dissemos que nosso estudo é mais voltado para o lingüístico. Com isso queremos significar que o foco da análise estará voltado menos à descrição de regularidades pragmático-ideológicas da estruturação do discurso em textos e mais às regularidades tal como definidas em 1.3: elementos lingüísticos e relações entre eles sedimentados sócio-historicamente no processo discursivo. Assim sendo, estaremos concentrados mais nas "formas e modelos lingüísticos até certo ponto previsíveis

62 - Cf. ORLANDI (1987: 152, 219, 220 e 234). Sobre a importância da tipologia para a análise v. WEINRICH (1968: 391).

63 - Cf. ORLANDI (1987: 228, 233-235).

e descritíveis, mais ou menos consagrados e mais ou menos adequados ao contexto enunciativo e à intenção dos falantes" ⁶⁴, ou seja, aos recursos da convenção lingüística de que o discurso se vale para se estruturar em textos, sem esquecer o caráter dinâmico desses recursos e sua relação com as condições de produção dos textos, ou seja, as diferentes situações pragmáticas de comunicação (ou contextos de enunciação) e os diferentes contextos sócio-históricos em que eles podem funcionar e as diferentes funções que a linguagem pode assumir.

Assim, face aos objetivos da análise, a tipologia escolhida é aquela que permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação ⁶⁵, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados, por ser construída (a tipologia) com base nas marcas lingüísticas e no modo de enunciação, o que, como vimos, permite a análise de detalhes lingüísticos numa visão necessariamente discursiva.

2.3.2 - Em nosso estudo se entrecruzam três tipologias a saber:

- 1) descrição, dissertação, injunção e narração;
- 2) discurso da transformação e discurso da cumplicidade;
- 3) preditivo e não-preditivo.

A primeira delas é a fundamental e as outras duas são usadas para explicar certos usos dos recursos lingüísticos.

Essas tipologias são da ordem do discurso, ou seja, representam uma construção teórica e são feitas pela aplicação de critérios a textos. A estes, já dissemos, aplicam-se as mesmas tipologias em termos de dominância e a passagem entre tipos de discurso e de textos é feita pelo funcionamento.

64 - NEIS (1984: 72)

65 - Enunciação tal como definida em 1.3 - nota 16.

2.3.3 - Tipologia 1: descrição, dissertação, injunção e narração

Falemos inicialmente das distinções básicas entre os quatro tipos para depois apresentar algumas particularidades de cada um.

Se o tipo se caracteriza como um modo ou forma de ação, de interação, um tipo de interlocução; qual o tipo de relação que instaura esta tipologia como um tipo de funcionamento discursivo?

Em relação ao referente, ao objeto do dizer, ao assunto, para cada um dos tipos tem-se um modo de enunciação — considerando-se que o processo de enunciação "é uma atualização temporal e espacial do locutor em seu discurso"⁶⁶ — dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca:

a) na descrição, enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer;

b) na narração, enunciador na perspectiva do tempo⁶⁷;

c) na dissertação, enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;

d) na injunção, enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.

Cada um desses modos de enunciação estabelece um objetivo da enunciação, uma atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer:

a) na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é;

b) na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos⁶⁸;

66 - V. ORLANDI (1988: 47)

67 - Sobre a perspectiva na descrição e narração ver ORLANDI (1988: 48), NEIS (1984: 73) quando cita WERLICH (1975) e NEIS (1986: 54) quando cita GENETTE (1966).

68 - Aqui usamos os termos fatos e acontecimentos não no sentido especificado no capítulo 3, mas no sentido corrente de episódio, caso, ação em sua ocorrência.

c) na dissertação, busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;

d) na injunção, diz-se a ação requerida, desejada; diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação⁶⁹.

Com isso a descrição instaura o interlocutor como o "voyeur" do espetáculo⁷⁰; a narração o instaura como o assistente, "o espectador não participante"⁷¹; a dissertação, como ser pensante, que raciocina e a injunção, como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.

Em nossa pesquisa sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo, observamos que, em relação ao tempo referencial⁷², a descrição e a dissertação se caracterizam pela simultaneidade das situações, a narração pela não simultaneidade e a injunção pela indiferença à simultaneidade ou não das situações. Em relação ao tempo da enunciação observamos que na descrição, dissertação e narração pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial⁷³, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior; já na injunção não há simultaneidade, sendo o tempo da enunciação sempre anterior. Embora haja as três possibilidades para narração, descrição e

69 - Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados; eventos, etc. . V. sobre tipos de situações o capítulo 3 e também TRAVAGLIA (1981).

70 - V. ORLANDI (1988: 48) e NEIS (1986: 54).

71 - V. WEINRICH (1968: 77).

72 - Na parte 3, ao falarmos de seqüenciamento e ordenação, distinguimos entre três tipos de tempo: a) o referencial ou o tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica; b) o de enunciação ou o momento da produção do texto que pode ou não coincidir com o referencial e c) o do texto que é o momento em que um trecho de seqüência linguística total é dito em relação aos demais trechos. NEIS (1984: 74, 75) fala nestes três tipos de tempo para a narração. Estas distinções se relacionam diretamente com a proposta de SCHIFFRIN (1987) e têm origem nas proposições de REICHENBACH (1947).

73 - V. o que diz NEIS (1984: 74) ao falar sobre o tempo da instância narrativa.

dissertação, observa-se que, na narração, é mais comum o tempo da enunciação ser posterior, menos freqüentemente simultâneo e mais raramente anterior⁷⁴, na descrição ele é mais freqüentemente posterior e simultâneo e mais raramente anterior e na dissertação é quase sempre simultâneo e raramente anterior ou posterior.

Conforme o tempo da enunciação seja posterior, simultâneo ou anterior, teremos descrições, narrações e dissertações respectivamente passadas, presentes e futuras. A injunção é sempre futura, mas parece haver uma distinção entre um futuro de execução imediata e um de execução não imediata.

Esses elementos são importantes para os efeitos de sentido que cada tipo possibilita não só em si, mas também quando utilizado por um outro, no intercâmbio de tipos.

Também observamos em nossa pesquisa que narração e injunção são essencialmente discursos do fazer (ações) e do acontecer (fatos, fenômenos)⁷⁵, enquanto descrição e dissertação não são essencialmente discursos do fazer e do acontecer e, embora possam conter ações, fatos, fenômenos, estes não as caracterizam, podendo ser apenas o que deve ser caracterizado (descrição) ou conhecido (dissertação). Pode-se pois afirmar que a descrição é essencialmente o discurso do ser e do estar, e que a dissertação é o discurso do ser.

Em nossa pesquisa trabalhamos separadamente com a descrição de ações, que chamamos de dinâmica, em contraposição à descrição de seres, coisas, paisagens, etc., que chamamos de estática⁷⁶. Utilizamos também a descrição passada e presente (as mais freqüentes) o que deu quatro tipos distintos de des-

74 - A possibilidade da narração futura aparece também em WEINRICH (1968: 392) ao comentar sobre a língua africana Chambala e em NEIS (1984: 74).

75 - Veja tipos de verbos e situações no capítulo 3.

76 - Normalmente as descrições estáticas são chamadas, na literatura sobre o assunto, de retratos. Às vezes este nome se reserva apenas à descrição física de pessoas.

criação. Quanto à narração trabalhamos com as mais freqüentes : a passada e a presente. No que diz respeito à dissertação trabalhamos apenas com a presente. No anexo há exemplos de passado, presente e futuro para os três tipos: a) descrição presente (textos de nºs 10 a 14 e 24 a 33); b) descrição passada (textos de nºs 4 a 9, 15 a 23 e 35); c) descrição futura (trechos dos textos nºs 77 e 80); d) narração passada (textos de nºs 56 a 62, 68, 70, 71-A, 72-A, 74 e 75); e) narração presente (textos de nºs 64 a 67 e 71-B); f) narração futura (textos de nºs 71-C, 72-B, trechos de 77 e 83, 78, 81 a 86); g) dissertação presente (textos de nºs 36, 37, 40 e 42 a 45); h) dissertação passada (textos de nºs 38 e 39) e i) dissertação futura (texto nº 79 e trechos de 41 e 80).

Descrição e dissertação são tipos que talvez pudessem ser reunidos em um só, como fez WEINRICH (1968) ao propor o comentário, que enlobaria descrições e dissertações presentes. Essa junção seria possível porque, na descrição como na dissertação, a perspectiva do enunciador é a do conhecer, mas é um conhecer distinto, porque o da descrição é um conhecer da perspectiva do espaço, que diz como é, portanto um conhecer visual, sensorial; enquanto o conhecer da dissertação é um conhecer conceitual, que diz o que é, envolvendo a reflexão e o raciocínio, portanto a razão e não a sensação, a percepção⁷⁷. Pode-se dizer que na descrição o conhecimento é mais concreto e na dissertação, é mais abstrato, porque modelizado e sempre genérico. Todavia, apesar da possibilidade de junção, julgamos melhor mantê-las como dois tipos distintos, por causa das diferenças acima e propriedades já vistas e porque, em nossa pes-

77 - **Sensação:** "processo sensorial consciente correlacionado com um processo fisiológico, e que proporciona ao homem e aos animais superiores o conhecimento do mundo externo".

Percepção: "ato, efeito ou faculdade de perceber, adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos." (FERREIRA - 1975).

quisa, encontramos marcas que as distinguem e que serão expostas oportunamente.

Achamos também problemático o que faz WEINRICH (1968) com a descrição, que fica como subtipo da narração ou do comentário, conforme seja passada (no pretérito imperfeito do indicativo) ou presente (no presente do indicativo) apenas em função do que ele chama de tempos verbais. A descrição tem propriedades que se relacionam a marcas (V. capítulos da parte 3 e estudos sobre tipologia citados no parágrafo seguinte), que recomendam sua postulação como um tipo autônomo, mesmo quando aparece combinado a outros. Assim, por exemplo, veremos que a ocorrência de descrição em textos de outros tipos (narrativos e injuntivos) se relaciona diretamente a questões de superestrutura, como mostramos no capítulo 6.

Não vamos aqui elencar outros possíveis tipos de descrição, narração, dissertação ou injunção, cuja distinção não foi necessária para os fins da pesquisa. Também não vamos tratar aqui das superestruturas de cada tipo, pois achamos melhor falar delas no capítulo 6, quando falamos da relação entre superestrutura e formas e categorias verbais. Também achamos desnecessário reportar aqui características da dimensão linguística de superfície, que são marcas relacionadas com as propriedades acima, porque tais marcas aparecem em obras como ADAM (1987), ANDRÉ (1978), KOCH e FÁVERO (1987), MARQUESI (1990), MATTOS (1972), NEIS (1984 e 1986), OLIVEIRA (1965), ORLANDI (1988) e SIQUEIRA (1986) entre outros, além das obras a que remetem. Sobretudo nos capítulos da parte 3, serão apresentadas as marcas relativas ao verbo que encontramos em nossa pesquisa.

Cada um desses tipos de discurso se manifesta em textos, resultando em textos descritivos dissertativos, narrativos e injuntivos que, como vimos, se caracterizam como de de-

terminado tipo por uma tendência que estabelece uma dominância .

Os textos de tipos puros existem, mas a frequência maior é de textos onde os diferentes tipos aparecem cruzados, articulados. Assim, por exemplo, a descrição aparece isolada em um texto como "Evocação Mariana" de Carlos Drummond de Andrade (texto nº19), mas quase sempre aparece combinada a outros tipos de textos com funções diversas a ponto de ser tida por muitos, conforme já mencionamos, como um tipo ancilar a serviço dos outros, sobretudo da narração.

Em nossa pesquisa verificamos e por isso estamos propondo que os textos narrativos podem ser histórias ou não. Para ser uma história, o texto narrativo tem que ter as propriedades arroladas no início deste item, ou seja, basicamente referir-se a fatos e acontecimentos e dar a possibilidade de ordenação temporal referencial dos fatos enumerados. Assim, nas histórias, a narração reproduz dentro da seqüência temporal do texto, a sucessão temporal dos acontecimentos do mundo real, havendo, pois, nas histórias uma coincidência temporal com seu objeto. As histórias são um conjunto de acontecimentos organizados e organizáveis em uma seqüência no tempo referencial (ver nota 72). Os textos narrativos do tipo história mais comuns em nossa cultura são os romances, novelas, contos, fábulas, apólogos, epopéias, poemas heróicos, casos, piadas, relatos em geral, certas reportagens jornalísticas. Já os textos narrativos sem possibilidade de ordenação dos fatos são não-histórias e podem funcionar como um comentário de caráter dissertativo — como na "propaganda do BANESTADO" (texto nº69): uma exposição sobre a importância do banco para o Paraná e seu papel na vida daquele estado — ou combinados a textos dissertativos, como no caso do segundo parágrafo do texto nº76 ("Papel da imprensa e o valor da vida"). Num texto como a reportagem "Manifestantes enfrentam a polícia na Irlanda do Norte" (texto nº73) não se tem uma história porque, na verdade ,

a partir do segundo parágrafo, temos oito (08) pequenas narrativas que seriam constituintes da situação ou fato básico que aparece no primeiro parágrafo: "... viveu ontem um dia de intensos choques", e funcionam como uma especificação (de exemplos) confirmatória do comentário feito no título da reportagem, que, no seu todo, é um comentário da situação na Irlanda. Outro exemplo de texto narrativo que não é história seria o trecho das profecias de Isaías "Jerusalém corrompida será purificada" versículos 24 a 31 (texto nº82). Também são narrações não-história textos como o de nº34 no anexo (Duque de Caxias), citado no intercâmbio de tipos, para exemplificar uma descrição feita através de narração.

Os textos dissertativos só se distinguem em sub-tipos pelo cruzamento com outras tipologias como, por exemplo, científico/não-científico. Normalmente são dissertativos textos tais como monografias, dissertações, teses, artigos científicos ou de divulgação científica e uma gama de artigos jornalísticos. São exemplos de textos dissertativos os de nº36 a 45, no anexo.

Encontramos vários tipos de textos que normalmente são injuntivos. É o caso de horóscopos, receitas (de cozinha, médicas), manuais e instruções de uso e montagem de aparelhos eletro-eletrônicos e outros tipos de instrumentos e utensílios, textos de orientação (como recomendações de trânsito e direção), textos doutrinários, propagandas. Ver como exemplos os textos de nºs 46 a 55 no anexo e também trechos do texto nº88.

A injunção inclui a optação, que seria o discurso da expressão do desejo. A optação é a injunção quando o enunciador/locutor não tem como determinar que a situação seja realizada ou porque não tem possibilidade de determinar ao alocutório que a realize (no caso de Deus, por exemplo) (Exemplos 4a,b) ou porque a situação é algo sobre o qual o alocutório não tem controle, como no caso dos verbos de acontecer (v. capítulo 3) (Exemplos 4c,

d, e, f) ou porque não há um alocutório a quem determinar que realize certa situação como no caso dos fenômenos (v. capítulo 3), por exemplo. (Exemplos 4g, h).

- (4) a - Que Deus nos ajude!
 b - Tomara que João venha me visitar!
 c - Que você passe no concurso!
 d - Que todos estejam bem!
 e - Tomara que ele caia!
 f - Que sua casa desmorone!
 g - Tomara que chova!
 h - Que o parto transcorra sem problema!

Vê-se a optação é um tipo de injunção em que o locutor e/ou o alocutório não têm controle sobre a realização da situação.

A optação, assim como o conselho, o pedido, a ordem e a prescrição são variedades ou subtipos da injunção cuja adequada distinção exige um estudo que não realizamos por fugir ao objetivo básico deste trabalho. Todavia pode-se propor alguns traços⁷⁸ capazes de ajudar na distinção:

a) cada subtipo representa um ato de fala diferente, uma força ilocucionária distinta;

b) na interação, as formações imaginárias do locutor sobre si e o alocutório variam em termos de hierarquia;

c) a quem a realização da situação beneficia ou prejudica: locutor ou alocutório;

d) quem é responsável pela realização da situação: locutor ou alocutório;

e) o ato de fala implica que grau de polidez, preservando ou não a face⁷⁹ do locutor e alocutório.

78 - Alguns desses traços foram extraídos de KOCH (1981: 108 e ss.) em que a autora estuda o verbo poder.

79 - V. MARCUSCHI (1987: 3, 4).

O tempo de realização da situação não distingue os subtipos porque, como já dissemos, para a injunção o tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação. No quadro 1 tem-se uma visão de como os traços caracterizam cada tipo.

Quadro 1

	Ato de fala	Formação imaginária em termos de hierarquia	Beneficiado	Responsável pela realização da situação	Grau de polidez
Conselho	Diz qual/como é o melhor fazer	Locutor considera-se com maior experiência que o alocutário	Alocutário	Alocutário	+ Polidez
Pedido	Solicita a realização de uma situação	Locutor se vê como igual ou inferior ao alocutário na organização social	Locutor	Alocutário	+ Polidez
Ordem	Determina um fazer	Locutor considera-se como superior ao alocutário na organização social	Locutor ou Alocutário	Alocutário	- Polidez
Prescrição	Ensina fazer ou determina uma forma de fazer	Locutor considera-se com maior saber que o alocutário	Alocutário	Alocutário	Neutro
Optação	Deseja a realização de uma situação	Locutor se vê sem possibilidade de determinar a realização da situação	Locutor ou Alocutário ou ambos	Nem alocutário, nem locutor	+ - Polidez (conforme o que se deseja para quem)

2.3.4 - Tipologia 2: Discurso da transformação e discurso da cum plicidade

Pela antecipação (que é o modo como os interlocutores representam as imagens que o outro faz de si, do interlocutor, do assunto, da situação, etc.) o enunciador/"locutor experimenta o lugar de seu ouvinte a partir de seu próprio lugar". É o que registra ORLANDI (1987: 126 e ss.) que afirma poder o

locutor, neste caso, ter duas imagens básicas do alocutório : ou este concorda ou não concorda com o locutor, ou é seu cúmplice ou seu adversário.⁸⁰ Dessa forma são estabelecidas duas formas de interlocução que caracterizam dois tipos de discurso: o discurso da transformação e o discurso da cumplicidade.

No **discurso da transformação** o locutor vê o alocutório como não concordando com ele (seu adversário), então assume uma posição de transformar o alocutório em seu cúmplice, buscando influenciar, inculcar, persuadir, convencer o interlocutor, fazendo-o crer em algo ou fazendo-o realizar algo ou agir de um certo modo. Portanto "procura levar o alocutório a aderir ao seu discurso".⁸¹

No **discurso da cumplicidade** o locutor vê o alocutório como concordando com ele, como adepto do seu discurso e assume a posição de cúmplice que identifica o locutor ao alocutório.

O discurso da transformação resulta no que tem sido chamado de texto **argumentativo "strictu sensu"**: são textos em que a argumentação se apresenta de maneira explícita e atinge o seu grau máximo⁸² porque nele "se toma posição e se propõe a debater".⁸³ Doravante chamamos de argumentativos⁸⁴ a este tipo de texto em oposição àqueles em que não se manifesta explicitamente o objetivo de convencer, persuadir, de fazer crer ou fazer fazer, pois, como se sabe, todo texto tem uma dimensão argumentativa.

Normalmente se coloca o tipo argumentativo como mais

80 - Naturalmente esse é um aspecto da antecipação a qual não se reduz apenas ao concordar e ao discordar (Cf. ORLANDI 1987: 127).

81 - V. GUIMARÃES (1986).

82 - V. KOCH e FÁVERO (1987: 9).

83 - WERLICH (1975) apud NEIS (1984: 73).

84 - Sobre as marcas lingüísticas da enunciação e outras características dos textos argumentativos seria interessante ver GUIMARÃES (1986), KOCH (1984), KOCH e FÁVERO (1987) e ORLANDI (1987).

um tipo dentro da mesma tipologia juntamente com descrição, narração, dissertação e injunção. Pareceu-nos melhor propor a distinção argumentativo ("strictu sensu") X não argumentativo ("strictu sensu") como uma tipologia à parte, fundamentalmente por duas razões. A primeira é que, enquanto a tipologia de descrição, dissertação, injunção e narração se institui por modos de enunciação caracterizados pelas perspectivas em que o locutor/ enunciador se coloca em termos de tempo e espaço por um lado e do fazer (e/ou acontecer) ou do conhecer por outro, em relação ao objeto do dizer; a tipologia do argumentativo se institui por modos de enunciação caracterizados por perspectivas do locutor/enunciador dadas pela antecipação que ele faz em termos da concordância ou discordância, adesão ou não do alocutário ao seu discurso. A segunda razão é que a argumentação é feita através de descrições, dissertações, injunções e narrações de diferentes formas. O texto argumentativo é mais freqüentemente uma dissertação em que podem figurar descrições, narrações e injunções como argumentos. Normalmente, a injunção aparece na argumentação como uma espécie de incitamento, de conclamação em que, com muita freqüência, o locutor usa a primeira pessoa do plural, incluindo-se, assim, entre aqueles que assumirão o que ele quer que se faça ou creia. Seria o caso de um deputado que, em seu discurso a favor da aprovação de um projeto de lei, dissesse algo como (5).

(5) Companheiros, aprovemos esta lei! Acabemos com os casuísmos eleitorais!

Descrição e narração, enquanto argumentos, normalmente explicitam aspectos (descrição) e funcionam como exemplos ou fatos (narração) que justificam a aceitação pelo alocutário do que o locutor quer que ele faça ou creia. O texto argumentativo pode também ser uma narração e há até alguns tipos de textos narrativos tradicionalmente institucionalizados como argu-

mentativos. É o caso das fábulas, apólogos e parábolas. Descrições como a do texto nº3 (O Mulato) podem ser argumentativas, mas quase sempre dentro de um contexto, como o caso do exemplo, em que se aproxima a imagem do mulato descrito à imagem do branco com intenções claramente argumentativas. Não encontramos textos argumentativos que sejam injuntivos em termos de dominância.

KOCH e FÁVERO (1987: 7) citam alguns tipos de textos que normalmente são argumentativos: textos publicitários em geral (propagandas), peças judiciárias (de defesa e acusação), matérias opinativas de um modo geral. Talvez pudéssemos acrescentar aí, além dos narrativos acima, os sermões. Vide como exemplos os textos de nºs 1 a 3, 90 e 91.

2.3.5 - Tipologia 3: preditivo e não-preditivo

KOCH e FÁVERO (1987: 8) propõem os textos preditivos ao lado dos descritivos, narrativos, dissertativos, injuntivos e argumentativos "strictu sensu". Em nossa pesquisa achamos conveniente separar a distinção preditivo/não-preditivo como uma tipologia distinta, porque notamos que os textos preditivos são sempre descrições, narrações ou dissertações futuras em que o locutor/enunciador está fazendo uma antecipação no seu dizer, está pré-dizendo. Assim, a predição, enquanto tipo de discurso, é uma antecipação pelo dizer de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação, sendo pois uma previsão, um anúncio antecipado. Daí as formas verbais terem sempre valor prospectivo, de futuro, embora nem sempre o futuro seja marca de predição como no caso dos textos injuntivos, porque nestes há uma determinação de realizar a situação, incompatível com a antecipação, mesmo que virtual, que a predição faz da realização da situação. Esta predição pode ser feita :

a) através de uma programação (V. textos de nº78 - "Disney-

-World" com carinho especial; nº81 - "Ibitinga incentiva produção rural" e nº83 - "Prêmio Mambembe em novo formato"); b) através de um cálculo científico, como nos boletins meteorológicos e astronômicos (V. textos de nº80 - "Eventos do mês" e nº 79 - "O eclipse"); c) através de uma espécie de adivinhação ou revelação, como nas profecias (V. textos de nº82 - "Jerusalém corrompida será purificada", nº84 - "Primavera", nº85 - "O Reino de Messias" e nº87 - "Ventura de Sião nos tempos messiânicos") e d) através de outros meios (como a imaginação) que possibilitem tal antecipação.

Certos tipos de textos normalmente são preditivos ou contêm partes preditivas. É o caso de "horóscopos, profecias, boletins meteorológicos, previsões em geral"⁸⁵, boletins astronômicos, textos sobre atividades e acontecimentos programados. Veja os textos de nºs 77 a 87 no anexo.

* * *

Estes são os elementos tipológicos cuja consideração se revelou pertinente em nossa pesquisa. Nos capítulos da parte 3 deve ficar claro como e porque.

85 - V. KOCH e FÁVERO (1987: 8).

CAPÍTULO 3

DO VERBO

3.1 - PRELIMINARES

Nosso objetivo neste capítulo é expor alguns conceitos sobre o verbo e suas categorias que foram utilizados na pesquisa, permitindo a referência a eles sem perturbar a clareza do que se diz nos demais capítulos. Falamos aqui dos tipos de verbos e situações e das formas e categorias verbais.

No que respeita aos tipos de verbos e situações é evidente que se trata de uma tipologia proposta para atender aos objetivos da análise. Naturalmente são possíveis outras tipologias tais como:

a) a que classifica os verbos em transitivos (diretos, indiretos, bitransitivos, circunstanciais) e intransitivos;

b) a que classifica verbos em têlicos e atêlicos (V. CASTILHO-1967 e TRAVAGLIA-1981⁸⁶);

c) a que classifica as situações em: c.1: processos ou situações durativas, c.1: eventos ou situações pontuais (inceptivas, simples, terminativas) (V. TRAVAGLIA-1981);

d) a que classifica as situações em narradas e referenciais (V. TRAVAGLIA-1981).

A consideração de algumas dessas tipologias não se mostrou pertinente para nosso estudo, pelo menos para os fenômenos aborda

86 - Há uma segunda edição revisada de 1985.

dos.

Os tipos de verbos e situações aqui propostos já, são, em parte, resultado do estudo textual-discursivo do verbo e, portanto, representam já a exposição de resultados de nossa pesquisa.

Quanto às formas e categorias verbais limitamo-nos à exposição das que foram consideradas na pesquisa, dizendo como vemos cada uma. Tem-se, pois, quase que só uma espécie de glosário, mais uma vez porque não é o objetivo desse estudo discutir tais formas e categorias verbais.

3.2 - TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES

3.2.1 - Tipos de verbos

No estudo textual dos verbos observamos que eles são basicamente de dois tipos:

a) verbos que expressam situações, funcionando como lexemas e podendo, por isso, ser chamado de verbos lexicais;

b) verbos cuja função primeira ou única não é expressar uma situação, mas carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados. Funcionam, pois, como uma espécie de gramemas, podendo ser chamados de verbos gramaticais.

3.2.2 - Tipos de situações

Como já alertamos na nota 69, o termo situação estará sendo usado neste estudo como um termo geral para processos, eventos, estados, ações, fatos, fenômenos, etc.

As situações podem ser estáticas ou dinâmicas. Entendendo-se por fase qualquer ponto no desenvolvimento de uma situação, isto é, qualquer ponto do tempo pelo qual ela se estende desde o momento de seu início até o momento de seu tér

mino⁸⁷, podemos definir situação estática e dinâmica como segue.

Temos uma **situação estática** quando suas fases são idênticas, assim ela é homogênea, uniforme durante o tempo de sua existência. Na **situação dinâmica** as fases da situação são diferentes, havendo, portanto, mudança de uma fase para outra. Essas mudanças são necessárias e obrigatórias.⁸⁸

As **situações dinâmicas** se subdividem em situações **dinâmicas de ação** e **de acontecer**.

A **ação** se caracteriza por ter um agente que realiza a **situação** por seu empenho próprio, portanto o sentido base pode ser representado por algo como "X faz Y". O agente pode ser direto (exemplo 6) ou indireto, deduzido (exemplos 7 e 8), pode ser humano ou não. Como as ações são ou não tipicamente humanas, o uso de agentes não-humanos e humanos pode resultar em antropomorfização, reificação ou metaforização.

(6) João falou-me que escreveu o carta para a embaixada.

(7) O avião aterrisou às 18 horas.

(8) O carro avançou o sinal e quase me atropelou.

A ação pode ter realização no exterior (comprar, desenhar) ou no interior (pensar, refletir) do agente. Entre as ações incluimos os verbos causativos, funcionando eles como auxiliares ou não: causar (medo, prejuízo, desastres), provocar (discórdia, incêndios, pânico), fazer + infinitivo, obrigar + infinitivo, fazer de x, y (fazer de João um homem), fazer com que + pres. subj., desencadear (crise, onda de...), inspirar (atitudes, ações), levar a + infinitivo, tornar x, y (tornou-nos atentos), deixar x, y (=adjetivo ou participípio adjetivo: Deixou os habitantes apavorados).⁸⁹

As situações de **acontecer** são as que ocorrem sem o

87 - Cf. TRAVAGLIA (1981: 55).

88 - Cf. TRAVAGLIA (1981: 56).

89 - Quase sempre os verbos listados foram retirados dos textos analisados.

empenho próprio de um agente. O sentido base é então "X acontece (com Y)". "Com Y" é opcional. Razões semânticas em sintáticas permitem propôr alguns subtipos de situações de acontecer: as **transformativas**, os **fenômenos** e os **fatos**.

As situações **transformativas**, como o nome diz, implicam uma mudança: "Acontece que X muda". Alguns verbos seriam : amarelar (as folhas amarelaram com a geada), engordar, endurecer, congelar, enferrujar, ficar + estado ou qualidade (doente triste, azul, impressionado, com medo), tornar-se + estado, assumir (os incêndios assumem um ritmo acelerado - texto nº 42) passar de X para/a Y (a luz passou de verde a azul). Os **fenômenos** são sempre verbos que expressam fenômenos da natureza, sendo normalmente impessoais: relampejar, trovejar, chover, nevar, ventar. Chamamos de **fatos** as demais situações de acontecer das quais seriam exemplos: cair, crescer, nascer, morrer, desmaiar, esquecer, entender, ter (=ocorrer: crise de pressão alta), algo (a planta) desenvolver-se, aparecer, mostrar (=ter: o tomate rasteiro mostra melhor desempenho em regiões secas - texto nº 45), ver, ouvir, passar (no concurso, no vestibular), etc.

As situações **estáticas** também apresentam alguns subtipos: os **estados**, as **constantes**, os **localizadores**.

Os **estados** já se definem pelo próprio nome e não são indicados por verbos, mas por nomes (adjetivos, participios adjetivos) correlacionados a um ser ou coisa por um verbo de ligação (V. adiante). Assim o estado é sempre um predicativo . . .
Exemplos:

- (9) João **está triste**.
- (10) Maria **anda amargurada**.
- (11) A casa **está destruída**.

Os **localizadores** indicam localização espacial: estar em, estar a (3 dias de Netuno), situar-se, ficar em, ficar a

(3 km, 2 dias de viagem), distar, encimar (=ficar em cima), localizar-se em, etc. Às vezes a localização é temporal como no exemplo (12)

(12)quando estávamos no cafezinho. (texto nº 61).

As constantes são as demais situações estáticas indicadas por verbos como: ter (=possuir), saber, conter, pesar (=ter o peso de: a mesa pesa 30 kg); medir (=ter a dimensão X: A mesa mede 3 m), apresentar (=ter: "A lata não apresenta emendas" - texto nº 90), existir, haver (=existir), ser formado de, compor (três figuras compõem este sinal de trânsito), ocupar (posição) (É uma espécie de localizador indireto), ignorar, conhecer (alguém ou algo), X constituir Y (Estas coisas constituem o dia-a-dia de João), guardar (=ter, conter: o desfiladeiro guarda preciosidades - texto nº 24), fazer parte, pertencer, referir-se (=ter a ver: o medo refere-se a um objeto definido - texto nº 44), trazer (=ter em si: fios que não trazem o código genético da calvície - texto nº 40), exibir (=ter, apresentar: A face inferior das folhas exibe este mesmo aspecto - texto nº 45), habitar, querer, desejar, pretender, corresponder, equivaler (estes dois podem ser auxiliares semânticos comparadores).

3.2.3 - Verbos gramaticais

Já definimos em 3.2.1 os verbos gramaticais. Antes de falar dos subtipos, gostaríamos de lembrar que muito frequentemente eles indicam nuances, matizes de significado que os distinguem, como no caso dos verbos de ligação e dos auxiliares semânticos. Além disso, não é impossível um verbo ter dupla função, indicando uma situação e, ao mesmo tempo, exercendo um papel gramatical ou textual específico.

Encontramos os seguintes tipos de verbos gramaticais:

- 1 - De relevância;
- 2 - Marcadores temporais;
- 3 - Ordenadores do discurso;
- 4 - Marcadores conversacionais;
- 5 - "Carregadores" ou "suportes" de categorias:
 - 5.1 - verbos de ligação;
 - 5.2 - com situação indicada por um nome;
 - 5.3 - auxiliares:
 - a - modais;
 - b - temporais;
 - c - aspectuais;
 - d - de voz;
 - e - semânticos;
 - 5.4 - expressões.

Os de **relevância** são verbos cuja função é indicar relevância temática através de seu sentido. Esse é seu papel no funcionamento textual, mas podem ser vistos como suportes de categorias: auxiliares semânticos (V. adiante) ou expressões (V. adiante). São exemplos desse tipo de verbo:

a) auxiliares: *cumpre/urge/importa + infinitivo (importa notar que...);*

b) expressões: *vale a pena, é importante, é fundamental, é imprescindível, é significativo.*

O verbo **ser** como expletivo é gramatical de relevância tanto ao nível da frase quanto do texto.

Os **marcadores temporais** são verbos que, em conjunto com um sintagma nominal, constituem uma espécie de adjunto adverbial de tempo indicando sobretudo o quando de uma situação ou sua duração. Às vezes podem ser substituídos apenas pelo sintagma nominal ou por um sintagma adverbial (V. exemplo 13). Sua substituição pode implicar a mudança de toda a estrutura

da frase (V. exemplo 14).

(13) - a - "Bom, **chegô um dia** que faltô tinta..." (BERLINCK - 1987:16).

b - Bom **um dia** faltô tinta...

(14) - a - "Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar (V. quadro adiante) foi sua construção que **levou cinco anos**". (texto nº 89).

b - Ele foi construído **em cinco anos** e sua construção é quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar.

Muitos verbos podem atuar como marcadores temporais. Vejamos mais alguns exemplos.

(15) Durar: "A operação **durou um quarto de hora**". (texto nº 65).

(16) Ser:

a - "Aí **é hora** de buscar socorro médico": (texto nº 44).

b - "...mas **é tempo** de reconhecer certos fatos". (texto nº 2).

c - "Foi **de manhã**, ele estava catando minhoca para pescar, quando viu o bando chegar..." (texto nº 58).

d - "Não **é de hoje** que existem aparelhos para substituir mão de obra..." ("Perfeito manequim" - **Superinteressante**. Ano 3, nº 11. São Paulo, Editora Abril, novembro/1989: 52-55).

e - **Eram três horas** quando ele chegou.

(17) Haver:

a - **Há três dias** ele chora a morte do pai.

b - **Há três meses** ele esteve aqui.

(18) Fazer: **Faz dias** que procuro por você.

(19) Passar

a - (o cavalo) **Passa dias** sem comer..." (texto nº 25).

b - **Passaram meses** sem que o (menino) fosse convidado para festa alguma no bairro". (texto nº 62).

(20) Levar: "...os sinais de rádio da Voyager,.... **levam 4 horas** para chegar na terra". (texto nº 43).

Os **ordenadores do texto** são verbos que ordenam elementos (situações, idéias, etc.) do texto em sua seqüência linear, ou seja, dentro do que chamamos, na nota 72, de tempo do texto . Um exemplo pode ser tirado do próprio texto deste capítulo, no primeiro parágrafo do item 3.2.2, que reproduzimos em (21).

(21) Entendendo-se por fase.....podemos definir situação estática e dinâmica como segue.

No capítulo 5, em que falamos de ordenação, retornamos a este tipo de verbo.

Os verbos que funcionam como **marcadores conversacionais**⁹⁰ indicam fenômenos da interação entre os interlocutores, são usados para marcar relações interpessoais. Aparecem sobretudo nos textos orais, mas também nos escritos, em função da interação e das imagens que produtor e receptor fazem ou julgam que outrem faz de si, do outro, do assunto. Em 4.3.3.2 retomamos a questão dos verbos marcadores conversacionais. Abaixo temos dois exemplos.

(22) Aí ele chegou, **sabe?** e me deu um empurrão.

(23) "Ele tem um missão na vida, **digamos** assim: testar trajes...." ("Perfeito manequim" **Superinteressante** . Ano 3, nº 11. São Paulo, Editora Abril, novembro/1989: 52-55).

Os verbos "**carregadores**" de categorias são verbos que , apesar de expressarem certos significados, não indicam em si a situação. Esta é indicada por um outro verbo ou nome que vêm atrelados aos carregadores. O nome pode ser sujeito, objeto ou predicativo e pode ser ou não uma nominalização de verbo como mostra o exemplo (24).

(24) a - João **começou** a **construir** sua casa em 1980.

b - A **construção** da casa de João **começou** em 1980.

90 - Sobre marcadores conversacionais V. MARCUSCHI (1985), (1986) e (1987).

c - A festa começou há duas horas.

A classificação dos carregadores de categorias que propomos abaixo serve mais como um indicador de diferenças sintáticas (sintagmáticas) e/ou de papéis do que como distinção de categorias nitidamente marcadas, separadas.

Os verbos de ligação são os que ligam, correlacionam um atributo, uma característica, um estado a um ser ou coisa, dando nuances sobre o modo como esse atributo é percebido pelo produtor do texto: permanente (ser), transitório (estar), aparente (parecer), durativo desde um certo tempo (andar), etc.

Além dos já citados (ser, estar, parecer, andar), outros verbos funcionam como verbos de ligação: ficar (=permanecer), apresentar-se (os frutos não amadurecem apresentando-se queimados por ficarem expostos ao sol - texto nº 45), permanecer, passar (sua imagem não passa de um ponto para os telescópios - texto nº 43), tratar-se (trata-se de uma resposta do organismo - texto nº 44).

Os carregadores de categorias com situação indicada por um nome podem ser de dois subtipos:

a) a situação é indicada por nome que funciona ou como sujeito ou como objeto. Seriam exemplos desse tipo: continuar (A luta continuou feroz), acabar, começar, iniciar, prosseguir, acontecer, ocorrer (O acidente ocorreu à tarde), haver (= ocorrer, acontecer: Também há acentuada redução da produtividade), existir (= ocorrer: Não existe rejeição de órgãos);

b) a situação só é indicada com auxílio de nome que funciona como objeto, sendo freqüente a equivalência do conjunto a um outro verbo da língua (Exemplo: fazer esforço = esforçar-se). Seriam exemplos desse tipo: fazer (visita = visitar, balanço, algazarra, medo em = atemorizar, campanha), baixar (medida, confisco), realizar (operação, plantio = plantar, apresen

tações), causar (danos, prejuízos, dor, alteração), provocar (danos, ódio), correr (risco = arriscar-se), tomar (conhecimento, juízo), dar (ênfase = enfatizar, amor = amar).⁹¹

Como se pode observar, estes verbos normalmente expressam situações dinâmicas. Nos do tipo b, o verbo não parece ser um mero carregador de categorias. Na verdade, parece ser um intermediário: o verbo indicaria uma situação que só se define com o nome objeto.

Os **auxiliares**⁹² são verbos que sempre acompanham outros que indicam as situações e estão nas formas nominais. Os auxiliares "carregam" as flexões verbais e sempre indicam ou ajudam a indicar as categorias verbais e/ou nuances semânticas. Estamos tomando a classe dos verbos auxiliares num sentido amplo: qualquer verbo que acompanhe outro que indica a situação e está numa forma nominal. Neste último sentido poder-se-ia talvez considerar como auxiliares até mesmo os verbos carregadores de categorias com a situação indicada por um nome.

Os **auxiliares modais**⁹³ indicam modalidades diversas. Eis alguns exemplos:

a) obrigação: **ter + de/que + infinitivo, obrigo + a + infinitivo;**

b) necessidade: **precisar + infinitivo, dever + infinitivo;**

c) volição: **querer/desejar/pretender + infinitivo;**

d) possibilidade: **poder + infinitivo.**

Quanto aos **auxiliares temporais** só encontramos um indicador exclusivo de tempo: é o verbo **ir** que, acompanhado de infinitivo, marca futuro. Outros auxiliares marcam também ou-

91 - MAGALHÃES (1980) ao falar dos sintagmas semifixos lista um bom número de verbos desse tipo. Exemplo de sintagma semifixo seria "perder a cabeça" em frase como "João perdeu a cabeça e agrediu o irmão".

92 - Seria interessante ver sobre os verbos auxiliares os estudos de LOBATO - 1975 e PONTES 1973.

93 - V. BECHARA (1968: 136), GUIMARÃES (1979), MATEUS et al (1983: 152) e TRAVAGLIA (1981: capítulo 10).

tras categorias e nuances de significado. É o caso de:

a) **ter** (pres. do ind.) + participípio que marca passado até o presente e aspecto iterativo (meu filho **tem me visitado** todas as semanas);

b) **vir** + gerúndio que marca desenvolvimento gradual, progressivo da situação e tempo passado até o presente ou até outro ponto indicado do passado. (José **vem propondo** uma modificação na organização da firma / A planta **vinha crescendo** até que esqueceram de regá-la e ela morreu).

Sobre os **auxiliares aspectuais** desenvolvemos um estudo que está no capítulo 8 (oito) de TRAVAGLIA (1981). Alguns exemplos de auxiliares aspectuais: **ter** ou **haver** + participípio (no presente indicativo - iterativo, nas demais flexões: perfeito e acabado), **estar** + **por** + infinitivo (não-começado), **estar** + gerúndio (durativo e outros conforme a flexão verbal), **andar** + gerúndio (iterativo), **viver** + participípio/gerúndio (habitual), **continuar** + gerúndio/participípio (começado), **terminar** + **de** + infinitivo (terminativo de acordo com a flexão verbal), **começar** + **a** + infinitivo (inceptivo de acordo com a flexão verbal).

O **auxiliar de voz** típico é o verbo **ser** + participípio. Alguns estudiosos como BECHARA (1968: 136) dão **estar** + participípio e **ficar** + participípio também como auxiliares de voz, dizendo que temos para estes três auxiliares respectivamente voz passiva de ação, de estado e de mudança de estado. Veja exemplos em (25).

(25) a - O telescópio **foi construído** em cinco anos.

b - O Iraque **está cercado** pelas tropas ocidentais.

c - A atriz **ficou rodeada** de fãs.

Finalmente, temos os **auxiliares semânticos**, que chamamos assim porque, além de "carregarem" as categorias verbais, acrescentam ao verbo que acompanham uma série de noções semânti

ticas tais como: a) **repetição**: voltar/tornar + a + infinitivo ; b) **comparação**: equivaler/corresponder + a + infinitivo; c) **início**: começar/iniciar/principiar/pôr-se + a + infinitivo; d) **tentativa**: procurar/tentar/buscar + infinitivo; e) **progressividade**: vir/ir(-se) + gerúndio; f) **apresentação**: tratar-se + de + infinitivo; g) **resultado**: chegar/vir + a + infinitivo; acabar + gerúndio (este com a nuance de situação final de uma série); h) **continuação**: continuar + a + infinitivo; continuar/prosseguir + gerúndio; i) **atribuição**: caber, competir a X + infinitivo; j) **transformação, mudança**: passar + a + infinitivo; l) **consecução**: conseguir/lograr + infinitivo; m) **fim e cessamento**: parar/ deixar/acabar/terminar + de + infinitivo; n) **permissão**: deixar/permitir + infinitivo; o) **causação**: fazer/mandar + infinitivo; p) **limitação**: limitar-se + a + infinitivo; q) **superação**: ousar + infinitivo; atrever-se + a + infinitivo; r) **decisão**: resolver / decidir + infinitivo; s) **aparência**: parecer + infinitivo.

Muitos desses auxiliares às vezes funcionam como outros tipos de verbos gramaticais. É o caso, por exemplo, de "tratar-se" que pode ser de ligação, como vimos; de "continuar" que pode ser um carregador de categoria com situação indicada por nome, além de outros.

O último tipo de "carregadores" de categorias são as **expressões**. Como o próprio nome indica, não se trata propriamente de um verbo: tem-se um verbo de ligação (parece que apenas o verbo **ser**) acompanhado de um nome (parece que sempre um adjetivo), formando um predicado nominal que tem por sujeito uma oração (quase sempre reduzida de infinitivo), que se tornaram uma espécie de bloco (uma expressão fossilizada, uma lexia complexa, um sintagma semifixo - v. nota 91, p. 71, um predicado cristalizado) que funciona com papéis específicos tais como indicar modalidade e relevância. Eis alguns exemplos: a) **indicadoras de modalidade**: ser (é, era, foi) + possível, provável, necessário,

certo, preciso; b) **indicadoras de relevância**: ser (é, era, foi) + importante, significativo, essencial, imprescindível, indispensável. Estas últimas são menos cristalizadas e às vezes indicam também modalidade.

Talvez se deva incluir aqui expressões como "isto é", "ou seja", "a saber" que, no texto, têm a função de introduzir respectivamente a reformulação e a enumeração (a saber). São expressões altamente cristalizadas em que o verbo quase nem é sentido como tal. No mesmo caso está "a seguir", que é um ordenador do discurso.

* * *

Pelos exemplos, deve ter-se evidenciado que um verbo pode indicar mais de um tipo de situação devido a variações de significado. Não é muito pertinente discutir aqui se temos vários sentidos do mesmo verbo ou diferentes verbos homônimos; interessa sim lembrar que a inclusão do verbo em um ou outro tipo tem que ser feita em função do co-texto. Veja exemplos (26) e (27).

(26) a - João **passou** na casa de Tereza. (dinâmico de ação).

b - Sua imagem não **passa** de um ponto para os telescópios (gramatical de ligação) (texto nº 43).

(27) a - As folhas da samambaia **amarelaram** (dinâmico/transformativo).

b - João **amarelou** a folha de papel com fumaça para parecer antigo (dinâmico/ação).

Se um verbo é essencialmente de um tipo e é usado como de outro tipo, pode-se falar em uma espécie de metáfora.

Além disso um verbo pode atuar como de vários tipos. É o caso do verbo **ser** que pode ser verbo de relevância, marcador temporal, marcador conversacional, de ligação indicando aspecto, auxiliar de voz, além de funcionar nas expressões. Ainda pode ser usado com uma função que parece ser misto de indicador

de relevância e de tempo como uma espécie de conjunção, como no exemplo (28). Tudo isto mostra que a classificação só pode ser feita observando o funcionamento do verbo no texto.

- (28) a - "...era o menino **chegar** na varanda e gritar.....
 (o tuim vinha). (texto nº 58).
 b - É a avó **chegar** esse menino vira um demônio.
 c - Foi você **falar** no passeio ele correu e se aprontou.

A possibilidade de um verbo funcionar como de diferentes tipos e a de ter simultaneamente vários papéis evidentemente dificulta a análise.

3.3 - FORMAS E CATEGORIAS VERBAIS

Em nosso estudo trabalhamos com as seguintes categorias verbais: tempo, aspecto, modalidade, voz e pessoa. Além disso, usamos o que denominamos de formas verbais que definimos abaixo.

3.3.1 - Formas verbais

Estamos chamando de **formas verbais** ao conjunto de flexões dos verbos que constituem o que se tem chamado de tempos do verbo e de formas nominais, que representam o paradigma de conjugação verbal. Assim, estaremos vendo essas formas verbais enquanto tais, independentemente das categorias verbais que possam veicular ou estejam veiculando. Isto porque, como sabemos, tais formas podem veicular, por si ou como auxílio de outros elementos do texto, várias categorias. Assim, por exemplo, o presente do indicativo (um conjunto de seis formas divididas entre singular e plural e primeira, segunda e terceira pessoas) pode exprimir tempo presente ou futuro, além de poder expressar situações passadas e ontemporais, exprimir a modalidade de certeza e aspectos como imperfectivo/perfectivo, começa-

do, cursivo, habitual/indeterminado/durativo/pontual. Além disso, pode ter uma espécie de uso modal para exprimir a certeza em oposição ao futuro do presente, usado para exprimir a dúvida e o futuro do pretérito, para exprimir a irreabilidade.⁹⁴

3.3.2 - Tempo

Entende-se por **tempo** a apresentação da situação como tendo realização anterior (passado), simultânea (presente) ou posterior (futuro) ao momento da produção do texto, ou seja, ao momento do ato de dizer. As formas verbais ainda podem fazer outras marcações de tempo apresentando a situação: a) com uma realização iniciada no passado e estendendo-se até o presente; b) com realização iniciada no presente e estendendo-se para o futuro; c) com realização onitemporal, isto é, abrangendo todos os tempos. A onitemporalidade parece estar ligada aos aspectos indeterminado e habitual (4.3.3.3) que, com sua duração ilimitada, faz com que a situação enunciada no presente (às vezes também no futuro) seja vista como valendo para todos os tempos. Evidentemente, pode-se apresentar a situação sem qualquer marcação de tempo. Não encontramos a possibilidade **b** nos textos analisados, mas ela é possível como atesta o exemplo (32) da língua oral.

(29) **Passado:** "Quando Aureliano Chaves deixou o Ministério das Minas e Energia, em dezembro de 88, já se cogitava a possibilidade de sua candidatura". (texto nº 56)

(30) **Passado até o presente:** "... imaginar que seja possível fiscalizar com eficiência a imensa região da floresta equatorial brasileira..... demonstra apenas o emocionalismo e a desinformação com que o debate tem sido conduzido!" (texto nº 42).

(31) **Presente:** "...nada mais equivocado que fazer da preo

94 - Cf. CÂMARA JR. (1970: 317 e 372) e MELO (1976: 163-165).

cupação com o meio ambiente o monopólio de alguns iluminados do Primeiro Mundo que teriam de advertir os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que estejam causando à humanidade." (texto nº 42).

- (32) **Presente para o futuro:** Você vai lavando e picando as verduras aí, enquanto eu vou preparando o resto.
- (33) **Futuro:** Voyager 2 encontrará Netuno em dez dias . (texto nº 43).
- (34) **Onitemporal:** a) "Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal". (texto nº 44)
 b) "Realmente, a ansiedade diminui a capacidade de pensar..." (texto nº 44)
- (35) **Não marcado para tempo:** ver os verbos ter e pensar nos exemplos de (34).

Algumas formas verbais têm em seu funcionamento textual papéis que têm levado os estudos sobre verbo a falarem em tempos relativos, em oposição aos tempos absolutos que seriam os tempos de que acabamos de falar. Os tempos relativos têm a ver com a ordenação das situações em sua sucessão cronológica no mundo real, como veremos no capítulo 5. Formas verbais tais como o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o futuro do pretérito e os chamados tempos compostos formados por "ter (exceto no presente do indicativo)+particípio" expressam tempos relativos. Quando falarmos em tempo como categoria verbal, estaremos nos referindo apenas aos tempos absolutos definidos aqui e exemplificados em (29) a (34).

3.3.3 - Aspecto

Adotamos aqui a teorização sobre aspecto de TRAVAGLIA (1981). Assim, entende-se aspecto como uma categoria verbal de TEMPO⁹⁵, não dêitica, através da qual se marca a duração

95 - Com TEMPO estamos nos referindo à idéia geral e abstrata de tempo sem considerar sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da língua.

da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o da realização da situação, do seu desenvolvimento e o do seu complemento.⁹⁶ Portanto o aspecto diz respeito ao tempo interno, de realização da situação. O quadro 2 dá o conjunto dos aspectos propostos e as noções aspectuais que os caracterizam. Para maiores detalhes de caracterização, expressão desses aspectos e exemplificação vide TRAVAGLIA (1981).

Quadro 2

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	DURATIVO
			b. Ilimitada	INDETERMINADO
	B. Descontínua	a. Limitada	ITERATIVO	
		b. Ilimitada	HABITUAL	
2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL	
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		NÃO-COMEÇADO
		B. Começado ou Não-Acabado		COMEÇADO OU NÃO-ACABADO
		C. Acabado		ACABADO
	2. Fases de Desenvolvimento	A. Início (No ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B. Meio		CURSIVO
		C. Fim (Nos últimos momentos ou no ponto de término)		TERMINATIVO
	3. Complemento	A. Completo		PERFECTIVO
		B. Incompleto		IMPERFECTIVO
	Ausência de Noções aspectuais			Aspecto não atualizado

Sobre o aspecto no Português importa ver também CASTILHO (1967).

3.3.4 - Modalidade

Tem-se definido modalidade como a indicação da atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua ati

96 - O complemento não tem a ver com o fato de a situação ser apresentada ou não como acabada, mas sim com o fato de ela ser vista ou não, apresentada ou não em sua globalidade. (Cf. TRAVAGLIA - 1981).

tude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz. É assim que se considera a modalidade neste estudo: uma categoria verbal que reflete a atitude do falante em relação ao que é dito, bem como a atitude de outrem, mas que o falante insere, por alguma razão, no que diz.

Utilizamos o quadro de modalidades abaixo que é um rearranjo das propostas de KOCH (1984: 74-88), GUIMARÃES (1979) e TRAVAGLIA (1981) face aos dados do corpus analisado e sempre em função dos objetivos de análise.

Quadro 3
Modalidades

Imperativas	Obrigaçã	
	Permissã	
	Ordem	Positiva
		Negativa
	Proibiçã	
	Prescriçã	
Deônticas	Obrigatoriedade	
	Permissibilidade	
Volitiva	Volição	
Aléticas	Necessidade	
	Possibilidade	
Epistêmicas	Certeza	
	Probabilidade	
Ausência de modalidade		

As modalidades imperativas marcam que o falante vê o que diz como algo cuja realização ou não por outrem ou por ele mesmo é algo que ele pode determinar. Ele encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder. Na obrigaçã, ordem e proibiçã há uma determinaçã para

que a situação seja realizada (obrigação, ordem positiva) ou não (proibição, ordem negativa). A ordem é neutra quanto à postura anterior do alocutório, isto é, não há em sua definição nenhum traço quanto à atitude do alocutório sobre a realização da situação, o que se tem é apenas a determinação pelo locutor de que o alocutório (que pode incluir o locutor) realize (ordem positiva) ou não (ordem negativa) a situação. No caso da **ordem negativa** há uma pressuposição, por parte do locutor, de que o alocutório tem intenção de realizar a situação, o que motiva essa ordem.⁹⁷ A **proibição** é diferente da ordem negativa, pois em sua definição há o traço de que o alocutório explicitou sua intenção de realizar a situação e seu empenho neste sentido. Já na **obrigação**, o traço que aparece é de que o alocutório pretende ou prefere não realizar a situação, apesar da determinação exterior a ele (normalmente do locutor) para que a realize. Portanto a obrigação e a proibição se caracterizam por uma postura do alocutório quanto à realização da situação: na obrigação ele se recusa a realizá-la e na proibição ele se empenha na sua realização. Na **permissão**, o alocutório quer realizar a situação e o locutor determina a possibilidade. A determinação da não possibilidade é a não permissão ou um tipo de proibição. Na **prescrição**, o locutor determina a realização de situações por se ver e se apresentar como sabendo mais do que o alocutório. Daí a prescrição aparecer nos conselhos e em textos em que se ensina a fazer (receitas, manuais de instrução, etc.). Nas modalidades imperativas, a determinação para realizar a situação é externa a quem vai executá-la. Veja exemplos (36) a (40).

(36) Eu te **obrigo** a me ajudar. (obrigação)

(37) a - Eu **permito** que você o veja por cinco minutos.

97 - Cf. WEINRICH (1981: 146).

(permissão).

b - Papai deixou-nos ir ao cinema. (permissão relatada).

(38) a - Joãozinho, venha aqui agora! Já! (ordem positiva)

b - Não ponha isto aí! Já disse! (ordem negativa).

(39) Eu te proíbo encontrar-se com esse rapaz. (proibição)

(40) a - Tome três comprimidos por dia. (prescrição)

b - Bata os ovos até o ponto de neve, misture na massa e ponha assar. (prescrição)

c - Não faça isto porque você pode ter problemas. (prescrição: conselho)

As modalidades deônticas têm a ver com a moral, o tratado dos deveres, das normas de conduta. Veja exemplos (41) e (42). Aqui a determinação de realização é apresentada como intrínseca à própria situação, como uma característica ou atributo dela. A ênfase é no que executar e não no executante.

(41) É obrigatório o uso de crachá nas dependências da fábrica. (obrigatoriedade).

(42) a - É permitido fumar. (permissibilidade)

b - É proibido fumar neste recinto. (não permissibilidade).

Na modalidade volitiva, a "determinação" de realização da situação é interior ao locutor, originada em sua vontade, desejo, portanto em sua emotividade ou em elementos profundos da psiquê que cabe mais à psicanálise determinar. Veja exemplos em (43). A volição inclui a opção e a intenção.

(43) a - Quero muito ir a sua casa. (volição)

b - Que ele seja bem sucedido em seu novo trabalho ! (volição: opção).

c - hei de ajudar meus irmãos. (volição: intenção).

As modalidades aléticas referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação como algo possível, viável (possibilidade) (V. exemplos de 44) ou necessário, ou seja, co

mo algo essencial, indispensável, inevitável (necessidade) (V. exemplos de 45).

- (44) a - Infelizmente não posso ajudá-lo neste caso.
 b - "...o menor erro de cálculo pode colocar suas câmaras apontando para o espaço vazio. (texto nº 43)
 c - É possível tirar esta mancha?
- (45) a - Eu preciso falar com seu irmão.
 b - É necessário estar bem consigo mesmo.
 c - É preciso limpar o ferimento todos os dias.
 d - "Antes de executar cada passo do programa eles precisam receber instruções completas do controle da missão". (texto nº 43).
 e - Para vencer a inflação é preciso atacar todas as causas e não apenas uma.

As modalidades aléticas podem aparecer combinadas às epistêmicas, como se pode ver pelos exemplos (46). Em (46a) o locutor toma a possibilidade como certa e em (46b) como provável.

- (46) a - Com esses recursos é possível resolver o problema. (possibilidade + certeza)
 b - Com esses recursos seria possível (talvez seja possível) resolver o problema. (possibilidade + probabilidade).

A necessidade é uma modalidade que pode criar uma implicação de obrigatoriedade de realização, o que explicará sua ocorrência na injunção. Às vezes ela é quase deontica como em (45b).

As modalidades epistêmicas têm a ver com "o comprometimento do falante a respeito do status factual do que ele está dizendo"⁹⁸, elas revelam "a crença do locutor na verdade do que diz, no momento da enunciação".⁹⁹ Se ele acredita na verda

98 - LYONS (1969: 307) apud KALMÁR (1982: 46).

99 - GUIMARÃES (1979: 67).

de, temos a certeza; se ele duvida da verdade, temos a probabilidade. É por isto que esta última inclui coisas como hipótese e dúvida. Veja exemplos (47) e (48).

- (47) a - João **veio** aqui ontem e **levou** seu livro. (certeza)
 b - Ela **tem** 30 anos. (certeza)
- (48) a - **Talvez** João **tenha vindo** aqui ontem e **levado** seu livro. (probabilidade)
 b - Ela **teria** uns 30 anos. (probabilidade)
 c - **É provável** que José chegue hoje do exterior.

A certeza é a modalidade do saber e a probabilidade a modalidade do crer.¹⁰⁰

Como se pode ver pela caracterização das modalidades, elas se organizam em dois grandes grupos: de um lado as imperativas, as deonticas e a volitiva que têm a ver com a determinação de realização da situação, e de outro lado as epistêmicas e as aléticas que têm a ver com a própria realização da situação: a crença ou não do locutor na sua verdade (epistêmicas) e sua possibilidade ou necessidade (aléticas).

As modalidades podem ser expressas por uma série de recursos lingüísticos: a) por verbos performativos: ordenar, proibir, permitir, obrigar, etc.; b) por auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar, ter + que, haver + de, deixar, necessitar, desejar, etc.; c) por predicados do tipo "é + adjetivo", que contituem o que chamamos de "expressões" (Cf. 3.2.3), algumas mais cristalizadas outras menos: é certo, é preciso, é possível, é necessário, é provável, é permitido, é obrigatório, etc.; d) por advérbios: talvez, provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente, etc.; e) por modos e tempos verbais: imperativo (modalidades imperativas), indicativo (certeza), subjuntivo (probabilidade, possibilidade); por

100 - Sobre as modalidades do saber e do crer, V. KOCH (1984: 81-85), quando comenta colocações de Alexandrescu (1966).

usos modais de alguns tempos flexionais (V. 3.3.2); f) por **ver** **bos de atitude proposicional**: eu creio, eu sei, eu duvido, eu penso, etc.; g) pela **entonação**: que permite distinguir uma ordem de uma prescrição, conselho ou pedido, por exemplo; h) pelo **sufixo "-VEL"**, formador de adjetivos, usados com o verbo ser no presente do indicativo, equivalendo ao auxiliar modal "poder": Este som é audível a dezenas de quilômetros/Este som **po** **de** ser ouvido a dezenas de quilômetros. Embora bastante completa, esta lista de modalizadores não pretende ser exaustiva.

3.3.5 - Voz

A **voz** é a categoria verbal através da qual se marca a relação entre o verbo e seu sujeito, que pode ser de atividade, passividade ou ambas. Em nosso estudo consideramos a distinção de quatro vozes verbais: a **ativa**, a **passiva**, a **reflexiva** e a **medial**, embora se possa considerar a reflexiva como um tipo de medial.¹⁰¹

Temos **voz ativa** quando a relação entre o sujeito e o verbo é de atividade, ou seja, o sujeito é agente. (Exemplo 49). Na **voz passiva**, a relação é de passividade porque o sujeito é, efetivamente, o objeto, o paciente do processo indicado pelo verbo (Exemplos 50). Na **voz reflexiva**, o sujeito é ao mesmo tempo o agente e o objeto do processo expresso pelo verbo. Normalmente se distingue uma **reflexiva recíproca** em que há uma espécie de reflexividade cruzada, porque o sujeito plural ou composto se desdobra em dois agentes que atuam um sobre o outro (exemplos 51). Na **voz medial**, como diz CÂMARA JR. (1970: 257 - 258), a noção gramatical "é a de uma integração do sujeito na ação que dele parte; ou em outros termos, a pessoa do sujeito, sob o aspecto de pronome adverbial átono incorporado no verbo,

101 - V. CÂMARA JR. (1970), DUBOIS et al. (1978), JOTA (1981).

reaparece no predicado como - 1) o objeto de uma ação verbal transitiva, que parte dêle (medial REFLEXIVA), 2) o centro de uma ação verbal transitiva, que parte dele mas não sai do seu âmbito, eliminando-se assim o objeto sôbre que ela recairia (medial dinâmica) (Exemplo 52a), 3) o centro de uma ação verbal intransitiva, que dessa maneira fica mais intensamente relacionada ao sujeito de que parte (medial expletiva)" (Exemplo 52b). Considera-se também uma medial pronominal que ocorreria com os chamados verbos essencialmente pronominais em que o pronome que acompanha o verbo é dito fossilizado e considerado como parte do lexema verbal (Exemplo 52c).

(49) O urologista espanhol Aurelio Uson **desenhou, patenteou** e agora **começará a testar** em animais o mais novo contraceptivo masculino: o Dioid...." (texto nº 36).

(50) a - ".....o Dioid é **introduzido** nos canais deferentes do pênis -" (texto nº 36)

b - Antônio foi **convidado** pelo Reitor da UFU para **fazer** uma série de conferências em agosto.

c - Não se **encontram** mais frutas silvestres nesta região.

(51) a - O rapaz se **feriu** para **incriminar** o colega. (reflexiva).

b - Paulo e Maria se **amam** de forma madura. (reflexiva recíproca)

(52) a - Eu **me levantei** emocionado quando ela entrou (medial dinâmica).

b - Ela se **ria** das tolices do namorado.

João se **foi** sem dar explicações. (medial expletiva).

c - A mulher se **queixou** ao síndico.

Ele se **atreveu** a desafiar-me. (medial pronominal)

3.3.6 - Pessoa

A pessoa gramatical é a categoria através da qual se marca, se faz referência, se indica, na enunciação lingüística,

(a) os participantes da interação verbal: o(s) locutor (es) (1ª pessoa); o(s) alocutório(s) (2ª pessoa) e tudo o que é distinto de ambos (3ª pessoa). Como se vê, cada pessoa "é suscetível de um plural, quando o falante - a) se incorpora numa pluralidade; b) se dirige a uma pluralidade; c) se refere a uma pluralidade distinta de si próprio e do ouvinte".¹⁰² Tem-se considerado a partir de BENVENISTE (1976), a primeira e segunda pessoas como pessoas propriamente ditas em oposição à terceira que seria a não pessoa. As pessoas gramaticais são expressas em Português por desinências número-pessoais na flexão verbal e/ou pelos chamados pronomes pessoais entre os quais se incluem os chamados possessivos. Achamos desnecessário dar exemplos.

* * *

Neste capítulo e nos dois anteriores propusemos os fundamentos teóricos que servem de base para o estudo dos fatos de uso do verbo (suas formas e categorias) que expomos no capítulo 4, e que constituem, a nosso ver, o objeto de um estudo textual-discursivo desta classe de palavras.

102 - CÂMARA JR. (1970: 304).

PARTE 2

FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO

CAPÍTULO 4

FENÔMENOS DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO

4.1 - PRELIMINARES

Neste capítulo buscamos expor nossa proposta do que deve constituir o estudo textual-discursivo do verbo, configurado pela hipótese e objetivos arrolados na introdução, nossa proposta do que se deve observar para fazer um estudo sobre o verbo que se enquadre dentro da perspectiva textual-discursiva que esboçamos. Evidentemente, os pontos que aqui vamos elencar (como objeto de estudo textual-discursivo do verbo) representam os fatos textuais-discursivos do uso das formas e categorias verbais que pudemos levantar não excluindo, pois, a possibilidade de detecção e inclusão de outros, sobretudo se se pensar no detalhamento de alguns tipos de fatos expostos em 4.2 e 4.3.

Consideramos que um fato tem algum papel no estabelecimento da textualidade, na constituição discursiva de um texto, quando ele se liga, de algum modo, a qualquer um dos elementos definidores da coerência, a qualquer um dos fatores de textualidade, inclusive a coesão. Utilizando esta perspectiva para a determinação do caráter textual-discursivo dos fatos, consideramos que um uso do verbo é um fato com natureza textual-discursiva se ele depende de, ou é regulado ou determinado por, um dos seguintes fatores:

- 1) constituição do texto enquanto tal:

- a) construção do texto para além da frase;¹⁰³
- b) estruturação do texto enquanto tal, independente de sua dimensão;¹⁰⁴

2) relação e interação entre os interlocutores (produtores e recebedores dos textos) em uma situação de comunicação, podendo o fato textual-discursivo no uso do verbo resultar:

- a) de determinações sócio-históricas em formações discursivas que podem ou não ser explicitadas em regras e convenções de comportamento e relacionamento social no uso da língua;

- b) das intenções dos usuários da língua, o que resulta em todos os fatos de argumentação;

- c) das imagens que os interlocutores fazem de si, do outro, do assunto, do objeto do dizer; e das imagens que eles julgam que os outros fazem de si, do outro, do assunto, do objeto do dizer;

- d) da relação pessoal entre produtor e recebedor do texto.

A consideração do fator 2d acima é apresentada como hipótese de trabalho, mas achamos que este fator é pouco produtivo, pois as regularidades surgidas dele provavelmente terão explicação em termos dos fatores 2a, b, c. Por exemplo, em termos de relações do tipo patrão X empregado, pais X filhos, professor X aluno, etc., já marcadas como lugares sociais ou posições de sujeito em formações discursivas bem estabelecidas.

Em 4.2 e 4.3 trataremos dos fatos do funcionamento textual-discursivo dos verbos (suas formas e categorias) ligados a cada um dos grupos de fatores acima.

103 - É o caso, por exemplo, dos fenômenos de continuidade.

104 - Por exemplo, qualquer uso que se ligue à superestrutura de algum tipo de texto.

Os fatos arrolados deverão ser objeto de estudo em nosso trabalho, enquanto funções do verbo, suas formas e categorias. Ao dizer isto, estamos levantando a hipótese de que é possível que estas funções, ou pelo menos algumas, sejam exercidas também por outros elementos da língua. Isto ficará bem evidenciado no capítulo 5, quando falamos do seqüenciamento ou ordenamento temporal das situações no texto, pois ao estudar este fato tivemos de ver como o verbo interagiu com outros elementos nesta função textual.

Como nosso estudo se propõe ser essencialmente lingüístico, buscamos seguir no tratamento dos usos do verbo o que propõe CHAROLLES (1987) como tarefa da Lingüística Textual no sentido específico proposto em 1.2.

Também é interessante lembrar, sobretudo no estudo dos fenômenos de continuidade, as colocações de WEINRICH (1981: cap.VII) sobre transições, vistas como a passagem de um "signo" de um subsistema da língua a outro "signo" do mesmo subsistema (no caso interessa-nos o verbo: suas formas e categorias). Segundo ele, há uma tendência para transições homogêneas (passagem de um signo para outro da mesma natureza e tipo) que em seu conjunto constituiriam a textualidade de um texto (para nós seqüência lingüística) e em sua proeminência caracterizariam tipos de textos.

4.2 - FATOS DEVIDOS À CONSTRUÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO

Dentre os fatos devidos à construção e estruturação do texto temos:

4.2.1 - Fenômenos de continuidade

Por continuidade entende-se a permanência de qualquer elemento ou a seqüência de elementos do mesmo tipo (aqui,

formas e categorias verbais) no texto como um todo ou em partes dele.

4.2.1.1 - O seqüenciamento ou ordenação temporal das situações que pode ser de dois tipos: a) a indicação da ordem cronológica de realização das situações no mundo real, ou seja, a ordenação no tempo referencial; b) a ordem em que as situações se apresentam na linearidade do texto, ou seja, no que chamamos de tempo do texto (V. nota 72 e capítulo 5). Pode-se estudar cada um desses tipos de ordenação em si e ainda a interrelação entre eles.

Embora seja possível estudar a ordenação temporal nos quatro tipos de textos (descrições, dissertações, narrações e injunções) que tomamos como base para nosso estudo, todos os estudos que encontramos sobre o assunto tratam da ordenação no tempo referencial e somente para a narração.

Assim COOPER (1986), utilizando a semântica de situação de Barwise e Perry (1981, 1983), com suas locações espaço-tempo, trata dos usos do presente do indicativo no inglês e da progressão do tempo no discurso (o que chamamos aqui de texto) narrativo. Para ele o tempo progride quando os acontecimentos (events) são vistos como seqüentes (ordenados). Isto ocorre se os verbos são dos tipos denominados "accomplishments" e "achievements"¹⁰⁵. Para ele, além do tipo de verbo, o conhecimento de

105 - COOPER (1986), como outros autores que citaremos, utiliza a classificação de VENDLER (1967). Abaixo estabelecemos uma equivalência entre a classificação dos tipos de situação porpostas por VENDLER e a classificação que fizemos no capítulo 3 de TRAVAGLIA (1981) e, para uniformização, utilizaremos sempre nossa terminologia.

VENDLER	TRAVAGLIA
a) States	a) Estados, incluídos no que chamamos de situação estática.
b) Activities	b) Processos (situações dinâmicas durativas) atêlicos.
c) Accomplishments	c) Processos têlicos.
d) Achievements	d) Eventos (situações dinâmicas pontuais) .

Para Vendler os "achievements" são eventos têlicos. Preferimos falar só em eventos, já que não encontramos, no Português, eventos atêlicos.

mundo também atua na ordenação cronológica dos acontecimentos.

Para DOWTY (1986) as relações temporais inter-sentenças (ordenação) do discurso¹⁰⁶ narrativo em inglês são função de ou são determinadas por três fatores:

A) a análise da classe aspectual das sentenças como um todo. Para ele a classe aspectual é um dos quatro tipos de situações propostas por Vendler (v. nota 105, p.91), portanto algo diferente do que consideramos como aspecto (Cf. capítulo 3);

B) um princípio de interpretação das sentenças sucessivas no discurso narrativo que não faz referência à classe aspectual das sentenças envolvidas segundo o qual:

"Dada uma seqüência de sentenças S_1, S_2, \dots, S_n , para que ela seja interpretada como um discurso narrativo, o tempo de referência de cada sentença S_i (de tal modo que $1 < i < n$) deve ser interpretado:

a) como um tempo consistente com os adverbiais de tempo definidos em S_i , se houver algum;

b) por outro lado, como um tempo que segue imediatamente o tempo de referência da sentença prévia S_{i-1} " (pág. 45).

C) uma boa dose das implicaturas convercionais de Grice e outras informações pragmáticas e de raciocínio de "senso comum" baseado no conhecimento de mundo do ouvinte.

Para DOWTY, o "princípio de interpretação temporal do discurso" dado em B acima pode não operar em função da presença de advérbios temporais, do conhecimento do mundo real, quando se tem sentenças que falam do mesmo acontecimento, quando as sentenças expressam acontecimentos simultâneos, ou então expressam sub-acontecimentos de outro dado anteriormente.

106 - DOWTY (1986), assim como outros autores, utiliza o termo discurso para se referir ao que definimos no capítulo 1 como texto.

Quando o princípio opera, tem-se o seguinte: a) se uma sentença narrativa contém um predicado de processo télico ou um evento, e nenhum advérbio de tempo definido, aquela sentença é entendida como descrevendo um acontecimento que ocorre depois do acontecimento da sentença anterior (o teórico da literatura diria que o tempo da narrativa "move-se para frente" na segunda sentença); b) se a segunda sentença tem um predicado de situação estática (stative) ou de processo atélico, este é entendido como sobrepondo-se ao da primeira sentença, o que ocorre também com o verbo no "progressivo" independente do tipo do verbo.

DOWTY (1986) refer-se à proposta de KAMP (1979 e 1982) em que ele propõe que a relação temporal inter-sentenças (ordenação) no francês é função dos tempos (tenses) da seguinte forma: se a sentença tem o verbo no "passé simple", o acontecimento expresso é visto como seguindo o precedente; se o verbo está no "imparfait", é visto como sobrepondo-se ao acontecimento da sentença precedente.

HINRICHS (1986), em seu artigo sobre anáfora temporal, adotando a proposta de KAMP (1979), assinala que a ordem temporal dos acontecimentos na narrativa em Inglês não pode contradizer a ordem das sentenças se se tem uma seqüência de sentenças com o verbo no "past tense". Para ele, depende das "aktion-sarten" do verbo (se ele exprime um estado, um processo télico, um processo atélico ou um evento) se o acontecimento segue, precede ou se sobrepõe a outro. Assim, com verbos no "past tense" temos: a) se nas duas sentenças temos processos télicos ou eventos, os acontecimentos se sucedem; b) os acontecimentos se sobrepõem, se nas duas sentenças tivermos estados ou processos atélicos ou se em uma tivermos estados ou processos atélicos e na outra processos télicos ou eventos; c) se os estados e pro-

cessos atêlicos forem referidos a pontos de referência em sucessão, eles são interpretados como estando em sucessão. Verbos no progressivo se comportam como os estados e processos atêlicos. HINRICHS apresenta ainda uma proposta de ordenação de acontecimentos ligados por "when" (quando), que obedeceria ao seguinte princípio básico: a oração com "when" introduz um novo ponto de referência que é ordenado depois dos acontecimentos descritos no discurso precedente. HINRICHS sugere que o papel dos tempos verbais na ordenação se conjuga com a atuação de conjunções e adjuntos adverbiais de tempo.

Para NERBONNE (1986), a ordenação das situações depende dos tempos verbais (tenses) das frases de uma seqüência narrativa, porque eles se referem a uma seqüência temporalmente ordenada de tempos ("times") de momentos.

HOPPER (1986) trabalha com seqüenciamento e não-seqüenciamento na língua malaia, dizendo que na narração o seqüenciamento cronológico é feito por verbos no aspecto perfectivo e o não seqüenciamento é dado por verbos de estado ou verbos no aspecto durativo. Já na narração em língua russa, o aspecto perfectivo daria ações seqüenciadas no tempo e o imperfectivo ações não seqüenciadas. O seqüenciamento (perfectivo passado) e o não seqüenciamento (imperfectivo) de acontecimentos seria o valor discursivo básico do aspecto em algum sentido universal, do qual seriam derivados e gramaticalizados outros valores, (v. quadro 4). Relacionando o seqüenciamento com os tipos de situação afirma que "eventos" são seqüenciáveis enquanto "estados", "processos em andamento" e "eventos repetidos" não são ordenáveis em seqüência.

RAFFERTY (1982), tratando da codificação dos aspectos perfectivo e imperfectivo no Indonésio, observa que, na narração, o perfectivo (os DI-verbos) cria seqüências de acontecimento

Quadro 4

Aspecto	Função discursiva central	Função semântica gramaticalizada adicional
Perfectivo passado	Seqüenciar eventos	Valor aditivo: - sucesso dos eventos - completamento da ação
Imperfectivo	- Eventos não seqüenciados; estados; processos em andamento - Nenhum próximo evento asseverado ou implicado	- Valor conativo (= tentar) Ex.: Estou resolvendo o problema. - Valor de fato em direção ao qual os eventos estão se dirigindo. Ex.: Estamos explodindo a ponte. - Evento sem sucesso. - Ação de fim aberto (= não terminada).

tos e, na conversação e no drama, só cria seqüências curtas de acontecimentos. O imperfectivo (os NG-verbos) marca a simultaneidade na narração.

4.2.1.2 - O seqüenciamento ou ordenação das fases ou etapas de uma situação nos diferentes tipos de textos. Não encontramos estudos sobre este fato nem em línguas estrangeiras nem no Português. Ver capítulo 5.

4.2.1.3 - O seqüenciamento ou ordenação de tipos de situações. Aqui propomos a possibilidade de existência de seqüências do tipo exemplificado em (53), que seriam manifestações do mecanismo de coesão seqüencial por progressão com manutenção temática.

(53) a - situação (pontual) inceptiva → processo → situação (pontual) terminativa.¹⁰⁷

Exs: a.1 - partir → ir/vir → chegar

a.2 - decolar (inceptiva) → voar → aterrissar (terminativa) (pode intercambiar termos com a.1).

b - mudança de estado → estado.

Ex: engordar → estar gordo

c - estado → mudança de estado → (novo estado)

Ex: estar calmo → ficar nervoso → (estar nervoso).

107 - Para os tipos de situação v. capítulo 3 e TRAVAGLIA (1981).

d - processo → situação (pontual) terminativa

Ex: procurar → achar.

O estudo deste tipo de seqüenciamento consistiria, pelo menos, da verificação do uso efetivo de tais seqüências, na construção de textos, através de um levantamento estatístico da ocorrência ou não de tais seqüências face às oportunidades de aparecimento das mesmas pela presença de um de seus membros. Parece ser pertinente fazer tal verificação para diferentes tipos de textos.

É óbvio que seqüenciamentos de situações do tipo dos de (53) podem ser usados como uma estratégia auxiliar no tipo de ordenação temporal levantado em 4.2.1.1.

Como ordenadores e seqüenciadores de um modo geral os verbos (suas formas e categorias) seriam recursos de coesão seqüencial por progressão.

4.2.1.4 - Continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual. A literatura sobre tipologia textual, ao buscar a caracterização dos tipos, tem sugerido a existência de continuidades dessa natureza, tais como a predominância de verbos de estado nas descrições e a predominância de verbos de situação dinâmica na narração. Pode-se verificar a realidade de existência dessas continuidades e seu uso efetivo e, naturalmente, pesquisar a existência de outras continuidades dessa natureza nesses tipos de textos e em outros, dando-lhes também um tratamento quantitativo.

Exceto as referências a esse tipo de continuidade em estudos de tipologia, não encontramos estudos que tratassem da continuidade de tipos de verbos e situações.

4.2.1.5 - Continuidade de formas e categorias verbais (aspecto, modo, pessoa, tempo, voz) no texto como um todo, em relação

com os tipos de texto. Aqui pode-se verificar se há correlações entre tipos de textos e formas e categorias verbais. Assim, por exemplo, a literatura lingüística tradicionalmente identifica o presente do indicativo à descrição e à dissertação; o pretérito imperfeito, à descrição e os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo à narração.

Quando WEINRICH (1981: capítulo VII) propõe o conceito de transição e a existência de transições homogêneas (de um elemento para outro do mesmo tipo) e heterogêneas (de um elemento de um tipo para um elemento de outro tipo), estabelecendo a predominância de transições homogêneas com relação aos vários elementos estudados (conjunções, preposições, artigos), inclusive os tempos verbais — com relação ao que ele definiu em WEINRICH (1968) como atitudes comunicativas (narrativa, comentário) e como perspectiva comunicativa (retrospectiva, prospectiva e grau zero) — ele estava de certa forma definindo a existência da continuidade, inclusive no plano gramatical. Isto vem configurar que a continuidade proposta em termos semânticos (continuidade de sentidos) por BEAUGRANDE e DRESSLER (1981) como fundamento da coerência é algo realmente definidor da coerência, não só no plano semântico, mas também em outros planos da língua.

Quando WEINRICH (1968) dividiu os tempos verbais em tempos do mundo narrado e tempos do mundo comentado também estabeleceu continuidade dos tempos verbais com referência à atitude comunicativa para vários tipos de texto.

KOCH (1988 e 1989: 53, 54) inclui os aspectos e tempos verbais entre os recursos de coesão seqüencial por recorrência através das transições homogêneas de WEINRICH.

MARCUSCHI (1983: 15) inclui o tempo e o aspecto entre os fatores de conexão seqüencial (coesão) como seqüenciadores,

mas fica apenas no esquema, pois não faz comentários nem dá exemplos de como funcionariam para tal.

LONGO (1987), estudando o valor coesivo do tempo verbal, conclui que este é dado pelo "princípio de permanência que prevê a repetição posicional do MR (momento de referência) em relação ao MF (momento da fala) ao longo do texto", ou seja, haveria continuidade (para ela permanência) do momento de referência (MR); que seria então um recurso coesivo de repetição ou recorrência (dentro do modelo de coesão de HALLIDAY e HASAN-1976, que ela adota e propõe seja reformulado, para poder abrigar elementos gramaticais desse tipo e não apenas elementos lexicais).

As continuidades de todos os tipos, registradas aqui e em 4.2.1.4, podem, normalmente, ser vistas como recursos de coesão seqüencial por recorrência.

4.2.1.6 - **Continuidade temática.** Neste caso, em que o verbo seria um elemento de coesão seqüencial por reiteração (através do uso de sinônimos de um verbo, hipônimos ou hiperônimos dele) ¹⁰⁸ ou de coesão seqüencial por recorrência (repetição do próprio verbo) ou de coesão seqüencial por progressão com manutenção temática, é nossa hipótese que o verbo funciona como outro item lexical qualquer em função do conhecimento de mundo ativado por seu semantema. Assim sendo, não apresenta interesse relativamente ao objeto específico deste estudo.

4.2.1.7 - **Fenômenos de concordância** que têm a ver com a seqüência de categorias e elementos lingüísticos de um modo geral: o quê pode ou tem de vir ao lado do (junto com o) quê na cadeia lingüística. Alguns fenômenos de concordância parece que ficam restritos ao nível da frase, embora possam ter um papel textual

108 - KOCH (1988) e (1989) não propõe coesão seqüencial por reiteração, mas coesão referencial por reiteração. Propomos essa terminologia, para identificar tais mecanismos de coesão envolvendo o verbo, onde parece que não se pode falar propriamente que os componentes da superfície textual remetem a um mesmo referente (coesão referencial).

-discursivo. É o caso, por exemplo, da concordância do verbo com o sujeito. Outros fenômenos ultrapassam o nível da frase, como a "consecutio temporum" se pensarmos, por exemplo, em termos de "tempos verbais" do mundo narrado e do mundo comentado propostos por WEINRICH (1968), que se combinam no texto como um todo. Toda a teoria de WEINRICH se baseia em um fenômeno de concordância de "tempos verbais" que permite dividir esses tempos, conforme a atitude comunicativa, em tempos do mundo comentado e do mundo narrado.

No estudo dos fenômenos de concordância, podemos observar dois tipos de fatos:

a) concordância entre as formas e categorias verbais (tempo, modo, aspecto, etc) dos verbos de orações encadeadas em um período composto e dos verbos de frases encadeadas no texto;

b) concordância entre as formas e categorias verbais e outras classes de palavras ou constituintes da cadeia lingüística, tais como advérbios e adjuntos adverbiais, conjunções, preposições, sujeito, etc.

HINRICHS (1986), falando de anáfora temporal, trata de alguns fatos de concordância para o Inglês. Partindo das idéias de PARTEE (1973) que, segundo ele, vê a anáfora temporal como a dependência semântica entre morfemas temporais (tense morphemes) e advérbios e conjunções temporais, ele discute a possibilidade de anáfora temporal em nove casos (v. 54 abaixo) e termina definindo-a como um uso não dêitico dos morfemas temporais, caracterizado pela sua possibilidade de se relacionar com um ponto de referência independente, dado pelo discurso (Cf. nota 106 p.92). Essa possibilidade de uso anafórico dos morfemas temporais seria compartilhada pelas conjunções temporais e alguns tipos de advérbios.

(54) a - Advérbio de tempo - Morfema temporal.

b - Conjunção temporal - Morfema temporal.

- c - Morfema temporal - Morfema temporal.
- d - Morfema temporal - Advérbio de tempo.
- e - Advérbio de tempo - Advérbio de tempo.
- f - Advérbio de tempo - Conjunção temporal.
- g - Morfema temporal - Conjunção temporal.
- h - Conjunção temporal - Conjunção temporal.
- i - Conjunção temporal - Advérbio de tempo.

No que respeita ao verbo, e nos interessa aqui, ele busca mostrar como advérbios e conjunções podem ou não ocorrer na anáfora temporal, concordando com os morfemas temporais.

Em TRAVAGLIA (1981), registramos alguns casos de concordância entre o aspecto verbal e os adjuntos adverbiais. Comentamos a relação entre aspectos durativo e pontual e adjuntos adverbiais de duração e pontualidade, e entre aspectos imperfectivo e perfectivo e adjuntos adverbiais indicadores de períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos de um lado e períodos de tempo determinados e/ou completos por outro. Outros aspectos também selecionam adjuntos adverbiais, assim o iterativo e o habitual combinam-se com adjuntos adverbiais de frequência, mas o habitual seleciona aqueles que são interpretados com um sentido totalizador ou se aproximam deste (sempre, nunca, quase sempre, normalmente, todas as vezes, aos domingos, etc.) e o iterativo, os demais (várias vezes, três domingos, etc). Mostramos também a relação entre aspectos como o iterativo e a quantificação dos sintagmas nominais sujeito (se o verbo é intransitivo) e o objeto (se o verbo é transitivo): o iterativo exige que estes sintagmas sejam plurais, caso contrário as frases soam inaceitáveis (V. exemplos de 55) (V. TRAVAGLIA - 1981: item 8.2).

- (55) a - Têm nascido muitos filhotes ultimamente.
- b - *Tem nascido um filhote.
- c - Esse menino tem engolido coisas estranhas.
- d - *Esse menino tem engolido uma bolinha de gude.

ILARI (1989) ao tratar da classe de advérbios que ele

chama de aspectuais, trata de vários casos de concordância entre os aspectos e os adjuntos adverbiais. Além disso, apresenta um quadro de adjuntos adverbiais de tempo que têm apenas uso dêitico, apenas uso anafórico e uso dêitico ou anafórico o que vai ter uma certa relação com a anófora temporal de HINRICHS (1986).

FERNANDES JR. (1986) propõe um modelo de descrição pragmática dos verbos nos enunciados dos textos, como uma abordagem do verbo na gramática de texto a que ele denomina cronológica. Sua proposta parece ter aplicações no que diz respeito à concordância de tempos, portanto um fenômeno de continuidade, mas não explica vários fatos que ele tacha de inaceitáveis para validar o modelo, mas que têm uso corrente na língua.

Evidentemente enquadram-se aqui todos os estudos sobre a concordância do verbo em número e pessoa com o sintagma nominal sujeito e que são tradicionalmente tratados sob a designação de concordância verbal.

4.2.1.8 - A **progressão** é entendida como o avanço do assunto ou temática do texto. Assim, por exemplo, numa narração, o avanço da história através dos acontecimentos. Em contraposição à progressão temos a **elaboração de um ponto**. Pode-se estudar se ocorre a especialização ou a preferência de formas e categorias do verbo em alguma das duas funções: de fazer progredir o texto ou de elaborar um ponto. Parece, pelo que pudemos observar, que a progressão e a elaboração de um ponto se ligam diretamente a questões de relevância (v. 4.2.2.1 e 4.2.2.2).

KALMÁR (1982) fez um estudo das funções dos modos verbais nos textos narrativos do Inuktitut (apenas do dialeto Iglulingmiut), que ele diz ter limitado apenas aos modos primários, às narrativas e ao dialeto citado, por ser um estudo introdutório. Todavia, acha que os resultados encontrados são válidos ,

com algumas modificações, para outros dialetos esquimós e para outros tipos de texto. Segundo ele, entre outras funções (v. itens 4.2.2.1, 4.2.2.2 e 4.2.2.4), os modos no Inuktitut marcam a progressão (que ele chama de desenvolvimento) e a elaboração de um ponto com a seguinte distribuição:

a) modo MOI("Main, optative, imperative"): desenvolvimento de informações essenciais;

b) modo relativo("relative"): desenvolvimento de informações secundárias;

c) modo aposicional ("appositional"): elaboração de um ponto (com foco nos eventos);

d) modo participial ("participial"): elaboração de um ponto (com foco nos participantes).

Como está tratando da narrativa, diz que "o desenvolvimento é sentido pelo falante como sendo o atributo de proposições que avançam a trama (o enredo) de um ponto para o próximo" (v. p. 57).

RAFFERTY (1982), nos seus estudos sobre o aspecto no Indonésio refere rapidamente que os verbos com DI-(formas perfectivas) avançam a narrativa (p. 74) e à p. 83 registra que o imperativo no drama serve para avançar a história. Também para HOPPER (1982), o perfectivo faz progredir a narrativa.

4.2.1.9 - O uso do verbo como **pró-forma verbal**, ou seja, o seu uso como elemento de coesão referencial por substituição é uma possibilidade prevista em muitos estudos sobre coesão. Com frequência aponta-se o inglês "do" ("did") como exemplo típico de pró-forma verbal (Cf. HALLIDAY e HASAN - 1976: 112-129). No Português, MORAES (1986: 371) e KOCH (1989: 44) referem-se ao uso do verbo "fazer" como uma espécie de pró-forma verbal, mas que se usa sempre acompanhado de um pronome e substituindo todo um

predicado e não só o verbo. KOCH também cita um uso substitutivo do verbo "ser". (v. verbos vicários da gramática tradicional).

4.2.2 - Fenômenos de relevância

4.2.2.1 - Estabelecimento de contraste entre figura e fundo , entre primeiro e segundo planos no texto, como função de formas e categorias verbais. O objetivo aqui é buscar o mecanismo e elementos (formas, categorias) envolvidos nesse contraste que parece estar ligado à relevância temática.

Para a maioria dos autores vistos, o estabelecimento de figura ("foreground") e fundo ("background") é função do aspecto. LI, THOMPSON e THOMPSON (1982) (Mandarim) HOPPER (1982) (Malaio) e RAFFERTY (1982) (Indonésio) afirmam que a figura, o primeiro plano é dado pelas formas verbais do perfectivo e o segundo plano ou fundo é dado pelas formas do imperfectivo. Rafferty diz que a função discursiva do aspecto é estabelecer fundo e figura, e que o perfectivo chama a atenção para pontos importantes na história, drama ou conversação, nos dois últimos marcando o envolvimento emocional, a crença em, o desejo pela ação expressa pelo verbo. FUCHS (1987 e 1987a) afirma que o papel do aspecto é marcar a relevância temática, a relação de uma predicação com um quadro temático compartilhado pelos interlocutores.

WEINRICH (1968) coloca o estabelecimento de figura e fundo como função dos tempos verbais. Função esta que estaria , nas línguas românicas, na base da distinção entre "passé simple" e "imparfait" (Francês), pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo (Português e Espanhol). O pretérito perfeito (e seus correspondentes nas outras línguas) marcariam o primeiro plano e o imperfeito (e seus correspondentes) o segundo plano.

Para KALMÁR (1982), no Inuktitut, a figura e o fundo seriam dados pelos modos: o "MOI" daria a figura, por marcar as

informações essenciais; e o "relativo" daria o fundo, por marcar informações secundárias.

O estabelecimento de figura e fundo foi observado por esses autores sobretudo na narração.

4.2.2.2 - **Organização das informações em termos de informações essenciais e secundárias.** Essa organização pode ser feita pelo verbo, como evidencia o trabalho de KALMÁR (1982). Ele verificou que, no Inuktitut, é o modo verbal que organiza as informações na narrativa, conforme elas sejam essenciais ou secundárias de acordo com o seguinte quadro:

a) **Informação essencial:** modo "MOI" (foco nos acontecimentos);

b) **Informação secundária:** modos "relativo" (foco nos acontecimentos e progressão), "aposicional" (foco nos acontecimentos e elaboração de um ponto), "participial" (foco no resultado que os acontecimentos têm no estado dos participantes da ação e elaboração de um ponto).

Portanto, o que se deve observar aqui é se o verbo, através de suas formas e categorias, tem algum papel nessa organização das informações nos textos em Português. Assim, por exemplo, na narração, as formas e categorias verbais são usadas para distinguir entre fatos importantes ou não para o narrador? Na descrição, fazem alguma indicação das características que o produtor acha fundamentais sejam percebidas pelo receptor? Na dissertação, distinguem entre conceitos, relações, idéias, argumentos, etc. principais e subsidiários? Na injunção, distinguem entre determinações de agir vistas como fundamentais, essenciais ou não?

4.2.2.3 - **Indicação de relevância pragmática de uma situação, de algo no texto (acontecimento, estado, comentário) para a si-**

tução presente (o aqui e o agora) ou para um ponto de referência.

Para os que consideram como aspecto o que chamam de "perfeito" ("perfect" em inglês), essa indicação tem sido considerada uma função do aspecto. O "perfeito" identificaria uma situação do texto como relevante para a situação presente. LI, THOMPSON e THOMPSON (1982) estudam como o "perfect" marcado no Mandarim pela partícula "-LE", que é uma espécie de sufixo, dá a relevância para a situação atual ou para um ponto de referência que pode ser um momento qualquer da narrativa ou o momento da fala.

4.2.2.4 - Os fatos de focalização em que se observaria o relevo, o destaque dado a um tipo de elemento do texto. Os tipos de elementos que podem ser focalizados variam de acordo com o tipo de texto. Assim, na narrativa, onde este tipo de fato parece ser mais plausível poderíamos ter o foco:

- a) no participante e seus estados;
- b) nos acontecimentos;
- c) no próprio falante (narrador).

KALMÁR (1982) levantou o seguinte quadro de focalização:

a) **foco nos acontecimentos:** modos "MOI" (com informação essencial e progressão), relativo (com informação secundária e progressão) e aposicional (com informação secundária e elaboração de um ponto);

b) **foco no resultado que os acontecimentos têm no estado dos participantes da ação:** modo participial (com informação secundária e elaboração de um ponto).

É preciso fazer um estudo sobre os tipos de focalização possíveis em cada tipo de texto. Intuitivamente, é possível pensar em algumas focalizações. Na descrição: foco em características físicas ou foco nas psicológicas; focos em carac

terísticas permanentes ou transitórias. Na dissertação: foco em conceitos, ou em relações; foco em argumentos e não argumentos. Na injunção: foco na ação a executar ou no executante ou no ato de determinar.

Até onde pudemos observar, parece que o Português não marca essas diferentes focalizações, pelo menos através do verbo (suas formas e categorias). As continuidades de pessoa talvez sejam resultado de focalização do produtor do texto nele mesmo (1ª pessoa), no interlocutor (2ª pessoa) ou em algo distinto dos interlocutores (3ª pessoa) (v. item 6.3.4).

No nível da frase, o Português faz focalização de diferentes elementos, valendo-se de entonação ou de recursos sintáticos (topicalização, expletivos), dando relevância e alterando o sentido da frase como um todo. Veja exemplos de (56), onde o negrito marca o termo colocado em relevo pela entonação ou outro recurso.

- (56) a - **João** comeu bolo.
 b - João **comeu** o bolo.
 c - João comeu **o bolo**.
 d - Foi **o bolo** que João comeu.
 e - **O bolo**, João comeu-o.
 f - **João é** que comeu o bolo.

4.2.3 - Fenômenos ligados à organização de situações

Aqui pode-se observar a atuação do verbo no que se refere, por exemplo, à organização de episódios na narração; de conceitos, relações, argumentos, etc. na dissertação; de características na descrição e de determinações na injunção, buscando responder questões tais como:

a) a alternância de formas e/ou categorias verbais tem algum papel na organização de episódios na narrativa?

b) No texto dissertativo, a alternância de formas

e/ou categorias verbais tem algum papel na organização das situações deste texto em termos de conceitos, relações, argumentos, especificações (como a exemplificação), generalizações , etc? Pode-se observar, por exemplo, se há alguma função na alternância, na seleção do presente do indicativo e das formas nominais, constituindo orações reduzidas?

c) As formas e/ou categorias verbais têm algum papel na organização das situações nos diferentes tipos de textos , além dos papéis ligados à relevância (tal como separar informações essenciais de secundárias)?

d) Etc.

WOLFSSON (1979), estudando a alternância do chamado presente histórico com o pretérito perfeito simples em narrativas conversacionais no Inglês americano, conclui que essa alternância tem um caráter discursivo (=textual) com a função de organização da narrativa: a alternância serve para separar episiódios na história, colocando os mais dramáticos para o falante no presente histórico, o que caracteriza subsidiariamente uma função de relevância. Como se pode observar, essa caracterização de maior dramaticidade fica de acordo com o que WEINRICH (1968: 161-164) propõe ao falar das metáforas temporais: o uso do presente do indicativo (tempo do comentário) para narrar "empresta ao relato maior tensão e dramatismo".

4.2.4 - Fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto

Os estudos de teoria literária têm trabalhado neste campo, quando estudam as diferentes características dos textos narrativos em função do ponto de vista do narrador, ou seja , "a posição do narrador quando vai contar a história" segundo PIRES (1981). Este autor diz que o narrador pode assumir uma

posição dentro ou fora dos limites da história. Quando dentro, tem-se o ponto de vista interno, caracterizado pela primeira pessoa: o narrador assume então o ponto de vista do protagonista, de um personagem secundário ou de vários personagens ao mesmo tempo. Quando fora, tem-se o ponto de vista externo, caracterizado pela terceira pessoa: o narrador então pode ser onisciente (quando sabe tudo de todas as personagens até mesmo o que se passa em sua mente, intenções, etc.); limitado (sabe tudo só de um personagem e os demais são vistos apenas a partir da relação com este); testemunhal ou visual em que o narrador narra como apenas um observador dos acontecimentos (Cf. p. 129).

FILLMORE (1981), ao discutir a importância da pragmática para a descrição do discurso em termos de contextualização permitida pelas expressões lingüísticas, para mostrar como o tipo de texto afeta o uso de elementos lingüísticos, inclusive os tempos verbais, utiliza como exemplo justamente um tipo de texto dado pelo ponto de vista do narrador que ele chamou de texto narrativo onisciente seletivo. Temos então a discussão de fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto.

SMITH (1986), ao fazer uma abordagem do aspecto baseada no falante, tomando dados do Inglês e do Francês, propõe que a escolha aspectual pelo falante marca o ponto de vista do qual uma situação é apresentada. Assim, o aspecto da frase apresenta uma situação de um certo ponto de vista através : a) da situação tipo (evento, processo télico ou atélico, estados) que dá o que ela chamou de "aspecto de situação" ("situation aspect"); b) da perspectiva que dá o que ela chamou de "aspecto de ponto de vista" ("viewpoint aspect"), configurando a distinção perfectivo e imperfectivo, que, no Inglês se mani-

festaria através do que ela chamou de aspecto simples e progressivo respectivamente. O ponto de vista do perfectivo é apresentar a situação como um todo e do imperfectivo é apresentá-la não de modo global, gerando valores como os de situação em andamento e continuidade entre outros.

4.2.5 - Fenômenos ligados à relação entre "tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais" e "superestruturas textuais"

Os fatos a serem estudados aqui mantêm uma relação com as continuidades que registramos em 4.2.1.4 e sobretudo com as registradas em 4.2.1.5, porque, quase sempre, essa continuidade vai ser afetada pela composição dos tipos básicos (narração, descrição, dissertação e injunção) para constituir diferentes partes de textos, tais como propagandas, receitas, romances, contos, novelas, etc.

BASTOS (1985: 74 e ss.) ensaia um relacionamento entre os tempos verbais (o que chamamos de formas verbais) e as partes da narrativa (passada), fazendo uma lista dos tempos verbais que aparecem em cada parte, mas sem procurar explicar o porquê da correlação, talvez porque seu objetivo primeiro não era este, mas estudar coesão e coerência nas narrativas escolares escritas e as transições homogêneas ou heterogêneas entre as partes em termos de WEINRICH (1981) com objetivos pedagógicos. Ela estabelece as seguintes relações:

a) **resumo**¹⁰⁸: presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo;

b) **estado inicial**: sobretudo o pretérito imperfeito do indicativo, mas também o pretérito perfeito do indicativo e

108 - As partes da narrativa que BASTOS (1985) considera são um elenco derivado das propostas de LABOV e WALETZKY (1967), LABOV (1972) e LARIVAILLE (1974).

o presente do indicativo;

c) **orientação**: sobretudo o pretérito imperfeito do indicativo, mas também o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo que aqui apareceria mais que no estado inicial;

d) **transformações** (complicação, resolução): sobretudo o pretérito perfeito do indicativo.

CASTRO (1980), estudando os tempos verbais na narrativa oral e utilizando a proposta de partes da narrativa oral de LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972), dá um tratamento quantitativo ao problema, chegando ao quadro reproduzido como quadro 5 abaixo, a partir do qual conclui que "o pretérito perfeito do indicativo pode ser considerado o tempo verbal básico ou característico da narrativa oral, uma vez que é o tempo típico da complicação e da resolução, seções essenciais do discurso narrativo. É ainda o tempo típico do resumo, seção que sintetiza o relato. O pretérito imperfeito do indicativo (e incluem-se aqui as perífrases do imperfeito estar + gerúndio e ter + participípio) pode ser identificado como o tempo característico da orientação. Já o presente do indicativo é o tempo da coda, seção que marca o retorno do discurso para a perspectiva da atualidade da enunciação (p. 82). A autora trabalha apenas com a narrativa passada.

WEINRICH (1968) diz que o pretérito imperfeito predomina na introdução e na conclusão dos textos narrativos das línguas que estudou, sobretudo o Francês.

Não encontramos estudos que vissem a relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais relativamente a outros tipos de textos. Pode-se, é evidente, estudar essa relação nos grandes tipos textuais bem como nos seus subtipos.

Quadro 5

Ocorrência dos tempos verbais nas narrativas

	Perfeito	Imperfeito	Presente	Futuro do Pretérito
Sumário	74 %	12 %	14 %	—
Orientação	9,6%	73,1%	17,2%	—
Complicação e Resolução	96,5%	2,5%	0,9%	—
Avaliação	45,2%	39,3%	14,9%	0,4%
Coda	16,9%	12,3%	70,7%	—
TOTAL	66,6%	20,9%	12,2%	0,1%

(CASTRO - 1980: 96)

4.2.6 - Fenômenos ligados à informatividade, à estrutura informacional do texto

Neste caso deve-se observar se o verbo, de algum modo, atua na marcação da oposição dado/novo, caracterizando, assim, a distribuição da informação dentro do texto.

É nossa hipótese que as categorias e formas verbais no Português não têm qualquer papel na marcação da distinção dado/novo. Informacionalmente parece que só têm atuação em fenômenos como o de relevância especificado em 4.2.2.2, ou seja, organização das informações em essenciais e secundárias.

4.3 - FATOS DEVIDOS À RELAÇÃO E À INTERAÇÃO ENTRE OS INTERLOCUTORES (PRODUTORES E RECEPTORES DOS TEXTOS) EM UMA SITUAÇÃO

Entre esse fatos podemos incluir:

4.3.1 Fenômenos ligados à argumentação

Entende-se aqui a argumentação como intencionalidade em um sentido amplo, ou seja, abrangendo todas maneiras como

produtores usam textos e os elementos que os constituem para perseguir e realizar suas intenções e objetivos, construindo textos adequados à obtenção dos efeitos desejados pela utilização de marcas ou pistas que orientam os enunciados no sentido de determinadas conclusões.¹¹⁰ Vista dessa forma, a argumentação é o fator básico da textualidade e faz uso de qualquer forma e categoria verbal, dentro de qualquer fenômeno devido à estruturação do texto e à interação entre os interlocutores. Pode-se, pois, propor a hipótese de que todos os fenômenos de uso do verbo, arrolados neste capítulo ou não, têm sempre uma dimensão argumentativa. Assim, deve-se estar atento a esta dimensão em cada fenômeno com vistas a detectar e estabelecer regularidades argumentativas de caráter geral em termos de valores básicos dos quais podem derivar usos e valores particulares. Dessa forma, sempre que o estudo oportunizar, faremos comentários que explicitem a dimensão argumentativa.

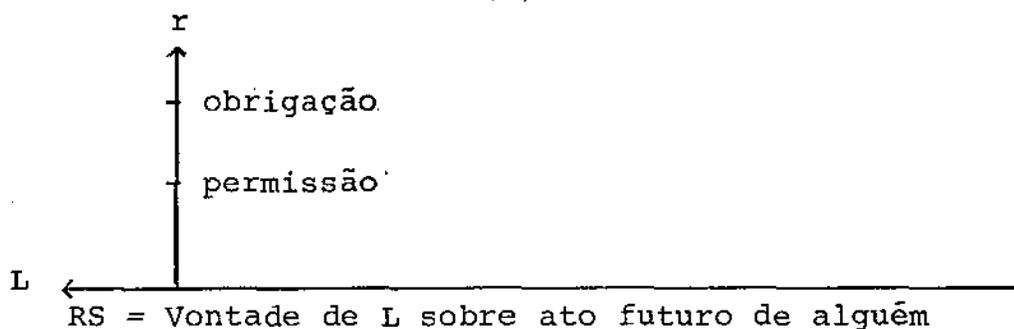
GUIMARÃES (1979), estudando a modalidade e a argumentação lingüística através da análise de enunciados modalizados em Língua Portuguesa, inclusive no passado, demonstra que as modalidades são ilocucionais e apresentam uma orientação argumentativa, organizando-se em escalas argumentativas (Cf. pp. 57 e ss. e 66 e ss.) que se integram numa estrutura mais ampla dada pelo que o autor chamou de requisito de sinceridade (RS). Constrói, assim, um modelo para análise semântica das modalidades em que ele propõe que a consideração do sentido pode ou deve ser feita em dois momentos, e que ela precisa ter um caráter intencional. Afirma ainda que se pode concluir que: "o sentido dos enunciados é função das intenções que o destinatário considera que o locutor tem quando os profere" (Cf. pp. XVIII e XIX).

110 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

As páginas 66 e 67 apresenta as seguintes escalas argumentativas:

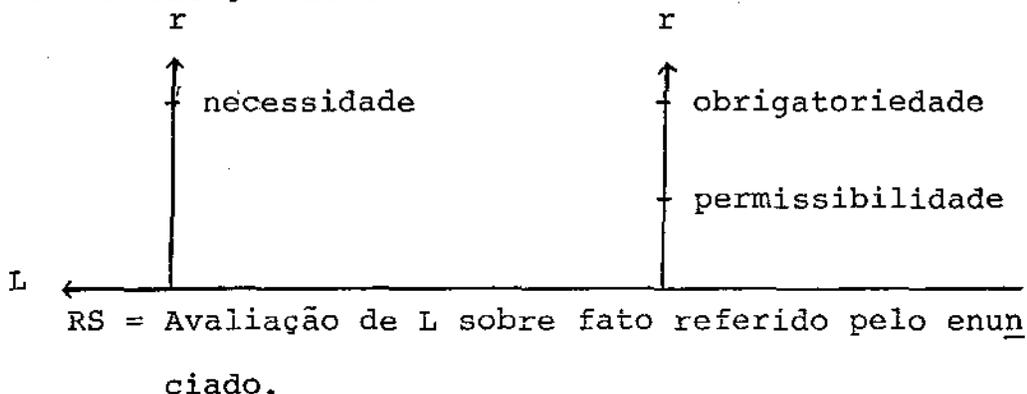
A) Exercitivas

RS = Vontade do locutor (L)



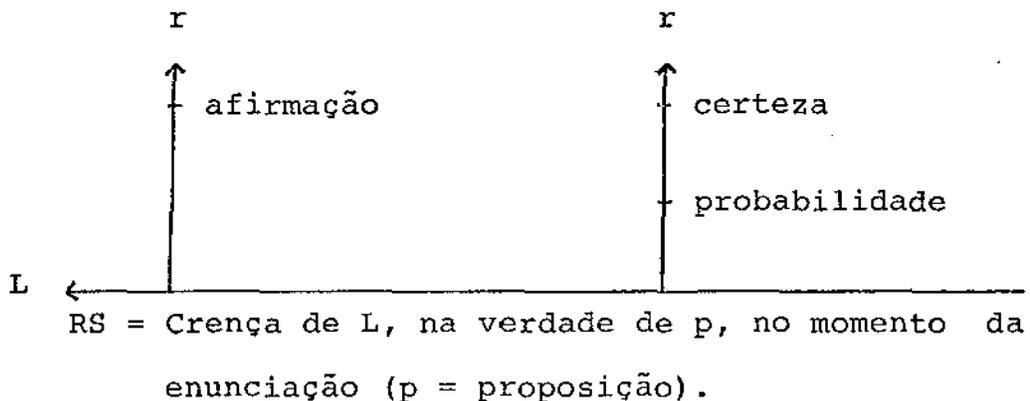
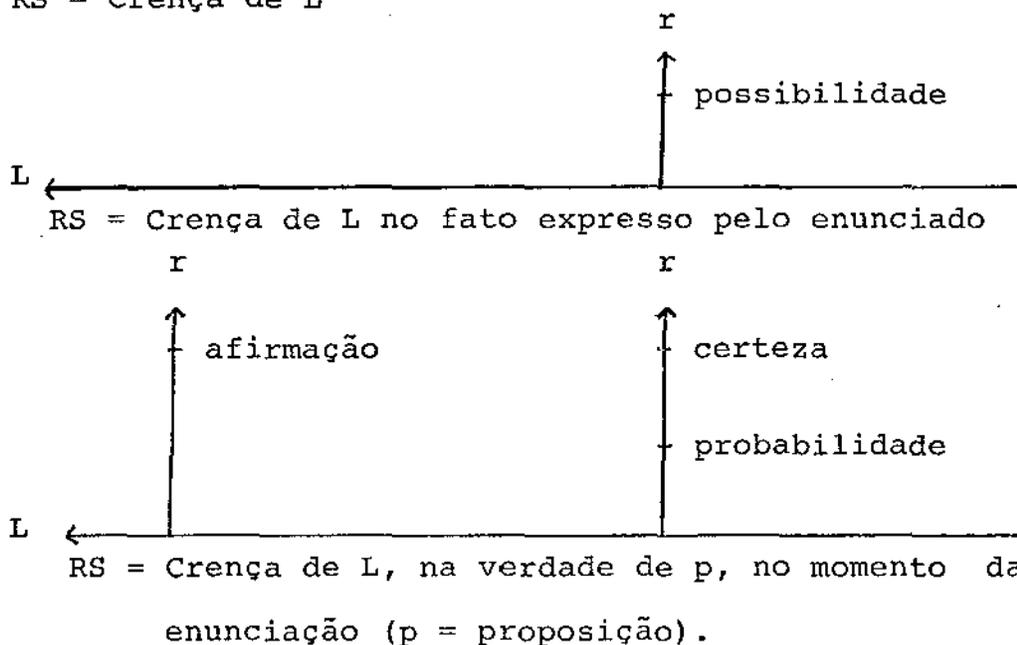
B) Veredictivas

RS = Avaliação de L



C) Expositivas

RS = Crença de L



LAVANDERA (1985: capítulo V, pp. 73-75 e capítulo VII, pp. 116-134) observa a alternância entre subjuntivo e indicativo em textos de entrevistas no Espanhol, mostrando como a ocorrência do primeiro funciona como uma estratégia argumentativa do falante que visa a dar maior credibilidade a uma ocorrência posterior do mesmo verbo no indicativo e a fazer com que o ouvinte encare o dito de uma certa forma e enverede na conversação por um caminho e não por outro.

4.3.2 - Fenômenos ligados à situação

Os fatos de uso do verbo (suas formas e categorias) ligados à situação configuram sua dimensão pragmática.

Aqui podem ser estudados vários fatos. O primeiro delas seria a questão dos verbos que lexicalizam uma indicação dêitica¹¹¹, o que faz com que sua utilização e interpretação se ligue diretamente à situação, dando inclusive dados, por exemplo, sobre a posição relativa dos interlocutores no espaço. Seriam exemplos desses verbos que poderíamos chamar de verbos dêiticos: ir/vir, chegar, levar/trazer.

FILLMORE (1981), ao tratar da pragmática das expressões lingüísticas como necessária para explicar certos fatos que ocorrem no emprego das mesmas, delimitando suas possibilidades de interpretação, exemplifica este fato discutindo a contextualização (situacional) que as formas lingüísticas permitem. Entre os exemplos que dá discute a pragmática dos verbos ir e vir que deixa bem evidenciada a relação com a situação.

Um outro tipo de fato que pode ser estudado aqui são os relacionados com as categorias verbais dêiticas — pessoa e tempo (no sentido definido no capítulo 3): todos os fatos ligados à sua ancoragem na situação de comunicação e a conseqüente

111 - Cf. FUCHS (1987a).

ancoragem que fazem do texto na situação. A pessoa, através de indicações sobre os participantes da interação, e o tempo, através do relacionamento da situação referida com o momento da enunciação, com todas as implicações que possam advir desses dois valores básicos, não só em termos situacionais, mas também argumentativos, de imagens, etc.

Finalmente podemos lembrar o fato de que, com freqüência, o sentido de muitos verbos só se define contextualmente a nível sintático (co-texto) e/ou pragmático (contexto de situação). No primeiro caso teríamos, por exemplo, os fenômenos de regência com diferenças do tipo que existe entre, por exemplo, "implicar" e "implicar com". Um exemplo do segundo caso poderia ser o verbo "emprestar" no jogo entre dois sentidos (dar em empréstimo X tomar em empréstimo) que só se definem na/pela situação.

4.3.3 - Fenômenos ligados às imagens

4.3.3.1 - Fatos de uso do verbo devidos ao que chamamos de **valores discursivos básicos** que estão ligados à relação do falante com o que diz, a imagem que ele faz do assunto, do tópico ou à imagem que quer fazer acreditar que tem desse assunto ou tópico. Esses valores podem resultar em muitos outros subsidiários e se prestam fundamentalmente a usos argumentativos. Levantamos quatro desses valores que nos pareceram importantes para o funcionamento textual-discursivo do verbo no Português:

- a) determinado/indeterminado;
- b) realidade/irrealidade;
- c) comprometimento/não comprometimento (esses valores podem ser derivados de b);
- d) as modalidades (Cf. capítulo 3).

Quase todos os estudos sobre os modos (Cf. por exemplo, as gramáticas) e seu emprego dizem que o indicativo apresenta as situações como certas, reais, enquanto o subjuntivo as

apresenta como incertas, duvidosas, irreais, hipotéticas. Isto parece ser válido de maneira geral, mas é preciso aprofundar mais essa análise, pois nem sempre as coisas se passam dessa forma. Assim, por exemplo, em TRAVAGLIA (1987), mostramos que o pretérito imperfeito do indicativo, em muitos casos, pode ser usado para apresentar a situação como irreal.

SIQUEIRA (1987) relaciona o uso que o falante faz dos tempos verbais com as idéias de "universo do locutor", "universo de crença" e "mundos possíveis"¹¹², o que parece produtivo para o estudo discursivo do verbo, sobretudo quando este se liga à oposição realidade/irrealidade.

4.3.3.2 - O uso de verbos como marcadores conversacionais, o que parece dever-se ao fato do produtor do texto fazer uma imagem:

a) do assunto como algo não totalmente definido, por exemplo, o que geraria o uso de verbos marcadores tais como : parece, eu acho que, digamos assim, etc. (que, neste caso são um tipo de modalizadores);

b) do interlocutor (mesmo que virtual como no texto escrito) em termos de sua provável reação ao que ele diz (aceitação ou não, compreensão ou não, por exemplo) de sua atenção ou não, de seu conhecimento ou não, etc., surgindo, então, verbos marcadores tais como: entendeu?, sabe?, veja bem, concorda?, não foi?, não é?, sabia?

Evidentemente também temos verbos funcionando como marcadores e produzidos pelo receptor do texto. Neste caso, eles funcionam como orientação para o produtor, revelando con-

112 - Siqueira toma essas noções a MARTIN (1983). "O universo do locutor compreende as informações que possui, os conhecimentos adquiridos, os fatos memorizados; o universo de crença corresponde ao conjunto de proposições que o locutor tem por verdadeiras no momento em que se exprime; os mundos possíveis estão ligados às incertezas e suposições do locutor no momento enunciativo" (SIQUEIRA-1987: 421).

cordância, discordância, atenção, interesse, questionamento , etc. Alguns exemplos seriam: sei, é, foi?, não diga, diga, continua, duvido, discordo, etc.

MARCUSCHI (1985, 1986, 1987), tratando dos marcadores conversacionais (tipos, funções, posições, formas, co-ocorrências), inclui vários verbos nas suas listas de marcadores conversacionais. CASTILHO (1987) também trata dos verbos que funcionam como marcadores conversacionais, mostrando que eles têm , neste caso, diferentes funções discursivas ou textuais na interação: "veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo, contêm instruções que orientam a interação e organizam as formas de desenvolvimento temático" (p. 7) . Castilho observa que os verbos que funcionam como marcadores são basicamente de quatro tipos: cognitivos, emotivos, de percepção e copulativos. Não encontrou como marcadores verbos de movimento e de atividade prática.

4.3.4 - Fenômenos ligados a formações discursivas que determinam o uso preferencial de certas formas verbais e de determinados valores delas em determinadas situações, em função de um certo tipo de relacionamento com a ideologia.

Apenas para deixar claro o tipo de fato que estamos considerando aqui, vejamos um caso que parece muito produtivo no Português do Brasil. Estamos nos referindo a todos os usos do verbo (suas formas e categorias) resultantes da regra de interação implícita em nossa sociedade segundo a qual deve-se, na relação com outrem, evitar confrontação aberta, direta, ostensiva. Aqui vão se incluir todos os fatos conseqüentes ao princípio de preservação das faces (proposto por GOFMANN e citado por MARCUSCHI - 1987) e todos os usos advindos da polidez e da cortesia. Pode-se ver as gramáticas e manuais de estilo, que , falando do emprego dos tempos e modos verbais, referem-se, por

exemplo, a pretérito imperfeito e futuro do pretérito de cortesia; ao uso do imperativo com recursos de atenuação da ordem e ao uso da primeira pessoa do plural pela do singular, caracterizando o plural de modéstia ou uma espécie de impessoalização como nos textos dissertativos (Cf., por exemplo, o texto desta tese).

4.4 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.4.1 - Além dos estudos do verbo na perspectiva textual-discursiva, que se encaixam no quadro esboçado em 4.1, 4.2 e 4.3, e que ali arrolamos a título de exemplo, é possível encontrar outros estudos ligados a essa perspectiva e ao verbo, mas relacionados à constituição do texto de um modo diverso.

Estão neste caso as colocações de DRESSLER (1974: capítulo 2, sobretudo item 2.10.1) que, ao buscar explicar como o texto é "gerado", coloca aspecto, tempo e modo como fazendo parte da base temática e semântica do texto entre os elementos do campo verbal, em sua proposta de que o texto seria derivado do tema.

BACH (1986) busca aplicar aos verbos a distinção contável X não-contável (massa), normalmente usada para os nomes, tentando criar princípios semânticos de interpretação. Ele considera como contáveis os processos télicos e os eventos e como não-contáveis (massa) os processos atélicos. Isto pode ter várias conseqüências no estudo textual do verbo em termos de fenômenos de continuidade e de concordância do verbo com outros elementos da frase/do texto.

GURPILHARES (1986) faz um estudo dos verbos de movimento, mostrando que a atualização ou não dos elementos de direcionalidade neste verbos (lugar de onde, por onde e para onde) depende de elementos pragmáticos tais como a intenção do

locutor (o que é importante em dada situação comunicativa) e a relação entre os interlocutores (localização, grau de conhecimento do contexto de situação de fala, etc).

Os trabalhos de ^AAnálise do Discurso normalmente fazem referência a formas e categorias verbais, tomando-as como marcas lingüísticas que comprovam um efeito de sentido que está sendo proposto para o(s) discurso(s) em análise. Normalmente, portanto, não são propostas teorizações sobre o verbo no discurso, mas apenas se utilizam teorizações já existentes .. Exemplos desse uso analítico podem ser vistos, por exemplo: a) em ORLANDI (1987: 39-58) no artigo "A linguagem em revista: a mulher fêmea", quando fala em estilo subjuntivo; b) em COURDESSES (1971) que, a partir dos conceitos de "distância", "modalização", "tensão" e "transparência" que caracterizam a enunciação¹¹³, analisa as pessoas (je, nous, vous), os verbos enunciativos (eu digo, eu falo, eu declaro, eu repito, etc.), a voz, a modalidade e o aspecto em função da postura ideológica que aponta nos políticos cujo discurso analisa. Embora esse tipo de análise não teorize sobre o verbo em seu funcionamento textual-discursivo, as indicações das análises feitas podem apontar caminhos, veios ou pontos importantes a serem levados em conta na teorização.

4.4.2 - Já ficou dito em 4.1 que pode haver outros tipos de fatos ou fatos específicos de uso textual-discursivo do verbo que não foram levantados e, portanto, arrolados aqui como objeto de estudo do verbo na perspectiva que estamos propondo . Além disso, a organização dada aos fatos que constituem itens para o estudo textual-discursivo do verbo não é a única possível, embora nos pareça feita por um bom critério: o próprio elemento caracterizador do fato de uso do verbo como um fenôme

113 - Cf. DUBOIS et al. (1973) verbete "énonciation".

no de natureza textual-discursiva.

Os estudos que citamos trabalham com várias línguas (Francês, Português, Espanhol, Italiano, Inglês, Alemão, Malaio, In donésio, Mandarim, Inuktitut e ainda referem-se a algumas línguas africanas e a línguas indígenas da América do Norte), e nos deixam a lição de que a mesma função pode, em línguas diferentes, ser exercida por formas, categorias gramaticais (do verbo ou não) e mesmo classes de palavras (verbo, partículas, nome, conjunções, advérbios) diferentes e ainda por recursos fonológicos, morfológicas ou sintáticos. Isto fica como uma abertura para a abordagem dos problemas em nossa pesquisa ou qualquer outra pesquisa lingüística.

Pelas citações feitas, pode-se observar que os estudos sobre o verbo na dimensão textual-discursiva (sobretudo no Brasil e sobre o Português¹¹⁴, mas também fora do Brasil e sobre outras línguas) estão ainda no seu início (se comparados com outros tipos de abordagens) e longe de propor um arcabouço teórico que permita tratar de modo geral, dentro de um quadro estruturado, pelo menos alguns fenômenos do uso do verbo nesta dimensão. A pesquisa neste campo ainda está numa fase exploratória, o que justifica inteiramente o estudo que nos propusemos realizar como tese de doutorado.

O que fizemos até agora, neste trabalho, foi justamente buscar estruturar um quadro que sirva de base e que oriente o estudo textual-discursivo do verbo, constituindo um programa de trabalho de pesquisa neste campo.

4.4.3 - Certamente, já deve ter ficado claro que o campo é muito vasto e que a questão do funcionamento textual-discursivo do verbo é objeto para um grande e longo projeto de pesquisa

114 - Não tivemos acesso a nenhum estudo que tenha sido realizado em Portugal. No Brasil tem-se utilizado com diferentes propósitos a proposta de WEINRICH (1968) e (1981).

com material para realização de bem mais que uma tese. Por esta razão, limitamos a pesquisa realizada para este trabalho aos fatos devidos à construção e estruturação do texto (Cf. 4.2) e dentro desses concentramos a atenção nos seguintes fenômenos de continuidade (Cf. 4.2.1):

a) o seqüenciamento ou ordenação temporal das situações (Cf. 4.2.1.1) e apenas subsidiariamente aos tipos de seqüenciamento ou ordenação referidos em 4.2.1.2 e 4.2.1.3 (v. capítulo 5);

b) a continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual (Cf. 4.2.1.4) (V. capítulo 6) e

c) a continuidade de formas e categorias verbais no texto como um todo em relação com os tipos de textos (Cf. 4.2.1.5) (V. capítulo 6).

Evidentemente, em função da constituição do quadro a que nos referimos em 4.4.2, tivemos que observar, embora menos detidamente, os demais fatos ligados ao funcionamento textual-discursivo do verbo, elencados neste capítulo. Dos resultados dessa observação só expomos além do que ficou dito neste capítulo, o que se refere ao fato registrado no item 4.2.5, por ter relação direta com os fatos de 4.2.1.4 e 4.2.1.5 (V. capítulo 6).

PARTE 3

ORDENAÇÃO E CONTINUIDADE NO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-
-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

CAPÍTULO 5

ORDENAÇÃO

5.1 - ORDENAÇÃO E TEMPO

A ordenação é um fato de seqüenciamento que caracteriza o que poderíamos chamar de dimensão temporal do discurso e do texto e é por ela caracterizada. Essa dimensão temporal é estruturada em três planos distintos de relações temporais a que já nos referimos na nota 72 no capítulo 2 e que designamos de: a) tempo referencial; b) tempo do texto e c) tempo da enunciação.¹¹⁵

O tempo referencial — que também pode ser chamado de tempo cronológico ou das situações¹¹⁶ ou da história (se estiver pensando mais especificamente na narração)¹¹⁷ é o tempo de ocorrência ou de realização das situações no mundo real dado como "momentos" da sucessão cronológica. Esse tempo dá a ordem (cronológica) em que as situações se dão e se sucedem no mundo real.

O tempo do texto indica relações temporais entre segmentos (orações, frases, etc) da seqüência lingüística que constitui o texto em sua linearidade. Refere-se, pois, ao que vem em primeiro, segundo, terceiro lugar, etc. na linearidade textual, dando a ordem em que as situações abordadas aparecem no

115 - Esses três planos equivalem em parte aos propostos por SCHIFFRIN (1987: 228) com nomes distintos: tempo de referência (= enunciação), do evento (= referencial) e do discurso (= do texto) e se relacionam com a proposta de REICHENBACH (1947).

116 - Os que estão preocupados apenas com a narrativa falam em tempo dos eventos (= acontecimentos).

117 - Cf. NEIS (1984: 74).

texto, como elas estão distribuídas na superfície linear do texto.

O tempo da enunciação — também chamado de tempo da fala — é o tempo, o "momento" em que a formulação lingüística (palavras, sintagmas, orações, frases, etc.) é produzida (falada, escrita) ou recebida (ouvida, lida) pelos usuários do texto. No caso da escrita ou de gravações o intervalo de tempo entre a produção e a recepção do texto não altera as relações temporais.

O tempo da enunciação se relaciona com o tempo referencial. Nessa relação, as situações são apresentadas como anteriores (passadas), simultâneas (presentes) ou posteriores (futuras) ao momento da enunciação. Essa relação é que nos levou a distinguir no capítulo 2 entre descrições, dissertações e narrações passadas, presentes e futuras e a registrar que cada tipo tinha relações preferidas ou de uso mais freqüente no Português: descrição passada e presente; dissertação presente e narração passada e presente (sobretudo quando se refere a fatos passados como simultâneos ao momento da enunciação para produção de diferentes efeitos de sentido: vivacidade, dramaticidade, etc.). A relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial é marcada por elementos dêiticos como os tempos verbais e alguns advérbios (hoje, agora, etc.).

O tempo da enunciação se relaciona também com o tempo do texto, marcando segmentos da seqüência lingüística como anteriores, simultâneos ou posteriores na cadeia lingüística a um outro ponto da mesma seqüên-

cia e ao "momento" em que este é utilizado (produzido/recebido) pelos usuários da língua. Essa relação é marcada por diversos elementos ordenadores entre eles os tempos verbais (sobretudo de verbos enunciativos: falar, dizer, replicar, etc., mas também de outros, como aqueles cujo sentido tem a ver com formas de desenvolver ou encarar um tópico: considerar, tratar, retomar, etc.) numa espécie de uso anafórico (veja exemplos 57 a 59) e alguns outros elementos quase sempre de valor temporal (antes, depois, anteriormente, etc.)¹¹⁸. Ao falarmos da ordenação no texto, retomaremos o uso desses marcadores.

(57) Já falamos que as formas e categorias verbais podem ter diferentes papéis.

(Isto é, essa idéia já foi apresentada num ponto deste texto anterior — passado — ao "momento" em que se formula este segmento. Essa relação é reforçada pelo advérbio "já").

(58) Estamos considerando as alternativas econômicas para o Brasil e não os erros do passado.

(Isto é, na fala ou escrita que se produz no atual — presente — "momento" de enunciação o assunto é X e não Y).

(59) Trataremos desta questão no próximo capítulo.

(Isto é, este assunto será abordado em um ponto deste texto posterior — futuro — ao "momento" em que se formula este segmento).

118 - Veja os recursos de coesão seqüencial por progressão com encadeamento por justaposição (KOCH - 1988, 1989).

O verbo "retomaremos" no final do parágrafo que antecede os exemplos (57) a (59) tem o mesmo uso de "trataremos" no exemplo (59).

Temos também a relação entre o tempo referencial e o tempo do texto. O que se observa, nos textos em que aparece uma ordenação referencial das situações (como na narração), é uma tendência para que a ordem das situações no texto reproduza a ordem de ocorrência das mesmas no mundo real¹¹⁹, estabelecendo-se uma isomorfia entre o tempo referencial e o do texto, naturalmente via mediação do usuário (cf. KOCH e TRAVAGLIA - 1989 : 78) que estabelece um mundo textual a partir da sua perspectiva. Quando tal isomorfia é rompida por qualquer razão, aparecem no texto marcas e pistas (formas e categorias verbais; elementos adverbiais: advérbios, adjuntos adverbiais, preposições, conjunções) e outros elementos como datas e o próprio conhecimento de mundo que permitem ao usuário do texto restabelecer a correspondência entre a ordem das situações dada pelo tempo referencial e a ordem em que elas são apresentadas no texto, dada pelo tempo textual.

O jogo entre ordem referencial das situações e ordem das situações no texto é muito importante no processo de produção e compreensão do mesmo, portanto em seu funcionamento discursivo, sendo um dos elementos a ser considerado no estabelecimento da coerência e, portanto, do efeito de sentido que se produz entre usuários. A importância dessa relação é tal que chega a merecer comentários dos usuários dos textos como o que faz SARAMAGO (1986: 14) em seu romance "A Jangada de Pedra" sobre a problemática lingüística para representar a relação entre as duas dimensões temporais que resulta na relação entre

119 - Talvez seja por isso que LABOV (1972: 359-360) define a narrativa como "um método de recapitular experiência passada pela equiparação de uma seqüência verbal de orações à seqüência de acontecimentos que (se infere) ocorreu realmente".

as ordenações referencial e textual das situações e os diferentes efeitos conseqüentes às diferentes maneiras de registrar no texto essa relação:

"Difícilímo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim, mas por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. Há quem julgue que a dificuldade fica resolvida dividindo a página em duas colunas, lado a lado, mas o ardil é ingênuo, porque primeiro se escreveu uma e só depois a outra, sem esquecer que o leitor terá de ler primeiro esta e depois aquela, ou vice-versa, quem estão bem são os cantores de ópera, cada um com a sua parte nos concertantes, três quatro cinco seis entre tenores baixos sopranos e barítonos, todos a cantar palavras diferentes, por exemplo, o cínico escarnecendo, a ingénua suplicando, o galã tardo em acudir, ao espectador o que lhe interessa é a música, já o leitor não é assim, quer tudo explicado, sílaba por sílaba e uma após outra, como aqui se mostram. Por isto é que, tendo-se falado primeiro de Joaquim Sassa, só agora se irá falar de Pedro Orce, quando lançar Joaquim uma pedra ao mar e levantar-se Pedro da cadeira foi tudo obra de um instante único, ainda que pelos relógios houvesse uma hora de diferença, é o resultado de estar este em Espanha e aquele em Portugal."

Como se vê, quando se fala em correspondência entre

ordem referencial e ordem textual não se trata de equivalência cronométrica, mas de uma apresentação tal das situações no texto que seja possível perceber o mundo textual como comparável ao mundo real que foi transformado no texto pela atuação comunicativa de seus usuários.

Neste capítulo tratamos mais detidamente: a) dos fatos ligados à ordenação referencial, à ordem cronológica de ocorrência das situações no mundo real tal como representada no mundo textual, lembrando que elas podem ser seqüentes (anteriores ou posteriores uma às outras) ou simultâneas; b) dos fatos ligados à ordenação no texto, à ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície do texto; e c) dos fatos ligados à relação entre estas duas ordenações. Para facilitar a exposição separamos os comentários sobre os dois tipos de ordenação. Todavia, como eles aparecem inextricavelmente ligados no texto, é comum nos referirmos a um deles quando estamos falando do outro.

5.2 - PRINCÍPIO GERAL DE ORDENAÇÃO REFERENCIAL DE SITUAÇÕES

5.2.1 - O princípio

O princípio que vamos propor aqui pretende dar conta do mecanismo geral e básico de ordenação referencial das situações expressas em um texto que rege tanto a produção quanto a recepção/compreensão dos textos no que respeita à utilização de marcas que realizam a ordenação, tornando o texto coerente quanto a este fato em particular.

Antes de expor o princípio, gostaríamos de registrar que a ordenação referencial em Português se faz pela ação conjunta ou isolada de diferentes elementos: a) formas e categorias verbais (o aspecto e o tempo); b) elementos adverbiais: advérbios, adjuntos adverbiais; c) as datas; d) o conhecimento de mundo que utilizará elementos como modelos cognitivos globais

tais como os esquemas, planos e "scripts"¹²⁰; tipos de situações; relações entre situações tais como causa e consequência, meio e fim, etc; conhecimento de mundo em geral ativado pelos semantemas verbais; etc; e) outros elementos capazes de fazer ordenação quase sempre com valor ou implicações temporais: preposições: antes de, depois de, após, etc; conjunções: enquanto, depois que, antes que, etc.); partículas ou expressões como: primeiro, por último.

Esses elementos estabelecem a ordenação, reforçam ordenações estabelecidas por outros, contrariam ou anulam o efeito ordenador de outro, permitem recuperar a ordenação referencial (cronológica) quando ela foi rompida pela ordenação no texto.

O que é ordenado são as situações. Sabemos que elas são expressas por verbos, mas também por nomes. Assim sendo, no caso dos verbos, consideram-se só os que expressam situações e os gramaticais em que a situação é dada por um nome (verbos de ligação e aqueles com situação indicada por nome sujeito ou objeto). Os demais verbos gramaticais (V. capítulo 3) não são considerados no levantamento das situações ordenáveis e, portanto, não contam no funcionamento do princípio de ordenação que propomos.

O princípio geral de ordenação referencial de situações pode ser explicitado da forma proposta em (III) a (XII). Aqui expomos apenas o princípio geral e em 5.3 mostramos seu funcionamento através de exemplos.

- (III) 1 - Dada uma seqüência de situações em um texto, duas situações contíguas na linearidade textual:
- a) serão seqüentes, se o aspecto do verbo das orações ou frases que as expressam for perfectivo;
 - b) serão simultâneas, se o aspecto do verbo de pe-

120 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

- lo menos uma das orações ou frases que as expres-
sam for imperfectivo;
- c) se forem seqüentes, a ordem referencial (cronoló-
gica) será aquela em que aparecem no texto, a
não ser que haja instruções em contrário dadas
por qualquer um dos elementos ordenadores aponta-
dos em (IV) a (XII);
- d) a simultaneidade estabelecível por **b** pode ser
transformada em seqüência pelos elementos ordena-
dores de (IV) a (X);
- 2 - se tivermos duas situações seqüentes e uma delas
tiver aspecto acabado em combinação com tempo re-
lativo de anterioridade (cf. V.a) ou com o advér-
bio "já", ou com tempo passado em relação a pre-
sente ou futuro, a situação com aspecto acabado
será anterior à outra, mesmo que esteja depois
no texto.

(III) contém o princípio ordenador básico cuja atuação é comple-
mentada pelos princípios de (IV) a (XII).

(IV) O tempo verbal (passado, presente, futuro), portanto
o tempo absoluto, ordena as situações do seguinte mo-
do:

- a) situações no passado são vistas como anteriores a
situações no presente e no futuro;
- b) situações no presente são vistas como posteriores
a situações no passado e anteriores a situações no
futuro;
- c) situações no futuro são vistas como posteriores a
situações no passado e no presente.

(V) O tempo relativo também faz ordenação referencial da
seguinte forma:

- a) o tempo relativo representado pelo pretérito mais-
-que-perfeito do indicativo e pelos tempos compos-
tos constituídos por "ter ou haver (exceto no pres-
ente do indicativo) + particípio", em conjunto com
o aspecto acabado, marca uma situação como anterior
a um momento indicado por adjunto adverbial ou a
uma situação ou grupo de situações no perfectivo;
- b) o tempo relativo representado pelo futuro do preté-

rito marca uma situação como posterior¹²¹ a outra situação com a qual se relaciona no texto ou marca a situação expressa pelo verbo no futuro do pretérito como tendo ocorrência num momento posterior ao ponto da seqüência cronológica em que ela é apresentada no texto, ocorrendo pois uma espécie de antecipação.

- (VI) Também atuam na ordenação referencial, funcionando como ordenadores, diversos elementos lingüísticos de valor temporal ou com implicações temporais, a saber:
- a) elementos adverbiais: adjuntos adverbiais representados por advérbios e sintagmas adverbiais, orações subordinadas adverbiais, sobretudo as temporais;
 - b) datas;
 - c) preposições (após, antes de, depois de, etc.);
 - d) conjunções (enquanto, depois que, antes que, logo que, etc.);
 - e) verbos (iniciar, começar, terminar, etc.) (cf. XII);
 - f) outros elementos ordenadores que implicam ordem como "primeiro", "segundo", "último", "penúltimo", "aí", "daí", etc.

Estes elementos podem marcar anterioridade, posterioridade e simultaneidade;

- (VII) o conhecimento de mundo atua como ordenador através:
- a) do conhecimento de esquemas, planos e "scripts" que trazem em si ordens já estabelecidas de ocorrência de situações, que em seu conjunto constituem uma outra globalizante;
 - b) de relações semânticas entre orações e períodos, que expressam situações, tais como causa e consequência ou efeito, meio e fim, condição e condicionado, ação e resultado, possibilidade e realização, etc., que têm implicações ordenativas cronológicas;
 - c) da ordenação de tipos de situações (Ver XI);
 - d) do próprio valor do semantema de certos verbos, como preceder, seguir (-se), acompanhar, etc., quase sempre com as situações indicadas por nomes.

121 - Como se verá, esse valor de marcador de posterioridade na ordenação referencial é o valor base do futuro do pretérito, do qual derivam os seus demais valores.

(VIII) Certos elementos do conhecimento de mundo funcionam especificamente como instruções em contrário a (III.1.a).

Isto quer dizer que esses elementos farão com que duas situações contíguas na linearidade textual e com aspecto perfectivo não sejam percebidas como seqüentes, mas como simultâneas ou sem a possibilidade de se estabelecer uma ordem referencial entre elas. Este fato ocorre:

- a) quando várias situações constituem outra, são partes constituintes de uma outra situação. Neste caso as constituintes e a constituída não são vistas como seqüentes. As situações constituintes da outra podem formar uma seqüência de situações à parte, com ordenação própria;
- b) as fases de realização e sobretudo as de desenvolvimento de uma situação (Cf. capítulo 3) também são partes constituintes dela, valendo neste caso o mesmo que se propôs em a. As fases de realização são ordenadas pelo aspecto e pelo tempo (Ver XII);
- c) se dois verbos, que expressam situações no perfectivo, contíguas no texto ou não, indicam a mesma ocorrência de uma situação, por serem sinônimos ou se referirem à mesma situação ou porque se tem a repetição do mesmo item lexical com o mesmo sujeito, ou se usa um verbo vicário (que pode ser um resumitivo, condensador ou de sentido mais amplo, etc.); normalmente tendo por sujeito um termo genérico (classificatório ou não). O que temos, pois, são elementos de coesão referencial por reiteração (mesmo item lexical, sinônimos) ou de coesão seqüencial por recorrência (nos demais casos).

(IX) Se o conhecimento de mundo diz que duas ou mais situações com o mesmo sujeito e no imperfectivo não podem ter realização simultânea, isto funciona especificamente como instrução em contrário a (III.1.b) e assim as situações serão vistas como seqüentes.

(X) Algumas relações entre situações funcionam como instruções em contrário a (III.1.a) e (III.1.c) porque não permitem afirmar se as situações são seqüentes ou

simultâneas, nem estabelecer uma ordem para as situações. Isto ocorre quando:

- a) uma ou mais situações aparecem ligadas a uma só e , embora não sejam partes ou fases desta, representam, em relação a ela, exemplos, conseqüências, reações, especificação, etc.;
- b) uma ou mais situações aparecem englobadas no período de tempo de realização de outra ou em um período de tempo especificado no texto, constituindo uma espécie de efeito lista, quando se tem mais de uma situação. A(s) situação(ões) ficam como uma espécie de conteúdo num continente que é o período de tempo, deixando de ter valor sua dimensão temporal que dá a ordenação referencial.

Nos casos de (X) cria-se uma espécie de comentário no sentido de WEINRICH (1968).

5.2.2 - ORDENAÇÃO DE TIPOS DE SITUAÇÃO

Em (VII) incluímos a ordenação de tipos de situação como um dos meios através do qual o conhecimento de mundo atua na ordenação referencial. Em 4.2.1.3 já expusemos o que seria essa ordenação, que é sempre feita de acordo com (XI) abaixo.

(XI) Alguns tipos de situações mantêm entre si uma relação que resulta em ordenação referencial porque:

- a) representam o início (situação pontual inceptiva) ou término (situação pontual terminativa) de uma outra situação durativa (processos),¹²²
- b) sua ocorrência (verbos transformativos ou de mudança de estado) implica ao mesmo tempo o término de uma situação prévia (estado ou outra característica) e o início de uma nova situação (estado ou outra característica)¹²²; de tal modo que são sempre percebidas como ocorrendo na ordem dada em c e d abaixo independentemente da ordem em que aparecem no texto;
- c) situação pontual inceptiva → processo → situação pontual terminativa;

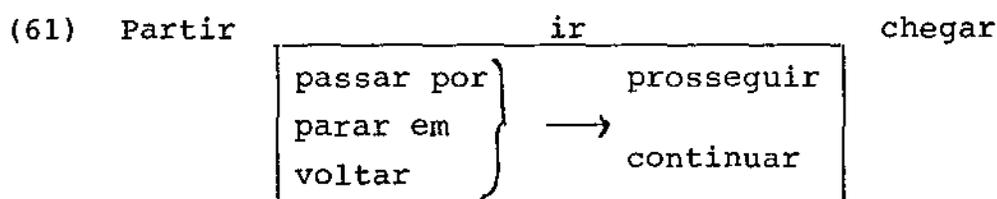
¹²² - Sobre esses tipos de situações cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

d) estado ou característica → mudança de estado/transformativo → novo estado ou característica.

Em (60) temos exemplos dos tipos de situações referidos em (XI.a) e que geram ordenação referencial (cronológica) pelo proposto em (XI.c).

(60)	início	meio	fim
a)	partir/sair	ir/vir/viajar/seguir/ levar	chegar
b)	começar a procura rar	procurar	achar/acabar, terminar ou deixar de procura curar
c)	adormecer	dormir	acordar
d)	nascer	viver	morrer
e)	zarpar	navegar	atracar
f)	começar a (chorar, limpar, etc.)	chorar/limpar, etc.	terminar de (chorar, limpar, etc.)
g)	principiar a estudar	estudar	terminar ou acabar de estudar
h)	começar a disputar	disputar	vencer
i)	começar ou iniciar a luta	lutar com _____ lutar por _____	vencer conseguir
j)	tomar conhecimento	saber	_____
l)	_____	analisar/observar/ refletir/ procurar entender	entender
m)	decolar/levantar vôo	voar/seguir/ir/vir	aterrissar/ pousar
n)	começar a pensar o que fazer	pensar o que fazer/ refletir	decidir

Algumas situações destas seqüências podem ter outras que estão embutidas nelas ou as constituem e que podem ser explicitadas ou não. No caso de serem explicitadas, sua ordenação referencial se dará pelos princípios já vistos aplicados recorrentemente. Veja exemplo em (61).



Em (62) temos exemplos dos tipos de situações referidas em (XI.b) e que geram ordenação referencial (cronológica) pelo proposto em (XI.d).

(62) estado ou característica	mudança	novo estado ou característica
a) estar ou ser doente	sasar/ficar bom	estar ou ser sadio ou estar bem/bom
b) estar bem, sadio	adoecer/ficar doente	estar ou ser doente
c) estar ou ser alegre	entristecer/ficar triste	estar ou ser triste
d) estar duro	amolecer	estar mole
e) estar morto	ressuscitar	estar vivo

5.2.3 - Ordenação das fases ou etapas de uma situação

A ordenação referencial das fases ou etapas de uma situação é feita pelos aspectos caracterizados pelas fases de realização e de desenvolvimento (V. capítulo 3) e complementarmen- te pelas noções temporais de "futuro muito próximo" ou "iminência" (de realização da situação) e de "passado recente", de tal

Análise dos aspectos:

S.R.: situação referencial; S.N.: situação narrada¹²⁴

a) estavam por fazer

S.R.: estavam por fazer: imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo.

S.N.: fazer (estudos): **não começado**.

b) estávamos começando (os estudos): imperfectivo, inceptivo, começado, durativo.

c) estamos estudando: imperfectivo, começado, cursivo, durativo.

d) estivermos terminando de fazer (os estudos): imperfectivo, não-acabado, terminativo, durativo.

e) (os estudos) estiverem feitos:

S.R.: estar feito: imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo.

S.N.: fazer (estudos): **acabado**.

Parece não ser muito comum a apresentação em um texto de todas ou de muitas fases de uma situação como no texto de (63). O mais comum parece ser a apresentação de alguma das fases ficando as demais pressupostas. Em (63), o detalhamento das fases tem claramente um propósito argumentativo: o prefeito, pela especificação detalhada das fases dos estudos, se apresenta como alguém criterioso, merecedor de credibilidade, porque não toma providências infundadas e assim se esquivava de especificar a causa e a natureza do problema, bem como de dizer as providências que irá tomar e que lhe estão sendo cobradas na pergunta do repórter. Temos aqui, portanto, um exemplo dos usos argumentativos dos fenômenos ligados ao funcionamento textual-discursivo do verbo a que nos referimos em 4.3.1. A ordem referencial das fases coincide com a ordem em que elas aparecem no

124 - V. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

texto, mas a ordem referencial continuaria a mesma, mesmo que invertêssemos a ordem textual.

Parece que a apresentação de fases de uma situação é mais freqüente na narração, mas isto precisa ser confirmado por uma pesquisa que trate especificamente deste ponto.

A seguir, remetemos a alguns exemplos de especificação de fases de situação em textos. No capítulo 10 versículo 4 do Livro de Isaías na Bíblia Sagrada, temos:

- "Apesar de tudo, sua cólera não se aplacou e sua mão está prestes a precipitar-se".

No texto nº 89 (Um espelho para o cosmo) são dadas fases de cinco situações a saber:

1) **A construção do telescópio:**

- a - "foi sua **construção** que levou cinco anos" (p.37)
- b - "Quando o telescópio ficou pronto" (p.37)
- c - "Até o momento em que se **começou a construir** o Hubble." (p.37)
- d - "Lembrando os anos de agonia para **construí-lo**" (p.41)

2) **A manufatura do espelho** (p.37)

- a - "pela **manufatura** de seu espelho principal."
- b - "para **executar** o projeto do espelho do Hubble."
- c - "A **manufatura** do espelho havia começado alguns anos antes em 1977".

3) **O polimento do espelho**

- "Quando **terminarmos**, vocês se lembrarão dela como uma verruga no ombro de um mulher bonita" (p.40)

4) "Em seguida, a equipe de Kurdock **começou a rodar** o espelho devagar." (p.41)

5) "Três minutos depois de **iniciada a operação**, tudo estava terminado." (p.41)

Em FOUCAULT (1971) lê-se:

- "... os discursos que, indefinidamente, além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão por dizer."

Considerando-se a situação de "dizer" temos as três fases de realização como se pode ver pela análise aspectual abaixo:

a) estão por dizer:

S.R.: estar por dizer: imperfectivo, começado, cursivo, durativo.

S.N.: dizer: não-começado.

b) são ditos: imperfectivo, começado, habitual.

c) permanecem ditos:

S.R.: permanecer dito: imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo.

S.N.: dizer: acabado.

5.3 - APLICAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO PRINCÍPIO DE ORDENAÇÃO REFERENCIAL NOS DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS

5.3.1 - Preliminares

Antes de falarmos de como o princípio de ordenação referencial se aplica e funciona nos diferentes tipos de textos é preciso deixar claro que estaremos nos referindo aos tipos que propusemos no capítulo 2: descrição, dissertação, narração e injunção em sua caracterização discursiva e, portanto, como tipos que podem ser separados e isolados dentro dos textos reais que, como vimos, raramente são puros. Assim, não estamos nos referindo a textos de tipos como, por exemplo, romances, propagandas, etc. Sabe-se, por exemplo, que um romance normalmente é feito de narração + descrição + dissertação distribuídos por diferentes partes de sua superestrutura¹²⁵, não considerando os

125 - Cf. capítulo 6, item 6.4, quando falamos da relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais.

diálogos. Assim, ao tomarmos um romance como exemplo de narração para análise, consideramos apenas suas partes narrativas . As partes descritivas e dissertativas foram analisadas à parte como tal. O mesmo aconteceu com a propaganda (normalmente descrição e/ou narração e/ou dissertação + injunção)(Cf. nota 125, p. 139) e todos os demais textos analisados. Ainda comentamos à parte os textos preditivos (sobretudo as narrações futuras, apesar da possibilidade teórica das descrições e dissertações futuras).

Antes de mais nada é preciso registrar que o princípio de ordenação referencial constituído por (III) a (XII) é recorrente, isto é, ele pode se aplicar a seqüências de situações encaixadas umas nas outras dentro de um texto. Além disso os elementos ordenadores não têm uma hierarquia de preferência de aplicação. Isto significa que eles podem agir isolados ou em conjunto, reforçando ou anulando o efeito do(s) outro(s) na ordenação referencial das situações de acordo com a(s) necessidade(s) do produtor do texto em função de sua intenção em uma dada situação de interação comunicativa.

5.3.2 - A ordenação pelos aspectos

Com relação ao princípio ordenador básico proposto em (III) (perfectivo estabelecendo seqüência; imperfectivo, simultaneidade e acabado, anterioridade) e tendo em vista os aspectos presentes ou não nos diferentes tipos de textos (cf. capítulo 6), verifica-se o que expomos a seguir.

Nas narrações passadas e presentes, em que as situações aparecem sempre com aspecto perfectivo (cf. capítulo 6) , elas são interpretadas como seqüentes e como ocorrendo na ordem em que aparecem no texto, salvo se no texto houver instruções em contrário. Essas podem ser marcas ou pistas que aparecem porque a ordem das situações no texto não corresponde a sua ordem referencial de ocorrência. As situações são seqüentes no tempo

referencial se o texto narrativo é uma história. Nos textos narrativos que não são histórias, há sempre instruções em contrário e não ocorre o seqüenciamento das situações em uma ordem referencial.

Nas descrições e dissertações em que as situações aparecem com aspecto imperfectivo (cf. capítulo 6), elas são interpretadas como simultâneas, criando-se com isso uma espécie de apagamento do tempo referencial e, portanto, da ordem referencial. Se algumas situações são seqüenciadas em uma ordem referencial, isto só ocorre localmente, isto é, em pequenas passagens do texto, e por atuação dos outros elementos ordenadores vistos em (IV) a (XII) ou por atuação do aspecto acabado (III.2).

Na injunção, o aspecto não é atualizado por causa do futuro e das modalidades imperativas, da volição e da necessidade, que não permitem a atualização do aspecto.¹²⁶ Assim, exceto poucos casos de ordenação local pelo aspecto, a ordenação referencial, quando ocorre, se deve à atuação dos elementos ordenadores de (IV) a (XII).

Também nos textos preditivos (descrições e dissertações futuras, mas sobretudo narrações futuras que são mais frequentes), o aspecto não se atualiza por causa do tempo futuro e assim as situações não são marcadas nem como simultâneas, nem como seqüentes. Assim, exceto em alguns casos em que o aspecto se atualiza apesar do futuro, qualquer ordenação referencial em textos preditivos ficará por conta da atuação dos elementos de (IV) a (XII).

Portanto, o que se observa é que, com relação a (III), para qualquer tipo de texto, o aspecto estabelece seqüenciamento (seqüência ou simultaneidade de situações), criando ordenação referencial da forma apontada em (XIII).

126 - Cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 10).

- (XIII) a - perfectivo + perfectivo + + perfectivo → situações em seqüência na ordem que aparecem no texto.
- b - perfectivo + imperfectivo ou imperfectivo + perfectivo → situações simultâneas.
- c - imperfectivo + imperfectivo + + imperfectivo → situações simultâneas.
- d - imperfectivo + não-aspecto ou não-aspecto + imperfectivo → situações simultâneas.
- e - perfectivo ou imperfectivo ou não-aspecto + acabado (+ tempo relativo ou advérbio ou passado) ou acabado (...) + perfectivo ou imperfectivo ou não-aspecto → a situação com acabado é anterior à outra.

Evidentemente os seqüenciamentos de (XIII) valem se não houver instruções em contrário. Vejamos alguns exemplos.

No texto nº61 (Passeio Noturno), (XIII.a) é exemplificado pela seqüência de todos os verbos no pretérito perfeito do indicativo, portanto com aspecto perfectivo, que indica uma série de situações (ações) seqüentes, cuja ordem referencial coincide quase totalmente com a ordem textual, já que praticamente não há instruções em contrário. Veja no anexo, após o texto, a ordenação feita de suas situações.

Em (64) temos um exemplo de (XIII.a) com verbos no presente do indicativo e aspecto perfectivo.

- (64) "A enfermeira dá um grito de horror e começa a chorar nervosamente. O monstro, exultante, expeta-lhe a espada na barriga e brada:
— Eu sou o Demônio do deserto!"
(perfectivo + perfectivo + perfectivo + perfectivo - texto nº65)

Outros exemplos como os de (64) podem ser vistos no próprio texto nº65 (O médico e o monstro) e também nos textos de nº64 (A farsa e os farsantes), 66 (Oito reféns em 12 dias de ação) e 67 (A última crônica) e nas ordenações referenciais de suas situações que apresentamos em anexo.

Em (65) transcrevemos alguns exemplos de (XIII.b).

- (65) a - "Cheguei em casa **carregando** a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos". (perfectivo + imperfectivo - Texto nº 61).
- b - "Quando Aureliano Chaves **deixou** o ministério das Minas e Energia, em dezembro de 1988, já se **cogitava** a possibilidade de sua candidatura". (perfectivo + imperfectivo - Texto nº 56).
- c - "De máscara preta e espada, Mr. Hyde **penetra** no quarto, onde a doce enfermeira **continua** a brincar, e **desfaz** com uma espadeirada todo o consultório :" (perfectivo + imperfectivo + perfectivo - Texto nº 65).
- d - E antes de qualquer resposta, **abre** os braços para receber a filha que **vem caindo**, aos pedaços, o rosto vermelho, duas lágrimas súbitas **correndo**, pelas gordas bochechas:..." (perfectivo + imperfectivo + imperfectivo - Texto nº 64).
- e - João **almoçou** enquanto a mãe **passava** sua roupa.

É preciso esclarecer que a simultaneidade não exige que o tempo de duração de uma situação equivalha ao da(s) outra(s). Na verdade, nos casos de simultaneidade de (XIII.b) (perfectivo + imperfectivo), exemplificados em (65), o normal é que a situação no perfectivo tenha uma duração que é vista como sendo apenas um momento ou parte da duração da situação no imperfectivo (V. também no exemplo 66 a simultaneidade entre "cheguei", "entrei" e "perguntei" e as demais situações no pretérito imperfeito do indicativo).

Exemplos de (XIII.c) são todas as seqüências de situações que aparecem no presente do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo nos textos descritivos (ver anexo) e no presente do indicativo nos textos dissertativos (ver anexo). Em textos narrativos podemos ter seqüências como as de (66), em que as situações no pretérito imperfeito do indicativo são simultâneas por terem aspecto imperfectivo e constituem um pano

de fundo para acontecimento(s) no pretérito perfeito do indicativo.

- (66) a - Quando cheguei em casa era grande a movimentação: mamãe, na cozinha, preparava delícias para a ceia, vovó e tia Lúcia ajudavam-na; papai, na sala, enfeitava a árvore para o que meus irmãos mais novos davam mil palpites. Tereza escutava música e procurava os discos de Natal. Raquel e o marido arrumavam a mesa. Entrei na cozinha e perguntei a mamãe se podia fazer algo para ajudar.
- b - "João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias". (Texto nº68).

Em (67) temos exemplos de (XIII.d)

- (67) a - "Junte o leite aos poucos, mexendo sem parar" (não-aspecto + imperfectivo - Texto nº55).
- b - "Deixar ferver e se estiver grosso, colocar mais ou menos 1 copo de água, e em seguida, o frango desfiado". (imperfectivo + não-aspecto - Texto nº 50).
- c - "O que restar de Sião
os sobreviventes de Jerusalém,
serão chamados santos
todos os que estiverem computados entre os vivos
[em Jerusalém.
(não-aspecto + imperfectivo - Bíblia Sagrada - Livro de Isaías, cap.4, vers.3).
- d - "esperar que o pássaro entre na gaiola e quando estiver lá dentro fechar lentamente a porta com o pincel". (imperfectivo + não-aspecto - Texto nº 54).

Finalmente vejamos em (68) alguns exemplos de (XIII .

e).

- (68) a - "Bata muito bem as gemas. Adicione à mistura de leite já esfriada. (não-aspecto + acabado e advérbio - Texto nº55).

- b - Quando você **chegar** a sua casa, ela **já terá contado** tudo a sua esposa (não-aspecto + acabado e tempo relativo).
- c - Quando **tiver picado** o tomate e o pimentão **junte-os** ao molho (acabado e tempo relativo + não aspecto).
- d - "Quando o telescópio **ficou pronto**, cinco anos e 1,5 bilhão de dólares depois, **estava preparado para enxergar** o espaço com uma nitidez sete vezes maior do que qualquer outro equipamento semelhante **já construído** pelo homem". (perfectivo/imperfectivo + acabado e advérbio - Texto nº89).
- e - "Por um instante **deteve** em mim os grandes olhos verdes ou azuis, talvez porque **lesse** em meus olhos o que eu **acabava de passar**". (perfectivo/imperfectivo + acabado e tempo relativo). (BRAGA - 1980 : 36).
- f-4 "Quando o Senhor **tiver lavado** a imundície das filhas de Sião,
[lhas de Sião,
e **apagado** de Jerusalém as manchas de sangue pelo sopro do direito e o vento devastador,
5o Senhor **virá estabelecer-se**
sobre o monte Sião e em suas assembléias,
de dia como uma nuvem de fumaça,
e de noite como um fogo flamejante."
(acabado/acabado e tempo relativo + não aspecto)
(Bíblia Sagrada, Livro de Isaías, cap.4, vers.4e5).
- g - "À tarde, **já reparado** o defeito do helicóptero **fre-tado** pelo governo de Goiás, o piloto Roni Pigetti Sputo **exige** que os seqüestradores abandonem as armas para decolar. (acabado, advérbio e tempo relativo + perfectivo - Texto nº66).
- h - "**Lanço** então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.
Ao fundo do botequim um casal de pretos **acaba de sentar-se**, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos". (perfectivo + acabado e passado recente - Texto nº67).

Sabemos que o particípio normalmente se liga à expressão do aspecto acabado¹²⁷.

127 - Cf. TRAVAGLIA (1981: item 7.8.3).

Foi o que vimos nos exemplos (68 a, d, g). Todavia é preciso lembrar que a situação com aspecto acabado pode ser a referencial ou a narrada.¹²⁸ Em (68 a, d, g) os participios corespondem a uma oração de voz passiva no pretérito perfeito do indicativo: "que já foi esfriada" e "que já foi constituído" ; ou no pretérito mais-que-perfeito do indicativo: "quando já fora reparado" e "que fora fretado". É o mesmo que se verifica nos exemplos de (69).

(69) a - " O grau dos prejuízos **causados** ao meio ambiente pelas atividades industriais das grandes potências econômicas..." (= que foram causados). (Texto nº42).

b - "Os resultados da pesquisa **realizada** entre assinantes deste jornal, **divulgados** neste domingo , vêm avalizar de forma expressiva a estratégia de cobertura das eleições presidenciais seguida pela Folha". (= que foi realizada e que foram divulgados). (Texto nº37).

Nestes casos, o participio corresponde a uma oração adjetiva¹²⁹ que indica uma situação anterior a outra(s) (exemplo 68 a, d) ou a um momento como em (69 a, b), em que as situações são anteriores ao momento da enunciação e têm um caráter narrativo. Aqui o valor passado dos participios é fundamental para a ordenação.

O participio pode equivaler a uma oração de voz passiva no presente do indicativo, como no caso do exemplo de (70) e do participio "**seguida**" (= é seguida) em (69 b), e aí, então, não marcam anterioridade, mas simultaneidade, pois vale o aspecto imperfectivo da perífrase. O caráter aqui é dissertativo.

128 - Cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

129 - Observamos que as orações adjetivas têm a capacidade de introduzir em um tipo de texto, um segmento de outro tipo, embora nem sempre o façam. Nos exemplos de (69) introduzem uma oração narrativa em textos dissertativos.

- (70) "No entanto, a época mais favorável e de maior pico de plantio, compreende os meses de maio e junho, isso por que os plantios realizados de março a abril correm o risco de ser prejudicados por fortes chuvas". (= que são realizados). (Texto nº45).

Quando não são adjetivos e representam estados presentes resultantes da conclusão de uma situação dinâmica, com o verbo de ligação elíptico, vale o aspecto imperfectivo deste verbo e temos simultaneidade para o estado em relação à(s) outra(s) situação(ões). Já a situação dinâmica de cuja conclusão resulta o estado é a situação narrada (S.N.) e tem aspecto acabado, sendo anterior à outra situação, quando for o caso.

- (71) a - **Abraçada** com o filho, Raquel chorou muito. (=Raquel que estava abraçada com o filho chorou muito).

S.N.: abraçar - acabado.

S.R.: estado de abraçada - imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo.

- b - **Sitiada** pelo inimigo, a cidade não se rende (= Embora esteja sitiada pelo inimigo...).

S.N.: sitiar - acabado.

S.R.: estado de sitiada - imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo.¹³⁰

- c - "Em ambas as margens elevam-se montanhas escarpadas cobertas por lindíssimas orquídeas suspensas e demais vegetação luxuriante". (= que são ou estão cobertas). (Texto nº20).

são cobertas - imperfectivo, não-acabado, cursivo, indeterminado.

Uma evidência a favor do que foi proposto em (III.1. c), onde se afirma que as situações no perfectivo são seqüentes e ocorrem na ordem em que aparecem no texto, salvo se houver instruções em contrário, é o fato de que nas narrações tipo história, se invertermos as orações narrativas, ou seja, se

¹³⁰ - Exemplos (71 a, b) apud TRAVAGLIA (1981: item 7.8.3).

modificamos a ordem no texto das situações, sem colocar instruções (pistas, marcas) que permitam recuperar a ordem cronológica original, as situações passam a ser interpretadas como tendo ocorrido na nova ordem em que aparecem no texto. Esse fato já fora observado por LABOV (1972: 360) ao dizer que as orações de uma narrativa são ordenadas temporalmente e que "uma mudança em sua ordem resultará numa mudança na seqüência temporal da interpretação semântica original". Isto é exemplificado por CASTRO (1980: 14 e 15) com as seqüências que reproduzimos em (72) e (73) em que se pode ver que a alteração da ordem no texto faz com que tenhamos duas interpretações diferentes porque mudam as relações entre as situações. Assim, por exemplo, como observa CASTRO (1980: 15), em (72) "o ato de apertar o peixe é causa do ferimento na mão", já em (73) "seria uma conseqüência, uma "vingança" contra o mandi".

(72) g "ele (o mandi) ficô pulano assim (na vara),
 h eu toquei a mão com tudo a força assim
 i e apertei assim
 j e furô (a minha mão)."

(73) "j (o mandi) furô (a minha mão),
 h eu toquei a mão nele com tudo a força,
 i e apertei assim,
 g ele ficô pulano assim (na vara)."

LABOV e CASTRO não observaram que essa alteração da ordem no texto só implica em mudança na interpretação se não forem utilizadas instruções (marcas e pistas) que permitam recuperar a ordem referencial original. Talvez não o tenham feito porque trabalharam com narrativas orais, onde a tendência para a isomorfia entre a ordem referencial e a textual é quase absoluta, utilizando-se pouco tais marcas e pistas.

Correspondendo as junturas temporais¹³¹ a pontos da seqüência narrativa que separam orações narrativas¹³¹ e que não podem

131 - Conceito de LABOV e WALETZKY (1967) apud CASTRO (1980: 14-21), BASTOS (1985) e SILVA-CORVALÁN (1983). Cf. LABOV (1972).

ser deslocadas de sua posição na superfície textual porque acarretam alterações na interpretação original dos fatos narrados, elas são importantes no que refere ao aparecimento de pistas e marcas que permitem recuperar a ordem cronológica das situações não coincidente com a ordem textual, pois é nas junções temporais que essas marcas e pistas aparecem.

Vê-se, pois, que (III.1.C) coloca a ordem textual como um poderoso fator de ordenação referencial das situações, a ponto de, em não funcionando nenhum dos elementos ordenadores de (III) a (XII), a ordem textual fazer a ordenação referencial quando ela é básica para um determinado tipo de texto como os textos narrativos que são histórias. Isto ocorre, por exemplo, no texto nº63 (O show) que narra uma história apenas através de nomes em uma certa ordem¹³².

Além das narrações (histórias) orais, a tendência para a isomorfia entre a ordem referencial e a textual das situações é muito forte em outros tipos de narrativa. Assim, por exemplo, NEIS (1984: 79) registra que, nas histórias infantis, os casos em que as duas ordens não coincidem são poucos. Naturalmente isto deve ser causado pela busca de simplicidade neste tipo de texto narrativo. Também nas narrativas presentes, a isomorfia entre as duas ordenações é muito grande. Quase não há inversões e as poucas que ocorrem não são violentas. Isto acontece por duas razões. Em primeiro lugar, na narração presente — seja ela real (como na irradiação de um jogo de futebol) ou apenas figurada (por exemplo, a narração de fatos passados como se fossem presentes, lembre-se o presente histórico) — o momento da enunciação coincide com o momento do acontecimento e, portanto, ela vai sendo feita à medida que as situações ocorrem (o narrador presencia os acontecimentos e os

132 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 12-14).

relata no momento da sua ocorrência) e, por isso, torna-se difícil fazer avanços ("flashforwards") ou recuos ("flashbacks") na seqüência de acontecimentos. Em segundo lugar, parece que na narração presente os recursos para indicação da ordem referencial (cronológica) não coincidente com a ordem textual são muito reduzidos. Impossível, por exemplo, ter formulações do tipo "no dia anterior chega o pai". Seria interessante, neste momento, observar as ordenações que fizemos das situações em narrativas presentes (Veja no anexo os textos de nºs 64, 65, 66, 67).

Às vezes, na narração presente, ocorrem "flashbacks" com o pretérito perfeito do indicativo (Veja exemplos no texto nº65, "O médico e o monstro" com os verbos "que **escorreu**" e "**foram pintados**") ou com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples ou composto (Veja exemplo no texto nº64, "A farsa e os farsantes" com o verbo "**havia dado**").

Em textos narrativos futuros (preditivos) em que (III) praticamente não opera, não há problemas em inverter a ordem das situações no texto, exceto em trechos ordenados por recursos previstos em (IV) a (XII). Isto pode ser constatado nos seguintes textos, onde há uma certa liberdade de inversão de situações ou de blocos delas: a) versículos 24 a 31 de "Jerusalém corrompida será purificada" (texto nº82); b) soneto XIX de Guilherme de Almeida (texto nº86); c) trecho no futuro do presente de "O Cavaleiro da Esperança" de Jorge Amado (texto nº77) e d) trechos no futuro do presente de "Ibitinga incentiva produção rural" (texto nº81). Evidentemente, uma ordenação diferente das situações no texto pode acarretar mudanças de sentido por mudar outras relações lógicas e discursivas entre as orações e períodos que expressam as situações, mas não por modificar as relações de seqüência temporal entre elas. Isto porque, nas narrativas futuras, em que não operam os princí-

pios de (III) a (XII), sã há um seqüenciamento referencial potencial, se se tratar de uma história, mas não uma ordem já dada (mesmo que apenas prevista) porque, nesse caso, o princípio de ordenação referencial teria operado (Veja o texto nº 71-c).

Até aqui comentamos fatos ligados à expressão de situações como seqüentes. Vejamos alguns fatos ligados à sua expressão como simultâneas.

Nas narrações passadas, o produtor do texto pode , utilizando o pretérito imperfeito do indicativo com aspectos imperfectivo, habitual, não-acabado, dar uma série de ações ou fatos habituais que ocorrem num certo período de tempo. Apesar de cada ocorrência da situação ser completa (e portanto perfeita), não é possível dar uma seqüência às diferentes situações que são apresentadas como imperfectivas e, por isso, interpretadas como simultâneas, não sã entre si, mas também a situações não habituais, mas cursivas, presentes no texto. (V. exemplo 74-c) Isto acontece porque o conjunto de ocorrências da situação habitual é visto em bloco como uma única situação imperfectiva. Com isso normalmente se obtêm descrições, por exemplo, de como era a vida de alguém em um certo período de tempo. É o que temos, por exemplo, em vários trechos do canto "O arquivo" (Texto nº68) que transcrevemos em (74). Com freqüência, o que temos é uma seqüência de situações que é habitual (cf. 5.3.8).

- (74) a - "Agora João **acordava** às cinco da manhã. **Esperava** três conduções. Em compensação **comia** menos".
- b - "**Chegava** em casa às onze da noite, **levantava-se** às três da madrugada. **Esfarelava-se** num trem e dois ônibus para garantir meia hora de **antecedência**".
- c - "Aos sessenta anos, o ordenado **equivalia** a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, **saboreava** alguma raiz das estradas. **Dormia** apenas quinze minutos. Não

tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. **Vi** via nos campos, entre árvores refrescantes, **co-**
bria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho."

É interessante observar em (74-c) que o pretérito mais-que perfeito do indicativo aparece na descrição em vez do pretérito imperfeito do indicativo que devia ser usado. Isto acontece porque o autor expressa a situação narrada ("acomodara-se") já acabada e não o estado (o organismo estava acomodado à fome) que é a situação referencial resultante da narrada (V. nota 128, p. 146) e que deveria aparecer no texto, se se atendesse às continuidades de formas e categorias verbais características da descrição (cf. capítulo 6). Trata-se, pois, de uma espécie de uso metafórico.

O imperfectivo que marca simultaneidade pode ser da situação narrada e não da referencial (V. nota 128, p. 146) Isto pode ser constatado, por exemplo, no texto nº67 (A última crônica). Ali, no início do terceiro parágrafo, o autor diz "Passo a observá-los". Analisando os aspectos teríamos:

S.R.: Passo a observá-los: perfectivo, pontual

S.N.: observar: começado, imperfectivo.

A situação de "observar" executada pelo narrador começa neste ponto e continua até o final do texto sendo simultânea a tudo que é dito depois e que é objeto da narração. Tanto é assim que ela reaparece no parágrafo cinco no verbo "vejo" (resultado da observação) e com o mesmo verbo "observar" no aspecto imperfectivo nos parágrafos cinco ("ninguém mais os observa além de mim") e seis ("De súbito dá comigo a observá-lo ..."). O mesmo ocorre com, "põe-se a bater palmas" e "põe-se

a comê-lo" no parágrafo 5. A situação narrada "bater palmas" é simultânea a "cantando", enquanto a situação narrada "comer" é simultânea às demais situações até o final do parágrafo (Veja exemplo 86 adiante).

Como o gerúndio está ligado à expressão dos aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo¹³³, é usado, com frequência, marcando situações como simultâneas em diferentes tipos de textos. Veja exemplos em (65d), (67a), (75) e (76).

(75) a - "O Guarani **joga** hoje, às 16 horas, diante do Bragantino, em Bragança Paulista, **pensando** exclusivamente numa vitória ..." ("Guarani busca a liderança em Bragança" in *Diário do Povo*, Ano 78, nº 23.499, 16/04/89, p.1 - Campinas/SP).

b - "De repente, o médico diz que está com sede e **corre** para a cozinha apertando o pincenê contra o rosto." (Texto nº65).

c - "... e dessa música **surgiam** meninas —a alvura mesma —/cantando. (Texto nº19).

(76) a - Os dançantes **continuavam** no compasso marcial da polaca, **executando** variadas figuras, ora **desenhando** meias luas, ora **separando-se** em alas, **marchando** frente a frente, ora **fazendo** evoluções de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de diferentes voltas". (Texto nº4).

b - "Outras (borboletas) **voam** mais alto, **entrefechando** e **abrindo**/ A asa, ..." (Texto nº10).

c - "Até a curva quase hiperbólica do vidro foi **obtida** **aquecendo-se** e **moldando-se** o ar na forma de um telhado de cogumelo". (Texto nº89).

d - "**apagar** uma a uma todas as grades **tendo** o cuidado de não tocar numa única pena do pássaro. (Texto nº54).

Em exemplos como os de (76) o gerúndio, além de dar a simultaneidade pelo aspecto, indica ou o modo como a outra situação é realizada ou situações em que ela se subdivide ou

133 - Cf. TRAVAGLIA (1981: item 7.8.2).

de que é composta.

Situações que indicam o modo de ocorrência ou de realização de outra são sempre simultâneas a esta. Isto ocorre não só no presente, mas também no passado (Veja exemplos 76a, c). Embora a situação que indica o modo de realização da outra quase sempre esteja no gerúndio, nem sempre este é o caso, como bem se pode ver no exemplo (77a), onde "Limitou-se a sorrir, a agradecer" especifica o como ele agiu ao "não se mostrar orgulhoso". Evidentemente essa relação é feita pelo conhecimento de mundo. Em (77b) o modo é dado por "preposição + infinitivo".

- (77) a - "João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se **mostrou** orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. **Limitou-se a sorrir, a agradecer.**" (Texto nº68).
- b - "Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa-de-cabeceira, **disse, sem tirar**, os olhos das cartas, você está com um ar cansado". (Texto nº61).

Às vezes, sobretudo na narrativa presente, o gerúndio serve para marcar não a simultaneidade com outra situação, mas a simultaneidade ao momento da enunciação. É o que vemos no exemplo (78), onde "aplicando" é simultânea não a qualquer outra situação do texto, mas ao primeiro momento de observação e enunciação.

- (78) "Avental branco, pincenê vermelho, bigodes azuis e -lo, grave, **aplicando** sobre o peito descoberto duma criancinha um estetoscópio, e depois a injeção que a enfermeira lhe passa. (Texto nº65).

Na narrativa presente, como o presente do indicativo aparece com aspecto perfectivo seqüenciando as situações, a si multaneidade entre situações ocorrerá em função da presença de elementos como os especificados abaixo e que fazem com que seja o imperfectivo o aspecto atualizado:

a) o uso do gerúndio - veja exemplos (65d) (correndo), (75b) (apertando) e (79).

(79) a - "A mulher **suspira, olhando** para os lados, a reasegurar-se da naturalidade de sua presença ali."
(Texto nº67).

b - "Apontando armas para os reféns e nervosos, os sequestradores **dão** prazo à polícia até às 15h do dia seguinte - dia 12, sábado." (Texto nº66).

c - "Quando a outra **chega, encontra** a irmã **gemendo** sobre a cama, e o pai, apreensivo e corrupto, **abai**xando o termômetro com grandes solavancos para ver se a febre já tinha passado." (Texto nº64).

Em (79a) temos "a reassegurar-se" com o mesmo valor do gerúndio. "A + infinitivo" pode ter as mesmas funções que apontamos até aqui para o gerúndio, embora seja de uso menos freqüente no Português do Brasil. No final do quinto parágrafo do mesmo texto nº67 (A última crônica), há outro exemplo de "a + infinitivo" marcando imperfectivo e não-acabado e criando simultaneidade: "De súbito, **dá** comigo a **observá-lo...**".

b) o uso de qualquer elemento marcador de duração da situação no presente do indicativo, o que faz com que esta forma marque o imperfectivo, já que toda vez que ela é perfectiva tem que ser pontual ¹³⁴.

Alguns desses elementos seriam:

b.1 - "Enquanto"+ presente do indicativo. Veja no exemplo (80) o uso de "enquanto" que além de marcar as situações como durativas, é também um marcador de simultaneidade em qualquer caso.

(80) a - "Enquanto **trabalham** a enfermeira **presta** informações:

___ Esta menina é boba mesmo, não gosta de injeção, nem de vitamina, mas a irmãzinha dela adora."
(Texto nº65).

134 - Cf. TRAVAGLIA (1981).

b - "Sem mais nada para contar curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança..." (Texto nº67).

b.2 - Locuções verbais marcadoras de duratividade .
No exemplo (65d) temos a locução "vem caindo". Em (65c) temos "continua a brincar". Veja também os exemplos de (81).

(81) a - "Já estamos a esta altura, como não podia deixar de ser, presenciando a metamorfose do médico em monstro." (Texto nº65).

b - "... o monstro vai espalhando o terror ao seu redor". (Texto nº65).

b.3 - o presente do indicativo de verbos que indicam situações que não podem ser pontuais. Veja os exemplos de (82) retirados do texto nº64 (A farsa e os farsantes).

(82) a - "A menor fica pelos cantos, a cara amarrada, rosnando" (Este exemplo talvez pudesse ser de b.2, se se tomar "fica rosnando" como locução).

b - "E a outra faz o seu papel de dor e impotência. As lágrimas secam mas a perna ainda dói — e ele descobre um vermelhão perto dos joelhos e teme".

b.4 - em construções com verbos estáticos, sobretudo os de estado. Este caso pode ser reunido ao de b.3. (Veja exemplo 82-a). Um outro exemplo deste caso é a construção com overbo "ser" no presente do indicativo + nome que vemos no exemplo (83). Neste caso é importante a presença da conjunção temporal "quando".

(83) "Até que, de repente, quando maior é a comilança, ou vem o barulho do elevador que pára no andar." (Texto nº64).

Este tipo de construção aparece também em narrações passadas com o verbo ser no pretérito imperfeito do indicativo: "Quando maior era a comilança, ouviram ..."

Às vezes, apesar da presença do durativo, não temos

simultaneidade porque outros elementos levam à criação de seqüência. É o caso do exemplo (84) onde apesar da locução marcadora de duração ("ficam vendo") não se estabelece nenhuma simultaneidade devido a atuação da conjunção "e" (normalmente criadora de seqüência), do advérbio "depois" (marcando posterioridade) e do conhecimento de mundo que diz não ser possível neste texto "ficar vendo figuras" e "jogar batalha naval" ao mesmo tempo e nem "deitar na cama" e "ficar vendo" (a simultaneidade ocorreria com "ficam deitados na cama vendo figuras").

- (84) "Agora é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passavam. Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e ficam vendo figuras, depois jogam batalha naval, A6, F7, D8 — água." (Texto nº64).

Casos como este deixam bem claro que os elementos do princípio ordenador de (III) a (XII) atuam numa interação constante e complexa e que o comentário do funcionamento ordenador de todos eles, em um só texto que seja, será sempre longo.

c) o uso do infinitivo constituindo expressões temporais que indicam o momento de ocorrência de outra situação, como nos exemplos de (85).

- (85) a - "Ao passar zunindo pela sala, o pincenê e o avental são atirados sobre o tapete com um gesto desabrido." (Texto nº65).
 b - "É na hora de levantar da mesa que a garota sente a dor". (Texto nº64) (= "Ao levantar da mesa" ou "Quando está levantando da mesa").

Esse tipo de uso ocorre também em narrações passadas. Substitua-se em (85a) "são" por "foram" e em (85b), "É" por "Foi" e "sente" por "sentiu".

É preciso anotar ainda que a simultaneidade pode ocorrer não só entre situações, mas também entre duas ou mais cadeias de situações realizadas por diferentes sujeitos (personagens no caso da narração) dentro de um mesmo período de tempo.

e das cidades de Judá um deserto,
onde ninguém mais **habitará**".

(Bíblia Sagrada, livro de Jeremias, cap.9, vers.9 e10).

Em (88) pode-se propor a seguinte ordenação:

1	2	3	
1.1 - devorou	passa	erguerei	
1.2 - fugiram	↕	entoarei	
1.3 - desapareceram	ouve	Farei	} → habitará
		[farei]	

As situações no passado (grupo 1) formam uma seqüência na ordem indicada pela numeração (1.1 → 1.2 → 1.3). A seguir vêm as situações no presente que são simultâneas por terem aspecto imperfectivo. Em último lugar na seqüência temos as situações no futuro. Entre "farei" e "habitará" cria-se uma seqüência pelo conhecimento de mundo já que se tem uma relação de causa → conseqüência (cf. VII.b). Em 1 teríamos uma narração passada, em 2 uma narração presente e em 3 uma narração futura (trecho preditivo).

Na descrição, parece que só temos ordenação pelo tempo quando nela se inserem pequenos trechos ou passagens narrativos. Veja os verbos e trechos indicados do texto nº26:a) "foi planejada" (Aspectos gerais) é anterior a todas as demais situações que dão características atuais de Belo Horizonte; b) "construída" e "existia" são anteriores a "abriga" (Catedral de N. Sra. da Boa Viagem). Como o conhecimento de mundo torna seqüentes as duas situações no passado, apesar do imperfectivo em "existia", temos a seguinte seqüência cronológica: existia → [foi] construída → abriga.

No texto nº41 (Propaganda), que é basicamente dissertativo, teríamos uma ordenação feita pelo tempo que é apresentada em (89), onde os números 1, 2 e 3 indicam a seqüência.

(89)

1	2	3
foi proibida	tenha	será
	↓	
	informa	for comu- → serão re-
	↑	nicada tirados
	cabe fixar	
	[estão] afixados	

Aqui a S.N. "afixou" de cuja realização resultou a S.R. "[estar] afixados" ficaria em 1. Em 3, as situações "for comunicada" e "serão retirados" foram seqüenciadas pelo conhecimento de mundo porque entre elas há uma relação de condição → condicionado (Cf. VII.b).

No texto nº40 (Microtransplante do próprio cabelo) também se pode ordenar situações pelo tempo: passado (atingidas, foram trazidos, transplantados, foram retirados); futuro (crescerão, voltarão a cair, será, preocupe) e presente (demais situações). As situações no presente e "será" constituem trechos dissertativos, as no passado e no futuro (exceto será e preocupe), são narrativos e "preocupe" é injuntivo.

É interessante observar que, nas descrições presentes e nas dissertações presentes, os enunciados com verbos no passado normalmente constituem trechos ou inserções narrativas, mesmo que não constituam uma história. Além do exemplo do texto nº40 (Microtransplante do próprio cabelo) isto pode ser observado no texto nº2 (A dimensão do Brasil), que é argumentativo e no texto nº89 (Um espelho para o cosmo). Nos dois primeiros, as partes narrativas não constituem uma história, no terceiro sim. Em "Um espelho para o cosmo" pode-se dizer que as situações estão distribuídas como proposto abaixo:

a) passado: narração da construção do telescópio e dissertação (com freqüência um discurso indireto livre) dos ra

ciocínios feitos a cada passo da construção.

b) **presente**: dissertação. Quase sempre explicações sobre o funcionamento do telescópio.

c) **futuro**: narração quando diz o que será feito, o que acontecerá e dissertação quando dá explicações sobre o funcionamento futuro do telescópio.

Vejamos ainda alguns exemplos de futuro marcando posterioridade em textos dissertativos. No texto nº36 (Um contraceptivo parecido com o DIU. Só que para homens), temos três futuros dissertativos (Exemplos 90 a-c) e um narrativo (90-d). No texto nº44 (Medo, ansiedade e pânico) temos um futuro (Exemplo 91). Os futuros de (90a,b) e (91) têm valor onitemporal e são futuros em relação a outras situações, portanto uma espécie de futuro relativo apenas marcando posterioridade e não futuros em relação ao momento da enunciação como em (90c,d). Em (90c) o futuro do presente é usado para indicar um futuro mais remoto, posterior a um futuro mais imediato dado pelo presente do indicativo (começa) e o adjunto adverbial (A partir do próximo mês).

(90) a - "... o homem que o utiliza sabe que poderá voltar a ter filhos no momento que quiser.

b - "... o Dioid é introduzido nos canais deferentes do pênis....., e a bola "testemunha" sempre permanecerá fora dos canais para indicar a localização do Dioid.

c - "A partir do próximo mês o Dioid começa a ser testado em cachorros no Hospital Clínico de Madri ..
.....

A experiência em cachorros servirá para definir o grau de eficácia e de tolerância do organismo
....."

d - "O urologista espanhol Aurelio Uson desenhou, patenteou e agora começará a testar em animais o mais novo contraceptivo masculino"

(91) "Nessas ocasiões, porém, ficam reconfortados, pois

os exames que são obrigados a fazer resultam normais. Só que as crises continuarão, até que o diagnóstico seja estabelecido.

Observe-se que em (90a,b) o futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, sem problemas, devido à ontemporalidade. Em (90d) a substituição pode ser feita, mas permanece o valor futuro. Em (90a,b) o valor se torna de presente, mas a mesma ordenação poderia ser feita pelo conhecimento de mundo.

Também em textos injuntivos ocorre ordenação referencial pelo tempo. Veja exemplos (92) e (93), em que atuam o futuro e o passado.

(92) Você **obterá** assim, rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas. (Texto nº46).

Neste exemplo usou-se o futuro para marcar a situação de "obter" como posterior a todas as ações prescritas anteriormente pelo imperativo. Como este implica uma espécie de futuro imediato e o futuro do presente um futuro mais remoto, estabelece-se a posterioridade que é dada também pelo fato de "obter" ser o resultado da execução de todas as ações anteriores (Cf. VII. b).

(93) Segure a lata e levante novamente a alavanca para soltá-la do abridor. A tampa que ficou presa ao imã, **poderá** também ser facilmente retirada". (Texto nº46)

Em (94) temos alguns exemplos de ordenações pelo tempo (passado → presente) em narrativas presentes.

(94) a - "O médico **apanha** o pincenê que **escorreu** de seu nariz, " (Texto nº65).

a - "No trajeto da sala para o quarto **lembra** noites antigas, em que a menina **acordava** e **pedia** colo, ele **ficava** a noite inteira com o pequenino corpo nos braços, andando pelo escuro com sua preciosa

carga feita de amor, medo e duas mãozinhas que o agarravam quando tentava deitá-la outra vez na cama.

Agora o corpo cresceu, pesa em seus braços, mas a fragilidade da menina é a mesma". (Texto nº64).

c - "O pai depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom inclinando-se para trás, na cadeira e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma". (Texto nº67).

d - "Mais um telefonema à casa dos Angel e a polícia consegue identificar o telefone público de onde partiu". (Texto nº66).

5.3.4 - Ordenação pelo tempo relativo

Em (V) propusemos que os tempos relativos marcam anterioridade e posterioridade. Talvez devêssemos incluir entre os tempos relativos o pretérito imperfeito do indicativo que marcaria simultaneidade a um momento ou a outra situação no passado, criando uma espécie de presente relativo.¹³⁵ Todavia, como toda simultaneidade feita com o pretérito imperfeito do indicativo pode ser atribuída ao aspecto imperfectivo, ficamos com este mecanismo explicativo por ser mais geral.

Quanto à anterioridade marcada pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pelos tempos compostos formados de "ter (exceto no presente do indicativo) + participio", já vimos alguns exemplos em (68b) (terá contado → chegar); (68c) (tiver picado → junte) de texto injuntivo; (68e) (acabara de passar → deteve) em trecho narrativo; (68f) (tiver lavado/[tiver] apagado → virá estabelecer) em narração futura (preditivo); (68g) (já reparado → exige) e (79-c) (tinha passado → chega/encontra/gemendo/abaixando) em narrações presentes. Vejamos mais alguns exemplos, lembrando antes que a ante-

135 - Cf. TRAVAGLIA (1981: item 7.3) onde se fala em presente no passado; CUNHA (1975: 432) que diz que o pretérito imperfeito do indicativo é o tempo que usamos "quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente"; BECHARA (1977:274) que diz o mesmo praticamente da mesma forma e GUIMARÃES (1979:XVII) que propõe que o pretérito imperfeito do indicativo não seria um tempo do passado, mas um parâmetro para outros tempos.

rioridade é marcada não só com relação a uma situação, mas com relação também a momentos dados da seqüência cronológica.

Em textos descritivos só encontramos essa anterioridade em trechos narrativos que apresentam situações dinâmicas de cuja realização resultou uma característica atual do objeto da descrição que então não é expressa, mas fica pressuposta. É este fato que comentamos em (74c) ao falar do uso do verbo "acomodara-se". Este marca anterioridade ao momento dado pelo adjunto adverbial "Aos sessenta anos". Veja-se também os exemplos (95) e (96).

(95) "Um grande tapête de verdura fresca e úmida parecia **ter descido** do céu e **coberto** como um manto misterioso, o campo..." (Texto nº6).

(96) "Espremida entre o mar e a montanha, a cidade de fato lembra o Rio, não de hoje; é como se, nos anos 50 o nosso Rio **tivesse dado** uma guinada de rumo, **contido** sua expansão, **preservado** seus casarões, **crescido** sim mas com medo de se deformar. (Texto nº28).

Em (95) "ter descido" e "[ter] coberto" são anteriores a todas as situações no pretérito imperfeito do indicativo e sua realização resulta no estado que é simultâneo a estas : "o campo estava coberto por um tapete de verdura fresca e úmida". Em (96), "tivesse dado" e "[tivesse] contido, preservado e crescido" são anteriores ao momento da enunciação (que é o mesmo momento das situações no presente do indicativo e que constituem a descrição) e colocados num momento preciso pelo adjunto adverbial "nos anos 50". E sua ocorrência hipotética (daí o subjuntivo) caracteriza São Francisco de modo que se poderia dizer: "São Francisco tem hoje a aparência do Rio da década de 50, com casarões..."

Outros exemplos podem ser observados nos seguintes textos:

a) texto nº91 (Propaganda do Yázigi): "havam formu-

lado" anterior à situação "colocavam em prática"; e "havia formado" anterior ao momento dado pelo adjunto adverbial "No final da década";

b) texto nº74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul): "havia expressado" anterior a "lembrou" e "decidiram viajar". Cf., no anexo, a ordenação referencial ou cronológica que fizemos das situações deste texto;

c) texto nº60 (Morre Shockley, pai do transistor) : "havia feito" anterior a "retirou".

Entre os tempos relativos marcadores de anterioridade, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (simples ou composto: tinha ou havia + particípio), marca anterioridade da situação que expressa: a) à situação imediatamente anterior na linearidade do texto; b) a um momento indicado anteriormente no texto ou c) a um bloco de situações imediatamente anterior na linearidade do texto. Se a situação expressa no pretérito mais-que-perfeito é anterior a outra situação, a um momento ou a um bloco de situações vai ser dado pelo conhecimento de mundo, inclusive do mundo textual. Assim, por exemplo, no texto nº66 (Oito reféns em 12 dias de ação) a situação expressa, no trecho "12 de agosto (sábado)", pelo verbo "fretado" (=fora fretado - Cf. exemplo 68 g) é anterior às situações de "enguiça", "decolar", "é alugado", "cede", "dão prazo" e "reparado", pois aparece como primeira situação realizada em "11 de agosto (sexta-feira)". Outros exemplos:

a) no texto nº89 (Um espelho para o cosmo), no terceiro parágrafo, "havia pensado" dá uma situação anterior ao "momento em que se começou a construir o Hubble" e portanto anterior a todos os fatos da construção do Hubble relatados até este ponto do texto.

b) no trecho de BERLINCK (1987:44 e 45) transcrito em (97) nota-se que a situação de "tinha feito dez... dez dias

de... disciplina com ele" é anterior a "comecei a.../elaborei", "me bateu", "falei", "fui", "concordô", "passei" e também às situações no perfectivo que vêm após "tinha feito" no texto, mas aí a ação não é mais do tempo relativo e sim do perfectivo. Neste exemplo ainda temos "tinha sido lançada" anterior à situação de "fiz o exame de seleção".

- (97) "... Então, eu terminei o curso em final de setenta e nove, em dezembro de setenta e nove eu fiz o mes/ fiz o exame de seleção. Né? Tanto que eu fiz o exame de seleção condicional, porque algumas disciplinas a nota, a média não... não tinha sido lançada ainda, sabe? Aí, comecei o mestrado. Oitenta... Aí fui fazendo crédito, né? Aí, oitenta, no começo de oitenta e um eu comecei a.../ elaborei o projeto de tese e tal, aí quando chegô em setembro me bateu essa.../ dá aqueles sete minutos, falei: não vô fazê isso. Aí fui pra Brasília conversá com ele. Aí ele concordô e tal, aí eu passei lá janero e feeverero de oitenta e dois. Tá? Porque eu só tinha feito dez ... dez dias de... de disciplina com ele. Né? Aí eu fiquei no laboratório, estudando, fazendo um monte de prática, vendo como é que mexia com isso, com aquilo, fazendo uma... uma série de técnicas, né? Aí voltei pra Curitiba e comecei a montá o laboratório."

Parece que, normalmente, a situação no pretérito mais-que-perfeito do indicativo vem, no texto, após a(s) situação(ões) a que ela é anterior na sequência referencial. Se ela vier antes também na linearidade da superfície textual, parece que haverá uma marca qualquer que torne isto possível. Assim no exemplo (98-b) temos a relação causa → consequência e no exemplo (98-c) o advérbio "já" que parece freqüente nestes casos. Em (68-g) temos outro exemplo em que o advérbio "já" funciona como em (98-c) e em que "reparado" equivale a "quando já fora (ou tinha sido) reparado". Para verificar esta hipótese é preciso fazer um estudo, inclusive quantitativo, da ocorrência das duas possibilidades, sobretudo da segunda, que parece ser

a forma mais marcada, porque seria a posição menos natural.¹³⁶

- (98) a - "Por exemplo, um dia **quebrei** a cabeça duma escrava, porque me **negara** uma colher do doce de côco que estava fazendo..." (Machado de Assis - apud OLIVEIRA - 1965: 218).
- b - Por exemplo, um dia, porque uma escrava me **negara** uma colher do doce de coco que estava fazendo, **quebrei-lhe** a cabeça.
- c) "A polícia de Goiás segue o carro à distância. Mais de 15 horas depois, quando **já haviam passado** por Itumbiara (GO), Frutal (MG) e Presidente Prudente (SP), os **seqüestradores são interceptados** às 16h 30, por uma barreira policial na localidade paulista de Itororó do Paranapanema, município de Pirapazinho, na divisa entre São Paulo e Paraná." (Texto nº66).

Quando há vários pretéritos mais-que-perfeito em seqüência no texto, como no exemplo (99), eles indicam que a situação que expressam é anterior a outra, a um momento ou a um bloco de situações e entre si são ordenados pelo aspecto perfectivo de acordo com (III).

- (99) "Porque ele/ Passô um dia, passô dois, ninguém aparecia, ninguém/ eles não voltavam, daí o Seu Almir, que é o pai dos menino, **começô** a procurá. Aí **começô** a ficá desesperado, porque eles só **tinham ido** para vol/ Quê dizê, alguma coisa de ruim **tinha acontecido** com eles porque eles não **tinham dado** sinal de vida." (Texto nº59).

Nos casos em que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo marca a anterioridade da situação que expressa a outra(s), nem sempre é possível, com ou sem o auxílio de outros elementos, determinar a posição exata da situação no pretérito mais-que-perfeito dentro da seqüência constituída pela ordem referencial. É o que se verifica, por exemplo, com a situação "**ti** nha acontecido" do exemplo (99) (Veja, no anexo, o texto nº59 e

136 - Para vários falantes consultados, alguns dos quais lingüistas, (98-a) soaria mais natural que (98-b).

a ordenação que fizemos de suas situações). Parece que, como o sintagma "alguma coisa de ruim tinha acontecido" funciona como um elemento de coesão seqüencial por recorrência através de termos genéricos mais verbo vicário (alguma coisa acontecer) em relação a "mataram, bateram, judiaram, maltrataram, mataram, rasgaram"; tinha acontecido ocuparia na seqüência a mesma posição destes.

Vimos em (V.b) que o futuro do pretérito é uma forma verbal que expressa o tempo relativo marcador de posterioridade sendo, portanto, essencialmente um seqüenciador. Como ele indica sempre uma situação posterior a um momento (representado ou não por uma situação), deriva daí o significado de situação não real neste momento e também a idéia de probabilidade que às vezes parece ser a única presente, como no exemplo (100) abaixo, onde todavia, se pode dizer que "teria surgido" é posterior à situação da "explosão". Nestes casos é comum o futuro do pretérito ter um uso polifônico.

- (100) "No fim da década de 20, o astrônomo americano Edwin Hubble (1889-1953) comprovou que o Universo conhecido não é estático, mas continua a se expandir desde que **teria surgido** de uma explosão inicial que espalhou partículas elementares por todos os lados." (Texto nº89).

O uso desse tempo relativo é mais freqüente nas narrações e dissertações. Nas narrações a idéia de posterioridade é sempre mais patente do que nas dissertações, onde o valor derivado de probabilidade fica mais evidente, esmaecendo-se ou praticamente apagando-se a idéia de posterioridade, já que a vocação da dissertação é para a simultaneidade. As descrições com futuro do pretérito parecem não ser muito freqüentes, mas nelas ocorre o mesmo que nas dissertações.

Muitos exemplos em narrações podem ser vistos em textos como os de número 56 (Candidatura sempre teve dificuldades);

66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados: oito reféns em 12 dias de ação); 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul). Nestes, a posterioridade é a uma outra situação. No exemplo (101), a posterioridade é ao momento dado pelo adjunto adverbial "No final da década", embora se possa considerar "entenderiam" e "iria acontecer" como posteriores a "havia formado", inclusive devido à relação de causa e consequência que se pode ver entre estas situações.

- (101) "No final da década, o Yázigi já havia formado algumas centenas de jovens que entenderiam muito melhor tudo o que iria acontecer nos anos 60". (Texto nº91)

Quanto ao futuro do pretérito na dissertação, já vimos o exemplo de (100). No mesmo texto nº89 (Um espelho para o cosmo) temos vários exemplos, nos quais às vezes a idéia de posterioridade é mais patente (nos trechos mais narrativos) e às vezes a de probabilidade é que ressalta (nos trechos mais dissertativos). No exemplo (102) abaixo, nos dois futuros do pretérito (seria e teriam de advertir), a idéia de probabilidade é mais forte que a de posterioridade que, todavia, é mais perceptível no caso de "teriam de advertir" (posterior a "estar causando prejuízos").

- (102) "Seria puro suicídio investir numa política de "a devastação é nossa"; do mesmo modo, nada mais equivocado que fazer da preocupação com o meio ambiente o monopólio de alguns iluminados do Primeiro Mundo, que teriam de advertir os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que estejam causando à humanidade." (Texto nº42).

Um uso do futuro do pretérito como o que temos com "teriam de advertir" no exemplo (102) evidencia que não é conveniente descrever o futuro do pretérito como uma forma verbal que marca futuro em relação a um momento do passado. Na verdade, ele marca posterioridade, seja em relação a um momento do passado

(veja o exemplo 101 e os exemplos dos textos narrativos a que remetemos antes de 101); do presente (veja "teriam de advertir", no exemplo 102 e o exemplo 103a), ou do futuro (veja exemplo 103b).

- (103) a - Se Pedro estivesse nos enganando eu o puniria pessoalmente.
 b - Se João viesse amanhã me ajudaria a organizar a festa.

Importante ainda anotar que, na dissertação, a posterioridade, embora só possa ser cronológica, funciona mais em termos de noções como "causa → conseqüência", "condição → condicionado" (Cf. VII.b) e não em termos de "datas" como na narração. Em (102) temos uma relação de causa e conseqüência entre "estar causando prejuízos" e "ter de advertir". Em (103), temos a relação entre condição e condicionado.

Já dissemos que, nas descrições, o futuro do pretérito tem funcionamento semelhante ao que tem nas dissertações. Vejam-se os exemplos (104) e (105). Em (104) "lembrariam" dá a idéia de probabilidade, e a marca de posterioridade praticamente se anula, embora se possa postular a posterioridade de "lembrariam" a "dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados". Em (105), uma descrição hipotética, todas as situações constituintes da descrição que se encontram no futuro do pretérito são posteriores a "tivesse morrido".

- (104) "Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer aquela criatura a culminância da ascosidade, a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembrariam a forma de um pé humano. (Texto nº15).
 (105) Se meu filho não tivesse morrido, teria 20 anos, seria um belo rapaz. Provavelmente seria alto como o pai, seus olhos seriam azuis, claros como sua alma. Ele sorriria sempre com um sorriso largo. Gostaria de tudo o que é belo, como eu. Teria um coração bom

e por isso sempre ajudaria os outros. Seria um bom e belo ser, o meu filho.

Como o futuro do pretérito marca posterioridade, é comum ele ser acompanhado por elementos indicadores de posterioridade, sobretudo expressões temporais tais como "depois", "mais tarde", etc. Veja exemplo em (106).

- (106) "O primeiro confronto com forças policiais, em 21 de novembro de 1896, sacudiu a Canaã nordestina, que nos próximos 11 meses se transformaria num campo de guerra. Armados de pedaços de paus, facões e espingardas de caça, os sertanejos derrotaram as tropas da polícia. Dois meses depois venceriam também uma expedição militar com quase 600 soldados." ("Canudos, uma guerra sem vencedores" in O Estado de São Paulo: Caderno 2 - Suplemento Especial. Ano 110, nº35.119, 15/08/89: p.3).

Talvez seja pertinente fazer um estudo quantitativo da ocorrência ou não deste tipo de expressão, que reforça o valor de posterioridade do futuro do pretérito, verificando se há ou não algum fator que favorece ou inibe seu aparecimento.

O futuro do pretérito composto (= "futuro do pretérito de ter ou haver + participípio") enquanto futuro do pretérito, tem o mesmo papel ordenativo do futuro do pretérito simples com os mesmos valores derivados, e o mesmo funcionamento de acordo com os tipos de texto, com a diferença de só funcionar para o passado. Todavia, já vimos que, sendo um tempo composto, ele marca anterioridade e o que se observa é que o futuro do pretérito composto indica simultaneamente anterioridade e posterioridade a momentos distintos representados ou não por outras situações e que podem ou não estar explicitados no texto. Veja exemplos de (100), (107) e (108).

- (107) "Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse deixado
[alguns da nossa linhagem,
nós teríamos sido como Sodoma,
e ter-nos-íamos tornado tais como Gomorra".
(Bíblia Sagrada, livro de Isaías, cap.1 vers.9)

(108) "Ele gostava da névoa e tentava agarrar os fiapos brancos, esgarçados, sabia que haveria de chegar atrasado ao mercado, mas não conseguia fugir ao encantamento, a fêria do dia seria insignificante, os caranguejos, nas latas, faziam um barulho rascante e metálico, outros concorrentes já teriam vendido os bichos, para ele pouca coisa haveria de sobrar." (BORBA FILHO - 1974: 37).

Em (100) o tempo composto marca anterioridade da situação ao momento da enunciação e o futuro do pretérito marca posterioridade em relação à explosão. Em (107) o tempo composto dá as três situações como anteriores ao estado atual de Sião, que se verifica no momento da enunciação e os futuros do pretérito dão as duas situações como posteriores à situação de "não nos tivesse deixado". Em (108), "teriam vendido" dá esta situação como posterior ao momento em que ele tem estes pensamentos enunciados em discurso indireto livre e anterior ao momento da situação de "chegar ao mercado". Os outros três verbos no futuro do pretérito simples marcam as situações como posteriores ao momento em que ele tem os pensamentos.

Já vimos que o futuro do pretérito indica sempre uma situação posterior a um momento X (representado ou não por outra situação). Assim sendo, a situação é sempre vista como não realizada em X, derivando daí um valor de irrealidade da situação neste momento. No passado, a situação pode ser irreal em X, mas realizada posteriormente e antes do momento da enunciação e portanto real neste momento (Veja 106, por exemplo). Se a situação não pode ser real no momento da enunciação ou porque uma condição anterior não se realizou (Veja exemplo 105 e no texto nº74, "Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul", as situações de "seria válida" e "nomearia") ou porque sua realização é posterior a esse momento (Veja exemplos 102 e 103a, b), o valor de probabilidade aparece. É o que acontece principalmente

nas dissertações e descrições. Quando o futuro do pretérito dá a situação como não realizada ou realizável em qualquer momento temos a impossibilidade. Isto acontece sempre nas construções em que o futuro do pretérito composto se associa a uma condição no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, como em (109).

(109) Se João tivesse me pedido, eu teria dado o emprego a ele.

* * *

Até aqui falamos da atuação de formas e categorias do verbo na ordenação referencial (cronológica) de situações. A seguir, falamos dos ordenadores não ligados às formas e categorias do verbo e referidos no princípio de ordenação de (VI) a (X).

5.3.5 - Ordenação por elementos lingüísticos (adjuntos adverbiais, datas, preposições, conjunções, verbos, numerais, etc.) de valor temporal ou com implicações temporais.

Os elementos ordenadores de (VI), sobretudo os elementos adverbiais, podem ter vários papéis na ordenação referencial:

a) estabelecer uma seqüência quando o aspecto dá as situações como simultâneas, ou o não-aspecto não estabelece qualquer seqüência;

b) reforçar ou estabelecer a simultaneidade (enquanto isso, ao mesmo tempo, entretantes, neste interim, etc.);

c) reforçar uma seqüência já estabelecida por outro (s) elemento(s);

d) permitir a recuperação da seqüência cronológica das situações, quando esta não está em isomorfia com a ordem textual;

e) oportunizar a colocação de uma nova cadeia ou seqüência de situações.

Os ordenadores de (VI) podem atuar localmente ou globalmente. Vejamos alguns exemplos de sua atuação.

Um exemplo do papel citado em "e" pode ser visto no texto nº89 (Um espelho para o cosmo - p.38 3ª coluna). Ali o adjunto adverbial "Alguns anos antes" possibilita a narração constituída pelas situações "fora escolhida para fazer", "tiveram de transportá-lo", "tropeçou", "caiu espalhando". Neste mesmo texto vários elementos adverbiais, incluindo a própria data da revista (11/11/1989), participam da ordenação referencial das situações: "Em 1981", "em 1977", "num dia cinzento de novembro de 1981" (p.37), "Em seguida", em novembro de 81", "mais tarde" (p.41). Em (110) temos outros exemplos retirados desse texto . Em (110a) o advérbio "depois" ordena duas situações não ordenadas pelas formas e categorias verbais num trecho preditivo e em (110b) reforça uma ordenação feita pelo conhecimento de mundo .

(110) a - A começar pela manufatura do seu espelho principal, cuja superfície refletirá e focalizará a luz dos astros, que será depois transmitida à Terra como uma emissão de TV." (Texto nº89).

b - "A luz que entra pela abertura bate no espelho principal e se reflete num outro menor, o secundário. Depois volta e atravessa o orifício do espelho principal para se concentrar na câmara e outros instrumentos científicos." (Texto nº89).

Nas reportagens, em que normalmente a ordem referencial de ocorrência das situações é subvertida na ordem textual em função da relevância, por exemplo, os elementos adverbiais e a data do periódico são fundamentais para recuperação dessa sequência cronológica. Veja-se para exemplo o texto nº74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul), o texto nº60 (Morre Shockley, o pai do transistor), o texto nº66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação) e as ordenações referenciais que fizemos de suas situações no anexo.

No exemplo (94c) temos a locução prepositiva "depois de" que ordena as situações da seguinte forma: "contar o dinheiro" → "aborda o garçom". Em (111) abaixo a locução prepositiva é "antes de" que dá a seguinte seqüência: "atiraram uma pedra" → "partir".

- (111) "Antes de partir com a criança, os sequestradores atiraram uma pedra dentro da casa com um bilhete, dizendo que entrariam em contato nos próximos cinco dias." (Texto nº66).

No exemplo (97), observa-se que o elemento "aí", equivalente a "então", participa da ordenação referencial das situações, seqüenciando-as e reforçando a ordenação dada pelo aspecto ou pelo tempo relativo.

Nos exemplos (80a, b), a conjunção "enquanto" estabelece a simultaneidade das situações. A mesma conjunção aparece em (112), também marcando simultaneidade.

- (112) "E enquanto ele serve a coca-cola, o pai risca o fóforo e acende as velas". (Texto nº67)

A expressão "enquanto isso" com a mesma conjunção aparece no texto nº91 (Propaganda do Yázigi) reforçando a simultaneidade, já marcada pelo imperfectivo, e separando dois blocos simultâneos: o que descreve o que acontecia no mundo, do bloco que descreve o que faziam os fundadores do Yázigi.

No texto nº35 (A festa de Santa Efigênia), a descrição de como a festa acontecia é dividida em três blocos que são seqüenciados cronologicamente pelos adjuntos adverbiais "Dias antes da festa", "No dia da festa" e "Ao fim da cerimônia".

Como a vocação da descrição é a simultaneidade das situações, parece que nela os ordenadores de (VI) ou fazem ordenações locais ou de blocos descritivos simultâneos (com objetos diferentes) ou de blocos descritivos do mesmo objeto em momentos diferentes. O mesmo pode ocorrer na dissertação cuja voca-

ção é também a simultaneidade. Em (113), temos um exemplo de ordenação local por adjunto adverbial: "em outubro", em confrontação com a data em que a nota foi publicada, dá ao presente do indicativo "estréia" um valor futuro, que coloca a situação como posterior às demais, que são presentes.

- (113) "Na prática, a coordenação de ópera vinha sendo feita por Bruno Furlanetto, que jura estar tudo certo com o *Eugen Onegín* que estréia em outubro." ("Buraco no Teatro" in *Jornal do Brasil*, Caderno B, Seção "Contrapontos" (de Luiz Paulo Horta) - Ano XCIX, nº129, 3ª feira, 15/08/89: p.2).

No texto nº81 (Ibitinga incentiva produção rural) os adjuntos adverbiais "Dentro em breve", "em seguida", "depois" e "hoje" exemplificam a atuação de elementos adverbiais na ordenação de situações em textos preditivos.

Em textos injuntivos, os elementos de (VI) também atuam. Veja-se, por exemplo, no texto nº54 (Para pintar o retrato de um pássaro) o uso de "primeiro", "depois" (quatro vezes) e "então", além das orações subordinadas adverbiais temporais ("quando o pássaro chegar" e "quando já estiver lá dentro"). Veja também o exemplo (114).

- (114) "Por último colocar o milho verde e retirar do fogo, para não ferver." (Texto nº50).

Como nosso objetivo primeiro é o estudo textual discursivo do verbo, não fizemos um levantamento exaustivo dos elementos ordenadores de (VI) e de seu funcionamento em cada tipo de texto.

Nos itens seguintes abordamos as diferentes formas pelas quais o conhecimento de mundo atua na ordenação referencial (cronológica) de situações (Cf. VII a X).

5.3.6 - Ordenação pelo conhecimento de mundo

5.3.6.1 - Ordenação pelos modelos cognitivos globais

Como ficou dito em (VII.a), o conhecimento de mundo através dos esquemas, planos e "scripts"¹³⁷ atua na ordenação referencial de situações, porque nestes modelos cognitivos as situações aparecem em ordens já estabelecidas de ocorrência que permitem ordená-las mesmo que outros ordenadores não atuem. O conhecimento de mundo pode estabelecer a ordenação referencial, reforçar a ordenação dada, por exemplo, por (III) ou funcionar como instrução em contrário à atuação de (III) ou outro elemento do princípio de ordenação.

Assim, por exemplo, no texto nº67 (A última crônica), pode-se aplicar a parte das situações do texto o esquema de "ir a restaurante, lanchonete, botequim, etc. (para comer)". Este esquema teria basicamente os passos especificados a seguir na sua ordem de ocorrência: entrar → escolher mesa → sentar → escolher o que vai pedir (através de um cardápio ou não) → fazer o pedido → aguardar → ser servido → comer → pedir a conta → pagar. Este esquema básico pode sofrer alterações de acordo com o tipo do estabelecimento, o nível social a que serve, a situação (aniversário, festa programada, o ir comer fora sem razão especial, etc.). O texto só citará os passos pertinentes para o que se pretende dizer, os outros ficam pressupostos. No texto "A última crônica" aparecem quase todos os passos acima, com especificações e desdobramentos de alguns, mas a ordem das situações no texto obedece à ordem do esquema que é a ordem referencial. Desse modo, o conhecimento de mundo, através desse esquema, reforça a ordem estabelecida, de acordo com (III), pelo aspecto perfectivo e pela ordem das situações no texto

137 - Sobre estes modelos cognitivos globais, V. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 63-65 e 1990: 60-63).

(Cf. III.c).

No conhecimento de mundo, os esquemas estabelecem uma infinidade de seqüências de situações que às vezes ficam de tal forma interligadas que basta mencionar uma, porque as outras ficam pressupostas. Vejamos alguns exemplos:

a) nos textos injuntivos de receitas é freqüente a seqüência "quebrar ovos → separar gemas e claras → bater claras em neve". Com freqüência só se explicita o último passo , deixando os outros dois pressupostos. Desnecessário dizer que esta, como outras seqüências, podem aparecer em outros tipos de textos, distintos daquele que tomamos em cada caso;

b) a seqüência "tomar a decisão de fazer algo → fa-zer algo" foi usada, por exemplo, no texto nº74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul). Aí temos "renunciou" (fazer algo) que aparece como primeira situação na linearidade textual e "tomou a decisão de renunciar" que aparece como oitava situação nessa mesma linearidade. Na ordenação referencial da narrativa principal da reportagem, "tomar a decisão de renunciar" fica como oitava situação da seqüência e "renunciou" como nona, atendendo ao esquema acima. A ordenação referencial das situações da reportagem como um todo é auxiliada pelo esquema de uma crise política, resultando na renúncia de um governante.

Mais alguns exemplos desse tipo de seqüência podem ser vistos em (115), onde os parênteses indicam opcionalidade de ocorrência.

- (115) a - dormir → (sonhar)
 b - tocar o telefone → atender → conversar →
 (cortar ou cair a ligação) → (três passos ini-
 ciais dessa seqüência b ou da seqüência c abaixo)
 c - discar (o telefone) → esperar tocar e aten-
 der → conversar → (cortar ou cair a ligação)
 → (três primeiros passos das seqüências b ou
c);

c) no texto nº89 (Um espelho para o cosmo) no quadro da p.39 que é descritivo e dissertativo, temos, no trecho reproduzido no exemplo (110-b), a seqüência de situações "entra → bate → reflete → volta → atravessa → concentra" que são ordenadas nesta ordem pelo esquema de funcionamento do telescópio com o auxílio do advérbio "depois" e da relação meio → fim entre "atravessa" e "concentra";

d) no texto nº12 (Manhã na roça), a seqüência cronológica (a ordem referencial) de situações, especificada abaixo, é estabelecida pelo conhecimento de mundo:

recorta → esbate → aponta
 ↓
 cobre

e) no texto nº70 (Brasiliense acerta sozinho Sena recorde), a ordenação referencial é feita pelo conhecimento de mundo (esquema de jogar e ganhar na Sena), inclusive funcionando como instrução em contrário de acordo com (III.1.c), já que temos situações com aspecto perfectivo que são seqüentes, mas não na ordem em que aparecem no texto. No texto temos a ordem de (116.a) e a ordem referencial das situações dada pelo conhecimento de mundo (com o auxílio do aspecto acabado: "feita", e do tempo presente em oposição ao passado: "não quer se identificar") é a de (116.b).

(116) a - acertou, ganhou, jogou, feita, não quer se identificar, aplicou.

b - feita, jogou, acertou, ganhou, aplicou, não quer se identificar.

Os chamados pares adjacentes da conversação permitem ordenação referencial que se pode atribuir ao conhecimento de mundo, porque são uma espécie de esquema conversacional, uma vez que são dois turnos ordenados como uma primeira parte e uma segunda parte, ou seja, ordenação com seqüência pré-determina-

da.¹³⁸ Estão neste caso seqüências como pergunta → resposta ; dizer → replicar/protestar; convidar → aceitar/recusar; pedir/exigir → concordar/aceitar/recusar/atender, etc. Veja exemplos (117) e (118).

(117) "Eles ameaçam matar os reféns e **exigem** um helicóptero para a fuga. A polícia do Paraná se **recusa** a deixá-los entrar no estado e a de São Paulo **diz** que não vai permitir que eles voltem.

11 de agosto (sexta-feira) — O governador de Goiás freta um helicóptero para **atender** à exigência dos **se** **qüestradores**, " (Texto nº66).

(118) 6 "Um homem se aproximará de outro e **dirá**:

"Tu tens um manto na casa de teu pai,
é mister que sejas nosso príncipe,
toma sob teu poder esta ruína."

7 O outro, então, **protestará**:

"Eu não posso curar estas chagas;
e em minha casa não há nem pão nem manto,
não me façais príncipe do povo."

(Bíblia Sagrada - Livro de Isaías - cap.3, vers.6e7)

Em (118) o advérbio "então" reforça a ordenação do par adjacente. No exemplo (117) o par adjacente corrobora a ordenação feita pelo perfectivo e pelas datas. No texto nº61 (Passeio noturno), no quarto parágrafo, ocorre o mesmo: o par adjacente corrobora a ordenação feita pelo perfectivo entre "convidai" e "minha mulher respondeu".

Os planos estabelecem uma seqüência ordenada de situações que conduzem a uma meta pretendida. Neste sentido, alguns textos injuntivos são planos: neste caso estão as receitas culinárias e os manuais de instrução em geral, como os de uso e montagem de aparelhos elétrico-eletrônicos e outros tipos de objetos, inclusive brinquedos. As receitas e manuais de instrução ordenam as situações, pode-se dizer, numa ordem pragmática ou

138 - Cf. LEVINSON (1983: 303-308) e MARCUSCHI (1986: 34-37).

prática, porque a ordem em que são apresentadas representa a melhor seqüência de execução das situações (normalmente ações) para atingir o fim pretendido. A ordem nestes tipos de textos que atendem a um "plano" é quase uma ordem necessária. Dessa forma, inversões sempre causam problemas. Veja no anexo os textos injuntivos ou seus trechos enumerados a seguir: texto nº54 (Para pintar o retrato de um passáro), que é a instrução para fazer algo, portanto uma espécie de manual de instrução em linguagem literária; textos nº46 (Abridor afiador automático Arno: como usar o abridor de latas), nº52 (Manual de instruções do TV Philips 14 CT 6401/UV: Ligação das antenas externas), nº50 (Falso vatapá) e nº55 (Suflê de cenoura).

Esse tipo de ordenação dada por um plano aparece nas receitas, mesmo quando elas não são formuladas injuntivamente, mas o falante explica como faz algo ou descreve suas ações ao executar uma receita. É o que vemos abaixo nos exemplos (119) e (120)¹³⁹, onde E - entrevistador, F - falante, I - intrometido e ... (reticências) indica pausa e o parênteses trecho em que o transcritor ficou em dúvida.

(119) E - Então, como é que faz esse bife?

F - Eu?

E - É.

F - Eu **boto** a banha ... a banha... a frigideira na banha, **jogo** o bife lá dentro e **boto** uma tampa em cima e **saio** de (rindo) perto. (risos) Depois de um tempinho que Tchiii , eu **volto** lá, **tiro** a frigideira tapada, **espero** parar de pular, **desviro** o bife, **boto** a tampa (rindo) e **boto** no fogo de novo (Riso E).

139 - Estes exemplos nos foram gentilmente cedidos pelo projeto de pesquisa da UFRJ "Programa de Estudos sobre o uso da língua. Amostra censo da variação lingüística no Estado do Rio de Janeiro" através da Profª Nelize Pires de Omena. Utilizamos a transcrição feita pelo projeto em grafia oficial com algumas adaptações, o que não causa problemas, já que se está observando a ordem das situações e não outros elementos.

I - Não, é um cozinheiro corajoso! (Riso E)
 (Informante: José Vasco, casa 26, 32 anos, 8ª
 ginásial completa, vendedor. 08/06/88 pp. 22 e
 23, linhas 563-574).

(120) E - (Falando rindo) Como é que faz arroz? Eu não sei
 fazer arroz.

F - Não, eu não, não, não (faz sai) aquele negócio
 (meio unidos venceremos) mas dá para comer.

E - Mas como é que faz? Eu não sei fazer.

F - Ah! Põe óleo, não é? Toca lá uns temperos (no)
 negócio, põe o arroz, não é? Lavado, deixa ficar,
 assim, um pouco no tempero, depois põe água, de
 acordo com o número de xícaras, não é? de de...
 arroz.

E - Mas de... e esse lance de botar água, é que eu
 acho difícil, não é?

F - É? Não, eu costumo botar assim: para duas xíca-
 ras, por exemplo, de arroz, eu ponho uma xícara
 de água, por exemplo.

(Informante: Mariza, casa 22, 17 anos, 2ª colegial
 em curso, estudante. 21/06/88. P.52, linhas 1327 -
 1342).

Os "scripts", que são planos estabilizados e estereo-
 tipados, atuam na ordenação referencial da mesma forma que os
 planos comuns. Seria, por exemplo, o caso de um texto que falas
 se sobre um casamento religioso e/ou civil. A ordenação referenci
 al das situações, independente do tipo de texto que se produ-
 zisse, certamente seria feita pela atuação do conhecimento de
 mundo representado pelo "script" ou pelo menos contar-se-ia com
 seu auxílio ao fazer a ordenação referencial das situações.

5.3.6.2 - Ordenação por relações semânticas entre orações e períodos

Segundo (VII.b), várias relações entre orações ou pe-
 ríodos que expressam situações são capazes de estabelecer ordem
 referencial entre essas situações porque têm implicações crono-

lógicas. Assim, uma situação que é causa de outra ocorre antes da que lhe é conseqüência, e assim por diante de tal modo que teremos as ordens referenciais especificadas em (XV) em função da relação entre as situações.

- (XV) a - causa \rightarrow conseqüência ou efeito.
 b - condição \rightarrow condicionada.
 c - meio \rightarrow fim.
 d - ação \rightarrow resultado.
 e - possibilidade de realização \rightarrow realização.
 f - etc.....

CERVONI (1989: 66 e nota 43), falando de modalidade, aborda a questão de cronologias e propõe seqüências tais como: a) aprender \rightarrow saber (que podemos dizer que é uma seqüência do tipo "ação \rightarrow resultado"); b) potência \rightarrow efeito (poder comprar \rightarrow comprar); c) subjuntivo (probabilidade) \rightarrow indicativo (certeza).

Em alguns dos exemplos já dados encontramos casos dessas relações estabelecendo ordenação referencial. A relação de causa e conseqüência aparece em (88) entre "farei" \rightarrow "habitará" e em (102), entre "prejuízos que estejam causando" \rightarrow "teriam de advertir". A relação de condição e condicionado aparece em (89) entre "for comunicada" e "serão retirados" e em (103), bem como entre as situações das orações condicionais dos tipos de (103) ou de outros tipos. A relação de meio e fim aparece em (90-c) entre "começa a ser testado" (a experiência) e "para definir"; em (93), entre "segure" e "levante" (meios) e "para soltá-la" (fim). A relação entre ação e resultado aparece em (91) entre "os exames que são obrigados a fazer" (ação) e "resultam normais" (resultado). É bom observar que o conjunto dessas duas situações funciona como causa para "ficam reconfortados" (conseqüência). Um outro exemplo de ação e resultado pode ser visto no texto nº46 (Abridor afiador automático Arno: como

usar o abridor de latas): ali a situação "obterá" é resultado de todas as ações anteriores: "coloque", "Levante", "coloque", "Abaxe", "encoste", "Apóie", "possa segurá-la", "pressione", "acionar", "mantendo-a pressionada". Neste mesmo texto, a relação meio \rightarrow fim aparece entre várias situações: "Apóie" \rightarrow "para que possa segurá-la", "pressione" \rightarrow "para acionar", "segure e levante" \rightarrow "para soltá-la", "utilize" \rightarrow "para abrir".

Ainda no mesmo texto nº46, temos um exemplo da relação de possibilidade de realização e realização. Ela se verifica entre as duas situações em **negrito** nos trechos do texto transcrito em (121).

- (121) - "Apóie o imã sobre a tampa da lata, para que este **possa segurá-la** depois do corte." (possibilidade de realização).
 - A tampa que **ficou presa** ao imã poderá também ser facilmente retirada. (realização).

Um outro exemplo da relação "possibilidade de realização \rightarrow realização" pode ser visto no trecho dissertativo de FOUCAULT (1986: 133) transcrito em (122) abaixo.

- (122) "Não se trata de *fundar*, de direito, uma teoria — e antes de **poder** eventualmente **fazê-lo** (não nego que lamento não ter ainda chegado a tanto) — mas sim, no momento, de *estabelecer* uma possibilidade.

Esta relação é lexicalizada em verbos que, funcionando normalmente como auxiliares modais (poder) ou semânticos (tentar/ buscar \rightarrow conseguir), estabelecem seqüências como as especificadas em (123-a) e exemplificadas em (123-b).

- (123) a - tentar, buscar + infinitivo \rightarrow conseguir + (infinitivo)
 b - João tentou falar com o Papa e conseguiu (falar com o Papa).

Também a relação "ação \rightarrow resultado" pode aparecer através do semantema de certos verbos como se pode observar em

(124) a (126), onde se vê que "buscar", "pelejar" e "disputar" são sempre situações que representam ações que necessariamente desaguam num resultado. As seqüências de (123-a) também podem ser interpretadas como tendo este valor.

(124) a - Buscar X \rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{conseguir X} \\ \text{alcançar X} \end{array} \right.$

b - João buscou a glória e a alcançou, buscou amor mas não o conseguiu.

(125) a - Pelejar para + infinitivo \rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{conseguir + (infinitivo) / Verbo que} \\ \text{acompanha pelejar.} \end{array} \right.$

b - João pelejou para consertar o liquidificador e conseguiu (consertar) (ou e consertou).

(126) a - disputar \rightarrow vencer

b - O Brasil disputou a copa de noventa, mas não venceu.

Casos como o de (126) resultam em tipos de situação referidos em (VII.c) (Cf. 60-h).

Talvez se possa ver em alguns usos dos verbos causativos um lexicalização da relação entre causa e conseqüência. Veja-se o exemplo (127).

(127) a - Um tornado **causou** grandes prejuízos no Sul dos Estados Unidos ontem.

b - Um tornado varreu o sul dos EUA ontem **provocando** enchentes, desabamentos e deixando milhares de desabrigados.

Como a noção de finalidade estabelece uma possibilidade de de realização podemos ter seqüências como as especificadas e exemplificadas em (128).

(128) a - meio \rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{fim} \\ \text{possibilidade de realização} \end{array} \right\} \rightarrow$ realização ou não realização

b - Fazer X \rightarrow para Y \rightarrow atingir, conseguir, alcançar Y

c - João estudou muito para passar no vestibular
 e { conseguiu (passar).
 { alcançou sua meta.
 { atingiu seu objetivo.

No texto nº59 BERLINCK - 1987: Inquérito nº5 trecho das pp. 20 a 24) observa-se uma seqüência desse tipo entre situações de "ir" e "voltar": foram → prá volta → não voltaram (Veja, no anexo, na ordenação feita das situações da narrativa 3 deste texto, os momentos III.1 e III.7).

Para finalizar, observe-se que, no texto nº84 (Primavera), que é todo preditivo, a ordem em que as situações aparecem no texto parece ter a ver com sua ordem referencial, que seria dada por um encadeamento dos acontecimentos previstos em termos de causa e conseqüência. Apenas o versículo 19 parece não participar desse encadeamento, mas na própria Bíblia há uma nota de rodapé dos editores e tradutores em que se diz que ele parece deslocado.

5.3.6.3 - Ordenação pelos tipos de situação

A ordenação referencial de situações pelo seu tipo segue o que foi especificado em (XI) e exemplificado em (60) (61) e (62) (Cf. item 5.2.2). Vimos também, com o exemplo (126) — nos comentários sobre (VII.b)—, que os tipos de situações às vezes podem ser resultado da lexicalização de algum tipo de relação entre situações, sobretudo a relação entre ação e resultado. O levantamento estatístico sugerido em 4.2.1.3 fica para estudos posteriores, já que nosso interesse na ordenação de tipos de situações se restringe aqui ao seu uso como um mecanismo da ordenação referencial de situações. Resta-nos, pois, apenas dar alguns exemplos da atuação de (XI) na ordenação referencial de situações, o que fazemos em (129) a (131).

(129) "A distância é tão grande que os sinais de rádio da

Voyager, viajando à velocidade da luz (300 mil quilômetros por segundo), levam 4 horas para chegar na Terra." (Texto nº43) (Cf. 60-a).

- (130) 18 "Se vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão
[brancos como a neve!
Se forem vermelhos como a púrpura, fica-
[rão brancos como a lã!
(Bíblia Sagrada, Livro de Isaías, cap.1, vers. 18).

- (131) "O aparelho foi seqüestrado pouco depois de decolar de Bancóc, capital da Tailândia, com destino a Kuwait (capital do país do mesmo nome). Pelo menos cinco homens, falando árabe, obrigaram o piloto a desviar sua rota para o Irã. O Boeing pousou às 8h (11h 30 de Brasília) em Meshed, a 900 Km a nordeste de Teerã (capital iraniana) ("Avião com 112 a bordo é desviado para o Irã" in Folha de São Paulo, ano 68, nº21.553, 06/04/1988: primeira página).

A mesma série de situações exemplificada em (131) (Cf. 60-m) aparece no texto nº66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados: oito reféns em 12 dias de ação): veja "decola" e "aterrisa" no trecho "13 de agosto (domingo)" e "decola" e "segue" no trecho "14 de agosto (segunda-feira)".

5.3.6.4 - Ordenação pelo valor da semantema do verbo

Em (VII.d) dissemos que o conhecimento de mundo também atua na ordenação referencial de situações através do semantema de certos verbos. É preciso lembrar que é o semantema do verbo que se está levando em conta: a) na lexicalização de relações (Cf. VII.b); b) na ordenação de tipos de situações (Cf. VII.c); c) no caso dos verbos indicadores de fases da situação (Cf. 5.2.3). Além desses casos, o semantema de alguns verbos pode implicar ordenação de situações representadas quase sempre por nomes. É o caso dos verbos "preceder", "seguir(-se)" e "acompanhar", marcando respectivamente anterioridade, posterioridade e simultaneidade. Parece que este tipo de ordenação é mais fre-

qüente na dissertação e descrição, mas isto é algo a verificar. Veja exemplos (132) a (134). Confronte-se (133a) com (133b).

(132) "O leitor ou ouvinte do texto tem arquivada em sua memória uma espécie de modelo do que seja um show : uma **apresentação** artística. (normalmente de cantores, músicos, bailarinos), que é **precedida** de uma **divulgação** (por cartazes e/ou anúncios na imprensa: jornais, rádio, televisão, etc.)" (KOCH e TRAVAGLIA - 1990: 13).

(133) a - A festa de São João de ontem foi ótima. Rezaram o terço e **ã reza seguiram-se as danças e os comes e bebes.**

b - A festa de São João de ontem foi ótima. Primeiro rezaram o terço depois todos dançaram e comeram **ã vontade.**

(134) "Além da sensação de angústia, eles podem ter crises de pressão alta, batedeiras, falta de ar, náuseas, dores no peito e na cabeça, muitas vezes **acompanhadas** de sensações de morte iminente." (Texto nº 44).

Pode-se incluir aqui o que MAINGUENEAU (1987:62), ao falar do discurso relatado e citando Charolles, chama de pressupostos dos verbos de comunicação ("dicendi") sobre a posição cronológica. Ou seja, certos verbos dicendi têm implicações cronológicas quanto à posição da fala que introduzem em relação a outras falas. Seria o caso de verbos como "replacar", "repetir", "concluir", "perguntar/responder" (um par adjacente).

5.3.6.5 - Ainda a ordenação pelo conhecimento de mundo

Para finalizar, gostaríamos de anotar que o conhecimento de mundo ainda pode atuar na ordenação referencial através do conhecimento ativado por verbos ou nomes e que se relaciona com o tempo referencial (cronológico) de alguma forma. Assim, no exemplo (94b), o verbo "lembrar" e o sintagma nominal "noites antigas" remetem ao passado e, portanto, a uma anterio-

ridade das situações lembradas em relação ao momento em que ele carrega a filha para o quarto (Cf. texto nº64: A farsa e os farsantes). Isto inclusive explicaria o uso do passado neste texto para marcar anterioridade em relação ao presente. No exemplo (135) abaixo, o substantivo "prenúncio" remete ao futuro e, portanto, a uma posterioridade em relação ao momento da história em curso, posterioridade essa que é assinalada pelo futuro do pretérito.

- (135) "Mal sabia, quando o sinal finalmente abriu e consegui vencer os 200 metros que vão até o semáforo do cruzamento da rua Canadá, que se tratava do prenúncio do milagre de que seria testemunha" (BRANCO, Frederico "Milagre Vespertino" in Jornal da Tarde ano 24, nº7.283, São Paulo, 16/08/1989: p.4).

5.3.7 - Instruções em contrário à seqüencialidade estabelecida pelo aspecto perfectivo (III.1.a).

Vimos em (VIII) que alguns elementos do conhecimento de mundo funcionam especificamente como instruções em contrário a (III.1.a). Vejamos alguns exemplos.

(VIII.a) (Várias situações são constituintes de outra) pode ser observado, por exemplo, no texto nº64 (A farsa e os farsantes), onde as situações do trecho transcrito em (136b) são constituintes da situação do trecho transcrito em (136a) e, portanto, não lhe são seqüentes.

- (136) a - "... depois jogam uma partida de batalha naval ,
A6, F7, D8 - água."
b - "Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião."

No texto nº67 (A última crônica) as situações "a mãe remexe na bolsa" e "retira" qualquer coisa", "o pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera" e "a filha aguarda" são constituintes de "obedecem ... a um discreto ritual" e portanto não lhe são seqüentes apesar do perfectivo. As ações dos três persô

nagens são simultâneas entre si, pois, tal como no exemplo (86), temos três cadeias de situações simultâneas. No texto nº74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul) as situações expressas por "informou", "explicou", "lembrou", "disse", "[informou]" , "reconheceu", "esclareceu", "denunciou", "acrescentando" são to das partes da situação "anunciar minha renúncia". (Cf. no anexo, a ordenação feita das situações deste texto). O texto não ofere ce elementos para ordenar as situações constituintes que fazem parte do anúncio da renúncia. Pode-se supor que sua ordem de ocorrência seja a de aparecimento no texto, mas nada permite ga rantir isto. No texto nº89 (Um espelho para o cosmo), as situa ções de "começou a rodar" e "Foram ligados" são partes da opera ção referida em "Três minutos depois de iniciada a operação tu do estava terminado" (Cf. p.41 do texto). Há outros exemplos nes te texto.

Podemos incluir aqui os casos em que uma situação in dica o modo de realização da outra, como no exemplo (77), pois neste caso pode-se considerar aquela como constituinte desta.

Veja ainda no texto nº68 (O Arquivo), e na ordenação de suas situações no anexo, que a situação 43 (transformou-se) é constituída pelas situações 43.A.1 a 43.A.7 da ordenação (es tendeu, enrijeceu, ficou liso, regrediu, fundiu, desumanizaram -se, havia e tornou-se).

No texto nº89 (Um espelho para o cosmo) podem ser ob servados exemplos de (VIII.b) (fases de realização e desenvolvi mento são constituintes da situação). Ali se pode ver, por exem plo, que as fases de construção do telescópio: "se começou a construir", "ficou pronto" não são seqüentes à referência à pró pria construção do telescópio: foi sua construção que levou cin co anos", "lembrando os anos de agonia para construí-lo". Veja -se 5.2.3.

Vejamos alguns exemplos de (VIII.c) (dois verbos indicam a mesma situação por serem "sinônimos" ou referirem-se à mesma situação, ou por repetição do mesmo item lexical, ou por uso de um verbo vicário). No texto nº59 (Trecho de BERLINCK - 1987), de linguagem oral, a repetição do mesmo item lexical ocorre, por exemplo, com "ir" (3 vezes): "foram" (linhas 671 e 673) e "tinham ido" (linhas 686-687)¹⁴⁰; e com "matar" (5 vezes): "mataram" (linhas 674, 677 e 678), "tinham matado" (linha 682) e "foram mortos" (linha 697). Entre eles não há seqüência, porque indicam a mesma ocorrência da mesma situação. O uso de sinônimo para esse fim acontece nesse mesmo texto onde todas as ocorrências de "matar", que acabamos de registrar, retomam a situação expressa por "foram assassinados" (linha 668). O uso de verbo vicário (um condensador), tendo por sujeito um termo genérico, também ocorre aqui, onde "tinha acontecido" (linhas 687-688) coresponde a "bateram, judiaram, maltrataram, mataram, rasgaram" ou simplesmente às demais ocorrências de "matar". No exemplo (97), temos a repetição do mesmo item lexical: "fiz o exame de seleção" e "fiz o exame de seleção condicional".

Em textos escritos, também temos casos de (VIII.c). Em (137), a repetição do mesmo item lexical; em (138), o uso de verbos que se referem à mesma situação e em (139), o de termo genérico classificatório mais verbo vicário.

(137) 1º parágrafo

"A enfermeira M.J.S., de 39 anos, detida pela Polícia Ferroviária na Estação D. Pedro II (Central do Brasil) quando tentava pular uma roleta que segundo ela, havia enquiçado, foi espancada, estuprada e roubada pelos dois guardas fardados, sexta-feira à noite, de acordo com o seu depoimento na 2ª DP.

.....

140 - Nos textos orais é comum a repetição da mesma situação para elaborar um determinado ponto, da narrativa por exemplo, pelo acréscimo de informações de que o falante se lembrou num momento posterior do texto. É o que temos com a repetição de "foram": da primeira vez se diz com quem foram e da segunda o prazo previsto para o passeio.

3º parágrafo

M. diz que foi espancada e estuprada sob a ameaça de um revólver."

("Mulher pode reconhecer estupradores" in **Jornal do Brasil**. Ano XCIX, nº129. Caderno "Cidade" - p.5. Rio de Janeiro, 15/08/89).

- (138) "Anápolis (Sucursal) - o protético Jurandir Júlio da Costa, que estava desaparecido desde o dia 9 último foi encontrado morto, pela polícia às margens do Rio Capivari, próximo à BR-414, no sentido Anápolis / Corumbá. A polícia chegou à vítima através do seu próprio assassino, Tercílio Souza Maia, 19, pedreiro que o apunhalou no dia 9, quando saíram juntos, já que cultivavam grande amizade."

("Cadáver de protético é encontrado no mato" in **O Popular**. Ano L, nº13.232. Goiânia, 15/08/89, p.16).

- (139) "José Francisco Filho (21 anos) matou a tiros Luís Carlos Oliveira (20 anos) e feriu o soldado da PM reformado Celso Delbem com um balaço nas nádegas. O fato aconteceu na madrugada de ontem, na rua Catinguá, no bairro do Tatuapé, Zona Leste da cidade".

("Executou inimigo e ainda queimou um PM reformado" in **Notícias Populares** nº9.307. São Paulo, 24/10/89, p.6).

No texto nº75 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados) temos o uso de sinônimos e repetição do mesmo item lexical. Os sinônimos são "aterrisou" e "havia pousado" (Veja nº I.14 na ordenação feita no anexo) e "seguia" e "acompanhava" (Veja nº I.13.b da mesma ordenação) A repetição do mesmo item lexical aparece com "seguia" e "estar sendo seguido" (Veja o mesmo nº I.13.b da mesma ordenação).

5.3.8 - Instrução em contrário à simultaneidade estabelecida pelo aspecto imperfectivo (III.1.b)

Segundo (IX), o conhecimento de mundo também pode funcionar como instrução em contrário a (III.1.b), fazendo com que a simultaneidade estabelecida pelo imperfectivo não prevaleça .

Isto pode ser observado nos exemplos (74a), (74b) e (94-b), onde o conhecimento de mundo, apesar do imperfectivo, nos leva a estabelecer as seguintes seqüências habituais de situações:

a) Em (74a): acordava → esperava.

b) Em (74b): chegava → levantava-se → esfarelava-se.

c) Em (94b): -acordava — pedia colo — ficava.

-tentava deitá-la — agarravam.

Em casos como estes, parece estranho o fato de termos ao mesmo tempo seqüência e simultaneidade de situações. Acontece que a situação que se repete pode ter um aspecto em cada uma de suas realizações (aqui perfectivo), tendo a situação representada pelo conjunto das repetições, com duração descontínua ilimitada, outro aspecto (aqui imperfectivo, habitual), o que explica a dupla possibilidade.¹⁴¹

Por tais razões, a ocorrência do previsto em (IX) é comum em trechos de situações habituais, mas também acontece em outros casos como o do exemplo (140), onde temos uma situação no perfectivo ("construída") e outra no imperfectivo (existia) e as duas situações não são simultâneas, como previsto neste caso por (III.1.b). Ali temos a seqüência existia → [foi] construída. No exemplo (76 a) o conhecimento de mundo mostra que "desenhando", "separando-se", "marchando" e "fazendo evoluções" não podem ser simultâneos, o que inclusive é marcado lingüísticamente pela alternativa "ora". Apesar de serem seqüentes não se pode determinar a sua ordem por causa de (X.a):

(140) "Catedral de N. Sra. da Boa Viagem

Construída em estilo gótico, no local onde existia a matriz barroca de N. Sra. da Boa Viagem do antigo Arraial do Curral D'El Rey. Abriga vitrais de grande beleza e altar-mor em mármore Carrara trabalhado.

(Texto nº26).

141 - Cf. TRAVAGLIA (1981: item 4.2.7).

5.3.9 - Instruções em contrário à sequencialidade (III.1.a) e à ordem referencial (III.1.c) estabelecidas pelo aspecto perfectivo.

Finalmente temos as instruções em contrário a (III.1.a) e (III.1.c) de (X). (X.a) (Situações que representam exemplos, conseqüências, reações, especificação em relação a outra) ocorre, por exemplo, no texto de (76a), como comentamos em 5.3.8. Mas ali as situações não estão no perfectivo. Exemplos da ocorrência de (X.a) com o verbo no perfectivo podem ser vistos nos seguintes textos:

a) Texto nº73 ("Manifestantes enfrentam a polícia na Irlanda do Norte") em que temos várias pequenas narrações que especificam como o enfrentamento aconteceu, dando exemplos dos intensos choques vividos (Cf. comentário feito no capítulo 2) .

b) Texto nº34 ("Duque de Caxias") em que de um certo modo é especificada uma série de ações que caracterizam o Duque de Caxias, exemplificando o seu caráter por ser resultado dele.

Em (141), temos um exemplo de (X.a) em que "escreveu", "pintou" e "fez" especificam o trabalho artístico que cada um fez. Não se pode dizer se os fizeram simultaneamente ou em seqüência e neste caso em que ordem.

(141) Pedi a meus filhos que fizessem um trabalho artístico. João escreveu um poema, Paulo pintou um quadro e Maria fez uma estátua.

Talvez se pudesse considerar (X.b) (efeito lista de situações englobadas em um período de tempo) um subcaso de (X.a), já que sempre temos uma espécie de especificação, de lista de situações, englobadas no tempo de realização de outra ou num período de tempo dado, sem que elas constituam uma cadeia de acontecimentos.

Temos exemplos de (X.b):

a) no texto nº69 (Propaganda do BANESTADO), em que "fez história", "influiu", "propiciou" e "participou" especificam as ações importantes do banco no período dado por "de lá para cá";

b) no segundo parágrafo do texto nº76 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/ Papel da imprensa e valor da vida), em que "emocionou", "tornou solidária", "provocou", "esteve assistindo", "pareceu", e "permaneceram" especificam uma série de acontecimentos ocorridos no período de duração do seqüestro;

c) no texto nº68 (O Arquivo), em que as situações "ficou mais esbelto", "tornou-se menos rosada", "aumentou", "prossegiu" e "aconteceu" estão englobadas no período de "nos quatro anos seguintes" que é caracterizado neste trecho, inclusive através de vários verbos no imperfectivo. (Cf. parágrafos 9 a 12 do texto).

No exemplo (142), temos a especificação de ações acontecidas durante um "Reveillon", sem a preocupação com seu encaideamento em uma seqüência. Em (143), vê-se que (X.b) inclui mesmo a não possibilidade de ordenação de duas situações quando uma está contida no tempo de realização da outra.

(142) No Thalia. Teve um, R. que, olhe que eu... que eu... eu... eu.../(Porque) cê fica dançando, cê fica su/ , né?, sua pra burro, então cê bebe bebe bebe. Olha eu bebi a noite intera, mas eu não fui uma vez sequer no banheiro. De tanto que eu suei. Eu não parei de dançá. (BERLINCK - 1987: pp.3 e 4 linhas 73 a 83).

(143) a - João falou comigo, quando veio aqui.

b - Seu pai veio a Uberlândia, mas não me procurou .

(144) José viveu 5 anos aqui. Neste tempo casou-se, fez uma casa, deu aula no colégio, teve dois filhos, conseguiu muitos amigos. Mas depois fugiu abandonando tudo.

Em (144) observa-se que "casou", "fez", "deu", "teve",

e "conquistou" são situações ocorridas nos "5 anos que João viveu aqui" e que não podemos seqüenciar. A seqüência ocorre entre "viver" e "fugiu". As outras situações, como já dissemos (Cf. cap.2 e X em 5.2.1), constituem uma espécie de comentário, elaborando um ponto da narração. Em (142), as situações não seqüenciáveis elaboram um ponto da dissertação.

Como se pode observar, nos dois casos de (X), as situações não seqüenciáveis elaboram um ponto do texto, constituindo um comentário ou constituem o próprio texto como uma espécie de comentário.

5.3.10 - Considerações finais sobre a ordenação referencial

No que diz respeito à ordenação referencial, observa-se que a simultaneidade das situações é característica da dissertação e da descrição, portanto do comentário, enquanto o seqüenciamento das situações em uma ordem é característica e caracterizadora da narrativa tipo história. Mesmo se a narrativa tipo história é preditiva (futura) e então não aparece o aspecto para marcar a seqüência ou a simultaneidade das situações, a possibilidade de ordenação existe, ainda que apenas potencialmente, o que não ocorre na dissertação e descrição. De tal forma isso é básico que, quando as situações de um texto narrativo não podem ser ordenadas por alguma razão, ele ou constitui uma dissertação ou descrição, portanto um comentário, ou faz parte de uma dissertação ou descrição ou mesmo uma narração, elaborando um ponto de diferentes modos. Tem-se, neste caso, um intercâmbio de tipos textuais como ficou sugerido no capítulo 2. Ainda como consequência dessas regularidades, observa-se que, quando se quer ordenar referencialmente situações nas dissertações ou descrições, lança-se mão da combinação desses tipos de textos com uma narração tipo história como se pode ver no texto nº 89 (Um espelho para o cosmo), criando-se uma seqüência cronoló-

gica para as situações do comentário. Às vezes isto é obtido usando recursos ordenadores como os elementos adverbiais (Veja o texto nº35: A festa de Santa Efigênia e o texto nº78: Roteiro de excursão a Disneyworld).

Quanto à injunção, observa-se que, devido às modalidades, o aspecto quase sempre não se atualiza e temos a não-ordenação das situações, que, assim, não são dadas nem como seqüentes nem como simultâneas. Se o texto injuntivo incita à realização de várias situações, elas só serão ordenadas em uma seqüência cronológica por razões pragmáticas, ou seja, se elas tiverem de ser executadas numa determinada ordem para atingir uma meta, portanto, se constituírem um plano.

É preciso lembrar que um texto pode ter mais de uma cadeia de situações, ordenáveis referencialmente em uma seqüência cronológica. Ou seja, um texto narrativo pode conter mais do que uma história. Veja, no anexo, a ordenação feita das situações de alguns textos narrativos onde esse fato se evidencia pela divisão em narrativa 1, narrativa 2, etc.¹⁴²

Como se viu, a ordenação referencial é basicamente feita pelas categorias verbais (aspecto e tempo), mas a interferência de outros elementos ordenadores com a atuação ordenadora das categorias do verbo nos obriga a comentar sobre estes últimos, embora eles não sejam estritamente ligados ao objeto de nosso estudo que é o verbo.

Passemos, a seguir, a algumas considerações sobre a ordenação no texto.

142 - Neste ponto seria interessante observar a ordenação referencial que fizemos das situações de vários tipos de textos narrativos. No anexo apresentamos a ordenação referencial das situações dos seguintes textos: a) Candidatura sempre teve dificuldades (texto nº56); b) BERLINCK (1987) - Trecho do Inquerito nº3, p.20 linha 573 a p.24 linha 709 (texto nº59); c) Morre Shockley, pai do transistor (texto nº60); d) Passeio Noturno (texto nº61); e) A Farsa e os Farsantes (texto nº64); f) O Médico e o Monstro (texto nº65); g) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito refêns em 12 dias de ação (texto nº66); h) A Última Crônica (texto nº67); i) O Arquivo (texto nº68); j) Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº74); l) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados (texto nº75).

5.4 - ORDENAÇÃO TEXTUAL

5.4.1 - Preliminares

Já dissemos em 5.1 o que se entende por ordenação textual. Ela é ligada ao tempo do texto e é a ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície textual. Aqui vamos focar sobretudo duas questões relativas à ordenação textual. A primeira diz respeito às razões pelas quais as situações são apresentadas em uma dada ordem no texto. A segunda se refere à presença no texto de elementos lingüísticos, de marcas que se relacionam com a ordenação textual.

5.4.2 - Razões e princípios da ordenação textual

A ordem textual das situações é determinada por diferentes tipos de razões que podem atuar isoladamente ou em conjunto. Essas razões, de acordo com sua natureza, podem ser dadas por questões ligadas a fatos:

- a) de indicação da cronologia de realização das situações no mundo real (ordenação referencial);
- b) de relevância;
- c) de busca de determinados efeitos que poderíamos chamar de estilísticos;
- d) de argumentação;
- e) de cognição;
- f) de natureza pragmática ou prática;
- g) de percepção das situações expressas no texto.

O que se observa é que, independente do tipo de razão que leve até ela, a ordem, a seqüência em que as situações se apresentam na linearidade textual sempre se estabelece em função da intencionalidade em sentido amplo¹⁴³, ou seja, de uma cer

143 - Cf. KOCH e TRAVAGLIA - 1989 e 1990.

ta forma todas as razões se subordinam a razões de argumentatividade que, pelo menos no atual estágio, parecem difíceis de organizar em leis gerais, em regularidades. Todavia, algumas diretrizes ou princípios já podem ser esboçados.

No que se refere à indicação da ordem refencial nos textos em que ela é possível (sobretudo os narrativos), vimos que a tendência é para haver isomorfia entre a ordem referencial das situações e sua ordem textual. Quando esta isomorfia não acontece, normalmente isto se deve à interferência de um outro tipo de razão, como a busca de efeitos estilísticos ou questões de relevância, por exemplo. Assim, o princípio básico para a ordenação textual em função da cronologia das situações deve ser algo como (XVI).

(XVI) Apresente as situações no texto na mesma ordem cronológica de ocorrência real ou potencial das situações reais. Se, por alguma razão, não atender este princípio, deixe marcas/pistas no texto que permitam recuperar a ordem de ocorrência das situações.

Vimos que tal princípio é altamente operante nos textos narrativos tipo história.

A relevância das situações é um fator importante na ordenação textual das mesmas e sua atuação se rege por um princípio que poderíamos expressar como em (XVII).

(XVII) Coloque em primeiro lugar no texto o que for mais importante ou relevante.

VAN DIJK (1986), estudando as notícias de jornal e sua estrutura, diz, às pp. 170 e 171, que a ordenação dos acontecimentos no relato das notícias não é cronológica, mas de relevância, ao contrário dos outros tipos de história. Para ele, isto é válido não só para a reportagem como um todo, mas também para suas partes, o que cria uma estrutura temática parcelada e em zig zag. Um dos traços do que é mais importante para a repor

tagem é o fato de a situação ser bem recente, o que faz com que o que vem em primeiro lugar no texto sejam as últimas situações de uma seqüência cronológica. Observe-se, no anexo, que na ordenação referencial das situações do texto nº74 (Sem apoio Botha renuncia na África do Sul) a primeira situação no texto (renunciou) é a nona na ordem cronológica, mas vem em primeiro lugar no texto por ser a mais importante informação da notícia. Veja também a ordenação do texto nº60 (Morre Shockley, pai do transistor), em que a primeira situação da notícia (morreu) é a décima terceira e última da ordem referencial.

A relevância parece ser fundamental na ordem textual de textos injuntivos que não constituem um plano. Esse é o caso em textos educativos como o texto nº53 (Neblina na pista: redobre a atenção), onde os conselhos parecem ser dados em ordem de importância na medida em que devem ser lembrados. Roteiros de turismo (normalmente uma combinação de dissertação, descrição e injunção) dizem primeiro o que é mais importante ver e fazer e depois outras opções. Isto pode ser observado também em reportagens de turismo como "Bali" (texto nº88) e "Lição sobre o futuro" (texto nº28) que dão a idéia básica do passeio e depois seus desdobramentos. Em "Bali" há também ordenação cronológica, pois sugere a distribuição do que ver e fazer pelos dias da viagem.

Em textos dissertativos também atua a relevância na ordenação textual. Veja-se, por exemplo, o texto "A questão ecológica" (texto nº42), que inclusive começa por uma expressão estabelecadora de relevância: "Tem especial interesse". No texto nº45 (Tomate industrial: o cuidado com as pragas), na parte que fala das pragas, a ordem de comentários de cada uma parece ser a do mais para o menos relevante em função do quanto prejudicam a lavoura.

Embora seja difícil comprovar, parece que nas descrições podemos levantar a hipótese de que o texto apresenta pri-

meiro o que é mais relevante para o produtor, porque lhe chama mais a atenção sendo **percebido** primeiro. Para ORLANDI (1988:48), como na descrição o enunciador se coloca na perspectiva do espaço (ao contrário da narração onde a perspectiva é a do tempo referencial), a ordenação que fica é só a do discurso (talvez seja melhor dizer do texto) porque na descrição o tempo é só o da enunciação: já que as situações são simultâneas "o que vem depois é só o que é dito depois". Mas, por que é dito depois? Parece que é porque é percebido depois, porque chama menos a atenção, sendo menos importante para o produtor do texto. Assim fica a hipótese de que a ordenação textual na descrição é basicamente resultado de um misto de relevância e **percepção das situações**, sem excluir outras causas, mesmo a cronológica como no texto nº35 (A Festa de Santa Efigênia).

DOWTY (1986: 50) propõe que, em trechos descritivos inseridos na narração, a ordem em que as situações (para ele estados sobrepostos no tempo referencial) são registradas no texto é determinada pragmaticamente pela ordem em que um hipotético observador (que pode ser o narrador ou o personagem de cujo ponto de vista a narrativa é construída) as percebe. DOWTY dá o exemplo que reproduzimos traduzido em (145) (Veja as situações sublinhadas).

(145) Maria entrou no gabinete do presidente. Uma cópia do orçamento **estava** sobre a escrivaninha do presidente. O conselheiro financeiro do presidente **permanecia de pé** ao lado dela. O presidente **estava** sentado olhando admirado para ambos. O conselheiro falou.

No trecho descritivo de "Passeio Noturno" (texto nº 61), transcrito em (146), podemos tomar como evidência de que a percepção funciona como elemento que determina o registro de uma determinada situação no texto e em uma certa ordem, o fato de que o narrador (que é o protagonista), na montagem da descri

ção introduzida por "vi", repete a mesma situação, utilizando si nônimos (caminhava apressadamente e andava depressa), como se , por duas vezes, ele tivesse notado (percebido, registrado) o mesmo fato por ele ser importante para o que pretendia fazer : atropelar a mulher.

(146) "Então vi a mulher,
 Ela **caminhava** apressadamente, **carregando** um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, **estava** de saia e blusa, **andava** depressa , **havia** árvores na calçada de vinte em vinte metros, "

A ordem de percepção é importante também na narração presente, já que aí o tempo da enunciação coincide com o referencial do acontecimento relatado. Neste caso, temos um misto de cronologia e percepção, já que os acontecimentos são relatados à medida que vão ocorrendo e sendo percebidos.

Pode-se propor, como hipótese de estudo, um princípio de ordenação textual como o de (XVIII).

(XVIII) Apresente as situações no texto na ordem de sua percepção.

Este princípio teria efeito semelhante a (XVI), uma vez que se postule que situações são percebidas à medida que ocorrem no tempo. Todavia (XVIII) é mais amplo, porque não se refere apenas a situações seqüenciadas cronologicamente, mas se aplica também a situações referencialmente simultâneas (Cf. descrições e dissertações). A ordem de percepção pode ser a real ou aquela que o produtor do texto quer fazer crer que seja a ordem de percepção e, neste caso, já estaríamos passando para um plano mais ligado à argumentatividade.

Apenas como exemplo de ordenação textual para produção de certos efeitos que estamos chamando de estilísticos, podemos citar a inversão de situações ou de blocos delas na narra

ção para criar suspense na história. Talvez se possa incluir aqui as figuras de linguagem por transposição estudadas pela teoria literária, quando a transposição ou inversão se dá entre situações.¹⁴⁴ Aqui pode-se estudar, por exemplo, se, nas narrações, há regularidades entre formas de inversão das situações e certos efeitos, como o suspense ou se perguntar, por exemplo, que efeitos pode produzir a antecipação de situações no tempo referencial da história dentro do texto.

A argumentação pode influir na ordenação textual das situações segundo um princípio como o de (XIX).

(XIX) Apresente as situações na ordem que melhor conduza à conclusão r.

Assim, por exemplo, em relatos jornalísticos ou em narrativas orais é muito provável a apresentação das situações numa ordem que favoreça ou prejudique interessados no relato. Em textos dissertativos e argumentativos "stricto sensu", (XIX) é aplicado com frequência. Observe-se, por exemplo, no texto nº2 (A dimensão do Brasil), como o autor dispõe as situações de modo a convencer o leitor do potencial brasileiro apesar da "sinistrose" que toma conta do povo: parte-se da exposição desse estado de espírito e apresentam-se argumentos para mudá-lo em termos da consciência do papel que podemos e temos de representar no cenário mundial. No texto nº37 (O dever da imprensa), as situações são apresentadas de modo a comprovar a imparcialidade e isenção com que o jornal estava fazendo a cobertura da eleição presidencial de 1989.

Razões ligadas à cognição podem influir na ordenação textual, quando se leva em conta o fato de que a expressão de certas idéias é pré-requisito para o entendimento de outra(s). Assim, aquelas que são pré-requisito terão de aparecer em pri-

144 - Cf. TAVARES (1974: 338-340).

meiro lugar no texto.

Isto pode ser observado, por exemplo, no texto nº27 (Jogo geométrico para crianças e adultos), onde a descrição das peças do jogo no primeiro parágrafo é necessária ao entendimento da explicação de como se joga no segundo parágrafo e por isso mesmo vem antes, no primeiro parágrafo.

Aqui podemos postular, como hipótese, um princípio de ordenação textual, tal como proposto em (XX)

(XX) Se X é pré-requisito para compreensão de Y, X deve vir antes no texto.

Finalmente, temos as razões de natureza pragmática ou prática influenciando na ordenação textual de situações. Já vimos, ao comentar (VII.a) que, nos textos injuntivos que constituem um plano (como receitas culinárias e manuais de instrução para montagem e uso de aparelhos), as situações têm uma ordem referencial prática de realização para a consecução do plano e atingimento da meta, que é traduzida na ordem textual, onde as possibilidades de inversões são mínimas. Em roteiros de turismo, por exemplo, podemos ver que, com freqüência, as situações constituintes do passeio ou viagem são ordenadas no texto em função da facilidade de locomoção e/ou localização de lugares a serem visitados, portanto uma ordenação de caráter essencialmente prático e pragmático. Um exemplo disso pode ser visto sobretudo nos parágrafos quatro e cinco do texto nº31 (Pelas ruelas e ladeiras de São Luís).

5.4.3 - Marcadores da ordenação textual

Tratemos agora dos elementos lingüísticos ou marcas que aparecem no texto em função da ordenação textual, do tempo do texto. Estes elementos são fatores de coesão seqüencial por progressão, com encadeamento por justaposição através de partí-

culas seqüenciadoras ou continuativas de frases ou seqüências textuais, pois dizem respeito à linearidade e à ordenação de partes do texto.

Embora nos interesse particularmente o uso do verbo (suas formas e categorias) como elemento de ordenação textual, referiremos outros elementos que se relacionam com o verbo ou porque agem em conjunto com ele ou porque são capazes de substituí-lo. Já referimos este assunto em 5.1, ao falar da relação entre o tempo da enunciação e o tempo textual.

Terão particular interesse na atuação dos elementos de ordenação textual dois tipos de verbo. Os primeiros são os que chamamos de **enunciativos**, por se referirem ao próprio ato de dizer. Estão neste grupo verbos como: falar, dizer, perguntar, responder, afirmar, citar, expor, replicar, protestar, murmurar, sussurrar, etc. No segundo grupo, temos os verbos que indicam que um tópico é enfocado, tratado ou dão modos ou formas de desenvolvê-lo ou encará-lo: ver, discutir, provar, apontar, colocar, exemplificar, especificar, esquematizar, explicar, analisar, considerar, tratar, demonstrar, resumir, retomar, levar em conta, referir, contar, relatar, descrever, etc. Podemos chamar este grupo de **verbos de tratamento de tópico**.

O verbo atua na ordenação textual de duas maneiras:

- a) através dos tempos: passado, presente, futuro;
- b) através do valor do seu semantema.

O tempo verbal de verbos enunciativos e de verbos de tratamento de tópico marca segmentos da seqüência linear da superfície textual como anteriores (o passado), simultâneos (o presente) ou posteriores (o futuro) a um outro ponto da mesma seqüência e ao "momento" em que este é utilizado — produzido (falado, escrito)/recebido (ouvido, lido) — pelos usuários da língua, ou seja, ao momento da enunciação deste segundo ponto da seqüência lingüística. Esta função dos tempos verbais foi

exemplificada em (57) a (59), com comentários em 5.1. O texto deste trabalho, está cheio de exemplos. No final do segundo parágrafo anterior a este, usamos "Já referimos" (o passado indica: anteriormente neste texto). Vejamos em (147) e (148) alguns exemplos colhidos na introdução.

- (147) a - "Neste estudo, portanto, **estaremos entendendo função** como
 **Estaremos admitindo** também que cada forma e/ou categoria verbal pode ter mais de uma função" (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).
- b - "Como se **verá**, é impossível fazer um estudo textual-discursivo do verbo sem falar....." (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).
- c - "**Dissemos** que o corpus é constituído, pela natureza mesma do estudo, por textos (O passado indica: anteriormente neste texto).

- (148) **Estamos propondo** neste item um princípio de ordenação referencial das situações. (O presente indica : nesta parte do texto em desenvolvimento agora).

Alguns verbos remetem, pelo valor de seu semantema , a partes do texto ou a partes de unidades de composição do texto (parágrafos, itens ou seções, capítulos, etc.). Neste papel de ordenadores textuais, estes verbos vêm sempre acompanhados por verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. Assim temos:

- a) verbos que remetem ao início do texto ou de partes deste: começar, iniciar, principiar;
- b) verbos que remetem ao meio do texto ou de partes deste: seguir, prosseguir, continuar;
- c) verbos que remetem ao final do texto ou de partes deste: acabar, terminar, finalizar, fechar, concluir.

Vejamos alguns exemplos:

- (149) a - **Começamos** este capítulo propondo nossa hipótese, **prossequimos** demonstrando suas vantagens e desvantagens e **concluimos** pela sua validade (ou **terminamos** dizendo que se pode concluir pela sua validade).
- b - **Início** fazendo-lhes uma proposta, **seguirei expondo** as razões que a motivaram e **terminarei** dizendo-lhes o quanto ganharemos pondo em prática o que proponho.
- c - **Comecei contando-lhes** o que fez este rapaz, **prossigo** perguntando se sua ação não foge a todas os princípios morais e da lei e **finalizarei** pedindo sua condenação.

Os exemplos de (149) foram montados para exemplificar a atuação ordenadora destes verbos de forma bem sucinta e mostrando como podem se combinar com os tempos. Nos textos reais, podemos ter referências só ao início, ao meio ou ao final do texto ou de partes dele.

Estes mesmos verbos podem ser usados desacompanhados de verbos enunciativos, indicando a ordem de apresentação no texto de certos elementos ou idéias. Neste caso, acrescenta-se aos verbos indicadores de posições intermediárias no texto, o verbo "passar" ao lado de "seguir", "prossequir" e "continuar". Vejamos alguns exemplos.

- (150) "Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar foi sua construção que levou cinco anos. **A começar** pela manufatura de seu espelho principal....." (Texto nº89).
- (151) "A cumplicidade do Estado é manifesta **desde** a indiferença das autoridades na manutenção física das estradas e vias públicas e no desprezo pela educação e repressão, **passando** pela impunidade avalizada pela legislação ultrapassada e condescendente que submete os infratores a penalidades mínimas, com direito a sursis e multas irrisórias até a ineficiência da Justiça que não dispõe de um órgão que centralize esse tipo de delito, tornando moroso e oneroso o andamen-

to do processo" (MAGALHÃES - 1989).

- (152) "Com todas as vantagens, que **começam** na finíssima chapa de alumínio, um prodígio da tecnologia nacional" (Texto nº90).

No exemplo (151) as preposições "desde" e "até" poderiam ser substituídas respectivamente pelos verbos "começar" e "terminar". Então teríamos: "A cumplicidade do Estado **começa** na (com a) indiferença **passando** (ou **passa**) **mul**tas irrisórias e **termina** na (com a) ineficiência da Justiça...". Isto mostra que os verbos ordenadores textuais podem atuar em combinação com outros tipos de ordenadores que elencamos mais adiante. No exemplo (152), a propaganda continua dando as vantagens, mas sem usar ordenadores. Todavia os redatores poderiam ter escrito: "**continuam** na (ou **passam** pela) sua leveza (apenas 18 g), no (pelo) fato de permitir gelar a bebida mais rápido e não apresentar emendas e **terminam** na sua propriedade de não enferrujar".

Dois outros verbos atuam como ordenadores textuais : "preceder" e "seguir". Referem-se a partes do texto que vêm indicadas. Quando não há indicação das partes, referem-se ao texto imediatamente anterior ou posterior. Veja o exemplo (21) no capítulo 3 para o verbo "seguir" e os exemplos de (153). No lugar desses verbos, é mais comum o uso dos adjetivos deles derivados: "seguinte" e "precedente". No lugar de precedente, usa-se também "anterior". O adjetivo "posterior", que substituiria "seguinte", não tem a mesma distribuição que este, equivalendo mais à preposição "após". O adjetivo "seguinte" equivale mais ao adjetivo "próximo". Veja exemplos de (154).

- (153) a - Veja o comentário feito no trecho que **precede** o exemplo (38).
 b - Nos capítulos que **seguem** expomos nossas descobertas sobre essa questão.

- (154) a - ? Veja o comentário feito no trecho **precedente** ao exemplo (38).
- b - Veja o comentário feito no trecho **anterior** ao exemplo (38).
- c - Nos capítulos **seguintes** expomos nossas descobertas sobre essa questão.
- d - Nos **próximos** capítulos expomos nossas descobertas sobre essa questão.
- e - Nos capítulos **posteriores** ao quarto expomos nossas descobertas sobre esta questão.
- f - No capítulo **precedente** delineamos um quadro das possíveis causas deste fenômeno.

Além do tempo e dos verbos ordenadores textuais pelo valor de seu semantema, vários elementos atuam como marcas de ordenação textual. Além das preposições (Veja "desde" e "até" no exemplo 151), e dos adjetivos vistos em (153) e (154), temos outros elementos de ordenação textual, como vários elementos ad verbiais e numerais, todos com usos que implicam em ordenação textual, principalmente quando acompanhados de sintagmas que especificam trechos dos textos e/ou de verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. A seguir, buscamos esboçar um quadro desses ordenadores em (155). A especificação de partes do texto pode ocorrer antes ou depois dos ordenadores, conforme o caso. O verbo enunciativo ou de tratamento de tópico aparece em quase todos os casos após os ordenadores.

(155)

- | | |
|---|--|
| <p>a) No início, no começo, inicialmente, de início;</p> <p>b) Em seguida, a seguir;</p> <p>c) Finalmente, no final, no fim;</p> <p>d)-seguinte, posterior, próximo,
- precedente, anterior;</p> <p>e)- primeiro, segundo, terceiro, etc;
- Em primeiro, segundo, terceiro, etc ... lugar;</p> <p>f)- Antes, agora, depois;
- Anteriormente, posteriormente;</p> <p>g)- desde, até, após.</p> | <p>Verbo enun-
ciativo ou
de tratamen-
to de tópi-
co e/ou es-
pecificação
de partes
do texto.</p> |
|---|--|

Ainda se podem ligar à ordenação textual certos numerais (Veja exemplo 156 a) e pronomes demonstrativos (Veja exemplo 156 b), que alguns classificam como "aposto distributivo".

(156) a - João tem dois filhos Pedro e Paulo. O primeiro é marceneiro, o segundo músico.

b - Pedi uma ajuda a Tereza e Raquel. Esta me ajudou, aquela se desculpou dizendo que estava muito ocupada.

As marcas de ordenação textual parecem ser mais utilizadas nos textos dissertativos, mas atuam também em outros tipos de texto, como os narrativos (Veja exemplo 157) e os injuntivos (Veja exemplo 158).

(157) Começaremos nossa história dizendo quem era o nosso herói e porque ele se tornou o guardião do cristal encantado

 A seguir contaremos como nosso herói se apaixonou pela princesa.

(158) a - "Para ligar a antena externa é preciso primeiro conectar o plugue que acompanha o televisor ao cabo da antena, procedendo do seguinte modo: ...
" (Texto nº52).

b - "Para isto é necessário eliminar o adaptador usualmente ligado à extremidade do cabo de antena e proceder conforme explicação a seguir:
" (Texto nº52).

Casos como o do exemplo (151), onde temos preposições e verbo ordenador, mostram que os diferentes tipos de ordenadores textuais inclusive o tempo, podem se combinar de diferentes maneiras, estabelecendo várias séries de ordenadores atuando na ordenação textual e marcando a ordem de situações e outros elementos no texto

Como se pode observar, o estudo da ordenação referencial foi mais aprofundado que o da ordenação textual, apesar de termos delineado as duas questões básicas envolvidas na segunda. Todavia falta ainda estudar a ordenação textual de forma a encontrar regularidades dentro dos princípios que esboçamos como, por exemplo, se há uma hierarquia de aplicação dos mesmos. É preciso também aprofundar o estudo das marcas de ordenação textual, observando mais de perto sua atuação por tipo de texto e por tipo de ordenador textual, inclusive em termos quantitativos.

CAPÍTULO 6

FENÔMENOS DE CONTINUIDADE ESTABELECIDOS PELO VERBO EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS

6.1 - PRELIMINARES

Expomos aqui o resultado de nossos estudos sobre os fatos do funcionamento textual-discursivo do verbo especificados em 4.2.1.4 (continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual) e em 4.2.1.5 (continuidade de formas e categorias verbais no texto como um todo em relação com os tipos de textos). Tratamos também dos fenômenos ligados à relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais, porque, como já dissemos em 4.2.5, eles mantêm uma relação com as continuidades de 4.2.1.4 e 4.2.1.5.

Fizemos um estudo quantitativo das continuidades de 4.2.1.4 e 4.2.1.5, em que trabalhamos com os oito tipos de textos mais freqüentes: a dissertação presente, a descrição passada e presente, a narração passada e presente e o injuntivo. Na descrição ainda consideramos a distinção entre descrição estática e dinâmica, o que resultou na consideração de quatro subtipos de descrição¹⁴⁵. Dessa forma, não trabalhamos quantitativamente com as continuidades de tipos de situação e de formas e categorias verbais na descrição e narração futuras e na dissertação passada e futura.

145 - Normalmente se entende por descrição estática também chamada de "quadro", as descrições de pessoas, animais, vegetais, objetos, paisagens, cenários, ambientes, etc. em seus aspectos físicos e/ou psicológicos, quando for o caso. A descrição dinâmica é aquela que se faz de seres em ação (uma dança, por exemplo) ou vistas e quadros animados (uma tempestade no mar, por exemplo). (Cf. capítulo 2).

Para cada tipo, trabalhamos com textos o mais possível puros ou com trechos de textos que representam o tipo focalizado. Muitas vezes o texto apresentado como de um tipo (Cf. sobretudo os descritivos) é, na verdade, um trecho de outro texto maior que foi isolado (por nós ou por outrem) e considerado como uma unidade textual. Abaixo listamos, para cada tipo, os textos usados no estudo das continuidades e damos seu número no anexo, onde marcamos os trechos considerados, quando este for o caso e sublinhamos os verbos considerados na análise. Assim, pois, para as continuidades de que falamos neste capítulo estamos levando mais em conta o tipo de discurso realizado em texto, por buscarmos separar neste apenas os trechos que são do tipo em foco. (Cf. no capítulo 2 a questão da pureza tipológica).

1) Textos descritivos

1.1 - Descritivos dinâmicos passados:

- a) A dança dos colonos alemães (texto nº 4);
- b) Luz e calor (texto nº 5);
- c) O milagre das chuvas do nordeste (texto nº 6);
- d) Noite joanina (texto nº 7);
- e) Os passarões (texto nº 8);
- f) A vila da praia (texto nº 9);

1.2 - Descritivos dinâmicos presentes:

- a) As borboletas (texto nº 10);
- b) O estouro da boiada (texto nº 11);
- c) Manhã na roça (texto nº 12);
- d) O saci-pererê (texto nº 13);
- e) O salto do Guaíra (texto nº 14);

1.3 - Descritivos estáticos passados:

- a) Bocatorta (texto nº 15);

- b) A casa da fazenda (texto nº 16);
- c) A cascavel (texto nº 17);
- d) A cela do religioso (texto nº 18);
- e) Evocação mariana (1ª e 2ª versos) (texto nº 19);
- f) O milagre de Machu Picchu (texto nº 20) (trechos);
- g) Olhai os lírios do campo (fragmento do capítulo III) (texto nº 21) (trechos);
- h) Quarto de moça (texto nº 22) (trecho);
- i) Uma rua como aquela (texto nº 23);

1.4 - Descritivos estáticos presentes:

- a) O milagre de Machu Picchu (texto nº 20) (trechos);
- b) O "canyon" gaúcho de Fortaleza (texto nº 24) (trechos);
- c) O cavalo sertanejo (texto nº 25);
- d) Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG (texto nº 26) (trechos);
- e) Jogo geométrico para crianças e adultos (texto nº 27);
- f) Lição sobre o futuro (texto nº 28) (trechos);
- g) O Marechal Floriano (texto nº 29);
- h) Pelas ruelas e ladeiras de São Luís (texto nº 31) (trechos);
- i) O tamanduá-bandeira (texto nº 32);
- j) O vale amazônico (texto nº 33);

2) Textos dissertativos:

- a) Um contraceptivo parecido com o DIU. Só que para homens. (texto nº 36);
- b) O dever da imprensa (texto nº 37);
- c) Microtransplante do próprio cabelo (texto nº 40);
- d) A questão ecológica (texto nº 42);

- e) Voyager encontrará Netuno em dez dias (texto nº 43);
- f) Medo, ansiedade e pânico (texto nº 44);
- g) Tomate industrial: o cuidado com as pragas (texto nº 45);

3) Textos injuntivos:

- a) Abridor afiador automático Arno / Como usar o abridor de latas (texto nº 46);
- b) Bolinhos de batata (texto nº 47);
- c) Falso vatapá (texto nº 50);
- d) Horóscopo de Jean Perrier (texto nº 51);
- e) Ligação das antenas externas (texto nº 52);
- f) Para pintar o retrato de um pássaro (texto nº 54);
- g) Suflê de cenoura (texto nº 55);

4) Textos narrativos:

4.1 - Narrativos passados:

- a) Candidatura sempre teve dificuldades (texto nº 56);
- b) A crise cardíaca (texto nº 57);
- c) História triste de tuim (texto nº 58);
- d) BERLINCK-1987: Inquérito 3 - p. 20, linha 573 a p. 24, linha 709 (texto nº 59);
- e) Morre Shockley, pai do transistor (texto nº 60);
- f) Passeio noturno (texto nº 61);
- g) Piada do menininho (Ziraldo) (texto nº 62);

4.2 - Narrativos presentes:

- a) A farsa e os farsantes (texto nº 64);
- b) O médico e o monstro (texto nº 65);

- c) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito refêns em 12 dias de ação (texto nº 66);
- d) A última crônica (texto nº 67).

O número de textos de cada tipo utilizado no estudo das continuidades varia, mas o que procuramos garantir foi que, para cada tipo ou subtipo, se tivesse pelo menos 100 (cem) verbos. Não consideramos os verbos elípticos. Estes são numerosos na descrição (sobretudo na estática), onde apresentam uma freqüência bastante alta (principalmente os verbos estáticos).

Nas narrações não foram computados os verbos dos trechos em discurso direto, indireto e indireto livre, a não ser que eles fossem a própria narração ou contivessem partes da narrativa, como acontece com freqüência nas reportagens.

Nosso estudo revelou várias correlações entre tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais por um lado, e as funções e propriedades discursivas de cada tipo de texto por outro, podendo estas representar categorias semânticas e pragmáticas (Cf., por exemplo, item 6.3.1, quando falamos das continuidades da categoria aspecto). Preferimos falar em "correlação" ou em "harmonização" entre tais tipos de verbos e situações, formas e categorias verbais e as funções e propriedades discursivas de cada tipo de texto, porque esses termos sugerem uma relação de mão dupla, onde os elementos relacionados se interdeterminam na constituição discursiva do texto, sem qualquer idéia de hierarquia que seria dada, se usássemos um termo como "seleção". Isto fica de acordo com o que propusemos no capítulo 1, ao dizer que o lingüístico e o discursivo se interdeterminam. Seria, pois, incoerente dizer, por exemplo, que um texto descritivo seleciona aspectos como im-

perfectivo e não-acabado.

Antes de passarmos à exposição dos resultados do estudo das continuidades, é preciso esclarecer que o número de verbos para cada tipo de texto e o número de verbos com determinada categoria nem sempre coincidem porque, por exemplo, não há modalidade específica para os gramaticais de relevância e carregadores de categorias. Para cada caso faremos as indicações necessárias.

Na análise, usamos três tipos de instrumentos, representados por fichas:

a) um para fazer o levantamento dos tipos de verbos e situações, que aparecem em cada tipo ou subtipo de texto;

b) um para fazer o levantamento referente às formas verbais e a cada categoria verbal, ou seja, quais os aspectos, modalidades, tempos, vozes e pessoas que aparecem em cada tipo ou subtipo de texto;

c) um em que se cruzam os tipos de verbos e situações com as formas verbais e com cada uma das categorias verbais para cada tipo ou subtipo de texto.

Esse terceiro instrumento tinha o objetivo de verificar a ocorrência de fatos como o seguinte, por exemplo: se o aparecimento de ações numa descrição estava condicionado, por exemplo, ao verbo que expressa a ação ter um determinado aspecto, modalidade, etc.

Os dois primeiros tipos de instrumentos resultaram sempre em tabelas que serão apresentadas e comentadas nas partes seguintes. Os resultados do terceiro tipo não justificam a montagem de tabelas e alguns fatos interessantes revelados por eles são apresentados oportunamente, ao comentarmos as tabelas.

6.2. CONTINUIDADE DE TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES

Em nosso estudo observamos não só os tipos de situação,

mas também os tipos de verbos de um modo geral, buscando determinar sua distribuição pelos tipos e subtipos de textos, estabelecendo ou não uma continuidade. Os números obtidos na análise quantitativa constituem as tabelas 1, 1.1 e 2.

As tabelas 1 e 1.1 constituem uma só tabela dividida em duas partes para facilidade de disposição no papel. Na tabela 2 reunimos os subtipos de verbos nos três grandes tipos. Nestas tabelas, o número total de verbos não inclui: a) o número de verbos de ligação, porque eles foram computados também entre os verbos de estado ou entre os outros gramaticais, tais como marcadores temporais ou conversacionais, de relevância e expressões; b) o número de verbos gramaticais carregadores de categorias com situação indicada por nome, porque eles foram computados também entre os verbos de situação dinâmica.

Nestas tabelas e em todas as demais, reunimos nos verbos estáticos de estado todos os verbos de ligação que relacionam não só estados, mas atributos e características em geral a um ser ou coisa. Assim, quando falarmos em verbos de estado, estaremos nos referindo a todos esses verbos de ligação e não só aos estados tais como definidos no capítulo 3. Dessa forma, na tabela 2, os números referentes aos verbos gramaticais não incluem os verbos de ligação utilizados para relacionar estados, atributos e características a seres e coisas. Só incluem os verbos de ligação usados nas expressões, marcadores temporais e conversacionais e de relevância que na tabela 1.1 identificamos como "só gramaticais" em oposição aos primeiros identificados como "de estado".

Observando as tabelas 1 (1.1) e 2, nota-se que nenhum tipo de verbo ou situação é exclusivo de nenhum tipo de texto. Os ordenadores de discurso que, na tabela 1, só aparecem para os injuntivos, na verdade, aparecem em outros tipos de textos

TABELA 1

Tipos de Verbos e Situações/Tipologia Textual

Tipos de verbos e situações Tipos de Texto	Dinâmicos				Estáticos			Gramaticais				TOTAL
	Ação	Transf.	Fenôm.	Fatos	Estado	Constante	Localizador	Relevância	Marcadores Temporais	Ordenadores do discurso	Marcadores conv.	
Dissertação	128/409 31,30%	13/409 3,18%		84/409 20,54%	48/409 11,74%	37/409 9,05%	6/409 1,47%	7/409 1,71%	3/409 0,73%			409/409 100%
Descrição estática presente (de comentário)	87/233 37,34%	3/233 1,29%		46/233 19,74%	37/233 15,88%	37/233 15,88%	11/233 4,72%		1/233 0,43%			233/233 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)	44/113 38,94%	4/113 3,54%		20/113 17,70%	17/113 15,04%	21/113 18,58%	3/113 2,65%	1/113 0,89%				113/113 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)	98/150 65,34%			42/150 28%	3/150 2,0%	5/150 3,33%						150/150 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)	80/123 65,04%	3/123 2,44%		28/123 22,76%	7/123 5,69%							123/123 100%
Narração presente	249/349 71,35%			37/349 10,60%	3/349 0,86%	2/349 0,57%		6/349 1,72%	4/349 1,15%		1/349 0,29%	349/349 100%
Narração passado	244/404 60,40%	6/404 1,48%	1/404 0,25%	71/404 17,57%	2/404 0,5%	5/404 1,24%	5/404 1,24%	2/404 0,5%	9/404 2,23%		10/404 2,47%	404/404 100%
Injunção	131/160 81,87%			13/160 8,12%	5/160 3,12%	1/160 0,62%	1/160 0,62%			1/160 0,62%		160/160 100%

TABELA 1.1
Tipos de Verbos e Situações/Tipologia Textual

Tipos de verbos e situações	Gramaticais/Carregadores de Categorias										TOTAL
	De Ligação		Auxiliares					Expres- sões	Situação Nome		
	de estado	só gramati- cais	Modais	Aspec- tuais	Voz	Tempo- rais	Semânti- cos		Tipo A	Tipo B	
Dissertação	48/409 11,74%	11/409 2,69%	30/409 7,33%	8/409 1,96%	24/409 5,87%	3/409 0,725%	15/409 3,67%	3/409 0,725%	19/409 4,65%	8/409 1,96%	409/409 100%
Descrição di- nâmica pre- sente (de co- mentário)	37/233 15,88%	1/233 0,43%	1/233 0,43%		8/233 3,43%	1/233 0,43%	1/233 0,43%			3/233 1,29%	233/233 100%
Descrição di- nâmica pas- sada (de nar- ração)	17/113 15,04%	1/113 0,89%				1/113 0,89%	2/113 1,77%		1/113 0,89%		113/113 100%
Descrição di- nâmica pre- sente (de co- mentário)	3/150 2,0%						2/150 1,33%			2/150 1,33%	150/150 100%
Descrição di- nâmica pas- sada (de nar- ração)	7/123 5,69%						5/123 4,07%		2/123 1,63%		123/123 100%
Narração presente	3/349 0,86%	6/349 1,72%		12/349 3,44%	18/349 5,15%	1/349 0,29%	16/349 4,58%		3/349 0,86%		349/349 100%
Narração passada	1/404 0,25%	2/404 0,5%	3/404 0,74%	19/404 4,70%	7/404 1,73%	2/404 0,5%	18/404 4,45%		2/404 0,5%		404/404 100%
Injunção	4/160 2,5%	2/160 1,3%	5/160 3,12%		1/160 0,62%			2/160 1,3%			160/160 100%

TABELA 2

Tipos de Verbos e de Situações/Tipologia Textual

Tipos de verbos e situações	Dinâmicos	Estáticos	Gramaticais	Total
Dissertação	225/409 55,01%	91/409 22,25%	93/409 22,74%	409/409 100%
Descrição estática presente (De comentário)	136/233 58,37%	85/233 36,48%	12/233 5,15%	233/233 100%
Descrição estática passada (De comentário)	68/113 60,18%	41/113 36,28%	4/113 3,54%	113/113 100%
Descrição dinâmica presente (De comentário)	140/150 93,34%	8/150 5,33%	2/150 1,33%	150/150 100%
Descrição dinâmica passada (De narração)	111/123 90,24%	6/123 4,88%	6/123 4,88%	123/123 100%
Narração presente	286/349 81,95%	5/349 1,43%	58/349 16,62%	349/349 100%
Narração passada	322/404 79,70%	12/404 2,97%	70/404 17,33%	404/404 100%
Injunção	144/160 90%	7/160 4,375%	9/160 5,625%	160/160 100%

como pudemos ver nos capítulos 3 e 5. É preciso ainda registrar que esse único exemplo em texto injuntivo é do verbo "seguir" na locução "a seguir" que não é a rigor um verbo. Observando outros textos que não os utilizados na construção das tabelas, percebe-se que os ordenadores de discurso aparecem sobretudo em textos dissertativos.

Outras tendências podem ser constatadas através da tabela 1 (1.1) e 2.

Como os marcadores conversacionais são característicos de textos orais, eles aparecem em maior número para as narrativas passadas onde trabalhamos com duas narrativas orais. Nas narrativas presentes, apareceu um único marcador conversacional no texto nº 65 (O médico e o monstro): "como não podia deixar de ser". Isto evidencia que verbos marcadores conversacionais podem aparecer em textos escritos em certos casos. (Veja exemplo 159).

- (159) a - "Ele tem uma missão na vida, digamos assim: testar trajés..." ("Perfeito Manequim" in *Superinteressante*. Ano 3, nº 11, novembro/1989:52).
- b - "O que estaríamos dizendo agora do goleiro chileno Rojas, se fosse ele (e não Taffarel) quem entregasse a bola nas mãos, digamos, do brasileiro Bebeto?" (texto nº 1).

Observa-se que os subtipos dos verbos dinâmicos e estáticos seguem, para a maioria dos textos, uma escala correspondente à sua frequência e/ou quantidade na língua: a) ações > fatos > transformativos e fenômenos; b) estados > constantes > localizadores. O mesmo se verifica para os grandes tipos de verbos: dinâmicos > estáticos > gramaticais.

Nos textos dissertativos, os verbos de situação dinâmica predominam (55,01%). Os estáticos (22,25%) e os gramaticais (22,74%) aparecem equilibrados entre si. Importa anotar que é nos textos dissertativos que se tem a maior porcentagem de verbos gramaticais. Entre estes cabe registrar que os auxi-

liares modais aparecem na dissertação numa porcentagem alta (7,33%) se comparada com a dos demais tipos de textos, fazendo dos auxiliares modais uma característica dos textos e do discurso dissertativo, onde temos auxiliares modais das mais diferentes modalidades, ao contrário da injunção, onde os modais são sempre de modalidades imperativas, sobretudo a obrigação (ter de) e a prescrição (dever). Também as expressões parecem ser uma marca dos textos dissertativos, pois no texto injuntivo onde elas também apareceram (texto nº 52 - Ligação das antenas externas) isto ocorreu em trechos de explicação (Ver 6.4.4) que podem ser vistos como dissertativos.

Nos textos **descritivos estáticos**, nossa análise ao mesmo tempo confirmou e contrariou a afirmação tradicionalmente feita de que na descrição predominam os verbos de estado (para nós, verbos estáticos). Isto porque, na verdade, é nos textos descritivos estáticos que temos, mesmo sem contar os verbos elípticos, as maiores porcentagens de verbos estáticos de todos os tipos de textos: 36,48% (descrição presente) e 36,28% (descrição passada). Todavia, mesmo na descrição estática, a porcentagem de verbos dinâmicos é superior à de estáticos (Cf. tabela 2) e nas descrições dinâmicas o número de verbos dinâmicos é quase total: 93,34% (descrição dinâmica presente) e 90,24% (descrição dinâmica passada), contra mais ou menos 5% (Cf. tabela 2) de verbos estáticos. O número de verbos gramaticais na descrição em geral é pequeno, ficando entre 1% e 5% do total (Cf. tabela 2).

Nas descrições estáticas, embora os verbos dinâmicos sejam numericamente superiores, é preciso observar que eles apresentam um valor estático e, com frequência, podem ser substituídos por um verbo estático. É preciso verificar se essa possibilidade de substituição ocorre sempre e, se não, o que a determina ou regula. Veja exemplos (160) a 162): em a

temos o verbo dinâmico e em **b** a forma estática possível.

- (160)a - "A tiririca **sitia** o canteiro." (BANDEIRA - 1970)
 b - O canteiro **é** (está) cercado de tiririca.

- (161)a - "Seu cabelo **vai** até às costas."
 b - ? Seu cabelo **é comprido** até às costas.
 Seu cabelo **mede** 50 cm.

- (162)a - "E olhos **vivíssimos**, que **pulavam** das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela." (texto nº 15)
 b - E olhos **vivíssimos** que, **ficavam** fora das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela.

Além disso, é comum, na descrição estática sobretudo, mas também na dinâmica, o verbo dinâmico aparecer como um particípio adjetivo (Veja os particípios "empapuçadas" no exemplo 162a e "encardida" no exemplo 163) ou como um particípio, que indica um estado resultante da realização da situação dinâmica expressa pelo verbo, como os particípios "pendurada" e "alvejadas" do exemplo (163). Neste caso pode ou não haver um verbo de estado, elíptico ou não.

- (163) "Era a casa mais velha da rua e contrastava com as outras tão limpinhas, como roupa **encardida**, **pendurada** entre peças **alvejadas**." (texto nº 23)

Os verbos de situação dinâmica na descrição podem aparecer também no gerúndio, indicando modo de ação (nas descrições dinâmicas) (V. exemplo 76-B) ou características subsidiárias, secundárias (V. exemplo 164).

- (164) "Quase nunca aparece em público e, quando o faz, **veste** sempre a sua farda de marechal do Exército, **trazendo** ao peito as medalhas de campanha ganhas no Paraguai." (texto nº 29)

Quanto aos **verbos gramaticais**, observa-se que a grande maioria dos que aparecem na descrição são de ligação, ou seja, exatamente aqueles que relacionam estados, caracterís -

ticas ou atributos a um ser ou coisa e, portanto, exatamente aqueles que se harmonizam com a propriedade discursiva básica do texto descritivo que é caracterizar. O texto descritivo estático apresenta bem mais verbos de ligação (em torno de 16%) do que o descritivo dinâmico (2,0% o presente e 4,88% o passado). Marcadores conversacionais não aparecem, mas só trabalhamos com textos descritivos escritos. Também não aparecem ordenadores do discurso, expressões e auxiliares aspectuais. O único auxiliar modal que apareceu está no texto nº 26 (Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG) em um trecho que consideramos parte da descrição, mas que é uma frase dissertativa inserida: "Em Sabará, ainda hoje **pode** ser revivido o ciclo do ouro de Minas Gerais". Os auxiliares de voz só apareceram no descritivo estático presente, porque quase sempre o auxiliar de passiva "ser" vem elíptico, ficando apenas o particípio indicando uma espécie de estado. Os auxiliares temporais e semânticos aparecem pouco. Estes últimos apresentaram, para os textos descritivos dinâmicos passados, uma porcentagem de 4,07%, quase igual à dos textos narrativos. Isto porque aí usamos textos descritivos de um tipo que poderíamos chamar de descritivos "de narração" ou "narradores", em oposição a descritivos "de comentário" ou "comentadores", usados na análise dos textos descritivos dinâmicos presentes e estáticos presentes e passados. Assim, essa porcentagem de auxiliares semânticos semelhante à da narração seria mais uma evidência a favor dessa distinção dos textos descritivos em narradores e comentadores que propomos ao falar das continuidades do aspecto no item 6.3.1. O único verbo gramatical de relevância apareceu no texto nº 23 (Uma rua como aquela): "**sendo** que sua largura nunca alguém teve a curiosidade de medir" (trecho com elementos narrativos, numa espécie de intercâmbio de tipos). O único

marcador temporal apareceu no texto nº 25 (O cavalo sertanejo): "Passa dias sem comer, quase sem beber".

Nos textos narrativos, confirma-se a afirmação de que predominam os verbos de situação dinâmica (por volta de 80%). O número de verbos estáticos é reduzido (Cf. tabela 2) e eles sempre aparecem em trechos que servem de pano de fundo no pretérito imperfeito do indicativo ou em formas nominais, sobretudo o gerúndio. Veja-se para exemplo os verbos estáticos de "Passeio Noturno" (texto nº 61) e de "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação" (texto nº 66). Estes trechos de pano de fundo são descritivos ou dissertativos, o que praticamente elimina a situação estática da narração em si. (Cf. 6.4.5).

Quanto aos verbos gramaticais na narração, observa-se que eles aparecem numa porcentagem alta (média de 17%) como nos textos dissertativos. Na narração, cresce a porcentagem de marcadores temporais, o que é coerente com a perspectiva temporal em que o enunciador se coloca na narração. Cresce também a porcentagem de auxiliares aspectuais que ajudam a marcar aspectos e, portanto, se relacionam com a estrutura temporal interna das situações. Não aparecem ordenadores do discurso e expressões. Os marcadores conversacionais apareceram mais na narração passada, porque aí trabalhamos com duas narrativas orais onde eles têm mais possibilidade de ocorrer. Os auxiliares semânticos ocorrem mais do que nos outros tipos de textos, talvez pela necessidade de dar nuances de realização das situações. Os demais verbos gramaticais, salvo os auxiliares de voz, têm ocorrência limitada.

Na injunção, o predomínio dos verbos de situação dinâmica é total, o que se explica pelo fato de que a injunção é sempre o incitamento para que algo seja feito, portanto para que uma situação dinâmica seja realizada, sobretudo ações:

observe-se na tabela 1 que a injunção é o tipo de texto que tem a maior porcentagem de ações (81,87%). Os verbos estáticos são poucos e seu aparecimento está condicionado quase sempre à indicação de um estado que: a) deve ser modificado, o que leva à realização de uma situação para este fim (v. exemplo 165) ou b) é razão ou causa para cessar a realização de uma situação (v. exemplo 166b). Pode ser parte de uma condição para realizar uma situação dinâmica (v. exemplo 165) ou de uma indicação temporal: momento de realizar a situação dinâmica ou período de tempo em que se deve realizá-la, etc. (v. exemplos 166).

(165) "... e se estiver grosso, colocar mais ou menos um copo de água..." (texto nº 50)

(166)a - ...quando estiver frio, acrescente o creme de leite.

b - "Raspe as cenouras e cozinhe até que estejam macias." (texto nº 55).

Quanto aos verbos gramaticais na injunção, observa-se que eles são sobretudo auxiliares modais de modalidades imperativas ou expressões que marcam necessidade, o que também tem a ver com o incitar a fazer algo (veja "é necessário", "é preciso" no texto nº 52: Ligação das antenas externas). Já vimos que o único ordenador de discurso apareceu neste mesmo texto e deve ser considerado não como verbo, mas como locução adverbial: "a seguir".

De um modo geral, portanto, observa-se que os textos dissertativos, que comentam sobre todos os tipos de situação, trazem em si um certo equilíbrio entre os tipos de verbos e situações, se lembrarmos que os verbos dinâmicos aparecem em maior número por serem mais numerosos na língua. É o tipo de texto com maior porcentagem de verbos gramaticais, entre os quais parecem ser característicos da dissertação os auxi-

liares modais, as expressões, os verbos de relevância e os ordenadores do discurso.

Nos textos descritivos, que também comentam, mas apenas caracterizando, é preciso separar as descrições estáticas das dinâmicas. Nas descrições estáticas, temos a maior percentagem de verbos estáticos (em média 36%), sem contar os verbos elípticos e, embora os verbos dinâmicos apareçam em maior número (em média 60%), talvez se possa falar em predomínio dos estáticos, pois, como vimos, aí os verbos dinâmicos têm geralmente um valor estático, podendo inclusive ser substituídos por verbos estáticos. Dessa forma eles constituem uma espécie de metáfora verbal¹⁴⁶. Nas descrições dinâmicas, o domínio é de verbos dinâmicos: acima de 90% do total dos verbos. O número de verbos gramaticais é pequeno e parece que nenhum tipo de verbo gramatical (excetuados os de ligação na descrição estática) é característica ou caracterizador da descrição.

A narração é essencialmente constituída de verbos dinâmicos, uma vez que, como vimos, os estáticos pertencem a trechos descritivos ou dissertativos utilizados como pano de fundo. A percentagem de verbos gramaticais é alta (em torno de 17%), sendo que alguns tipos parecem característicos da narração: os auxiliares aspectuais e semânticos, que dão detalhes ou nuances dos acontecimentos narrados e os marcadores temporais, que se relacionam com a perspectiva temporal do enunciador na narração.

A injunção também é essencialmente constituída de

146 - Derivado do conceito de metáfora temporal de WEINRICH (1968), falamos de metáfora verbal como um conceito mais abrangente: entende-se por metáfora verbal o uso de um tipo de verbo como de outro tipo (o que quase sempre se confunde com as metáforas semântico-lexicais em geral) ou o uso de uma forma ou categoria verbal onde se deveria usar outra ou onde se esperaria o uso de outra, face às características textuais-discursivas do contexto (inclusive o co-texto).

verbos dinâmicos (90%-cf. tabela 2), mas sobretudo de ações Os estáticos só aparecem como estados que levam à realização de ações para modificá-los e os gramaticais (auxiliares modais e expressões) só aparecem marcando modalidades imperativas que, como veremos, caracterizam a injunção.

Observa-se que os verbos gramaticais parecem ser caracterizadores de tipos de textos, mas há a necessidade de refinar a análise por subtipos, o que poderá ser feito como um passo seguinte na análise. Os vários tipos em que há o predomínio de verbos dinâmicos são diferenciados, por exemplo, pela simultaneidade (descrição e dissertação) ou não-simultaneidade (narração) das situações, como vimos ao tratar da ordenação, ou por continuidades de formas e categorias do verbo, como veremos nos itens seguintes.

Antes de passarmos às continuidades de formas e categorias verbais, é interessante registrar que, em cada tipo de texto, aparecem ou podem aparecer verbos ligados à situação enunciativa que criam o tipo de texto em questão, instaurando o produtor e/ou o receptor em uma determinada posição. Assim, na **descrição** aparecem verbos ligados à visão, já que ela instaura o "voyeur" do espetáculo (Cf. capítulo 2): ver, perceber, notar, observar, admirar, avistar (todos em seu sentido sensorial). Na **narração**, em que o receptor é o assistente e o produtor, o contador aparecem verbos como: presenciar, assistir, ver (tudo/o que acontecer/sucedendo/ocorrer); contar, relatar, falar/dizer (tudo/o que acontecer / sucedendo/ocorrer); narrar. Já na **dissertação**, onde se instaura o ser pensante, que raciocina, temos verbos como: pensar (penso que), achar (acho que), saber (eu sei que), parecer (parece-me que), etc. Na injunção, este tipo de verbo ligado à situação enunciativa aparece mais no discurso indireto. Lembrando que na injunção o produtor é o que incita ao fazer e o receptor é o

potencial executor, teremos verbos como: mandar, ordenar, determinar, pedir, suplicar, sugerir, recomendar, etc. (verbos performativos na 1a. pessoa do singular) e verbos auxiliares como dever/ter de ou que precisar, etc. + infinitivo na 2a. pessoa (com tu/vós ou você/vocês) ou na 1a. pessoa do plural, marcando modalidades imperativas ou ainda verbos como desejar, querer, nos textos optativos. É preciso fazer um estudo mais extensivo sobre este tipo de verbo ligado ao tipo de situação enunciativa de cada tipo de texto. Para isto será necessário trabalhar com um número maior de textos para cada tipo e sub-tipo.

6.3.-CONTINUIDADES DE FORMAS E CATEGORIAS DO VERBO

Ao apresentar as continuidades de formas e categorias verbais, colocamos, para as categorias do verbo, duas tabelas. A primeira, identificada apenas por um algarismo arábico, contém porcentagens calculadas sobre o total dos verbos presentes nos textos de cada tipo que, potencialmente, podiam ter a categoria marcada. A segunda, identificada pelo mesmo algarismo arábico mais a letra maiúscula A, contém porcentagens calculadas apenas para o total dos verbos em que a categoria realmente foi marcada.

6.3.1.- Continuidades de aspecto

No estudo das continuidades de aspecto, é preciso lembrar que o aspecto não se atualiza para alguns tipos de verbos gramaticais: os de relevância, os auxiliares e as expressões. No caso dos auxiliares, considera-se as categorias atualizadas, às vezes pelos próprios auxiliares, como categorias do verbo principal. Também marcadores temporais (há x anos) ou marcadores conversacionais (né?) totalmente gramati-

calizados não atualizam aspecto. Nos verbos para os quais o aspecto pode ser atualizado, quando isto não ocorre é pela atuação de um dos seguintes fatores: a) presença do futuro ou de certas modalidades, pois estes bloqueiam a atualização do aspecto na maioria dos casos¹⁴⁷; b) quando temos um particípio ou gerúndio¹⁴⁸ usados como adjetivos; c) com o infinitivo; d) com o gerúndio formando orações de valor condicional, final e modal¹⁴⁷.

Na análise quantitativa obtivemos as tabelas 3 e 3-A.

Nota-se, pelas tabelas, que temos três grupos de tipos de textos que se caracterizam pelas continuidades aspectuais: a dissertação e as descrições formam um grupo, as narrações outro e a injunção outro.

A dissertação e a descrição são caracterizadas pelos aspectos imperfectivo, começado ou não-acabado e cursivo, que apresentam as maiores porcentagens de ocorrência: descontados os verbos em que o aspecto não se atualizou, pode-se dizer, pela tabela 3-A, que estes aspectos estão presentes na totalidade dos verbos (a menor porcentagem é 98,75%) das dissertações e descrições.

Os poucos casos de perfectivo e acabado que temos nestes tipos de textos (uma média de 1,00%) são, na verdade, de pequenos trechos narrativos (às vezes orações) inseridos na dissertação (veja 167) ou na descrição (veja 168 e 169).

(167) "Quem já não tomou conhecimento (perfectivo, pontual) das terríveis conseqüências do infarto car-

147 - Cf. TRAVAGLIA (1981).

148 - Encontramos um único exemplo de gerúndio adjetivo no corpus analisado. Foi no texto nº 5 (Luz e calor) no trecho transcrito abaixo. O gerúndio adjetivo equivale ao antigo particípio presente e pode ser por ele substituído: no exemplo abaixo "ofegando"="ofegante".

- "À sombra dos tejupás da raça cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, ofegando, paradas, pareciam hipnotizadas pela irradiação deslumbrante.

"Aberto" e "paradas" são exemplos de particípios adjetivos.

TABELA 3

Categorias Verbais: Aspecto/Tipologia Textual

Aspectos Tipos de Textos	DURAÇÃO					Fases de Realização			Fases de Desenvolvimento			Complemento		Não Aspecto	TOTAL
	Dura- tivo	Indeter- minado	Iterativo	Habitual	Pontual	Não Começa-	Come- çado	Acabado	Inceptivo	Cursivo	Termi- nativo	Perfectivo	Imper- fectivo		
Dissertação	22/312 7,05%	204/312 65,38%	5/312 1,60%	9/312 2,88%	1/312 0,32%		239/312 76,60%			239/312 76,60%		2/312 0,65%	239/312 76,60%	77/312 22,75%	312/312 100%
Descrição es- tática presen- te (de comentá- rio)	1/221 0,45%	167/221 75,57%		19/221 8,60%			187/221 84,62%			187/221 84,62%			187/221 84,62%	34/221 15,38%	221/221 100%
Descrição es- tática passada (de comentá- rio)	7/109 6,42%	64/109 58,72%		8/109 7,34%			79/109 72,48%	1/109 0,92%		79/109 72,48%		1/109 0,92%	79/109 72,48%	29/109 26,60%	109/109 100%
Descrição dinâ- mica presente (de comentário)		49/148 33,11%		67/148 45,27%			116/148 78,38%	1/148 0,67%		116/148 78,38%		1/148 0,67%	116/148 78,38%	31/148 20,95%	148/148 100%
Descrição di- nâmica pas- sada (de nar- ração)	66/117 56,41%	4/117 3,42%	9/117 7,69%	9/117 7,69%			88/117 75,21%			88/117 75,21%			88/117 75,21%	29/117 24,79%	117/117 100%
Narração presente	75/296 25,34%	1/296 0,33%	3/296 1,01%	6/296 2,03%	156/296 52,70%		46/296 15,54%	11/296 3,72%		46/296 15,54%		206/296 69,59%	46/296 15,54%	44/296 14,86%	296/296 100%
Narração passada	64/353 18,13%		3/353 0,85%	21/353 5,95%	36/353 10,20%		76/353 21,53%	23/353 6,52%		76/353 21,53%		224/353 63,46%	76/353 21,53%	53/353 15,01%	353/353 100%
Injunção	5/152 3,29%						5/152 3,29%	1/152 0,66%		5/152 3,29%		1/152 0,66%	5/152 3,29%	146/152 96,05%	152/152 100%

TABELA 3-A

Formas e Categorias Verbais: Aspecto/Tipologia Textual

Aspectos Tipos de Texto	Duração					Fases de Realização			Fases de Desenvolvimento			Completamento		Não Aspecto	TOTAL
	Durativo	Indeterminado	Iterativo	Habitual	Pontual	Não Começado	Começado	Acabado	Inceptivo	Cursivo	Terminativo	Perfectivo	Imperfectivo		
Dissertação	22/241 9,13%	204/241 84,66%	5/241 2,07%	9/241 3,73%	1/241 0,41%		239/241 99,17%			239/241 99,17%		2/241 0,83%	239/241 99,17%		241/241 100%
Descrição estática presente (de comentário)	1/187 0,54%	167/187 89,30%		19/187 10,16%			187/187 100%			187/187 100%			187/187 100%		187/187 100%
Descrição estática passada (de comentário)	7/80 8,75%	64/80 80,00%		8/80 10,00%			79/80 98,75%	1/80 1,25%		79/80 98,75%		1/80 1,25%	79/80 98,75%		80/80 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)		49/117 41,88%		67/117 57,27%			116/117 99,15%	1/117 0,85%		116/117 99,15%		1/117 0,85%	116/117 99,15%		117/117 100%
Descrição estática passada (de comentário)	66/88 75%	4/88 4,54%	9/88 10,23%	9/88 10,23%			88/88 100%			88/88 100%			88/88 100%		88/88 100%
Narração presente	75/252 29,76%	1/252 0,39%	3/252 1,19%	6/252 2,38%	156/252 61,90%		46/252 18,25%	11/252 4,36%		46/252 18,25%		206/252 81,75%	46/252 18,25%		252/252 100%
Narração passada	64/300 21,33%		3/300 1,00%	21/300 7,00%	36/300 12,00%		76/300 25,33%	23/300 7,67%		76/300 25,33%		224/300 74,67%	76/300 25,33%		300/300 100%
Injunção														146/146 100%	146/146 100%

díaco? E a AIDS então? Quantos já não sentiram (perfectivo) o temor de sua presença ao aparecerem sintomas inesperados?" (texto nº 44)

(168) "....., a natureza malvada fora além dando-lhe (quando lhe dera: perfectivo, acabado) pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembrariam a forma de um pé humano." (texto nº 15)

(169) "Um carro atropelado de mandioca, arrancadas (=que foram arrancadas: perfectivo, acabado) de fresco," (texto nº 12)

Em (168) temos um caso de intercâmbio de tipos semelhante ao do verbo "acomodara-se" no exemplo (74-c) no capítulo 5: coloca-se a situação narrada de cuja realização resulta a característica que é a situação referencial que se deveria esperar no texto descritivo. No caso de (168) deveríamos ter: "..... tinha pernas cambaias....."

Face ao explicitado com (167) a (169), pode-se afirmar que os aspectos imperfectivo, começado ou não acabado e cursivo caracterizam a descrição e a dissertação, sendo contínuos nestes tipos de textos em 100% dos verbos marcados para a categoria, quando não há inserção ou intercâmbio de outros tipos.

Quanto aos aspectos ligados à duração da situação, observa-se que na dissertação a quase totalidade das situações (88,39% - Cf. tabela 3-A) tem aspectos caracterizados pela duração ilimitada contínua (indeterminado) ou descontínua (habitual).

No que refere à descrição, é preciso registrar um fato que nos levou a distinguir dois subtipos de descrição, a que já nos referimos em 6.2, a saber: a **descrição de comentário** ou **comentadora** e a **descrição de narração** ou **narradora**. Com esses nomes não se deve entender que a comentadora só apareça em textos de comentário dissertativo e a narradora,

em textos narrativos. Por esses nomes é preciso entender que temos dois tipos de descrição: um que é mais próximo da dissertação (do comentário) e outro que é mais próximo da narração, isto em termos, pelo menos, das continuidades de aspecto. Em 6.2, já dissemos que os textos analisados para o estudo da continuidade na descrição dinâmica passada são descrições de narração (cf. tabelas); já os textos de descrição estática presente e passada e de descrição dinâmica presente utilizados são de descrição de comentário. Outros exemplos de descrição de narração podem ser vistos nos exemplos de (66), no capítulo 5 e no texto nº 91 (Propaganda do Yázigi). Um exemplo de descrição dinâmica passada de comentário são os textos nº 19 (Evocação Mariana) a partir do terceiro verso até o último, e nº 35 (A festa de Santa Efigênia). Não temos um exemplo de descrição dinâmica presente de narração, todavia o texto nº 12 (Manhã na roça) poderá ser classificado como tal, se considerarmos que a intenção do autor foi de descrever apenas uma manhã na roça e não as manhãs na roça em geral, como acreditamos, para incluir o texto entre as descrições de comentário¹⁴⁹. Essa dúvida é potencial em vários textos descritivos retirados do seu contexto e nasce de uma característica que ajuda a distinguir os dois tipos de descrição: a narradora se refere sempre a um exemplar único de um acontecimento e a comentadora se refere sempre a uma classe de acontecimentos ou a como algo costuma acontecer em suas diversas realizações. Falamos em acontecimentos, portanto em descrições dinâmicas. No caso das descrições estáticas, a oposição se dá entre o como algo ou alguém está em um momento (descrição narradora) e o como é sempre (descrição comentadora). Uma descrição estática de narração seria algo

149 - Não conseguimos localizar o texto (encontrado em ANDRÉ - 1978:81 e OLIVEIRA - 1965:59e 60) no seu original, porque nenhuma das fontes apresenta a referência bibliográfica. Só assim poder-se-ia dirimir a dúvida.

como o trecho de (170) (produzido por nós por não termos encontrado texto de outrem, e que pode ser passado para o presente):

(170) Tereza estava (está) linda. Trajava (Traja) um vestido de seda azul, longo, que fazia (faz) destacar a negritude de seus cabelos. Trazia (Traz) na cabeça um chapéu da mesma cor, enfeitado com minúsculas flores em buquê. Usava (Está usando) jóias prateadas que ressaltavam (ressaltam) no azul de sua roupa. Além disso, estava (está) sorridente e cordial como nunca, o que fazia (faz) ressaltar sua beleza.

A distinção desses dois tipos de descrição se deu, porque foi possível observar que, com referência aos aspectos caracterizados pela duração da situação, a descrição narradora tem predominância de aspectos de duração limitada (durativo e iterativo) numa porcentagem de 85,25% (V. tabela 3-A, comparando com a narração adiante), enquanto na comentadora predominam os de duração ilimitada (indeterminado e habitual), com uma porcentagem média para os três tipos de 96,20% (V. tabela 3-A, comparando com a dissertação já comentada).

Dessa forma observa-se que:

a) na **descrição de comentário**, o verbo **ser** seria típico. Nela temos verbos estáticos com aspecto indeterminado e verbos dinâmicos com aspecto indeterminado (sobretudo nas estáticas — Cf. tabelas 3 e 3-A) ou habitual (sobretudo nas dinâmicas — Cf. tabelas 3 e 3-A);

b) na **descrição de narração**, o verbo típico seria **estar**. Nela temos verbos estáticos com aspecto durativo e verbos dinâmicos com aspectos durativo ou iterativo.

Talvez tenha sido a descrição narradora que levou ORLANDI (1988:47) a dizer que se pode ter descrições que se aproximam do narrativo.

Como o único caso de aspecto pontual que apareceu na dissertação foi em trecho narrativo (V. exemplo 167) e não ti-

vemos um só caso nas descrições, pode-se dizer que dissertação e descrição são incompatíveis com o aspecto pontual.

A distinção entre descrições de narração e de comentário foi uma das fortes razões pelas quais preferimos, como foi dito no capítulo 2, manter descrição e dissertação como dois tipos distintos, e não reuni-las em um tipo único (o comentário). A proximidade entre descrição e dissertação é todavia incontestável, inclusive pela semelhança de muitas marcas, como as continuidades de aspecto que acabamos de ver. Às vezes fica difícil saber se temos um ou outro tipo, como no caso do trecho do texto nº 89 (Um espelho para o cosmo) reproduzido no exemplo (110b).

Freqüentemente, o que distingue uma narração (passada ou presente) de uma descrição dinâmica (passada ou presente) são os aspectos caracterizados pelas fases, sobretudo o fato de a narração ser impossível sem o perfectivo e a descrição sem o imperfectivo e, conseqüentemente, as situações na descrição serem simultâneas e na narração seqüentes (Cf. capítulo 5). Observe-se que, em textos como o nº 35 (A festa de Santa Efigênia) e o nº 7 (Noite joanina), se substituirmos adequadamente os pretêritos imperfeitos do indicativo (aspecto imperfectivo) pelo pretérito perfeito do indicativo (aspecto perfectivo), teremos narrações tipo história.

É interessante observar que, em casos onde temos um intercâmbio de tipos e a descrição é feita através de narração, como no caso do texto nº 34 (Duque de Caxias), apesar de termos o perfectivo, tem-se o aspecto não-acabado ou começado (característico da descrição) e o habitual (característico da descrição de comentário), sendo esse o único caso em que o perfectivo co-ocorre com o aspecto não-acabado¹⁵⁰. Em (171) da-

150 - Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 5.2.4 e 5.2.5).

mos outros exemplos deste fato, retirados de Lispector (1974).

(171)a - "A velha sempre fora um pouco vazia, bem, um pouquinho." (p.22)

b - "Como Dona Maria Rita **sempre** fora uma pessoa comum, achava que morrer não era coisa normal." (p.23).

Esse caso de intercâmbio de tipos, com a continuidade de aspecto não-acabado passando de um tipo para outro, parece dever-se ao uso, com formas perfectivas, de adjuntos adverbiais de frequência com valor totalizador tais como "nunca", "sempre", "jamais".

Já dissemos que a **narração** é caracterizada pelo aspecto perfectivo. Considerando apenas os verbos para os quais a categoria é atualizada (Cf. tabela 3-A), temos 81,75% de perfectivo para a narração presente e 74,67% para a narração passada. Acontece que os 18,25% de imperfectivo para a narração presente e os 25,33% para a narração passada ocorrem em trechos de pano de fundo, que, já dissemos, são descritivos ou dissertativos. Portanto, na narração em si, o aspecto é o perfectivo, pode-se dizer, em 100% das situações que compõem a narrativa. As mesmas porcentagens de 18,25% e 25,33% de situações com aspectos começado e cursivo também são dessas situações que constituem o pano de fundo. Os aspectos inceptivo, terminativo e não-começado, embora não tenham ocorrido nos textos analisados, podem aparecer sobretudo em trechos de pano de fundo. O aspecto acabado, embora as porcentagens de ocorrência sejam baixas, é também característico da narração.

Quanto aos aspectos ligados à duração, em textos narrativos, é preciso lembrar, antes de mais nada, que com as formas perfectivas eles não são necessariamente atualizados, pois elas fazem abstração da duração ou pontualidade¹⁵¹. Assim, para a narração passada, esta distinção aspectual só se atualizou

151 - Cf. TRAVAGLIA (1981: item 5.2.5).

para 124 verbos em 300 com aspecto atualizado (V. tabela 3-A) de um total de 353 (V. tabela 3). Na narração presente, é bem maior o número de verbos em que os aspectos de duração são atualizados: 241 verbos em 252 com aspecto atualizado (V. tabela 3-A) de um total de 296 verbos (V. tabela 3). Isto se explica porque, quando o perfectivo é expresso pelo presente do indicativo, o aspecto pontual quase sempre é atualizado¹⁵². Se considerarmos apenas os verbos em que a distinção aspectual da duração se atualiza, teremos os números da tabela 3-B.

TABELA 3-B

Aspectos Tipo de Texto	durativo + iterativo + pontual	indeterminado + habitual
Narração presente	234/241 97,10%	7/241 2,90%
Narração passada	103/124 83,06%	21/124 16,94%

Estes números revelam que, na narração, a continuidade é dada pelo predomínio dos aspectos de duração limitada (durativo e iterativo) ou não-duração (pontual) numa média de 90,08%, contra uma média de 9,92% dos aspectos de duração ilimitada (indeterminado e habitual). Isto é de se esperar, já que a narração é caracterizada pelo perfectivo, que apresenta a situação em sua totalidade, em sua globalidade e é pouco provável que o usuário da língua veja uma situação com duração ilimitada como completa, em sua totalidade¹⁵³. Esta correlação é reforçada pelo fato que observamos de que todos os habituais e o único indeterminado apareceram em trechos de pano de fundo e, portanto, não propriamente narrativos (V. exemplos 94b e 172). Mesmo que retiremos dos durativos e iterativos os que aparecem em trechos de pano de fundo ligados ao imperfectivo, começado e cursivo, isso não altera a proporção porcentual.

152 - Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 4.2.8 e 7.2).

153 - Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 4.2.2 e 5.2.5).

- (172)a - ".....quando maior é a comilança (indeterminado), ouvem o barulho do elevador que pára no andar." (texto nº 64).
- b - "Vivia sendo expulso (habitual) das festinhas de aniversário a que comparecia, matando a mãe de desgosto." (texto nº 62).
- c - ".....comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava." (texto nº 61)
- d - "Passava o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinha de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração....." (texto nº 58).

De tudo isso se pode afirmar que os aspectos durativo, iterativo e pontual (duração limitada e não duração) são característicos da narração (passada e presente), enquanto os aspectos indeterminado e habitual (duração ilimitada) são característicos do comentário (descrição comentadora e dissertação). Os aspectos durativo e iterativo são característicos também da descrição narradora.

Gostaríamos aqui de registrar que, da mesma forma que não achamos pertinente reunir dissertação e descrição em um só tipo (comentário), desconsiderando diferenças entre os dois tipos, também achamos problemático o que faz WEINRICH (1968), quando considera a descrição ora como parte do comentário, ora como parte da narração, conforme ela contenha tempos verbais (tal como definidos por ele) do mundo narrado ou do mundo comentado. A distinção que propusemos com os nomes de descrição de narração (ou narradora) e descrição de comentário (ou comentadora) poderia até reforçar a proposição de Weinrich, mas não é o que acontece, pois, como vimos, "de narração" e "de comentário" não significa que só apareçam nestes tipos de textos, mas que têm características em termos de continuidades aspectuais que se aproximam das características de um ou de outro tipo. Na verdade, descrições narradoras ou

comentadoras aparecem tanto em narrações quanto em dissertações (o comentário por excelência). Além disso, embora a descrição quase sempre apareça combinada a outros tipos, ela pode aparecer independentemente (Para exemplo veja texto nº 19: Evocação Mariana). WEINRICH (1968) descartou o aspecto como categoria verbal. Por isso não anotou as continuidades de aspecto (que para ele seriam transições homogêneas) que caracterizam a descrição, aproximando-a mais da dissertação (portanto do comentário) e distinguindo-a completamente da narração. Esta só ocorre com "perfectivo", enquanto a descrição em si (não considerando o intercâmbio de tipos) só ocorre com "imperfectivo, cursivo e começado", independentemente de ser presente ou passada e de ser construída no presente do indicativo (o que para Weinrich a colocaria como comentário) ou no pretérito imperfeito do indicativo (o que para Weinrich a colocaria como narração). Esta distinção de Weinrich é também problemática na medida em que se admite que há narrações no presente e dissertações (portanto comentário) no passado, possibilidades que ele parece não ter levado em conta a não ser como metáforas temporais. Cabe perguntar se, em textos como o do exemplo (173), um trecho de diálogo, onde temos descrição com o pretérito imperfeito do indicativo, é o mundo narrado ou comentado que se faz presente.

(173) —Como era seu primeiro marido, Adelaide?

—Ah, Rô, ele era um cara legal, gostava de tudo o que era bom, vivia alegre e sabia valorizar a gente, ser atencioso, carinhoso... As únicas coisas que eu detestava nele é que ele fumava muito e roncava terrivelmente.

Em suma, o que defendemos é que a descrição é um tipo distinto de outros, com certas marcas próprias, apesar de quase sempre funcionar combinada a outros tipos.

Consideremos, finalmente, as continuidades de aspecto na **injunção**. Pela tabela 3, observa-se que neste tipo de texto o aspecto quase não se atualiza, o que era de esperar, já que na injunção temos modalidades (cf. 6.3.2) com as quais o aspecto não se atualiza. Os poucos casos de aspecto atualizado que ocorreram nos textos analisados são todos de verbos de estado que, como vimos em 6.2, indicam situações que levam à realização ou ao cessamento de outras (V. exemplos 165 e 166). Este é o caso dos aspectos imperfectivo, começado, cursivo e durativo (com porcentagem de 3,29% na tabela 3). Quanto ao único verbo com aspectos perfectivo e acabado que ocorreu, observa-se que ele aparece numa oração reduzida de particípio subordinada adjetiva, que insere a situação de esfriar (V. exemplo 174) como uma oração narrativa ou como uma situação narrada para a qual valem estes aspectos, conforme se interprete o particípio de esfriar respectivamente como "que já foi esfriada" ou como "que está esfriada". Em qualquer caso, o perfectivo e o acabado são ligados à narração e não à injunção. Pode-se, pois, dizer que a injunção em si é marcada pela não atualização do aspecto e, embora os textos analisados sejam todos de prescrição, cremos que isto é válido também para as ordens e a opção.

(174) "Bata muito bem as gemas. Adicione à mistura de leite já **esfriada**." (perfectivo, acabado) (texto nº 55)

Pelos comentários dos números reveladores das continuidades, pode-se perceber que, com frequência, as porcentagens das categorias caracterizadoras dos tipos e subtipos não é de 100%, porque quase sempre há mistura desses tipos ou subtipos pela combinação e inserção de trechos que tanto podem ser longos como representados até mesmo por uma oração apenas. Esse fato dificulta a análise, mesmo que se escolha textos o mais possível puros. Esta observação é válida não só para as

continuidades de aspecto, mas para todas as demais de que tratamos aqui.

Para finalizar, gostaríamos de evidenciar que essas continuidades de aspecto são resultado de uma correlação, de uma harmonização, de uma interdeterminação entre as noções caracterizadoras dos aspectos e propriedades e funções discursivas de cada tipo de discurso e de texto, dadas pelo modo de interação entre os interlocutores que cada tipo estabelece e representa (cf. capítulo 2). Para tanto, basta observar as especificações abaixo.

Noções caracterizadoras dos aspectos

1) O imperfectivo apresenta a situação como incompleta, vista em uma de suas fases de desenvolvimento, portanto vista de dentro, em suas partes, e por isso, sem focar o seu todo, a sua globalidade.

Propriedades e funções textuais dos tipos

1) a - A descrição busca dizer como é, como se constitui a coisa descrita em suas partes, de dentro: não há como apresentar o ser, a coisa ou situação descrita em sua globalidade em seu todo, daí a presença obrigatória de formas verbais imperfectivas.

b - A dissertação dá a conhecer os elementos do mundo através da análise e síntese conceitual de representações, portanto as situações de que trata são vistas de dentro: daí o uso de formas imperfectivas.

c - Como descrição e dissertação vêm as situações de

dentro, explica-se a continuidade do começado nas fases de realização e o cursivo nas de desenvolvimento, por dar a situação em plena realização e portanto vista de dentro¹⁵⁴.

- 2) O **perfectivo** apresenta a situação como completa, em sua totalidade. Não se busca dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora.
- 2)-A narração relata os acontecimentos, diz o acontecer. Há uma espécie de distanciamento que permite ver cada situação que constitui o acontecimento em sua globalidade, em seu todo, e apresenta-la assim, como se vista de fora: daí o uso de formas perfectivas.
- O que é visto em sua globalidade, em sua completude pode ser facilmente visto como acabado. Daí ser este aspecto característico da narração¹⁵⁵.
- 3) O **durativo** e o **iterativo** apresentam a situação com
- 3)a - Na **descrição**, o produtor pode ver e apresentar as ca-

154 - Quanto aos outros aspectos caracterizados por fases de desenvolvimento (o inceptivo e o terminativo), embora eles não tenham ocorrido no corpus (V. tabelas 3 e 3-A), é nossa hipótese, através de exemplos fora do corpus, que são característicos da descrição narradora e da narração (neste caso quando indicam o exato momento de início ou término - Cf. TRAVAGLIA: 1981).

155 - O começado é característico da descrição e dissertação e o acabado, da narração. O não-começado, que não apareceu no corpus (Cf. tabelas 3 e 3-A), parece ser característico da descrição, quando o não-começado aparece junto com o imperfectivo, e da narração, quando vem junto do perfectivo (Cf. TRAVAGLIA - 1981: itens 4.2.9, 5.2.3 e 5.2.4). São hipóteses a verificar.

duração limitada, o indeterminado e o habitual apresentam -na com duração ilimitada e o pontual apresenta-a sem duração.

racterísticas do que é descrito: a) como transitórias e/ou mutáveis, daí o uso sobretudo do durativo mas também do iterativo (descrição narradora); b) como permanentes, válidas sempre, daí a presença do indeterminado e do habitual (descrição comentadora).

b - A dissertação diz conceitualmente como são as coisas, seres, situações. O "ser" é permanente (=duração ilimitada), daí a presença dominante do indeterminado e do habitual. A duração ilimitada destes aspectos cria um valor de verdade do qual deriva um valor argumentativo básico da dissertação, que pretende sempre veicular informações que sejam aceitas pelo receptor como verdadeiras.

c - na narração, em que as situações têm de aparecer em sua globalidade, predominam os aspectos durativo, iterativo e pontual, por serem mais compatíveis com a visão das situações em sua globalidade (o perfectivo).

4) O não-aspecto.

4) Quando só interessa a situação em si, sem uma visão de dentro ou de fora da mesma, mas a sua pura existência ou realização, não há atualização de aspecto. Isto ocorre em todos os tipos de textos, através dos fatores que elencamos no início deste item.

Na injunção, em que interessa a pura realização da situação, a não atualização do aspecto é característica.

Essas continuidades são regularidades fundamentais, mas se o produtor quer, por exemplo, apresentar uma descrição com uma visão de globalidade (perfectivo), pode lançar mão de um intercâmbio de tipos. É o que vimos, por exemplo, no texto nº 34 (Duque de Caxias). Observa-se, todavia, neste caso, que a narração não tem seqüenciamento das situações que lhe é característico e o perfectivo aparece combinado ao não-acabado próprio da descrição. O estudo das possibilidades de intercâmbio de tipos, de como ele se dá e se implica sempre em trânsito de características de um tipo para o outro, marcando que houve intercâmbio e como esse trânsito de características ocorre, são pontos por pesquisar.

6.3.2 - Continuidades da modalidade.

Na análise das modalidades, obtivemos as tabelas 4 e

4-A. A modalidade não se atualiza para os seguintes tipos de verbos gramaticais: os de relevância, as expressões e os verbos auxiliares. Para estes, a modalidade atualizada, às vezes pelo próprio auxiliar, é vista como do verbo principal. Parece não ser pertinente considerar a modalidade dos verbos marcadores conversacionais, mas, devido à pouca ocorrência no corpus, este é um estudo a ser feito à parte. Para os onze (11) marcadores conversacionais que ocorreram, consideramos a modalidade de certeza. Nos verbos para os quais a modalidade pode ser atualizada, isto não ocorre se o verbo estiver no infinitivo, às vezes no gerúndio ou se tivermos um particípio ou um gerúndio funcionando como adjetivo. Com o verbo no infinitivo ou no gerúndio, embora a modalidade não esteja marcada, é sempre possível atribuir uma modalidade ao verbo pelo contexto, justamente em função da continuidade.

A dissertação é, sem dúvida, o tipo de texto com maior gama de modalidades. Sendo o tipo de texto do conhecer conceitual, era de esperar o predomínio das modalidades epistêmicas. Considerando só os verbos em que a modalidade foi atualizada (V. tabela 4-A) temos: certeza (83,70%), probabilidade (4,08%) — total (87,78%). Embora a certeza tenha predominado nos textos analisados (71,07% na tabela 4 e 83,70% na tabela 4-A), a porcentagem de probabilidade pode aumentar se tivermos um texto dissertativo hipotético como os trechos dissertativos do texto nº 1 (Bola na marca).

Como a dissertação analisa seres, coisas, situações, fenômenos, etc., tratando da sua constituição, funcionamento, etc., buscando explicá-los, fazer deles um julgamento de valor, etc., podem aparecer nela as modalidades, que são apresentadas como elementos constitutivos ou características daquilo de que o texto dissertativo trata. Por esta razão

TABELA 4

Categorias Verbais: Modalidade/Tipologia Textual

Modalidade Tipos de Texto	Imperativas						Deônticas		Volitiva	Aléticas		Epistêmicas		Ausência de Modalidade	TOTAL
	Obriga- ção	Permis- são	Ordem		Proibi- ção	Prescri- ção	Obriga- toriedade	Permissi- bilidade	Volição	Necessi- dade	Possibi- lidade	Certeza	Probabi- lidade		
			Posi- tiva	Nega- tiva											
Dissertação							3/318 0,94%		1/318 0,31%	1/318 0,31%	28/318 8,81%	226/318 71,07%	11/318 3,46%	48/318 15,10%	318/318 100%
Descrição es- tática presen- te (de comentá- rio)											2/222 0,90%	188/222 84,69%		32/222 14,41%	222/222 100%
Descrição es- tática passada (de comentá- rio)												73/109 66,97%	1/109 0,92%	35/109 32,11%	109/109 100%
Descrição di- nâmica presen- te (de comentá- rio)												123/148 83,11%		25/148 16,89%	148/148 100%
Descrição di- nâmica passa- da (de narra- ção)												98/117 83,76%		19/117 16,24%	117/117 100%
Narração presente												257/296 86,82%	1/296 0,34%	38/296 12,84%	296/296 100%
Narração passada	1/353 0,28%										3/353 0,85%	307/353 86,97%		42/353 11,90%	353/353 100%
Injunção						109/152 71,71%			2/152 1,31%	5/152 3,29%	2/152 1,31%	7/152 4,61%	1/152 0,66%	26/152 17,11%	152/152 100%

TABELA 4-A

Categorias Veruais: Modalidade/Tipologia Textual

Modalidade Tipo de Texto	Imperativas						Deônticas		Volitiva	Aléticas		Epistêmicas		Ausência de Modalidade	TOTAL
	Obriga- ção	Pemis- são	Ordem		Proibi- ção	Prescri- ção	Obrigato- riedade	Permissi- bilidade	Volição	Necessi- dade	Possibi- lidade	Certeza	Probabi- lidade		
			Posi- tiva	Nega- tiva											
Dissertação							3/270 1,11%		1/270 0,37%	1/270 0,37%	28/270 10,37%	226/270 83,70%	11/270 4,08%		270/270 100%
Descrição es- tática presen- te (de comentá- rio)											2/190 1,05%	188/190 98,95%			190/190 100%
Descrição es- tática passa- da (de comentá- rio)												73/74 98,65%	1/74 1,35%		74/74 100%
Descrição di- nâmica pre- te (de comentá- rio)												123/123 100%			123/123 100%
Descrição di- nâmica passa- da (de narra- ção)												98/98 100%			98/98 100%
Narração presente												257/258 99,61%	1/258 0,39%		258/258 100%
Narração passada	1/311 0,32%										3/311 0,97%	307/311 98,71%			311/311 100%
Injunção							109/126 86,51%		2/126 1,59%	5/126 3,97%	2/126 1,59%	7/126 5,55%	1/126 0,79%		

aparecem na dissertação:

a) as modalidades aléticas pelas quais as situações são apresentadas como de realização necessária ou possível. Pelas tabelas 4 e 4-A, observa-se que a frequência da possibilidade (V. exemplo 44-b) foi bem maior que a da necessidade, que só teve uma ocorrência (V. exemplo 45-d);

b) as modalidades deônticas que apresentam a determinação de realizar a situação como intrínseca a essa situação, como uma característica desta (Cf. capítulo 3) e, portanto, algo analisável, objeto ou tópico da dissertação. Ver exemplos (41), (42) e (175) abaixo.

(175)a - "Nessas ocasiões, porém, ficam reconfortados , pois os exames que são obrigados a fazer resultam normais". (Texto nº 44).

b - "Dan Gray, diretor da equipe de navegação da Voyager disse que o grande número de experiências que a nave deve executar faz com que esta missão seja mais difícil que os encontros anteriores com os planetas Júpiter, Saturno e Urano. A nave deve fotografar vários objetos diferentes no sistema de luas de Netuno e....." (Texto nº 43) (deve = tem de).

As modalidades imperativas e a volitiva (que vão ser características da injunção) só aparecem na dissertação referidas através de expressões (é aconselhável, é proibido) (V. exemplos 176) ou de verbos que expressam situações ligadas a essas modalidades, tais como: desejar, querer (volição); obrigar (obrigação); ordenar, mandar, determinar (ordem); proibir (proibição); aconselhar, prescrever (prescrição); permitir (permissão) (V. exemplos 177). Estes verbos aparecem sempre na terceira pessoa¹⁵⁶ com modalidades epistêmicas ou aléticas.

156 - Em certos dialetos podem aparecer também na segunda pessoa. Assim poderíamos ter: "Tu desejas segurança, mas nada fazes para obtê-la."

Dessa forma, não se pode dizer que as modalidades a que tais verbos se ligam são atualizadas, mas apenas, que se faz uma referência a elas.

(176)a - Em muitas culturas é proibido às mulheres fazer coisas como dirigir, freqüentar bares, gerir negócios. (referência à proibição).

b - É aconselhável que você não vá a esse encontro. (referência à prescrição).

(177)a - "... o homem que o utiliza sabe que poderá voltar a ter filhos no momento que **quiser**." (Texto nº 36) (referência à volição + probabilidade).

b - É possível proibir essas manifestações, mas isto será antidemocrático. (referência à proibição + possibilidade).

c - Todo homem deseja segurança. (referência à volição + certeza).

d - O ritual tem várias partes. Na última delas o chefe ordena aos guerreiros que se lancem ao solo como sinal de sua submissão a ele. (referência à ordem + certeza).

e - Normalmente são os pais que **permitem** ou **proíbem** que os filhos tomem certas atitudes. Se isto não acontece, eles ficam perdidos. (referência à permissão e à proibição + certeza).

Pode-se, pois, afirmar que as modalidades características da dissertação são as epistêmicas, as aléticas e as deônticas.

Quanto à descrição, observa-se que a predominância quase total é das modalidades epistêmicas. Considerando só os verbos para os quais a categoria foi atualizada (V. tabela 4-A), teríamos 100% para as descrições dinâmicas presente e passada e para a descrição estática passada e 98,95% para a estática presente. Só tivemos dois verbos com a modalidade de possibilidade (V. exemplos 178), sendo que um aparece em trecho que, como já dissemos em 6.2, é dissertativo (V. exemplo 178a).

- (178)a - "Em Sabará, ainda hoje pode ser revivido o ciclo de ouro de Minas Gerais." (Texto nº 26).
 b - "E, bem ao longe, também é possível avistar o litoral." (Texto nº 24).

Tivemos um único verbo com a modalidade de probabilidade: veja o verbo "lembrariam" no texto nº 15 (Bocatorra), trecho transcrito no exemplo (104). Embora a porcentagem desta modalidade seja praticamente nula nas descrições do corpus (uma média de 0,38%, se considerarmos os quatro subtipos), tal porcentagem será bem maior se tivermos descrições hipotéticas, como a do exemplo (105), no capítulo 5. Pode-se, pois, afirmar que as modalidades características da descrição são as epistêmicas (certeza e probabilidade), o que era de esperar, uma vez que a descrição é o tipo de texto do conhecer "visual".

Na **narração**, as modalidades características são também as epistêmicas. Na narração presente, tivemos 100% dessas modalidades, e na passada, 98,71% (V. tabela 4-A). Observa-se, também na narração, o predomínio quase total da certeza. Tivemos apenas um verbo com modalidade de probabilidade no texto nº 67 (A última crônica): veja exemplo (179).

- (179) "A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a provação do garçom."

Todavia, tal como na descrição e dissertação, se tivermos uma narração hipotética (V. no anexo o texto nº 72-c), a modalidade de probabilidade terá certamente uma porcentagem maior do que a com que aparece para a narração presente nas tabelas 4 e 4-A, em função da ocorrência registrada em (179).

Em (180) temos os três casos de possibilidade ocorridos na narração passada (V. tabela 4 e 4-A).

- (180)a - "Ali não pude mais trabalhã..." (Texto nº 57).
 b - "Os carros dos meninos bloqueavam a porta da

garagem impedindo que eu **tirasse** o carro." (Texto nº 61).

- c - "Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de vermelho, em cima de um muro desses baixinhos de casa de subúrbio." (Texto nº 61).

Na narração, as modalidades imperativas, a volitiva e as aléticas podem, tal como na dissertação, aparecer apenas referidas, mas não atualizadas. Ou seja, elas não são atualizadas porque apenas se "conta" ou "relata" que: a) alguém "obrigou", "permitiu", "ordenou", "proibiu", "aconselhou", "desejou", "precisou", "necessitou", "possibilitou"; ou b) algo "foi necessário", "foi possível". Essa referência a tais modalidades na narração pode ser feita:

a) por expressões (ser necessário, ser possível, etc.) (Veja exemplo 182a);

b) por verbos como permitir, ordenar, proibir, aconselhar, desejar, etc., usados como verbos "dicendi" nos discursos direto, indireto e indireto livre, fazendo referência à modalidade que caracterizou a fala (Veja exemplos 182b, c);

c) pelos mesmos verbos e ainda mais alguns (obrigar, precisar, ter de/que, poder, etc.) usados como verbos auxiliares ou como verbos de uma oração principal cuja subordinada (reduzida de infinitivo ou não) contém a situação a que a modalidade relatada se aplicou (Veja exemplos 180a, 181 e 182 d-h).

(181) "Na última (festa) a que comparecera, tinha armado uma brincadeira tão safada no banheiro, que em meia hora a mãe do aniversariante **teve que devolvê-lo** para casa." (Texto nº 62)

(1982)a - Foi preciso cortar a lataria do carro para **tirá-lo** de lá.

b - O feitor **ordenou-lhe** que buscasse água no ribeirão.

c - O pai **aconselhou-lhe** que não casasse.

- d - Aí então o pai **obligou-o** a pedir desculpas ao irmão.
- e - O diretor **permitiu** que suspendêssemos as aulas para participar do seminário.
- f - Eu **precisei** falar com o presidente para conseguir resolver este problema.
- g - Naquele momento Maria **desejou** ser forte. Assim não precisaria da ajuda de quem detestava.
- h - Ele **proibiu** a esposa de falar com seus colegas de trabalho.

Quando à **injunção**, pode-se dizer que tem como modalidades características as imperativas, a volição e a necessidade, quando implica uma obrigatoriedade de realizar a situação (Cf. capítulo 3), o que explica o aparecimento desta aléctica na injunção porque, então, tem-se uma espécie de incitamento à realização de uma situação que é intrínseco ao falante ou à própria situação. Estas modalidades caracterizam a injunção, distinguindo-a, enquanto tipo, da descrição, dissertação e narração, que têm as modalidades epistêmicas como característica comum. Vimos que as modalidades imperativas, a volição e a necessidade podem aparecer apenas referidas em outros tipos de textos: a) na dissertação, como característica analisável de algo, elemento constituidor desse algo; b) na narração, como um acontecimento. Mas, na injunção, tais modalidades aparecem atualizadas, marcadas, de tal forma que os verbos usados na dissertação e narração, para referir as modalidades, constituem um dos meios de expressão das mesmas na injunção, funcionando como verbos performativos na primeira pessoa do singular: eu ordeno, eu mando, eu permito, eu obrigo, eu proíbo, eu preciso, eu desejo, etc.

No corpus analisado, a modalidade predominante foi a prescrição, em função do tipo dos textos analisados: manuais de instrução, receitas, horóscopo (V. tabelas 4 e 4-A). Modalidades como obrigação, permissão, ordem, proibição, necessi -

dade e volição aparecem mais em textos curtos (quase sempre de extensão igual a uma frase), que podem ou não estar combinados com outros tipos de textos. Além disso, são mais freqüentes em textos orais, com os quais não trabalhamos muito em nosso estudo, ou em textos escritos que reproduzam fala, como os diálogos em textos narrativos ou textos dramáticos. É preciso, pois, selecionar, nestes tipos de texto, os trechos injuntivos e analisar nestes as modalidades. Certamente encontraremos trechos como os de (183).

- (183)a - Eu te **proíbo** tocar neste assunto nesta casa!
(proibição).
- b - Que eles **vençam** esta luta! (volição).
- c - Eu **permito** que você **namore** minha filha. (permissão).
- d - Você **tem de falar** com ele. (obrigação).
- e - Eu te **obriço a falar** com ele. (obrigação).
- f - **Venha cá**, menino! Já! (ordem)
- g - Não **saia** daqui, enquanto eu não mandar! (ordem)
- h - **Preciso** achar meus documentos. (necessidade)
- i - Não me **abandone**, por favor. (pedido = volição + incitamento)
- j - **Desejo** que me digas a verdade. (volição)

Observando as tabelas 4 e 4-A, nota-se que nos textos injuntivos aparecem as modalidades epistêmicas e a possibilidade. Analisando os textos percebe-se que, na verdade, estas modalidades aparecem sempre em partes da superestrutura do texto injuntivo que chamamos de "elenco e/ou descrição" e "explicação/justificativa e/ou incentivo"¹⁵⁷. A "descrição", quando ocorre, é, como o próprio nome diz, composta de descrição e a "explicação" é composta ou de descrição, dissertação, narração ou pela combinação de dois ou três desses tipos. Portanto, as modalidades epistêmicas e a possibilidade, quando aparecem em textos injuntivos, na verdade, não estão ligadas à

157 - Ver em 6.4.4 a superestrutura que propomos para os textos injuntivos.

injunção, mas à descrição, à dissertação e à narração de que são características. Isto tem a ver com a relação entre superestrutura e formas e categorias verbais de que falamos em 6.4. Em (184) temos o único verbo com probabilidade que aparece no corpus analisado, em (185) exemplo de possibilidade e em (186) exemplos de certeza, todos em trechos descritivos ou dissertativos que compõem a parte chamada explicação de textos injuntivos (Cf. 6.4.4).

(184) "Deixar ferver e se **estiver** grosso, colocar mais ou menos um copo de água." (Texto nº 50)

(185) "Apóie o imã sobre a tampa da lata, para que este **possa segurá-la** depois do corte." (Texto nº 46)

(186)a - Carneiro/Amor: "Setor neutro, organize uma reunião amigável que **será** muito agradável." (Texto nº 51)

b - "...esperar que o pássaro entre na gaiola/e quando já **estiver** lá dentro/fechar lentamente a porta com o pincel." (Texto nº 54)

c - "Você **obterá** assim, rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas." (Texto nº 50)

d - "Asse em forno moderado, pré-aquecido, por 30 a 40 minutos, até que **esteja crescido e dourado.**" (Texto nº 55)

Resumindo, pode-se dizer que as modalidades epistêmicas, com predomínio absoluto da certeza sobre a probabilidade (que é mais freqüente na dissertação), caracterizam a descrição e dissertação e a narração. As modalidades deônticas são características da dissertação. Quanto às modalidades aléticas, a possibilidade também ocorre na descrição, dissertação e narração, mas caracteriza sobretudo a dissertação. Já a necessidade caracteriza a dissertação, quando, como a possibilidade, é vista como característica da(s) situação(ões) de que o texto fala e caracteriza a injunção, quando se enfatiza a implicação de obrigatoriedade de realização da situação que ela

cria. As modalidades imperativas e a volitiva caracterizam a injunção, mas podem ser referidas na dissertação (como característica analisável de algo) e na narração (como acontecimento).

6.3.3 - Continuidades de tempo

Na análise dos tempos, consideramos que eles não se atualizam para nenhum tipo de verbo gramatical, exceto os de ligação que unem características, atributos e estados a um ser ou coisa. Para os verbos indicadores de situação, consideramos que o tempo não era atualizado quando eles apareciam no infinitivo, gerúndio e particípio, e também em gerúndio e particípio funcionando como adjetivos. Contudo, nas formas nominais, apesar da não atualização do tempo, quase sempre se pode atribuir um tempo à forma em função do contexto. A análise dos tempos resultou nas tabelas 5 e 5-A.

Na **dissertação**, apareceram todos os tempos com exceção do "presente até o futuro". Todavia a predominância é do onitemporal, o que está de acordo com a propriedade discursiva desse tipo de texto: enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo. Em segundo lugar, temos os não-marcados (68/311: 21,86%), predominando o infinitivo (45/68: 66,18%), seguido do gerúndio (16/68: 23,53%) e o particípio (7/68: 10,29%). Os quatro casos de passado que apareceram estão em trechos (às vezes orações) narrativos inseridos, como é o caso do exemplo (167), onde temos também perfectivo. Naturalmente esse passado atua na ordenação, (Cf. capítulo 5), marcando anterioridade às situações não passadas. A marcação temporal de presente até o passado aparece na dissertação e só nela, pois não detectamos exemplos dessa marcação temporal em outros tipos de texto, no corpus ou fora dele.

TABELA 5

Formas e Categorias Verbais/Tipologia Textual

Tipos de Texto \ Tempos	Passado	Passado até o Presente	Presente	Presente até o Futuro	Futuro	Unitemporal	Não marcado para tempo	TOTAL
Dissertação	4/311 1,29%	5/311 1,61%	10/311 3,21%		13/311 4,18%	211/311 67,85%	68/311 21,86%	311/311 100%
Descrição estática presente (de comentário)						159/221 71,95%	62/221 28,05%	221/221 100%
Descrição estática passado (de comentário)	68/109 62,39%						41/109 37,61%	109/109 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)						86/148 58,11%	62/148 41,89%	148/148 100%
Descrição dinâmica passado (de narração)	71/117 60,68%						46/117 39,32%	117/117 100%
Narração presente	28/291 9,62%		191/291 65,64%		4/291 1,37%		68/291 23,37%	291/291 100%
Narração passado	262/333 78,68%		4/333 1,20%				67/333 20,12%	333/333 100%
Injunção					85/151 56,29%		66/151 43,71%	151/151 100%

Os poucos casos de presente se devem normalmente ao uso do verbo "estar", que indica estado transitório e, portanto, parece ser incompatível com o aspecto indeterminado e com a onitemporalidade. Este verbo pode estar elíptico ou não (V. exemplos 187).

(187)a - "A folha não apóia Collor ou qualquer outro candidato; não **está** em campanha contra ele nem contra qualquer de seus concorrentes;....." (texto nº 37)

b - Esperar de um país **atolado** (= que está atolado) na mais séria crise econômica que disponha de recursos próprios para uma exploração cuidadosa de seu próprio território,..... (texto nº 42)

Às vezes o presente é usado com aspectos imperfectivo e durativo, para ressaltar a simultaneidade específica de uma situação em relação a outra, face à simultaneidade de todas as si-

TABELA 5-A

Formas e Categorias Verbais/Tipologia Textual

Tempos Tipos de Texto	Passado	Passado até o Presente	Presente	Presente até o Futuro	Futuro	Onitem- poral	TOTAL
Dissertação	4/243 1,65%	5/243 2,06%	10/243 4,11%		13/243 5,35%	211/243 86,83%	243/243 100%
Descrição es- tática presen- te (de comen- tário)						159/159 100%	159/159 100%
Descrição es- tática passa- da (de comen- tário)	68/68 100%						68/68 100%
Descrição di- nâmica pre- sente (de co- mentário)						86/86 100%	86/86 100%
Descrição di- nâmica pas- sada (de nar- ração)	71/71 100%						71/71 100%
Narração presente	28/223 12,56%		191/223 85,65%		4/223 1,79%		223/223 100%
Narração passada	262/266 98,50%		4/266 1,50%				266/266 100%
Injunção					85/85 100%		85/85 100%

tuações (V. exemplo 188).

(188) "Como ele não **entende** o que **está acontecendo** (pre-
sente), julga **estar enlouquecendo** e **perdendo** (pre-
sente) o autocontrole." (texto nº 44)

O futuro aparece ou em trechos preditivos (V. exemplos 189) ou para marcar posterioridade (V., no capítulo 5, os exemplos 90 e 91, bem como os comentários sobre os mesmos).

(189)a - "O encontro da nave com o penúltimo planeta do sistema solar **acontecerá** na madrugada do dia 25 de agosto." (texto nº 43).

b - "Ao passar por Netuno a Voyager **usará** a gravidade do planeta como fonte de impulso para alcançar Tritão....." (texto nº 43)

c - "No ponto de aproximação máxima com Netuno a nave **vai passar** a apenas 5 mil quilômetros da atmosfera de Netuno." (texto nº 43)

Portanto, pode-se dizer que o tempo característico básico da dissertação é o onitemporal e a marcação do "passado até o presente". Como trabalhamos com dissertações presentes, o onitemporal se estabelece a partir do presente, pois a situação é válida para o momento da enunciação, mas também para antes e depois dele. Como o aspecto é indeterminado ou habitual, temos a duração ilimitada em consonância com a onitemporalidade. Parece que dissertação passada ou futura só são usadas em pequenos trechos. Nelas, o tempo será passado ou futuro respectivamente, mas permanecerá a duração ilimitada dos aspectos próprios da dissertação. Essas são hipóteses a serem comprovadas por um estudo empírico. Além de trechos já vistos, (190) é exemplo de trecho de dissertação futura em texto onde se combinam ainda dissertação presente, narração passada e descrição presente. Veja também os trechos preditivos do texto nº 80 (Eventos do mês). Os textos nº 38 (Índex I) e nº 39 (Índex II) seriam exemplos de **dissertação passada**, bem como os exemplos de (191). Não estamos colocando aqui os casos de comentário no passado, através do intercâmbio de tipos, usando narração com as situações sem seqüenciamento referencial a que já fizemos referência nos capítulos 2 e 5.

(190) "O novo produto **será voltado** para o público jovem de classe média alta entre nove e 20 anos de idade."
 ("Maguary lança suco pronto para atrair público jovem" in **Jornal do Brasil**, 1º caderno ano XCIX nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/89: p. 17.

(191)a - "Foi uma tarefa exaustiva e irritante." (texto nº 89)

b - "Mas, quando se lembra do grande espelho do Hubble, nem ele consegue acreditar que **tenha sido** capaz de executar tamanha maravilha." (texto nº 89)

c - "Com 73 anos de idade, Botha **foi** o chefe de estado mais poderoso do país e sua permanência no

poder só não superou a do seu predecessor Balthazar Johannes Vorster....." (texto nº 74)

d - "Foi uma alegria na casa que foi uma beleza,.....
(texto nº 58)

No que respeita à **descrição**, observa-se que, na descrição comentadora presente (estática ou dinâmica), temos o onitemporal em 100% dos verbos para os quais o tempo foi atualizado (Cf. tabela 5-A). Já para a descrição estática passada de comentário e para a descrição dinâmica passada de narração, temos o passado em 100% dos verbos para os quais o tempo foi atualizado (Cf. tabela 5-A). Há fortes evidências de que temos o mesmo para a descrição dinâmica passada de comentário, é preciso todavia fazer a análise quantitativa para este subtipo. Assim, pois, pode-se levantar a hipótese de que o tempo para a descrição será dado sempre pela relação entre o tempo referencial e o da enunciação: passado para as descrições passadas, onitemporal para as descrições presentes de comentário, presente para as descrições presentes de narração (V. exemplo 192) e futuro para as descrições futuras. Naturalmente isto terá que ser comprovado por uma pesquisa para os subtipos que não constam das tabelas 5 e 5-A, alguns dos quais parecem ser apenas tipos teóricos ou pelo menos, de realização pouco comum no Português como tipos naturais.

(192) O céu está azul, a relva onde me deito está úmida e um vento suave está soprando.

Na **narração**, o tempo predominante será dado pela relação entre o tempo referencial e o da enunciação que, como vimos, dá os subtipos passada, presente e futura. Assim, na **narração presente**, o tempo predominante é o presente: 85,65% dos verbos para os quais o tempo foi atualizado (V. tabela 5-A), enquanto na **narração passada** é o passado: 98,50% dos verbos com a categoria atualizada (V. tabela 5-A). Não fizemos a pesquisa

para a narração futura, mas a observação de textos como os de nº 77 (O cavaleiro da esperança); 81 (Ibitinga incentiva produção rural); 82 (Jerusalém corrompida será purificada); 83 (Prêmio Mambembe em novo formato); 85 (O Reino do Messias); 86 (Soneto XIX), em suas partes narrativas preditivas, mostra que o tempo predominante é o futuro.

Observa-se que na narração presente aparece também o passado. Neste caso, o passado terá dois papéis textuais básicos: a) marcar anterioridade (Cf. capítulo 5) e b) fazer "flashback". Como trabalhamos com quatro textos de presente histórico, a porcentagem de passado foi alta: 12,56% (V. tabela 5-A). É nossa hipótese que, em narrações presentes simultâneas (como a de um jogo de futebol) a porcentagem de passado será bem menor. O futuro aparece na narração presente para marcar posterioridade. Apenas um caso do corpus, no texto nº 64 (A farsa e os farsantes) (veja exemplo 193), é de futuro propriamente dito. Os outros três casos são de futuro relativo no passado (com o futuro do pretérito) no texto nº 66 (Sequestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação), onde temos um jogo entre passado e presente: veja os verbos "entrariam" (trecho "3 de agosto"), "levaria" (trecho "9 de agosto") e "seriam seguidos" (trecho "10 de agosto").

(193) "O pai penteia a menor que vai ao colégio." (texto nº 64).

Na narração passada, aparece o presente. Isto ocorre para indicar relevância, porque o presente marca sempre o trecho como uma passagem de maior dramaticidade, com maior envolvimento emocional. Tivemos quatro verbos com tempo presente no texto nº 59 (BERLINCK - 1987, Inquérito 3, página 20, linha 573; a página 24, linha 709) com as funções que acabamos

de indicar: veja os verbos "chama" (linha 665), "mostra" (linha 666), "chego" (linha 695) e "vem me dizê" (linha 696).

Na **injunção**, o tempo característico é o futuro: 100% se considerarmos apenas os verbos para os quais o tempo foi atualizado (V. tabela 5-A). Não importa a forma em que está o verbo (imperativo, futuro do presente, presente do indicativo), o tempo será o futuro, exceto quando temos o infinitivo com uma modalidade imperativa. Neste caso, o tempo é não-marcado (Veja texto nº 50 - Falso vatapá - e nº 54 - Para pintar o retrado de um pássaro). Todavia, mesmo com o infinitivo, há um futuro deduzido do fato de que a situação terá realização posterior à enunciação (V. exemplo 194).

(194) Ao sair, apagar as luzes e fechar a porta. (placa em uma repartição pública).

Finalizando, podemos dizer que as continuidades de tempo têm a ver com os subtipos textuais dados pela relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial. Como na injunção só há uma relação possível, temos sempre o futuro.

6.3.4. Continuidades de pessoa verbal

Na análise das pessoas verbais, consideramos que esta categoria não se atualiza apenas com os verbos auxiliares, pois se considera que a pessoa atualizada é do verbo principal. Para os demais tipos de verbo, a pessoa se atualiza, exceto quando eles estão no infinitivo não flexionado, no gerúndio, no particípio e no particípio e gerúndio com valor de adjetivo. Todavia, pelo contexto, é sempre possível atribuir uma pessoa às formas nominais, em função das relações e sujeitos subtendidos, apesar de ela não estar marcada. A análise das pessoas nos deu as tabelas 6 e 6-A.

Segundo BASTOS (1985:67), para WEINRICH (1979) há

"uma afinidade entre 1a. e 2a. pessoas e os tempos do comentário de um lado e uma atração dos tempos da narração pela 3a. pessoa de outro". Isto parece difícil de sustentar face ao que pudemos observar.

Como se pode ver pelas tabelas 6 e 6-A, a terceira pessoa foi dominante em todos os tipos de textos, para o corpus analisado, o que parece levar à conclusão de que a categoria de pessoa não distingue tipos de textos uns dos outros. Todavia cabem algumas considerações.

Na **dissertação**, em virtude da busca de objetividade por razões argumentativas, observa-se uma tendência para usar pessoas que dêem a impressão de máxima objetividade, afastando a imagem do produtor do texto, do enunciador. Temos então, sobretudo, a terceira pessoa e a primeira do plural em passagens como as de (195), em que o produtor se inclui naquilo de que fala, ou então em trechos em que o produtor do texto usa o que se convencionou chamar de "plural de modéstia".

(195)a - "Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal. Trata-se de uma resposta do organismo diante de uma ameaça objetiva à própria existência. **Sabemos** o que nos ameaça e **reagimos**." (texto nº 44).

b - "Mas afinal por que **temos** ansiedade em excesso? Provavelmente, esse sentimento é uma manifestação de conflitos não resolvidos ou porque **conhecemos** o problema e não **temos** segurança ou clareza para resolvê-lo ou porque **trazemos**, inconscientemente, problemas não resolvidos de infância em relação a emoções como hostilidade, insegurança, etc." (texto nº 44)

Em casos como os de (195) pode-se, sem problemas, usar a terceira pessoa do singular mais o pronome se indeterminando o sujeito.

A primeira pessoa do singular (e também a segunda)

TABELA 6
Categoria Verbal: Pessoa/Tipologia Textual

Tipos de Textos	Pessoas				TOTAL
	1ª	2ª	3ª	Sem Pessoa	
Dissertação	10/323 3,09%		232/323 71,83%	81/323 25,08%	323/323 100%
Descrição estática presente (de comentário)	3/223 1,35%		157/223 70,40%	63/223 28,25%	223/223 100%
Descrição estática passada (de comentário)			68/109 62,39%	41/109 37,61%	109/109 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)	1/148 0,67%		84/148 56,76%	63/148 42,57%	148/148 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)			71/117 60,68%	46/117 39,32%	117/117 100%
Narração presente	8/297 2,69%		221/297 74,41%	68/297 22,90%	297/297 100%
Narração passada	55/355 15,49%		233/355 65,63%	67/355 18,87%	355/355 100%
Injunção			88/154 57,14%	66/154 42,86%	154/154 100%

TABELA 6-A
Categoria Verbal: Pessoa/Tipologia Textual

Tipos de Textos	Pessoas			TOTAL
	1ª	2ª	3ª	
Dissertação	10/242 4,13%		232/242 95,87%	242/242 100%
Descrição estática presente (de comentário)	3/160 1,88%		157/160 98,12%	160/160 100%
Descrição estática passada (de comentário)			68/68 100%	68/68 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)	1/85 1,18%		84/85 98,82%	85/85 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)			71/71 100%	71/71 100%
Narração presente	8/229 3,49%		221/229 96,51%	229/229 100%
Narração passada	55/288 19,10%		233/288 80,90%	288/288 100%
Injunção			88/88 100%	88/88 100%

parece que podem ocorrer na dissertação apenas com verbos ligados à situação enunciativa (Cf. final de 6.2) na introdução da dissertação ou de trechos dela: eu (tu/vós) sei (sabes/sabeis), penso, acho, etc.

Na **descrição**, a pessoa predominante é também a terceira, porque normalmente o produtor do texto descreve algo diferente de si mesmo e do seu interlocutor. Mas podemos ter a primeira pessoa predominando se o produtor do texto descrever a si mesmo e a segunda, se o produtor descrever o interlocutor para este. Como estas situações são raras, também o são as descrições em primeira e segunda pessoas, que tendem a aparecer apenas na linguagem oral. Assim não se pode dizer que a terceira pessoa caracteriza a descrição, como a dissertação, pois a predominância da terceira na descrição é resultado do que se descreve e não de uma propriedade discursiva do tipo de texto. Assim sendo, parece que a pessoa predominante na descrição depende de para onde o produtor do texto dirige seu foco: para si mesmo, para seu interlocutor ou para algo distinto dos interlocutores (Cf. 4.2.2.4). Seria assim uma focalização global do texto.

Em nosso corpus ocorreram algumas primeiras pessoas na descrição. Todavia, observa-se que esses casos de primeira pessoa ocorreram em três tipos de casos: a) com verbos relacionados à situação de enunciação (Cf. final de 6.2), introduzindo a descrição (V. exemplo 196), onde o autor poderia ter usado também a terceira (vê-se); b) com verbos localizadores, com o produtor considerando-se na localização dada (V. 197); c) em trechos de caráter mais dissertativo, quase sempre em orações subordinadas adjetivas (que já dissemos têm a propriedade de inserir um tipo no outro) com o verbo na primeira do plural (Cf. o que dissemos acima ao falar da dissertação) (V. 198).

- (196) "Vejo às vezes passar o fugitivo bando Várzea ao longe, estendendo o vôo prolongado." (texto nº 10)
- (197) "No entanto, estamos a cinco horas de vôo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali." (texto nº 28)
- (198)a - "O tamanduã-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de pêlos compridos, bastos e dispostos em forma de leque, é um dos animais de mais fôrça que temos em nossas matas." (texto nº 32)
- b - "Los Angeles, com suas ruas desertas tomadas por engarrafamentos, parece não começar nunca; a sensação é a de que **estamos** eternamente em trânsito rumo à cidade que nos escapa." (texto nº 28)

Esses três casos de possibilidade de ocorrência da primeira pessoa, na descrição em terceira, são hipóteses a serem verificadas, já que o número de ocorrências é pequeno para permitir uma generalização.

Também a **narração** não tem uma pessoa verbal característica. A pessoa que predomina na narração está diretamente ligada ao ponto de vista do produtor do texto, do narrador (Cf. 4.2.4):

- a) se o ponto de vista é interno, predomina a primeira pessoa como no texto nº 61 (Passeio Noturno);
- b) se é externo, predomina a terceira pessoa, como na maioria das narrações do corpus;
- c) às vezes, temos uma combinação dos dois pontos de vista e aí alternam-se primeira ou terceira pessoas, conforme tenhamos um ou outro ponto de vista. É o que se pode ver nos textos nº 67 (A última crônica), nº 59 (BERLINCK - 1987, Inquérito nº 3 p. 20 linha 573 a p. 24 linha 709) e nº 57 (A crise cardíaca).

No texto nº 65 (O médico e o monstro), temos uma primeira pessoa do plural de um verbo ligado à situação de enunciação (Cf. final de 6.2), com que o narrador explicita a posição de assistente em que a narração coloca o receptor do texto. A primeira pessoa aí não tem ligação com o ponto de vista, mas com o narrador e receptor diretamente (V. exemplo 199).

(199) "Já **estamos** a essa altura, como não podia deixar de ser, **presenciando** a metamorfose do médico em monstro."

É possível uma narração na segunda pessoa. Ela ocorreria numa situação em que, por alguma razão, o narrador contasse a seu interlocutor algo que aconteceu com este. Por exemplo, porque ele não se lembra de algo que fez uma vez que estava bêbado. Esse tipo de narração é raro.

Pode-se dizer que o ponto de vista narrativo tem a ver com a focalização, na medida em que o produtor do texto se identifique com um narrador que focaliza acontecimentos ocorridos com ele (1a. pessoa) — ponto de vista interno —; com seu interlocutor (2a. pessoa), ou com alguém distinto dos interlocutores (3a. pessoa) — ponto de vista externo.

Na **injunção**, para os textos analisados houve um predomínio da terceira pessoa gramatical (na verdade, a segunda pessoa do discurso com o tratamento "você", que leva o verbo para a terceira pessoa gramatical). Todavia, este fato se deve mais à modalidade de prescrição que predominou nestes textos. Com isto, estamos postulando que as pessoas verbais que aparecem na injunção estão ligadas mais às modalidades que as caracterizam do que a outro fator, caracterizando assim subtipos de injunção.

Quando a injunção é caracterizada pelas modalidades de "ordem" e "prescrição", temos sobretudo a segunda pessoa do singular ou plural (tu e vós) ou a terceira do singular ou plu-

ral (com você e vocês, portanto, na verdade, uma segunda pessoa do discurso). A primeira pessoa do plural pode aparecer com a prescrição em textos como o do exemplo (5), no capítulo 2. Portanto, há uma restrição discursiva a que alguém dê ordens ou faça prescrições a si mesmo visto como o "eu" do discurso. A gramática leva em conta este fato não estabelecendo, por exemplo, uma forma de primeira pessoa do singular no imperativo. Com as modalidades de "obrigação", "permissão", "proibição" e "necessidade" temos a primeira pessoa do singular ou plural para a injunção. Com a "volição" podemos ter a primeira (do singular ou plural) ou a terceira (do singular ou plural). Neste último caso parece sempre haver, subentendido, um performativo de volição na primeira pessoa do singular (compare 200-a com 200-b).

(200)a - Que ele **consiga** o emprego!

b - **Desejo** que ele consiga o emprego.

Dessa forma, temos que as continuidades de pessoas são resultado, nos diferentes tipos de texto, da atuação de diferentes fatores discursivos.

6.3.5.- Continuidades de voz.

A categoria de voz só não é atualizada para os verbos auxiliares, pois neste caso a categoria é vista como sendo do verbo principal. Para os demais tipos de verbo, consideramos a voz como não atualizada, quando eles aparecem no particípio funcionando como adjetivo, o que só ocorreu na descrição.

Com a análise das vozes, obtivemos as tabelas 7 e 7-A, pelas quais se pode perceber que nenhum dos tipos é caracterizado por alguma voz, ou seja, não há uma relação de interdeterminação entre tipos e subtipos textuais e as vozes

TABELA 7

Categoria Verbal: Voz/Tipologia Textual

Tipos de Textos	Vozes					TOTAL
	Ativa	Passiva	Reflexiva	Medial	Sem Voz	
Dissertação	287/323 88,85%	36/323 11,15%				323/323 100%
Descrição estática presente (de comentário)	172/223 77,13%	26/223 11,66%		3/223 1,34%	22/223 9,87%	223/223 100%
Descrição estática passada (de comentário)	79/109 72,48%	4/109 3,67%		5/109 4,59%	21/109 19,26%	109/109 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)	99/148 66,89%	12/148 8,11%	2/148 1,35%	14/148 9,46%	21/148 14,19%	148/148 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)	88/117 75,22%	3/117 2,56%	2/117 1,71%	11/117 9,40%	13/117 11,11%	117/117 100%
Narração presente	256/297 86,20%	27/297 9,09%	2/297 0,67%	12/297 4,04%		297/297 100%
Narração passada	344/355 96,90%	11/355 3,10%				355/355 100%
Injunção	151/154 98,05%	1/154 0,65%		2/154 1,30%		154/154 100%

TABELA 7-A

Categoria Verbal: Voz/Tipologia Textual

Tipos de Texto	Vozes				TOTAL
	Ativa	Passiva	Reflexiva	Medial	
Dissertação	Todos são marcados. V. Tabela 7				
Descrição estática presente (de comentário)	172/201 85,57%	26/201 12,94%		3/201 1,49%	201/201 100%
Descrição estática passada (de comentário)	79/88 89,77%	4/88 4,55%		5/88 5,68%	88/88 100%
Descrição dinâmica presente (de comentário)	99/127 77,95%	12/127 9,45%	2/127 1,58%	14/127 11,02%	127/127 100%
Descrição dinâmica passada (de narração)	88/104 84,62%	3/104 2,88%	2/104 1,92%	11/104 10,58%	104/104 100%
Narração presente	Todos são marcados. V. Tabela 7				
Narração passada	Todos são marcados. V. Tabela 7				
Injunção	Todos são marcados. V. Tabela 7				

verbais. Assim, pode-se afirmar que motivações discursivas para o uso da voz não estão ligadas a questões tipológicas.

A voz ativa é sem dúvida a mais freqüente em todos os tipos de texto. Para muitos a voz medial não existe, podendo-se considerar os casos em que ela ocorre como de voz ativa, o que faria crescer a porcentagem de ocorrência desta. A voz reflexiva, no corpus analisado, não apareceu nos textos dissertativos e injuntivos, pode-se dizer, por acaso e coincidência, mas os exemplos (201) e (202) mostram que sua ocorrência nestes tipos de texto é perfeitamente possível.

(201) O ser humano se penteia mais por vaidade do que por questões de higiene. (dissertação)

(202) Maria, penteie-se rápido que estamos atrasados!
(injunção)

Portanto todas as vozes aparecem em todos os tipos de textos, não havendo especialização de nenhuma delas para nenhum tipo, embora a injunção, quando traz determinação para realização de ações, mantenha uma clara preferência pela voz ativa, mais compatível com tal determinação. Nos textos analisados, que já vimos serem todos prescritivos, o único caso de voz passiva ocorreu em trecho que, dentro da superestrutura dos textos injuntivos, pertence à parte que chamamos de explicação ou incentivo e é constituída de narração e/ou dissertação e/ou descrição (Cf. item 6.4.4). Essa ocorrência de passiva está reproduzida no exemplo (203).

(203) "A tampa, que ficou presa ao imã, poderá também ser facilmente retirada." (texto nº 46)

6.3.6 - Continuidades de formas verbais.

A tabela 8 contém o resultado da análise que fizemos das formas verbais presentes nos textos indicados em 6.1.

Antes de mais nada, é preciso registrar que o uso das

TABELA 8

Formas e Categorias Verbaís/Tipologia Textual

Formas Flexionais Tipos de Texto	Indicativo						Imperativo		Subjuntivo			Formas Nominais					TOTAL	
	Pres.	Pret. Imp.	Pret. Perf.	Pret. + g. Perf.	Futuro do Pres.	Futuro do Pret.	Afirm.	Negat.	Pres.	Pret. Imp.	Futuro	Infinitivo		Gerúndio		Particípio		
												Não Flex.	Flex..	Ind.	Adj.			
Dissertação	208/323 64,40%	1/323 0,31%	2/323 0,62%		11/323 3,41%	3/323 0,93%			11/323 3,41%		2/323 0,62%	44/323 13,62%	3/323 0,93%	21/323 6,50%	17/323 5,25%		323/323 100%	
Descrição estática presente (de comentário)	160/223 71,75%											7/223 3,14%		11/223 4,93%	20/223 8,97%	25/223 11,21%	223/223 100%	
Descrição estática passada (de comentário)		67/110 60,91%				1/110 0,91%						5/110 4,545%		9/110 8,18%	5/110 4,545%	23/110 20,91%	110/110 100%	
Descrição dinâmica presente (de comentário)	87/148 58,79%											4/148 2,70%		30/148 20,27%	6/148 4,05%	21/148 14,19%	148/148 100%	
Descrição dinâmica passada (de narração)		70/117 59,84%								1/117 0,85%		5/117 4,27%	1/117 0,85%	Adj. 1/117 0,85%	Comum 23/117 19,66%	4/117 3,42%	12/117 10,26%	117/117 100%
Narração presente	202/303 66,67%	12/303 3,96%	9/303 2,97%	7/303 2,31%		3/303 0,99%				1/303 0,33%		40/303 13,20%		19/303 6,27%	10/303 3,30%		303/303 100%	
Narração passada	12/356 3,37%	53/356 14,89%	208/356 58,43%	11/356 3,09%		1/356 0,28%	2/356 0,56%			2/356 0,56%		38/356 10,67%	4/356 1,12%	21/356 5,90%	4/356 1,12%		356/356 100%	
Injunção	5/154 3,25%				3/154 1,95%		71/154 46,10%			6/154 3,90%		2/154 1,30%	55/154 35,71%		11/154 7,14%	1/154 0,65%	154/154 100%	

formas verbais está condicionado pelas categorias do verbo que cada uma atualiza, em função dos papéis que essas categorias podem ter na constituição e funcionamento discursivo do texto, portanto em relação com as propriedades discursivas que distinguem cada tipo de texto. Desse modo, as continuidades de formas verbais estão ligadas às continuidades de categorias em sua relação com propriedades discursivas de cada tipo. Além disso, o uso das formas verbais e seu conseqüente aparecimento nos textos depende de funções de cada categoria ligadas à ordenação de situações, à concordância, à relevância, à indicação de realidade e irrealidade, à progressão, à organização de situações, etc. (Cf. capítulo 4).

Na dissertação presente, a forma verbal predominante é o presente do indicativo (64,40% - V. tabela 8), porque com ele tem-se os aspectos imperfectivo, começado, cursivo e indeterminado ou habitual, o tempo presente com valor onitemporal, a modalidade de certeza. As modalidades deônticas e a possibilidade aparecem marcadas por auxiliares ou expressões no presente do indicativo. Ou seja, tem-se as categorias características da dissertação presente.

Os pretéritos imperfeitos (V. exemplo 204) e perfeito do indicativo que apareceram no corpus ocorreram sempre em trechos (às vezes orações) narrativos inseridos (V. também exemplo 167 e comentário em 6.3.3).

(204). "O inseto **estava disseminado** por todas as partes da planta." (texto nº 45)

Este exemplo (204), o único com pretérito imperfeito que ocorreu, parece truncado: parte de uma narrativa incompleta usada para exemplificar a afirmação da frase anterior.

Mesmo estando em trechos narrativos, os pretéritos podem ser vistos como tempos retrospectivos da dissertação, o

que se evidencia nas ordenações referenciais pelo tempo (Cf. 5.3.3).

O pretérito imperfeito do indicativo será o tempo base da dissertação no passado, que é exemplificada por textos como os de nº 38 (Indez I) e nº 39 (Indez II) ou por trechos como o de (205).

(205) "Em 1960 a navegação das espaçonaves era baseada no trabalho do matemático Walter Hohmann. Hohmann calculara a trajetória capaz de levar uma nave de um planeta para outro gastando o mínimo de combustível. A trajetória é uma elipse (espécie de círculo alongado). Uma das extremidades da elipse toca a Terra e a outra toca o planeta alvo.

A trajetória de Hohmann era ideal para os primeiros foguetes, que não podiam levar muito combustível, mas tinha uma desvantagem: era o caminho mais econômico, mas não o mais curto. Usando uma órbita de Hohmann, a Voyager 2 levaria 30 anos para ir da Terra a Netuno.

("Naves usam força dos astros" in *Jornal do Brasil* - 1º caderno. Ano XCIX, nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/89:pág. 5).

O pretérito perfeito e o mais-que-perfeito do indicativo parecem ser os tempos da dissertação passada em trechos como os de (191), sobretudo naqueles com verbos estáticos e trechos de avaliação como (191a,d) e (206).

(206) A cana-de-açúcar foi muito importante para o Brasil.

Estes pontos sobre a dissertação passada são hipóteses a serem verificadas.

Já mostramos no capítulo 2, ao distinguir narração tipo história de narração não-história, e no capítulo 5, nos itens 5.3.7 (comentando VIII.a,b) e 5.3.9 (comentando X.a,b), que os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo podem constituir comentários através do intercâmbio de tipos.

Nestes casos, apesar do aspecto perfectivo, não se pode estabelecer uma ordem referencial para as situações (quase sempre em virtude de VIII a, b e de X. a, b). Freqüentemente, os pretéritos aparecem no mesmo período com formas próprias da dissertação ou temos pretéritos de verbos estáticos.

Parece que, no Português, temos, com os verbos estáticos e dinâmicos, a tendência especificada em (XXI)¹⁵⁸.

- (XXI) - pretérito perfeito ou mais-que-perfeito de verbos estáticos → dissertação (comentário).
 - pretérito perfeito ou mais-que-perfeito de verbos dinâmicos → narração.

Já dissemos que o pretérito perfeito composto do indicativo (ter no presente do indicativo + particípio) é forma característica da dissertação marcando tempo "passado até o presente". WEINRICH (1968:129) diz que esta forma é o tempo da retrospectão do mundo comentado.

O futuro do presente pode aparecer na dissertação presente, como vimos em 6.3.3, em trechos preditivos, ou seja, de dissertação futura inseridos (V. exemplos 189a, b) ou apenas para marcar posterioridade (V. exemplos 90 e 91 no capítulo 5).

O futuro do presente deve ser o tempo básico da dissertação futura. Isto é uma hipótese a verificar, mas parece difícil a montagem de um corpus para fazê-lo, pois, até onde pudemos observar, parece que a dissertação futura só ocorre em pequenos trechos, quase sempre com a dimensão de uma única oração ou frase, sendo, pois, mais um tipo teórico do que natural no Português.

O futuro do pretérito aparece na dissertação para marcar a situação como provável hipotética, portanto não realizada

158 - Esta tendência é semelhante à que WEINRICH (1968: 381) registrou para o Latim:

- perfectum de verbos deponentes e passivos → comentário.
- perfectum de verbos ativos → narração.

no tempo de um ponto de referência, que pode ser outra situação (a cuja realização a situação no futuro do pretérito quase sempre está condicionada), o momento da fala ou outro momento dado. Dessa forma, o uso do futuro do pretérito na dissertação se liga à indicação da irrealidade da situação. (Cf. em 5.3.4 os exemplos 100 e 102 e as colocações sobre esta questão). Para WEINRICH (1968), o futuro do pretérito no comentário é uma metáfora temporal de validade limitada. O que estamos propondo é que essa validade limitada é derivada de um valor de irrealidade que nasce do valor básico de marcador de posterioridade do futuro do pretérito, conforme discutido em 5.3.4. Não encampamos a idéia de metáfora temporal porque a validade limitada ocorre mesmo na narração. Veja-se para exemplo o texto nº 72 (O jantar) e compare-se a versão no futuro do pretérito com as versões no pretérito perfeito do indicativo e no futuro do presente. Aí temos uma narração com valor de irrealidade: uma série de eventos prováveis, hipotéticos, porque apenas desejados, propostos.

As formas verbais do subjuntivo aparecem na dissertação, marcando sempre possibilidade, probabilidade, hipótese, dúvida e, derivada daí, às vezes também irrealidade. Veja, no exemplo (102), a locução "estejam causando"; em (90-a), o verbo "quiser" e os exemplos de (207).

- (207)a - "Não existe rejeição ou qualquer outro problema que **impeça** o seu crescimento." (texto nº 40)
- b - "Assim, se o medo e a ansiedade **ficarem** muito intensos, não se desespere: seu médico tem muito a fazer por você." (texto nº 44)
- c - "O compromisso do jornal é contribuir para que esta decisão se faça a partir do máximo de informações, e do mais vivo contraste entre convicções políticas divergentes....." (texto nº 37)
- d - ".....já que as condições edafoclimáticas asso-

ciadas ao uso da irrigação contribuem favoravelmente para uma exploração em escala comercial permitindo que as indústrias processadoras da região operem o ano inteiro, o que não é possível quando se explora essa olerícola em regime de chuvas." (texto nº 45)

As formas do subjuntivo podem vir indicando certeza (V. exemplos 208 e 209).

(208) "Além disso, a idade dos computadores da nave, projetados nos anos 70, faz com que sua capacidade de memória seja muito reduzida." (texto nº 43)

(209) Sou seu pai e, embora ele te ame, não permitirei esse casamento.

Todavia o uso do subjuntivo às vezes obedece a um jogo sutil entre certeza de um lado e probabilidade e possibilidade de outro, associado ainda a um jogo entre realidade e irreabilidade. A probabilidade ou possibilidade que motivou o uso do subjuntivo, mesmo com um certo valor de certeza, pode ser, por exemplo, de um enunciador e não de outro para o qual a situação é vista como certa. Temos então um caso de polifonia. Isto é exemplificado pelas orações com embora, onde a certeza e realidade não é aceita pelo enunciador-locutor, mas é aceita pelo seu interlocutor (V. exemplo 209). Às vezes a situação tem status factual de certa e/ou real num contexto, mas de apenas provável ou irreal em outro (V. exemplo 207-d).

Todos estes fatos sobre o uso do subjuntivo parecem ser válidos também para a descrição e a narração. É preciso fazer um estudo detalhado sobre as motivações de uso do subjuntivo, incluindo a hipótese que acabamos de levantar em seus desdobramentos e detalhes.

Pela tabela 8, observa-se que as formas nominais são as mais freqüentes na dissertação, depois do presente do indicativo: 26,30% (infinitivo + gerúndio + particípio). O

infinitivo é a mais freqüente das três (47/85: 55,29%), seguida do gerúndio (21/85: 24,71%) e do particípio (17/85: 20%).

O infinitivo apareceu, na maioria das ocorrências, formando orações subordinadas substantivas, sobretudo subjetivas, objetivas e completivas nominais, o que se justifica, porque assim se pode fazer a análise, avaliação etc. de situações dentro da dissertação. Um número bem menor de infinitivos aparece com preposições, formando orações subordinadas adverbiais finais ou temporais, uso do infinitivo comum também na descrição, narração e injunção.

O gerúndio aparece sempre fornecendo informação subsidiária, secundária sobre uma outra situação no presente do indicativo, quase sempre o modo de realização desta, seu resultado, causa, etc.

Já o particípio quase sempre constitui uma oração reduzida subordinada adjetiva, com o verbo na voz passiva. Se o valor é de presente, esta oração é dissertativa, se é passado, a oração é narrativa. No segundo caso, o particípio é sempre um estado que caracteriza algo ou alguém no texto e é resultante da situação narrada já realizada.

Vê-se pois, que as formas nominais, excetuado o infinitivo quando forma orações subordinadas substantivas, expressam informações secundárias, o que tem relação com o fenômeno de relevância especificado em 4.2.2.2.

É preciso fazer um estudo quantitativo dos papéis de cada forma nominal apontados acima, verificando se há outros papéis além dos que apareceram no corpus analisado.

Nas descrições presentes, a forma verbal predominante é o presente do indicativo, enquanto nas descrições passadas é o pretérito imperfeito do indicativo, exatamente porque estas formas expressam as categorias de aspecto, modalidade e tempo características destes subtipos de descrição. Pode-se

proponer a hipótese de que o futuro do presente será a forma característica da **descrição futura**, mas isto tem que ser verificado em um corpus de descrições futuras que, todavia, parecem, como a dissertação, ocorrer apenas em pequenos trechos (V. exemplo 210) e portanto também ser um tipo mais teórico do que natural no Português.

(210) Seu filho crescerá belo e saudável. Aos vinte anos será alto e forte, terá um belo sorriso que lhe dará um ar sempre afável.

Em TRAVAGLIA (1987), dissemos que, na descrição passada com o pretérito imperfeito do indicativo, o produtor do texto apresenta as características sem se comprometer com sua validade para o momento da enunciação, ou seja, com sua realidade neste momento. Já na descrição presente, com o presente do indicativo, o produtor se compromete com sua validade, sua realidade no momento da enunciação. CASTRO (1980:63-64 e 76), ao tratar das formas verbais presentes na parte chamada "orientação" da superestrutura narrativa (normalmente descritiva) registra que aí, geralmente, se tem o pretérito imperfeito do indicativo, mas que o presente do indicativo não é de todo estranho a esta parte, pois "quando as características que identificam as personagens ou a situação não são restritas ao passado, mas se estendem até a atualidade da enunciação, usa-se o presente para a expressão do processo verbal". O presente também é usado na orientação para "ênfatisar o contraste entre características que existiram no passado e características que os substituem no presente". CASTRO trabalhou apenas com narrativas orais, passadas, mas suas observações ratificam nossa proposta.

Os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo só aparecem na descrição quando esta é feita através do intercâmbio de tipos como no texto nº 34 (Duque de Caxias) e

nos exemplos de (171); ou em usos como o do exemplo (74-c), em que não se expressa a situação em curso num momento dado e que faria parte da descrição, mas a situação de cuja realização anterior a primeira resultou. Além de (74-c), o texto nº 68 (O Arquivo) traz vários exemplos desta espécie de uso (V. exemplo 211).

(211). "Mais uma vez mudou-se. Finalmente, deixara de jantar (= não jantava mais). O almoço reduzira-se (era um) a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inúteis, lavadeira, pensão (= certas despesas inúteis estavam eliminadas).

O futuro do pretérito tem na descrição funcionamento idêntico ao que apresenta na dissertação. A única ocorrência no corpus analisado pode ser vista no exemplo (104). Veja também o exemplo (105). Dessa forma, nossa afirmação precisa ser ratificada por um número significativo de ocorrências dessa forma na descrição.

O mesmo pode ser dito do subjuntivo que parece ter na descrição o mesmo valor e papel que na dissertação. O verbo sublinhado em (212) foi a única ocorrência de subjuntivo no corpus analisado.

(212). "..... borboletas tontas, como se despertassem dum torpor de narcótico, esvoaçavam de ramo em ramo;" (texto nº 5)

Ao lado do presente e do pretérito imperfeito do indicativo, as formas verbais mais freqüentes na descrição são as formas nominais, sobretudo o particípio e o gerúndio, este mais na descrição dinâmica (V. tabela 8). O particípio aparece por vezes como verbo, mas principalmente como adjetivo, indicando atributos ou estados que seriam resultado de uma situação dinâmica realizada. O particípio adjetivo é carac -

terístico apenas da descrição e particularmente da descrição estática, pois, quando aparece na descrição dinâmica, ocorre em passagens de descrição estática. O gerúndio, que aparece mais na descrição dinâmica (média de 20,39%) e menos na estática (média de 6,55%), normalmente indica modo ou detalhes de características dadas por verbos dinâmicos no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo. O gerúndio, portanto, dá informação secundária ligada a informação essencial ou principal. O infinitivo comporta-se exatamente como na dissertação: excetuando casos em que o infinitivo tem um auxiliar subtendido, ou ele aparece em orações subordinadas substantivas (subjativas, objetivas e completivas nominais) ou em orações subordinadas adverbiais de fim, modo ou tempo nesta ordem de frequência, pelo menos no corpus. Pode-se afirmar que, também nas descrições, as formas nominais veiculam informações secundárias.

Na narração presente, a forma básica é o presente do indicativo (66,67% - V. tabela 8); na narração passada, as formas básicas são os pretéritos perfeito e mais que perfeito do indicativo (61,52% - V. tabela 8). Na narração futura, temos a hipótese de que é o futuro do presente a forma básica; ver os textos nº 77 (O cavaleiro da esperança), 81 (Ibitinga incentiva produção rural); 82 (Jerusalém corrompida será purificada); 83 (Prêmio mambembe em novo formato), 85 (O Reino do Messias); 86 (Soneto XIX). Além do futuro do presente, podemos ter formas perifrásticas como as de "ir (no presente do indicativo) e infinitivo". A narração progride através dessas formas básicas (Ver 4.2.1.8).

Na narração presente, os pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito do indicativo podem aparecer marcando o passado, que, como já visto em 6.3.3, têm a função de

fazer "flashback" e marcar anterioridade. Com os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito a narrativa progride. O pretérito imperfeito, tanto na narração presente quanto na passada, é usado para constituir trechos de pano de fundo. O presente do indicativo aparece na narração passada, como vimos em 6.3.3, marcando tempo presente com a função de relevância, marcando trechos de grande dramaticidade e envolvimento emocional.

Já vimos em 5.3.4 e no início deste item, que o futuro do pretérito ocorre na narração para marcar posterioridade e, por isso, situação não realizada no momento do tempo referencial (aqui tempo da história), em relação com o tempo do texto, em que a situação é referida. Sua ocorrência em narrações presentes está condicionada a ser uma narração de presente histórico e não uma narração presente simultânea. Ver exemplos já arrolados em 5.3.4.

O imperativo não aparece na narração, a não ser em trechos de fala que são injuntivos. Todavia, na tabela 8, registramos duas ocorrências de imperativo afirmativo. Elas apareceram em textos diferentes, mas em situações semelhantes com o mesmo verbo marcador conversacional (Veja 213).

(213)a - "De repente, olhe o tuim na varanda!" (texto nº 58)

b - "Dez minutos depois, olha o menino de volta todo sem graça." (texto nº 62).

As formas do subjuntivo aparecem na narração, tal como na dissertação e na descrição, para marcar possibilidade e probabilidade (incluindo hipótese e dúvida) e às vezes irrealidade. Portanto, parece que o uso das formas do subjuntivo não está condicionado a tipos textuais, mas à indicação de irrealidade através das modalidades de possibilidade, probabilidade e volição. Como não estamos considerando na narração os trechos de fala em discurso direto, indireto ou indireto

livre; tivemos no corpus analisado a ocorrência de apenas três formas do subjuntivo: Veja os verbos "aguardasse" (exemplo 179), "tirasse" (exemplo 180b) que aparece subordinado a um verbo que refere a modalidade de possibilidade (impedindo = tirando a possibilidade) e "fosse" no exemplo (214) abaixo.

(214) "Passaram meses sem que fosse convidado para festa alguma no bairro." (texto nº 62)

No que diz respeito às formas nominais, nota-se que, em conjunto, elas ocupam o segundo lugar em quantidade: 22,77% na narração presente e 18,81% na narração passada, com predomínio do infinitivo seguido do gerúndio e do particípio. Tal como na dissertação e na descrição, as formas nominais veiculam informações secundárias. O infinitivo acompanhado de preposição pode indicar tempo (V. exemplo 85), modo (V. exemplo 77b) ou fim (V. exemplo 215), ou então o infinitivo forma orações subordinadas substantivas, geralmente completivas (de nome ou de verbo).

(215) "Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento." (texto nº 58)

O gerúndio indica situação que marca o momento de ocorrência de outra, sua causa, resultado ou que é simultânea a outra (V. exemplo 75-b) ou constituinte da outra. No caso do gerúndio marcar situação simultânea a outra no presente ou no pretérito perfeito ou mais que perfeito do indicativo, esta fica em primeiro plano e a situação no gerúndio em segundo plano (V. também exemplos de 79).

O particípio, quando não constitui voz passiva com o auxiliar elíptico, pode indicar causa ou tempo de outra situação vista como principal (Veja exemplos de 216). Esta forma quase sempre indica um estado resultante de algo acontecido

(que é a situação narrada).

(216)a - "Cercados por atiradores de elite há quase 48 horas, os seqüestradores concordam em libertar o menino.....". (texto nº 66) (= porque estavam cercados)

b - "Chegado ao alto do morro, Serafim estacou." (texto nº 9) (= quando chegou)

Finalmente, temos as continuidades de formas na injunção. Como a injunção é o tipo de texto que é dado pelo modo de interlocução caracterizado basicamente pelas modalidades imperativas, a volição e a necessidade, as formas que são básicas são aquelas que podem veicular tais modalidades, a saber:

1)a - o presente do indicativo de sujeito indeterminado com o pronome se (Veja para exemplo o texto nº 49, Espremedor de frutas Arno) ou com o pronome você (V. exemplo 217). Nestes casos é como se tivéssemos o auxiliar modal "dever" no presente do indicativo, subentendido, dando a modalidade de prescrição.

(217) "Então você **arranca** delicadamente uma das penas do pássaro e **escreve** seu nome num canto do quadro." (texto nº 54)

b) o presente do indicativo de auxiliares modais que expressam as modalidades imperativas e volitivas: dever, ter de/que, ordenar, desejar, proibir, permitir, obrigar, etc. (V. exemplo 218); ou de expressões (V. exemplo 219: é preciso).

(218) "Deve haver uma xícara bem cheia de purê de cenoura." (texto nº 55)

O presente do indicativo pode aparecer em textos injuntivos, em descrições ou dissertações que compõem as par-

tes chamadas "descrição" e "explicação" de sua superestrutura (V. exemplo 219).

(219) "Para ligar a antena externa é **preciso**, primeiro, conectar o plugue que acompanha o televisor ao cabo da antena,....." (texto nº 52)

2) o futuro do presente (V. texto nº 48, Os dez mandamentos).

O futuro do presente pode aparecer em textos injuntivos simplesmente marcando posterioridade (V. exemplos 92 e 93), normalmente indicando resultado das ações realizadas como vimos no capítulo 5.

Vimos que o pretérito perfeito do indicativo só aparece em textos injuntivos, em trechos narrativos inseridos. É o caso de "ficou presa" no exemplo (93);

3) o imperativo, que foi a forma usada na maioria dos textos analisados para compor a tabela 8, daí a maior porcentagem registrada para essa forma: 46,10%. Veja os textos nº 46 (Abridor afiador automático Arno), 51 (Horóscopo de Jean Perrier), 52 (Ligação das antenas externas), 55 (Suflê de cenoura).

As formas do subjuntivo aparecem para marcar probabilidade e possibilidade, normalmente em trechos não injuntivos (descritivos, dissertativos ou narrativos). Veja exemplos nos textos nº 55 (Suflê de cenoura: "Até que **esteja** crescido e dourado", "até que **estejam** macias"), 46 (Abridor afiador automático Arno: "de modo que **encoste**", "para que este possa"), 54 (Para pintar o retrato de um pássaro: "que o pássaro **queira** cantar", "Quando o pássaro **chegar**, se chegar", "quando **estiver**"). Como se vê, normalmente temos com o subjuntivo indicação de tempo, resultado, fim;

4) o infinitivo com modalidades imperativas, sobretudo a prescrição, como no exemplo (194) e nos textos nº 47

(Bolinhos de batata), 50 (Falso vatapá), e 54 (Para pintar o retrato de um pássaro). Isto explica a alta porcentagem dessa forma nominal na tabela 8 (35,71%).

Todavia, nem todos os infinitivos usados nos textos injuntivos têm esse valor modal de prescrição. Temos o infinitivo indicando modo, fim ou formando orações substantivas tal como nos outros tipos de textos. O gerúndio aparece indicando sempre o modo de realizar uma ação, que é expressa em uma das quatro formas básicas acima com modalidades imperativas ou volição ou necessidade. O particípio, quando ocorre, parece ser sempre para indicar um estado resultante de uma ação realizada antes da situação, em que será utilizado o elemento cujo estado é dado pelo particípio. Marca, pois, anterioridade, tal como visto no capítulo 5. Em (220a) temos a única ocorrência nos textos analisados e computada na tabela 8. Talvez se pudesse computar também a ocorrência de (220b) que nos pareceu mais um particípio adjetivo de valor descritivo.

(220)a - "Adicione a mistura de leite já **esfriada**." (texto nº 55)

b - "4 batatas médias cozidas em água e sal e **amassadas**" / "Junte a batata **amassada**, o sal, a salsa picada e a farinha de trigo." (texto nº 47)

Deve ter ficado claro, pelo que foi dito em 6.3.1 a 6.3.7, que nos textos preditivos predominam as formas verbais que expressam o tempo futuro: futuro do presente, futuro do subjuntivo, ir ou haver (no presente do indicativo) + infinitivo.

Finalmente é preciso ressaltar mais uma vez que as continuidades registradas neste capítulo são válidas para os tipos e subtipos analisados. Para a dissertação passada e futura, para a descrição e narração futuras e alguns subtipos de descrição em termos de comentadora e narradora, apenas le-

vantamos várias hipóteses que precisam ser verificadas por estudos que tratem especificamente desses casos.

* * *

Todas as colocações feitas em 6.2 e 6.3 confirmam a proposição de que, para caracterizar um tipo, não é suficiente levantar-lhe as marcas, mas é preciso correlacioná-las com propriedades daquele tipo de discurso e texto. Portanto, tais colocações devem ser vistas nesta ótica.

6.4. RELAÇÃO ENTRE "TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES E FORMAS E CATEGORIAS VERBAIS" E "SUPERESTRUTURAS TEXTUAIS".

6.4.1. Preliminares

O que vamos expor aqui refere-se ao fenômeno especificado em 4.2.5.

A superestrutura¹⁵⁹ é uma estrutura global que é característica de um tipo de texto. É uma espécie de esquema (modelo cognitivo global) formal abstrato, de caráter convencional e, portanto, dependente da cultura. Normalmente envolve uma seqüência esquemática e características de linguagem, de recursos retóricos ou estilísticos. Interessam aqui mais as seqüências esquemáticas constituídas por "partes" que podem ter ou não uma ordem fixa e posições determinadas e ser ou não recursivas. Essas "partes" representam categorias esquemáticas da superestrutura que podem ser obrigatórias ou opcionais. Todos estes elementos são dados por regras de formação da superestrutura, que inclusive as hierarquiza, já que a superestrutura tem caráter hierárquico.

A seguir, buscamos mostrar as relações que podemos detectar entre tipos de verbos e situações, formas e categorias

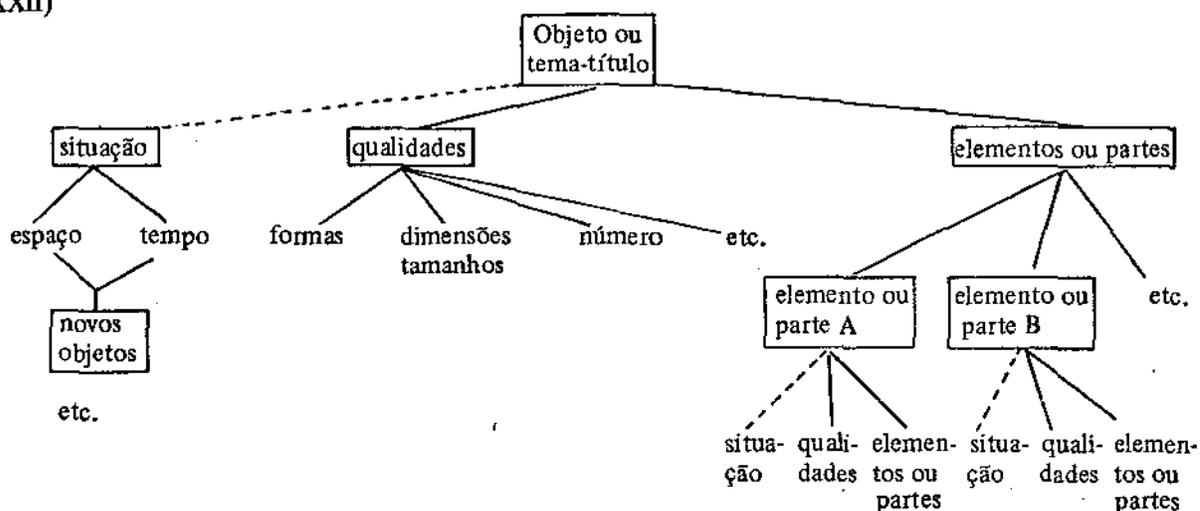
159 - Ver VANDIJK (1983a: 141-173) e (1986), KOCH e TRAVAGLIA (1989: 65 e 92, 93) e MARQUESI (1990).

verbais, e a superestrutura de textos descritivos, dissertativos, narrativos e injuntivos e que são ligadas às continuidades expostas em 6.2 e 6.3.

6.4.2.- Textos descritivos

Utilizamos aqui a superestrutura descritiva proposta por RICARDOU (1973) e adotada por ADAM e PETITJEAN (1982 e 1982a)¹⁶⁰ com algumas pequenas alterações. Essa superestrutura é representada pelo seguinte esquema:

(XXII)



Reproduzimos abaixo as especificações de NEIS (1986: 50), para as três categorias básicas da descrição:

— a **situação** do objeto-tema no espaço e/ou no tempo, situação essa que pode, por sua vez, fazer surgir novos objetos, ou seja, subtemas, suscetíveis de se transformarem em matéria de descrição;

— as **qualidades** do objeto-tema, quer sejam físicas, tais como dimensões, formas, cores, quantidades, etc., quer sejam psíquicas, morais, intelectuais, etc.;

— os **elementos**, ou **partes** que compõem o objeto e que também podem, como subtemas, passar a constituir matéria

160 - Apud NEIS (1986), KOCH e FÁVERO (1987) E MARQUESI (1990).

de descrição."

Portanto, através dos elementos ou partes as categorias da descrição se tornam recursivas.

Em nosso estudo não observamos relação entre essas categorias e categorias e formas verbais, mas uma relação entre as categorias da superestrutura e os tipos de verbos e situações.

A introdução do objeto ou tema-título ou a introdução de subtemas (elementos ou partes) é, com freqüência, feita:

a) através de verbos ligados à situação de enunciação descritiva tais como: ver, observar, contemplar, etc. Veja por exemplo: "Espraiou um largo olhar" (texto nº 61 - Passeio Noturno), "Vêdes ali um púlpito" (in OLIVEIRA - 1965: 276);

b) por verbos existenciais (ter, haver, existir) ou de posse (ter, possuir). Veja por exemplo: "havia um grande nicho" (texto nº 18, A cela do religioso) e os exemplos (221) retirados de textos de OLIVEIRA (1965).

(221)a - "Existe um chafariz abandonado

Na vetusta cidade de Ouro Preto"

(P. 19: "Chafariz secular" - Luís Carlos)

b - "Junto à janela, havia um traste que a primeira vista não se podia definir....." (P. 25: "Um quarto de moça" - José de Alencar)

c - "Havia em casa uma cadelinha, côm de ganga, bonita — era uma perfeição." (P. 205: "A menina má" - Mendes Leal);

c) pelo verbo ser. Veja por exemplo: "**era** uma triste cela sombria e espaçosa". (texto nº 18 - A cela do religioso), "**Era** uma rua sem saída..." (texto nº 23 — Uma rua como aquela), "**Era** o casarão clássico das antigas fazendas negreiras" (texto nº 16 - A casa da fazenda);

d) por verbos como conhecer, lembrar. Veja exem-

plos do texto nº 22 (Quarto de moça).

Observa-se também uma relação entre os verbos localizadores e a categoria de "situação" da superestrutura descritiva. Veja exemplos (222).

(222)a - "No entanto **estamos** a cinco horas de vôo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali." (texto nº 28)

b - "E é numa das mais curiosas — a Rua do Sol — que **fica** o Museu Artístico e Histórico do Maranhão,....." (texto nº 31).

c - "**Situa-se** na elevada cordilheira dos Andes peruanos." (texto nº 20)

6.4.3.- Textos dissertativos e argumentativos.

As superestruturas desses dois tipos de textos sempre são propostas em termos de categorias lógicas e argumentativas.

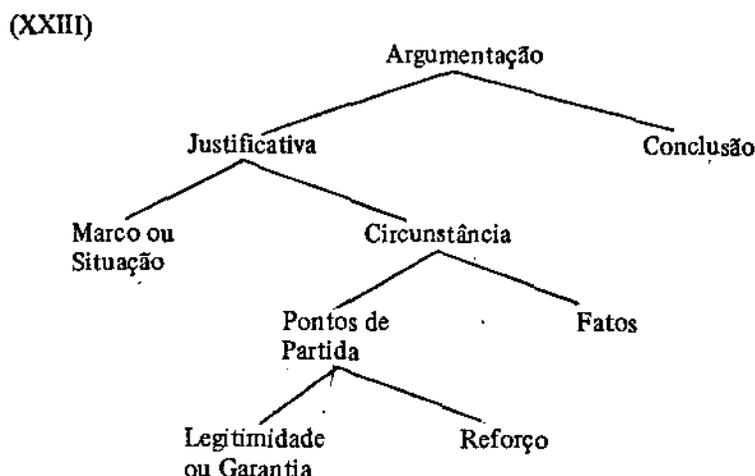
KOCH e FÁVERO (1987) propõem que o tipo **expositivo** ou **explicativo** tem uma superestrutura realizada pela análise e síntese de representações conceituais e constituída de categorias com as seguintes possibilidades:

tema:	{	<ul style="list-style-type: none"> a) generalização - especificação (via dedutiva) b) especificação - generalização (via indutiva) c) generalização - especificação - generalização (via dedutivo-indutiva).
-------	---	---

Para o texto **argumentativo** "strictu sensu", KOCH e FÁVERO (1987) propõem uma superestrutura argumentativa com as seguintes categorias: (tese anterior) premissas — argumentos — (contra argumentos) — (síntese) — conclusão (nova tese). Os parênteses indicam opcionalidade.

Para VAN DIJK (1983:158-163) as categorias básicas da superestrutura argumentativa são a "hipótese", os "argumentos" e a "conclusão" que podem ser subdivididos constituin-

do o seguinte esquema hierárquico:



OBS.: "Marco" do espanhol corresponde a "frame".

A **legitimidade** são regras gerais que autorizam as conclusões (podem ser do conhecimento de mundo e não explicitadas). O **reforço** é uma explicação da legitimidade e o **marco** a situação em que eles valem. VAN DIJK dá o exemplo de um anúncio publicado nos jornais da Holanda no final de 1976 e que reproduzimos em (223).

- (223) (I) Compre gasolina Shell (conclusão)
 (II) A gasolina Shell contém ASD (fato)
 (III) ASD limpa o motor (justificativa/argumento 1)
 (IV) Um motor limpo consome menos gasolina (reforço)
 (V) (III e IV) Demonstrado mediante experimentos (argumento 2/fato).
 (VI) Menos gasolina é mais barato (reforço 2)
 (VII) Você quer dirigir com pouco dinheiro (motivação = justificativa 2)
 (VIII) Você não quer gastar mais por gastar (justificativa 3)
 (IX) Você dirige um carro (marco ou situação).

Apenas II, III, IV e V aparecem explicitamente no anúncio. Os demais estão implícitos.

O que se pode observar é que nas categorias de especificação (texto dissertativo) ou dos argumentos/justificativa (texto argumentativo) podemos ter descrição, dissertação

ou narração (esta pode aparecer na forma de exemplos). Aí teremos as continuidades próprias de cada tipo. Num texto argumentativo narrativo como a fábula, por exemplo, a justificativa será a narração e a conclusão, a moral. Como essas categorias são facultativas, pode-se dar a justificativa e deixar a conclusão para o ouvinte ou leitor, por exemplo. Parece que a injunção, com suas continuidades, tem afinidade com a conclusão do texto argumentativo, podendo aí aparecer. Além dessas duas hipóteses, não pudemos detectar nenhuma outra possibilidade que resulte, em última instância, em uma relação entre certas categorias da superestrutura dissertativa e argumentativa de um lado e continuidades de tipos de verbos e categorias e formas verbais de outro.

6.4.4. Textos injuntivos

FÁVERO e KOCH (1987) propõem como superestrutura para os textos injuntivos o seguinte:

Tema: Ação₁ + Ação₂ + Ação₃ +..... + Ação_n = resultado ou produto.

Esta superestrutura parece ser válida apenas para textos injuntivos que, como dissemos no capítulo 5, equivalem a planos, tais como receitas culinárias e manuais de instrução para montagem e uso de aparelhos. Todavia, mesmo este tipo de textos tem partes de que a superestrutura acima não dá conta. Em função disso e buscando explicação para certos fatos observados no estudo das continuidades nos textos injuntivos, idealizamos uma superestrutura para este tipo de textos que fosse válida para todos os tipos de textos que consideramos injuntivos. A seguir expomos esta superestrutura.

Um texto injuntivo é constituído de três partes ou apresenta três categorias esquemáticas, a saber:

a) o **elenco** ou **descrição** em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita. Pode-se dar apenas uma lista desses elementos (V. ingredientes das receitas culinárias) ou pode-se listá-los e descrevê-los, como nos manuais de instrução em que, comumente, a descrição é substituída por fotos ou desenhos com indicação dos nomes das partes seguida ou não de indicação de sua função;

b) a **determinação** ou **incitação** em que aparecem as situações a cuja realização se incita ou por determinação ou desejo. Aqui teríamos a injunção em si;

c) a **justificativa**, **explicação** ou **incentivo** em que se dá razões para a realização das situações especificadas em **b**.

Estas partes não têm ordem fixa e podem se intercalar. A única parte obrigatória é a determinação, mas às vezes o produtor do texto apenas dá a justificativa ou explicação e a determinação fica implícita, sendo deduzível através de inferências. Isto é comum em horóscopos (V. exemplos de 224).

(224)a - Câncer/saúde: "A dieta da Lua é especialmente recomendada para as cancerianas" (Horóscopo da revista Elle. Ano 2, nº 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro 1989:209).

b - Carneiro/pessoal: "A amizade exige às vezes discriminação e sacrifícios." (texto nº 51).

c - Touro/pessoal: "Dia favorável para transformar sua casa." (texto nº 51)

A explicação aparece vinculada à determinação até no nível da frase, onde a oração coordenada explicativa está vinculada a orações com modalidades próprias da injunção (embora não seja esse o único caso de aparecimento da coordenada explicativa). V. exemplos de (225).

- (225)a - Não venha amanhã, que não estarei aqui.
 b - Eu te obrigo a pedir desculpas ao João, pois foste grosseiro com ele.

A parte do elenco ou descrição é sempre descritiva e por isso temos aí as continuidades de tipos de verbos e formas e categorias verbais próprias da descrição vistas em 6.2 e 6.3. A determinação ou incitação é sempre injuntiva e aí as continuidades serão as próprias da injunção (Cf. 6.2 e 6.3). A explicação, justificativa ou incentivo pode ser descritiva, dissertativa ou narrativa e nela tem-se as continuidades levantadas em 6.2 e 6.3 como características respectivamente da descrição, dissertação ou narração, conforme o caso ou dos tipos que apareçam combinados nesta parte. Portanto, nos textos injuntivos, a continuidade é sempre do(s) tipo(s) de texto que aparecem constituindo cada parte. Em 6.2 e 6.3, por várias vezes, fizemos referência à superestrutura dos textos injuntivos, que aqui propomos, para explicar fatos observados no estudo das continuidades em termos de condições de ocorrência no texto injuntivo de tipos de verbos (Cf. 6.2) e de formas e categorias verbais (Cf. 6.3). Essas referências mostram fatos ligados à relação entre os tipos de verbos e as formas e categorias verbais e a superestrutura do texto injuntivo. Parece-nos desnecessário, por redundante, recolocar aqui tais referências e observações.

6.4.5. Textos narrativos.

Os textos narrativos do tipo história são, sem dúvida, o tipo de texto que teve sua superestrutura mais estudada, inclusive para subtipos. A seguir apresentamos alguns esquemas de superestrutura narrativa propostos por diferentes estudiosos.

LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972)¹⁶¹ propõem uma superestrutura para narrativas orais de linguagem consuetudinária que teria as partes ou categorias elencadas em (XXIV).

(XXIV) 1) sumário ou resumo; 2) orientação; 3) complicação; 4) avaliação; 5) resolução ou resultado; 6) coda.

LARIVAILLE (1974)¹⁶² estudando contos, propôs a superestrutura de (XXV).

(XXV) Estado inicial

Transformações	{	detonador
		ação
		sanção

Estado final.

VAN DIJK (1983:153-158) propõe a superestrutura de (XXVI) para narrativas do dia-a-dia que pode ter ainda as categorias de "anúncio" e "epílogo" (do qual a moral seria um subtipo). VAN DIJK (1990), considerando a proposta de LABOV e WALETZKY, propõe o esquema hierárquico de (XXVII). VAN DIJK (1986)¹⁶³ propõe uma superestrutura para as notícias de jornal a que, levando em conta as considerações de VAN DIJK (1990), demos a forma de (XXVIII), onde a linha pontilhada indica possibilidade, ou seja, os comentários podem aparecer nas reações verbais.

161 - V. também em CASTRO (1980) e BASTOS (1985).

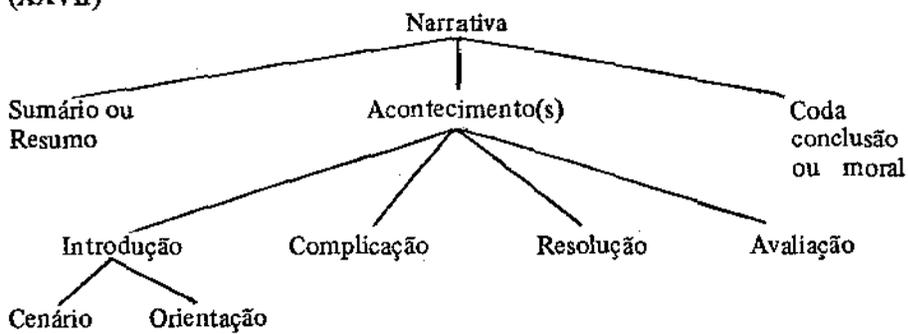
162 - Apud BASTOS (1985: 48 e ss.).

163 - V. também MARQUESI (1990: 42 e ss.).

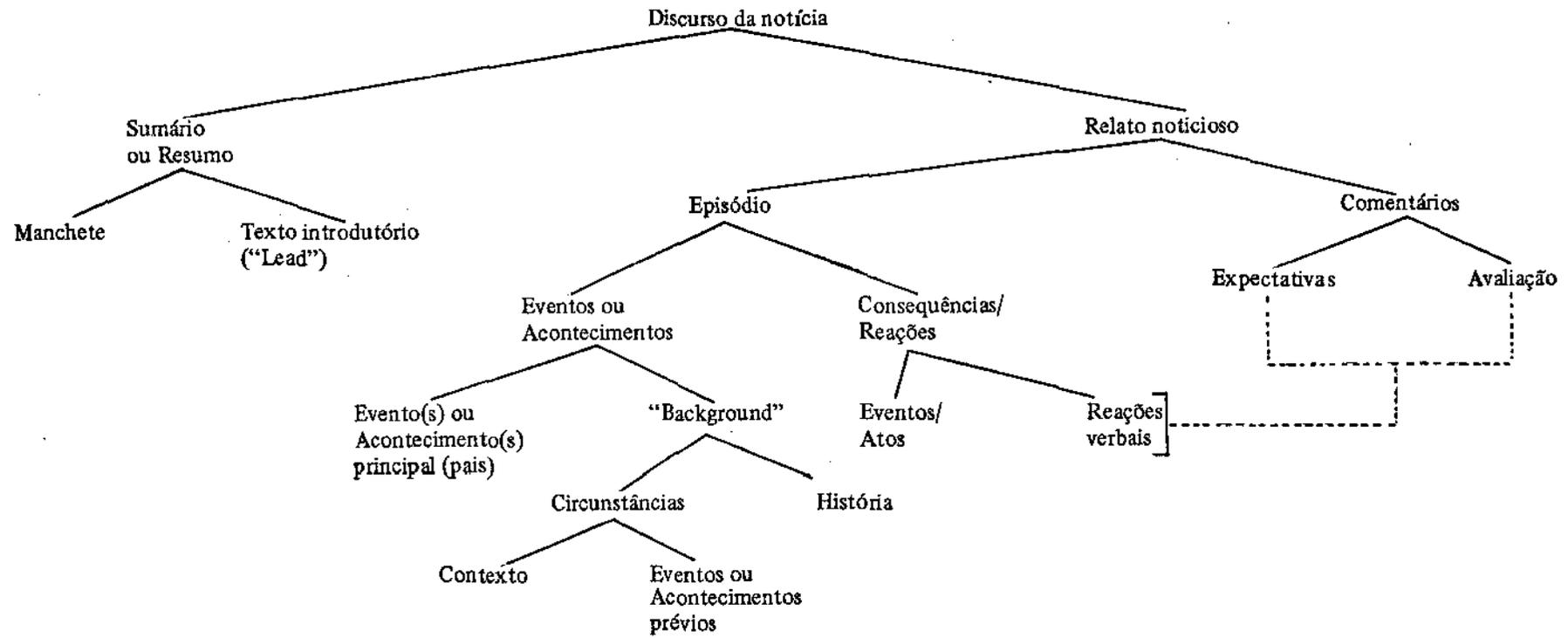
(XXVI)



(XXVII)

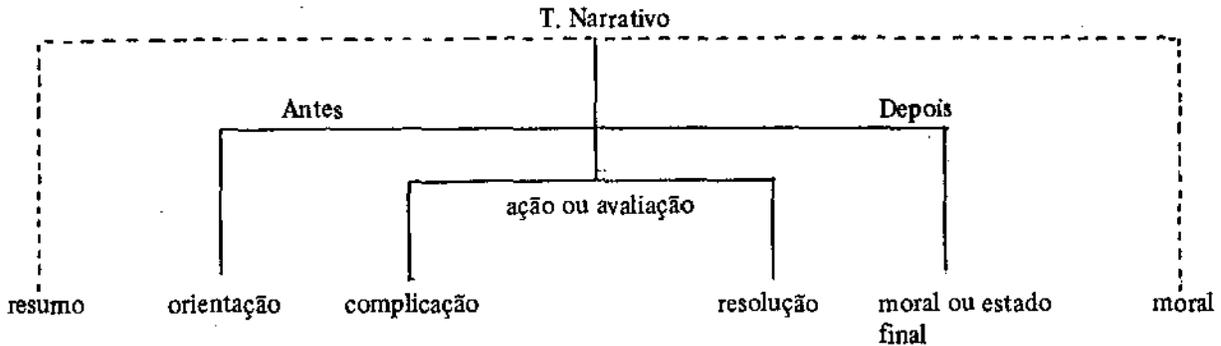


(XXVIII)



ADAM (1985)¹⁶⁴ propõe o esquema de (XXIX) como superestrutura narrativa.

(XXIX)



BASTOS (1985) trabalha com uma superestrutura composta de categorias propostas por LARIVAILLE e LABOV e WALETZKY, através de relações que se podem perceber pelo quadro de equivalências proposto à pág. 54 e reproduzido em (XXX).

(XXX) Resumo



Coda

MOISÉS (1973), ao falar da estrutura do conto, da novela e do romance, considera categorias como espaço, tempo, personagens, ação, acontecimentos, trama, começo e epílogo, clímax, desenlace que, se comparadas às categorias de outros tipos de narrativa, mostram que as literárias têm superestrutura basicamente igual às demais narrativas. A apresentação de personagens, tempo, espaço (lugar) faria parte da orientação;

164 - Apud KOCH e FÁVERO (1987).

a trama composta de ação, acontecimentos que chegam a um clímax e têm um desenlace correspondem à complicação e resolução. O começo e o epílogo podem fazer parte da trama, mas o começo pode ser constituído de um resumo e apresentação de personagens e um cenário. MOISÉS (1973:250 e ss.) fala do aparecimento de trechos dissertativos sobretudo no romance com o objetivo de comentar personagens e suas ações para ajudar a compreendê-las e avaliá-las. Não nos estenderemos mais, todavia cremos que está evidenciada a semelhança entre a superestrutura de narrativas literárias e a de outros tipos de narrativas.

Parece que, abstraídas as diferentes denominações dadas a categorias iguais ou semelhantes, observado os fatos de que uma categoria pode ou não ter sido subdividida e de que algumas categorias podem ou não aparecer, em determinados subtipos de narrações do tipo história de que estamos tratando aqui, pode-se afirmar que todas essas narrativas compartilham uma superestrutura comum. A seguir vamos falar de cada uma das categorias que parecem fundamentais nesta superestrutura narrativa. Ao mesmo tempo, comentaremos a respeito das continuidades possíveis nestas categorias ou partes (em função do que observamos, levantando hipóteses), e que constituem as relações que são nosso objeto neste item 6.4. Em vários momentos utilizamos, como exemplo evidenciadores da validade de nossas proposições, exemplos do estudo de CASTRO (1980) a que nos referimos em 4.2.5 e que se refere aos tempos verbais (para nós formas verbais) em narrações passadas orais.

A narrativa pode ter uma **introdução**. Na introdução pode haver um anúncio, que pode tomar formas como: "Esta é a história de.....", "Vamos contar agora os fatos que se sucederam o que aconteceu...", "Ouçam a triste história de....", etc. Quase sempre este anúncio vem acompanhado de um resumo, que

pode aparecer sem o anúncio. O resumo e o anúncio são facultativos. O resumo sintetiza os acontecimentos mais salientes em poucas orações ou frases seqüenciando-os. VAN DIJK (1986) divide o resumo das notícias em duas categorias: a **manchete** e o **texto introdutório** (ou "lead"). Como ele é essencialmente narrativo e de primeiro plano ou figura, espera-se que as continuidades atendam a essas características, isto é, sejam as continuidades próprias da narração vistas em 6.2 e 6.3. É exatamente o que ocorre nas narrativas passadas orais onde CASTRO (1980) (V. quadro 5 no capítulo 4) encontrou 74% de pretérito perfeito do indicativo. As formas de presente (14%) e pretérito imperfeito do indicativo (12%), segundo a autora, ocorreram em sumários um pouco mais longos (na verdade mini-narrativas), em partes de orientação e avaliação¹⁶⁵, de tal modo que, em resumos mais sintéticos, o pretérito perfeito foi a única forma (70,3% dos sumários). Na narrativa presente, mesmo a com presente histórico, como a narração se pressupõe simultânea aos acontecimentos, dificilmente aparece o resumo.

O **cenário, contexto ou situação** especifica e descreve tempo, lugar, participantes e personagens. A **orientação** especifica quem fazia o que, quando a ação ocorreu, ou seja ações e comportamentos que formam um quadro de referência para a ação narrativa. Muitos estudiosos não separam o cenário da orientação, reunindo-os em uma categoria com o nome de orientação. A orientação (cenário + orientação) é facultativa e recursiva, podendo aparecer toda vez que temos um novo episódio (v. adiante) ou o produtor julga necessário dar mais elementos do quadro de referência ou pano de fundo da ação em andamento. A **orientação** é essencialmente descritiva e aí temos as continuidades de tipos de verbos e situações e de formas e categorias verbais

165 - Cf. CASTRO (1980:59-61).

próprias da descrição (cf. 6.2 e 6.3). CASTRO (1980:61-65, 74-76 e 82) comprova isto ao verificar que o pretérito imperfeito do indicativo (73,1%) e o presente do indicativo (17,2%) (Cf. quadro 5 no capítulo 4) são, com suas categorias, as formas típicas da orientação. Já dissemos em 6.3.7 que o uso do pretérito imperfeito ou do presente é regulado pelo fato de o produtor do texto não se comprometer com a validade da descrição para o momento da enunciação (pretérito imperfeito) ou se comprometer com essa validade (presente do indicativo). O pretérito perfeito só aparece na orientação em dois casos:

a) quando ele tem aspecto não-acabado tal como nos exemplos (171) e no texto nº 34 (Duque de Caxias), em que temos descrição, como visto em 6.3.1. CASTRO (1980:76) dá o exemplo que transcrevemos sob nº (225);

(225) "Eu sempre **fui** feia(...), sempre **fui**, nunca **fui** bonita."

b) em expressões temporais como as seguintes retiradas do Inquérito nº 3 (BERLINCK - 1987): "Teve uma ocasião" (pág. 8), "**Foi** no Carnaval" (pág. 3) "**foi** no primeiro semestre" (pág. 16). Veja o exemplo de (226) apresentado por CASTRO (1980:26-27).

(226) "Essa crise me deu dia 21 de abril há dois anos passado. **Foi** de domingo."

A orientação na narração presente, quando ocorre, é sempre reduzida, devido à inserção de produtor e receptor na situação. Os trechos de orientação que ocorrem têm as formas e categorias próprias da descrição presente.

Outra categoria da narração é a **trama** ou **ação**. Esta é composta quase sempre de duas outras: a **complicação** e a **resolução** e às vezes de uma terceira que é o **resultado**. A **complicação** é composta de **acontecimentos** em seqüência que podem

vir acompanhados de **orientação** (incluindo o cenário) formando os **episódios**. Os acontecimentos podem ser principais ou secundários (como os constituintes do "background" na notícia - Cf. XXVIII) e evoluir para um **clímax** que muitas vezes precede a **resolução**. Esta é da mesma natureza da complicação, isto é, composta de acontecimentos. Complicação e resolução são obrigatórias¹⁶⁶, ou seja, sem elas não há narrativa tipo história. Essas duas partes são essencialmente narrativas e portanto, tem-se nelas as formas e categorias da narração (Cf. 6.2 e 6.3). É por isso que CASTRO (1980:75-71 e 82) registrou que, nas narrativas orais passadas, o pretérito perfeito do indicativo é a forma quase exclusiva (96,5%) nestas partes. O pretérito imperfeito aparece em trechos de orientação intercalados na complicação e na resolução e o presente do indicativo aparece: a) para indicar dramaticidade e grande envolvimento emocional como já vimos ou b) em verbos ligados à situação de enunciação cujo presente tem a ver com o tempo da enunciação em passagens como: "Lembro que ele correu para o portão e gritou". É interessante observar que, em trechos de "background" (Cf. notícias de jornal), muitos dos acontecimentos são expressos por nomes ou nominalizações de verbos. Importa pesquisar este fato bem como outros ligados ao uso de nomes para expressar acontecimentos da narração: que elementos favorecem e/ou determinam esse uso. Naturalmente, em narrações presentes, a forma predominante e característica da complicação e resolução será o presente do indicativo com aspecto perfectivo e as demais categorias vistas em 6.3. A continuidade de tipos de verbos e situações e de formas e categorias que se tem no **resultado** vai depender da natureza do mesmo. No resultado temos **conseqüências** da complica-

166 - Segundo VAN DLJK (1990) a resolução não costuma estar presente em narrativas de preconceito, o que tem um valor argumentativo.

ção e resolução que podem ser: a) estados; b) eventos/acontecimentos/atos e c) reações verbais (Cf. XXVIII) que são um tipo particular de b (eventos, etc). As continuidades que teremos aí dependem do tipo de texto que constitui a consequência:

a) em se tratando de estado, normalmente temos descrição e as continuidades próprias dela. Veja o exemplo de (227) tomado a CASTRO (1980:68) que o apresenta como de resolução (esta, na verdade, é o acontecimento, não explicitado, que resulta no estado: "casei").

(227) "Aí, quando me mostraram o dito cujo eu disse: Eu, namorar um velho? De jeito nenhum! Daí a 5 anos tava casada com o velho!..."

b) os eventos/acontecimentos/atos normalmente são narrativos com as continuidades próprias da narração;

c) as reações verbais são mais comumente dissertativas (constituindo comentário: v. adiante) ou narrativas com as continuidades próprias desses tipos.

Outra categoria da narrativa são os comentários, que podem ser de três tipos: a) avaliação; b) expectativas e c) explicação.

A avaliação e a explicação têm caráter dissertativo e, assim, teremos nelas as continuidades próprias da dissertação. Na avaliação, o narrador expõe "seu ponto de vista e seus sentimentos em relação ao que narra", "seu juízo" sobre os acontecimentos narrados¹⁶⁷. A forma predominante será o presente do indicativo com as categorias próprias da dissertação (V.6.3.) .

167 - Não estamos considerando as avaliações propostas por CASTRO (1980:71 e ss.) feitas por "unidades de expressão peculiares a outras seções da narrativa" (complicação e orientação) através de recursos vários como repetições, posição dos elementos no todo da narrativa, entonações, etc. Estamos considerando, pois, apenas a avaliação propriamente dita, que a autora apresenta como avaliação do tipo C. Assim sendo, a alta porcentagem, no quadro 5 (capítulo 4) de pretêritos perfeitos (45,2%) e imperfeitos (39,3%) se explicam por serem de complicação e resolução e de orientação respectivamente.

O pretérito perfeito do indicativo pode aparecer na avaliação em trechos como os dos exemplos (191a, d) e (206). Na explicação, o narrador comenta o significado e a razão dos acontecimentos e atitudes dos personagens. A forma predominante é o presente do indicativo com as categorias próprias da dissertação (V. 6.3).

As **expectativas**, como diz VAN DIJK (1986), fazem referência a acontecimentos futuros possíveis e, portanto, têm caráter narrativo preditivo. Assim se pode dizer que nas expectativas temos as continuidades próprias da narração futura.

Finalmente, temos o **epílogo** ou **conclusão** que pode ser realizado sob diferentes formas como a **coda**, a **moral** e o **fecho**. Todos têm a função de dar por encerrada a narração. O **fecho** declara explicitamente este fim (V. exemplo 228) ou usa fórmulas às vezes estereotipadas como as de (229). O fecho é sempre narrativo e feito no pretérito perfeito do indicativo.

(228) "Acabou-se a história do tuim." (texto nº 58).

(229)a - E pôs-se a fábula em ata.

b - E o que tinha de ser contado o foi.

A **moral** representa em certo sentido uma "conclusão" prática, uma "lição" de vida que orienta o que se fará ou, não no futuro, se se tem em mente os acontecimentos da narrativa. Ela tem caráter dissertativo e por isso apresenta as formas e categorias próprias da dissertação, sobretudo o presente do indicativo e as categorias que expressa. Em (230) temos a moral de duas conhecidas fábulas.

(230)a - Quem ama o feio bonito lhe parece. ((A águia e a coruja).

b - Quem desdenha quer comprar. (A raposa e as uvas).

A **coda** encerra o discurso narrativo, fazendo com que se volte ao momento da enunciação. Ela pode fazer isso de

inúmeras maneiras que não cabe expor aqui (Cf. CASTRO - 1980: 37-40 e 77-82). Ela tem caráter dissertativo, de modo que temos aí as continuidades próprias desse tipo de texto. É por isso que CASTRO (1980) observou que o presente do indicativo predomina nesta parte (70,7% - Cf. quadro 5 capítulo 4). Veja exemplos de (231) tomados a CASTRO (1980).

- (231)a - "Que eu me lembro é isso aí." (pág.78).
 b - "A gente **faz** brincadeira assim, mas não é muito." (pág.79).
 c - "Aí, até hoje num **posso** vê aquela mulher, viu."

Quando o pretérito perfeito ocorre na coda, há sempre um vínculo com o presente (exemplo 232) ou há uma avaliação do narrador a partir do presente (exemplo 233), conforme observação de CASTRO (1980:80 e 81) de quem são os exemplos. Também segundo a mesma autora, o pretérito imperfeito aparece na coda quando o "narrador..... repete ou introduz dados de orientação numa tentativa de 'completar' o relato" (pág.81). Ver exemplo (234).

- (232)a - "Daí depois daquela **fiquei** com um medo desgraçado, viu." (pág.80)
 b - "Aí também num me **aborrecero** mais."
 (233)a - "Mas **foi** uma briguinha..." (pág.80)
 b - "E **foi** mesmo por milagre de Deus é que nasceu, senão não nascia, viu." (pág.81)
 (234) "Mais **apanhava** da minha mãe só, que do meu pai, ele nunca bateu ni nóis. Meu pai, ele gostava de brincar co nóis, jogã terrão, essas coisa. Mais **batê** ele num **batia** não. Ele num **ponhava** nem a mão ni nóis." (pág.81).

Como se pode ver, pelas colocações feitas em 6.4, existe uma relação entre tipos de verbos e situações e categorias e formas verbais de um lado, e categorias ou partes das superestruturas por outro. Evidentemente, o que apresentamos

aqui são apenas os princípios básicos dessa relação, como hipótese de trabalho para uma pesquisa bastante extensa que estude tais relações para tais tipos e subtipos de textos, cada um com uma superestrutura específica, embora acreditemos que deva ter por base as superestruturas gerais dos tipos que apresentamos aqui. Este parece ser o caso, uma vez que exemplificamos as hipóteses para tais relações na narração com dados de CASTRO (1980), que trabalhou apenas com a narrativa passada oral. Nesta relação é importante a afinidade entre as categorias verbais e as funções das partes ou categorias das superestruturas.

CONCLUSÃO

Acreditamos que as propostas feitas e o estudo realizado confirmaram plenamente a hipótese de que há fatos no uso das formas e categorias verbais que só podem ser percebidos e/ou explicados numa perspectiva textual e discursiva e de que o verbo, através dessas mesmas formas e categorias contribui para o estabelecimento da textualidade.

A existência de tais fatos de caráter textual e discursivo fica bem evidenciada pelo que expressamos nos capítulos 4 a 6. Os fenômenos tratados ali certamente não podem ser captados e explicados a não ser no nível do texto e do discurso. Uma gramática da frase certamente não os registrará e/ou explicará. Vimos também que vários destes fatos têm a ver com a coesão e a coerência e, sendo diretamente ligados ao funcionamento discursivo do texto, estão inteiramente comprometidos com o estabelecimento da textualidade já que ela é, conforme propomos no capítulo 1, a própria condição discursiva da seqüência lingüística, fruto do uso significativo da língua.

O elenco de fatos ou fenômenos do capítulo 4, o estudo do seqüenciamento/ordenação de situações do capítulo 5 e das continuidades de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais do capítulo 6 deixam evidenciada e confirmada a importância do verbo na organização textual, tanto a nível de coesão como de coerência.

O estudo do funcionamento textual-discursivo do verbo (suas formas e categorias) permitiu verificar e demonstrar que a continuidade, apontada como elemento caracterizador básico

da coerência, se dá não só no plano do sentido, através dos conhecimentos ativados pelos itens lexicais, mas também no plano gramatical (cf. continuidades de categorias do verbo no capítulo 6).

Devido à estreita inter-relação do funcionamento textual-discursivo das formas e categorias do verbo com o tipo de funcionamento discursivo que caracteriza cada tipo de texto, através da configuração de suas propriedades discursivas, este estudo, sobretudo através do exposto nos capítulos 5 e 6 e do que ali se conclui, contribui, a nosso ver de maneira significativa, para a questão da tipologia e a constituição futura de uma teoria tipológica, embora este não fosse o seu objetivo primeiro. Diversas características de cada tipo (ligadas ao seqüenciamento/ordenação de situações e às continuidades de formas e categorias verbais, inclusive em sua relação com a superestrutura de cada tipo de texto - cf. item 6.4) estão levantadas nos capítulos 5 e 6. Principalmente o estudo das continuidades no capítulo 6 deixa claro que a caracterização de tipos não pode ser feita apenas pelo levantamento de marcas (aqui formas e categorias verbais), mas que é fundamental referi-las às propriedades discursivas de cada tipo ou subtipo de texto. Pode-se tomar para exemplo o presente do indicativo e as categorias que ele pode veicular em seu funcionamento na descrição, dissertação, injunção e narração. As marcas só têm um sentido em sua relação com as propriedades. Se as características vistas referem-se normalmente a tipos mais gerais, é possível agora estender o estudo a subtipos. Assim, falamos de ordenação e continuidades em narrações tipo história, pode-se estudar o mesmo para diferentes subtipos de narrações tipo história, tais como romances, novelas, contos e seus subtipos, fábulas, contos infantis, apólogos, reportagens, piadas, nar-

rativas orais x escritas, etc.

Confirma-se a hipótese que tínhamos, e já colocada por pelo menos um autor (cf. HOPPER - 1979:37 e 1982: 4, 5 e 16), de que o aspecto¹⁶⁸ é uma categoria essencialmente textual e discursiva que define tipos através de continuidades (cf. 6.3.1); constitui o princípio básico de ordenação de situações (cf. capítulo 5); atua na relevância, marcando primeiro plano ou figura e segundo plano ou fundo (cf. 4.2.2.1); distingue trechos de progressão dos de elaboração de um ponto (cf. 4.2.1.8); além de aparecer em fenômenos de concordância (estes, parece que apenas no nível da frase) (cf. 4.2.1.7) e como marcador de um ponto de vista do falante em relação à situação (cf. 4.2.4). Este ponto de vista daria a situação como completa (perfectivo) ou não-completa (imperfectivo), derivando daí uma série dos fatos discursivos acima, conforme o quadro 6.

Quadro 6

Ponto de Vista	Não completo (imperfectivo)	Completo (perfectivo)
Ordenação	Simultaneidade	Seqüenciamento
Relevância	2º plano/fundo	1º plano/figura
Progressão	Elaboração de um ponto	Progressão

Isto não quer dizer que outras categorias do verbo não tenham uma relação com o discurso, uma vez que o tempo é o resultado da relação do tempo referencial com o tempo da enunciação, logo discursivamente definido, a pessoa é a indicação dos participantes da situação discursiva e a modalidade se li-

168 - Os autores vistos e que tratam o aspecto de uma perspectiva discursiva (= textual), limitam o aspecto à distinção perfectivo X imperfectivo e/ou a tipos de situação ou "aktionsart" ("situation aspect" para SMITH - 1986). Não consideramos os tipos de situação como aspecto e usamos o quadro de aspectos proposto em 3.3.3.

ga às imagens: como se vê aquilo de que se fala.

Importa lembrar que, para fins da pesquisa, separam-se os fatos ou fenômenos de uso textual-discursivo das formas e categorias verbais, mas observa-se que, com freqüência, eles funcionam ou ocorrem interligados. É o que se pode deduzir do exposto no quadro 6 e se constata, quando, na análise de textos, se observa haver uma relação entre progressão e elaboração (cf. 4.2.1.8) e questões de relevância (cf. 4.2.2.1 e 4.2.2.2): em textos de qualquer tipo, a progressão se faz através de formas e/ou categorias que constituem figuras, primeiro plano e que veiculam informação essencial ou principal, enquanto a elaboração se dá através das formas e categorias que constituem fundo, segundo plano e que veiculam informação secundária.

Parece interessante que, em vez de falar em metáforas temporais (cf. WEINRICH - 1968), se fale em efeitos de sentido, discursivamente determinados, de elementos do texto (no caso deste estudo, formas e categorias verbais). A idéia de metáfora prevê um sentido, um valor básico (primeiro, central, próprio, característico) e depois o uso fora desse valor que é a metáfora. Seria, pois, necessário estabelecer os valores, sentidos e usos básicos, característicos para depois estabelecer quais são os metafóricos. A idéia de efeito de sentido resulta da conjugação de fatores presentes no texto, discursivamente constituído, e elimina o problema de determinar qual o valor, o sentido, o uso considerado como básico, primeiro ou característico, que muitas vezes é visto como tal apenas por ser o mais freqüente.

Finalmente, é preciso dizer que pretendíamos que este trabalho tivesse um caráter programático, isto é, que abrisse a possibilidade para vários estudos posteriores. Parece

que isto ocorre. Primeiro, pelo proposto no capítulo 4, que abre uma série de veios a serem explorados, seja de maneira mais geral e abrangente, seja em particularizações de detalhes ou pontos mais específicos envolvidos nos fenômenos textuais-discursivos do uso das formas e categorias verbais ali arroladas, ou no que se refere a estudar os fenômenos em tipos e subtipos mais particulares de textos. No estudo da ordenação (capítulo 5) e das continuidades de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais (capítulo 6), essa possibilidade de multiplicação de tópicos de estudo neste campo ficou evidente pelo registro que fizemos de mais de duas dezenas de pontos a serem pesquisados. Entre estes, gostaríamos de destacar o registro de que é preciso observar melhor a questão das situações indicadas por nomes em fenômenos como ordenação, progressão e elaboração de um ponto. Neste estudo, apenas tocamos nesta questão, porque o centro de interesse era o verbo, mas já ficou patente que o estudo desses fenômenos não será completo sem a consideração das situações indicadas por nome. Isto aponta também para o fato de que as bases lançadas aqui talvez possam ser utilizadas no estudo de questões não ligadas ao verbo. Em segundo lugar, tem-se o veio de estudos ligado às questões tipológicas para as quais o estudo dos fenômenos textuais-discursivos do uso do verbo (ou de outros elementos da língua, inclusive outras classes de palavras e suas categorias) pode trazer contribuições significativas. Em terceiro lugar tem-se a possibilidade de utilizar as bases aqui estruturadas no estudo de questões não ligadas ao verbo, como o que vimos, quando, no capítulo 5, falamos sobre a atuação de outros elementos que não o verbo (suas formas e categorias) na ordenação referencial e textual.

Desse modo, parece-nos que essa tese cumpre um dos

papéis que se considera importante, senão fundamental, para um trabalho deste tipo: instaurar ou configurar um campo ou uma linha de pesquisa. Acreditamos ter, com esse trabalho, configurado um projeto de pesquisa dentro de uma perspectiva textual-discursiva e dado os primeiros passos em sua execução. Além disso, desejamos que as bases estruturadas para sua proposição possam ser aplicadas a outras questões, relativas ao verbo ou não, servindo a outros projetos de estudo. Esperamos que aqueles que lerem este trabalho, fazendo dele uma apreciação, nos ajudem a perceber, se existirem:

a) problemas que possam perturbar seu entendimento, sobretudo porque, como dissemos na introdução, acreditamos que o resultado da teorização deve poder ser comunicado, aprendido e aplicado;

b) problemas que possam perturbar o desenvolvimento do projeto de pesquisa aqui configurado;

c) possibilidades que ele abre e que não chegamos a explicitar convenientemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean Michel. (1985). "Quels types de textes?" in *Le Français dans le monde*, nº 192. Paris, Hachette, Larousse, abril de 1985. (apud KOCH e FÁVERO - 1987).
- ———. (1987). "Textualité et séquentialité. L'exemple de la description" in *Langue Française* nº 74. Paris, Larousse, maio de 1987:51-72.
- ADAM, Jean Michel e PETITJEAN, A. (1982). "Introduction au type descriptif". *Pratiques*. nº 34. Metz, 1982: 77-92. (apud NEIS-1986 e MARQUESI-1990).
- ———. (1982-a). "Les enjeux textuels de la description". *Pratiques*. nº 34. Metz, 1982: 93-117. (apud NEIS-1986 e MARQUESI - 1990).
- ALEXANDRESCU, S. (1966). "Sur les modalités croire e savoir" in *Langages* 43. Paris, Didier-Larousse, 1976. (apud KOCH - 1984).
- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. (1978). *Curso de redação*. São Paulo, Marco.
- BACH, Emmon (1986). "The algebra of events" in DOWTY, David (ed.) *Tense and aspect in discourse. Linguistic and philosophy*. Vol. 9, nº 1. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo. D. Reidel Publishing Company, 1986:5-16.

- BARWISE, Jon e PERRY, John (1981). "Situations and attitudes" *The Journal of philosophy*. 78:668-691. (apud COOPER - 1986).
- ———. (1983). *Situations and attitudes*. MIT Press, Bradford Books, Cambridge, Mass. (apud COOPER - 1986).
- BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier (1985). *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de e DRESSLER, Wolfgang Ulrich. (1981). *Introduction to text linguistics*. Londres/New York, Longman.
- BECHARA, Evanildo (1968). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo. Nacional.
- BENVENISTE, Émile (1976). "Estrutura das relações de pessoa no verbo" in *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976: 247-259.
- CÂMARA, Jr., Joaquim Mattoso. (1970). *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro, J. Ozon.
- CASTILHO, Ataliba T. de (1967). "Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa". in *Alfa* (Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília) nº 12. Marília, 1967: 7-135.
- ———. (1987). "Para o estudo das unidades discursivas no Português". Campinas, UNICAMP/IEL, texto inédito (32 págs.).
- CASTRO, Vandarsi Sant'Ana. (1980). *Os tempos verbais da narrativa oral*. Campinas, Dissertação de mestrado / UNICAMP-IEL.

- CERVONI, Jean (1987). *A enunciação*. São Paulo, Ática, (Série Fundamentos, 61).
- CHAROLLES, Michel (1987). *Les études sur la cohérence, la cohesion et la connexité textuelles depuis la fin des années 1960*. Université de Nancy 2, cópia de texto inédito, nov./1987. 22 págs.
- COOPER, Robin (1986). "Tense and discourse location in situation semantics" in *Linguistics and philosophy*, vol. 9, nº 1 DOWTY, David (ed.) (1986). *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986: 17-36.
- COROA, Maria Luiza Monteiro Sales (1985). *O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília, Thesaurus.
- ———. (1990). *Sobre a construção da coerência temporal*. Campinas, cópia de texto inédito, janeiro/1990 (24 págs.).
- COURDESSES, Lucile (1971). "Blum et Thorez en mai 1936 - Analyses d'énoncés" in *Langue Française* nº 9: *Linguistique et société*. Paris, Larousse, fevereiro/1971:22-33.
- CUNHA, Celso Ferreira da (1975). *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, FENAME.
- DAVIES, Christie (1987). "Taking Jokes (apart) seriously" in *Semiotica* 66(4). Amsterdam, Mouton de Gruyter, 1987: 451-454.
- DOWTY, David R. (1986). "The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics" in *Linguistics and philosophy*, vol. 9, nº 1, DOWTY, David (ed.) *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:37-61.

- DRESSLER, Wolfgang U. (1974). *Introduzione alla linguistica del testo*. Roma, Officina Edizioni, 1974.
- DUBOIS, Jean et alii. (1973). *Dictionnaire de linguistique*. Paris, Larousse.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. (1983). *Linguística textual: uma introdução*. São Paulo, Cortez.
- ———. (1985). "Critérios de textualidade" in *Veredas*. EDUC 104. São Paulo, Editora da PUC/SP, 1985:17-34.
- FERNANDES JR., Alcebíades (1986). "Cronológica: um estudo gramatical do texto" in *Estudos linguísticos - XIV anais de seminários do GEL-SP*. Campinas, UNICAMP, 1987: 239-259.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FILLMORE, Charles J. (1981). "Pragmatics and the description of discourse" in COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. Nova York, Academic Press, 1981:143-166.
- FOUCAULT, Michel. (1986). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- FUCHS, Anna. (1987). *Aspecto verbal e dêixis*. Universidade de Brasília/Universidade de Göttingen, cópia de texto inédito (36 págs.).
- GENETTE, G. (1966). "Frontières du récit". in *Communications*, 8:152-163. (apud NEIS - 1986).
- GUIMARÃES, Eduardo R.J. (1979). *Modalidade e argumentação linguística*. São Paulo, Tese de doutorado/USP.

- GUIMARÃES, Eduardo R.J. (1986). "Polifonia e tipologia textual" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). *Linguística textual: texto e leitura*. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986:75-87 (Série CADERNOS PUC, 22).
- ———. (1987). *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do Português*. Campinas/SP, Pontes.
- ———. (1989). "Enunciação e história" in GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, Pontes, 1989:71-79.
- GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha (1986). "Os verbos de movimento e os critérios de textualidade" in *Estudos linguísticos - XII anais de seminários do GEL-SP*. Lins, SP, Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras, 1986:170-177.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, Rukaiya. (1976). *Cohesion in English*. London, Longman.
- HINRICHS, Erhard. (1986). "Temporal anaphora in discourses of English" in *Linguistics and Philosophy*, vol. 9, nº 1 - DOWTY, David (ed.). *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:63-82.
- HOPPER, Paul J. (1979). "Some observations on the typology of focus and aspect in narrative language" in *Studies in Language* 3(1). 1979:37-64 (apud HOPPER - 1982).
- ———. (1982). "Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume" in HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982:3-18 (Typological Studies in Language - Vol. 1).

- ILARI, Rodolfo. (1989). **Sobre os advérbios aspectuais.**
Texto apresentado no III Seminário do Projeto Gramática do Português Falado. Cópia de texto inédito, novembro de 1989. 36 págs.
- JOTA, Zélio dos Santos. (1981). **Dicionário de lingüística.**
Rio de Janeiro, Presença/INL-MEC.
- KALMÁR, Ivan. (1982). "The function of Inuktitut verb modes in narrative texts" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics.** Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982: 45-64. (Typological Studies in Language - vol. 1).
- KAMP, J.A.W. (1979). "Events, instants and temporal reference" in R. Bauerle, U. Egli, and A. von Stechow (eds.). **Semantics from different points of view.** Berlin, Springer Verlag. (apud HINRICHS - 1986).
- KOCH, Ingedore G. Villaça. (1984). **Argumentação e linguagem.** São Paulo, Cortez.
- ———. (1988). **Principais mecanismos de coesão textual em Português.** Campinas, UNICAMP, cópia de texto inédito. 8 págs.
- ———. (1989). **A coesão textual.** São Paulo, Contexto.
- ———. (1981). "O verbo poder numa gramática comunicativa do Português". **Cadernos PUC nº 8.** São Paulo, EDUC - Editora da PUC, pp. 102-113.
- KOCH, Ingedore G. Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes. (1987). "Contribuições a uma tipologia textual" in **Letras & Letras, Vol. 3(1).** Uberlândia, EDUFU, junho/1987:3-10.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1989). **Texto e coerência.** São Paulo, Cortez.

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos.
(1990). *A coerência textual*. São Paulo, Contexto.
- LABOV, Willian. (1972). "The transformation of experience in narrative syntax" in *Language in the inner city. Studies in the black english vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972:354-396.
- LABOV, Willian e WALETZKY, Joshua. (1967). "Narrative analysis: oral versions of personal experience" in HELM, J. (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Washington, Washington University Press. 1967:12-44.
(apud BASTOS - 1985 e CASTRO - 1980).
- LARIVAILLE, Paul. (1974). "L'analyse (Morpho)logique du récit". *Poétique* 19. Paris, 1974:369-388. (apud BASTOS - 1985).
- LAVANDERA, Beatriz R. (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires, Hachette.
- ———. (1985). *Curso de linguística para el análisis del discurso*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina.
- LEVINSON, Stephen C. (1983). *Pragmatics*. London, Cambridge University Press.
- LI, Charles; THOMPSON, Sandra A. e THOMPSON, R. McMillan.
(1982). "The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle LE" in HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics & pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982: 19-44.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. (1975). "Os verbos auxiliares em Português contemporâneo" in *Análises lingüísticas*. Petrópolis, Vozes, 1975:27-91.

- LONGO, Beatriz N. de Oliveira. "O valor coesivo do tempo verbal" in FIORIN, José Luiz e NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Texto, discurso, enunciação*. Boletim do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano III, nº 3. UNESP/Campus de Araraquara, 1987:94-108.
- LYONS, John. (1969). *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge, Cambridge University Press. (apud KALMÁR - 1982).
- MAGALHÃES, José Olímpio. (1980). *Um intermediário ao sintagma livre e ao sintagma fixo: o sintagma semifixo*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado/PUC-RJ.
- MAINGUENEAU, Dominique. (1976). *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours: problèmes et perspectives*. Paris, Hachette.
- ———. (1986). *Genèses du discours*. Bruxelas, Pierre Mardaga Editeur.
- ———. (1987). *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris, Hachette.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1983). *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- ———. (1985). *Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências*. Recife, UFPE, cópia de texto inédito, 23 págs.
- ———. (1986). *Análise de conversação*. São Paulo, Ática.
- ———. (1987). *Marcadores conversacionais no Português brasileiro: formas, posições e funções*. Recife/Freiburg, cópia de texto inédito. 27 págs.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1988). **Coesão e coerência na conversação (Organização tópica)**. Recife, cópia de texto inédito. 39 págs.
- MARQUESI, Sueli Cristina. (1990). **A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa**. São Paulo, PUC-SP / Tese de doutorado, 243 págs.
- MARTIN, R. (1983). **Pour une logique du sens**. Paris, Université de France. (apud SIQUEIRA - 1987).
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. (1983). **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra, Almedina.
- MATTOS, Geraldo. (1972). **Nossa cultura; Português para o 1º colegial**. São Paulo, F.T.D.
- MELO, Gladstone Chaves de. (1976). **Ensaio de estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão.
- MOISÉS, Massaud. (1973). **A criação literária**. São Paulo, Melhoramentos.
- MORAES, Olinda Martins. (1986). "Um estudo das relações de coesão em Português." in **Letras & Letras** Vol. 2 (2). Uberlândia, EDUFU, dezembro de 1986:359-384.
- NEIS, Ignácio Antônio. (1984). "Problemas de tipologia do texto narrativo" in **Boletim nº 06 da ABRALIN**. Campinas, ABRALIN/UNICAMP, março de 1984:72-81.
- ———. (1986). "Elementos de tipologia do texto descritivo" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). **Linguística textual: texto e leitura**. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986:47-63 (Série Cadernos PUC, 22).

- NERBONNE, John. (1986). "Reference time and time in narration" in *Linguistics and Philosophy* vol. 9, nº 1, DOWTY, David (ed.) *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:83-95.
- OLIVEIRA, Ceófono Lopes de. (1965). *Flor do Lácio*. São Paulo, Saraiva.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. (1986). "A análise de discurso: algumas observações" (retrospectiva) in *D.E.L.T.A.* Vol. 2, nº 1. São Paulo, PUC-SP/ABRALIN, 1986:105-126.
- ———. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas/SP, Pontes.
- ———. (1988). "Une confrontation dans le langage" in *Langage et société* nº 46. Paris, Maison des Sciences de L'Homme, décembre/1988:45-66.
- PARTEE, Barbara. (1973). "Some structural analogies between tenses and pronouns in English" in *The journal of philosophy* nº 70, págs. 601-609 (apud HINRICHS-1986).
- PÊCHEUX, Michel. (1969). *Analyse automatique du discours*. Paris, Dunod.
- PIRES, Orlando. (1981). *Manual de teoria e técnica literária*. Rio de Janeiro, Presença/Brasília, INL.
- PONTES, Eunice. (1973). *Verbos auxiliares em Português*. Petrópolis, Vozes.
- POSSENTI, Sírio. (1986). *Discurso, estilo e subjetividade*. Campinas, UNICAMP/Tese de doutorado.
- RAFFERTY, Ellen. (1982). "Aspect in conversational Indonesian" in HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982:65-87.

- RASKIN, Victor. (1985). *Semantic mechanisms of humor*.
Dordrecht/Boston, D. Reidel Publishing Company. (apud
DAVIES - 1987).
- REICHENBACH, Hans. (1947). *Elements of symbolic logic*.
New York, The MacMillan Company. (apud COROA - 1985 e
DOWTY - 1986).
- RICARDOU, J. (1973). *Le nouveau roman*. Paris, Seuil.
(apud NEIS - 1986 e MARQUESI - 1990).
- SARAMAGO, José. (1986). *A jangada de pedra*. Lisboa, Cami-
nho.
- SCHIFFRIN, Deborah. (1987). *Discourse Markers*. Cambridge
University Press. (apud COROA - 1990).
- SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. (1985). "As macrocategorias
do texto dissertativo" in FÁVERO, Leonor Lopes e
PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). *Linguística textual: texto
e leitura*. São Paulo, EDUC - Editora da PUC-SP, 1985:
133-139. (Série Cadernos PUC, 22).
- ———. (1987). "Aspectos textuais do tempo verbal: o
futuro e o condicional" in *Estudos lingüísticos - XV
Anais de seminários do GEL-SP*. Santos, UniSantos, 1987:
417-424.
- SMITH, Carlota. (1986). "A speaker-based approach to aspect"
in *Linguistics and philosophy*, vol. 9, nº 1: DOWTY, David
(ed.) *Tense and aspect in discourse*. Dordrecht/Boston/
Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:
97-115.
- TAHAN, Malba. (s/data). "Os cegos e o elefante". in BUENO,
Francisco da Silveira. *Páginas floridas*. (12a. ed.rev.).
São Paulo, Saraiva, s/data.

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1981). O aspecto verbal no Português; a categoria e sua expressão. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1981. (2a. edição revisada, EDUFU, 1985).
- ———. (1987). "O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português" in *Cadernos de estudos lingüísticos* nº 12. Campinas, UNICAMP/IEL, 1º semestre de 1987:61-98.
- ———. (1987a). "Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas" in *Letras & Letras*, vol. 3, nº 2. Uberlândia, EDUFU, dezembro de 1987:125-151.
- VAN DIJK, Teun A. (1980). *Estructuras y funciones del discurso*. Madrid, Siglo Veintiuno.
- ———. (1983). *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires/Barcelona, Paidós.
- ———. (1986). "News schemata" in COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds.). *Studying writing: linguistic approaches*. London/Beverly Hills/New Delhi, Sage Publications, 1986:155-185.
- ———. (1987). *Critical news analysis*. Introductory paper for the Instituto de Semiótica y comunicación. Granada, 7 a 12/09/1987. 32 págs.
- ———. (1990). *Curso LL148: Tipologia do Texto*. Campinas, IEL/UNICAMP, março de 1990. (Notas pessoais).
- VAN DIJK, Teun A. e KINTSCH, W. (1983). *Strategies in discourse comprehension*. Nova York, Academic Press.
- VENDLER, Zeno. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca, Cornell University Press.

- WEINRICH, Harald. (1968). **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje.** Madrid, Gredos.
- ———. (1979). "Les temps et les personnes" in *Poétique* nº 39. Paris, setembro/1979:338-352. (apud BASTOS - 1985).
- ———. (1981). **Lenguaje en textos.** Madrid, Gredos.
- WERLICH, E. (1975). **Typologie der texte.** Entwurf eines linguistischen Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik. Heidelberg. (apud KOCH e FÁVERO - 1987 e NEIS - 1984).
- WOLFESSON, Nessa. (1979). "A alternância do presente histórico na conversação" in *Language* 55. 1979:168-182. (Tradução de Ataliba T. de Castilho e Geraldo Cintra - UNICAMP).

BIBLIOGRAFIA DO CORPUS

JORNAIS

- Estado de Minas. Ano LXII, nº 17. 742. Belo Horizonte, 15/08/1989.
- O Estado de São Paulo, Ano 110, nº 35.119. São Paulo, 15/08/1989.
- O Estado de São Paulo. Suplemento Agrícola. Ano XXXIV, nº 1766. São Paulo, 16/08/1989.
- O Estado de São Paulo. Ano 110, nº 35.202. São Paulo, 21/11/1989.
- Folha de São Paulo. Ano 68, nº 21.553. São Paulo, 06/04/1988.
- Folha de São Paulo. Ano 69, nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989.
- O Globo. Ano LXV, nº 20.357. Rio de Janeiro, 17/08/1989.
- Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989.
- Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 130. Rio de Janeiro, 16/08/1989.
- Jornal da Tarde, Ano 24, nº 7.283. São Paulo, 16/08/1989.
- MAGALHÃES, Ana Maria. "'Otários' do verde contra 'heróis' do vermelho" in Jornal do Brasil. Caderno "Cidade". Ano XCIX, nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989.
- Notícias Populares, nº 9307. São Paulo, 24/10/1989.
- O Popular, Ano L, nº 13.232. Goiânia, 15/08/1989.

LIVROS

- AMADO, Jorge. **O cavaleiro da esperança**. Rio de Janeiro, Record, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Reunião**. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1969.
- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Curso de Redação**. São Paulo, Marco, 1978.
- **Araxá põe a mesa**. Belo Horizonte, O Lutador, 1989.
- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, s/data.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii (orgs.). **Contos e crônicas**. vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrêla da vida inteira; poesias reunidas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora/INL, 1970 (pág. 105).
- **Bíblia Sagrada**. São Paulo, Editora Ave Maria Ltda., 1964. (Edição Claretiana).
- BRAGA, Rubem. "História triste de tuim". in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii. (orgs.). **Contos e crônicas**, vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data: 17-20.
- BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro, Record, 1980.
- BORBA FILHO, Hermilo. "O almirante" in **Os melhores contos brasileiros de 1973**. Porto Alegre, Globo, 1974:37-49.
- CAMPOS, Paulo Mendes. "O médico e o monstro" in **Para gostar de ler - 2: crônicas**. São Paulo, Ática, 1978:20-22.
- CASTRO, Vandarsi Sant'Ana. **Os tempos verbais da narrativa oral**. Campinas, Dissertação de Mestrado/UNICAMP, 1980.

- CONY, Carlos Heitor. "A farsa e os farsante" in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii (orgs.). *Contos e crônicas*, vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data:63-65.
- FONSECA, Rubem. "Passeio Noturno" in *Os melhores contos brasileiros de 1973*. Porto Alegre, Globo, 1974:179-181.
- FOUCAULT, Michel. *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1971. Tradução de POSSENTI, Sírio, Campinas, UNICAMP, cópia xerox, s/data.
- GIUDICE, Victor. "O Arquivo" in *Os melhores contos brasileiros de 1973*. Porto Alegre, Globo, 1974:223-226.
- *O grande livro de receitas de Cláudia*. São Paulo, Ed. Abril, s/data.
- KOCH, Ingedore G.V. e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo, Cortez, 1989.
- ———. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. "A partida do trem" in *Os melhores contos brasileiros de 1973*. Porto Alegre, Globo, 1974:15-34.
- MATOS, Geraldo. *Nossa cultura: Português para o 1º colegial*. São Paulo, F.T.D., 1972.
- OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*. São Paulo, Saraiva, 1965.
- PRÉVERT, Jacques. *Poemas*. Introdução, seleção de poemas e tradução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Indez*. Belo Horizonte, Miguilim, 1988.

- LABINO, Fernando. "A última crônica" in Para gostar de ler - 5: crônicas. São Paulo, Ática, 1979/1980:40-42.
- ZIRALDO. As melhores anedotas do mundo. vol. 1. Rio de Janeiro, Globo, 1988.

REVISTAS

- Elle. Ano 2, nº 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989.
- Seleções do Reader's Digest. Tomo XXXVII, nº 218. julho de 1989.
- Superinteressante. Ano 3, nº 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989.
- Superinteressante. Ano 3, nº 11. São Paulo. Ed. Abril, novembro de 1989.
- Veja. Ano 21, nº 37 - 20/11/1889 - Edição especial "República". São Paulo, Ed. Abril, 20/11/1989: 2a. contracapa.
- Veja. Ano 23, nº 6. São Paulo, Ed. Abril, 14/02/1990.
- Veja. Ano 23, nº 11. São Paulo, Ed. Abril, 21/03/1990.

OUTROS

- BERLINCK, Rosane de Andrade. Transcrição do inquérito nº 3, gravado em 11/01/1987.
- Disneyworld com carinho especial. Folheto promocional de turismo. Uberlândia, Uberturismo, 1989.
- Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG. Belotur, Ano X nº 113. Belo Horizonte, julho de 1989.

- Manual de instruções dos aparelhos eletrodomésticos ARNO:
 - a) Abridor afiador automático Arno;
 - b) Espremedor de frutas Arno.
- Manual de instruções do TV Phillips 14 CT 6401/UV.
- SOARES, Maria Elias e BALSELLS, Maria Rita Costa. **Modelos para o ensino da redação - 1a. parte: descrição.** Projeto de melhoria do ensino da Língua Portuguesa - 2º grau/ Secretaria de Educação do Ceará, mimeografado, 1980.

UM ESTUDO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

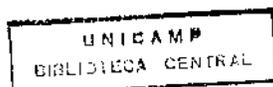
ANEXO DE TEXTOS E ORDENAÇÕES DE SITUAÇÕES EM TEXTOS NARRATIVOS

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

10/10/1991

CAMPINAS - 1991



ÍNDICE

1 - NOTA INTRODUTÓRIA	3
2 - CONVENÇÕES	3
2.1 - Convenções usadas nos textos	3
2.2 - Convenções usadas nas ordenações referenciais de si- tuações na narração	3
3 - TEXTOS.....	8
3.1 - Argumentação (nº 01 a 03)	9
3.2 - Descrição dinâmica passada (nº04 a 09)	13
3.3 - Descrição dinâmica presente (nº10 a 14)	15
3.4 - Descrição estática passada (nº 15 a 23)	18
3.5 - Descrição estática presente (nº24 a 33)	26
3.6 - Outras descrições (nº34 e 35)	36
3.7 - Dissertação (nº36 a 45)	37
3.8 - Injunção (nº46 a 55)	46
3.9 - Narração passada (nº56 a 63)	54
3.10 - Narração presente (nº64 a 67)	76
3.11 - Outras narrações (nº68 a 76)	87
3.12 - Predição (nº 77 a 87)	107
3.13 - Outros textos (nº88 a 91)	116
4 - ORDENAÇÃO REFERENCIAL DE SITUAÇÕES DE TEXTOS NARRATIVOS - DE NARRAÇÕES PASSADAS:	
4.1 - Candidatura sempre teve dificuldade (texto nº56)	55
4.2 - Inquérito nº3 (trecho) (BERLINCK - 1987) (texto nº59)	65
4.3 - Morre Shockley, pai do transistor (texto nº60) ...	70
4.4 - Passeio Noturno (texto nº61)	74
4.5 - O arquivo (texto nº68)	89
4.6 - Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº74)	98

4.7 - Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados. (texto nº75)	102
--	-----

- DE NARRAÇÕES PRESENTES:

4.8 - A farsa e os farsantes. (texto nº64)	78
4.9 - O médico e o monstro. (texto nº65)	81
4.10 - Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/ Oito reféns em 12 dias de ação. (texto nº66)	83
4.11 - A última crônica (texto nº67)	86

1 - NOTA INTRODUTÓRIA

Este anexo contém:

a) 91 (noventa e um) textos citados na tese e que constituem, de certa forma, o corpus básico da pesquisa, embora não contenha todos os textos analisados;

b) a ordenação referencial das situações de 11 (onze) textos narrativos tipo história.

Os textos estão agrupados em blocos, que têm a ver com tipos e subtipos e com o objetivo por que foram citados, facilitando, assim, sua consulta em função dos tópicos abordados. Em cada bloco os textos estão em ordem alfabética sem levar em conta o artigo presente no título. Para facilidade de referência os textos estão numerados de 01 a 91.

As ordenações de situações de textos narrativos aparecem junto do texto a que se referem.

2 - CONVENÇÕES

2.1 - CONVENÇÕES USADAS NOS TEXTOS

- Nos textos, que foram usados no estudo das continuidades (V. capítulo 6), sublinhamos os verbos considerados. Os demais pertencem a trechos de outros tipos e subtipos que não o enfocado em cada texto.

- Nas narrativas os colchetes [] delimitam trechos dissertativos, descritivos e de discurso direto, indireto ou in direto livre.

2.2 - CONVENÇÕES USADAS NAS ORDENAÇÕES REFERENCIAIS DE SITUAÇÕES NA NARRAÇÃO

△ verbo gramatical

- [] verbo ou outro tipo de termo elíptico, inferível.
- A → B a situação A é seguida pela situação B na ordem referencial.
- A → B a situação A leva à situação B por diversas razões:
a) A é verbo dicendi, B é fala; b) B é ligada sintaticamente a A, como complemento, sujeito, etc.; c) B é consequência, fim etc. de A.
- verbo dicendi
- ↕ situações simultâneas.
- = identifica sinônimos, repetição do mesmo item lexical com o mesmo sujeito, e uso de verbos vicários, portanto, casos de (VIII.c).
- // trecho de outro tipo inserido na narração, cujos verbos não foram anotados por não terem relação com a mesma.
- ▭ trecho cujo(s) verbo(s) não entram na ordenação referencial das situações da história, por não serem narrativos: são trechos dissertativos ou descritivos (comentário) ou trechos de discurso direto, indireto ou indireto livre, que são de comentário. Nestes, se a fala for uma narração, as situações são ordenadas de acordo com a narrativa de que fazem parte.
- ▭ narração inserida na narrativa central ou explicação sobre o trecho em que as situações aparecem.
- _____ a situação acima do traço tem tempo de realização que perpassa ou engloba o tempo de realização de outras situações, sendo, portanto simultânea a elas.

Algarismos

romanos: identificam as diferentes narrativas.

Algarismos

arábicos: indicam a ordem referencial (cronológica) das situações.

(?) após o algarismos arábico indica dúvida quanto à posição da situação na ordem referencial.

Letras maiúsculas (A, B, C...) identificam casos de situações que são simultâneas a outra porque são partes desta (Cf. VIII.a) ou fases dela (Cf. VIII.b) ou então situações que exemplificam, especificam, são consequência, etc. da outra (Cf.X.a). Estas situações podem ou não constituir uma seqüência simultânea à outra situação ou a outra seqüência.

Letras minúsculas (a, b, c...) identificam seqüências de situações simultâneas a outra situação ou a outra seqüência. A seqüência pode ser unitária, de uma só situação.

- Exemplos : II.5.a.1 ou II.5.A.1

II - narrativa II

5 - posição da situação na ordem referencial das situações que constituem a seqüência básica da narrativa

a - seqüência de situações simultânea à quinta situação da narrativa II

A - situação ou seqüência de situações simultânea à quinta situação da narrativa II, porque é parte ou fase desta situação 5 ou especifica, dá exemplo, etc. em relação à situação 5.

1 - primeira situação da seqüência a ou da seqüência A .

- Quando as situações são simultâneas têm os mesmos números e letras. Se uma situação é simultânea a mais de uma isto é indicado com os algarismos e letras assim:

I.11 a I.18

falar

I.10 a I.12.b

esquecendo

No anexo, apresentamos a ordenação referencial de dois modos:

a) no primeiro, as situações aparecem na ordem textual com a ordem referencial indicada pelos algarismos e letras sobre os verbos e/ou nomes que expressam as situações;

b) no segundo, as situações são apresentadas na ordem referencial que continua sendo indicada pelos algarismos e letras. As situações simultâneas são apresentadas sobrepostas, Os trechos identificados em a por [], aqui não são colocados, exceto na ordenação das situações do texto nº67 (A última crônica), em que apresentamos a ordenação do segundo modo com tais trechos marcados por [].

Para alguns textos apresentamos só o primeiro modo de dar a ordenação referencial, para outros só o segundo e para outros os dois modos (V. relação abaixo), conforme a necessidade de evidenciar certos mecanismos:

a) primeiro modo: Passeio noturno (texto nº61), A farsa e os farsantes (texto nº64), O médico e o monstro (texto nº65) e O arquivo (texto nº68);

b) segundo modo: Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito refêns em 12 dias de ação (texto nº66); A última crônica (texto nº67).

c) os dois modos: Candidatura sempre teve dificuldades (texto nº56); BERLINCK (1987) - Inquérito 3: trecho da p. 20 linha 573 até à p.24 linha 709 (texto nº59); Morre Shockley,

pai do transistor (texto nº60); Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº74); Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados (texto nº75).

3 E 4 - TEXTOS E ORDENAÇÕES

3.1 - ARGUMENTAÇÃO

Texto nº 01

Tipo: Argumentativo, usando injunção, narração e dissertação, com passagens hipotéticas

Bola na marca

Roberto DRUMMOND

Rasguem o peito.

Tirem lá de dentro o coração.

Guardem o coração em local seguro e, assim, usando apenas a razão, vamos conversar um pouco sobre o que aconteceu no Estádio Centenário, a partir do momento em que o goleiro Taffarel cometeu um inocente e lamentável sobrepasso e, mostrando uma ingenuidade inacreditável, entregou a bola a Aravena, entregou nas mãos, para que ele cobrasse a falta e Basay empatasse para o Chile.

Eu pergunto:

— O que estaríamos dizendo agora do goleiro chileno Rojas, se fosse ele (e não Taffarel) quem entregasse a bola nas mãos, digamos, do brasileiro Bebeto?

Estariamos rindo de Rojas e dizendo que sua atitude foi imperdoável, ainda que, como brasileiros, estivessemos todos em festa e gratos pelo presente que nos deu.

Estariamos dizendo ainda que Rojas não tem a maturidade exigida a um goleiro de seleção.

Estariamos gritando aos quatro ventos que, com o seu gesto infantil, Rojas poderia ser candidato a santo, mas nunca, jamais ao lugar de goleiro, de seleção, que exige grande malícia.

O que mais diríamos?

Ah, diríamos que Rojas foi o grande responsável pelo gol que Mazinho, por exemplo, marcou ao receber a bola após a cobrança de seu sobrepasso feita a nosso favor por Bebeto.

É isso que estaríamos dizendo.

E se fosse Bebeto (e não Aravena) que tivesse recebido a bola das mãos de Rojas (e não de Taffarel) e após tentar de um lado, deu um toque do outro lado (onde não havia nenhum chi-

leno) para Mazinho empatar para o Brasil?

Diríamos que Bebeto é o símbolo da malícia nacional.

Que Bebeto é a bandeira da espreiteza nacional.

A esta hora, certamente que Bebeto estaria sendo festejado como um herói, mais esperto até do que Macunaíma.

E todas as redes de televisão estariam exibindo de hora em hora o tape do lance, aos gritos de Brasil! Brasil!, e hinos tocando como fundo.

Todas as rádios estariam rememorando o grande e inesquecível lance em que Bebeto, após receber a bola das mãos infantis de Rojas bateu a falta para Mazinho empatar.

Ah, e quanto ao juiz colombiano Jesus Diaz Palacios, o que estaríamos dizendo a esta hora, se o lance nos beneficiasse?

Certamente encontraríamos uma maneira de louvar a interpretação de Jesus Diaz Palacios, uma interpretação evidentemente nova e revolucionária, diríamos, mas segundo as leis aceitas como um dogma pela FIFA, estejam certos de que era isso que estaríamos fazendo.

Mas a história foi diferente.

Para seguir argumentando, sempre com a razão, e não com o coração, vamos admitir que o Sr. Jesus Diaz Palacios tenha mesmo cometido um erro clamoroso.

Mais ainda: vamos admitir que o Sr. Palacios tenha roubado contra o Brasil.

Que só um nome sirva para definir o Sr. Palacios: um rato.

Nada mais do que um rato.

Ainda assim, no entanto, nada justifica a ingenuidade de Taffarel entregando a bola a Aravena.

Ele poderia cair abraçado com a bola. Poderia correr com a bola nas mãos. Poderia (e até devia) chutá-la para longe, fazendo-se de desentendido e até correndo o risco de um cartão vermelho, se fosse o caso. Mas, de forma alguma, Taffarel poderia ter entregado a bola nas mãos de Aravena.

Ah, e os outros jogadores

brasileiros?

Por que deixaram Aravena cobrar a falta?

Por que não apareceram para impedir que Aravena rolasse a bola para Bazay?

Sei que daqui a cem anos ainda estaremos discutindo o lance e culpando o Sr. Palacios, mas, hoje, é preciso censurar o goleiro Taffarel (pelo sobrepasso e pela bola entregue a Aravena) e censurar ainda os jogadores brasileiros pela inocência geral. Nossa ingenuidade foi punida. Cadê a esperteza brasileira? Boi bebeu.

Fonte: Estado de Minas. Ano LXII, nº 17.742. Belo Horizonte, 15/08/1989:25

Texto nº 02

Tipo: Argumentativo, usando dissertação e pequenas passagens narrativas.

A dimensão do Brasil

(Ver página seguinte).

Fonte: Folha de São Paulo. Seção "Tendências/Debates". Ano 69 nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989: A-3

A dimensão do Brasil

MIGUEL REALE

O grande jurista Tullio Ascarelli, exilado em São Paulo, como professor visitante da Faculdade de Direito da USP, além de ter contribuído para a modernização de nossos estudos comerciais e tributários, deixou-nos um pequeno e precioso livro intitulado "Retrato do Brasil". Nessa obra, Ascarelli examina vários aspectos de nossa cultura e de nossa gente, salientando que uma das notas distintivas da alma brasileira é a do "hipercriticismo" em relação às próprias coisas. Teria, assim, havido uma alteração de 180 graus a partir do "eufanismo" do princípio do século, que por sinal dava mais ênfase aos valores da natureza do que aos méritos dos homens.

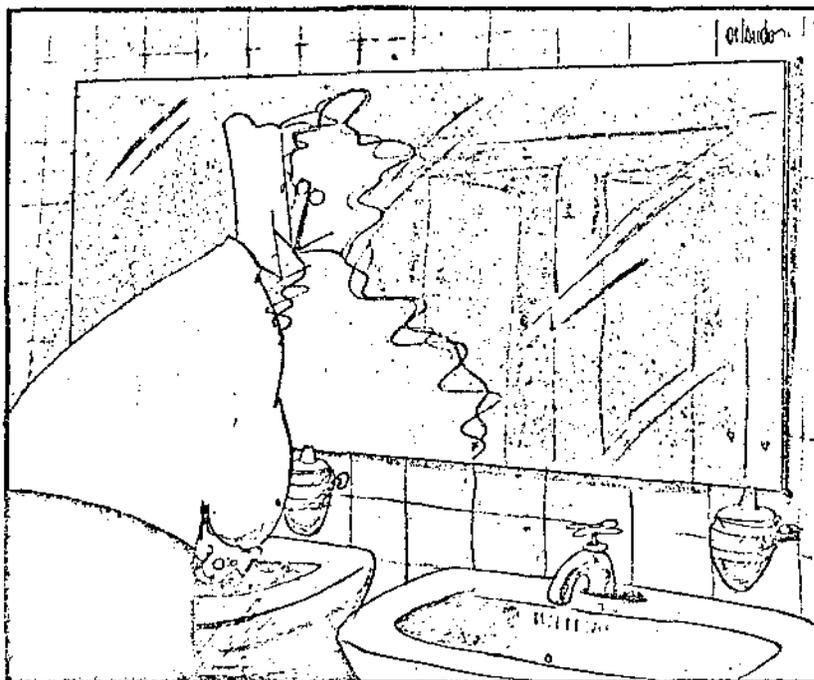
Ora, essa tendência a uma exagerada autocrítica tem descambado, nos últimos tempos, não sem razão, para um estado de espírito que qualifiquei de "sinistrose", palavra que me pareceu correspondente à triste época que estamos vivendo, às voltas com uma crise ao mesmo tempo moral, política, econômica e financeira. Desse modo, se antes atribuíamos a fatores externos a raiz de todos os nossos males, passamos a uma atitude de masoquismo que nos tem feito perder o senso de equilíbrio.

Longe de mim a idéia de excluir nossa principal responsabilidade por essa aziaga trajetória, mas é tempo de reconhecer certos fatos e situar-nos com mais objetividade no contexto das relações internacionais, neste momento em que a nação brasileira está na berlinda, alvo de ataques proferidos por chefes de Estado, banqueiros ou ecologistas, todos empenhados em apontar-nos como desmerecedores de qualquer crédito.

Impõe-se-nos, pois, o dever de fazermos o balanço de nossa situação real, sem reduzir, de um lado, a carga de nossos desacertos, que um governo irresponsável agravou com sucessivos escândalos, mas também sem olvidarmos a dimensão que, apesar dos pesares, passamos a ocupar no concerto geral das nações, e não apenas no cenário latino-americano. Essa mais serena tomada de consciência de nós mesmos vai auxiliar-nos a compreender certas críticas contundentes e desabonadoras desfechadas por norte-americanos e europeus.

O problema deve, antes de mais nada, ser posto em termos de geopolítica, ou, por melhor dizer, em função das perspectivas de nosso desenvolvimento, não obstante o peso sufocante das dívidas externa e interna, esta bem mais preocupante do que aquela, como o têm reconhecido nossos economistas menos alarmistas.

Ora, o dado inicial, do qual devemos partir, é o reconhecimento de que, queira-se ou não, nos tornamos a 8ª



economia industrial do mundo, ocupando também posição de vanguarda na produção de grãos, com a soja ameaçando os interesses norte-americanos. Compreende-se, pois, mas não se justifica, a estranha atitude do presidente George Bush desaconselhando os japoneses a financiarem a construção de uma rodovia destinada a ligar o Acre ao Peru, facilitando o escoamento de soja ou de milho para os mercados asiáticos... É claro que não houve a lealdade de declarar o real motivo dessa oposição, preferindo-se colocar a questão em termos de proteção à floresta amazônica...

Há dias, em nota bem fundamentada, um colunista de "O Estado de S. Paulo" demonstrava quais são as razões pelas quais o governo norte-americano tem em ignorar a existência do Brasil, sexto produtor mundial de aço, ao prorrogar, sem qualquer aumento, por mais dois anos, "os chamados acordos de restrição voluntária" ("voluntary restraint agreements") para as cotas de importação de aço, assinados em 1984".

É significativo que, ao serem trançadas essas e outras possibilidades de acesso aos mercados da grande república do norte, com total olvido de tão apregoado liberalismo econômico, se percebe a rigidez no tratamento de nossa dívida externa, por mais que tenham sido desastrosas as diretrizes da política econômica seguida pelo atual governo, tão imprecisa quanto mal aplicada.

Não tenho ilusões quanto ao risco que a economia brasileira possa representar, no momento, para os interesses internacionais em jogo, mas problemas

dessa natureza devem ser postos e examinados segundo parâmetros de longo alcance, os quais talvez nos auxiliem a compreender melhor as medidas de cerco protecionista que têm atingido diversos setores de nossa produção.

Há casos em que um mal disfarçado "colonialismo", ainda persistente em certas potências europeias, explica a prevenção contra nossa presença cada vez mais significativa no plano agrícola e industrial, fato este que demonstra haver, na sociedade brasileira, potenciais de desenvolvimento que nem sequer os erros políticos de Brasília, com seus

malogrados "planos econômicos", conseguem obstacular.

Dentro de um quadro dessa natureza, se devemos corajosamente assumir a responsabilidade por nossos próprios erros, não devemos perder de vista o cenário internacional, onde a última máscara destinada a encobrir suspeitos interesses é a hipócrita defesa de valores ecológicos que a tecnologia dos países superdesenvolvidos é a primeira a agredir. Infelizmente, a atual Constituição, com a sua notória xenofobia e perda no ilusório sonho de uma autarquia econômica nacional, veio dar razão àqueles que reagem contra nossas tolas pretensões de insularismo, buscando, por outras vias, apertar o cerco fatal à nossa afirmação como um povo capaz de desenvolver-se, superando os desequilíbrios sociais e regionais que tornam tão aguda e contrastante a crise brasileira.

MIGUEL REALE, 77, jurista, é membro da Academia Brasileira de Letras, professor emérito e ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP).

Texto nº 3

Tipo: Descrição estática passada - com forte orientação argumentativa.

O MULATO

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica de sua fisionomia era os olhos - grandes ramalhudos, cheio de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre o papel de arroz.

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente, sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, a literatura, e, um pouco menos, a política.

.....

FONTE: AZEVEDO, Aluísio. O Mulato. s/data: p.51.

3.2 - DESCRIÇÃO DINÂMICA PASSADA

Texto nº 04

I. — A DANÇA DOS COLONOS ALEMÃES

Os dançantes continuavam no compasso marcial da polaca, executando variadas figuras, ora desenhando meias-luas, ora separando-se em alas, marchando frente a frente, ora fazendo evoluções de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de diferentes voltas. Os movimentos eram tardos e pesados; dentro de sapatos grossos e ferrados, batendo fortemente os pés no assoalho, arrastando-se com esforço, faziam um barulho sêco, enorme, que dominava as vozes dos instrumentos. Quando a contradança parava, os pares voltavam-se num mesmo instante como por uma combinação mágica, e todos livres se moviam vagarosamente, procurando os bancos encostados às paredes das salas ou aos cantos das janelas. Muitos saíam até ao terreiro, para se refrescar; namorados passavam ali no escuro, abraçados; velhos fumavam o seu cachimbo, resmungando conversas preguiçosas, até que de novo a música dava o sinal e todos voltavam à sala, em ordem, sem o menor embaraço, passando a dançar automaticamente, de charuto ou cachimbo ao queixo e chapéus na cabeça.

GRAÇA ARANHA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:123)

Texto nº 05

II. — LUZ E CALOR

Por todos os lados, onde quer que a vista repousasse, o sol resplandecia. Sombras raras enegreciam de manchas as campinas louras e, para o horizonte distante, fina e translúcida, uma névoa de ouro passava como um véu corrido do céu sobre os montes dum forte azul quase negro. A sombra dos tejupás da roça, cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, ofegando, paradas, pareciam hipnotizadas pela irradiação deslumbrante. Ao cair da tarde, esmaecendo a luz em laivos de sangue e ouro sob a fimbria do ocaso, as cigarras entravam a chiar, respondendo-se, em concerto, dum ponto e doutro; pássaros saíam repousados, atravessando o ar tépido; borboletas tontas, como se desper-tassem dum torpor de narcótico, esvoacavam de ramo em ramo; ruflos de asas, de beija-flôres, surdinavam e rôlas, com enternecida e apaixonada tristeza, gemiam entre os milhos, onde os sanhaços, em chusma, gritavam estridulamente e os periquitos verdes grazinavam.

COELHO NETO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:65)

Texto nº 06

III. — O MILAGRE DAS CHUVAS NO NORDESTE

Uma manhã lá no Cajapió (Joca (*) lembrava-se como se fôra na véspera), acordara depois duma grande tormenta no fim do verão. A madrugada estava orvalhada, mas serena, e êle se erguera da sua rede para ver o tempo. Um grande tapête de verdura fresca e úmida parecia ter descido do céu e coberto como um manto misterioso o campo... Os olhos perdiam-se na campina alegre; o gado festejava o rebrantar da vida na terra e comia a erva tenra; um bando de marrecas passava grasmando, pousava aqui, levantava o vôo acolá, buscava mais longe a região dos eternos lagos... Dias inteiros de chuvas; o pasto agora era farto, a água porfiava em vencê-lo, e quando mais tarde o dilúvio se interrompia, viam-se na vasta savana verde pontos claros que eram o refrigério dos olhos. Eram os primeiros lagos. Em volta dêles uma multidão de aves aquáticas brincavam descuidosas e ostentavam as penas de côres vivas e quentes. Vinham pássaros de tôda a parte: pernaltas com o seu bico de colher, marrecas em algazarra, jaçanãs leves e tímidas; e à tarde, quando o céu se vestia de nuvens cinzentas, notava-se desfilar, ora o bando marcial e rubro dos guarás, ora a ala virgínia e branca das garças... No fundo dos lagos multidão de peixes borbulhavam por encanto. E em tudo o mesmo milagre de ressurreição, de rejuvenescimento, de expansão e de vida.

GRAÇA ARANHA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:141)

Texto nº 07

NOITE JOANINA

No terreiro vasto vermelhejava, estalidante, a grande fogueira. A súcia das crianças dali tirava batatas e canas assadas, rompendo em grita na partilha. Espoucavam toguetes, rodinhas giravam na ponta de vassouras e bambus, bichas detonavam dentro de latas vazias. "Viva S. João! Viva!" gritava a miuçalha delirando. No céu límpido as estrelas iam abrigar-se sob a tenda nívea da Via Láctea. Um balão subia, subia, ponto ígneo perseguido pelas curvas dos rojões, rojões de lágrimas desdobrados em arco-íris de centelhas, rojões de assovio zunindo a vaiarem o ar.

ESCRAGNOLLE DÓRIA.

Fonte: OLIVEIRA (1965: 136)

Texto nº 08

VI. — OS PASSARÕES

De espaço em espaço, mas sempre em imensas chusmas, os passarões calavam-se serenamente do azul e de asas ao pairo, revoluteando em lindos vôos espiralados, vinham ter às nossas vizinhanças. Era tal a profusão de corpos brancos, que se diria uma abundante e singular nevada, caindo de chôfre sôbre as galas da natureza verde. E, para que maior ainda fôsse a ilusão, à medida que as aves baixavam, as árvores iam-se vestindo de uma nívea florescência, que lhes tomava, a pouco e pouco, os troncos e os galhos e, surgindo aqui em pequenos flocos, rompendo ali em largas manchas, alastrava-se pelos ramos acima até assenhorear-se de tôda a copagem, que se enfunava então no mais esplendente dossel de arminho branco. E, assim, por todos os lados, uma só alcatifa de penas cândidas e frouxcladas, que afestoava a vegetação, cobria o solo, coalhava os lagos e se estendia pelas ribanceiras além, branquejando as perspectivas.

GASTÃO CRULS.

Fonte: OLIVEIRA (1965:131)

Texto nº 09

I. — A VILA DA PRAIA

Chegado ao alto do morro, *Serafim* estacou. Espraiou um largo olhar, que abrangia tudo, sôbre a casaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo esfumaçado dos tetos de sapê, a verdura da vargem. [Na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canoas descansavam sôbre rolos, rédes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao longe, na fonte que descia do morro, cascateando, mulheres lavavam e, dispersas aqui e ali, refulgiam brancuras de roupas estendidas ao sol, sôbre o capim ondulante.

VICENTE DE CARVALHO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:191)

3.3 - DESCRIÇÃO DINÂMICA PRESENTE

Texto nº 10

V. — AS BORBOLETAS

Nessas claras manhãs de firmamento escampo,
De ar mais puro e de sol mais livremente aberto.
Qual mais linda, elas vêm, ora através do campo,
Ora em trêmulo enxame através do deserto.

Como ao vento esparzido um punhado de flôres,
Buscar ao pé do rio as boninas singelas,
E entrecruzar-se à luz com as variadas côres,
Branças, verdes, azuis, rajadas e amarelas.

Num sereno rumor indistinto, cortando
O ar de aromas que vêm das plantas saturado.
Vejo às vêzes passar o fugitivo bando
Várzea ao longe, estendendo o vôo prolongado.

Umás rente vão à crômula das fôlhas,
Outras voam mais alto, entrefechando e abrindo
A asa, outras vão do rio acompanhando as bôlhas,
A água, a pena erradia e as espumas seguindo...

Té que em meio de um vale onde a corrente brame
E revôlta borbulha e rodopia inquieta,
Em suspensa coluna, o selvático enxame,
Baila e treme do sol à carícia secreta...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:129,130)

Texto nº 11

IV. — O ESTOURO DA BOIADA

Surge a boiada vagarosamente... De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção repentino, aquêles centenares de dorsos luzidios. Há uma pausa instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trancam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura... A boiada arrança. [Nada explica, às vêzes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros. Origina-o o incidente mais trivial — o súbito vôo rasteiro duma araquã ou a corrida dum mocó esquivo.] Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subitânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando, de pancada por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aquêles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos. E lá se vão: não há mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo... Destroem-se em minutos, feitos montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a "arribada", — milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico, precipitado na correria doida. E sobre êste tumulto, arrodando-o ou arremessando-se impetuoso na esteira dos destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largando numa disparada estupenda sobre barrancos, e valos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, prêso às crinas do cavalo — o vaqueiro!

EUCLIDES DA CUNHA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:127,128)

Texto nº 12

MANHÃ NA ROÇA

(Vergílio Várzea)

Uma tênue mancha de claridade argêntea recorta em laca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte e o sol aponta deslumbradoramente, como uma gema de ouro flamante, Vapores diáfanos diluem-se lentamente, em meio de listrões vivos que purpúream o nascente. Fiudem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal. Despertam de súbito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas. Pelos terreiros, úmidos da serenada da noite, homens de côcoras, em camisa, de canjirão na mão, brancos de frio, ordenam as grossas tetas das pacientes e mugidoras

vacas, que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama numa mansidão ingênua de animal digno. Mulheres de xale pela cabeça chamam as galinhas, com um ruído seco do beico tremido, fazendo burrr e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarelado. Um carro atopetado de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a cor esquisita das plantas[que se avolumam e vegetalizam enterradas.] chia monotona, em direção ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho... E pela compridão majestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das reses.

Fonte: ANDRÉ (1978:81)

Texto nº 13.

II. — O SACI-PERERÊ

O saci habita na cavidade dos bambus e gosta da agitação dos redemoinhos de vento. É escuro como a noite sem luar e traz habitualmente, na cabeça, uma carapuça rubra como sangue. Tem um enorme olho no centro da testa, salta com agilidade sobre a única perna que possui. Surge inopinadamente numa curva de estrada, atira-se às crinas dos cavalos que passam, grita-lhes com estridor ao ouvido e fá-los disparar em desabalado e estrepitoso galope pelo campo afora. Assusta os pobres e bondosos pretos de carapinha branca, aparecendo-lhes de súbito à frente. Entra nos casebres pelo buraco das fechaduras ou por uma fenda da porta, arrebenta, por simples prazer, os móveis e vasilhas, faz desandar o sabão caseiro em preparo, lança punhados de cinza sobre os doces que borbulham, fervendo e desmanchando-se, dentro dos grandes tachos de ferro, apaga o fogo rubro e crepitante, derrama no chão de terra socada os potes de água, e, ora assobiando com viva alegria, ora tirando longas fumaçadas do cachimbinho de barro, salta daqui, pula dacolá, a tudo pondo em pandarecos. E, depois, desaparece, rápido como o relâmpago, para recomeçar mais adiante suas maldosas travessuras.

OLÍVIO DO LAGO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:101)

Texto nº 14

I. — O SALTO DO GUAÍRA

Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando,
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando,
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta;
Nada a brancura esplêndida lhe turva
E na apoteose em que a caudal se expande,

Do sol aos raios, multicolor se encurva
Em tanto resplendor e glória tanta,
Rútilo arco-íris, luminoso e grande.

EMÍLIO DE MENEZES.

Fonte: OLIVEIRA (1965:57)

3.4 - DESCRIÇÃO ESTÁTICA PASSADA

Texto nº 15

BOCATORTA(Monteiro Lobato, *Urupês*)

Bocatorta excedeu a toda a pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca. Não tinha beijos, e as gengivas largas, violáceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E torta, posta de viés na cara, num esgar diabólico, resumindo o que o feio pode compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer aquela criatura

a culminância da ascosidade] a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembrariam a forma de um pé humano. E olhos vivíssimos, que pulavam das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. Tudo nele quebrava o equilíbrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra prima.

Fonte: ANDRÉ (1978:82)

Texto nº 16

I. — A CASA DA FAZENDA

Era o casarão clássico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguia-se em alicerces o muramento, de pedra até meia altura e, dali em diante, de pau-a-pique. Esteios de cabriúva entremostravam-se, picados a enxó, nos trechos donde se esboroara o rebôco. Janelas e portas em arco, de bandeiras em pandarecos. Pelos interstícios da pedra, amoitavam-se samambaias e, nas faces de noruega, (*) avenquinhas raquíticas. Num cunhal, crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrível cordalha tentacular. A porta da entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

MONTEIRO LOBATO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:22)

Texto nº 17

III. — A CASCAVEL

Rojando em ondulações por entre as plantas rasteiras de mata, entreparando num lugar, escutando em outro, veio avançando para a ceva uma cobra de grande talhe. Tinha o dorso fusco, sem brilho, maculado de losangos escuros, quase negros. A cabeça era chata, o focinho tronco, como que aparado, com duas fossazinhas tapadas, duas ventas falsas. De cada olho partia um traço escuro, que ia fenecer no pescoço. A cauda terminava em um como rosário curto, de contas córneas, ôcas, achatadas, que, ao restejar do animal, deixava escapar um ruído leve, quase imperceptível, de pergaminho fuxicado. Chegou, viu os ratos, parou, foi-se torcendo em espiral, formou um rôlo, donde emergia, atenta, vigilante, a pavorosa cabeça. O olhar negro, luzente, gélido, tinha uma fixidez fascinadora. A língua lúrida, comprida, fina, bífida, açoutava o ar em rápidas lambidelas.

JÚLIO RIBEIRO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:87)

Texto nº 18

I. — A CELA DO RELIGIOSO

A porta abriu-se sem ruído. Ele entrou, e a porta fechou-se de novo, silenciosamente. O lugar, em que o venerando religioso acabava de penetrar, era uma triste cela, sombria e espaçosa, com uma janela gradeada e fechada, e apenas frouxamente esclarecida por uma clarabóia do teto. As paredes, nuas de alto e baixo, tinham uma côr sinistra de osso velho. Em uma delas havia um grande nicho com a imagem da Virgem da Conceição, quase de tamanho natural; a um dos cantos, uma negra estante, tôscamente feita, pejada de grossos alfarrábios amarellecidos pelo tempo; no centro, uma mesa de madeira escura com um breviário em cima, ao lado de uma candeia de azeite, um pedaço de pão duro, e um cilício de couro; junto à mesa, um banco de pau.

ALUÍSIO DE AZEVEDO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:17)

Texto nº 19

EVOCAÇÃO MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia poucas flôres. Eram flôres de horta.
 Sob a luz fraca, na sombra esculpida
 (quais as imagens e quais os fiéis?)
 ficávamos.
 Do padre cansado o murmúrio de reza
 subia às tábuas do fôrro,
 batia no púlpito sêco,
 entraiava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
 perdia-se.
 Não, não se perdia...
 Desatava-se do côro a música deliciosa
 (que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte,
 [nas campinas do ar])
 e dessa música surgiam meninas—a alvura mesma—
 cantando.
 De seu pêso terrestre a nave libertada,
 como do tempo atroz imunes nossas almas,
 flutuávamos
 no canto matinal, sôbre a treva do vale.

Descrição
estáticaDescrição
dinâmica

Fonte: ANDRADE (1969:181,182)

Texto nº 20

Tipo: Descrição estática (presente e passada) - Veja trechos marcados.

Quatro séculos após a queda do império inca, esta cidade antiga e sagrada ainda tem o poder de encantar e espantar.

SOPHY BURNHAM

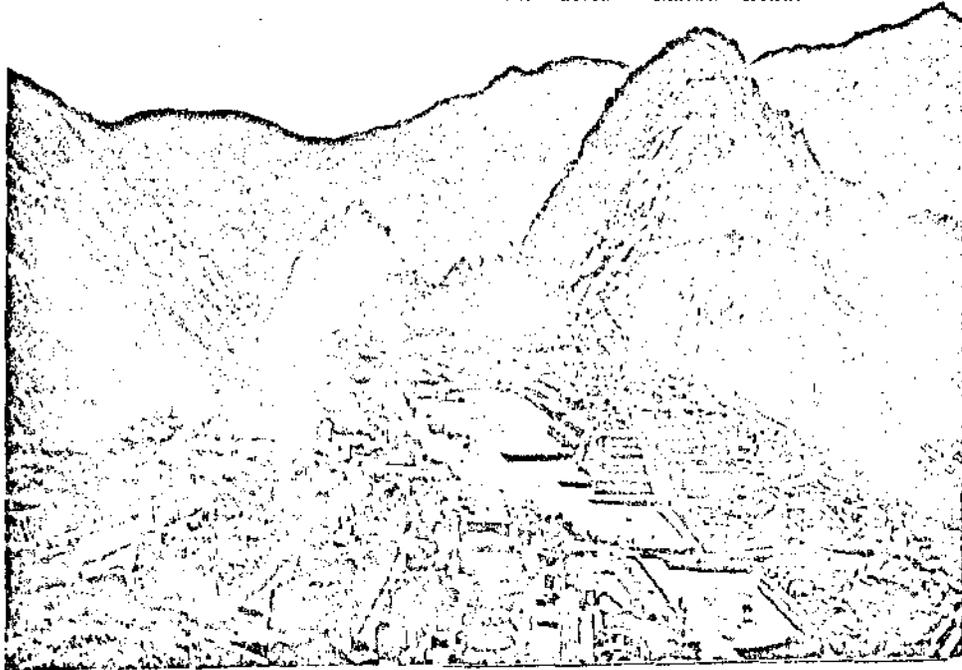
O milagre de Machu Picchu

UM DOS PONTOS mais misteriosos do mundo anterior a Colombo é Machu Picchu, a cidade perdida dos incas. Situa-se na elevada cordilheira dos Andes peruanos. Ali, às vezes, um condor com asas que chegam a atingir os 3 m flutuam no ar, como que suspenso, e depois eleva-se, paira e desaparece por entre as nuvens. Seiscentos metros abaixo, as águas densas do Urubamba comprimem-se numa garganta estreita em forma de U.

Descrição estática presente

Hoje, deixou de ser mistério quando e como Machu Picchu foi construída, mas ainda persistem lendas sobre seus habitantes, suas cerimônias e hábitos. As culturas do Peru remontam ao ano 2500 a. C. Os incas datam de há 800 anos; mas foi

Vista aérea de Machu Picchu.



Descrição estatística passada

só no século XV que o nono inca (rei), Pachacútec, e seu filho, Tupac Yupanqui, conquistaram um império com mais de 3 milhões de metros quadrados, que se estendia do Suldoeste da Colômbia até a parte central do Chile e o Noroeste da Argentina. No centro do império ficava a capital, Cuzco.

O povo inca desenvolveu uma agricultura



O relógio de sol de Machu Picchu, que auxiliou os incas nas observações astronômicas e na determinação de datas.

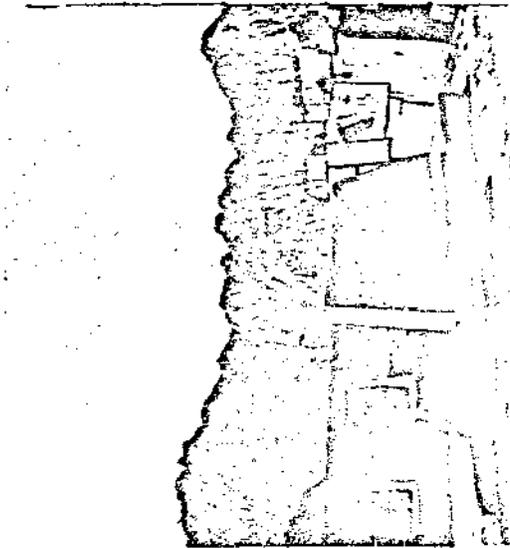
O Templo das Três Janelas, erigido em enormes rochedos.

cultura sofisticada e foi notável nos domínios da tecelagem, da cerâmica, da matemática, assim como na engenharia. A rede de estradas era de tal forma admirável que estaferas podiam transportar peixe do Pacífico, através de desfiladeiros 4000 m acima do nível do mar, e servi-lo fresco à família real. Pontes atravessavam rios e fortalezas militares enclavam os cumes das montanhas.

No entanto, esta civilização não possuía registros de escrita conhecida

dos, a não ser um dispositivo simples, composto por cordões com nós, denominado *quipus*, que servia para fazer contas. Não havia ferro, nem arco, nem roldana, nem roda. Isso não obstante, suas intempestivas construções monolíticas à prova de sismos ainda se elevam aos céus nos dias que correm.

Como conseguiram arrastar essas



Descrição estatística presente

pedras de pedreiras situadas a mais de 25 km de distância, através de montanhas que se elevam quase na vertical? Em Sacahuaman, a enorme fortaleza à saída de Cuzco, a pedra maior pesa mais de 300 toneladas e eleva-se a cerca de 8 m. Blocos de granito cinzento, tão lisos como se fossem pérolas, encaixam tão perfeitamente uns nos outros, sem cimento, que é impossível introduzir entre eles a lâmina de uma faca.

Quando os espanhóis saquearam o

Peru no século XVI, mantiveram como refém o imperador Atahuaipa até que, numa sala do palácio, um nível de altura maior do que ele de pé ficasse cheio de ouro. E mesmo assim, mataram-no a seguir. Em 1577, o último inca, Tupac Amaru, foi assassinado, os templos saqueados, o ouro roubado e igrejas católicas foram construídas em cima das muralhas incas.

Só uma cidade ficou intata. Era tão sagrada (e secreta) que não foi permitido a nenhum conquistador vê-la nem ouvir falar dela. Por fim, o último dos seus habitantes morreu. A selva verde apoderou-se dela, que ficou coberta por um emaranhado de trepadeiras até que, em julho de 1911, o explorador americano Hiram Bingham a descobriu. Hoje, ela tem simplesmente o nome de Machu Picchu, ou seja, Montanha Velha, designação que proveio do enorme picocinzento que domina do Sul a cidade.

Até a década de 50, todos os visitantes alcançavam a cidade montados em mulas. Os mais corajosos e bem preparados ainda o fazem, levando consigo mantimentos suficientes para atravessarem os antigos caminhos incas durante uma semana. Mas a maioria das pessoas viaja hoje de helicóptero, trem ou ônibus. O número de visitantes é cada vez maior: mais de 200 000 pessoas visitaram esta montanha no ano passado e o número é de tal forma elevado que o governo peruano e a UNESCO estão preocupados porque as pedras estão se desgastando

e deteriorando, como resultado do peso de tantos pés e de chuvas violentas.

As autoridades peruanas estão tomando medidas com vista à preservação deste monumento arqueológico. O local está em manutenção permanente e os turistas são guiados por tabuletas através de caminhos específicos. No próximo ano, um vasto plano



Uma rua típica de Cuzco, onde edificações coloniais estão sobre as ruínas de sólidos muros incas.

de preservação, apoiado por vários países-membros das Nações Unidas, será levado a cabo por uma comissão de arqueólogos e ecologistas.

Para se chegar rapidamente a Machu Picchu, pega-se o avião de Lima para Cuzco. Após uma hora de voo,

Descrição estatística passada

sai-se do avião, a uma altitude de 3400 m, onde se respira com dificuldade.

Será a altitude, a pureza do ar, que tornam tão bonita esta cidade, a capital arqueológica da América Central (cerca de 220 000 habitantes), com seus telhados de terracota e arcadas espanholas? Terá sido a escassez de oxigênio que me fez ser conquistada pela glória dos montes circundantes, com giestas amarelas e tremoços azuis brilhando na erva verde? Meus olhos eram incapazes de absorver tamanha luminosidade. O céu, de um azul-vítreo, parecia duro como uma pedra. Os vales eram magníficos. Senti que Deus deve ter tido uma alegria especial ao criar aqueles montes. As ervas pareciam incandescentes, reluzindo com luz interior. Os eucaliptos azul-prata vislumbravam-se, irradiando luz.

Um antigo trenzinho, seguindo por trilhos serpenteantes — o trem de mercadorias —, sai de Cuzco para Machu Picchu. Lá vai ele, montanha acima, agarrando-se ao monte, de um lado para o outro, em ziguezagues, para então iniciar a descida até a superfície plana. Corte pelas planícies férteis da província de Anta e, a seguir, pela garganta escuta do rio Urubamba, cujos rápidos alargam-se através da América do Sul, indo desaguar no Atlântico, cerca de 6500 m mais adiante. Em ambas as margens, elevam-se montanhas escarpadas, cobertas por lindíssimas orquídeas suspensas e demais vegetação luxuriante.

Em 1911, Hiram Bingham, mon-

tado numa mula, levou cerca de sete dias para percorrer os inóspitos 113 km que separam Cuzco de Machu Picchu. Atualmente, a viagem de trem demora três horas e meia.

Machu Picchu encontra-se a uma altitude de 2690 m, menos 710 m que Cuzco, de modo que os problemas respiratórios deixam de se fazer sentir. Quando a viagem termina, uma dúzia de ônibus sobe a serpenteante estrada montanhosa. São necessários quase 20 minutos para atingir o cume.

Quando saí do ônibus, comeci a andar sozinha e fui me sentar no terraço. Abaixo de mim, a montanha descia até o rio agitado. Os três enormes picos verdes da Huayna Picchu (montanha nova) elevavam-se na sua imponente forma triangular. A atmosfera era calma e agradável. Senti-me invadida por uma sensação de santidade e serenidade que me surpreendeu, pois na minha passagem de trem havia impressa uma descrição desta cidade como sendo uma fortificação militar. Tentei imaginar-me na pele de um soldado inca, em guarda contra um inimigo — mas em vão. Neste lugar, só conseguiria sentir a aura do sagrado. Quis permanecer absorta para sempre, sentir o ritmo da montanha a cobrir-me como uma vaga do mar. Não há palavras que descrevam adequadamente o magnetismo da montanha, a pulsar com um fluir quente e radioso. Senti-me lavada por ondas de paz e — sei que parece absurdo — invadida por um amor sem limites.

Mais tarde, meu grupo de excu-

sionistas sentou-se num muro. Almoçamos e ouvimos o guia, um professor de arqueologia, falando da história e do significado desta cidade, na qual 1000 virgens eleitas se dedicavam a servir o Sol. Aqui fica o Torreão Militar, com seu extraordinário muro curvilíneo ao longo do rochedo natural onde se situa. Há também o relógio de sol ou «posto de amarração do sol», onde os sacerdotes incas «amarravam» aquela estrela em todos os solstícios de inverno, para puxarem-na de novo para o Sul, para eles. Está gravado numa laje e cada extremidade aponta com a exatidão de uma bússola para norte, sul, leste e oeste.

Nuvens aproximaram-se e começou a chover. Passado pouco tempo, era um dilúvio e as pessoas dispersaram-se em busca da proteção inútil das paredes sem teto. Os guias, alheios às chuvaradas, prosseguiram

as visitas: chove freqüentemente em Machu Picchu. E, no entanto, a sensação de exaltação persistia, as ondas de amor continuavam a elevar-me — até onde? Para além de mim própria. Será que mais alguém sentia o mesmo que eu?

Jovens apaixonados abraçavam-se, procurando abrigo sob um rochedo saliente. Outros, amontoavam-se numa pequena cabana, no pico mais alto. Parou de chover.

À volta da cidade instalou-se uma neblina fina e branca, que começou a penetrar nos terraços, que se espalhou sobre o relógio de sol e se aproximou silenciosamente dos montes, lambendo as paredes do templo. Envolveu o altar dos sacrifícios e obscureceu as construções humanas numa nuvem espessa.

A cidade sagrada estava agora oculta para além do que a nossa visão humana podia alcançar.

© 1980 DE SOPHY BURHAM. CONDENSADO DE «RÉALITÉS» (JULHO/AGOSTO DE 1980), HORSHAM, PENNSILVANIA
FOTOS: BOB SCHALKWIJK



Fonte: Seleções do Reader's Digest, Tomo XXXVII,

nº 218. Julho/1989: 51-55.

Descrição está-
tica passada

Descrição está-
tica presente

Descrição está-
tica presente
-
estática
passada

Texto nº 21

CAPÍTULO III (fragmento)

(Érico Veríssimo, *Olhai os Lírios do Campo*)

.....
Era setembro. Naquela manhã de domingo, sentado na soleira do portão do internato, Eugênio sentia como nunca as mudanças que se haviam operado no seu corpo e na sua vida, depois que ele completara quinze anos. Sim, não existia a menor dúvida: estava ficando homem. Agora se examinava com freqüência ao espelho — de longe, de perto, de soslaio — com fúria de analista obstinado. Achava-se feio e rude, e isso o angustiava. Deus bem lhe podia ter dado outra fisionomia, já que não lhe dera riqueza. Rebentavam-lhe espinhas no rosto, no pescoço, nas costas: era também primavera no seu pobre corpo de adolescente. O buço apontava forte, sombreado-lhe o lábio superior. Uma nuvem de estranheza e selvagem desconfiança lhe velava os olhos, que não conseguíam fixar-se por muito tempo no rosto das outras criaturas. Andavam quase sempre entrecerrados, eram torvos e davam àquelas feições uma expressão quase imbecil.

Com surda cólera Eugênio contemplava a imagem do espelho. Era como se estivesse diante dum inimigo — inimigo perigoso que lhe conhecia todos os segredos, todos os pecados, até os mais sórdidos e escondidos.

O pior de tudo, porém, era a voz. Soava de ordinário velada e rouca, decia inesperadamente às notas mais graves para de repente saltar em guinchos desafinados, voltando quase sem transição para o tom profundo que no fim das frases se esfarelava num ronco. Essa era uma de suas maiores fontes de inquietação e de vergonha. Quando tinha de ler em aula algum trecho em voz alta, sofria horrores. Os colegas riam dele e até os próprios professores às vezes não conseguiam ficar sérios. E por isso Eugênio se fazia mais calado do que era.

Por que tudo nele era feio e desagradável? Por que tudo quanto lhe pertencia era desajeitado e sem graça, desde as pobres roupas que o pai lhe fazia até o corpo que Deus lhe dava?

Eugênio sentia a nostalgia da beleza e talvez fosse por isso que sua paixão por Miss Margaret, a filha do diretor do colégio, era tão grande, tão infeliz e desesperançada.

Sim, pensava Eugênio, ele estava ficando homem. Sentia como nunca o corpo e agora tratava de descobrir que misteriosa relação podia ter a primavera com os seus desejos e com a sua ânsia.

Texto nº 22

QUARTO DE MOÇA

Rubem Braga

ALGUÉM me fala do apartamento em que você morou em Paris, em uma pequena praça cheia de árvores; outra pessoa esteve em sua casa de Nápoles; eu me calo. Mas, eu conheci seu quarto de solteira. Era pequeno, gracioso e azul; ou é a distância que o azula na minha lembrança? Junto à janela havia uma grande amendoeira antiga; às vezes o vento levava para dentro uma grande folha cor de cobre — gentileza da amendoeira. Que tinha outras: pássaros, quase sempre pardais, às vezes um tico-tico, ou uma rolinha, ou um casal de sanhaços azulados. E no verão, como as cigarras zintam! Lembro o armário escuro e simples, onde cabiam seus vestidos de solteira, que não eram muitos; e lembro alguns deles, um roxinho singelo, um estampado alegre, de flores, um outro de linho grosso, cor de areia. Havia uma pequena estante; e, entre os livros, o meu primeiro livro, com uma dedicatória tímida. Na parede, uma fotografia, uma imagem de santa, e uma reprodução de Piero della Francesca, não era?

Era simples, seu quarto de menina e de moça; mas tinha uma graça leve e singela, e você o amava. Dali partiu para tantas outras casas e hotéis em outras cidades do mundo, e um dia soube que haviam derrubado sua casa. Contaram-me, achando graça, você chorou quando teve a notícia, chorou como se tivesse perdido pai ou mãe, alguém muito querido. Contaram-me, achando graça — e eu não disse nada, mas me comovi.

Nossa amizade se perdeu no acaso das viagens; outros homens sabem muito mais sobre você, viveram sua alegria e seu sofrimento; de mim você terá apenas uma lembrança distante e, espero, boa. Mas, se um dia você se sentisse vazia e sem apoio, e achasse as coisas tão sem sentido, eu imagino que você gostaria que eu reconstruísse no ar, como um presente, um presente para proteger e embalar você, o seu pequeno quarto azul que não existe mais.

Conheci seu quarto de solteira; lembro a cama, o armário, a estante, a cômoda, a mesinha, o abajur e o grande espelho. O grande espelho onde às vezes, ainda mocinha, vinha do banho, você se olhava demoradamente — pensativamente — nua.

Setembro, 1959

Fonte: BRAGA (1980:243,244)

Texto nº 23

UMA RUA COMO AQUELA

Era uma rua sem saída, muito simpática e limpa, de calçada tão estreita como uma passarela. Quem ali entrou, se não fosse morador, era para fazer visita ou entregar encomendas. Assim não havia gente transitando, nem automóveis em disparada, um sossego para as mães daquela rua sem saída.

Começava numa outra de grande movimento, a Rua do Governador, e tinha exatamente cento e cinquenta metros de comprimento, sendo que sua largura nunca alguém teve a curiosidade de medir, mas se dois automóveis encostados à calçadinha, um de cada lado, um terceiro passaria com dificuldade entre ambos. Por isso, seus moradores usavam recolher os carros sempre que chegavam, e assim, ela vivia maravilhosamente desimpedida para andar-se de bicicleta ou passear carrinhos de bebê.

A rua terminava num larguinho onde, com facilidade, os automóveis faziam a curva e voltavam; no centro havia um canteiro de gerânios vermelhos e uma árvore de rala galharia que os entendidos diziam ser um pau-brasil, ali, a despestar sentimentos patrióticos.

Atrás deste larguinho, bem de frente para a rua, ficava o castelinho, uma casona de ar pretensioso, até com torre, mas espremida num terreno pequeno e por isso chamada por muitos de peru no pires. Tinha o telhado enegrecido como o dorso de um elefante, sem antena de televisão e suas paredes pedindo nova caiçação, lembravam o casco dum navio arrancado às profundezas do mar. Era a casa mais velha da rua e contrastava com as outras tão limpinhas, como roupa encardida, pendurada entre peças alvejadas.

Lucélia Junqueira de Almeida Prado.

FONTE: SOARES e BALSELLS (1980:28)

O 'canyon' gaúcho de Fortaleza

VALCI ZUCULOTO

Imagine-se num dos topos de uma serra que termina abruptamente, recortada por uma imensa fenda de quilômetros de extensão. O desfiladeiro guarda preciosidades como cascatas, penhascos rochosos escaldados por vegetação verdíssima, matas nativas. E, bem ao longe, também é possível avistar o litoral.

Para chegar lá, basta subir até a região gaúcha dos Aparados da Serra (o final de um dos extremos da Serra do Mar) e visitar o desfiladeiro de Fortaleza (as gigantescas formações rochosas parecem uma fortificação medieval). Praticamente inexplorada, Fortaleza mantém a natureza intacta e completamente agreste.

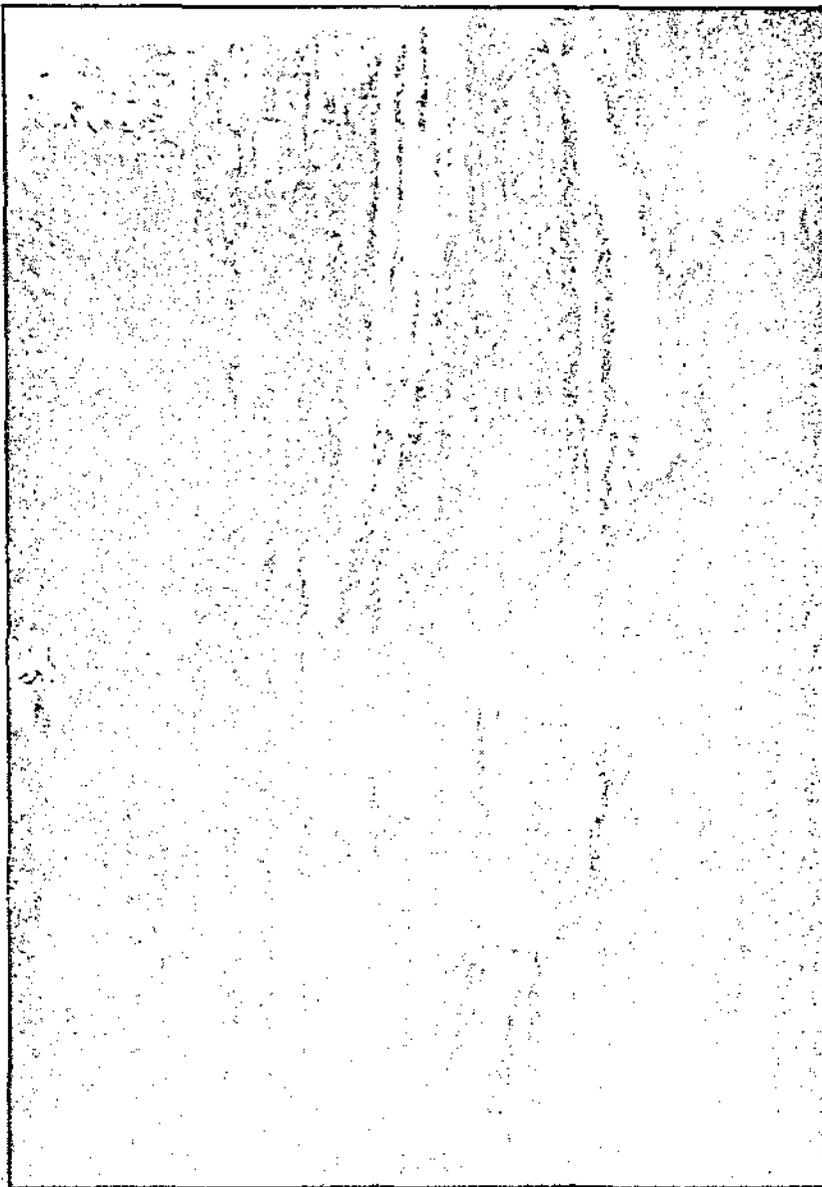
Seu abismo chega em alguns pontos a mil metros de profundidade. Ao longo do desfiladeiro, a natureza apresenta maravilhas como as quedas d'água, com destaque para a cascata Três Quedas, com 600 metros de altura. A vegetação é de plantas exóticas, como a abóbora do diabo, com

folhas de até um metro de diâmetro.

Os que conhecem a Fortaleza dizem que sua beleza é indescritível. Mas não custa tentar descrevê-la. Uma das maiores atrações é a Pedra do Segredo, um bloco monolítico de cinco metros de altura que se equilibra sobre uma desgastada base. Para se chegar até a pedra, é preciso andar cerca de meia hora bem junto ao penhasco e atravessar um rio.

Andar pela Fortaleza é uma aventura, mas os que se arriscam são recompensados. Trata-se de um lugar com paisagem privilegiada; junto com um outro canyon localizado nas proximidades (o Itaimbezinho), a Fortaleza forma uma dos mais belos e impressionantes desfiladeiros da América Latina.

Só não se arrisque a sair pela Fortaleza quando ela está encoberta pela névoa. Se for surpreendido pela neblina, fique parado, não tente caminhar e aguarde até que ela desapareça, para não cair nos precipícios.



A cascata Três Quedas, com 600 metros de altura, é atração da região

Texto nº 25

II. — O CAVALO SERTANEJO

O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a tôdas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e êle o estima e trata com o maior carinho. O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma vez aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois as pálpebras murcham numa sonolência lassa. É ativo e parece ronceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, alonga-se, encurta-se, pula de lado, faz prodígios. É necessariamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos-do casco à cernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quase sem beber. Num dia faz quinze léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente. É manso; quando o cavaleiro cai, pára ao lado.

GUSTAVO BARROSO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:85)

Texto nº 26

Trechos do "Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG"

ASPECTOS GERAIS

Belo Horizonte é a terceira mais populosa cidade do País, com 2,5 milhões de habitantes. Sua Região Metropolitana, conta com mais de 12 cidades, todas bem simpáticas e com muitos atrativos interessantes. Em Sabará, ainda hoje pode ser revivido o ciclo do ouro de Minas Gerais.

A cidade foi planejada para ser a capital de Minas Gerais, em substituição a Ouro Preto. Tem uma área de 335 quilômetros quadrados, sendo limitada ao Sul pela Serra do Curral, de onde se extraí um minério de ferro de primeira qualidade. Possui clima ameno o ano inteiro por causa de sua altitude média de 850 metros, com temperaturas que variam de 16 a 30 graus.

Quem visitar Belo Horizonte deve conhecer a arquitetura neo-clássica da Praça da Liberdade, o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, com as obras de Niemeyer, Portinari e Burle Marx, o Parque das Mangabeiras, e o acervo dos Museus de Mineralogia e Histórico, entre outros.

O bairro da Savassi reúne o comércio mais sofisticado da cidade e oferece uma agitada vida noturna, com boutiques refinadas e os melhores restaurantes, bares e boites da cidade. No centro, o Palácio das Artes, situado dentro do Parque Municipal, oferece um moderno teatro, cinema, exposições de artes plásticas e uma loja de artesanato.

Estes são alguns dos bons motivos para se conhecer Belo Horizonte, que está equidistante do Rio e São Paulo e é o portão de entrada para as cidades históricas, tais como, Ouro Preto e Mariana; para as grutas da Lapinha e Maquiné e Estâncias Hidrominerais.

ROTEIRO PAMPULHA • PAMPULHA ITINERARY • CIRCUIT DE PAMPULHA

A região da Pampulha reúne ao redor da lagoa e nas suas imediações um rico e variado conjunto de atrações turísticas, tanto pelo valor arquitetônico das obras de Niemeyer, Portinari, Ceschiatti e Burle Marx, quanto pela intensa atividade esportiva, cultural e recreativa representada pelo Mineirão, Mineirinho, bares e restaurantes.

JARDIM ZOOLOGICO

ZOO

JARDIN ZOOLOGIQUE

Av. Otacílio Negrão de Lima, s/nº - Pampulha - F.: 441.2531 - Horário: 4ª a dom, de 7h30m às 17h30m.

Ocupando uma área de 1 milhão de m², o Zoológico de Belo Horizonte é hoje um dos maiores e mais completos do País. Seu plantel de aves, mamíferos e répteis é um dos mais variados, reunindo cerca de 200 espécies de animais da Europa, América do Norte, Ásia, África e Oceania, além de toda a fauna brasileira. À disposição do usuário imensa área de piquenique, praças, jardins e um amplo restaurante. Tudo no meio de muito verde.

MUSEU DE ARTE DE BELO HORIZONTE**BELO HORIZONTE ART MUSEUM****MUSÉE D'ART DE BELO HORIZONTE**

Av. Otacílio Negrão de Lima, 16 585 - Pampulha - F.: 443.4533 - Horário: diáritam. de 8h às 18h.
 Primeiro dos projetos de Niemeyer para o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, o antigo Cassino
 possui variado acervo de pinturas, gravuras, desenhos, esculturas, tapeçarias e cerâmicas.

CATEDRAL DE N. SRA. DA BOA VIAGEM**NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM CATHEDRAL****CATHÉDRALE N. SRA. DA BOA VIAGEM**

R. Sergipe, 175 - Centro - F.: 222.2361.

Construída em estilo gótico, no local onde existia a matriz barroca de N. Sra. da Boa Viagem do anti-
 go Arraial do Curral D'EL Rey. Abriça vitrais de grande beleza e altar-mor em mármore Carrara tra-
balhado.

CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA PRAÇA DA LIBERDADE**PRAÇA DA LIBERDADE ARCHITECTURAL COMPLEX****ENSEMBLE ARCHITECTURAL DE LA PLACE DE LA LIBERTÉ**

Final da Avenida João Pinheiro.

Com jardins, coreto, repuxos, fonte luminosa e estátuas em mármore de Carrara, a Praça da Liber-
 dade localiza-se em frente ao Palácio do Governo, sendo cortada por dupla fileira de palmeiras im-
 periais. Cercando a Praça, construções neoclássicas datadas da época da transferência da capital,
abrigam várias Secretarias do Estado. O Palácio da Liberdade sintetiza, melhor que qualquer outro,
 as idéias, inclinações, modismos e gostos arquitetônicos da época, reunindo, assim, todas as carac-
 terísticas neoclássicas que influenciaram o gosto brasileiro, desde a chegada da Missão Francesa
 ao Brasil. As atividades desenvolvidas neste amplo espaço são diversificadas, abrangendo Feiras
 de Arte e Artesanato (5ª e dom.), Feira de Flores (6ª), Feira de Antiguidades, Comidas Típicas e
 Afeliet Aberto (sábado), além de atividades culturais variadas.

MAQUETE DE FERREOMODELISMO**MODEL RAILWAY****MAQUETTE FERROVIAIRE**

Prédio da Estação Ferroviária - Praça Rui Barbosa, s/nº - 2º andar - Centro. Horário: 4ª de 20h às
 22h, sáb. de 14h às 18h.

Construída pela Associação Mineira de Ferreomodelismo a maquete foi iniciada em maio de 1982.
 A estrutura ocupa 30 m² de área, possui 135 metros de trilhos flexíveis, pátio de manobra, diversos
 ramais para indústrias e oficinas, pontes e túneis que possibilitam a operação simultânea de 2 com-
 posições sem interferência, ou até 6, com isolamento de trechos. Elementos paisagísticos (aciden-
 tes geográficos, cobertura vegetal, estradas, pontes, etc.) enriquecem a mini-ferrovia.

Fonte: Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG. Belo Hori-
 zonte, julho de 1989:5-9.

Texto nº 27

Jogo geométrico para crianças e adultos

Lance final — Jogo para dois jogadores, fabricado pela Manufatura de Brinquedos Estrela S.A.

Os leitores que gostaram dos pentaminós (SUPERINTERESSANTE número 9, ano 3) vão adorar *Lance Final* um jogo rápido, inteligente e baseado integralmente em formas geométricas — no caso, formas geradas a partir de um módulo hexagonal. O equipamento do jogo consiste em um tabuleiro e dois conjuntos de peças, um azul, que fica com um dos jogadores, e outro branco, que fica com o adversário. Cada conjunto é composto de treze peças, formadas com um número variável de hexágonos adjacentes. Há peças com um, dois, três e quatro hexágonos. O tabuleiro contém oito áreas, cada uma das quais abriga espaço para certo número de módulos hexagonais.

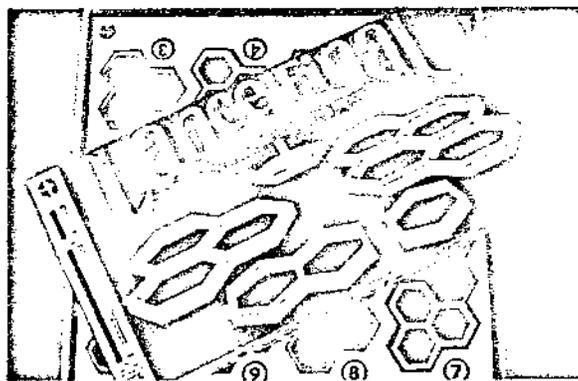
A mecânica do jogo é simples e eficiente: os jogadores se alternam

colocando uma peça por vez, à sua escolha, em qualquer uma das áreas. Aquela que fizer o lance final para completar uma área, isto é, terminar de preenchê-la, ganha tantos pontos

Então o vencedor será o que tiver o maior total de pontos. A primeira vista parece um bom negócio ocupar logo de saída as áreas menores com as peças maiores, mas algumas partidas (e algumas derrotas) logo ensinarão que as coisas não são assim tão simples: as peças grandes têm um grande poder de fogo na luta pelas áreas mais valiosas do tabuleiro.

Lance Final proporciona uma agradável oportunidade para o exercício do raciocínio geométrico, pois requer constante avaliação das rotações e translações das peças disponíveis. Suas regras fáceis e sua curta duração permitem que adultos e crianças divirtam-se conjuntamente com um bom nível de

interesse comum. Quanto ao aspecto físico do produto, cabe elogiar o bom nível das peças plásticas — sem rebarbas, bonitas e duráveis. Um único reparo: o tabuleiro podia ser um pouco mais espesso, fazendo justiça à boa qualidade das peças.



quantos forem os módulos daquela área. Para registrar isso, ele coloca um tampão de sua cor num dos módulos. Em seguida, ganha o direito de jogar de novo. E assim o jogo prossegue até que nenhum dos dois consiga instalar mais nenhuma peça.

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº 10. São Paulo, Abril, outubro de 1989:86.

Texto nº28

LIÇÃO SOBRE O FUTURO

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 130. Caderno "Viagem".

Rio de Janeiro, 16/08/1989:7

Ver pp. seguintes:

OBS.: Os trechos de descrição são marcados por uma chave.

Lição sobre o futuro

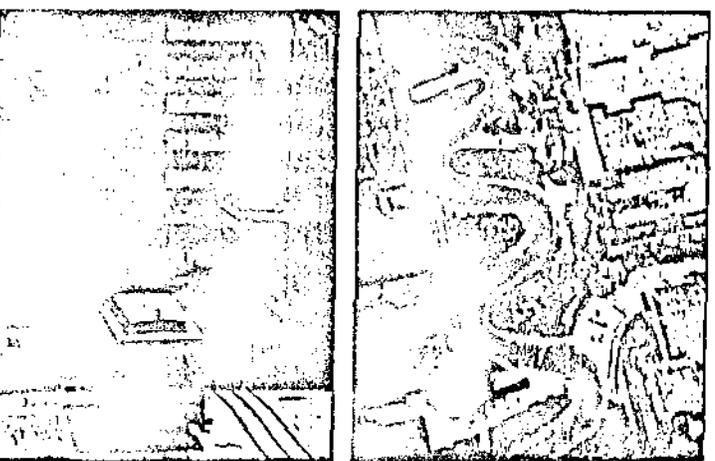
São Francisco demonstra que uma cidade pode crescer sem envelhecer

José Castello

São Francisco, Califórnia, não parece fazer parte da América. Não da América do Sul, evidentemente, sempre há corria, que fascina o imaginário ocidental. O turista que chega via Los Angeles — o caminho mais comum para os brasileiros — não acredita no que vê. Los Angeles é uma cidade bela mas mobstruosa, construída sobre o medo dos terremotos, que a transformou numa fina e imensa mancha de auto-estradas, elevadas, lambeiros e concreto a se confundir com o horizonte. O turista de primeira viagem que desembarca no movimentado LAX — o imenso aeroporto onde os aviões pousam em fila como se estivessem numa panqueca de diversões — sente logo necessidade de perguntar: — Onde começa a cidade? Já chegaram? Los Angeles, com suas ruas desviantes tomadas por engarrafamentos, parece não começar nunca, a sensação é a de que estamos eternamente em trânsito rumo a cidade que nos espera. São Francisco é sua antítese: pequena, contida pelo contorno anual de sua baía, a cidade está bem viva em suas ladeiras íngremes, seu mar extraordinariamente opaco, os cidadãos sempre nas ruas — donos de sua cidade.

Quem chega à noite, vê o perfil iluminado da cidade em torno da baía e o Golden Gate, a maravilhosa ponte que se tornou símbolo de São Francisco, como um portal, aberta na encruzilhada do mar. Logo se entende São Francisco: a ponte não está ali apenas para servir aos automóveis, mas para ser bela. Em contraste com a pragmática Los Angeles, que o retrato oficial da América, está construída para a utilidade e não para a beleza e parece ter sido roubada de uma peça de Ham Shepard — o dramaturgo do provérbio e do vazio — São Francisco se apresenta diante da ponte imponente. Tudo nos faz esquecer a monstruosidade autuosa de Los Angeles ou o gigantismo tonto de Nova Iorque, retrato oficial do país: os bondinhos desfilam pelas ladeiras com turistas dependurados nas escadas, a arquitetura em estilo inglês, o vento gelido que sopra e exige ao menos um suéter mesmo nos dias mais ensolarados do verão, as ruas floridas de lírios, as cafés, shops reconhecíveis que agenciam o toque europeu, a vista da baía desde o The Embarcadero. No entanto, estamos a cinco horas de voo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali.

Um cartão de deslizado logo faz a fantasia: São Francisco é o Rio que deu certo. Expõe-nos, entre o mar e a montanha, a cidade de fato lembra o Rio, não de hoje. A coisa era, nos anos 50 o novo Rio tiveram dado uma subida de campo,



Indicações

Como chegar: Não existem voos diretos do Brasil para São Francisco. Tente a Varig como a Japan Air Lines (via São Paulo e Rio) para Los Angeles. Há mais barato, porém, se via Nova Iorque ou Miami (as opções serão com o São Paulo, Pan Am e Aerolíneas Argentinas) e de lá buscar um voo doméstico para São Francisco. Atenção: sei muito mais barato comprar a passagem desta via doméstica aqui no Brasil. No aeroporto, não é preciso tomar taxi: há um excelente serviço de ônibus refrigerados e um serviço igualmente competente de ônibus comuns que funcionam até as 23h30 de manhã.

Onde ficar: Fairmont Hotel

and Tower, 80 Mason Street, tel. 830-527-477. O mais famoso hotel de luxo da cidade.

Hotéis InterUnion Square, 601 Sutter Street, tel. 330-456-5223, Caro.

Savoy, 340 Geary Street, tel. 800-827-8355. Preço moderado e próximo à região dos bancos.

Passelos: Há dois tipos de passelos de carro bons pela ilha de São Francisco, ligando a cidade às outras cidades próximas. Viagem de aproximadamente uma hora. Vários horários.

Orient-Date: Linhas comuns de ônibus ligam esta cidade localizada à entrada da Golden Gate. O ônibus atravessa a ponte e pára para visitar a vista. Ir

agradado, porque o vento é muito frio.

Restaurants: Stars, 100 Redwood Alley entre a Golden Gate Avenue e a McAllister Street. Cozinha francesa. Caro.

Pasta Belle, Four Embarcadero Center entre Sacramento e Drumm Street. Cozinha italiana. Caro.

Zuni Cafe, 354 Market Street. Fritas do mar. Preço razoável.

Café Quadro, 100 Point perto do Embarcadero. Cozinha pizza, sanduiches e saladas. Barato.

Parques: Golden Gate Park, ao sul da Fulton Street até o Lincoln Way. Muito procurado, em especial aos domingos.

contido sua expansão, preservando seus casarões, crescido sim, mas com medo de se deformar. São Francisco, as vezes, não parece bem uma cidade: custampa a acreditar que ali sobrevivem uma rotina e um cotidiano reais. A cidade parece mais real num passeio de bicicleta pelo Victorian Park do que em algum prédio comercial da Van Ness Avenue.

Muitas peças estão em cartela nas ruas de São Francisco. O Chinatown mais antigo e mais famoso do planeta, que nos carrega para um cenário tomado por sedas, templos a-crescentes e luminárias coloridas, merece uma visita atenta. Ao contrário do bairro chinês de Nova Iorque, atravessado do camelão, bancas pelas calçadas, calçotes, pedras e verduras exóticas vendidas à luz do sol, o de São Francisco é mais encantador e correponde a uma mais exuberante dos seus vãos da imaginação do turista. Ali, o

Alguns momentos da marca registrada da cidade no mundo. Do Golden Gate (no alto) aos bondinhos e de inúmeras ladeiras (ao lado)

Orient é simulado com elegância em lojas atulhadas de óculos e cachinhos, restaurantes pequenos e decorados segundo as exigências do caráter oriental, vitrines que expõem a curiosidade e a compulsação à compra.

Um divertimento bobo mas delicioso pode ser experimentar os modelos inoperados de chapéus expostos à entrada das lojas de roupas; ou as roupas coloridas; remexer nas centas de bugiguanas chinesas; experimentar com o prego do artesanato em papel machê, seda ou palha. E, ao final, deixar registraloras, ou simplesmente não comprar nada — o que talvez seja mais adequado ao turista brasileiro de hoje. Uma boa rota pode serapanhar o metrô mais próximo do hotel e descer na estação Van Ness. O metrô de São Francisco é pequeno, delicado e limpo como o do Rio, com a diferença de que os trens têm apenas dois carros e, ao contrário do nosso, não separam muito antes dos trilhos. E de que todos têm nos carros do metrô: jornais, gravatas, e um especial livro, pois São Francisco é uma cidade-chave de literaturas onde as pessoas sentam no chão, diante da estante, para ler sem ter que pagar. Da Van Ness, o turista deveapanhar o cable car — o famoso bondinho da cidade — na estação terminal, que é simplesmente um trecho de praça onde o trilho dá uma volta sobre si mesmo. A fila continua por longe, e o turista

malta esporte desce três ou quatro quarteirões da Califórnia Street a pé, curtindo a vista sobre a Baía de São Francisco, e simplesmente pega o bondinho mata à frente, dependendo-se nos trilhos. O cable car anda em velocidade lenta e não acelera, não há qualquer perigo.

Outro cenário que guarda também o sabor original é o Japan Center. Não tem o mesmo charme do Chinatown, mas é excelente para compras. Descendo até o mar, depara-se com o Fisherman's Wharf, um imenso e velho mercado de madeira transformado em um conjunto de lojas, bares, restaurantes. Em São Francisco turística oficial, um cenário exuberante, pelo o vento constante balha ondas imensas e fantasmas exibidos no mar, guilhermes, alças e imitações das espetáculos gratuitos nas praças em troca de moedas em seus chapéus, e a originalidade das lojas deixa qualquer um, mesmo o turista mais avesso às peregrinações de consumo, extasiado. São Francisco, apesar das ladeiras, estimula as caminhadas por grandes avenidas como a Sacramento Street, ou por ruas estreitas, trançadas em flores, que também decoram pela cidade.

O turismo oficial condiz ao City Hall, a famosa Opera House, a Transamerica Pyramid. Os turistas menos ortodoxos, porém, têm outras opções, o bairro gay em torno do Castro Street, que surpreende pela ausência de afetação e lanchonetas; o bairro punk centrado na região mais interior da Vallejo Street, que nos dá a sensação de uma volta análoga aos anos 60; as ruas mais interiores tomadas pelos mexicanos, onde deve-se tomar cuidado, apenas, com o tempo excessivo das relações. São Francisco tem muitos anáforos em cartaz e nenhum deles deve ser perdido. E demais cidades que costumam a caminhadas intermináveis, em que o turista deve ter apenas um folgo razoável para as ladeiras e estar munido de agasalhos — em especial, de nylon — para enfrentar o vento.

Dito: Nova Iorque, a capital do mundo, também é assim. É verdade. Só que em São Francisco, cidade pequena que patina se proteger sempre das loucuras do progresso, a marca própria a cada grupo está mais preservada, as particularidades não desatrelam com o progresso. Ali as praças, planícies, o melhor lado do sonho americano — o espaço estranho a diferença a São Francisco — o espaço estranho a São Francisco tem um contínuo ar de festa. Para quem chegou de Los Angeles, grandiosa mas vazia, e talvez um pouco melancólica, São Francisco demonstra que o crescimento urbano, se bem ordenado, não exclui mais in-

Lição sobre o futuro

José Castello

São Francisco, Califórnia, não parece fazer parte da América. Não da América agitada, esfumaçada, sempre na correria, que fascina o imaginário ocidental. O turista que chega via Los Angeles — o caminho mais comum para os brasileiros — não acredita no que vê. Los Angeles é uma cidade bela mas monstruosa, construída sobre o medo dos terremotos, que a transformou numa fina e imensa manta de auto-estradas, elevados, luminosos e concreto a se confundir com o horizonte. O turista de primeira viagem que desembarca no movimentado LAX — o imenso aeroporto onde os aviões pousam em fila como se estivessemos num parque de diversões — sente logo necessidade de perguntar: — Onde começa a cidade? Já chegamos? Los Angeles, com suas ruas desertas tomadas por engarrafamentos, parece não começar nunca; a sensação é a de que estamos eternamente em trânsito rumo à cidade que nos escapa. São Francisco é sua antítese pequena, contida pelo contorno sensual de sua baía, a cidade está bem viva em suas ladeiras íngremes, seu mar estranhamente opaco, os cidadãos sempre nas ruas — donos de sua cidade.

Quem chega à noite, vê o perfil iluminado da cidade em torno da baía e a Golden Gate, a magnífica ponte que se tornou símbolo de São Francisco, como um portal, erguida na escuridão do mar. Logo se entende São Francisco: a ponte não está ali apenas para servir aos automóveis, mas para ser bela. Em contraste com a pragmática Los Angeles, que é o retrato oficial da América, está construída para a utilidade e não para a beleza e parece ter sido roubada de uma peça de Sam Shepard — o dramaturgo do provisório e do vazio — São Francisco se apequena diante da ponte imponente. Tudo nos faz esquecer a monstruosidade suntuosa de Los Angeles ou o gigantismo tonto de Nova Iorque, retrato oficial do país: os bondinhos descendo pelas ladeiras com turistas dependentes nas escadas, a arquitetura em estilo inglês, o vento gélido que sopra e extrai ao menos um suéter mesmo nos dias

mais ensolarados do verão, as ruas floridas e limpas, as *coffee shops* aconchegantes que acentuam o toque europeu, a vista da baía desde o The Embarcadero. No entanto, estamos a cinco horas de voo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali.

Um carioca deprimido logo fará a fantasia: São Francisco é o Rio que deu certo. Espremida entre o mar e a montanha, a cidade do fato lembra o Rio, não de hoje; é como se, nos anos 50 o nosso Rio tivesse dado uma guinada de rumo,

contido sua expansão, preservado seus casarões, crescido sim, mas com medo de se deformar. São Francisco, às vezes, não parece bem uma cidade; custamos a acreditar que ali sobrevivam uma rotina e um cotidiano reais. A cidade parece mais real num passeio de bicicleta pelo Victorian Park do que em algum prédio comercial da Van Ness Avenue.

Muitas peças estão em cartaz nas ruas de São Francisco. O Chinatown mais antigo e mais famoso do planeta, que nos carrega para um cenário tomado por sedas, temperos a-

cre-doces e luminárias coloridas, merece uma visita atenta. Ao contrário do bairro chinês de Nova Iorque, atravancado de camelôs, bancas pelas calçadas, calxotes, peixes e verduras exóticas vendidas à luz do sol, o de São Francisco é mais encantador e corresponde com mais exuberância aos vãos da imaginação do turista. Ali, o

Oriente é simulado com elegância em lojas atulhadas de ofertas e pechinchas, restaurantes pequenos e decorados segundo as exigências do caráter oriental, vitrines que exploram a curiosidade e a compulsão à compra.

Um divertimento bobo mas delicioso pode ser experimentar os modelos inesperados de chapéus expostos à entrada das lojas de roupas; ou os rou-

pões coloridos; remexer nas cestas de bugingangas chinesas; extasiar-se com os preços do artesanato em papel marchê, seda ou palha. E, ao final, deixar muitos dólares nas caixas registradoras, ou simplesmente não comprar nada — o que talvez seja mais adequado ao turista brasileiro de hoje. Uma boa rota pode ser apanhar o metrô mais próximo do hotel e descer na estação Van Ness.

O metrô de São Francisco é pequeno, delicado e limpo como o do Rio, com a diferença de que os trens têm apenas dois carros, e, ao contrário do nosso, sacolejam muito sobre os trilhos. É de que todos lêem nos carros do metrô: jornais, revistas, e em especial livros, pois São Francisco é uma cidade cheia de livrarias onde as pessoas sentam no chão, diante da estante, para ler sem ter que pagar. Da Van Ness, o turista deve apanhar o *cable car* — o famoso bondinho da cidade — na estação terminal, que é simplesmente um trecho de praça onde o trilho dá uma volta sobre si mesmo. A fila costuma ser longa, e o turista

mais esperto desce três ou quatro quarteirões da California Street a pé, curtindo a vista sobre a Baía de São Francisco, e simplesmente pega o bondinho mais à frente, dependendo-se nos trilhos. O *cable car* anda em velocidade lenta e não sacoleja, não há qualquer perigo.

Outro cenário que guarda também o sabor oriental é o Japan Center. Não tem o mesmo charme do Chinatown, mas é excelente para compras. Descendo até o mar, depara-se com o Fisherman's Wharf, um imenso e velho mercado de madeira transformado em um conjunto de lojas, bares, restaurantes. É a São Francisco turística oficial. Um cenário exuberante, pois o vento constante talha ondas imensas e franzidos exóticos no mar, guitarristas, atores e mímicos dão espetáculos gratuitos nas praças em troca de moedas em seus chapéus, e a originalidade das lojas deixa qualquer um, mesmo o turista mais avesso às peregrinações do consumo, extasiado. São Francisco apesar das ladeiras, estimula as caminhadas; por grandes avenidas como a Sacramento Street, ou por ruelas estreitas, trançadas em flores, que sobem e descem pela cidade.

O turismo oficial conduz ao City Hall, à famosa Opera House, à Transamerica Pyramid. Os turistas menos ortodoxos, porém, têm outras opções: o bairro *gay* em torno da Castro Street, que surpreende pela ausência de afetação e lan-tejoulas; o bairro *punk* centrado na região mais interna da Vallejo Street, que nos dá a sensação de uma volta esquisita aos anos 60; as ruas mais interiores tomadas pelos mexicanos, onde deve-se tomar cuidado, apenas, com o tempero excessivo das refei-

ções. São Francisco tem muitos cenários em cartaz e nenhum deles deve ser perdido. É dessas cidades que convidam à caminhadas intermináveis, em que o turista deve ter apenas um fôlego razoável para as ladeiras e estar munido de agasalhos — em especial, do nylon — para enfrentar o vento.

Dirão: Nova Iorque, a capital do mundo, também é assim. É verdade. Só que em São Francisco, cidade pequena que parece se proteger sempre das loucuras do progresso, a marca

própria a cada grupo está mais preservada, as particularidades não desaparecem sob o progresso. Ali se realiza, plenamente, o melhor lado do sonho americano — o respeito extremo à diferença e ao particular. Por isso São Francisco tem um contínuo ar de festa. Para quem chegou de Los Angeles, grandiosa mas vazia, e talvez um pouco melancólica, São Francisco demonstra que o crescimento urbano, se bem ordenado, não exclui, mas induz à felicidade.

Texto nº 29

I. — O MARECHAL FLORIANO

Caboclo do norte, homem de 44 a 46 anos de idade, de estatura mediana, cabeça bem conformada, testa larga, nariz grosso e reto, lábios grossos, cobertos de um bigode escasso, queixo rigorosamente escanhado, suíças imperceptíveis, duas rugas sensíveis e fortes, descendo das abas das narinas ao canto dos lábios, que lhe animam e adocam a fisionomia rude; olhos pardos, grandes, fundos e de extrema mobilidade, mal velados pelos cílios quase sempre baixos, eis em duas paletadas o aspecto do vice-presidente da República. Quase nunca aparece em público, e, quando o faz, veste sempre a sua farda de marechal do Exército, trazendo ao peito as medalhas de campanha ganhas no Paraguai. Em casa, de ordinário, as suas vestes habituais consistem na calça e no jaleco de brim, e camisa sem goma.

ALCINDO GUANABARA.

Fonte: OLIVEIRA (1965:70)

Texto nº 30

"O milagre de Machu Picchu"

(Ver trechos marcados no texto nº 20)

Texto nº 31

OBS.: Trechos descritivos marcados com chave.

veja página seguinte

Pelas ruelas e ladeiras de São Luís

Conhecida carinhosamente como "Ilha dos Amores", "Atenas Brasileira", "Cidade dos Azulejos" ou "Cidade de Porcelana", São Luís no Maranhão tem muito o que contar. Com uma área urbana pequena — 905 quilômetros quadrados —, esta ilha oferece dez praias para todos os gostos e três mil sobrados coloniais e velhos casarões históricos, o que acabou transformando-a em cidade monumento. Portanto, prepare-se para uma boa caminhada entre ruelas e ladeiras para descobrir, além da hospitalidade maranhense, toda a beleza e mistério desta ilha, ligada ao continente por duas pontes.

São Luís foi berço da tribo de índios tupinambás até 1612, quando foi fundada oficialmente por franceses comandados por Daniel de La Touche, em setembro do mesmo ano. Depois de ser invadida pelos portugueses em 1615 e tomada pelos holandeses em 1641, finalmente foram os portugueses que, em 1644, dominaram definitivamente o local deixando o legado dos palacetes com os azulejos portugueses de todas as cores, que naquela época tinham uma finalidade mais prática do que estética: proteger contra a maresia.

Os sobradões são belíssimos. A maioria tem sacadas e mirantes — usados antigamente para avaliar a carga de algodão à distância no porto — e todos são recobertos com telhas francesas. Com portais e janelas emolduradas em mármore de lioz ao lado das pedras de cantarias que recobrem grande número dos casarões, um passeio pelos becos e ruas da cidade é sem dúvida um convite mágico e fascinante.

Comece pelas ruas que formam o centro histórico da capital que fica na Praia Grande. É a parte mais antiga da cidade que abrange diversas

ruas como a do Trapiche, a da Estrela — onde fica o Cafuá das Mercês, o único mercado de negros ainda de pé no País e que atualmente funciona como museu —, a de Portugal e a da Direita, que cruza a Rua Formosa no Largo do Café. De lá para a Praça Pedro II é um pulo.

Subindo pelo Beco Catarina Nina, você encontrará o Palácio dos Leões, construído em 1776 e atual sede do Governo, e o Palácio de La Ravardière, onde já funcionaram a cadeia e a Casa da Câmara e, hoje, fica a Prefeitura. A Fonte do Ribeirão, com cinco carrancas de onde jorra água natural, possui três acessos as diversas galerias. Ah, assistir às apresentações folclóricas do bumba-meu-boi é atração obrigatória.

Preste atenção aos nomes curiosos das ruas e praças da cidade: Largo dos Amores, dos Remédios, da Paz, da Inveja, Formosa, Afogados e Beco de Prensa, entre outros, todos indicados em placas de azulejos nas esquinas. E é numa das mais curiosas — a Rua do Sol — que fica o Museu Artístico e Histórico do Maranhão, com 150 anos e dono de um acervo de valiosas e raras peças de arte sacra. Não se esqueça de visitar o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e o Museu do Folclore, na mesma região.

Até o fim de setembro, São Luís abriga a tradicional festa folclórica do bumba-meu-boi. Nela, os participantes "matam" os bois para satisfazer o desejo de "Mãe Catarina", mulher de "Pai Francisco", que desejou comer a língua do animal. Em São José do Ribamar, a 31 quilômetros de São Luís, a festa do santo que dá nome à cidade também é em setembro, mas só durante os dez dias de lua cheia. Portanto, aproveite para fugir do frio e rume para lá.

Fonte: O Globo. Ano LXV, nº 20.357. Caderno de Turismo. Rio de Janeiro, 17/08/1989:3.

Pelas ruelas e ladeiras de São Luís

Conhecida carinhosamente como "Ilha dos Amores", "Arenas Brasileira", "Cidade dos Azulejos" ou "Cidade de Porcelana", São Luís no Maranhão tem muito o que contar. Com uma área urbana pequena — 905 quilômetros quadrados —, esta ilha oferece dez praias para todos os gostos e três mil sobrados coloniais e velhos casarões históricos, o que a torna transformando-a em cidade monumento. Portanto, prepare-se para uma boa caminhada entre ruelas e ladeiras para desfrutar, além da hospitalidade maranhense, toda a beleza e mistério desta ilha, ligada ao continente por duas pontes.

São Luís foi berço da tribo de índios tupinambás até 1612, quando foi fundada oficialmente por franceses comandados por Daniel de La Touche, em setembro do mesmo ano. Depois de ser invadida pelos portugueses em 1615 e tomada pelos holandeses em 1641, finalmente foram os portugueses que, em 1644, dominaram definitivamente o local deixando o legado dos palacetes com os azulejos portugueses de todas as cores, que naquela época tinham uma finalidade mais prática do que estética: proteger contra a maresia.

Os sobrados são belíssimos. A maioria tem sacadas e mirantes — usados antigamente para avaliar a carga de algodão à distância no porto — e todos são recobertos com telhas francesas. Com portais e janelas emolduradas em mármore de luz ao lado das pedras de cantarias que recobrem grande número dos casarões. Um passeio pelos becos e ruas da cidade é sem dúvida um convite mágico e fascinante.

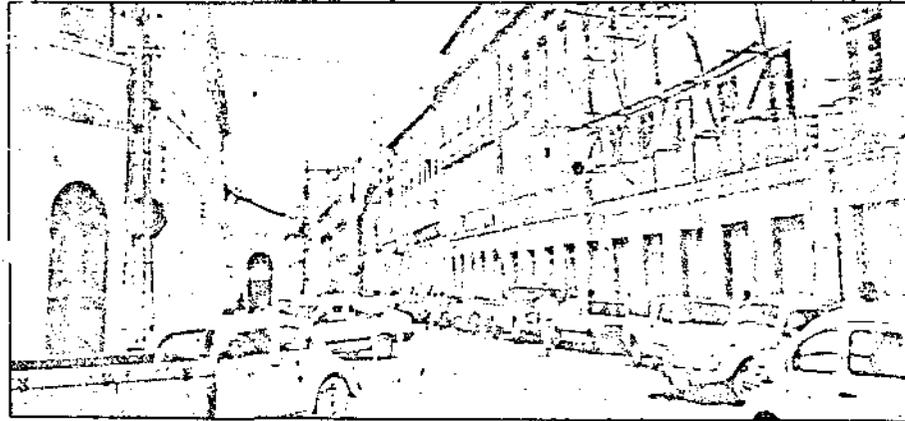
Comece pelas ruas que formam o centro histórico da capital que fica na Praia Grande. É a parte mais antiga da cidade que abrange diversas

ruas como a do Trapiche, a da Estrela — onde fica o Calçadão das Mercês, o único mercado de negros ainda de pé no País e que atualmente funciona como museu —, a de Portugal e a da Direita, que cruza a Rua Formosa no Largo do Carmo. De lá para a Praça Pedro II é um pulo.

Subindo pelo Beco Catarina Nina, você encontrará o Palácio dos Leões, construído em 1776 e atual sede do Governo, e o Palácio de La Ravardière, onde já funcionaram a cadeia e a Casa da Câmara e, hoje, fica a Prefeitura. A Fonte do Ribeirão, com cinco carrancas de onde jorra água natural, possui três acessos às diversas galerias. Ali, assistir às apresentações folclóricas do bumba-meu-boi é atração obrigatória.

Preste atenção aos nomes curiosos das ruas e praças da cidade: Largo dos Amores, dos Remédios, da Paz, da Inveja, Formosa, Alagados e Beco de Prensa, entre outros, todos indicados em placas de azulejos nas esquinas. É uma das mais curiosas — a Rua do Sol — que fica o Museu Artístico e Histórico do Maranhão, com 150 anos e dono de um acervo de valiosas e raras peças de arte sacra. Não se esqueça de visitar o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e o Museu do Folclore, na mesma região.

Até o fim de setembro, São Luís abriga a tradicional festa folclórica do bumba-meu-boi. Nela, os participantes "matam" os bois para satisfazer o desejo de "Mãe Catarina", mulher de "Pai Francisco", que desejou comer a língua do animal. Em São José do Ribamar, a 31 quilômetros de São Luís, a festa do santo que dá nome à cidade também é em setembro, mas só durante os dez dias de lua cheia. Portanto, aproveite para fugir do frio e rumo para lá.



Na parte urbana de São Luís, o turista pode passear por ruelas que oferecem mais de três mil sobrados e casarões



Azulejos: atração à parte na cidade

Texto nº 32

II. — O TAMANDUÁ-BANDEIRA

O tamanduá-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de pêlos compridos, bastos e dispostos em forma de leque, é um dos animais de mais força que temos em nossas matas. Pouco maior do que um cão de fila, tem a cabeça muito pequena em relação ao corpo, olhos tão minguados como os de um rato, focinho comprido, boca estreita e sem dentes, na qual se oculta a língua roliça, sumamente comprida. As suas mãos são guarnecidas de grandes unhas, os pés, muito semelhantes aos do homem, a ponto de muitas vêzes se confundirem seus rastos com os nossos. O corpo é envolvido em um couro grosso, resguardado por uma lâ basta, áspera, comprida, parda na barriga e negra pelo fio do lombo; da espádua direita desce uma pinta, mais clara do que o resto do pêlo e que termina pelo meio da barriga, semelhante a uma faixa. / Tão grande animal sustenta-se de formigas e de cupim, para o que cava as casas dêesses insetos, enfia no buraco a língua e colhe-a logo que nela se ajunta grande porção, e repete êste processo até que se farte. O mais curioso instinto dêste animal é o de deitar-se de barriga para o ar, abrir os braços para, engando os que não estão prevenidos, fazer com que cheguem perto, de modo a esmagá-los em um abraço infernal.

General COUTO DE MAGALHÃES.

Fonte: OLIVEIRA (1965:91,92)

Texto nº 33

III. — O VALE AMAZÔNICO

O vale amazônico, em tôda a vastidão do seu anfiteatro, é coberto de floresta. Clâmide verde, atenuadora dos raios luminosos, cheia de mistérios e de encantos, veste a terra como um zainfe sagrado e protetor. Solucionada aqui, ali, acolá por um roçado, por uma vila, por uma clareira, por um vergel de gramíneas, mal se fecha o motivo que a interrompe, ela retoma o esplendor da selva e abre os braços para o céu na força do habitat. Em todo o meandro aquático, labirinto de furos, canais, rios, afluentes, confluente e defluente da corda-máter que é o Amazonas, a cortina botânica, pelos taludes e ravinas, como aquêle véu mágico do rei dos nibelungens, (*) esconde e transforma a gleba. Os milhares de chapéus-de-sol gigantescos, amplos como zimbórios de catedrais, unidos num velário côr de jade, cobrem as mesopotâmias em toldos ciclôpicos. / O olhar de quem estaciona ou navega, neste ou naquele quadrante da bacia, esbarra, por mais dilatado que lhe seja o horizonte, com o pano da floresta.

RAIMUNDO MORAIS.

Fonte: OLIVEIRA (1965:39)

3.6 - OUTRAS DESCRIÇÕES

Texto nº 34

Tipo: Descrição através de narração com intercâmbio de tipos

III. — O DUQUE DE CAXIAS

Nas mais diversas aplicações de sua inteligência, soube êle permanecer o mesmo. Por mais alto que subisse, em cada degrau da sua esplêndida vida, nunca foi visto vacilar. Soube administrar, combater, governar, tudo em máxima escala, ficando sempre simples e modesto. Distin- guiu-o invariavelmente a austera simplicidade de um Cincinato, mas a quem nunca o Estado permitiu voltar do triunfo para a charrua, pois não têm sido dado férias a tão constante lidar. Por mais que barafuste a inveja, a história não aceitará que o nome de outro algum dos nossos cidadãos se superponha ao deste; e ao nosso compatriota passará também o cognome de *Duque de Ferro*, com que outro general foi saudado. Já lhe conheceis as qualidades morais e físicas. Duma sobriedade exemplar, suporta as maiores fadigas, sem demonstrar cansaço. Nunca foi visto desmentir-lhe o vigor do ânimo ou a placidez do espírito, nem nos mais críticos momentos, que a responsabilidade de um comando em chefe devia converter em séculos de ansiedade. Sempre achou tempo para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a Humanidade. Essa estrêla que lhe atribuem, acredita nela, não como os fatalistas, mas sim como predomínio da inteligência sobre as ações, caso êsse em que a sorte, como diz Vieira, não está nas mãos dos fados, senão nas nossas. Se o acaso venturoso entra por um décimo nos grandes resultados obtidos, nove décimos são devidos ao cálculo, à inteligência, à perspicácia, à prontidão.

Monsenhor PINTO DE CAMPOS.

Fonte: OLIVEIRA (1965:77)

Texto nº 35

Tipo: Descrição dinâmica passada de comentário

A FESTA DE SANTA IFIGÊNIA

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras — traziam tôdas a carapinha empoada de ouro — e cantando lavavam as tábuas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de fôlhas aromáticas. No dia da festa famílias negras arranchavam-se nas imediações da igreja e os tambores de África estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trêfega, saía pela areia semeada de rosas, nos passos do samba; mas, quando os coros sagrados começavam, acudiam tôdas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso. Ao fim da cerimônia irrompia o canto feminino e as negras, uma a una, cantando, baixavam as cabeças na pia e lavavam a carapinha, e o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo — era a oferenda dos cativos à santa misericordiosa. E fora, à luz viva, os negros batucavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gôejantes e louvando o Deus do céu e a santa da devoção.

COELHO NETO.

Fonte: OLIVEIRA (1965:121).

3.7 - DISSERTAÇÃO

Texto nº 36

Tipo: Dissertação presente com trechos de narração e descrição

CONCEPÇÃO

Um contraceptivo parecido com o DIU. Só que para homens.

O urologista espanhol Aurelio Uson desenhou, patenteou e agora começará a testar em animais o mais novo contraceptivo masculino: o Dioid, Dispositivo Oclusivo Intradeferenste — um sistema que pode ser comparado ao Dispositivo Intra-Uterino (DIU) feminino, tanto pela sua forma como por seu funcionamento. Aurelio Uson, primeiro cirurgião a realizar na Espanha uma operação de transplante de pênis em um transexual, diz que a grande vantagem do Dioid é a de ser um método contraceptivo reversível.

— Ao contrário da vasectomia — afirma —, o Dioid é uma operação reversível, isto é, o homem que o utiliza sabe que poderá voltar a ter filhos no momento que quiser.

A partir do próximo mês o Dioid começa a ser testado em cachorros no Hospital Clínico de Madri. [O dispositivo é um sistema mecânico formado por dois minúsculos tampões de silicone em forma de grão de arroz e unidos a uma bola "testemunha" por um fio de náilon.] Através de uma cirurgia pouco agressiva, o Dioid é introduzido nos canais deferentes do pênis — que é por onde passa o esperma que sobe dos testículos até as bolsas seminiais. As peças de silicone desviam os espermatozoides nos canais deferentes, e a bola "testemunha" sempre permanecerá fora dos canais para indicar a localização do Dioid.

A experiência com cachorros servirá para definir o grau de eficácia e de tolerância do organismo e as possíveis lesões ou alterações causadas pelo dispositivo. Outro ponto a ser observado, é a recuperação dos testículos após a retirada do Dioid.

} Narração

} Descrição

Texto nº 37

Tipo: Dissertação presente com pequenos trechos narrativos

O dever da imprensa

Narra-
ção

Os resultados da pesquisa realizada entre assinantes deste jornal, divulgados neste domingo, vêm avalizar de forma expressiva a estratégia de cobertura das eleições presidenciais seguida pela Folha. Procurando assegurar o acesso do leitor ao maior número de informações possíveis sobre cada candidato, sem submeter o noticiário a preferências políticas ou ao intuito de tomar a si a tarefa, exclusiva de cada cidadão, de escolher o futuro presidente, esta Folha não tem recuado no propósito de trazer a público tudo o que possa esclarecer o eleitor a respeito do conteúdo de cada candidatura —por mais desagradáveis e decepcionantes que possam ser os fatos, para quem os encara sob o prisma da própria paixão política.

Trata-se de ver, na campanha presidencial, um teste implacável para todos os candidatos: para a consistência de suas propostas programáticas, para a imagem política com que se apresentam junto ao eleitorado, para o grau de transparência e de espírito democrático de seus métodos de atuação. Não é por impulso destrutivo, assim como não é por intenção apologética, que a imprensa pode contribuir para o aperfeiçoamento da democracia e para o nível de discussão na presente campanha; é pelo esforço de intransigência crítica, pelo pluralismo político e pela decisão inabalável de não atrelar-se a nenhuma candidatura que, trazendo sempre novas exigências, novas informações, novas perguntas, poderá confrontar cada um dos postulantes com uma realidade

a que as conclamações de palanque e as tergiversações programáticas se furtam sistematicamente.

É amplamente majoritária, segundo a pesquisa realizada entre os assinantes, a opinião de que a Folha não faz campanha contra nenhum candidato: 80% dos entrevistados têm esta avaliação. Acresce a este dado a porcentagem também expressiva (68%) de assinantes considerando que o jornal não apóia nenhum dos postulantes. É ainda importante salientar que, para os que consideram que a Folha apóia um candidato, aparece em primeiro lugar o nome de Fernando Collor de Mello —o mesmo que, segundo os entrevistados que julgam o jornal em campanha contra algum dos postulantes, é apresentado como o principal alvo dessa presumida iniciativa.

A Folha não apóia Collor ou qualquer outro candidato; não está em campanha contra ele nem contra qualquer de seus concorrentes; exerce, apenas, o dever de investigação e de crítica que é essencial à imprensa nas democracias. Ao eleitor, e apenas ao eleitor, cabe decidir. O compromisso do jornal é contribuir para que esta decisão se faça a partir do máximo de informações, e do mais vivo contraste entre convicções políticas divergentes —longe da mistificação, da inconsistência programática e dos apelos fáceis que, por sua própria natureza, campanhas eleitorais trazem consigo.

Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº 22.049. São Paulo, 15/08/

1989:A-2.

Texto nº 38

Tipo: Dissertação passada

INDEZ I

A primavera, o verão, o outono e o inverno eram nomes que se misturavam com outros reinos. A gente só conhecia a estação das águas e a estação da seca. Era um lugar onde o ano estava dividido em sol e chuva, entremeado com o casamento da viúva – sol e chuva ao mesmo tempo – enfeitado de arco-íris.

No tempo das águas, eram as enchentes com o gado subindo para o cume da serra, correndo da morte. Eram os raios, chicote de São Pedro, que riscavam os céus – escuras nuvens – acompanhados de trovões que amedrontavam até os animais de terreiro. Eram os pedacinhos de sabão, do perfumado, colocados na beira do telhado com um pedido: “Santa Clara, mande o sol para enxugar nosso lençol”. E as chuvas prometiam farturas.

Com a estação da seca vinham os banhos nos rios depois de engolir piabas vivas para aprender a nadar, pescadas em peneiras. Tempo de fogueiras para os santos de junho – Santo Antônio, São João, São Pedro. Depois os ventos de agosto, despaginando as nuvens, contavam longas histórias de monstros vestidos de algodão, entre pipas. Tempo ainda de passeios mato adentro com o coração rezando: “São Bento, água benta, Jesus Cristo do altar. Arreda cobra, arreda bicho, deixe o filho de Deus passar.”

E na boca da noite a roda rodava no quintal cheia de cantiga: “Se esta rua fosse minha, roda pião, capelinha de melão, eu mandava ladrilhar, bambeia pião, que o pai Francisco entrou na roda, roda pião, e eu sou pobre, pobre, pobre na palma da minha mão, roda pião.”

A infância brincava de boca de forno, chicotinho queimado, passar anel ou corria da cabra-cega. Nossos pais, nesta hora preguiçosa, liam o destino do tempo escrito no movimento das estrelas, na cor das nuvens, no tamanho da lua, na direção dos ventos.

O mundo não estava dividido em dois, um para as pessoas grandes, outro para os miúdos. As emoções eram de todos. Todos ficavam felizes nas festas de casamento, nos bailes juninos, nos almoços de batizados. Todos viviam da mesma tristeza nas quaresmas e da mesma angústia pelas estiagens que matavam as plantações.

E, quando se começava a engordar galinhas, era um aviso de que um novo irmão estava para chegar. E nascia recebido pela mesma alegria com que se comiam as asas, as costelas, os pés, os pescoços, resto de canja coberta de salsa e cheiro que fortificava a mãe de resguardo sobre a cama branca.

No dia em que o umbigo da criança caía, a parteira, madrinha de todos os nascimentos, o enterrava em lugar escolhido. Se no jardim com flores, a menina seria bela e boa jardineira; se na horta, o menino seria lavrador e, se no curral, boiadeiro. O destino era assim escolhido sem outros inúteis anseios.

Assim sendo, nascer era tão bonito que acreditar em outra vida era coisa muito simples.

Texto nº 39

Tipo: Dissertação passada

INDEZ II

Era silencioso o amor. Podia-se adivinhá-lo no cuidado da mãe enxaguando as roupas nas águas de anil. Era silencioso, mas via-se o amor entre os seus dedos cortando a couve, desfolhando repolhos, cristalizando figos, bordando flores de canela sobre o arroz-doce nas tijelas.

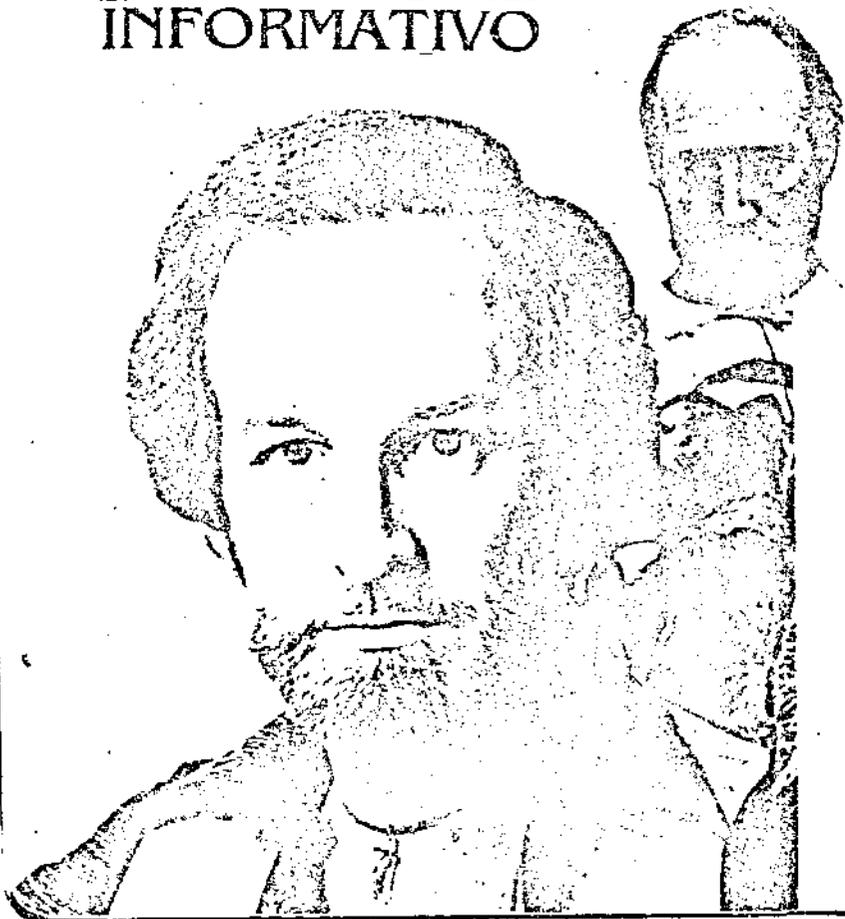
Lia-se o amor no corpo forte do pai, no seu prazer pelo trabalho, em sua mansidão para com os longos domingos. Era silencioso, mas escutava-se o amor murmurando – noite adentro – no quarto do casal. A casa, sem ferro, deixava vazar esse murmúrio com aroma de fumo e canela, que invadia lençóis e dúvidas, para depois filtrar-se por entre telhas.

Experimentava-se o amor quando, assentados no calor da cozinha – pai e mãe – falavam de distâncias, dos avós, das origens, dos namoros, dos casamentos.

E, quando o sono chegava, para cada menino em cada tempo, era o amor que carregava cada filho nos braços para a cama, ajeitando o cobertor por sob o queixo.

Fonte: QUEIRÓS (1988:23)

CALVÍCIE INFORMATIVO



MICROTRANSPLANTE DO PRÓPRIO CABELO

A calvice é hereditária. É portanto um problema genético, ainda não acessível às tentativas dos tratamentos tópicos e fisioterápicos existentes.

O microtransplante capilar, entretanto, pode repor novos fios nas áreas atingidas. Os fios aí transplantados crescerão normalmente, pois foram trazidos com suas respectivas raízes ou bulbos. E não voltarão a cair. A razão é que eles foram retirados da área posterior da cabeça, onde o problema genético não existe. São fios que não trazem o "código genético" para a calvicie. O microtransplante do próprio cabelo é 100% eficaz. Não existe rejeição ou qualquer outro problema que impeça o seu crescimento.

O visual é perfeitamente estético.

No microtransplante até 3.000 fios podem ser reposicionados de uma só vez, através de um aparelho japonês chamado HAND ENGINE. Podem-se inclusive trabalhar no dia seguinte. E não se preocupe, você ainda não está diferente. Somente as raízes dos cabelos são transplantados e portanto você ainda não tem cabelos novos. Eles só começam a "brotar" entre o 2º e 3º mês!

A sua mudança ou o seu rejuvenescimento será discreto e progressivo.

Este processo é exclusivamente médico e aprovado pelas Sociedades Médicas de todos os países.

Maiores informações.

DR. WAGNER DE MORAES

CRM 52-16-575-8

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 613 grupo 708-Rio

Av. Roberto Silveira, 488 - Niterói

Tels.: (021) 235-4697 / 255-8987 / 711-9652

Texto nº 41

Tipo: Dissertação presente com predição

Propaganda

A propaganda eleitoral em outdoor não foi proibida em área particular, desde que tenha autorização do proprietário; informa o presidente do TRE, Joaquim Henrique de Sá.

Em locais públicos a propaganda só será possível com a permissão das prefeituras municipais, a quem cabe fixar as áreas permitidas. Segundo o desembargador, os outdoors de Collor de Mello e Leonel Brizola afixados em locais públicos só serão retirados se a Justiça for comunicada sobre as irregularidades.

Fonte: O Popular. Ano L, nº 13.232. Seção "Agenda Política".
Goiânia, 15/08/1989:2.

Texto nº 42

Tipo: Dissertação presente

A questão ecológica

Tem especial interesse, face à onda de preocupações internacionais com o desmatamento na Amazônia, a informação de que os incêndios em florestas da França assumem um ritmo extremamente acelerado —a ponto de, prosseguindo os índices registrados neste mês, todos os parques e reservas florestais daquele país poderem ser destruídos em 80 semanas. Nada seria mais tolo do que ver este fato como pretexto para negar as repercussões do problema da floresta amazônica.

Cabe, entretanto, ver a questão da ecologia com um mínimo de equilíbrio e isenção —e a atitude de alguns setores nos países desenvolvidos, como que a eleger o Brasil como inimigo número um da sobrevivência do planeta, está longe de refletir esta necessidade. O grau dos prejuízos causados ao meio ambiente pelas atividades

industriais das grandes potências econômicas —sem contar os experimentos que realizam com a energia atômica— parece momentaneamente obscurecido diante da histeria internacional em relação ao problema da Amazônia.

Esperar de um país atolado na mais séria crise econômica que disponha de recursos próprios para uma exploração cuidadosa de seu próprio território; imaginar que seja possível fiscalizar com eficiência a imensa região da floresta equatorial brasileira numa circunstância de total colapso dos serviços públicos demonstra apenas o emocionalismo e a desinformação com que o debate tem sido conduzido.

É o mesmo emocionalismo, aliás, que tem inspirado atitudes de pura xenofobia e de pretensa defesa da integridade territorial do país —ponto que está fora de

questão—, cada vez que se avolu-
mam denúncias contra a devasta-
ção da Amazônia. Seria puro suicí-
dio investir numa política de “a
devastação é nossa”; do mesmo
modo, nada mais equivocado que
fazer da preocupação com o meio
ambiente o monopólio de alguns
iluminados do Primeiro Mundo
que teriam de advertir os selvagens
abaixo da linha do Equador sobre
os prejuízos que estejam causando

à humanidade.

O problema da ecologia, no
Brasil, é sobretudo o da miséria e
do despreparo tecnológico; nos
países desenvolvidos, o da incons-
ciência e do descontrole. Não são
advertências abstratas mas a coo-
peração global das economias de-
senvolvidas com os problemas do
Terceiro Mundo que poderá apon-
tar para alguma solução concreta
para o problema ambiental.

Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº 22.049. São Paulo, 15/08/
1989:A-2.

Texto nº 43

Tipo: Dissertação presente com inserção narrativa e pequenas
passagens preditivas.

Ciência

Voyager 2 encontrará Netuno em dez dias

WASHINGTON — A sonda espa-
cial Voyager 2 está a apenas dez dias de
viagem do planeta Netuno, a última
etapa de sua viagem de 12 anos. O
encontro da nave com o penúltimo pla-
neta do Sistema Solar acontecerá na ma-
drugada do dia 25 de agosto/A Voyager
2 já detectou quatro novas luas em órbita
de Netuno e um segmento de anel criado
pela gravidade das luas do planeta.

Dan Gray, diretor da equipe de nave-
gação da Voyager disse que o grande
número de experiências que a nave de-
ve executar faz com que esta missão
seja mais difícil que os encontros an-
teriores com os planetas Júpiter, Sa-
turno e Urano. A nave deve fotografar
vários objetivos diferentes no sistema
de luas de Netuno e o menor erro de
cálculo pode colocar suas câmaras apon-
tando para o espaço vazio.

Além disso, a idade dos computado-
res da nave, projetados nos anos 70, faz
com que sua capacidade de memória
seja muito reduzida. Antes de execu-
tar cada passo do programa eles preci-

sam receber instruções completas do
controle da missão. No ponto de apro-
ximação máxima com Netuno a nave
vai passar a apenas 5 mil quilômetros
da atmosfera de Netuno. Como Netuno
está a 4 bilhões de quilômetros da Ter-
ra isso corresponde a acertar uma bola
de golfe num buraco a 3 mil quilôme-
tros de distância. O menor erro de na-
vegação pode fazer a Voyager mergu-
lhar na atmosfera do planeta e se
destruir.

Além disso Netuno é um planeta
pouco conhecido, já que sua imagem
não passa de um ponto para os telescó-
pios terrestres. A distância é tão gran-
de que os sinais de rádio da Voyager,
viajando a velocidade da luz (300 mil
quilômetros por segundo), levam 4 ho-
ras para chegar na Terra. Ao passar
por Netuno a Voyager usará a gravida-
de do planeta como fonte de impulso
para alcançar Tritão, a maior lua do
sistema de Netuno, onde existe uma
atmosfera e talvez um oceano de ni-
trogênio líquido.

Narração

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129. 1º caderno. Rio de
Janeiro, 15/08/1989:5.

Texto nº 44

Tipo: Dissertação presente com pequenas inserções narrativas e de injunção.

ESTETOSCOPIO



Medo, ansiedade e pânico

Por Artur Beltrame Ribeiro

Muita coisa aterroriza as pessoas nas sociedades modernas. Só para ficar na área da saúde, duas grandes ameaças povoam as mentes: o infarto do miocárdio e a AIDS. Quem já não tomou conhecimento das terríveis consequências do infarto cardíaco? E a AIDS, então? Quantos já não sentiram o temor de sua presença ao aparecerem sintomas inesperados? Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal. Trata-se de uma resposta do organismo diante de uma ameaça objetiva à própria existência. Sabemos o que nos ameaça e reagimos.

Medo e ansiedade são portanto sentimentos comuns, normais, que servem para nos proteger. Ambos são muito parecidos, primos mesmo. O medo geralmente se refere a um objeto ou a uma situação muito definida. Temos medo do perigo imediato. Já a ansiedade se caracteriza por uma sensação desagradável de tensão e apreensão, fazendo antecipar um perigo futuro, que pode ou não acontecer. No entanto, ambos são sentimentos úteis. O medo protege do perigo e salvaguarda nossa integridade física. Já a ansiedade, enquanto resposta emocional a uma situação, também pode nos estimular na realização de uma tarefa, tornando-nos atentos, melhores.

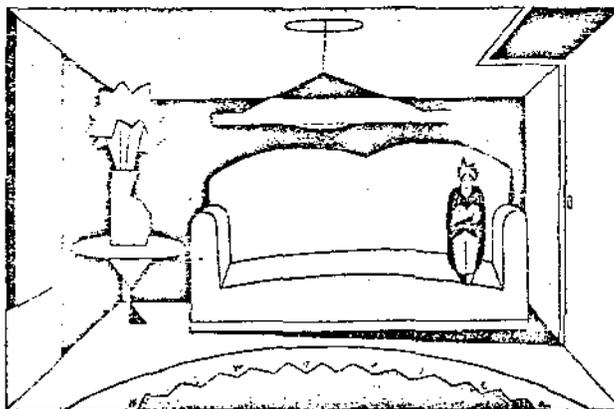
Quando, porém, a ansiedade vem sem causa aparente ou em intensidade exagerada torna-se prejudicial. Ai é hora de buscar socorro médico. Primeiro, porque os sintomas são desagradáveis. Em seguida, porque nossa capacidade intelectual é atingida. Realmente, a ansiedade diminui a capacidade de pensar com clareza, de julgar apropriadamente, de aprender com eficiência ou de recordar coisas

com precisão. Finalmente, ela altera uma série de funções vegetativas do organismo (que ocorrem de modo independente da vontade). Passamos a apresentar suores internos, tremores, tonturas, batudeiras, sudoreses, aumento no número de micções, dificuldade para dormir e uma terrível e persistente sensação de cansaço.

Mas, afinal, por que temos ansiedade em excesso? Provavelmente, esse sentimento é uma manifestação de conflitos não resolvidos. Ou porque conhecemos o problema e não temos segurança ou clareza para resolvê-lo ou porque trazemos, inconsciente-

que alcança o nível do pânico. Os pacientes apresentam a síndrome sem qualquer causa aparente. Além da sensação de angústia, eles podem ter crises de pressão alta, batudeiras, falta de ar, náuseas, dores no peito e na cabeça, muitas vezes acompanhadas de sensações de morte iminente. Essas características são tão assustadoras que acabam destruindo a estrutura psíquica do paciente, que pode se tornar bastante deprimido. Como ele não entende o que está acontecendo, julga estar enlouquecendo e perdendo o autocontrole.

Desenvolve-se, a partir daí, uma ansiedade por antecipação, temendo uma nova crise. Não raro aparece um medo fóbico de situações que, no julgamento do paciente, podem desencadear uma crise. Muitos passam a não sair de casa e até deixam de dirigir automóvel, na tentativa infrutífera de se livrar do pânico. A imensa maioria dos pacientes faz inúmeras visitas a prontos-socorros, com pressão alta, taquicardia, queda da taxa de açúcar no sangue etc. Nessas ocasiões, porém, ficam reconfortados, pois os exames que são obrigados a fazer resultam normais. Só que as crises continuarão, até que o diagnóstico seja estabelecido. Hoje, uma série de medicamentos pode ser eficientemente utilizada nesses casos, tornando as crises esparsas, de fraca intensidade, até se conseguir, finalmente, evitá-las. Assim, se o medo e a ansiedade ficarem muito intensos, não se desespere: seu médico tem muito a fazer por você. ■



mente, problemas não resolvidos de infância em relação a emoções como hostilidade, insegurança etc. Assim, a auto-ansiedade se alimenta, porque a medida que a sentimos em função de um sintoma tornamo-nos mais ansiosos. Tradicionalmente, combate-se a ansiedade afastando a pessoa da situação de conflito e dando-lhe — por meio de psicoterapia — munição para lidar com seus conflitos.

Recentemente reconheceu-se um tipo de situação que ocorre com muita frequência: a síndrome de pânico. Trata-se de um caso particular de crise de ansiedade não controlada,

Artur Beltrame Ribeiro é livre-docente em Medicina pela Escola Paulista de Medicina

SUPER 83

Fonte: Superinteressante. Ano 3, nº 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989:83.

Texto nº 45

Tipo: Dissertação presente com pequenos trechos narrativos inseridos (V. trechos entre colchetes).

Tomate industrial: O cuidado com as pragas

FRANCISCO LOPES FILHO

O tomateiro industrial (*Lycopersicon esculentum* Mill), provavelmente originário das regiões andinas do Peru, Bolívia e Equador, é cultivado em aproximadamente 2,5 milhões de hectares no mundo, com uma produção mundial superior a 50 milhões de toneladas. No Brasil, o seu cultivo foi iniciado na região de Pesqueira, Pernambuco, há mais de 50 anos. A produção nacional dessa hortícola, segundo o IBGE, é de cerca de 1,5 milhão de toneladas. Os maiores produtores em 1965 foram São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.

O tomate industrial, também conhecido como tomate rasteiro, é produzido em áreas predominantemente de clima semi-árido, como o Vale do São Francisco. Nessa região, a cultura foi introduzida em 1972 pela Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA). A partir dos bons resultados conseguidos, os produtores começaram a dividir os plantios de cebola com os de tomate e com isso conseguiram chamar a atenção das indústrias produtoras da região. Atualmente existem no eixo Juazeiro (BA)-Petrolina (PE) uma indústria em implantação e três em operação que processam mais de três mil toneladas de frutos por dia, gerando com isso cerca de mil empregos diretos e mais de sete mil indiretos.

No Vale do São Francisco, especialmente na região do submédio, as perspectivas dessa cultura são altamente promissoras, já que as condições edafoclimáticas associadas ao uso da irrigação contribuem favoravelmente para uma exploração em escala comercial permitindo que as indústrias processadoras da região operem o ano inteiro, o que não é possível quando se explora essa hortícola em regime de chuvas.

No submédio São Francisco, o tomate pode ser cultivado o ano todo. No entanto, a época mais favorável e de maior pico de plantio, con-

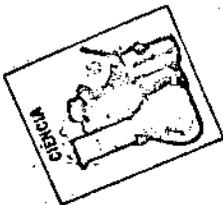
preende os meses de maio e junho, isso por que os plantios realizados de março a abril correm o risco de ser prejudicados por fortes chuvas. Plantios feitos após a primeira quinzena de julho, contudo, podem apresentar baixo pegamento de frutos, em virtude das elevadas temperaturas que normalmente são registradas no período. Apesar disso, a área explorada com essa cultura vem crescendo a cada ano. Hoje a curva de dez mil hectares, dos quais oito mil são destinados à industrialização. A região já é produtora de 50% de toda a produção nacional.

O tomate rasteiro mostra melhor desempenho em regiões de clima seco, onde as doenças de folhas não prejudicam tanto, daí sua expansão no submédio São Francisco. Por outro lado, nesta região a cultura é frequentemente atacada por pragas que causam danos irreversíveis aos frutos destinados ao processamento industrial.

PRAGAS

Diversas pragas prejudicam a cultura, podendo causar grandes prejuízos se não detectadas e controladas a tempo. Entre as pragas, a "praga do tomateiro" (*Scrobipalpus absoluta*) é uma das que mais provocam danos à cultura na região. Foi constatada pela primeira vez em 1981 no Vale do Rio Salitre, município de Juazeiro, Bahia. Segundo a pesquisadora Francisca Nemaury Pedroza Haji, do próprio Centro de Pesquisa Agropecuária do Semi-Árido, a praga provoca danos nas gemas, brotos terminais, folhas e frutos, ao longo do ciclo da cultura.

O microcarro ou "acarato do bronzamento" (*Aculos lycopersici*) é o seu primeiro sintoma de ataque observado na parte basal da haste da planta, que se torna escura. A fase inferior das folhas é atacada também exibe este mesmo aspecto. Quando a infestação ocorre antes da frutificação, as plantas são severamente



Experimentos do Centro de Pesquisa do Semi-Árido ampliam perspectivas de cultivo no Vale do São Francisco

prometido, podendo morrer prematuramente. Quando o ataque ocorre no final do ciclo, os frutos não amadurecem satisfatoriamente, apresentando-se queimados por ficarem expostos ao sol, devido à morte e queda das folhas. Também há acentuada redução da produtividade.

O ácaro vermelho (*Tetranychus evansi*) é uma praga que habita preferencialmente a face inferior das folhas, onde forma apreciável "rede de telas". As folhas atacadas tornam-se amareladas, chegando a morrer prematuramente. No período mais quente ou seco do ano, o nível populacional cresce fazendo com que esse inseto passe para a face superior das folhas. Segundo estudos realizados na região pelos pesquisadores Francisco Ramalho e C. H. Flechtman, também do Centro do Semi-Árido, início de infestação dessa praga pode ocorrer já aos 14 dias após o transplante das mudas. O mais elevado nível de infestação pode ocorrer em plantas com 89 a 117 dias de idade. O inseto estava disseminado por todas as partes da plantação. No entanto, outros estudos realizados informam que os seus níveis populacionais variaram bastante de um ano a outro.

A lagarta minadora (*Liriomyza sativae*) tem como adulto uma mosca de coloração preta, que faz a postura dentro do tecido foliar. Esse inseto prejudica mais no período de semeadura e logo após o transplante. No segundo semestre de cada ano, e especialmente nos meses de agosto e setembro essa praga atinge níveis bastante elevados. No entanto, tem sido observado que os níveis elevados são alcançados apenas no final do ciclo de cultura, quando o maior parte dos frutos já está formada. Assim, acredita-se que a redução atribuída a essa praga não seja, via de regra, considerável.

Por fim, há a lagarta rosca (*Agrotis ipsilon*). A mariposa apresenta coloração geral escura, com as asas anteriores apresentando manchas e as posteriores geralmente claras, com ou sem manchas. A postura geralmente é feita no caule, hastas ou folhas das plantas, colocando cada fêmea de 200 a 500 ovos. O estágio típico da lagarta rosca é o corte das plantinhas na base, logo acima da região do colo, o que reduz o "stand" da cultura.

Experimentos do Centro de Pesquisa Agropecuária do Triângulo Semi-Árido - CPAI, SA, C.P. 23 - 53000 PETROLINA, PE.

3.8 - INJUNÇÃO

Texto nº 46

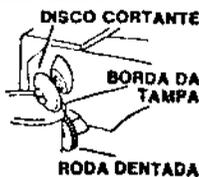
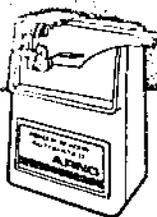


QUANTO MAIS VOCÊ USA, MAIS VOCÊ GOSTA.

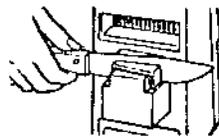
O Abridor Afiador automático Arno é um novo aparelho concebido para a cozinha moderna. Abre latas com muito mais facilidade e rapidez. Basta fixar a lata ao aparelho, pressionar a alavanca e pronto. Num instante, automaticamente, a lata estará aberta.

O afiador, também acionado pela mesma alavanca, permite manter as facas de sua cozinha sempre afiadas, cortando suave e macio.

Leia as instruções a seguir e diga adeus ao tempo em que você abria latas com as mãos. É ao tempo em que você esmerilhava a sua paciência com as facas da cozinha.



COMO USAR O AFIADOR DE FACAS.



Pressione a alavanca de acionamento da mesma forma como se procede para funcionar o abridor. Passe repetidas vezes o corte da faca na primeira e depois na segunda tenda do afiador, procurando fazê-lo em movimentos uniformes, de modo que a lâmina fique lateralmente em contato com a pedra afiadora. Coloque a faca na tenda e puxe somente no sentido indicado no aparelho. Agindo assim, em pouco tempo a faca estará cortando outra vez como nova.

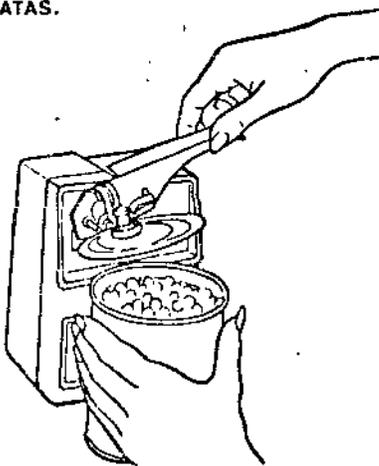
PORTA-CORDÃO

O aparelho possui em sua base uma cavidade especial para acomodar o cordão, economizando espaço e facilitando seu trabalho.

IMPORTANTE

Não abra latas de beerosol, nem latas cujo conteúdo esteja sob pressão, como as de cerveja, refrigerante, etc. Use o afiador somente em facas de lâmina lisa. Facas de serra ou de gume serrilhado não devem ser utilizadas neste aparelho.

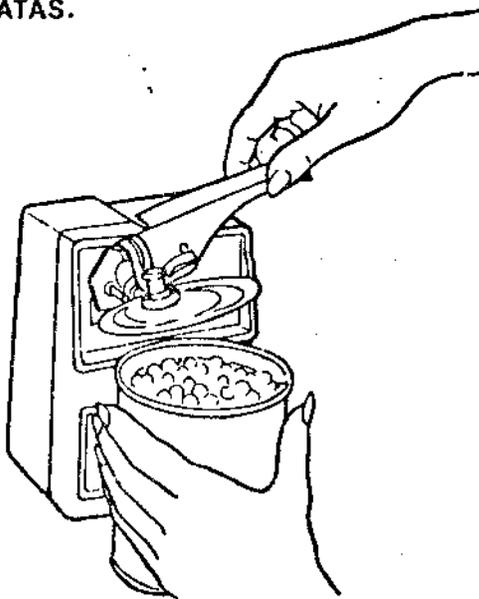
COMO USAR O ABRIDOR DE LATAS.



Coloque o aparelho sobre uma superfície plana. Levante a alavanca de acionamento e coloque a lata na posição de abertura, com a borda externa da tampa superior sobre a roda dentada. Abaixar a alavanca, de modo que o disco cortante encoste na parte interna da tampa da lata. Apoiar o ímã sobre a tampa da lata, para que este possa segurá-la depois do corte. Em seguida, pressione a alavanca para acionar o motor, mantendo-a pressionada até a abertura, parcial ou total, da lata. Você obterá, assim,

rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas. Segure a lata e levante novamente a alavanca para soltá-la do abridor. A tampa, que ficou presa ao ímã, poderá também ser facilmente retirada. Para abrir latas, cujo tamanho seja maior que a altura do aparelho, utilize o abridor junto à borda da mesa, tomando o cuidado de segurar a lata durante toda a operação sempre que a lata for mais pesada que o aparelho.

COMO USAR O ABRIDOR DE LATAS.



Coloque o aparelho sobre uma superfície plana. Levante a alavanca de acionamento e coloque a lata na posição de abertura, com a borda externa da tampa superior sobre a roda dentada. Abaixar a alavanca, de modo que o disco cortante encoste na parte interna da tampa da lata. Apoiar o ímã sobre a tampa da lata, para que este possa segurá-la depois do corte. Em seguida, pressione a alavanca para acionar o motor, mantendo-a pressionada até a abertura, parcial ou total, da lata. Você obterá, assim,

rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas. Segure a lata e levante novamente a alavanca para soltá-la do abridor. A tampa, que ficou presa ao ímã, poderá também ser facilmente retirada. Para abrir latas, cujo tamanho seja maior que a altura do aparelho, utilize o abridor junto à borda da mesa, tomando o cuidado de segurar a lata durante toda a operação sempre que a lata for mais pesada que o aparelho.

Texto nº 47

Pratos Deliciosos e Econômicos

Bolinhas de batata

INGREDIENTES: 4 batatas médias cozidas em água e sal e amassadas, 1 cebola picada, meia xícara de óleo, salsa picada e 3 colheres bem cheias de farinha de trigo.

MODO DE FAZER: Numa panela, coloque o óleo, a cebola e deixe fritar um pouco. Junte a batata amassada, o sal, a salsa picada e a farinha de trigo. Misturar muito bem e deixar cozinhar até desgrudar da panela. Deixe esfriar e faça os bolinhos, passando-os no ovo batido e na farinha de rosca. Fritar em óleo quente.

Fonte: Notícias Populares. Nº 9307. São Paulo, 24/10/1989:9.

Texto nº 48

O Decálogo

20 Então Deus pronunciou todas estas palavras, dizendo: **2** "Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.

3 "Não terás outros deuses diante de mim.

4 "Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que está em cima nos céus, ou em baixo sobre a terra, ou nas águas, debaixo

da terra.* **5** Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam, **6** mas uso de misericórdia até à milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.

7 "Não pronunciarás o nome de JAVE, teu Deus, em vão, porque o Senhor não deixará impune aquele que pronunciar o seu nome em vão.*

8 "Lembra-te de santificar o dia de sábado.* **9** Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. **10** Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem

tuja serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros. **11** Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo que eles contêm, e repousou no sétimo dia: e por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.

12 "Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus.*

13 "Não matarás.*

14 "Não cometerás adultério.*

15 "Não furtarás.

16 "Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.

17 "Não cobicarás a casa do teu próximo: não cobicarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence".*

18 Diante dos trovões, das chamas,

da voz da trombeta e do monte que fumegava, o povo tremia e conservava-se à distância. **19** E disseram a Moisés: "Fala-nos tu mesmo, e te ouviremos; mas não nos fale Deus, para que não morramos". **20** Moisés respondeu-lhe: "Não temais; porque é para vos provar que Deus veio, e para que o seu temor, sempre presente aos vossos olhos, vos preserve de pecar". **21** E o povo conservou-se à distância, enquanto que Moisés se aproximava da nuvem onde se encontrava Deus.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro do "Exodo".

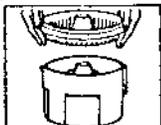
Texto nº 49



Compostos de 5 peças: a base do motor (provida de interruptor, fio e plug), a jarra coletora de suco, a peneira, o cone e a tampa.



Para montar o aparelho, ajusta-se primeiro a jarra sobre a base do motor.



Coloca-se a peneira sobre a jarra.



Adapta-se o cone no eixo do motor, visível pela abertura no centro da peneira. Tomar cuidado para que o cone se encaixe no eixo até o fim.



As frutas devem ser cortadas ao meio e as metades comprimidas, uma a uma, sobre o cone.



Após o uso, retra-se o cone e a peneira; coloca-se a peneira sobre a tampa voltada para cima, para recolher o resto de suco que ainda escorrer.



Capacidade: 1 litro

As jarras, retiradas de sobre o motor, podem ser usadas diretamente para servir o suco: a do modelo Arno segurando-a pela alça, a do modelo Novo Arno introduzindo os dedos na saliência lateral conforme mostram as ilustrações.



Capacidade: 1,1 litro.

ATENÇÃO

Ao transportar o aparelho, tomar cuidado de segurá-lo sempre pela base, nunca pela alça da jarra.

LIMPEZA

Todas as partes dos Espressadores, exceto a base do motor, devem ser bem lavadas com água e sabão. Nunca se deve lavar a base do motor. Tal peça deve ser limpa com um pano úmido e, em seguida, com um pano seco.

Fonte: Manual de instruções dos eletrodomésticos ARNO

Texto nº 50

FALSO VATAPÁ

Vera Santos de Oliveira

Material usado:

1 vidro de leite de coco, 2 colheres (sopa) de azeite de dendê, 1 litro de leite de vaca, 2 tabletes de caldo de galinha, 3 pães de sal, 1 lata de milho verde, cebola, alho, pimenta, 1 frango afogado com açafrão.

Modo de fazer:

Colocar o pão de molho no leite e bater no liquidificador. Refojar esta papa no óleo com cebola batidinha e alho. Acrescentar o azeite de dendê e o leite de coco. Jogar o caldo de frango, e os tabletes de caldo de galinha. Deixar ferver e se estiver grosso, colocar mais ou ou menos 1 copo de água, e em seguida, o frango desfiado. Por último, colocar o milho verde e retirar do fogo, para não ferver.

Fonte: Araxá põe a mesa. Belo Horizonte, O Lutador, 1989:85.

Texto nº51

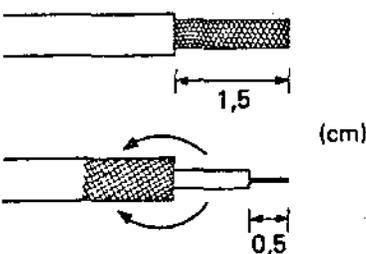
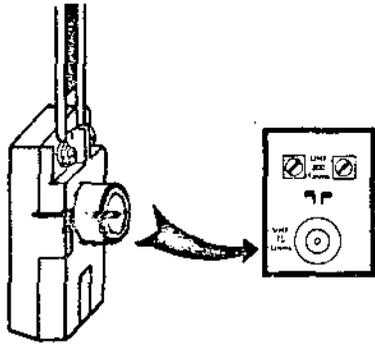
OBS.: Veja os quadros marcados com X.

<h2 style="text-align: center;">HORÓSCOPO DE JEAN PERRIER</h2> <h3 style="text-align: center;">PARA HOJE</h3>				
				
	CARNEIRO 21/3-20/4	TOURO 21/4-20/5	GÊMEOS 21/5-20/6	CÂNCER 21/6-21/7
NEGÓCIOS	— Conjuntura excelente, aproveite para fazer uma grande realização X	— Conjuntura favorável, consolide o que já estabeleceu X	— Você pode procurar capitais, dinamismo no trabalho	— Amizade preciosa no trabalho, proposta inesperada
SAÚDE	— Em geral, boa saúde, mas cuidado com seu fígado	— Seu estado nervoso não é muito bom, cuidado	— Grande forma física, a natação é-lhe salutar	— Evite qualquer excesso e cuidado com o esgotamento X
AMOR	— Seior neutro, organize uma reunião amigável que será muito agradável! X	— Dissabor no plano sentimental, falta de sorte	— Você promoverá um mal-entendido que você será o primeiro a lamentar	— Belas horas sentimentais aguardam-no, aproveite
PESSOAL	— Não se deixe surpreender e saiba explorar suas oportunidades X	— Mexa-se, faça visitas e reveja velhos conhecidos X	— Faça cair seu amor próprio e dê o primeiro passo para um amigo X	— Recue e examine bem todos os problemas com objetividade X
				
	LÉAO 22/7-22/8	VIRGEM 23/8-22/9	BALANÇA 23/9-22/10	ESCORPIÃO 23/10-21/11
NEGÓCIOS	— Aborrecimentos diversos no que diz respeito a sua situação, prudência	— Dia que não será favorável, prudência nos negócios	— Finanças neutras, inveja no trabalho, cuidado	— Elaborar um projeto, assinatura e finanças favorecidas
SAÚDE	— Você dará mostras de resistência e poderá realizar um grande esforço	— Para seu estômago, cuidado com a alimentação	— Você está realmente muito nervoso, descanse	— Saúde boa em geral, não dramatize seus pequenos mal-estares
AMOR	— No plano sentimental, uma série de circunstâncias, ajudará seus projetos	— Plano sentimental de primeira ordem, grande satisfação	— Plano neutro, faça sua correspondência amorosa X	— Reunião amigável que será uma decepção para você, cuidado com os amigos
PESSOAL	— A amizade exige às vezes discrição e sacrifícios	— Dia favorável para transformar sua casa	— Viagem ou visita, mas contatos úteis para o futuro	— Distraia-se mais para esquecer as preocupações X
				
	SAGITÁRIO 22/11-21/12	CAPRICÓRNIO 22/12-20/1	AQUÁRIO 21/1-19/2	PEIXES 20/2-20/3
NEGÓCIOS	— As finanças não são fáceis, seja muito prudente X	— Trabalho e finanças favorecidos, bem como certos acordos profissionais	— No plano profissional, cuidado com os colegas	— As finanças deixam a desejar, mas o clima profissional é bom
SAÚDE	— Não se agite à toa, as emoções são-lhe nefastas	— Boas influências, você tem uma excelente resistência física	— Você se sentirá em plena forma, faça ioga	— Nada a assinalar, sua saúde é excelente
AMOR	— Notícia importante que lhe dará uma grande alegria	— A pessoa amada precisa de seu afeto, não a faça sofrer	— Problema no plano sentimental, não estrague as coisas X	— Alegria de viver que você saberá comunicar aos que ama
PESSOAL	— Vida privada intensa, procure consolidar suas relações X	— Entendimento perfeito com os amigos, aceite suas sugestões X	— Você tem tempo, não se imponha esforços suplementares	— Estude bem o caráter das pessoas que o rodeiam

Fonte: Jornal da Tarde. Ano 24, nº 7.283. São Paulo, 16/08/

1989:23.

Ligação das Antenas Externas



(Fig. 1)

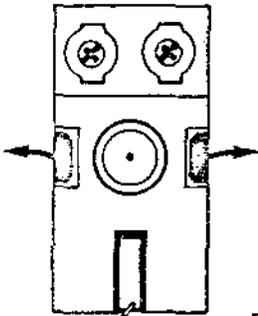
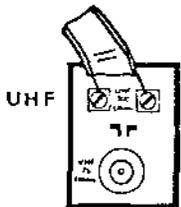


Fig. 2)



VHF Para ligar a antena externa é preciso primeiro conectar o plugue que acompanha o televisor ao cabo da antena, procedendo do seguinte modo:

dis-
serta-
ção

1. Cabo da antena de 300 ohm (fios paralelos):
 - Ligue cada terminal da antena em cada um dos parafusos do plugue.
 - Localize na tampa traseira o cabo da antena interna, deslique-a e em seu lugar, ligue a antena externa.

2. Cabo da antena de 75 ohm (fio redondo):

Este cabo usualmente apresenta um adaptador ligado à sua extremidade, que transforma o fio redondo em fios paralelos. Você poderá conectá-los diretamente ao plugue que acompanha o seu televisor, conforme descrito no item acima.

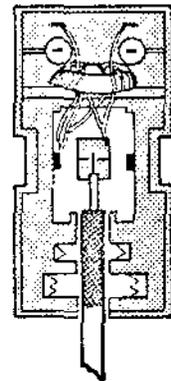
Melhor Qualidade de Imagem
A fim de melhorar ainda mais a qualidade da imagem, o seu televisor Philips oferece a possibilidade de conexão do próprio cabo de antena redondo (75 ohms) à tomada de antena do aparelho, eliminando desta maneira perdas desnecessárias na transformação de fios redondos em paralelos. Para isto é necessário eliminar o adaptador usualmente ligado à extremidade do cabo de antena e proceder conforme explicação a seguir.

- Retire a isolamento externa do cabo em aproximadamente 1,5 cm, evitando não danificar a malha de cobre interna.
- Com uma chave de fenda, desmanche a malha de cobre e vire-a sobre a isolamento externa do cabo.
- Retire a isolamento do fio interno em aproximadamente 0,5 cm (Fig. 1).
- Abra o plugue, separando-o em duas partes (Fig. 2).
- Posicione a parte do fio com a malha

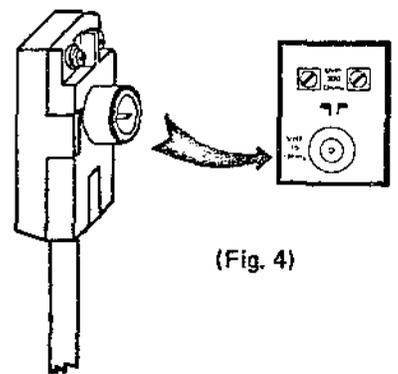
Dissertação

de cobre entre as quatro garras internas do plugue e o fio rígido no encaixe central em forma de V, pressionando-o para baixo para garantir bom contato.

- Com um alicate, aperte as quatro garras sobre a malha de cobre. (Fig. 3)
- Feche o plugue.
- Localize na tampa traseira o cabo da antena interna, deslique-o, e em seu lugar, ligue a antena externa. (Fig. 4)



(Fig. 3)



(Fig. 4)

UHF • Ligue os terminais da antena nos parafusos localizados na tampa traseira do televisor.

10-B — JORNAL DO CARRO/CADERNO DE SERVIÇO

SEGURANÇA**Neblina na
pista: redobre e
atenção.**

Os motoristas mais precavidos costumam dizer que a melhor maneira de se guiar na neblina é não guiar na neblina. Mas, como enfrentar o tempo é na maior parte das vezes inevitável, quem pega a estrada, nesta época de frio de junho e agosto, em que os nevoeiros não costumam dar trégua aos viajantes, torna-se necessário observar alguns cuidados, que a Fiat Automóveis recomenda:

— A primeira medida a ser tomada pelo motorista que entra num trecho de estrada com neblina é acender as luzes de posição e os faróis baixos. Simultaneamente, deve-se reduzir a velocidade.

— nunca acenda o farol alto. Ele ofusca a vista do motorista que trafega em sentido oposto e o reflexo de seu fecho na névoa cria diante de seu próprio carro uma cortina que o impede de enxergar adiante.

— fique de olho na borda da estrada. A sinalização horizontal será de grande importância para sua orientação.

— jamais ultrapasse sob neblina.

— nunca siga de perto um veículo que trafega à sua frente. Sob a neblina ou não, este é sempre um grande perigo. Qualquer freada mais brusca torna o choque inevitável. A proximidade com o pára-choque do carro à sua frente impede que você perceba mudança de velocidade do veículo.

— acione sempre o limpador de pára-brisa. Quando se trafega na neblina, é comum ocorrer o depósito de uma camada de água sobre o vidro, prejudicando ainda mais a visão.

— lembre-se: o pisca-alerta serve apenas para sinalizar "veículo parado". Portanto, se você usa o pisca-alerta com o carro em movimento, corre o risco de parecer estacionado, tanto para quem trafega no mesmo sentido, como para quem vem em sentido contrário.

— nunca pare na estrada. Busque o acostamento, o mais distante possível da pista de rodagem e, só então, ligue o pisca-alerta.

— se o nevoeiro é intenso, a estrada mal sinalizada e a decisão é parar, o melhor é fazê-lo num posto de gasolina ou num restaurante à beira da estrada, até que se tenha melhores condições de dirigibilidade.

Cuidados gerais

Como nunca se sabe quando se vai encontrar este tipo de situação, é bom ter sempre o carro funcionando em perfeito estado, com os dispositivos necessários em condições de serem usados a qualquer instante. Assim, a Fiat Automóveis sugere que se verifique:

— funcionamento das luzes de posição e outras lanternas.

— regulagem dos faróis dianteiros. Desregulada, a luz baixa funciona como alta, que, na neblina, nunca lhe servirá. Os veículos da linha Fiat, aliás, dispõem de regulagem dos faróis para condições de carga completa e parcial, que evita a elevação dos fechos quando, com peso, a parte traseira do veículo se baixa.

Texto nº 54

Para pintar o retrato
de um pássaro

Para Elsa Henriquez

Primeiro pintar uma gaiola
com a porta aberta
pintar depois
algo de lindo
algo de simples
algo de belo
algo de útil
para o pássaro
depois dependurar a tela numa árvore
num jardim
num bosque
ou numa floresta
esconder-se atrás da árvore
sem nada dizer
sem se mexer...

Disser-
tação { Às vezes o pássaro chega logo
mas pode ser também que leve muitos anos
para se decidir

Não perder a esperança
esperar

Disser-
tação { esperar se preciso durante anos
a pressa ou a lentidão da chegada do pássaro
nada tendo a ver
com o sucesso do quadro
Quando o pássaro chegar
se chegar

guardar o mais profundo silêncio
esperar que o pássaro entre na gaiola
e quando já estiver lá dentro
fechar lentamente a porta com o pincel
depois

apagar uma a uma todas as grades
tendo o cuidado de não tocar numa única pena do pássaro
Fazer depois o desenho da árvore
escolhendo o mais belo galho
para o pássaro
pintar também a folhagem verde e a frescura do vento
a poeira do sol
e o barulho dos insetos pelo capim no calor do verão

Disser.
tação { e depois esperar que o pássaro queira cantar
Se o pássaro não cantar
mau sinal
sinal de que o quadro é ruim
mas se cantar bom sinal
sinal de que pode assiná-lo
Então você arranca delicadamente
uma das penas do pássaro
e escreve seu nome num canto do quadro.

Fonte: PRÉVERT (1985:15 e 17)

Texto nº 55

Suflê de cenoura

Tempo de preparo: 1 hora
Receita para 4 pessoas

3 cenouras médias
3 colheres (de sopa) de
manteiga ou margarina
3 colheres (de sopa) de
farinha de trigo
1 xícara de leite
1/2 colher (de chá) de sal
4 ovos separados

Raspe as cenouras e cozinhe, até que estéjam macias. Amasse bem ou passe por peneira. Meça. Deve haver uma xícara bem cheia de purê de cenoura. Derreta a manteiga ou margarina. Junte a farinha e mexa bem. Junte o leite aos poucos, mexendo sem parar. Salgue a gosto e deixe a mistura esfriar ligeiramente. Bata muito bem as gemas. Adicione à mistura de leite já esfriada. Acrescente o purê de cenoura e misture bem. Bata as claras em neve firme, adicionando a metade da neve à mistura de cenoura. Mexa bem. Junte o restante das claras em neve e misture cuidadosamente. Unte uma forma com capacidade de 2 litros. Coloque a mistura. Asse em forno moderado, pré-aquecido, por 30 a 40 minutos, até que esteja crescido e dourado.

Fonte: O grande livro de receitas de Cláudia. São Paulo, Ed.

Abril, sem data: p.250.

3.9 - NARRAÇÃO PASSADA E ORDENAÇÕES

Texto nº 56

Candidatura sempre teve dificuldades

Da Redação

Quando Aureliano Chaves deixou o Ministério das Minas e Energia, em dezembro de 88, já se cogitava a possibilidade de sua candidatura. O ex-ministro, no entanto, exigia consenso do partido em torno de seu nome e chegou a dizer, no início de março, [que não se constrangeria se o PFL escolhesse outro candidato.] A Executiva do partido resolveu então "recomendar", com unanimidade, sua candidatura.

Ao longo daquele mês, porém, ao tentar costurar o apoio do partido, voltou a afirmar que não seria "candidato de um partido dividido" e admitiu apoiar uma virtual candidatura do ex-prefeito Jânio Quadros, se esta tivesse

unanimidade.

Jânio acabou não se filiando ao PFL e anunciou que não seria candidato (pela última vez) no dia 27 de maio.

No início de abril, Aureliano disse ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, [que desistiria se sua candidatura não decolasse em dois meses.] Dias depois, fez diversas críticas à ala "moderna", do senador Marco Maciel (PFL-PE), e voltou a colocar a possibilidade de renunciar.

Quando Maciel resolveu, no dia 17, que iria disputar as prévias que escolheram o candidato, Aureliano só se definiu por permanecer na disputa após reunião com o deputado José Lourenço (PFL-BA), coordenador de sua campanha. Nas prévias, dia

21 de maio, Aureliano venceu.

No início de junho, os líderes do grupo que anoiou Maciel, céticos quanto à possibilidade de Aureliano reverter a situação desfavorável nas pesquisas e seduzidos em parte pela candidatura Collor, resolveram propor o adiamento da convenção marcada para 2 de julho.

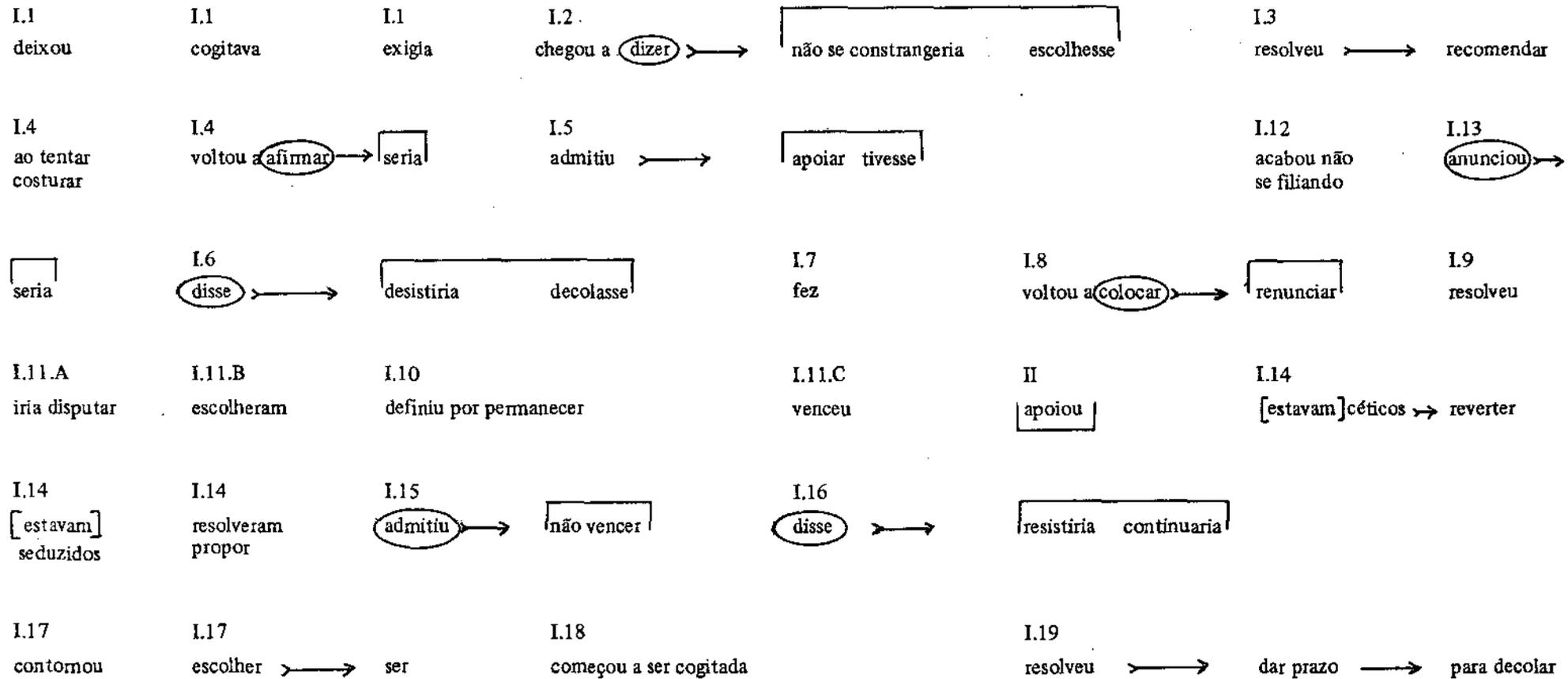
Aureliano admitiu a possibilidade de não yencer as eleições mas, apesar dos rumores, disse [que resistiria as pressões e continuaria candidato.] Contornou momentaneamente a crise ao escolher o janista Cláudio Lembo para ser seu vice.

No final de julho começou a ser cogitada a candidatura de Oscar Corrêa e a cúpula do PFL resolveu dar prazo até agosto para Aureliano decolar.

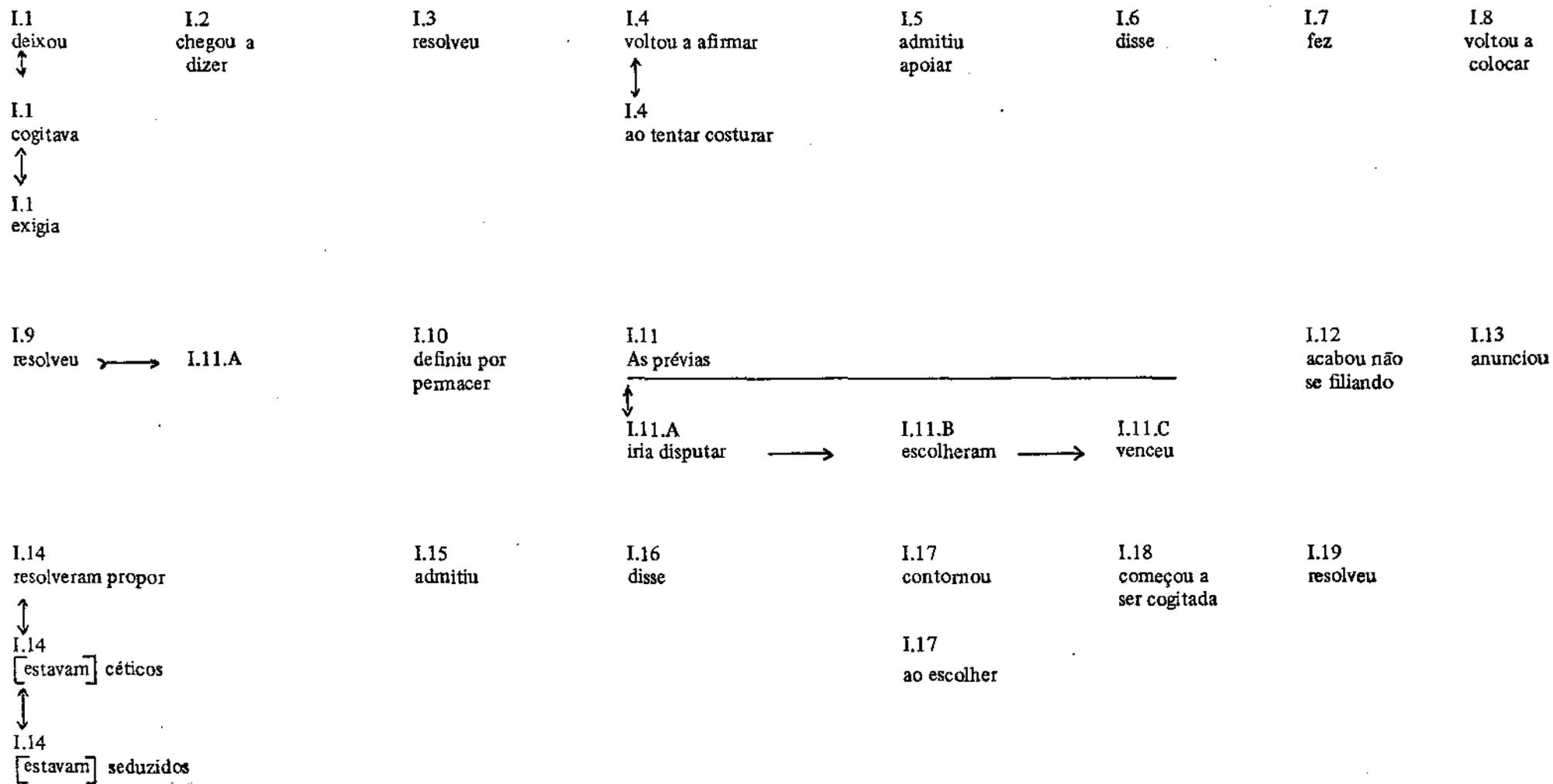
Fonte: Folha de São Paulo. Ano 69, nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.

OBS.: Nesta e em outras narrativas o colchetes delimita trechos dissertativos, descritivos e de discurso direto, indireto e indireto livre.

"Candidatura sempre teve dificuldades" in Folha de São Paulo, Ano 69 n° 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.



"Candidatura sempre teve dificuldades" in *Folha de São Paulo*, Ano 69 nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989:B-3.



Texto nº 57

"A crise cardíaca": (AM2)

(E como foi essa crise cardíaca que o senhor teve?)

"Essa crise me deu dia 21 de abril
há dois ano passado.

Foi de domingo.

Me deu uma dor assim no vazio do estômago,
mas violentamente

e veio no coração aquela dor

e já não vi mais nada,

desmaiei

e caí:

Ali me acudiram

e já foram ... o meu genro foi buscã
o médico.

Era uma hora da tarde, depois do almoço.

E quando eu voltei e conheci que eu tava
na minha cama, era no outro dia.

(Estava) tomando soro,

(Estava) tomando transfusão de sangue
e injeção.

Ali num pude mais trabalhá ...

Dissertação

Agora tô bom!

Agora faz seis meses que não tenho
mais problema.

Mas, (estou) num regime, num tratamento,
coisa bárbara!"

Fonte: CASTRO (1980:99)

Texto nº 58

HISTÓRIA TRISTE DE TUIM

RUBEM BRAGA

[João-de-barro é um bicho bôbo que ninguém pega, embora goste de ficar perto da gente,] mas de dentro daquela casa de João-de-barro vinha uma espécie de chôro, um chorinho fazendo tuim, tuim, tuim...

A casa estava num galho alto, mas um menino subiu até perto, depois com uma vara de bambu conseguiu tirar a casa sem quebrar e veio baixando até o outro menino apanhar. Dentro, naquele quartinho que fica bem escondido depois do corredor de entrada para o vento não incomodar, havia três filhotes, não de João-de-barro, mas de tuim.

[Você conhece, não? De todos êsses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, um mais feio que o outro, ainda sem penas os três chorando.] O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para êles; um morreu, outro morreu, ficou um.

[Geralmente se cria em casa é casal de tuim, especialmente para se apreciar o namorinho, dêles.] Mas aquele tuim macho foi criado sozinho e, como se diz na roça, criado no dedo. Passava o dia sóto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinhas de imbaúba. Se aparecia uma visita fazia-se aquela demonstração: era o menino chegar na varanda e gritar para o arvoredo: tuim, tuim, tuim! As vezes demorava, então a visita achava que aquilo era brincadeira do menino, de repente surgia a ave, vinha certinho pousar no dedo do garoto.

Mas o pai disse: ["menino, você está criando muito amor a êsse bicho, quero avisar: tuim é acostumado a viver em bando. Êsse bichinho se acostuma assim, tôda tarde vem procurar sua gaiola para dormir, mas no dia que passar pela fazenda um bando de tuims, adeus. Ou você prende o tuim ou êle vai-se embora com os outros; mesmo êle estando prêso e ouvindo o bando passar, você está arriscado a êle morrer de tristeza".]

E o menino vivia de ouvido no ar, com mêdo de ouvir bando de tuim.

Foi de manhã, êle estava catando minhoca para pescar quando viu o bando chegar: [não tinha engano: era tuim, tuim, tuim...] Todos desceram ali mesmo em mangueiras, mamonas e num bambuzal, divididos em pares. E o seu? Já tinha sumido, estava no meio dêles, logo depois todos sumiram para uma roça de arroz; o menino gritava com o dedinho esticado para o tuim voltar; nada.

Só parou de chorar quando o pai chegou a cavalo, soube da coisa, disse: ["venha cá"]. E disse: ["O senhor é um homem, estava avisado do que ia acontecer, portanto, não chore mais".]

O menino parou de chorar, porque tinha briga, mas como doia seu coração! De repente, olhe o tuim na varanda! Foi uma alegria na casa que foi uma beleza, até o pai confessou que êle também estivera muito infeliz com o sumiço do tuim.]

Houve um conselho de família, quando acabaram as férias: [deixar o tuim, levar o tuim para São Paulo?] Voltaram para a cidade com o tuim, o menino toda hora dando comidinha a êle na viagem. O pai avisou:

“aqui na cidade êle não pode andar sôlto; é um bicho da roça e se perde, o senhor está avisado”.

Aquilo encheu de medo o coração do menino. Fechava as janelas para soltar o tuim dentro de casa, andava com êle no dedo, êle voava pela sala; a mãe e a irmã não aprovavam, o tuim sujava dentro de casa.

[Soltar um pouquinho no quintal não devia ser perigo, desde que ficasse perto; se êle quisesse voar para longe era só chamar, que voltava;] mas uma vez não voltou.

De casa em casa, o menino foi indagando pelo tuim: [“que é tuim?”] perguntavam pessoas ignorantes. “Tuim?” Que raiva! Pedia licença para olhar no quintal de cada casa, perdeu a hora de almoçar e ir para a escola, foi para outra rua, para outra.

Teve uma idéia, foi ao armazém de “seu” Perrota: [“tem gaiola para vender?”] Disseram [que tinha.] [“Venderam alguma gaiola hoje?”] Tinham vendido uma para uma casa ali perto.

Foi lá, chorando, disse ao dono da casa: [“se não prenderam o meu tuim então por que o senhor comprou gaiola hoje?”]

O homem acabou confessando [que tinha aparecido um periquitinho verde sim, de rabo curto não sabia que chamava tuim.] Ofereceu comprar, [o filho dele gostara tanto, ia ficar desapontado quando voltasse da escola e não achasse mais o bichinho. “Não senhor, o tuim é meu, foi criado por mim”.] Voltou para casa com o tuim no dedo.

Pegou uma tesoura: [era triste, era uma judiação, mas era preciso;] cortou as asinhas; [assim o bicho poderia andar sôlto no quintal, e nunca mais fugiria.]

Depois foi lá dentro fazer uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para dar comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento. Subiu num caixote para olhar por cima do muro, e ainda viu o vulto de um gato ruivo que sumia.

Acabou-se a história do tuim.

(Ai de Ti, Copacabana)

Texto nº 59

-20-

do Sul e no Mato Grosso do Norte, né?, então...que é o Mato Grosso. Aqui pra cima tá o Mato Grosso. Então, o pantanal pega essa região aqui ó.

B Mais no norte, né?
565 A [É, ele
pega o...o sudoeste, né?, do...do Estado do Mato Grosso do Sul.

B Não. O noroeste.

A Noroeste, isso. Noroeste. Parece
570 que a maior/ a maior área de pantanal é do...do Mato Grosso.

B humhum

A Agora teve uma ocasião que eu voltei pra...
575 pra Campo Grande, tava voltando de avião, foi em maio, e o tempo fechô em Campo Grande, nós não paramo(s) em Campo Grande nós fomo(s) pra...pra Corumbá. Sabe?, o avião passô direto. [Aí que tá o rio Paraguai.

B humhum

A Né? heu Deus! Parece um mar. Cê num vê num vê a o/ a
580 outra margem. Impressionante como é grande!

B E de avião?

A De avião. Apesar que ele ta/ tava pousando já em Corumbá, então ele não tava numa altitude..., né?

B humhum

585 A Mas eu fiquei impressionada com a largura do rio.

B Ele é o rio que faz divisa? Faz divisa [entre os dois

A [É

B Estados ou com a Bolívia?

A [É.

590 B Também com a Bolívia. Né?

A [Também com a Bolívia. Também com a Bolívia. Eu nunca parei em

-21-

- Corumbá, sabe? Porque a.../Eu não sei se essa região que eu vi, sabe?, de que lado aí do rio, se era já
- 595 Bolívia, ou era o pantanal da Bolívia ou era o pantanal do Brasil, sabe? E aí' (o)cê vê, né?, aquela mas aquela quantidade d'água que não acaba mais.] (Eu) fiquei impressionada. Falei: [tô vendo]- [Porque o tempo tava fechado, né?, tava...tava ruim de vê, visibilidade -]
- 600 falei: [não, isso aí deve sê mata.] Né?, [porque do alto (vo)cê enxerga uma coisa uniforme, né? Aí a... a...a senhora que tava do meu lado falô: [não, é o... é o rio [Paraguai.]
- C ()/o nove?
- 605 E (Acho que não é o nove.)
- A Então experimente o sete. Pra ligação local a cobra(r).
- D É a cobrar, é.
- A Então. Ligação local a cobrar. Sete.
- D Sete e ^rdepois o número.
- 610 A [Experimente o sete.
- E Isso aqui é...é metropolitana, região metropolitana.
- B [Pois é, então acho que é o sete. Porque no/na cidade a gente pode fazê isso, né?
- 615 A É, é.
- E É a mesma coisa.
- A Sete zero quatro um e o...
- E Não, zero quatro um não precisa.
- 620 A Daí não precisa?
- C Não, não precisa.
- E Não precisa.
- B Porque se é local...

- E Isso aqui é local.
- 625 D Daí não.
- C Aqui é direto.
- E Aqui é direto.
- Isso aqui é uma zona metropolitana. São José dos Pinhais, Paranaguá, tudo é Curitiba.
- 630 C ()
- A [Mas São José dos Pinhais
- B [Paranaguá?
- A tem um prefixo diferente, né? Lá na universidade, lá na federal, logo no início, quando a gente queria
- 635 ligá pra São José tinha que pedi pra telefonista porque era interurbano.
- D ()
- A Que mal pergunte pra onde eles tão ligando?
- 640 B A?
- A ()
- B [É...pra...minha vó.
- C Liga direto.
- D ()
- 645 E () espera um poquinho)
- B Tá ocupado?
- D ()
- E ()
- 650 B Sei lá. /
- A Eu leve um susto danado no começo, fiquei com medo de conhecê o pantanal, porque quando eu cheguei lá pra fazê o concurso, foi uma professora que me atendeu, () o nome dela.

-23-

655 Aí fizemo o concurso e tal, papapá, papapá [e aquela coisa, né?, fica ali, né?, fica uma situação,] né?
Aí terminô o concurso, [aí já, seja que resultado for, né?, tá feito.]

B humhum

660 A Então, -(a)ingá mais que ela fazia parte da banca - [Aí papo vai, papo vem,] aí comecei a perguntá da universidade, [como é que era, como é que não era, onde é que ela tinha estudado, qual era a formação dela, papá, papá.] Aí começô a me contá da vida dela. De repente ela me chamina...na...na sala dela e me mostra a fotografia de dois meninos. Os dois filhos dela. Um de dezesseis e um de dezoito anos que foram assassinados no pantanal.

B Ai, que baxo astral!

670 A Tá? Os dois meninos dela, um com dezesseis, um com dezoito anos, foram com um casal que estava em lua de mel, de São Paulo, primos deles, tá?, pra i(r) pro pantanal. Assim, foram num dia pra voltá no otro. E não voltaram mais, porque os corero mataram, os quatro. Já pensô? Em julho de oitenta e quatro isso.

B Puts!

675 A Mataram os quatro. Aliá/ Primero bateram, judiaram, maltrataram, mataram, rasgaran a barriga deles interinha pros bicho comerem e não acharem, não acharem, só acharem as carcaças.

680

B Mas como é que descobriram? Que tinham matado?

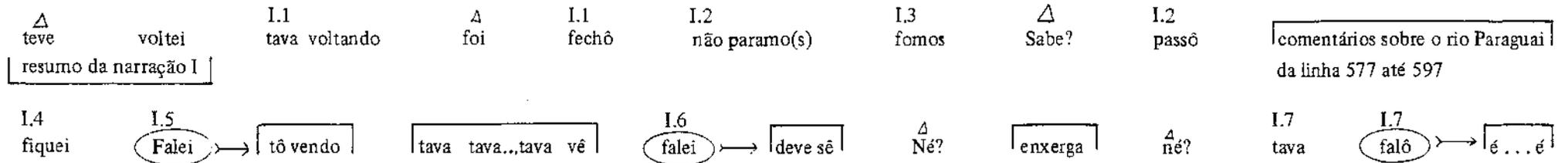
A Porque ele/ Passô um dia, passô dois, ninguém aparecia, ninguém/ eles não voltavam, daí o

-24-

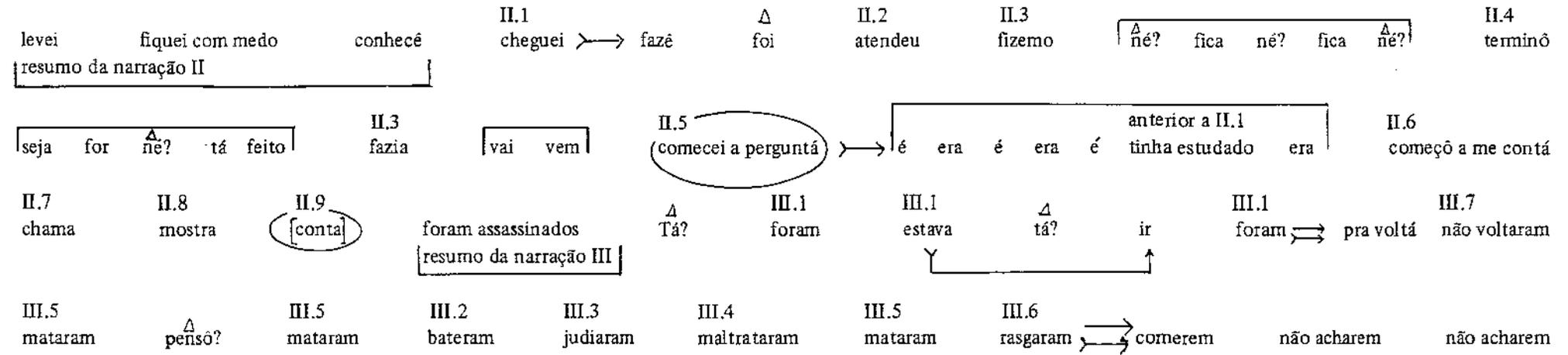
- 685 Seu Almir, [que é o pai dos menino,] começô a procurá.
Aí começô a ficá desesperado, porque eles só tinham
ido pra vol/ Qué dizê, alguma coisa de ruim tinha
acontecido com eles, porque eles não tinham dado sinal
de vida.
- 690 B humhum
- A Até o exército saiu à procura. Aí encontraram.
Com onze dias. Depois de onze dias. Pegaram os corero.
Né?
- B ()
- 695 A Mas já pensô? Aí eu chego, né?,
três dias de Campo Grande, 'a mulher vem me dizê que
os dois filhos dela foram mortos no pantanal. [Cê acha
que eu vô pro pantanal?] Aí, depois que ela me contô,
que me mostrô a fotografia dos dois e tal - dois meninos
700 lindos -, aí ela falô: [não, mas agora já tá bem policiado.
Tem...fiscal do IBDF, fiscal do INAMB - que é um órgão
de...de preservação do ambiente lá no Mato Grosso do
Sul. Então tem muito fiscal, policial e tal papapá.]
B [É, mas pelo que a gente vê em reportagem sem/por mais
705 fiscal que tenha sempre é insuficiente.
- A Exatamente.]
É o que eu to/falei. [Eu...eu sempre digo: qué lugar
melhor pra bandido se escondê do que ali naquele matajal
lá? Eu eim.] Olha, tem gente roncando ()
- 710 C ((riso)) (Cê não tem o gravador?)
- B ((riso))
- A Pchiu. Fala baxo pra
não acordá.
- D O gravador tá funcionando aí?

BERLINCK (1987): Inquérito nº 3: trecho da p. 20 linha 573 até p. 24 linha 709.

Há três narrativas entremeadas por trechos não narrativos.



/linha 604 a 650: interferência de um terceiro falante sobre como fazer interurbano a cobrar/



acharem descobriam III.5 tinham matado
 Pergunta do interlocutor sobre fato
 ainda não apresentado

III.8 III.9 III.8 e III.9 III.7 e III.9
 passô passô aparecia não voltavam

III.13 III.12
 começô a procurá começô a fica desesperado

III.1 III.1 III.2 a III.6 III.10 III.13.a III.14 III.15 Δ Δ
 tinham ido → pra vol/ Qué dizê [pensou] → tinha acontecido não tinham dado sinal de vida saiu encontraram pegaram né? pensô?

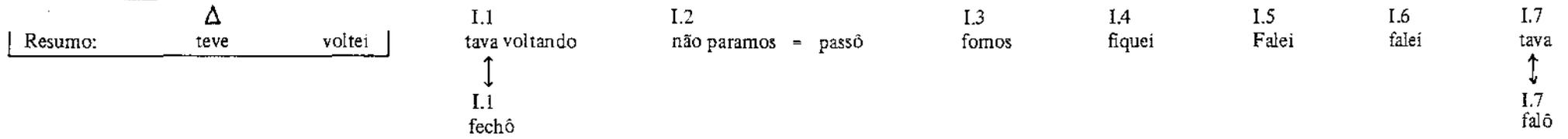
II.1 II.9 II.9 II.8 II.10
 chego né? vem me dizê → foram mortos /acha vô/ contô mostrô falô → tá . . . policiado Tem é tem

resumo da narração III

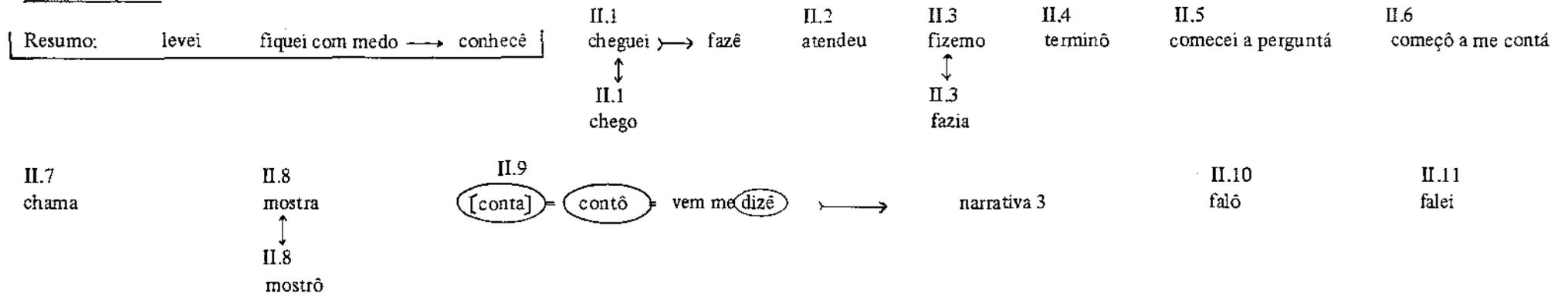
II.11
 É falei digo → qué se escondê

é vê tenha é
 comentário do
 interlocutor

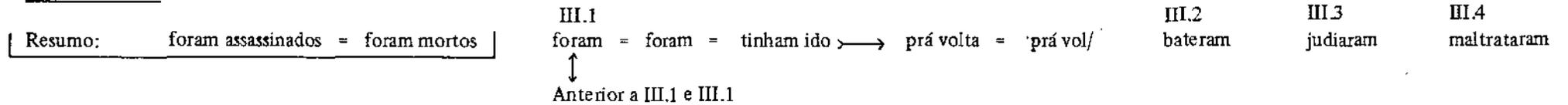
NARRATIVA 1



NARRATIVA 2



NARRATIVA 3



III.5 mataram = mataram = mataram = tinham matado
 III.6 rasgaram → comereim não acharem = não acharem = acharem III.7 não voltaram

III.8 passô III.9 passô III.10 não tinham dado sinal de vida III.11 (pensou) → tinha acontecido (= III.2 a III.6) III.12 (?) começo a fica desesperado III.13 (?) começô a procurá

III.8 e III.9 aparecia III.8 e III.9 voltavam III.13 saiu

III.14 encontraram III.15 pegaram

Observações à ordenação de BERLINCK (1987) - inquérito nº3: trecho da p.20 linha 573 à p.24 linha 709.

1) Observe-se na narrativa 3 que "acharem", "descobriram" e "encontraram" se equivalem funcionando como sinônimos. "Acharem" é de realização virtual e "descobriram" e "encontraram" já é real. É pois um caso de (VIII.c). Outros casos de (VIII.c) podem ser observados: Em III.1 (foram = foram = tinham ido e volta = vol/); em III.5 (mataram = mataram = mataram = tinham matado); III.2 a III.6 são retomados pelo verbo vicário "tinha acontecido". Na narrativa 2, temos [conta] = contô = vem me dizê em II.9. "Contô" é usado no texto numa espécie de referência anafórica a toda a narrativa 3, no final da narrativa 2, quando o falante já comenta o efeito que a narrativa 3 teve sobre ele.

2) Devido ao menor planejamento do texto oral, já que este é planejado à medida que vai sendo dito (a não serem situações especiais em que houve uma produção prévia do texto), observa-se que nas narrativas orais:

a) é comum a repetição de situações para melhor elaborar um ponto da narração, fornecendo mais informações (circunstâncias de tempo, lugar, fim, etc., por exemplo, ou participantes, etc.);

b) nem sempre se atende (XX) (Cf. 5.4.2), o que às vezes acarreta a necessidade de esclarecimentos ou explicações a posteriori, solicitadas ou não pelo interlocutor;

c) às vezes o produtor do texto deixa de dar todos os elementos necessários para ordenar referencialmente com

toda a segurança. Assim, por exemplo, na narrativa 3, as situações após III.6, devido a uma série de vai e vens na sua apresentação, aparecem numa ordem textual não isomórfica com a ordem referencial, o que exigiria a colocação de certas marcas/pistas que não foram dadas, daí a ordenação proposta em alguns pontos ser fruto da utilização do conhecimento de mundo;

d) os fatos de a, b e c acima parecem ser resultado do fato de as situações e outras informações serem apresentadas conforme são pinçadas pela memória no conhecimento de mundo. Parece interessante aprofundar o estudo da relação da memória com a ordenação textual em textos orais e as particularidades resultantes daí.

Texto nº 60

Morre Shockley, pai do transistor

STANFORD, Estados Unidos — O físico norte-americano William Shockley, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1956 e co-inventor do transistor, morreu sábado aos 79 anos, na sua casa, no campus da Universidade de Stanford, Califórnia, em consequência de câncer da próstata. As propriedades do primeiro transistor do mundo foram demonstradas em 23 de dezembro de 1947 por Shockley e os colegas John Bardeen e Walter Brattain, nos laboratórios da empresa Bell Telephone, onde os três trabalhavam.

William Shockley fazia pesquisas para a Bell desde 1936, mas teve seus trabalhos interrompidos pela Segunda Guerra Mundial.

Em 1954, ele deixou a empresa para fundar os Laboratórios Shockley de Semicondutores, que alguns anos depois se transformaram no centro eletrônico de Silicon Valley, na Califórnia.

Há alguns anos, o cientista provocou polêmica ao declarar

[que pesquisas genéticas identificavam os negros como pessoas menos inteligentes do que os brancos. Em sua opinião, o crescimento da população negra poderia expor os Estados Unidos ao perigo de um retrocesso.] Aos 68 anos de idade, Shockley contribuiu para o banco de esperma de Escondido, na Califórnia, [que se dispõe a preservar genes de gênios.]

Shockley atribuía mais importância a seu trabalho como geneticista do que como físico. Ele devotou os últimos 20 anos de sua vida quase inteiramente ao avanço de sua filosofia [segundo a qual a inteligência é genética, e os negros "jamais chegarão a ser tão brilhantes quanto os brancos".] Em 1973, a universidade inglesa de Leeds retirou a oferta que lhe havia feito de um grau honorífico. Motivo: Shockley acabara de propor a criação de um "plano de esterilização voluntária", a partir do qual pessoas com QI abaixo de cem receberiam dinheiro, caso concordassem em não ter herdeiros jamais.



Shockley: teses racistas

Fonte: O Estado de São Paulo. Ano 110, nº 35.119. São Paulo, 15/08/1989:11.

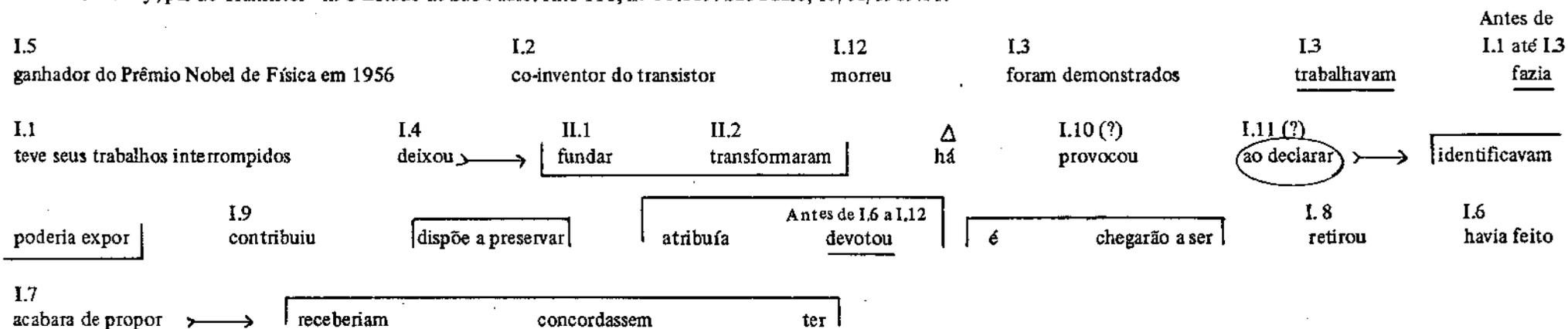
Texto nº 61

PASSEIO NOTURNO

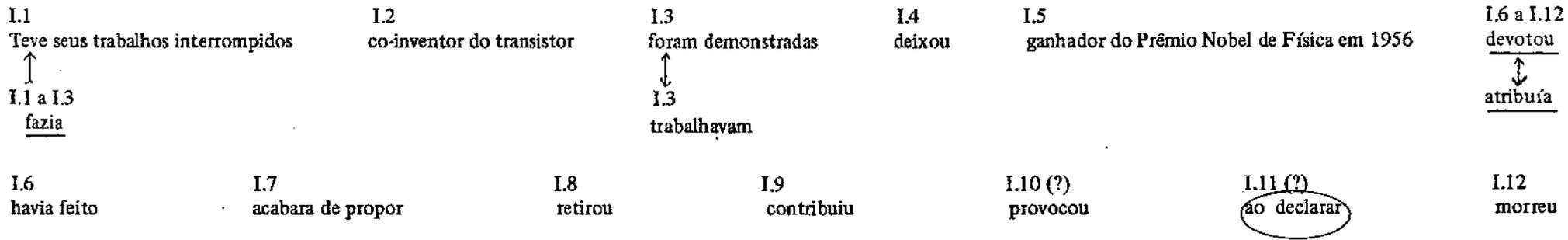
Rubem Fonseca

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa-de-cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, [você está com um ar cansado.] Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. [Você não vai largar essa mala?] perguntou minha mulher, [tira essa roupa, bebe um uísquinho, você precisa aprender a relaxar.]

"Morre Shockley, pai do Transistor" in O Estado de São Paulo. Ano 110, nº 35.119. São Paulo, 15/08/1989:11.



ORDENAÇÃO REFERENCIAL



Observações à ordenação de "Morre Shockley, o pai do transistor"

1) Aqui, como no texto nº68 (O Arquivo), há situações expressas por nomes. Observa-se que elas aparecem sobretudo no que VAN DIJK (1986), ao falar da superestrutura das reportagens, chamou de "background".

2) Há uma pequena narrativa encaixada na narrativa principal.

3) Observe-se que a última situação da ordem referencial é a primeira na ordem textual. Vimos que isto se dá em função da relevância.

4) Como o adjunto adverbial "há alguns anos" é impreciso há uma certa indecisão quanto à posição de I.10 e I.11 na cronologia: antes ou depois de 1.9?

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, Já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta.

Vamos dar uma volta de carro? convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu carro. Tirei o carro dos dois, botei na rua, tirei o meu botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na Avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher?, realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava

apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passsei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em onze segundos. Ainda deu para

ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de vermelho, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.

Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. [Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas.]

A família estava vendo televisão. [Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?] perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. [Vou dormir, boa noite para todos,] respondi, [amanhã you ter um dia terrível na companhia.]

Fonte: FONSECA (1974)

Texto nº 62

PIADA DO MENININHO

[O] menino era um capetinha. Desbocado, safadinho, aquela carinha típica de menino matreiro. Vivia sendo expulso das festinhas de aniversário a que comparecia, matando a mãe de desgosto.

Na última a que comparecera, tinha armado uma brincadeira tão safada no banheiro, que em meia hora a mãe do aniversariante teve que devolvê-lo para casa. E o que falava de palavrão, não era brincadeira. Passaram meses sem que fosse convidado para festa alguma no bairro.

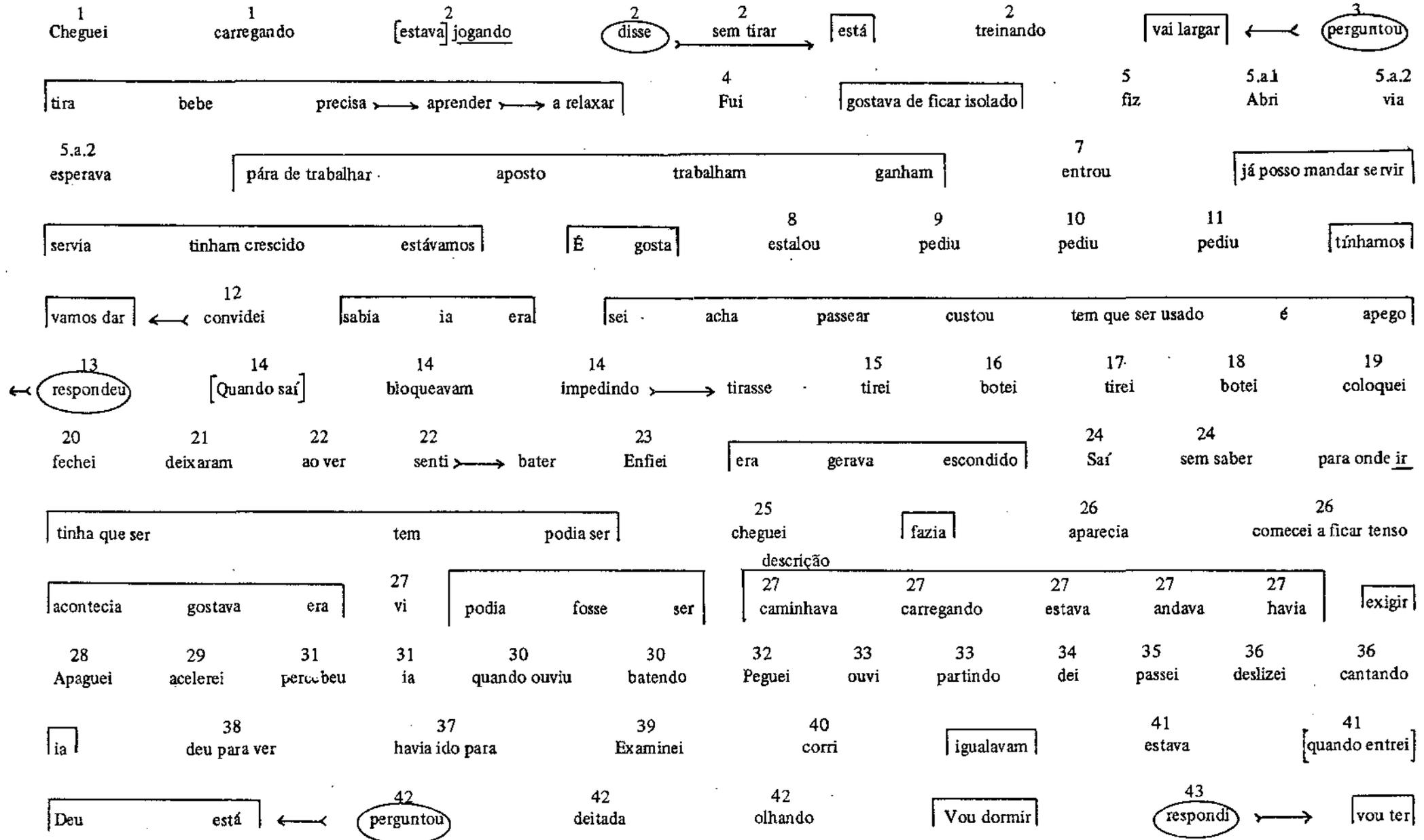
Um dia a mãe dele recebeu um telefonema de uma vizinha convidando o garotinho pro aniversário da filha. No fundo, a mãezinha ficou muito feliz, [afinal o menininho dela seria de novo aceito no seu círculo.]

Na hora da festa, arrumou o filho todo bonitinho, penteou o cabelinho do menino e deu muitos conselhos pra ele, [“meu filhinho, comporte-se direitinho, não faça a mamãe passar vergonha, não fale palavra feia, não agarre as meninas, respeite os mais velhos”], essas coisas. Fez o embrulho do presentinho, deu um beijo na testa do menino e disse:

[— Vai com Deus, meu anjo. Faz tudo direitinho como mamãe falou, viu?]

E o menino foi.

Dez minutos depois, olha o menino de volta, todo sem graça. A mãe abriu a porta e deu de cara com o menininho ali, com aquele sorrisinho meio amarelinho nos lábios, ah, ela nem conversou:



[— Capetinha! A gente não pode confiar em você, não é?]

Foi agarrando o menino pela orelha e falando todas as coisas [que mãe fala nestas horas,] e jogou o menino no banheiro.

[— Vai ficar preso aí até seu pai chegar pra conversar com você. Eu já não tenho mais paciência.]— E fechou a porta do banheiro.

O menino chorou, berrou, soluçou, mas ela deixou ele lá.

Naquele dia o pai chegou tardíssimo. Já encontrou a mulher resmungando:

[— O capeta do seu filho só me dá desgosto. Tá preso lá no banheiro esperando você chegar pra conversar com ele.]— E contou tudo o que tinha acontecido. O pai foi lá, abriu a porta, o menino estava deitadinho no chão do banheiro dormindo, dando aqueles soluços profundos [que menino dá quando adormece depois de um choro muito longo.] O pai acordou o filho, sentou-o no colo, muito severo, e perguntou com voz grave:

[— Que foi que houve, rapaz?]

E o menino com a vozinha lá no fundo:

[— A festa foi transferida para amanhã.]

Fonte: ZIRALDO (1988:46,47)

Texto nº 63

O Show

O cartaz
O desejo

O pai
O dinheiro
O ingresso

O dia
A preparação
A ida

O estádio
A multidão
A expectativa

A música
A vibração
A participação

O fim
A volta
O vazio

Fonte: KOCH e TRAVAGLIA (1989:12)

3.10 - NARRAÇÃO PRESENTE E ORDENAÇÕES

Texto nº 64

A FARSA E OS FARSANTES

CARLOS HEITOR CONY

É na hora de levantar da mesa que a garota sente a dor. Morde os beiços, solta o grito:

[— Papai!]

O pai pentela a menor que vai ao colégio. Cabe-los revoltos, cabeça mais revolta ainda, é um drama manter aqueles fiapos arrumados em cima do pequenino crânio que ele tanto ama.]

[— Que foi?]

E antes de qualquer resposta, abre os braços para receber a filha que vem caindo, aos pedaços, o rosto vermelho, duas lágrimas súbitas correndo, pelas gordas bochechas:]

[— Minha perna!]

Recebe a filha nos braços, tenta forçá-la a andar, mas o corpo dela cai para o lado, a perna parece endurecida, como se fizesse parte de um outro organismo. Então apela para a força e levanta-a nos braços, [já há muito não a segura assim, desde que começara a ficar mocinha.] No trajeto da sala para o quarto lembra noites antigas, em que a menina acordava e pedia colo, ele ficava a noite inteira com o pequenino corpo nos braços, andando pelo escuro com sua preciosa carga feita de amor, medo e duas mãozinhas que o agarravam quando tentava deltá-la outra vez na cama.

[Agora, o corpo cresceu, pesa em seus braços, mas a fragilidade da menina é a mesma.]

A menor fica pelos cantos, a cara amarrada, rosnando. Numa pausa, enquanto procura a pomada para fazer a fricção doméstica, vê a menor tirando o uniforme.

[— Que é isso? Você não vai ao colégio?]

[A resposta é negativa.] Se a outra não vai, ela também não vai. O pai argumenta com a dor, a pomada cor de iodo que começa a esfregar pelos joelhos da outra, mas a menor [é sábia e vi] quando insinua:

[— Isso é embromação, papai! Ela não tem nada!]

A vontade primeira é esfregar pomada no nariz dela. Nunca a mais velha fingiria a esse ponto. Espinafra a menor, cita exemplos, antigos e convincentes, apanha a merendeira e a pasta, empurra-a pelo elevador, e quase se esquece de recomendar a empregada para desculpar a falta da outra.

E a outra faz o seu papel de dor e impotência. As lágrimas secam, mas a perna ainda dói — e ele descobre um vermelhão perto dos joelhos e teme. Olha uma velha imagem de Santa Luzia que a mãe lhe havia dado, pensa mecanicamente em rezar, pedir proteção para aquele joelho, [mas assim também não, é covardia demais] e prefere telefonar para o médico.

Quando acaba de discar, e antes de o médico atender, a filha já se levantara e correrá ao telefone para cortar a ligação.

[— Não precisa não, papai, eu já estou boa!]

[— O quê?]

E novo pranto, desta vez mais sincero: aos soluços, a verdade é dita:

[— Eu não sabia nada para a prova, papai!]

Alisa os cabelos da filha, feliz já, de não ser nada. E a certeza de que a filha não tivera nada lhe dá súbita e incontrolada ternura. Beija-a avidamente, reencontrado em sua rotina e sossego.

[— E agora?]

[Agora, é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passavam] Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e ficam vendo figuras, depois jogam uma partida de batalha naval, A6, F7, D8 — água.

Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião.

[— Vamos fazer banana frita?]

Enxotam as duas empregadas da cozinha e fazem, eles mesmos, a banana frita, e comem com avidez e grandes goles de guaraná. Até que, de repente, quando maior é a comilança, ouvem o barulho do elevador que pára no andar.

[— É ela!]

[Pelo jeito furioso de bater a campainha, é mesmo a menor que volta do colégio.] Então, pai e filha olham-se nos olhos e correm para o quarto. Quando a outra chega, encontra a irmã gemendo sobre a cama, e o pai, apreensivo e corrupto, abaixando o termômetro com grandes solavancos, para ver se a febre já ti- nha passado.

(Crônicas Exemplares)

Fonte: AZEVEDO FILHO (s/ data:63-65)

Texto nº 65

O médico e o monstro

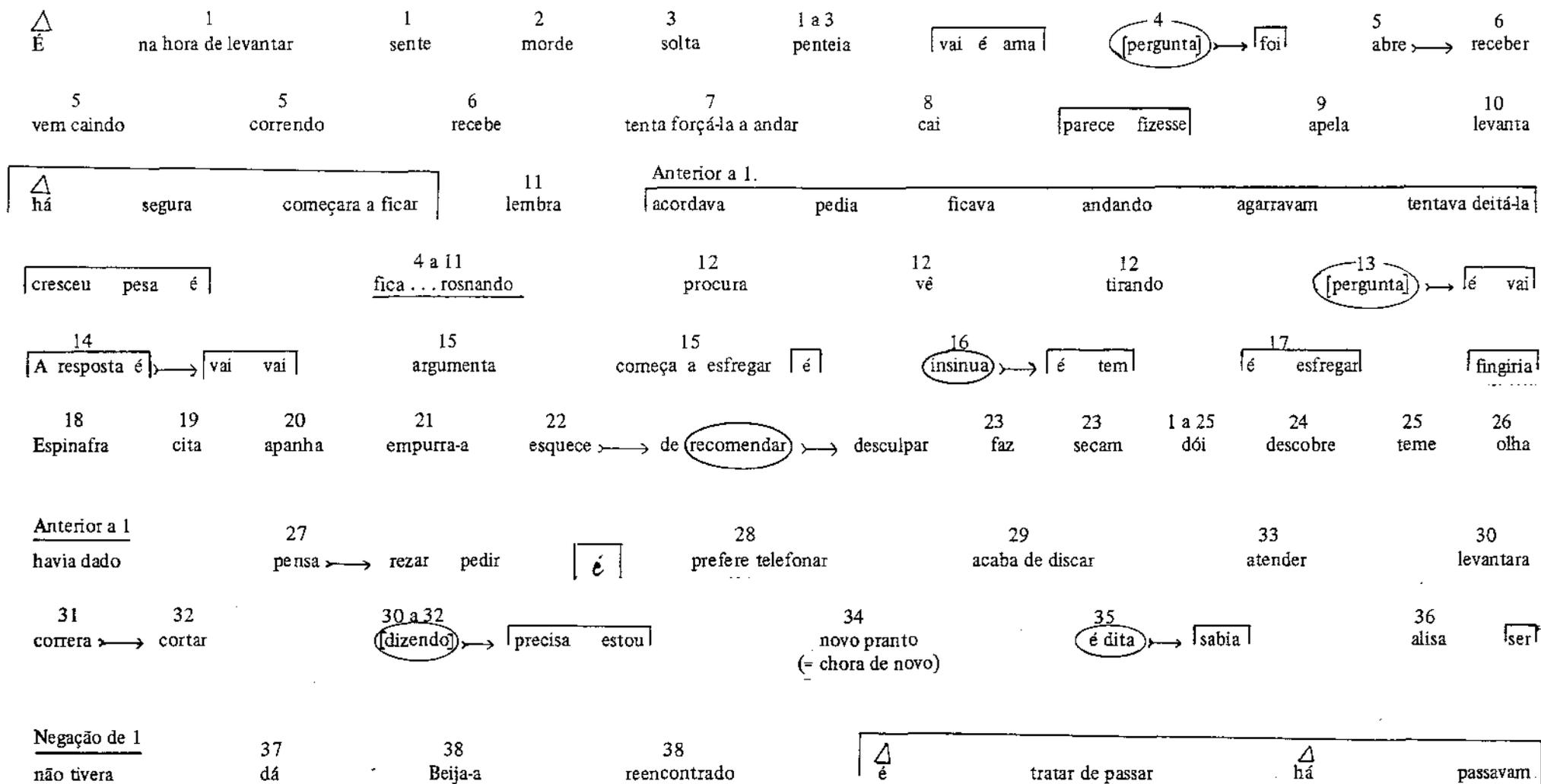
Paulo Mendes Campos

Avental branco, pincenê vermelho, bigodes azuis, ei-lo, grave, aplicando sobre o peito descoberto duma criancinha um estetoscópio, e depois a injeção que a enfermeira lhe passa.

[O avental na verdade é uma camisa de homem adulto a bater-lhe pelos joelhos; os bigodes foram pintados por sua irmã, a enfermeira; a criancinha é uma boneca de olhos cerúleos, mas já meio careca, que atende pelo nome de Rosinha; os instrumentos para exame e cirurgia saem duma caixinha de brinquedos.

Ela, seis anos e meio; o doutor tem cinco.] Enquanto trabalham, a enfermeira presta informações:

[— Esta menina é boba mesmo, não gosta de injeção, nem de vitamina, mas a irmãzinha dela adora.]



39
desencavam

40
deitam-se

41
ficam vendo

42
jogam

42 A
Acerta

43 (?)
ganha

44
[sugere] → [vamos fazer]

45
enxotam

46
fazem

47
comem

48
é

48
ouvem

48
para

49
deduzem
ou [] → [é]

bater é volta

50
olham-se

51
correm

52
chega

52
encontra

52
gemendo

52
abaixando → ver

Anterior a 52
tinha passado

O médico segura o microscópio, focaliza-o dentro da boca de Rosinha, pede uma colher, manda a paciente dizer aaá. Rosinha diz aaá pelos lábios da enfermeira. O médico apanha o pincenê, que escorreu de seu nariz, rabisca uma receita, enquanto a enfermeira continua:

[— O senhor pode dar injeção que eu faço ela tomar de qualquer jeito, porque é claro que se ela não quiser, né, vai ficar muito magrinha que até o vento carrega.]

O médico, no entanto, prefere enrolar uma gaze em torno do pescoço da boneca, diagnosticando:

[— Mordida de leão.]

— Mordida de leão, pergunta, desapontada, a enfermeira, para logo aceitar este faz-de-conta dentro do outro faz-de-conta; [eu já disse tanto, meu Deus, para essa garota não ir na floresta brincar com Chapeuzinho Vermelho...]

Novos clientes desfilam pela clínica: uma baiana de acarajé, um urso muito resfriado, [porque só gostava de neve,] um cachorro atropelado por lotação, outras bonecas de vários tamanhos, um papai noel, uma bola de borracha e até mesmo o pai e a mãe do médico e da enfermeira.

De repente, o médico diz [que está com sede] e corre para a cozinha, apertando o pincene contra o rosto. A mãe se aproveita disso para dar um beijo violento no seu amor de filho e também para preparar-lhe um copázio de vitaminas: tomate, cenoura, maçã, banana, limão, laranja e aveia. O famoso pediatra, com um esgar colérico, recusa a formidável droga.

[— Tem de tomar, senão quem acaba no médico é você mesmo, doutor.]

Ele implora em vão por uma bebida mais inócua. O copo é levado com energia aos seus lábios, a beberagem é provada com uma careta. Em seguida, propõe um trato:

[— Só se você depois me der um sorvete.]

A terrível mistura é sorvida com dificuldade e repugnância, seus olhos se alteram nas órbitas, um engasgo devolve o restinho. A operação durou um quarto de hora.

A mãe recolhe o copo vazio com a alegria da vitória e aplica no menino uma palmadinha carinhosa, revidada com a ameaça dum chute. Já estamos a essa altura, como não podia deixar de ser, presenciando a metamorfose do médico em monstro.

Ao passar zunindo pela sala, o pincenê e o avental são atirados sobre o tapete com um gesto desabrido. Do antigo médico resta um lindo bigode azul. De máscara preta e espada, Mr. Hyde penetra no quarto, onde a doce enfermeira continua a brincar, e desfaz com uma espadecirada todo o consultório: microscópio, estetoscópio, remédios, seringa, termômetro, tesoura, gaze, esparadrapo, bonecas, tudo se derrama pelo chão. A enfermeira dá um grito de horror e começa a chorar nervosamente. O monstro, exultante, espeta-lhe a espada na barriga e brada:

[— Eu sou o Demônio do Deserto!]

[Ainda sob o efeito das vitaminas, preso na solidão escura do mal, desatento a qualquer autoridade materna ou paterna, com o diabo no corpo,] o monstro vai espalhando o terror a seu redor: é a televisão ligada ao máximo, é o divã massacrado sob os seus pés, é uma corneta indo tinir no ouvido da cozinheira, um vaso quebrado, uma cortina que se despenca, um grito, um uivo, um rugido animal, é o doce derramado, a torneira inundando o banheiro, a revista nova dilacerada, é, enfim, o flagelo à solta no sexto andar dum apartamento carioca.

Subitamente, o monstro se acalma. Suado e ofegante, senta-se sobre os joelhos do pai, pedindo com doçura [que conte uma história ou lhe compre um carneirinho de verdade.]

E a paz e a ternura de novo abrem suas asas num lar ameaçado pelas forças do mal.

(P. M. C.)

1 aplicando 3 e depois [aplicando] 2 passa [é bater foram pintados é atende saem Ela [tem] tem] 1 a 11 trabalham 1 a 11 presta → é gosta adora

4 segura 5 focaliza-o 6 pede 7 manda dizer 8 diz 10 apanha 9 escorreu 11 rabisca 11 continua [a dizer/prestar informações] →

[pode dar faço ela tomar é quiser vai ficar carrega] 12 prefere enrolar 12 (diagnosticando) 13 pergunta

14 aceitar [dizendo] → [disse ir...brincar] 15 desfilam 16 (diz) → [está] 17 corre 17 apertando 18 aproveita → dar e preparar 19 recusa

[tem de tomar acaba] 20 implora 21 é levado 22 é provada 23 (propõe) → [der] 24 é sorvida 25 alteram 26 devolve

18 a 26 Δ A operação durou um quarto de hora 27 recolhe 28 aplica 29 [que é] revidada 29 estamos presenciando não podia deixar de ser Δ

30 ao passar 30 são atirados 31 resta 32 penetra 1 a 32 continua a brincar 33 desfaz 33 derrama 34 dá 35 começa a chorar 36 espeta 37 (brada) → [sou]

38 vai espalhando o terror 38.A.1 Δ é a televisão ligada 38.A.2 Δ é o divã massacrado 38.A.3 Δ é uma corneta indo tinir 38.A.4 Δ [é] um vaso quebrado 38.A.5 despenca 38.A.6 Δ [é] um grito

38.A.7 Δ [é] um uivo 38.A.8 Δ [é] um rugido 38.A.9 Δ [é] = doce derramado 38.A.10 Δ [é] a torneira inundando 38.A.11 Δ [é] a revista nova dilacerada [é] acalma 39 40 senta-se

40 pedindo → [conte ou compre] 41 abrem

SEQUESTRADORES FOGEM PARA O PARANÁ E SÃO CERCADOS

Oito reféns em 12 dias de ação

■ A aventura da quadrilha composta pelos irmãos Ribeiro Campos começou há 12 dias. No total, oito pessoas foram tomadas como reféns. Eis a cronologia dos seqüestros e da fuga:

■ 3 de agosto (quinta-feira) — O menino Said Angel Filho, de 9 anos, é seqüestrado por dois homens, na porta de sua casa, em Goiânia. Antes de partir com a criança, os seqüestradores atiraram uma pedra dentro da casa com um bilhete, dizendo que entrariam em contato nos próximos cinco dias.

■ 5 de agosto (sábado) — Os pais de Said Angel Filho — Said Angel e Eneida Campos Angel — recebem o primeiro comunicado do grupo. Eles avisam que o menino estava com febre e que havia lhe dado Novalgina e mel.

■ 6 de agosto (domingo) — Certos de que se trataria de amadores, Said e Eneida resolvem comunicar o seqüestro de seu filho à polícia. As investigações começam com o bloqueio do telefone da família.

■ 7 de agosto (segunda-feira) — Mais um telefonema à casa dos Angel e a polícia consegue identificar o telefone público de onde partiu. O local — próximo ao Hospital Neurológico, em Goiânia — é cercado e, no tiroteio com a polícia, Nilton Ribeiro Campos, um dos seqüestradores, morre. Seu irmão, Paulo Ribeiro Campos, é gravemente ferido. No boio de Nilton é encontrado um cartão com o endereço da casa no bairro de Jardim América, onde Said Angel Filho era mantido preso. A prisão de Eloides Teresinha Campos, mulher de Nilton, fornece outra pista: os seqüestradores são cinco dos 11 irmãos gaúchos Ribeiro Campos — Rui, Moacir, Marlene, Nilton (morto no tiroteio), Paulo (ferido) e a mulher de Rui, Clair, com

várias passagens pela polícia. A casa do Jardim América é cercada e começam as negociações sem a presença da imprensa.

■ 9 de agosto (quarta-feira) — Cercados por atiradores de elite há quase 48 horas, os seqüestradores concordam em libertar o menino em troca de NCz\$ 100 mil, três reféns — as repórteres Mônica Calaça, da TV Goyá; Solange Franco, da TV Anhangüera; e Carla Monteiro, do *Diário da Manhã* — e um carro-forte que os levaria para o aeroporto de Goiânia, de onde pretendiam fugir do país em um avião. Por volta das 18h, o carro-forte parte para o aeroporto, mas o bando não consegue embarcar no avião, porque a polícia avisa que não há piloto disponível.

■ 10 de agosto (quinta-feira) — Após novas negociações, à 1h, os seqüestradores decidem libertar a repórter Carla Monteiro e fugir no carro blindado, agora dirigido pelo motorista de táxi Osiris Tavares, o *Zelão*, com a promessa de que não seriam seguidos. A polícia de Goiás segue o carro a distância. Mais de 15 horas depois, quando já havia passado por Itumbiara (GO), Frutal (MG) e Presidente Prudente (SP), os seqüestradores são interceptados, às 16h30, por uma barreira policial na localidade paulista de Ipororó do Paranapanema, município de Pirapozinho, na divisa entre São Paulo e Paraná. Eles ameaçam matar os reféns e exigem um helicóptero para a fuga. A polícia do Paraná se recusa a deixa-los entrar no estado e a de São Paulo diz que não vai permitir que eles voltem.

■ 11 de agosto (sexta-feira) — O governo de Goiás frêta um helicóptero para atender à exigência dos seqüestradores, mas o aparelho enguiça minutos depois de decolar de Presidente Prudente. Outro helicóptero é alugado em São Paulo, em

nome do governo de Goiás, com chegada prevista em Presidente Prudente na manhã de sábado, dia 12. Por determinação do ministro da Justiça, Saulo Ramos, o governo do Distrito Federal cede outro helicóptero para a missão. Apontando armas para as reféns e nervosos, os seqüestradores dão prazo à polícia até às 15h do dia seguinte — dia 12, sábado.

■ 12 de agosto (sábado) — À tarde, já reparado o defeito do helicóptero frê-tado pelo governo de Goiás, o piloto Roni Pigetti Spato exige que os seqüestradores abandonem as armas para decolar. Eles não concordam e o prefeito do município goiano de Pontalina, Aniceto de Oliveira Costa, oferece-se para levar o grupo em seu avião, um bimotor.

■ 13 de agosto (domingo) — Às 16h30, após 72 horas de negociações, o grupo decide libertar os reféns a poucos quilômetros dali, na Fazenda Barro do Rebojo. O bimotor decola de Santo Inácio, no Paraná, levando o bando, o prefeito Aniceto Costa e o piloto Roberto Luis Seregatti. As repórteres e o motorista — que ficaram mais de 90 horas em poder dos seqüestradores — são levados num carro da Polícia Civil para Presidente Prudente. No começo da noite, o avião aterrisa numa fazenda em Hernandarias, no Paraguai, onde é cercado pela polícia paraguai.

■ 14 de agosto (segunda-feira) — O seqüestro já completa mais de 100 horas, quando o avião decola do Paraguai, às 6h, e segue para o interior do Paraná. Em uma fazenda no município de Toledo, os seqüestradores deixam o avião, libertam o prefeito e o piloto, fazem um novo refém, rotam uma caminhonete e seguem em direção à fronteira com o Paraguai. Às 17h, foram cercados pela polícia do Paraná.

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129. 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

OBS.: Veja os textos nºs 75 e 76 em "Outras Narrações"

A aventura ... há foram tomados ... começou
Resumo da narrativa

3 agosto (5ª feira)

I.1 é seqüestrado

I.2 atiraram

I.3 partir

5 de agosto (sábado)

I.2 dizendo → I.5.b

I.4 haviam lhe dado

I.5 recebem

6 de agosto (domingo)

tratava

I.6 resolvem comunicar

I.7 começam

7 de agosto (2ª feira)

I.4 a I.5 estava

I.5.a avisavam → I.4.a

I.5.b entrariam em contato

I.4 a I.17 era mantido preso

I.8 partiu

I.9 consegue identificar

I.10 é cercado

I.11 morre

I.12 é ferido

I.13 é encontrado

I.14 fornece → são

I.15 é cercada

I.16 começam as negociações

9 de agosto (4ª feira)

I.17 concordam em libertar

II.1 (ou I.19) levaria

II.2 pretendiam fugir

I.15 a I.17 cercados ... há quase 48 horas

I.18 parte

I.19 levaria

I.20 alega → há

I.21 não consegue embarcar

10 de agosto (5ª feira)

I.22 novas negociações

I.22.A decidem → libertar e fugir → dirigido → não seriam seguidos.

I.23 segue

I.24 Já haviam passado

I.25 são interceptados

I.26 ameaçam matar

I.27 exigem

I.28 se recusa a deixá-las entrar

I.29 diz → não vai permitir que eles voltem

11 de agosto

I.30

I.31

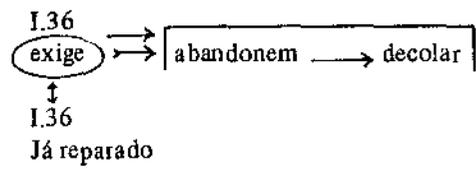
I.32

I.33

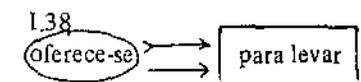
I.34

I.35

12 de agosto
(sábado)



I.37
não concordam



13 de agosto
domingo

I.39
72 horas de
negociações

I.40
decide →

libertar
↕
I.17 a I.40
ficaram

I.41
decola
↕
I.41
levando

I.42
são levados

I.43
aterrisa

I.44
é cercado

14 de agosto
(2ª feira)

I.45
decola
↑ Δ
completa mais
de 100 horas

I.46
segue

I.47
deixam

I.48
libertam

I.49
fazem

I.50
roubam

I.51
seguem

I.52
foram
cercados

Texto nº 67

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. [Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial.] Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: [“assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto.] Lanço então um último olhar fora de mim, [onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.]

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. [A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade.] Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

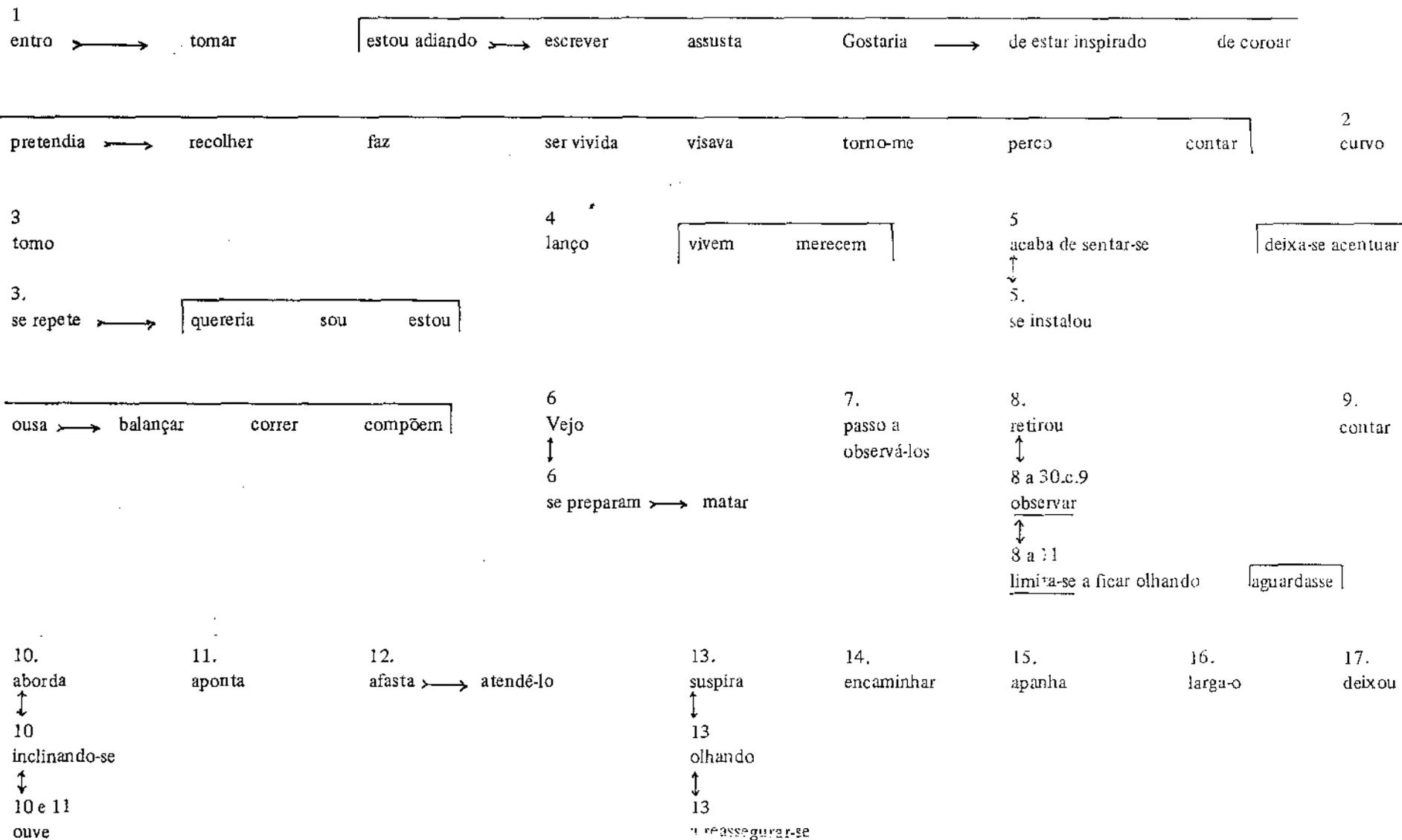
Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua pre-

sença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho — um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, [contida na sua expectativa], olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

[São três velinhas brancas, minúsculas] que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sófregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajcita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

[Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.]



18.
olha
↕
18.
contida

[começa a comer?]

19.
Vejo
↕
19.
obedecem
↕
19.A.1
remexe
↕
19.B.1
mune
↕
19.C
aguarda
↕
8 a 30.C.9
observa

[são]

20.
espeta

21.
serve
↕
21.a.1
risca

21.a.2
acende

22.
repousa

23.
sopra → 24. (?)
apagando

25
põe-se a bater
↕
25
cantando
↕
25
juntam

26
recolhe

27
torna a guardá-las

28
agarra

29
põe-se a comê-lo

30
[enquanto a menina come]

↕
30.a
está olhando

↕
30.b.1
ajeita

30.b.2
limpa

↕
30.c.1
corre

30.c.2
dá

↕
30.c.1
a se convencer

8 a 30.c.9
observá-lo

[cai]

30.c.3
encontram

30.c.4
perturba

30.c.5 (?)
fica cons-
trangido

30.c.6
vacila

30.c.7
ameaça abaixar

30.c.8
acaba
sustentando

30.c.9
abre

quereria

fosse

3.11 - OUTRAS NARRAÇÕES E ORDENAÇÕES

Texto nº 68

Tipo: Narração passada

O ARQUIVO

Victor Giudice

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos.

João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Desta vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora, João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. Sua pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim do expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado.

— Seu João. Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

— Sabemos de todos os seus esforços. É nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

— Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

— De hoje em diante, o senhor passará a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Con-
tente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligí-
vel, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nesta noite, João não pensou em nada. Dormiu
pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixara de
jantar. O almoço reduzira-se a um sanduíche. Ema-
grecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia neces-
sidade de muita roupa. Eliminara certas despesas inú-
teis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às
três da madrugada. Esfarclava-se num trem e dois
ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por
cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome.
Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas.
Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais pro-
blemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos,
entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos
de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes.

Todos os dias, um caminhão anônimo transpor-
tava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi
convocado pela chefia:

— Seu João. O senhor acaba de ter seu salário
eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a
partir de amanhã, será a de limpador de nossos sani-
tários.

O crânio seco comprimiu-se. Do olho amarelado,
escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada
disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os ob-
jetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício.
Mas desejo requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu João, logo agora que o senhor está
desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses terá
de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso qua-
dro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio?
O senhor ainda está forte. Que acha?

A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pe-
le enrijeceu, ficou lisa. A estatura regrediu. A cabeça
se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, pla-
nas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Tornou-
se cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

2 2 3 2 1 1 3
 obteve era [era] mostrou tenha sido esforçara-se tivera limitou-se a sorrir, a agradecer

4 5 6
 No dia seguinte mudou-se [podia pagar] Passou a tomar > para chegar [estava satisfeito acordava > parecia aumentar-lhe
 S.N.: tomava duas conduções]

7 7.A.1 7.A.2 7.A.3 8
 Dois anos mais tarde veio chamou comunicou > [atravessava foi] [houve] novos sorrisos, novos agradecimentos [aconteceu] nova mudança

9
 nos quatro anos seguintes

- a) acordava > esperava comia ficou tomou-se aumentou
 b) prosseguiu a luta
 c) causa: nada aconteceu > conseqüências: preocupava-se. Perdia Odiava-os Torturava-se desistia

10 11 12 13 14 15
 Passou a trabalhar foi chamado respirou [o chefe disse] > [tem] baixou [o chefe continuava falando] > [sabemos é dar-lhe]

15 16 17 17 18 19 20 21 22 23
 parava [o chefe anunciou] > [resolvemos > rebaixá-lo] deslumbrou-o sorriam [passará] gaguejou cumprimentou voltou pensou dormiu mudou-se

25 = Finalmente

24 24 25 25 25 24 25 25 26
 deixara de jantar reduzira-se Emagrecia sentia-se havia Eliminara Chegava > levantava-se > para garantir foi passando
 (25 = não jantava mais) (25 = o almoço era) (25 = estavam eliminados)

29 =
 Aos sessenta anos

29	28	29	29	29	29	29	27	△	29	29	30	31
equivalia	(29 = estava acomodado)	saboreava	Dormia	tinha	vivia	cobria-se	adquirido	há	era	transportava	completou	foi convidado
<p>32</p> <p>[o chefe comunicou-lhe] → [acaba de ter haverá será] 34 35 36 37</p> <p>comprimiu-se escorreu tremeu disse sentia-se cansado 33</p> <p>atingira</p> <p>38</p> <p>Tentou sorrir [enquanto dizia] → [Agradeço fizeram desejo requerer] 39</p> <p>compreendeu [e tentou argumentar] →</p> <p>41 42</p> <p>impediu afastou-se</p> <p>43.A.1 43.A.2 43.A.3 43.A.4 43.A.5 43.A.6 43.A.6 43.A.7 43</p> <p>estendeu enrijeceu ficou liso regrediu fundiu desumanizaram-se havia Tornou-se transformou-se</p>												
<p>está desassalariado terá de pagar → para permanecer desprezar está acha</p>											41	42
											impediu	afastou-se
43.A.1	43.A.2	43.A.3	43.A.4	43.A.5	43.A.6	43.A.6	43.A.7	43				
estendeu	enrijeceu	ficou liso	regrediu	fundiu	desumanizaram-se	havia	Tornou-se	<u>transformou-se</u>				

Observações à ordenação de "O Arquivo"

A ordenação referencial das situações deste conto levanta e exemplifica várias questões e possibilidades:

1) o fato de que as situações de uma narração podem vir representadas por nomes com ou sem verbo subtendido ou elíptico: veja 7.a.3 e 8 (Cf. texto nº60: Morre Shockley, pai do transistor);

2) o uso de situações narradas onde se esperaria a situação referencial a ela ligada: veja-se 24, 27 e 28; e o comentário após o exemplo (80.c) em 5.3.2;

3) o fato de que a narração muitas vezes progride através das falas pressupondo-se verbos dicendi elípticos inferíveis: veja 13, 15, 16, 32, 40. Em 13, 15 e 16 a fala é dividida para marcar momentos de ocorrência de situações ligadas ao interlocutor;

4) o fato de o autor fazer a narração progredir através da descrição de determinados períodos através de situações habituais: veja 9, 25 e 29.

Todos estes fatos são importantes na produção dos textos narrativos e na sua recepção/compreensão.

Texto nº 69

Tipo: Propaganda com narração passada, usada como comentário.

EM 1889, O BANESTADO AINDA NÃO EXISTIA.

(nem o avião, o cinema, o rádio,
a penicilina, a iluminação elétrica,
o telégrafo sem fio)

O Banco do
Estado do Paraná
nasceu às vespas
do fim da
I República. E de lá
para cá, fez história,
influiu, propiciou e
participou de todas
as transformações



1.ª agência Banestado. Inaugurada em 28.11.1928.

ser a acanhada e
modesta província,
para ingressar na
idade
contemporânea. É
nessa transição, que
destacá-se o
Banestado. Sua
contribuição foi

que o Paraná viveu nesses últimos 60
anos. Na verdade, é só mesmo depois de
1930 que o Paraná começa a deixar de

essencial para o desenvolvimento sócio-
econômico estadual.



Banestado, a nossa proclamação da República.

Fonte: Veja. Ano 21, nº 37 - 20/11/1989 — Edição especial "Re-
pública". São Paulo, Ed. Abril, 20/11/1989: 2ª contracapa.

Texto nº 70

Tipo: Narração passada.

Brasiliense acerta sozinho Sena recorde

Um apostador brasiliense, de 32 anos, acertou sozinho a Sena acumulada no concurso 74 e ganhou NCz\$ 4.925.105,13. Ele jogou em vários cartões, uma combinação de dez dezenas feita por um computador de uma casa lotérica, na Asa Norte de Brasília. O apostador, que não quer se identificar, aplicou todo o dinheiro em uma caderneta de poupança, com garantia de um rendimento mensal de NCz\$ 1,5 milhão. Página 13

Fonte: O Estado de São Paulo. Ano 110, nº 35.119. São Paulo,
15/08/1989:1

Texto nº 71

Tipo: A - Narração passada
B - Narração presente
C - Narração futura

A - Gal Costa

Gal estava cantando maravilhosamente. Quando ia cantar "Aquarela do Brasil", atendendo a pedidos, foi interrompida por um tumulto na platéia. As luzes se apagaram, acenderam de novo. O povo começou a se agitar. A segurança entrou no palco e retirou a artista. Mas tudo se esclareceu logo: dois fãs brigaram por causa de lugar e as luzes se apagaram por acaso. O show continuou com o mesmo brilho.

B - Gal Costa

Senhores ouvintes, estamos falando do UTC, transmitindo ao vivo o show da cantora Gal Costa. Gal está cantando maravilhosamente. Agora vai cantar "Aquarela do Brasil", atendendo a pedidos. Um tumulto na platéia a interrompe. As luzes se apagam. Ótimo já acenderam de novo. O povo começa a se agitar. A segurança entra no palco e retira a artista. Vamos logo saber o que está acontecendo. Fala aí, Ademir! —Olha Fausto já está tudo esclarecido: foi apenas uma briga por causa de lugar e as luzes apagaram por acaso. O Obrigado, Ademir! Senhores ouvintes, Gal volta ao palco neste instante, cantando. O show continua com o mesmo brilho.

C - Gal Costa

Quanto ao show desta noite devo dizer que haverá um inci-

dente: Gal cantará maravilhosamente, mas quando for cantar "Aquarela do Brasil" para atender pedidos, será interrompida por um tumulto na platéia. As luzes se apagarão, mas acenderão de novo quase de imediato. O povo começará a se agitar. A segurança entrará no palco e retirará a artista. Mas tudo se esclarecerá logo: terá sido uma briga por lugar e as luzes terão apagado por acaso. O show continuará com o mesmo brilho.

FONTE: Produzido por Luiz Carlos Travaglia.

Texto nº 72

Tipo: A - Narração passada.

B - Narração futura.

C - Narração hipotética (futura).

A - O jantar

Eu o convidei para jantar em minha casa. Ele chegou pontualmente às 8h e 30 min como eu tinha marcado. Entregou-me um buquê de margaridas que pus num vaso sobre a mesa do jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele me olhava. Fui até à cozinha desligar o forno. Ele veio atrás de mim, parou na porta e, olhando-me, disse que eu era linda. Eu sorri. Ele veio até mim e me beijou. Eu lhe pedi para me ajudar. O jantar foi maravilhoso. Depois ele me convidou para sair. Eu disse que preferia ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estava linda. Ficamos. Havia algo fluindo entre nós e os carinhos aconteceram. Aconteceu tudo o que eu sonhara para aquela noite.

B - O jantar

Eu o convidarei para jantar em minha casa. Ele chegará pontualmente às 8h e 30 min, como eu terei marcado. Entregar-me-ã um buquê de margaridas que porei num vaso sobre a mesa do jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele ficará me olhando. Irei até à cozinha desligar o forno. Ele virã atrás de mim, parará na porta e, olhando-me, dirã que eu sou linda. Eu sorrirei. Ele virã até mim e me beijará. Eu lhe pedirei para me ajudar. O jantar será maravilhoso. Depois ele me convidará para sair. Eu direi que prefiro ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estará linda. Ficaremos. Haverã algo fluindo entre nós e os carinhos acontecerão. Acontecerã tudo o que eu sonho para esta noite.

C - O jantar

(Se eu não fosse tão tímida)

Eu o convidaria para jantar em minha casa. Ele chegaria pontualmente às 8h e 30 min, como eu teria marcado. Entregar-me-ia um buquê de margaridas que eu poria num vaso sobre a mesa do jantar, enquanto, sentado na poltrona, ele ficaria me olhando. Eu iria até à cozinha desligar o forno. Ele viria atrás de mim. Pararia na porta e, olhando-me, diria que eu sou linda. Eu sorriria. Ele viria até mim e me beijaria. Eu lhe pediria para me ajudar. O jantar seria maravilhoso. Depois ele me convidaria para sair. Eu diria que preferia ficar na sacada olhando a paisagem e a noite que estaria linda. Ficariamos. Haveria algo fluindo entre nós e os carinhos aconteceriam. Aconteceria tudo o que eu sonho para esta noite.

FONTE: Versão C: redação de adolescente.

Versões A e B: adaptações feitas por Luiz Carlos Travaglia.

Texto nº 73

Tipo: Narrativas passadas, usadas como especificação do título.



Uma mulher não identificada insulta um soldado britânico na parte oeste de Belfast, a capital da Irlanda do Norte

Manifestantes enfrentam a polícia na Irlanda do Norte

Das Agências Internacionais

Belfast, capital da Irlanda do Norte, viveu ontem um dia de intensos choques entre a polícia e manifestantes católicos, que protestavam contra o 20º aniversário da intervenção de soldados britânicos em território norte-irlandês.

Os manifestantes atiraram pedras e bombas de fabricação caseira nos policiais e em veículos na rua, incendiando vários deles. A polícia reagiu com tiros de balas de borracha. Não há até agora notícias de mortos ou feridos.

Cerca de cem manifestantes, carregando cartazes onde se lia "fim do governo britânico na Irlanda, já", protestaram em frente ao posto policial de Springfield, a oeste de Belfast.

Os cerca de 30 mil integrantes das forças de segurança irlandesas se colocaram em estado de alerta, com receio de ataques do Exército Republicano Irlandês (IRA), que luta pelo fim da ocupação britânica.

No sábado passado, uma bomba do IRA explodiu durante uma passeata de protestantes em Lon-

donderry, que estava sendo vigiada pela polícia. A bomba destruiu um bar no centro da cidade. Ninguém ficou ferido.

No fim-de-semana, a polícia prendeu sete pessoas acusadas de envolvimento em tentativas de atentados. Em Belfast, uma granada foi encontrada num bucio. A polícia descobriu duas bombas num táxi e outra num carro, em Londonderry.

Na Grã-Bretanha, a polícia fez um apelo à população para que permaneça atenta diante da possibilidade de um ataque do IRA.

FONTE: Folha de São Paulo. Ano 69 nº 22.049. São Paulo, 15/08/1989: p.A-7.

Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul

Tipo: Narração passada

Texto nº 74

JOANESBURGO — Em uma atitude inesperada mas justificável pelos acontecimentos dos últimos dias na África do Sul, o presidente Pieter W. Botha renunciou ontem ao cargo, afirmando que estava sem "cooperação" dos seus ministros. A carta de demissão foi entregue ao presidente da Suprema Corte, Michael Corbett.

O chanceler "Pik" Botha informou que o líder do Partido Nacional (governista), Frederik W. de Klerk, também ministro da Educação, prestará juramento, hoje, como novo chefe de Estado.

Botha explicou, em mensagem pela televisão, que tomou a decisão de renunciar porque o chanceler Botha e o ministro Klerk decidiram viajar à Lusaka sem sua autorização. Lusaka é capital da Zâmbia e os dois pretendiam se encontrar com o presidente Kenneth Kaunda.

Botha, que há vários dias enfrenta a oposição de seu gabinete, lembrou que havia expressado sua negativa quanto à viagem dos dois. O presidente disse que a viagem "é inoportuna" porque o Congresso Nacional Africano (CNA), principal grupo de oposição, goza da proteção do presidente Kaunda. O CNA foi proscrito no país em 1960, passando seu "quartel general" para Lusaka.

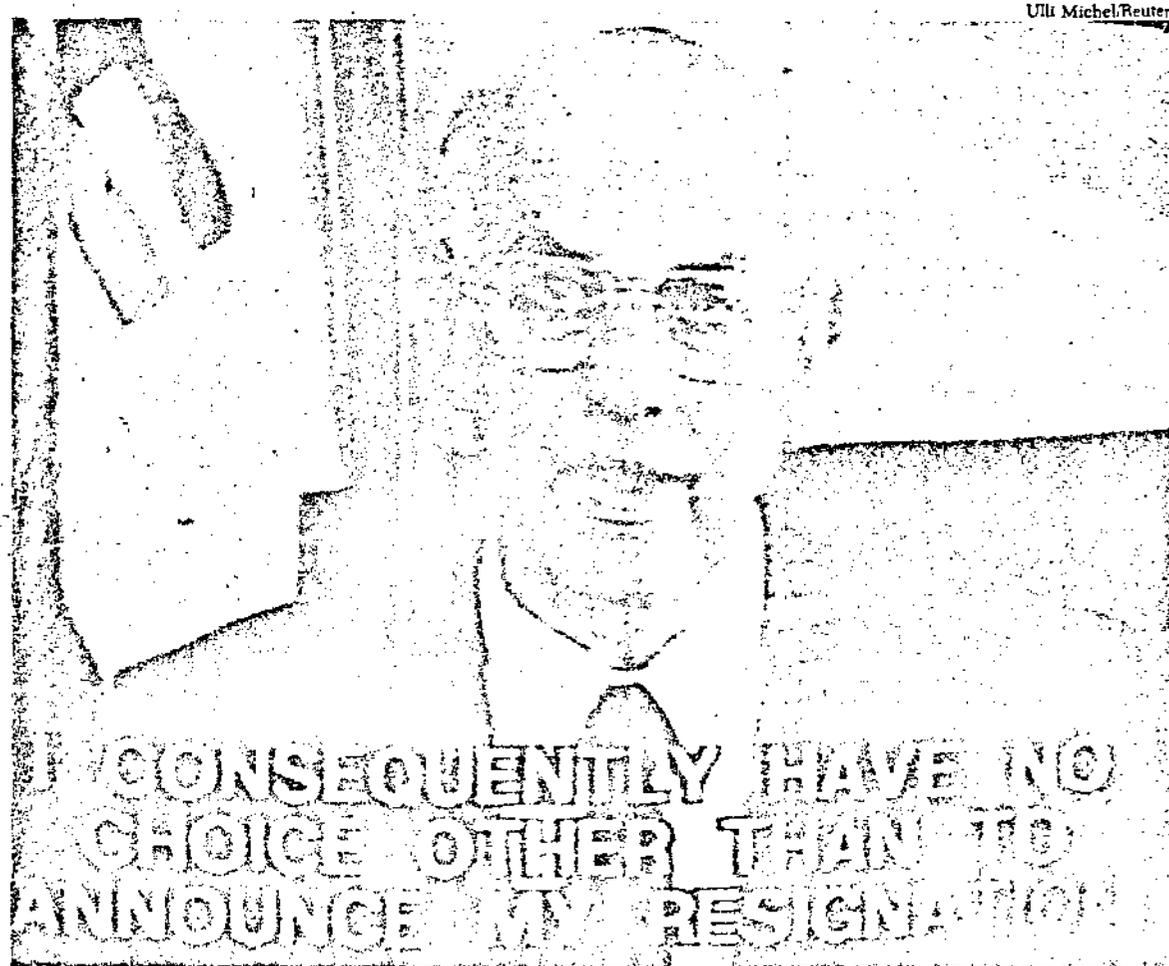
Segundo Botha, numa reunião do gabinete ministerial ontem pela manhã, seus ministros lhe propuse-

ram que deixasse o poder, por razões de saúde, e que designasse interinamente um substituto até às próximas eleições parlamentares de 6 de setembro, quando o Parlamento nomearia o próximo chefe de Estado.

Ele não se mostrou disposto a seguir esta proposta, pois não queria falar uma "mentira". Nesse caso, sua renúncia seria válida a partir de 15 de agosto. Ele reconheceu que a viagem dos dois ministros só precipitou a crise, que é de confiança entre o chefe de Estado e seus ministros. Esclareceu, ainda, detalhadamente, os diversos vínculos do CNA com o governo de Lusaka e o papel de Kaunda no conflito entre os dois países.

Com 73 anos de idade, Botha foi o chefe de Estado mais poderoso do país e sua permanência no poder só não sugeriu a do seu predecessor Balthazar Johannes Vorster, que governou por 12 anos até ser forçado a renunciar em meio a um escândalo de informação.

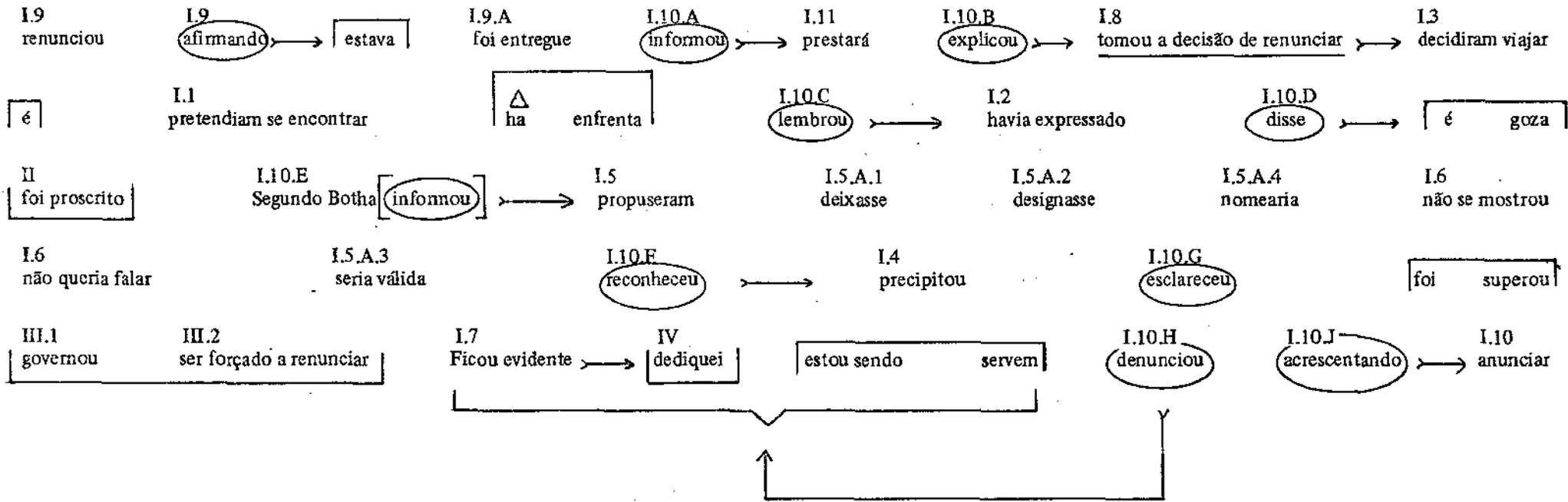
"Ficou evidente, para mim, que após todos esses anos em que dediquei todo o meu trabalho ao Partido Nacional, ao governo e à segurança do nosso país, estou sendo ignorado por ministros que servem no meu gabinete", denunciou Botha, acrescentando: "Conseqüentemente, não tenho outra escolha senão anunciar a minha renúncia".



Pieter W. Botha, da África do Sul, renunciou denunciando falta de cooperação de seu partido

Fonte: Estado de Minas. Ano LXII, nº 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17.

“Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul in *Estado de Minas*. Ano LXII, nº 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17.



“Sem apoio, Bolha renuncia na África do Sul” in *Estado de Minas*. Ano LXII, nº 17.724. Belo Horizonte, 15/08/1989:17.

I.1 pretendia se encontrar	I.2 havia expressado	I.3 decidiram viajar	I.4 precipitou	I.5 propuseram ↕ I.5.A.1 deixasse	I.5.A.2 designasse	I.5.A.3 seria válida	I.5.A.4 nomearia
I.6 não se mostrou ↕ I.6 não queria falar	I.7 ficou evidente	I.8 tomou a decisão de renunciar	I.9 renunciou ↕ I.9.A foi entregue ↕ I.9 afirmando	I.10 anunciar a minha renúncia ↕ I.10.A. – informou I.10.B. – explicou I.10.C. – lembrou I.10.D. – disse I.10.E. – Segundo Bolha [informou] I.10.F. – reconheceu I.10.G. – esclareceu I.10.H. – denunciou I.10.I. – acrescentando.		I.11 prestará	

Observações à ordenação de "Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul"

1) Neste texto a narrativa principal é a narrativa I. Temos situações de três outras narrativas atreladas a comentários.

2) A ordem textual reverte muito a ordem referencial. Esta é recuperada sobretudo graças ao conhecimento de mundo e aos elementos adverbiais e às datas. Em função da relevância a nona (penúltima) situação na ordem referencial é a primeira na ordem textual.

3) As situações constituintes do anúncio da renúncia, que é a situação I.10. da ordenação referencial, são seqüentes, mas não se pode estabelecer sua ordem referencial com absoluta certeza. Como todas estão no perfectivo pode-se supor que tenham a ordem do alfabeto com que foram identificadas, que é a ordem textual. Todavia é possível por em cheque essa hipótese, supondo que todas resultem de uma única fala.

Texto nº 75

Tipo Narração passada.

Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados

FOZ DO IGUAÇU, PR — Continuou durante todo o dia de ontem, pelo Paraguai e pelo Paraná, totalizando mais de 100 horas, a fuga dos quatro seqüestradores — Rui Ribeiro Campos, sua mulher Clair e seus irmãos Moacir e Marlene — iniciada no começo da madrugada de quinta-feira, dia 10, em Goiânia. Por volta das 17h de ontem, a quadrilha foi cercada por policiais paranaenses na Fazenda Braço do Norte, no distrito de São Clemente, município de Santa Helena, no oeste paranaense. Mas até às 22h, eles não haviam sido capturados.

Desde que trocaram o garoto Said Angel Filho, na quarta-feira passada, em Goiânia, pelas repórteres Solange Franco, Mônica Calaña e o motorista Osiris Tavares, os seqüestradores fizeram oito reféns — o menino, três repórteres (uma delas libertada em Goiânia), o motorista Osiris Tavares, o prefeito goiano Aniceto Costa, o piloto paranaense Roberto Luis Seregatti, e Adilson Santos Nascimento, empregado de uma fazenda no Paraná.

Fuga — Às 16h30 de domingo, na localidade paulista de Itororó do Parapanema, na divisa entre São Paulo e Paraná, a quadrilha trocou os três reféns que mantinha dentro de um carro-forte há mais de 90 horas, pelo prefeito de Pontalina (GO), Aniceto Costa, e pelo piloto Roberto Luis Seregatti, para fugir em um avião bimotor prefixo PT-EHT.

O avião aterrisou entre 18h30 e 19h de domingo na pista de pouso de uma fazenda em Hernandarias, cidade paraguaia a 300 quilômetros de Foz do Iguaçu, onde o bando foi recebido a bala pelas policias do Paraguai e do Brasil. O cerco durou toda a madrugada de ontem. Durante a noite, um dos seqüestradores, levando o piloto Seregatti, saiu do avião e tentou fugir para o mato. Houve troca de tiros e Seregatti

foi ferido no braço e mão direitos. Alguns tiros atingiram também uma das seqüestradoras e o avião.

Segundo informações do governador da província paraguaia de Alto Paraná, Juan Batista Gonzalez Flores, a fazenda pertence a Carlos Barreto Sarobi, conhecido na região como contrabandista e traficante. Após negociações, o bando pediu combustível para deixar o Paraguai e recebeu 200 litros. Por volta das 6h de hoje, o avião decolou e horas depois o serviço de radar do aeroporto de Itaipu, ainda em Hernandarias, comunicou à policia paraguaia que o bimotor voltava para o Brasil.

Volta ao Brasil — Às 9h30 de ontem, a torre do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu perdeu os sinais do avião, que estaria rumando para norte, dentro do espaço aereo brasileiro. Atrás dele seguia um Bandeirantes da FAB, equipado com radar, que o acompanhava desde Itororó do Parapanema.

Às 11h, o bimotor com os seqüestradores aterrisou na Fazenda Rossini, em Toledo, no Paraná, a 600 quilômetros de Curitiba, onde o bando já cometera vários crimes. O prefeito Aniceto Costa e o piloto Seregatti foram libertados e seguiram viagem para Centenário do Sul, onde mora o piloto, a 450 quilômetros de Curitiba. Dali foram para Lupionópolis, também no Paraná, divisa com São Paulo, onde Seregatti foi atendido no Hospital Santa Rita de Cássia. O prefeito e o piloto foram ouvidos pelo delegado José Marques Vieira a quem se negaram a informar onde o avião com os seqüestradores havia pousado. Eles contaram ao delegado que o bando sabia estar sendo seguido pela FAB e os ameaçava o tempo todo.

Assim que chegaram na Fazenda

Rossini, em Toledo, os seqüestradores roubaram uma caminhonete F-1000 cinza com listras marrons e tomaram como refém Adilson Santos Nascimento, empregado da fazenda, libertado em Cascavel, a 40 quilômetros dali. Adilson contou à policia que, junto com ele, as duas mulheres — Clair, mulher de Rui Ribeiro Campos, e Marlene, irmã dele — foram deixadas perto de Cascavel. Ele disse também que a caminhonete foi abandonada pelos seqüestradores na região.

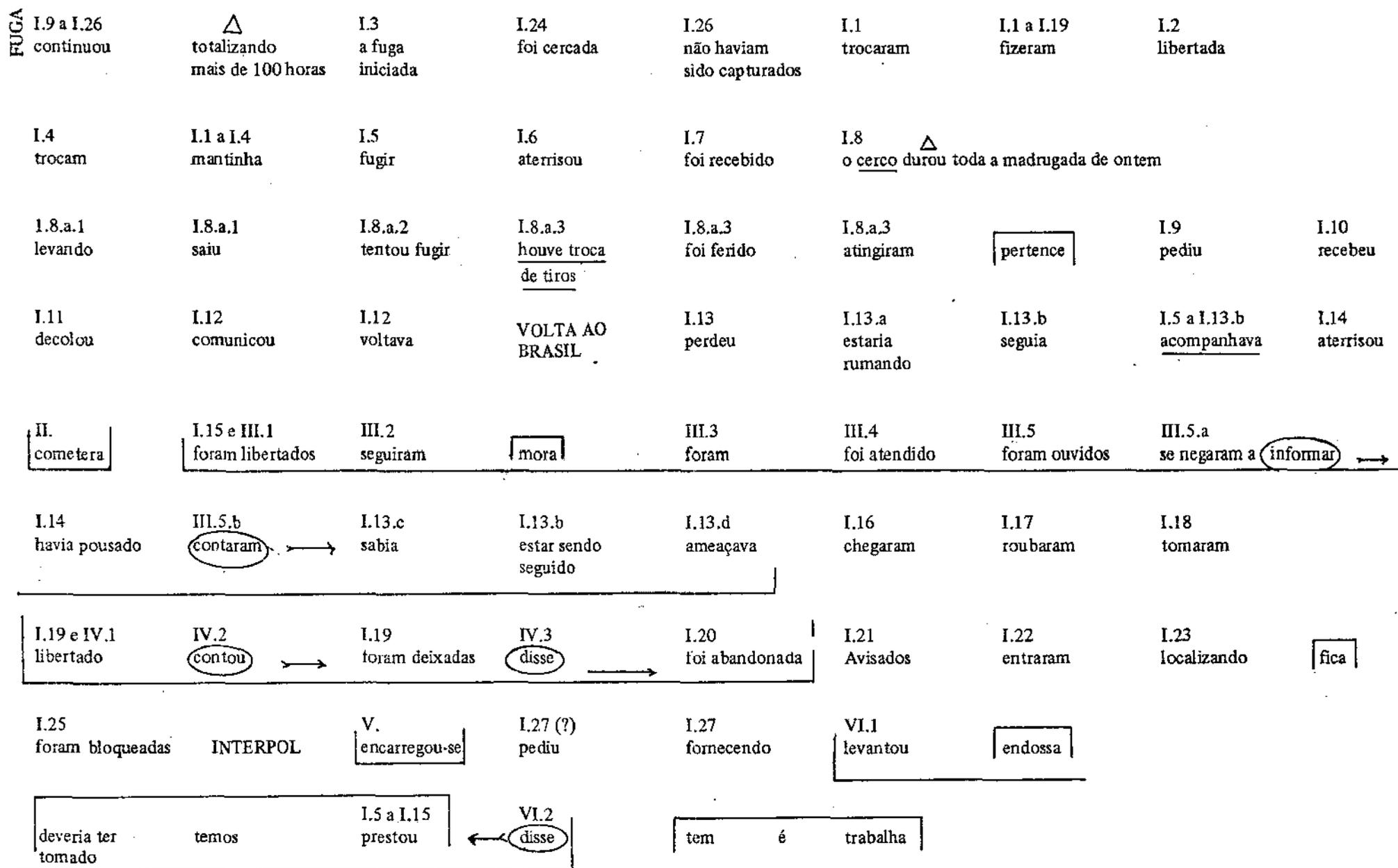
Avisados do pouso em Toledo, 100 policiais civis e militares do oeste do Paraná entraram em ação, localizando o bando, por volta das 17h, na Fazenda Braço do Norte, distrito de São Clemente, no município paranaense de Santa Helena, que fica às margens do lago da hidrelétrica de Itaipu. Todas as estradas foram bloqueadas.

Interpol — Segundo o porta-voz do Itamarati, ministro Ruy Nogueira, o próprio presidente do Paraguai, general Andrés Rodriguez, encarregou-se de dar informações ao presidente José Sarney sobre a atuação da policia paraguaia. A Policia Federal pediu ajuda à Interpol, fornecendo todos os dados sobre os seqüestradores.

Ontem de manhã, em São Paulo, o diretor-geral da Policia Federal, delegado Romeu Tuma, levantou suspeitas sobre o possível envolvimento do piloto Roberto Luis Seregatti em contrabando e tráfico de drogas. A Secretaria de Segurança Pública do Paraná, entretanto, não endossa as palavras de Tuma. "Se a Policia Federal tem algo contra ele já deveria ter tomado alguma atitude. Nós não temos nada contra ele. Ele nos prestou grande ajuda", disse o diretor-geral da secretaria, Ricardo Macdonald. Seregatti tem 46 anos, é casado, e trabalha na empresa Samurá Aviação.

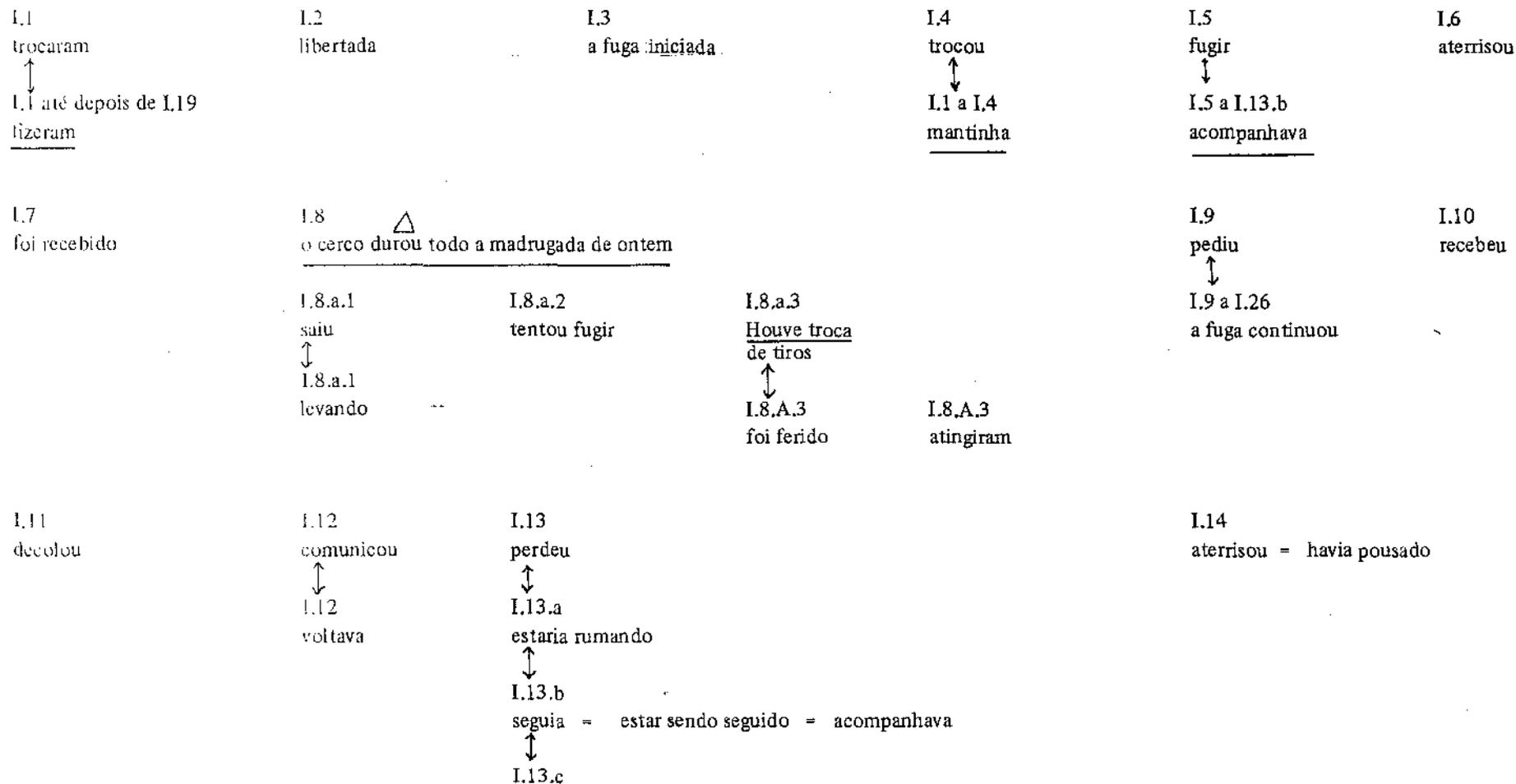
Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129 - 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

OBS.: Veja página 106



"Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados" in *Jornal do Brasil*, 1º caderno. Ano XCIX nº 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

NARRATIVA I



sabia
↕
I.13.d
ameaçava

I.15 (ou III.1)
foram libertados

I.16
chegaram

I.17
roubaram

I.18
tentaram

I.19 (ou IV.1)
libertado
↕
I.19,a
foram deixadas

I.20
foi abandonada

I.21
avisados

I.22
entraram

I.23
localizando

I.24
foi cercada

I.25
foram
bloqueadas

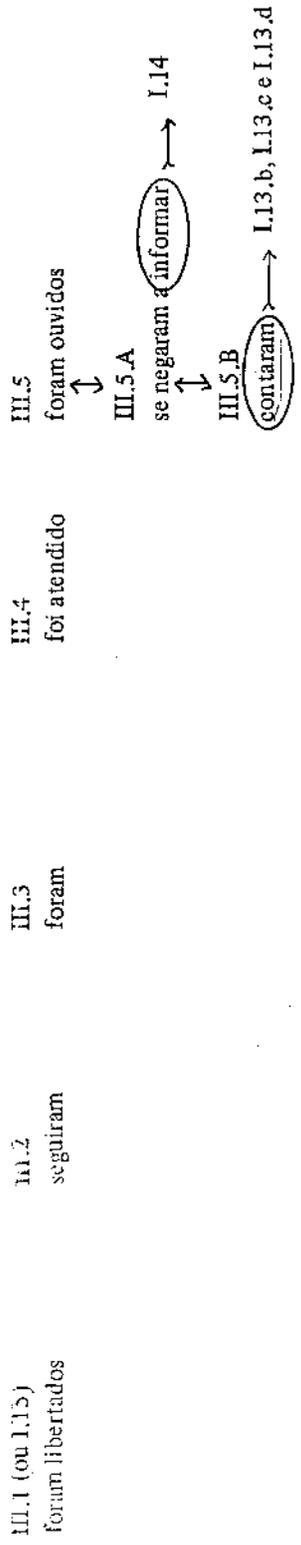
I.26
haviam sido
capturados

I.27
pediu
↕
I.27
fornecendo

NARRATIVA 2

H.1
cometera

NARRATIVA 3



NARRATIVA 4



NARRATIVA 5

V.1
encarregou-se de dar

NARRATIVA 6

VI.1
levantou
VI.2
disse

Observações à ordenação de "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados"

1) A narrativa II faz parte, na superestrutura da reportagem, do que VAN DIJK (1986) chamou de "background": história. As narrativas III, IV, V e VI constituem o que ele chamou de fatos secundários.

2) Na ordenação referencial das situações deste texto têm papel relevante as datas, horários e elementos adverbiais.

3) Há alguns exemplos de (VIII.c). O verbo "prestou" funciona como uma espécie de termo genérico que se refere às situações de I.5 a I.15. Em I.14 temos sinônimos (aterrisou e havia pousado) e em I.13.b temos sinônimos (seguia e acompanhava) e repetição do mesmo item lexical (seguia e estar sendo seguido).

Texto nº 76

Tipo: Narração passada usada como comentário dissertativo.

Papel da imprensa e o valor da vida

Na noite de ontem, a repórter Solange Franco, da TV Anhanguera, que ficou presenteira dos seqüestradores durante mais de 90 horas, escreveu o seguinte depoimento:

"O seqüestro de Goiânia emocionou o povo de todo o país, tornou solidária gente desconhecida, aliarou valores humanos, políticos e profissionais e provocou, sobretudo, o questionamento da segurança brasileira. Para quem esteve assistindo ao episódio, a polícia pareceu desestruturada, sem condições de enfrentar tal situação. Para os que permaneceram todos aqueles dias dentro do carro-forte, o

resumo de tudo é que até a vida tem que ser negociada.

"Mas além da competência de cada instituição, da capacidade de seus comandantes e de posição radical que adotam, a grande pergunta que eu me faço agora é: quem é o responsável? Será que a imprensa tem que assumir outros papéis para, numa emergência, solucionar problemas? Na minha opinião de jornalista, de voluntária, de refém e de ser humano, acredito que essa responsabilidade não é nossa. Como na Medicina, é necessário um trabalho preventivo e, num último caso, um paliativo. A segurança brasileira nem mesmo consegue evitar a ação dos bandidos e ainda joga com a vida de seres humanos que só queriam prestar um auxílio".

Goiânia — Moreira Mariz



Solange, com a família: "Quem é o responsável?"

Fonte: Jornal do Brasil. Ano XCIX, nº 129 - 1º caderno. Rio de Janeiro, 15/08/1989:4.

OBS.: Ver página seguinte.

3.12 - PREDIÇÃO

Texto nº 77

OBS.: 1-Descrição, 2-Narração

"O Cavaleiro da Esperança"

(Fragmento)

Lã está, em Realengo, amiga, a Escola Militar. De Gloriosa tradição, surgindo a cada passo na História do Brasil, do Império à República, era a Escola Militar da Praia Vermelha. Nela ressoou a voz de Benjamin Constant, dela saíram o positivismo e a República, os chefes do exército que se negaram a combater os negros de Cubatão, dela saiu Floriano Peixoto.

De gloriosa tradição, amiga, é esta Escola de Realengo que sucedeu à da Praia Vermelha. Vê, negra, esta é uma

1 { Escola ilustre. No futuro, [quando os dias forem melhores ,
quando a vida for uma permanente festa de trabalho e alegria,]

2 { os homens **pararão** diante dela comovidos. As mulheres **trarão** flores nos braços agradecidos e os pais **narrarão** para os filhos a história desta Escola. As crianças **olharão** os pátios e as salas de aula com os vivos olhos brilhando. Ninguém **passará** diante dela sem que certa emoção não baile no seu peito. Essa é uma Escola ilustre amiga.

Fonte: AMADO (1987:62-63)

Texto nº 78

DISNEYWORLD COM CARINHO ESPECIAL

SAÍDA: 10 DE JULHO

14 DIAS



1º DIA - BRASIL

Comparecimento ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro ou São Paulo para embarque em jato com destino a Miami.

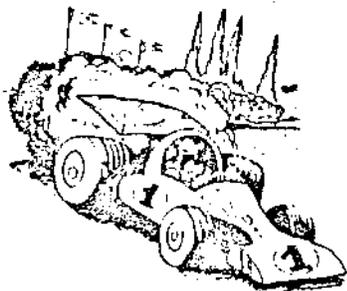


2º DIA - MIAMI CITY

Chegada pela manhã. Recepção no aeroporto e traslado ao sofisticado HOTEL MARRIOTT VENETIA. Aproveite para descansar um pouco ou curtir as delícias da Flórida, à beira da piscina, saboreando uma gelada "pina Colada". À noite como sugestão um saboroso jantar no elegante "The Forges". Seu guia estará pronto para dar todas as informações para tornar sua estada na Flórida o mais agradável possível.

3º DIA - MIAMI CITY

Pela manhã, sairemos para nossa visita a esta cidade, conhecendo: Lincoln Road, Coral Gables, Piscina Veneziana entre outras atrações. À tarde, você estará livre para suas primeira compras.



4º DIA - MIAMI CITY/BOARD WALK/ORLANDO

Logo de manhã, partiremos para Orlando e, no caminho, visitaremos a mais nova atração da Flórida, Boardwalk and Baseball. Aqui você poderá aprender tudo sobre baseball e inclusive praticar esse esporte emocionante. Passeie pelo parque e conheça a Fábrica do Professor Bubble onde as coisas desaparecem, desça de Toboggan num dos quatro lagos do parque e, se a coragem não faltar, enfrente o "Hurricane" uma enorme montanha russa toda de madeira e viva emoções inesquecíveis. Após a visita, prosseguiremos até Orlando e nos hospedaremos no PARK SUIT HOTEL.

5º DIA - ORLANDO (DISNEYWORLD)

Hoje é o grande dia! O Reino Mágico de Walt Disney o espera com seus vários mundos encantados: o da Fantasia, da Aventura, do Oeste, do Amanhã e a Praça da Liberdade. Seu guia o acompanhará para que você possa aproveitar seu tempo da melhor forma. Não deixe de dar um passeio pela Main Street e sinta-se em plena Belle-Époque. Dê uma parada na Sarah Lee e saboreie a famosa "Lemon Pie".



6º DIA - ORLANDO (EPCOT CENTER)

Hoje você terá um encontro com o mundo do futuro - Epcot Center; ou seja, Protótipo Experimental da Comunidade do Amanhã.

Aqui teremos uma visão de como viveremos num futuro não muito distante. Você verá maravilhas em energia, comunicação, transporte da exploração dos mares e, acima de tudo do potencial ilimitado da imaginação humana. À noite, assistiremos ao impressionante show de raios laser e fogos de artifício.



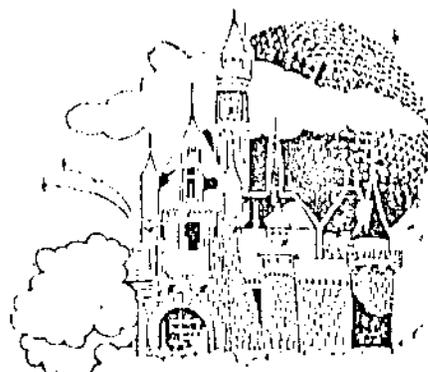
7º DIA - WET'N WILD

Hoje aproveitaremos o dia no Wet'n Wild, o maior parque aquático do mundo, onde você poderá desfrutar da piscina de ondas, enormes tobogans como o Kamicase (tobogã de 18 metros de altura), lagoa de Surf, ski aquático etc.

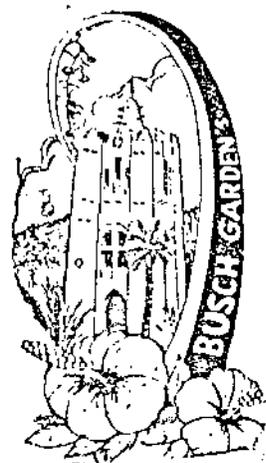
À noite, sugerimos um programa opcional "Rose O' Gradys", onde você poderá ver um autêntico "Can-Can", ouvir e dançar música country ou ainda curtir uma discoteca (p/ adultos e Crianças).

8º DIA - ORLANDO (DISNEYWORLD)

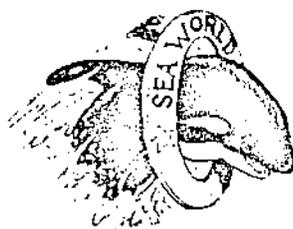
E a festa continua... Após o calê da manhã, voltaremos a Disneyworld onde você poderá conhecer novas atrações ou rever aquelas que mais lhe agradaram. Que tal um delicioso almoço no "Crystal Palace" para saborear o "Beef and Rice". A qualquer instante você poderá bater um papo com o Zé Carioca, fazer peripécias com o Pateta ou cruzar com a Branca de Neve e os sete Anões; mas cuidado com os Irmãos Metralha pois eles estão à sua procura.

**9º DIA - ORLANDO (EPCOT CENTER)**

Hoje voltaremos a Epcot Center para visitar o World Show Case, "a vitrine do mundo", onde você terá oportunidade de passear pelo México, Canadá, França, Inglaterra, Japão, China, Alemanha, Marrocos e Estados Unidos, além de assistir a um show de Michael Jackson em 3ª dimensão. Para a noite, que tal um jantar típico no "Medieval Times", com seus cavaleiros reais?

**10º DIA - ORLANDO (BUSCH GARDENS)**

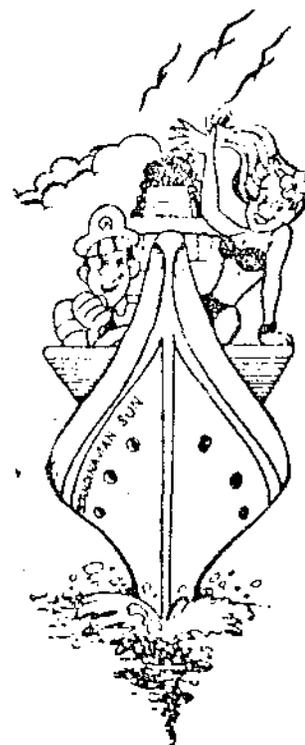
O dia de hoje será dedicado a Busch Gardens, um pedaço da selva africana em plena Flórida. Divirta-se apreciando os exóticos animais, faça um safari de trem, passeie de elefante e, se tiver coragem, desça as corredeiras do Rio Congo em balsa e emocione-se com as duas montanhas-russas do parque.

**11º DIA - ORLANDO/SEA WORLD/MIAMI CITY**

Pela manhã, seguiremos em ônibus de luxo para Miami e, no caminho, visitaremos Sea World, o maior parque marinho da América. Você assistirá a vários shows e conviverá com assustadores tubarões no Shark Encounter, além de vibrar com show de Shamu, a baleia assassina de 2 toneladas e de sua recém-nascida Shamuzinha. Após a visita prosseguiremos para Miami City e nos hospedaremos no Marriott Venetia.

12º DIA - MIAMI CITY (BAHAMAS)

Aproveite o dia para uma escapada às Bahamas, num cruzeiro a bordo do luxuoso transatlântico SCANDINAVIAN SUN. Relaxe junto à piscina, desfrute do farto buffet oferecido e aproveite para as compras livres de impostos em Freeport. (opcional).

**13º DIA - MIAMI CITY**

Nosso último dia na Flórida. Aproveite para fazer suas últimas compras no shopping

Omni que está junto ao nosso hotel, ou vá até o novíssimo Bayside Market Place. No final da tarde, traslado ao aeroporto para embarque no jato que nos trará de volta ao Brasil.

14º DIA - BRASIL

Chegada pela manhã e fim de nossa viagem de sonhos. Agora é só reunir os amigos para contarmos as novidades.

"FIM DE NOSSOS SERVIÇOS"

Fonte: Folheto promocional da Uberturismo (1989)

Texto nº 79

O eclipse

A América Latina é a região mundial que melhor poderá observar o eclipse total da Lua, esta semana, de amanhã para quinta-feira. De acordo com os cientistas, por sinal, será o último eclipse lunar com longa duração deste século. O melhor momento para se observar o fenômeno será pouco depois das 21 horas de amanhã, quarta-feira.

Fonte: O Popular. Ano L, nº 13.232. Seção "Giro". Goiânia,

15/08/1989:4

EVENTOS DO MÊS

✓ Constelações

Em outubro, a partir das 20 horas, será possível observar as seguintes constelações: Pégaso, Aquário, Cisne, Lagarto, Cefeu, Lira, Águia, Ofiúco, Sagitário, Escorpião, Libra, Lobo, Altar, Pavão, Telescópio, Triângulo Austral, Ave do Paraíso, Oitante, Pintor, Dourado, Retículo, Hidra Macho, Relógio, Erídano, Fênix, Baleia, Peixes, Áries, Triângulo e Andrômeda. A Via Láctea atravessa o céu ao anoitecer de noroeste a sudoeste. Em noite clara é possível pesquisar toda a constelação de Sagitário apenas com um bom binóculo. Em boas condições de transparência, a Nebulosa da Lagoa, aglomerado interestelar, será visível ao norte de Lambda do Sagitário. Essa nebulosa tem como companheira, um pouco ao norte, uma das mais belas nebulosas, a Trífida.

✓ Meteoros

Entre 5 de outubro e 3 de novembro estarão visíveis as estrelas do enxame Orionídeos, que tem seu radiante na constelação de Orion. Esses meteoros são rápidos, amarelados ou esverdeados e deixam rastros muito tênues. A frequência média é de aproximadamente uma aparição, num intervalo de 4 minutos. Sua máxima intensidade ocorrerá nos dias 21 e 22.

✓ Sol

Atualmente, aproxima-se de sua máxima atividade e será fácil ver numerosas e extensas manchas em sua superfície. As maiores podem ser observadas a olho nu, mas protegendo a vista com filtros especiais. Quem pretende usar um telescópio deve seguir o método de projeção indireta da imagem solar, num anteparo branco colocado atrás da ocular. No entanto, desconfie dos filtros,

pois muitas vezes eles racham, deixando passar a luz, com perigo de queimadura da retina.

✓ Fases da Lua

Quarto crescente, dia 5; lua cheia, dia 14; quarto minguante, dia 21; e lua nova, dia 29.

✓ Planetas

Mercúrio: será visível de madrugada, antes do nascer do Sol, do lado leste, de 2 a 18 de outubro. No dia 10, a observação será particularmente favorável, quando o planeta atingirá seu maior afastamento do Sol (18 graus). No dia 25, Mercúrio estará ao norte de Spica, a estrela mais brilhante da constelação de Virgem (magnitude: - 0,3). **Vênus:** na constelação de Gêmeos será visível como astro vespertino, logo após o pôr-do-sol, do lado oeste (magnitude: 3,8). A 16 de outubro, Vênus estará muito próximo da estrela Antares, a mais brilhante da constelação de Escorpião. **Marte:** muito perto do Sol, o planeta será praticamente invisível (magnitude: 3,6). **Júpiter:** visível na constelação de Gêmeos, de madrugada do lado leste (magnitude: - 2,1). **Saturno:** visível na constelação de Sagitário, como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 0,7). **Urano:** visível na constelação de Sagitário, como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 5,0). **Netuno:** visível na constelação de Sagitário como astro vespertino, do lado oeste (magnitude: 5,0). Não é difícil reconhecer os planetas, sabendo que não cintilam como as estrelas; seu brilho parece fixo. Mas, para melhor identificá-los, a Lua é uma boa referência. Em 3 de outubro, Vênus estará ao norte da Lua; no dia 7, Saturno, Urano e Netuno estarão ao norte da Lua; e no dia 20 Júpiter estará ao sul.

Texto nº 81

☉ Ibitinga incentiva produção rural

IBITINGA — Dentro em breve, os 35 pequenos e médios proprietários rurais do bairro Corguinho, um dos mais antigos de Ibitinga, serão beneficiados pela instalação do programa de microbacias de produção, resultado da associação da Prefeitura, Secretaria da Agricultura do Estado e comunidade. A área de 610 hectares receberá tratamento básico uniformizado e nela passará a funcionar uma associação, dos próprios agricultores, que poderá facilitar suas negociações tanto na aquisição

de insumos e bens agrícolas como na comercialização de seus produtos. O Estado já liberou a verba básica que a Prefeitura deverá aplicar na restauração da estrada, de sete quilômetros, que liza o núcleo rural à cidade e em seguida começará o levantamento topográfico para depois se estudar o manejo conjunto da região quanto à correção do solo e controle de pragas. A região do Corguinho hoje cultiva laranja, algodão, milho e alguns produtos de subsistência.

Fonte: O Estado de São Paulo. Caderno de "Esportes". Ano 110, nº 35.202. São Paulo, 21/11/1989:25.

Texto nº 82

Jerusalém corrompida será purificada

- 21 Como se prostituiu a cidade fiel,
Sião, cheia de retidão?
A justiça habitava nela,
e agora são os homicidas.
- 22 Tua prata converteu-se em escória,
teu vinho misturou-se com água.
- 23 Teus príncipes são rebeldes, cúmplices de ladrões.
Todos eles amam as dádivas e andam atrás do proveito próprio;
não fazem justiça ao órfão,
e a causa da viúva não é evocada diante deles.
- 24 Por este motivo eis o que diz o Senhor,
Deus dos exércitos, o Poderoso de Israel:
"Ah! eu tirarei satisfação de meus adversários,
e me vingarei de meus inimigos.
- 25 Voltarei minha mão contra ti,
e te purificarei no crisol,
e eliminarei de ti todo o chumbo.
- 26 Tornarei teus juizes semelhantes aos de outrora,
e teus conselheiros como os de antigamente.
Então te chamarão Cidade da Justiça, Cidade fiel."
- 27 Sião será remida pelo direito,
e seus convertidos, pela justiça.
- 28 Os rebeldes e os pecadores serão destruídos juntamente,
e aqueles que abandonam o Senhor perecerão.
- 29 Então terás vergonha dos carvalhos verdes que cobriais,
e corarás de pejo dos jardins que ora vos agradam,
30 porque serás como um carvalho verde com folhagem seca,
e como um jardim sem água.
- 31 O homem forte será a estopa, e sua obra, a foice;
eles arderão sem que ninguém possa extinguir.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaiás, Capítulo 2, Vers.21-31.

Prêmio Mambembe em novo formato

A festa de entrega aos vencedores, hoje na Escola de Circo, não terá mestre de cerimônias, já que os indicados farão o show

HOJE, a partir das 20h30, a Escola Nacional de Circo na Praça da Bandeira será o cenário da festa de entrega do Prêmio MinC-Troféu Mambembe com que a Fundacen (Fundação Nacional de Artes Cênicas) consagra anualmente os destaques do teatro da temporada anterior. Nesta edição do Mambembe (o nome do prêmio foi escolhido em homenagem à antiga tradição das companhias brasileiras de mambembar pelo interior), o público — a entrada é mediante convite — assistirá a uma cerimônia totalmente diferente nesse gênero de espetáculo. Não haverá a figura dos mestres-de-cerimônia, substituída por um show em que os próprios indicados farão o espetáculo.

Aderbal Júnior, o diretor da festa, resolveu inovar, intitulado de *Cultura e sociedade* a cerimônia da entrega. Neste ano eleitoral, Aderbal pretende que o Mambembe não seja apenas um prêmio de teatro, mas uma integração das artes cênicas com a sociedade. Por isso, 12 áreas da vida nacional estarão representadas nas homenagens especiais. Os homenageados — Nittes Jacón, criadora do grupo Proteu e do Festival de Teatro de Londrina na área do teatro; Orlando Orfei na de circo, Mário de

Bruno na ópera e Albertina Tuma em dança, além de Dias Gomes como homenageado especial da Fundacen — receberão seus troféus das mãos de Isabel do Vôlei, Joáozinho Trinta, Rubem Gerchman, Zuenir Ventura, Adelson Alves, Lúcia Leme, Nélida Piñon, Manuela Pinho, Cacá Diegues, Carmem Costa, Herbert de Souza e um 12º nome ligado à religião, ainda não definido.

A tensão que marca a expectativa dos indicados este ano talvez não diminua, mas pelo menos o diretor Aderbal pretende que seja compartilhada de uma maneira mais teatral. Todos os indicados (teatro adulto e infantil) ficarão no palco — no caso, picadeiro — e serão chamados a abrir os seus próprios envelopes. Desta forma, pretende-se que todos compartilhem a escolha, valorizando as indicações, e de que a vitória seja de todos, do teatro. Haverá depois de uma hora, tempo previsto para duração da cerimônia, um baile animado com a orquestra do maestro Cipó. Os vencedores recebem um troféu assinado por Aloísio Magalhães e cheque no valor de NCz\$ 1 mil. Os jurados se reunirão três horas antes do início da festa e os resultados só serão conhecidos quando da abertura dos envelopes. São os seguintes os indicados do

teatro adulto nas diversas categorias:

■ **Autor:** Chico Caruso (*Amigo da Onça*), Anamaria Nunes (*A geração Trianon*), Carlos Alberto Sofredini (*Pássaro do poente*); Calo Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes (*A maldição do Vale Negro*) e Juca de Oliveira (*Meno male*)

■ **Diretor:** Marcos Fayad (*Martim Cererê*), Ulysses Cruz (*O despertar da primavera*), Eduardo Woyzik (*A geração Trianon*), Anselmo Vasconcelos (*A verdadeira história de Ah.Q*) e Moacyr Góes (*Baal*)

■ **Ator:** Miguel Falabella (*Sereias da Zona Sul*), Guilherme Karam (*Sereias da Zona Sul*), Paulo Yutaka (*Pássaro do poente*), Paulo José (*Delicadas torturas*) e Luis Gustavo (*Meno male*)

■ **Ator em papel coadjuvante:** Clemente Viscaíno (*O homem sobre o parapeito da ponte*), Paschoal Vilaboim (*A verdadeira história de Ah.Q*) e Luis Maçãs (*Filumena Marturano*)

■ **Atriz:** Natália Thimberg (*Meu querido mentiroso*), Zezé Polessa (*Delicadas torturas*), Denise Stoklos (*Denise Stoklos in Mary Stuart*) e Angela Valério (*A maldição do Vale Negro*)

■ **Atriz em papel coadjuvante:** Lília Cabral (*Delicadas torturas*) e Yolân-

da Cardoso (*Filumena Marturano*)

■ **Cenógrafo:** Siron Franco (*Martim Cererê*), Takashi Fukushima (*Pássaro do poente*), Tawfik e Gilberto Vigna (*O homem sobre o parapeito da ponte*), Luis Carlos Ripper (*Extravagância*) e Yeda Lewinson (*A verdadeira história de Ah.Q*)

■ **Figurinista:** Rosa Magalhães (*A geração Trianon*), Siron Franco e Marcos Fayad (*Martim Cererê*) e Tadeu Burgos (*A verdadeira história de Ah.Q*)

■ **Produtor ou empresário:** Walmor Chagas (pela criação da companhia estável do Teatro Ziembinski) e Diti-rambo Produções Artísticas (*Baal*)

■ **Revelação:** Leon Góes (ator em *Baal*) e Carlos Loffler (ator de *Splash*)

■ **Categoria especial:** José Eduardo Moraes (direção musical de *Martim Cererê*), fundação do Teatro Ziembinski, Sonaira e Sonaira D'Ávila (pesquisa histórica e organização da exposição de *A geração Trianon*) e Betti Rabetti (pelo trabalho de *dramaturg de Baal*)

■ **Grupo, movimento, personalidade:** Publicação de *Exercício findo*, de Décio de Almeida Prado, José da Costa pelo projeto Mergulho no Trágico e os 10 anos do Teatro dos Quatro.

Texto nº 84

Primavera

- 15 Até que sobre nós se derrame o espírito do alto.
Então o deserto se mudará em vergel,
e o vergel tomará o aspecto de um bosque;
- 16 no deserto reinará o direito,
e a justiça residirá no vergel.
- 17 A justiça produzirá a paz
e o direito assegurará a tranquilidade;
- 18 meu povo habitará em mansão serena,
em moradas seguras, em abrigos tranquilos.
- 19 (A floresta será abatida e a cidade, humilhada),*
- 20 bem-aventurados seréis por semear à margem de todos os cursos
[d'água,
e por deixar o boi e o asno sem peias.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaias, Capítulo 32, Vers.15-20.

Texto nº 85

O Reino do Messias

- 11** Um rebento sairá do tronco de Jessé,
e um rebento brotará de suas raízes.*
- 2 Sobre ele repousará o Espírito do Senhor,
Espírito de sabedoria e de entendimento,
Espírito de conselho e de fortaleza,
Espírito de ciência e de temor do Senhor.
- 3 (Sua alegria se encontrará no temor do Senhor).
Ele não julgará pelas aparências,
e não decidirá pelo que ouvir dizer;*
- 4 mas julgará os fracos com equidade,
fará justiça aos pobres da terra,
ferirá o homem impetuoso com uma ordem de sua boca,
e com o sopro dos seus lábios fará morrer o ímpio.
- 5 A justiça será como o cinto de seus rins,
e a lealdade circundará seus flancos.
- 6 Então o lobo será hóspede do cordeiro,
a pantera se deitará ao pé do cabrito,
o touro e o leão comerão juntos,
e um menino pequeno os conduzirá;
- 7 a vaca e o urso se fraternizarão,
suas crias repousarão juntas,
e o leão comerá palha com o boi.
- 8 A criança de peito brincarà junto à toca da víbora,
e o menino desmamado meterá a mão na caverna da áspide.
- 9 Não se fará mal nem dano
em todo o meu santo monte.
Porque a terra estará cheia da ciência do Senhor,
assim como as águas recobrem o fundo do mar.
- 10 Naquele tempo o rebento de Jessé,
posto como estandarte para os povos,
será procurado pelas nações
e gloriosa será a sua morada.
- 11 Naquele tempo
o Senhor levantará de novo a mão
para resgatar o resto de seu povo,
os sobreviventes da Assíria e do Egito
(de Patros, da Etiópia, de Elão,
de Senaar, de Emat e das ilhas do mar).
- 12 Levantará o seu estandarte entre as nações,
reunirá os exilados de Israel,
e recolherá os dispersos de Judá
dos quatro cantos da terra.
- 13 A inveja de Efraim abrandar-se-á,
e os inimigos de Judá se desvanecerão.
(Efraim não mais invejará Judá,
e Judá não será mais inimigo de Efraim).
- 14 Eles yporão para o lado dos filisteus ao ocidente
e, juntos, saquearão os filhos do oriente.
Estenderão a mão sobre a Iduméia e Moab,
e os amonitas lhes serão submissos.
- 15 Assim como o Senhor pôs a seco o braço de mar do Egito,
com seu sopro ardente,
ele estenderá a mão sobre o rio
e o dividirá em sete braços, de sorte que se poderá atravessar a
[vau*.
- 16 O caminho se abrirá para o resto de seu povo
que escapará da Assíria,
como se abriu para Israel
no tempo em que ele salu da terra do Egito.

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaias. Capítulo 11, vers.1-16.

Texto nº 86

SONETO

Guilherme de Almeida

*Quando as folhas caírem nos caminhos,
Ao sentimentalismo do sol poente,
Nós dois iremos vagarosamente
De braços dados, como dois velhinhos.*

*E que dirá de nós toda esta gente
Quando passarmos mudos e juntinhos?
— Como se amaram esses cottadinhos!
Como ela vai, como ele vai contentel*

*E por onde eu passar e tu passares,
Hão de seguir-nos todos os olhares
E debruçar-se as flores nos barrancos...*

*E por nós na tristeza do sol posto,
Hão de falar as rugas do meu rosto
E não de falar os teus cabelos brancos!*

*(Nós, soneto XIX, Livraria
Martins Editora S. A., 1955,
S. Paulo.)*

Fonte: MATTOS (1972:51)

Texto nº 87

Ventura de Sião nos tempos messiânicos

- 2 Naquele tempo,
Aquilo que o Senhor fizer crescer será o ornamento e a glória,
e o fruto da terra será o orgulho e o ornato
daqueles de Israel que forem salvos.*
- 3 O que restar de Sião,
os sobreviventes de Jerusalém,
serão chamados santos
todos os que estiverem computados entre os vivos em Jerusalém.
- 4 Quando o Senhor tiver lavado a imundície das filhas de Sião,
e apagado de Jerusalém as manchas de sangue
pelo sopro do direlto e o vento devastador,
- 5 o Senhor virá estabelecer-se
sobre todo o monte Sião e em suas assembléias,
de dia como uma nuvem de fumaça,
e de noite como um fogo flamejante.
Porque sobre o conjunto se estenderá a glória do Senhor,
6 como a cobertura de uma tenda,
à guisa de sombra contra o calor do dia,
e de refúgio e abrigo contra a procela e a chuva.*

Fonte: Bíblia Sagrada, livro de Isaías. Capítulo 4, vers. 2-6.

3.13 - OUTROS TEXTOS

Texto nº 88

BALI

**PERCA-SE
NA BELEZA
E NA MAGIA
DESTA ILHA.
ELA OFERECE
TODOS OS
PRAZERES
E UMA
AMOSTRA
DO PARAÍSO**

Contraie o bom senso e perca-se em Bali. Pode parecer estranho que este seja o primeiro conselho a quem realmente queira desvendar os mistérios desta pequenina ilha no Oceano Índico, um paraíso mágico localizado no outro lado do mundo, no arquipélago da Indonésia, logo abaixo da linha do Equador. O bom senso recomendaria ao visitante a companhia inseparável dos guias turísticos locais, o uso obsessivo de mapas, roteiros programados e uma obediência fiel às recomendações fornecidas pelos hotéis. Conselho amigo: esqueça tudo isso e siga seus próprios passos e intuições. Exerça, conscientemente, sua irresponsabilidade.

Em primeiro lugar, é preciso descobrir vantagens numa desvantagem fundamental. Ou seja, a do visitante não ser um *balinês*, um ilhéu nato. Por mais que você tente se embrenhar na ilha, jamais deixará de ser um *outsider*. Aquele sorriso inacessível dos homens e mulheres de Bali sempre deixa claro que, em muitos ambientes, turista não entra mesmo. Certas festas íntimas dos vilarejos, certos "clubes" dos homens da comunidade, certas cerimônias religiosas visitam-se apenas através da imaginação.

As pessoas que realmente *entram* na intimidade da ilha precisam ter nascido no lugar, pertencer a uma das três castas e conhecer quatro línguas diferentes — o sânscrito, usado entre os *bramas*; o *kawi*, a língua exclusiva dos rituais; e ainda outras duas línguas familiares, usadas entre as castas. Mas é justamente essa impossibilidade de *entrar* que dá ao estrangeiro maior liberdade de observação. E isso é precioso.

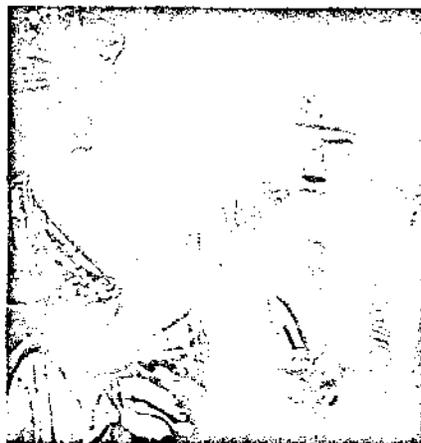
Bali sabe como e quando se exibir aos de fora. O calendário anual de festas inclui cerca de 25 mil cerimônias (e, note-se, o ano balinês tem apenas 210 dias); por isso, não há o menor risco de se visitar a ilha sem se presenciar o ritual da cremação, quando todo o povo de uma vila

se reúne, alegre e dançante, acompanhando o morto até as cinzas derradeiras. Não existe tristeza aqui, só a exaltação da liberdade espiritual. Também não há perigo de não se cruzar com um *odalam*, a festa que sempre inaugura os templos, quando as mulheres ajeitam oferendas magníficas em bandejas de prata. Afinal, é preciso saciar o apetite dos maus espíritos.

Os templos estão em toda parte na ilha. Qualquer vila tem pelo menos três deles, que são o ponto de convergência de um povo que acredita em onze céus diferentes, e em um número variável de deuses, que tanto podem ser uma simples pedra como uma criança. Em Agung, brota no visitante aquele desejo sincero de se perder entre os sessenta templos da montanha, uma espécie de Olimpo balinês, onde o ar é deliciosamente fresco.

Todo esse misticismo é praticado com absoluta espontaneidade pelos ilhéus. Eles se organizam no *banjar*, uma espécie de

cooperativa de vizinhos, só para dividir as despesas com as cerimônias religiosas. Nada pode faltar aos espíritos — nem aos bons, nem aos maus. Nesses momentos de exaltação ao divino, o balinês entra em transe, um espetáculo assustador e até mesmo histórico. Faz lembrar os tempos remotos, quando o islã se apoderou de toda a Indonésia — toda, menos Bali. Nessa ilha, os *satras* e os *wesia*, as castas guerreiras hinduístas, enfrentaram os invasores em estado de transe total. Matavam e morriam às centenas. Sempre sorrindo.



Ao longo do ano, jovens de Bali cantam e dançam para os deuses. São meninos em festa, são guerreiros nas lendas.

BALI: EIS A ILHA DA FANTASIA

Mas não se assuste. Os balineses não agridem o visitante. Os nativos é que são violentados pelas multidões de turistas australianos e japoneses, que se valem da proximidade geográfica para mergulhar, em massa, nos encantos da ilha. É o que se percebe em Denpasar, a capital, localizada ao sul. Lá estão os hotéis luxuosos, as cerimônias fingidas, o artesanato falso. Sob o aspecto da autenticidade, Kuta Beach não passa de uma profunda decepção. Mas aí é que começa a desobediência ao bom senso. Depois de se desvencilhar de todos os passeios turísticos sugeridos pelas agências, é fundamental vagabundear, andar a pé pelas ruas, dizer "não" a todos os táxis (sempre caros) e alugar um jipe ou moto, os únicos veículos capazes de uma boa *performance* na acidentada geografia da ilha.

Aquele cheiro de sândalo que já saudou o turista no aeroporto vai persegui-lo nos becos, nos caminhos estreitos. Escolha ao acaso uma estrada e siga em frente. É possível que você cruze os pantanais e chegue a Negara, conhecendo alguns dos muitos vulcões extintos. Ou ainda que você atinja as praias orientais de Amlapura; e, nelas, termine por se entregar às mãos sábias das velhas massagistas que vagueiam pelas areias. Em Ubud, a antiga capital, não dê ouvidos à arruaça dos turistas (Ubud é uma espécie de centro artístico de Bali) e passeie a pé, cruze a ponte que leva a Penestan e descubra os pintores *naïves*, que retratam deuses para deleite próprio.

Em Sukawati, aproxime-se dos *dalang*, artistas que trabalham com teatro de sombras. Entre nos *prahos*, canoas que atravessam o grande lago de Bratan, ou solte a vista pelos arrozais, cultivados em patamares nas encostas dos vulcões. Vá longe, vá fundo e esqueça as direções. Saiba que, em busca de alguma informação indispensável, o inglês funciona como a língua de sobrevivência em Bali. Há sempre uma jovem vestida com um pareô floral, disposta a ceder um sorriso e uma boa informação.

Ela poderá indicar o melhor restaurante para se saborear o *nasi goreng* — um risoto típico —; saberá sugerir uma costureira de confiança para confeccionar, sob medida, algum traje em seda oriental, assim como um bom espetáculo de dança, algum massagista eficiente (a massagem obedece princípios hinduístas e começa com um peeling à base de pó de arroz, amêndoas e água). Ou,

BALI, DIVINA E MARAVILHOSA

quem sabe, ela vai revelar a você a direção das praias onde se pratica o nudismo, sem qualquer constrangimento. Padangbai é uma delas.

Finalmente, dê uma chance ao bom senso e não deixe de conhecer os pontos nobres da ilha, como a praia de Seminyak. Lá, bangalôs não existem; só mansões, lindas, luxuosas, confortáveis, e palácios para pouquíssimos usuários; como Mick Jagger, que é *habitué* de Bali.

GUIA PRÁTICO

Onde ficar. Há acomodações para todos os gostos. Desde os bangalôs típicos das praias de Kuta e Legian até hotéis luxuosos, como o Tandjung Sari, o preferido de Aga Khan. O telefone é 8441. Vale a pena conhecer os novos e modernos hotéis da praia de Nusa Dua, na ponta da ilha.

Onde comer. Os bons hotéis garantem refeições de qualidade, inclusive as típicas. Mas não hesite em tentar os restaurantes mais simples da ilha. Neles, você seguramente irá saborear algumas versões do *nasi goreng* ou *riejstafel*, pratos feitos à base de arroz frito, combinando carnes diversas. No Bali in Dahn, na praia de Kuta, prove a "sopa dos deuses", com frutos do mar.

O que ver. Pode-se requisitar um guia no próprio hotel. Ele vai sugerir excursões partindo de Denpasar para o lago Batur, para Ubud ou Bedugul (onde você encontrará o artesanato da ilha). Mas o melhor é alugar um jipe e circular por toda Bali.

O que comprar. Roupas em *patchwork* estão à venda em Kuta. Em Ubud, encontram-se quadros e objetos em madeira entalhada (até móveis). E os tecidos do Oriente lotam as lojas de Denpasar, especialmente as da rua principal, Jalan Gajah Mada.

Praias. Lindas, algumas com areia quente (característica das regiões vulcânicas). Ao contrário do que se pensa, os pontos para surf são poucos. Ulu Watu é o melhor deles, segundo o jovem João Orleans e Bragança, um pioneiro nesse esporte em Bali.

Informações gerais. A agência Latin Express, no Rio, promove viagens mensais para Bali. O telefone é (021) 221-8380. Seu representante em São Paulo é a Agaxtur, telefones (011) 881-7755 ou (011) 259-8533. Mais detalhes podem ser solicitadas à Garuda Indonésia — PO BOX 1028, Denpasar, Bali. — □

ASTRONOMIA

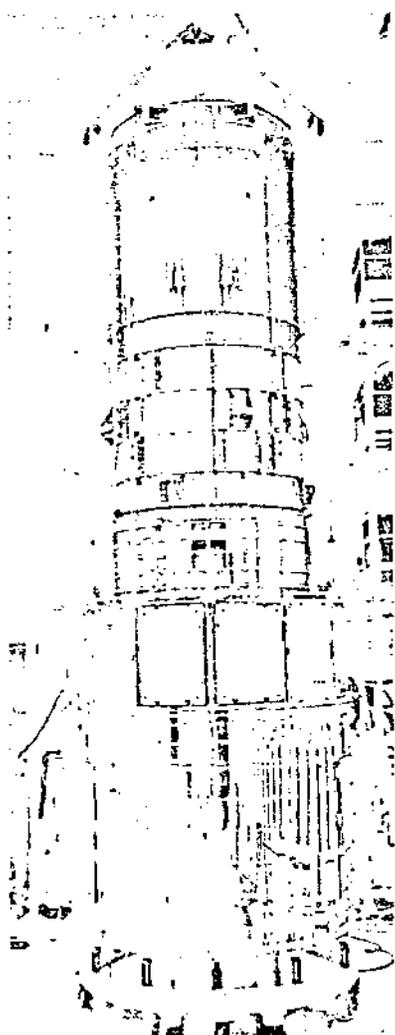
UM ESPELHO PARA O COSMIO

Há três anos os astrônomos esperam por esse dia. Finalmente, se não surgirem novos problemas, em março próximo o Telescópio Espacial Hubble será despachado ao espaço, embalado na nave tripulada Discovery; para ficar em órbita da Terra, a 550 mil metros de altitude. Com o lançamento prejudicado pelos sucessivos atrasos no programa espacial americano, o telescópio repousa num galpão esterilizado na Califórnia. Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar (veja quadro adiante) foi sua construção, que levou cinco anos. A começar pela manufatura do seu espelho principal, cuja superfície refletirá e focalizará a luz dos astros, que será depois transmitida à Terra como uma emissão de TV. O jornalista americano Terry Dunkle acompanhou a aventura. Seu relato:

Em 1981, quando foi escolhida pela NASA para executar o projeto do espelho do Hubble, a Perkin-Elmer Corporation, empresa americana especializada em instrumentos óticos e eletrônicos, teve que deixar de lado todas as outras encomendas. Um exército de engenheiros desenhou então um tubo de 13 metros de comprimento, dotado de sensores capazes de focalizar um vagalume a milhares de quilômetros (SUPERINTERESSANTE número 3, ano 1). Esse tubo serviu de abrigo ao espelho de 2,47 metros de diâmetro, no formato de uma rodela de abacaxi com um furo no centro. Quando o telescópio ficou pronto, cinco anos e 1,5 bilhão de dólares depois, estava preparado para enxergar o espaço com uma nitidez sete vezes maior do que qualquer outro equipamento semelhante já construído pelo homem.

Mas a manufatura do espelho — um trabalho caro e artesanal — havia co-

A saga da construção do Telescópio Espacial Hubble, o mais perfeito instrumento ótico já construído, é um prodígio de rigor e criatividade



meçado alguns anos antes, em 1977, quando foi feita a moldagem do vidro. Para que o conjunto do Hubble, um engenho de 11 toneladas, não ficasse ainda mais pesado, o que causaria problemas no espaço, o espelho não foi projetado como um corpo sólido, mas como duas finas fatias de silicato de titânio — material de pouca dilatação térmica —, feito um sanduíche recheado de ar. Como as duas fatias não poderiam encostar uma na outra, foram colocados ali tubos de vidro, que deram ao conjunto a aparência de uma sofisticada embalagem de ovos. Assim, o espelho é 90 por cento ar. Até a curva quase hiperbólica do vidro foi obtida aquecendo-se e moldando-se o ar na forma de um telhado de cogumelo.

Até o momento em que se começou a construir o Hubble, ninguém havia pensado em fazer algo semelhante. Por isso, a NASA se cercou de todos os lados: além de encomendar a peça à Perkin-Elmer, pediu outra à empresa rival, Eastman-Kodak, reservando-se o direito de ficar com aquela que fosse de qualidade superior. Pode-se portanto imaginar o nervosismo do engenheiro Jack Kurdock, da Perkin-Elmer, quando, num dia cinzento de novembro de 1981, junto com três companheiros de equipe, se preparava para cobrir o espelho com uma camada refletora de alumínio. Se o trabalho apresentasse qualquer defeito, estaria prejudicado o sonho daqueles técnicos de ajudar os astrônomos a ver mais longe no espaço e no tempo, quem sabe até o início do Universo.

Para que o telescópio funcionasse direito, isto é, transformasse em estrelas e galáxias os brilhos captados a milhares de anos-luz de distância, o espelho principal deveria aproveitar o máximo da luz coletada. E o máximo de aproveitamento só pode-

Hubble: à espera do lançamento

SUPER 37

Um mero traço de pó iria afetar o vidro

ria ser obtido se o espelho fosse um bom refletor, algo que o desempenho do engenheiro Kurdock precisaria garantir. "Ele teria de refletir pelo menos 70 por cento da luz no ultravioleta", lembra o engenheiro. "Mas essa porcentagem é maior do que aquela obtida em qualquer telescópio feito anteriormente."

A fim de vencer esse desafio, as especificações da cobertura eram as mais exigentes que Kurdock, um homem calmo, com pelo menos vinte anos de experiência nesse tipo de serviço, já tinha enfrentado. Para começar, a Perkin-Elmer necessitou construir uma câmara de vácuo especial, de quase dois andares, com paredes de aço de 2 centímetros de espessura e uma grande janela no teto. "Era nessa fenda que o espelho entrava", explica

Kurdock. Ele mostrou como o grande disco, a rodela de abacaxi, era colocado num anel gigantesco de metal, capaz de transportá-lo feito um elevador até a base da câmara. Ali ficavam oito recipientes cheios de alumínio, ligados a canhões de elétrons.

Se a superfície do espelho contivesse qualquer traço de poeira, esta se vaporizaria na câmara de vácuo e cobriria o espelho com uma fina camada de moléculas de hidrocarbonetos. Por isso, o disco teria de ser lavado com água destilada e colocado para secar como um lençol no varal. Mas havia um problema: sendo ele muito pesado para ficar de pé, corria o risco de se espatifar depois do banho. Daí, foi necessário desenhar uma espécie de forma de bolo feita de aço, que, ajustada nas costas do espelho (que não receberia cobertura), ajudaria a distribuir o peso e a eliminar a tensão. Todos os passos da operação limpeza foram cuidadosamente planejados. "Existia o perigo real de deixar cair o espelho nessa fase", comenta Kurdock, lembrando-se de um incidente

infeliz ocorrido no passado.

Alguns anos antes, com efeito, a Perkin-Elmer fora escolhida para fazer o espelho de quase 1 metro do telescópio Copernicus, também da NASA. Em dado momento do processo, quatro operários tiveram de transportá-lo. Um deles tropeçou e o espelho caiu, espalhando vidro para todos os lados. "Quando se trabalha com um material tão delicado, você tem de estar pronto para problemas desse tipo", diz o resignado Kurdock. O próprio espelho do Hubble já tinha pregado algumas peças. Numa primeira fase, que durou dois anos, ele foi poli-

Câmaras, ação, luzes

No fim da década de 20, o astrônomo americano Edwin Hubble (1889-1953) comprovou que o Universo conhecido não é estático, mas continua a se expandir desde que teria surgido de uma explosão inicial que espalhou partículas elementares por todos os lados. Ele sustentou também que a Via Láctea é apenas uma entre milhares de galáxias em expansão. Agora, a expectativa dos cientistas que deram o nome de Hubble ao mais importante instrumento astronômico da atualidade é utilizá-lo para viajar ao passado e chegar o mais perto possível do momento do tão falado Big Bang, há cerca de 15 bilhões de anos. Como isso será possível?

Livre do embaçamento da atmosfera da Terra, que bloqueia uma parte da luz visível e quase toda a radiação ultravioleta, o Hubble poderá multiplicar por cinquenta o número de corpos celestes ao alcance dos dois maiores telescópios do mundo — o de Palomar, na Califórnia, Estados Uni-

dos, com lentes de 5 metros de diâmetro, e o de Zelenchukskaya, no Cáucaso, União Soviética, com lentes de 6 metros. Desse modo, os quasares, os mais remotos pontos luminosos já observados, a pelo menos 12 bilhões de anos-luz da Terra, podem aparecer como galáxias no auge da juventude.

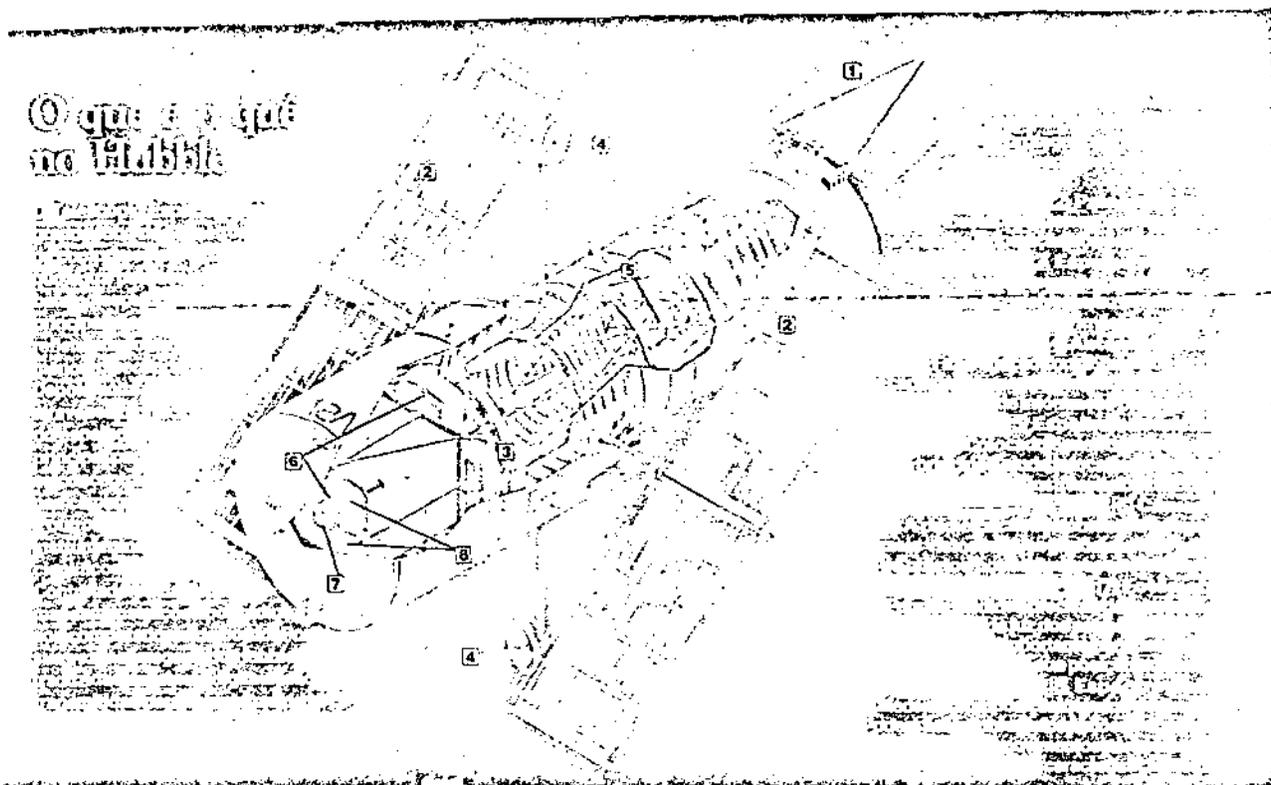
Ao enxergar mais longe no espaço, os astrônomos estarão flagrando os objetos celestes como eram em épocas anteriores, por causa do tempo que a luz demora para atravessar distâncias cósmicas. "É impossível prever todas as maravilhas ao alcance do Hubble", entusiasma-se Lyman Spitzer, astrônomo da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, considerado o idealizador do Telescópio Espacial. Spitzer lembra que, "antes das observações feitas com o telescópio de Monte Palomar, há menos de trinta anos, os próprios quasares eram desconhecidos".

Apesar disso, a anatomia do Hubble nada tem de especial. Trata-se de um telescópio refletor co-



Alojado num galpão da Califórnia

mun, conhecido como Cassegrain, em homenagem ao físico francês do século XVII, inventor do modelo, que usa a combinação ótica de dois espelhos. Os raios luminosos vindos dos astros focalizados batem no espelho principal de 2,4 metros, côncavo, e se refletem em outro menor, de 30 centímetros, convexo, colocado num tubo 5 metros à frente. Em seguida voltam e atravessam um orifício central de 60 centímetros do espelho maior para enfim se concentrar no compartimento dos aparelhos (veja ilustração). Ali, um fotômetro e dois espectrômetros analisam a luz para determinar a composição química e



a velocidade dos corpos observados, enquanto duas câmaras fotografam os astros na luz visível, no ultravioleta e no infravermelho.

Triagem inicial selecionou 162 projetos de pesquisa

A primeira câmara, de grande alcance, capta todos os raios luminosos. A segunda, mais seletiva, capta brilhos muito fracos. Como acontece nos melhores telescópios terrestres, as câmaras do Hubble usarão dispositivos do tipo CCD, semelhantes a câmaras de vídeo e cuja sensibilidade é cinquenta vezes superior à dos filmes fotográficos. Painéis solares com 2,4 quilowatts de capacidade serão responsáveis pelo abastecimento de energia. Além desses equipamentos, o Hubble terá um sensor estejar e um giroscópio, que permitirão a sua extraordinária pontaria. Assim, durante os quinze anos de vida útil do engenho, galáxias hoje indistintas nos telescópios comuns se revelarão como uma multidão de estrelas. E, se existirem, até sistemas planetários desconhecidos poderão

aparecer em torno de estrelas próximas do Sol.

Se o Hubble estivesse na Terra, bastaria aos astrônomos apontá-lo para o ponto desejado, na ocasião e hora propícias, a fim de fazerem as suas observações. Mas, estando ele a 550 mil metros do planeta, as operações de manobra do instrumento, como se pode imaginar, serão um pouco complicadas. Segundo o astrônomo brasileiro Francisco Jablonski, do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), "vão exigir paciência, planejamento exaustivo e um complexo programa de computador para tratamento e análise de dados". Por esses motivos, a NASA criou o Instituto de Ciências do Telescópio Espacial, em Baltimore, Maryland.

Ali, centenas de astrônomos já estudam as propostas de utilização do Hubble, apresentadas por cientistas do mundo todo, e planejam a sua movimentada agenda de trabalho. O astrônomo Ivo Busko, também do INPE, é o único brasileiro a participar dessa fase da operação. Ele está ajudando a criar um catálogo de referência das estrelas, uma espécie de enciclopé-

dia do espaço, guardada em discos óticos. Com os dados desse catálogo, os astrônomos poderão ter em mãos um mapa tridimensional das vizinhanças dos astros que pretendem observar. Esperava-se que outras informações igualmente inéditas fossem fornecidas pelo satélite francês Hipparcos, lançado no mês de agosto último (veja quadro adiante).

Quem quiser o auxílio do Telescópio Espacial para suas observações terá de entrar numa extensa fila de espera: uma primeira triagem selecionou 162 projetos de pesquisa. Os cinco instrumentos do Hubble têm dezenas de modos de operação que envolvem diferentes combinações de filtros, aberturas e foco. Todas as comunicações com o telescópio serão feitas via rádio pela antena rastreadora de satélites da NASA no Novo México e controladas pelo Centro Espacial Goddard em Maryland. Ou seja, tanto as instruções da Terra como a transmissão das imagens do espaço se darão nos moldes habituais dos satélites de comunicação.

Martha San Juan França

O desafio de remover uma xícara de chá

do, para perder qualquer rugosidade. Certa vez, durante uma inspeção de rotina, um dos operários percebeu logo abaixo da superfície gelada do vidro um risco finíssimo que refletia a luz de uma forma que lembrava uma xícara de chá.

"Foi um momento de pânico", recorda Ronald Rigby, engenheiro-chefe encarregado dessa parte da operação. Num grande pedaço de vidro, até o risco mais fino significa um desastre. Uma mudança de temperatura, por exemplo, pode abalar a estrutura do espelho e provocar uma rachadura monstruosa. Assim, se a xícara de chá não fosse removida e a ferida isolada, o risco poderia crescer. O problema era tão sério que quase provocou uma briga entre as pessoas que trabalhavam no projeto. Rigby queria atacar o vidro com uma broca e fazer um buraco que isolasse totalmente a área. Outro engenheiro, cujo trabalho era prever se o Hubble poderia sobreviver ao lançamento na Atlantis, temia os prejuízos que essa abertura traria ao espelho.

Esfregaram com piche cada milímetro da superfície

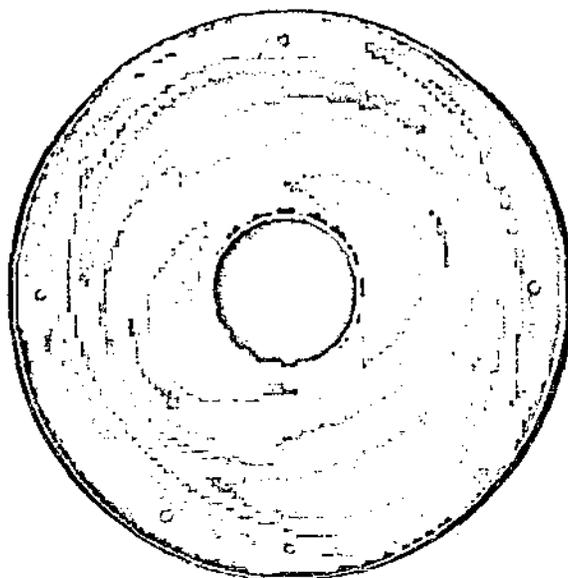
Por isso, ele preferia não abrir buraco algum, mas usar a broca em volta da fatia do espelho atingida, e somente ao redor do risco. Embora causasse menos estrago, essa solução representava outro sério perigo, pois a pressão da ferramenta em volta da xícara de chá poderia provocar uma grande rachadura. Mesmo assim, foi a técnica escolhida. Isso porque o buraco que Rigby pretendia fazer poderia poluir com poeira de vidro o interior praticamente oco do espelho. No espaço, a poeira flutuaria pelo telescópio, prejudicando irremediavelmente seu foco. Assim, após três semanas de discussão e pânico, eles arriscaram a operação limpeza por cima. Em seguida, fazendo foga, esperaram pelo crack da rachadura — que, afinal, não aconteceu.

Apesar disso, muita gente na Perkin-Elmer ficou irritada com a alteração. Deixem para lá, disse Rigby, com a experiência de 25 anos na manufatura de espelhos de telescópios,

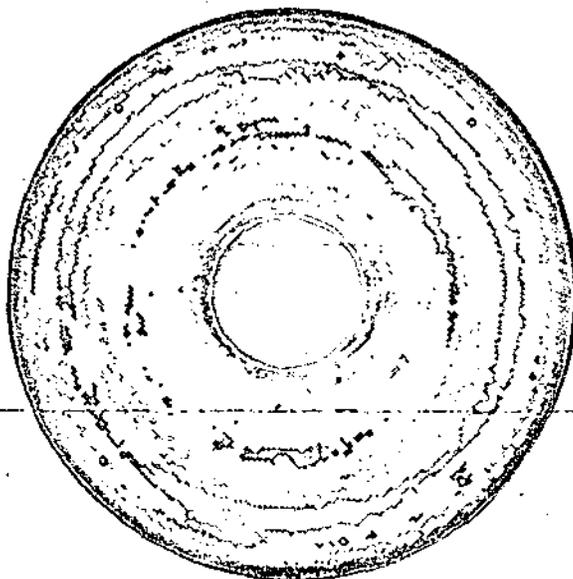
"Quando terminarmos, vocês se lembrarão dela como de uma verruga no ombro de uma mulher bonita." Ele se referia à fase final do polimento, para a qual foi construída uma espécie de cama de faquir, feita de barras de titânio, tendo em cada ponta uma safira, ajustada nas costas do espelho. Custo da peça: 2 milhões de dólares. Apoiado confortavelmente por baixo

nessa cara armação, que permitia que a pressão exercida sobre o disco obedecesse à curvatura da superfície, o espelho foi esfregado dia e noite durante meses.

Foi uma tarefa exaustiva e irritante. O polimento exige uma técnica curiosa, que consiste em esfregar milímetro por milímetro do disco de vidro, coberto com uma substância



Padrões de interferência oblíquos por laser orientam o polimento. Antes: elevações (azuis) e depressões (vermelhas) deformam a superfície. Depois: o vidro está perfeito (branco) exceto por irregularidades de bilionésimos de milímetro (azul)



abrasiva, no caso um pouco de piche. Para que o piche não risque o vidro, usa-se sobre ele um pó que pode ser — por incrível que pareça — rouge. Utilizando um dispositivo de laser que, ao bater na superfície do vidro, produzia uma série de padrões de interferência, os engenheiros foram capazes de descobrir irregularidades de bilionésimos de milí-

metro. Fazendo uma comparação, eles calcularam que se o espelho tivesse o tamanho do goífo do México suas ondas não teriam mais de 1 milímetro de altura. Diante de tamanha perfeição, a responsabilidade final de todos ficou ainda maior. Quando chegou o grande dia da cobertura — em novembro de 1981, o disco, impecavelmente limpo e polido, foi ins-

talado na câmara de vácuo.

Durante uma semana, bombas tiraram todo o ar interno, até que a pressão ficou mil vezes menor do que aquela que o telescópio encontrará a 550 mil metros da Terra. Em seguida, a equipe de Kurdock começou a rodar o espelho devagar, a fim de obter uma cobertura uniforme. Foram ligados os canhões de elétrons para que os raios de alta energia vaporizassem o alumínio. Este, tornando-se mais leve, se elevaria, agarrando-se ao vidro. A camada de alumínio não deveria ter mais de 80 nanômetros — cada nanômetro vale um milionésimo de milímetro — e seria protegida por uma camada de fluoreto de magnésio.

A odisséia do Hipparcos

No jogo arriscado das expedições ao espaço, muitas vezes a euforia e a decepção viajam de mãos dadas. Euforia era o que não faltava por exemplo na noite de 8 de agosto, na base de Kourou, na Guiana Francesa. Era o lançamento do foguete Ariane-4, levando a bordo o satélite Hipparcos, a estrela do programa da agência espacial europeia (ESA). O lançamento prometia colocar em órbita a 36 mil quilômetros da Terra o Hipparcos, um projeto de dez anos e 390 milhões de dólares. Seu grandioso objetivo: elaborar um catálogo da posição das estrelas no céu, com precisão 50 vezes maior do que a obtida pelos melhores observatórios.

Mas as semanas que se seguiram à euforia do lançamento foram de decepção. Uma falha no seu motor principal obrigou o Hipparcos a habitar uma órbita elíptica a meros

200 quilômetros da Terra na sua passagem mais próxima. As tentativas para reativar o engenho fracassaram e o motor auxiliar só poderia elevar o satélite a 800 quilômetros. A essa altura, ele seria obrigado a atravessar o cinturão de Van Allen — zona carregada de partículas que envolve a Terra e que poderia prejudicar seus painéis solares.

O Hipparcos, sigla em inglês de Satélite de Coleta de Paralaxe de Alta Precisão, também presta uma homenagem ao astrônomo grego Hiparco, que, dois séculos antes da era cristã, foi o primeiro a determinar a posição de estrelas. Hiparco ainda calculou a distância da Terra à Lua, medindo a paralaxe lunar, o ângulo formado pelo seu deslocamento aparente como resultado do movimento da Terra em relação ao Sol. O satélite europeu foi concebido para usar os mesmos métodos a fim de localizar 120 mil estrelas num raio de 3 mil anos-luz do sistema solar.

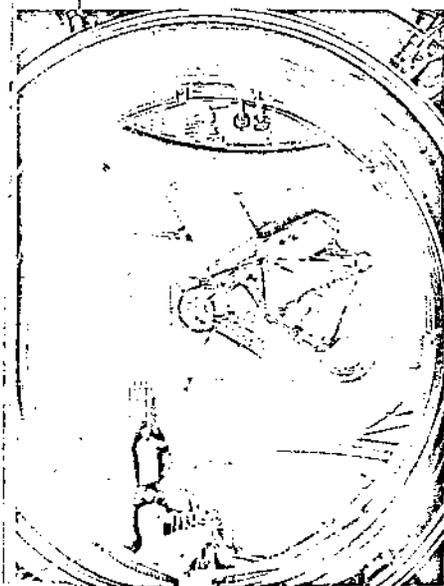
O Hipparcos deveria observar cada estrela de dois pontos opostos na rotação da Terra em volta do Sol. A cada vez, a estrela estará situada em posição diferente em relação aos astros mais afastados. Calculando-se o ângulo formado por essa variação, obtém-se sua distância real. O telescópio é um monumento à precisão: instalado na Torre Eiffel, em Paris, enxergaria uma moeda na mão de uma pessoa no topo do Empire State Building, em Nova York, a 7 mil quilômetros. Se ele sobreviver pelo menos seis meses na órbita em que o mau motor o deixou, cumprirá a missão pela metade. Para a astrônoma Ana Stefanovitch, do Observatório de Meudon, em Paris, "ainda assim seu catálogo será duas vezes melhor do que os que temos agora".

Por um momento, pensaram que o disco fora roubado

Três minutos depois de iniciada a operação, tudo estava terminado. Aberta a câmara, os técnicos entraram para ver o resultado da obra. Por um instante, pensaram que alguém havia roubado o espelho. Nada ali era visível, apenas um teto inexplicavelmente alto. "Percebi depois que estava olhando para um reflexo num espelho com um brilho fantástico", conta Kurdock. Mais tarde, os testes mostraram que a cobertura tinha 80 por cento de reflexão, dez a mais do que a NASA havia exigido. Os astrônomos sonhavam com um aproveitamento de 47 por cento da luz coletada pelo telescópio. Conseguiram 57 por cento.

E claro que, depois de uma obra dessas, Rigby e Kurdock foram promovidos. O primeiro está supervisionando para a NASA a construção do futuro telescópio espacial de raios X. Mas, quando se lembra do grande espelho do Hubble, nem ele consegue acreditar que tenha sido capaz de executar tamanha maravilha. "Nunca verei outro espelho como aquele", afirma Rigby, nostálgico. Ao que Kurdock responde com uma risada, lembrando os anos de agonia para construí-lo: "Eu também espero que nunca mais". O engenheiro William Fastie, da NASA, que acompanhou o trabalho, dá o veredicto final: "O Telescópio Espacial Hubble tem o espelho mais perfeito já construído. Não tenho dúvidas de que com ele enxergaremos centenas de milhões de anos-luz além do que esperávamos". ■

O satélite antes do lançamento

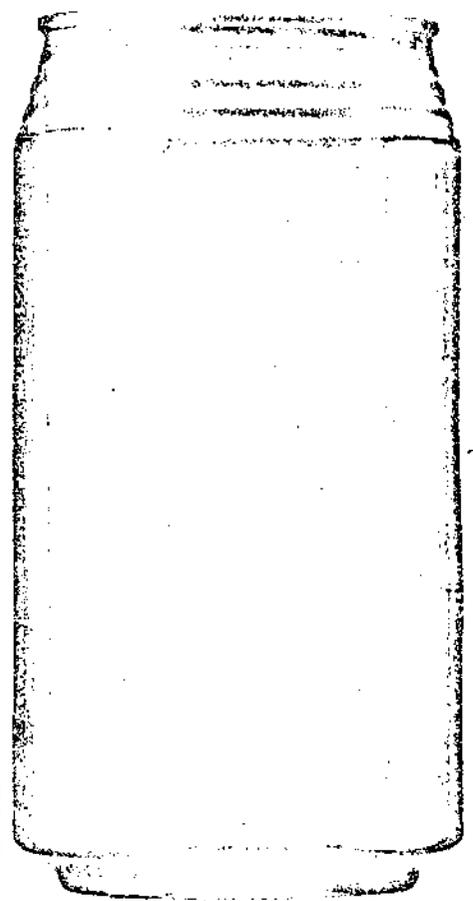


SUPER 41

REYNOLDS E ALCAN ESTÃO LANÇANDO NO BRASIL A LATA MAIS AVANÇADA DO MUNDO.

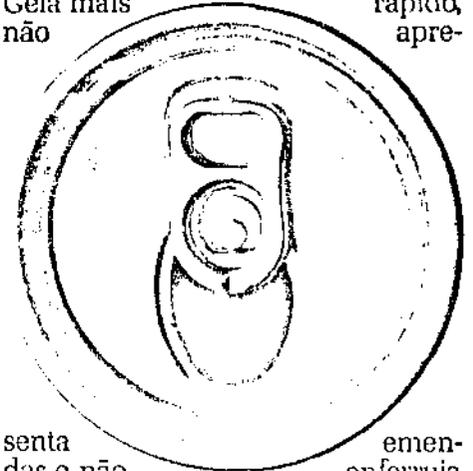
Texto nº 90

Em matéria de embalagem de bebida, acabamos de ingressar no futuro.
Chegou a lata da Reynolds, fabricada com o alumínio da Alcan.



Com todas as vantagens, que começam na finíssima chapa de alumínio, um prodígio da tecnologia nacional.

Ela não pesa mais do que 18 gramas - o que não é peso, é leveza. Gela mais rápido, não apre-



senta emendas e não enferruja.

Ou seja, a sua bebida predileta está fechada com o que há de mais moderno em matéria de embalagem.

Quando você abre a tampa, o anel não se desprende. A tampa é ecológica. A lata é 100% reciclável. Quer dizer, menos lixo industrial, mais economia, meio ambiente limpo.

 **REYNOLDS/LATASA**

Alcan Alumínio do Brasil S.A.



Fonte: Veja. Ano 23, nº 11. São Paulo, Ed. Abril, 21/03/1990: 12 e 13.

Texto nº 91

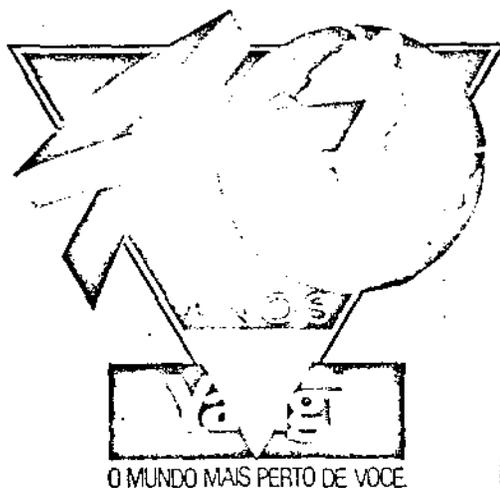
▽

**NOS ANOS 50, O YÁZIGI ENSINOU
MUITOS REBELDES A TRADUZIREM SEUS SENTIMENTOS.**

▽

Tudo começou na década de 50. A juventude do pós-guerra se rebelava contra os valores da época e procurava uma maneira diferente de encarar e viver a vida. Reivindicava e manifestava suas idéias e ideais. Enquanto isso, os fundadores do Yázigi colocavam em prática uma teoria que, já fazia algum tempo, eles mesmos haviam formulado. O mundo mudava. Um novo universo cultural estava sendo explorado. A língua inglesa começava a ser falada e compreendida por todo o mundo. Uma nova filosofia de ensino aparecia no Brasil: o Instituto de Idiomas Yázigi. Quem quisesse ser ouvido teria que se adaptar à linguagem mais forte e popular, que acompanhava as mudanças. O Yázigi se destacava. As aulas sempre tratavam de temas atuais. Os professores eram muito bem preparados, davam as primeiras aulas de inglês ao vivo pela TV Tupi, o aprendizado era rápido e eficiente. Esta metodologia, que até hoje é a principal responsável pelo sucesso do Yázigi, despertou o interesse de todas as pessoas que viviam no Brasil e queriam, através do inglês, entender melhor tudo aquilo que acontecia no mundo. As escolas se espalharam por todo o país. No final da década o Yázigi já havia formado algumas centenas de jovens que entenderiam muito melhor tudo o que iria acontecer nos anos 60.

**PARA ENTENDER MELHOR TUDO O QUE VAI ACONTECER
NA DÉCADA DE 90, ESTUDE NO YÁZIGI.**



Fonte: Veja. Ano 23, nº 6. São Paulo, Ed. Abril, 14/02/1990:
41.